

AUREO EDUARDO MAGALHÃES, RIBEIRO †

**AS ESTRADAS DA VIDA**  
*HISTÓRIA DA TERRA, DA FAZENDA E DO TRABALHO*  
NO  
*MUCURI E JEQUITINHONHA,*  
*MINAS GERAIS*

Tese de Doutorado apresentada ao  
Departamento de História do Instituto  
de Filosofia e Ciências Humanas da  
Universidade Estadual de Campinas,  
sob a orientação do Professor Doutor  
Alcir Lenharo, 1946

Este exemplar corresponde à  
redação final da tese defendida  
e aprovada pela Comissão  
Julgadora em 26 de fevereiro de  
1997.

**Banca**

Professora Doutora Célia Maria Marinho de Azevedo (Presidente) *Celia Maria Marinho de Azevedo*  
Professor Doutor Edgard Alencar (membro) *E. Alencar*  
Professor Doutor João Antônio de Paula (membro) *João Antônio de Paula*  
Professora Doutora Maria Nazareth Baudel Wanderley (membro) *Maria Nazareth Baudel Wanderley*  
Professor Doutor Paulo Miceli (membro)  
Professora Doutora Eliane Moura Silva (suplente)  
Professor Doutor Hector Hernán Bruit (suplente) *Hector Hernán Bruit*

60000

**AS ESTRADAS DA VIDA**  
*HISTÓRIA DA TERRA,  
DA FAZENDA E DO TRABALHO  
NO  
MUCURI E JEQUITINHONHA  
MINAS GERAIS*

*Tese de Doutorado em História  
apresentada ao IFCH/Unicamp  
por Aureo Eduardo Magalhães Ribeiro,  
sob a orientação do Professor Doutor Alcir Lenharo*

*"Amaranta, que começava a colocar a roupa no baú, pensou que ela tinha sido  
picada por um escorpião.  
- Onde está? - perguntou alarmada.  
- O quê?  
- O animal! - esclareceu Amaranta.  
Úrsula pôs o dedo no coração.  
- Aqui - disse."*

*Este trabalho é para meus mestres.*

*-É para Dona Bemvinda e suas cinco meninas - Helvinda, Regina, Luzia, Aruana e Dida - para os vaqueiros do Córrego de Areia, Benjamim Rocha e Alirio Côco, para as memórias de Godofredo Ferreira e frei Samuel Tetteroo: no Mucuri.*

*-É para Seu Olímpio Soares e Antônio Martelo, para a lembrança do vaqueiro Zeca Figueiredo - do outro Córrego de Areia, de Itaobim, que campeia agora nas mangas sem fechos do céu - para Zé Antônio, Zé Raimundo, Zé do Socorro e Jair, que provocaram esta tese: no Jequitinhonha.*

*-É para Adãozinho, da Vereda do Sítio Novo, Dudu Lopes, do Brejo das Almas, para Joaquim de Odete, da Vereda do Voador, e Manuel, da Vereda das Araras: no São Francisco. Para o Alcir, que não era de vereda nenhuma; sonhava, porém, com todas.*

*-É para estes, que tiveram paciência e zelo em ensinar-me que o mundo pode ser visto de muitos modos, e é - principalmente - para Vinha, que vem há muito tempo viajando comigo por tantos rios e estradas, tateando para que eu ache o vau das águas, me guiando para encontrar as paixões.*

# ÍNDICE

## *Agradecimentos*

### *Nomes atuais e antigos das cidades e vilas citadas neste trabalho*

#### *Mapas da área estudada*

## INTRODUÇÃO

### *Jequitinhonha, Mucury 1*

## PARTE I HISTÓRIA DISCRETA

### *Capítulo I. Primeiras Histórias*

1. *J. P. Freire de Moura, na selva 25*
2. *Mucuri & Companhia 30*
3. *Inventário dos insucessos 35*
4. *Solidão 40*

### *Capítulo II História de uma guerra na mata*

1. *As notícias do extermínio 50*
2. *O povo da mata 54*
3. *Quartéis e outros instrumentos 58*
4. *Domingos Pacó descobriu a História 63*

## PARTE II AS MATAS

### *Capítulo III Economia do Varejo*

1. *Governo 75*
2. *Autonomias 80*
3. *Cidades 84*
4. *Capitais 88*

### *Capítulo IV Terra*

1. *O negócio da terra 95*
2. *Posses 100*
3. *Fronteira e campesinato 104*
4. *Fazenda 108*

### *Capítulo V Fronteiras*

1. *Recompensas da selva 117*
2. *Transumâncias 122*
3. *Costumes 125*
4. *Memórias da mata 129*

## PARTE III FAZENDAS

### *Capítulo VI Casa de Sede*

1. *Planta baixa 141*
2. *Pessoas de casa 144*
3. *Dominios 148*
4. *O épico fazendeiro 151*

**Capítulo VII Vaqueiros, bois, boiadeiros e boiadas**

1. A lenda do vaqueiro 160
2. Bois 165
3. Porteira afora 170
4. Boiadeiros 174

**PARTE IV TRABALHOS****Capítulo VIII Lavouras**

1. Os métodos rústicos 182
2. Teoria da roça de coivara 186
3. Natureza, abundância, providência 192
4. Convívios 197

**Capítulo IX Curral dos homens**

1. Agregos 209
2. Caprichos 212
3. Feijão de si mesmo 216
4. Movimento das lavouras 222

**PARTE V DESACERTOS****Capítulo X Ordens do mundo**

1. Revolução 233
2. Reflexos 237
3. Desagregos 240
4. Região 245

**Capítulo XI Sãpaul' e outros santos**

1. Triste Partida 255
2. Histórias das estradas 258
3. As fronteiras urbanas 261
4. Os caminhos de Deus 265

**PARTE VI DESFECHO: ESTRADAS E LEMBRANÇAS****Capítulo XII Estradas**

1. Patronato 278
2. Lembranças da terra 280
3. Sítios 284
4. Estradas da vida 287

**FONTES E BIBLIOGRAFIA 292**

## AGRADECIMENTOS

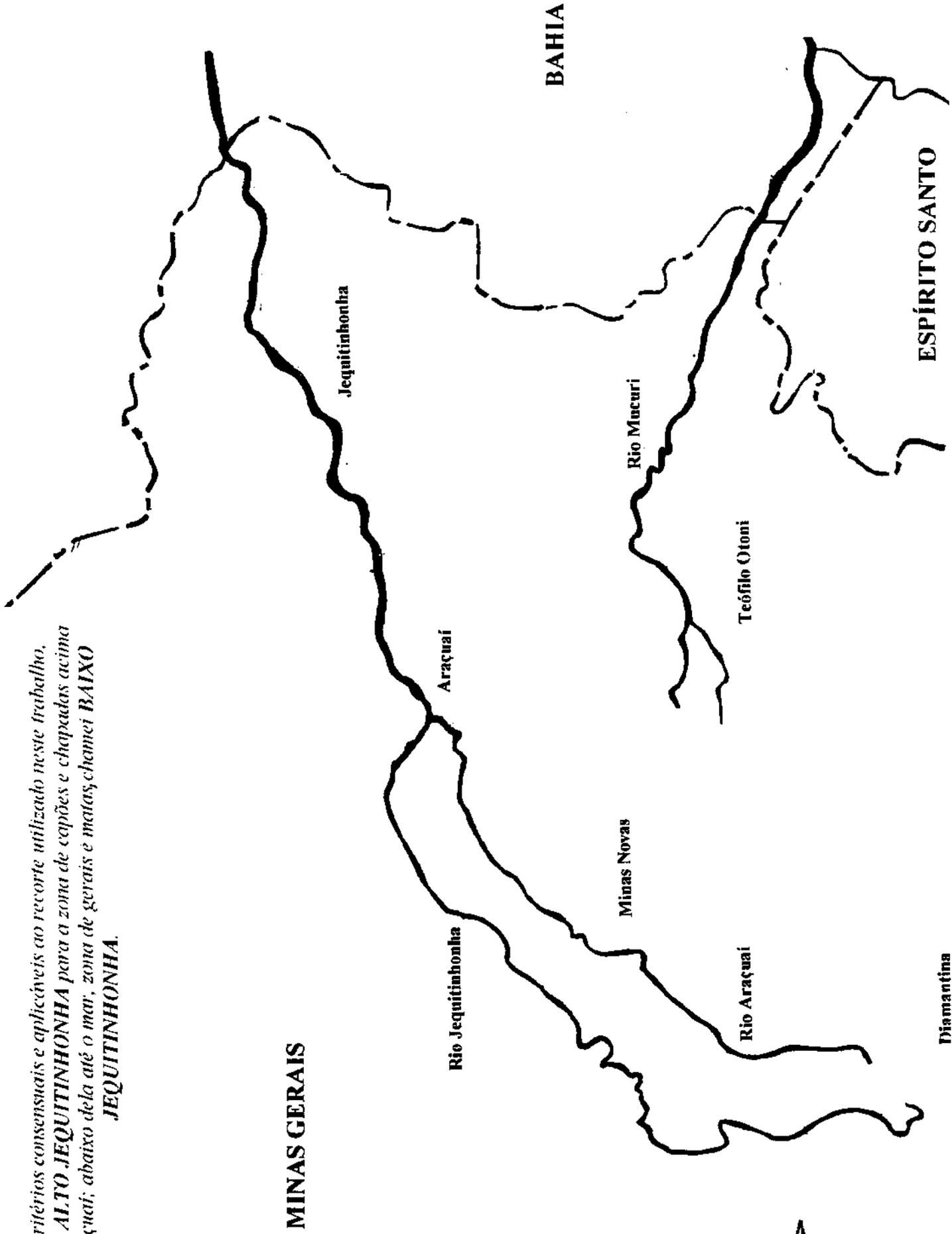
*Este trabalho não teria sido possível sem o financiamento da CAPES, que dotou-me de bolsa de estudos de março de 1992 a fevereiro de 1996. As pesquisas: "Área atingida pela Barragem de Irapé", feita com os atingidos pela barragem e o pessoal do Centro de Assessoria aos Movimentos Populares do Vale do Jequitinhonha/Campo-Vale; "Avaliação das experiências associativas de produtores familiares de Minas Gerais", feita para a Caritas Brasileira/Regional de Minas Gerais; e, por fim, "Mapeamento das áreas de deslocamentos de trabalhadores rurais", feita para o Convênio CONTAG/MTb/PNUD, foram fundamentais para o amadurecimento de muitas das questões tratadas aqui, além de terem sido oportunidades únicas de convívio, aprendizado e, naturalmente, custeio de viagens ao Nordeste de Minas Gerais: agradeço a estas entidades o acesso e materiais que me forneceram. Agradeço ao Programa de Dotações Fundação Ford/ANPOCS que forneceu os auxílios necessários para a finalização da tese. Agradeço ao zelo documental e arquivístico dos frades franciscanos que viveram no Nordeste de Minas, em particular frei Olavo Timmers: sem eles tudo seria muito mais difícil, ou impossível. Devo bastante aos meus hospedeiros e guias de campo, dos quais não posso esquecer Albano Machado em Araçuaí, Zeca Figueiredo e dona Delina em Itaobim, Pedro Ghossens em Almenara, Alcides Pida Guedes e o pessoal da fazenda Aruega em Novo Cruzeiro, Léo Alves e Antonino Ribeiro no Pavão, Pedro Emilio Peixoto em Joaima, Ico Farias em Pedra Azul. Agradeço ainda ao CEDEFES, à Diocese de Almenara, à Comissão de Defesa dos Direitos Humanos do Vale do Mucuri e à Fundação Universitária do Nordeste Mineiro por debaterem comigo em diferentes ocasiões algumas partes deste trabalho ainda em preparo; agradeço aos entrevistados na pesquisa, citados nominalmente ao final, e aos muitos amigos que me encaminharam a entrevistados ou forneceram materiais de pesquisa: Helena Guimarães Trindade e João Décimo Trindade, de Itaobim e Medina; Maria Aparecida Cunha Mello e Noé Rodrigues, de Teófilo Otoni; Serafim Silva Cardoso, de Poté; Antônio das Graças e Maria do Carmo Cacá, de Araçuaí; Padre Manuel da Silva, de Virgem da Lapa; Flávia Maria Galizoni, de Itapira, S.P.; Acássio Vieira de Azeredo Coutinho, de Carlos Chagas; Manoel Cândido da Silva, de Águas Formosas; Jerônimo Nunes, de Bempostinha; Ana Luíza Santos, de Jequitinhonha e Ney Soares, de Almenara. Agradeço a Pedro e Ana Ribeiro pela cessão gratuita - meio compulsória, é certo - do trabalho familiar na pesquisa de campo e revisão. Agradeço a Célia Marinho de Azevedo o apoio decisivo na parte final deste trabalho, a Élide Rugai Bastos pelas boas sugestões no exame de qualificação, e ao DAE, da Universidade Federal de Lavras, onde trabalho, pelo apoio que nunca faltou. Mas esta tese nunca seria feita como foi sem a tutela exata, tolerante, caprichada e exigente de Alcir, orientador de doutorado, que cortou os excessos, abriu os limites, e deu à pesquisa, enfim, seu formato. É a ele, principalmente, que agradeço a produção, a coerência e a confiança neste trabalho.*

**Nomes atuais e antigos das cidades e vilas citadas neste trabalho**  
*( Ordem alfabética, nome atual em negrito )*

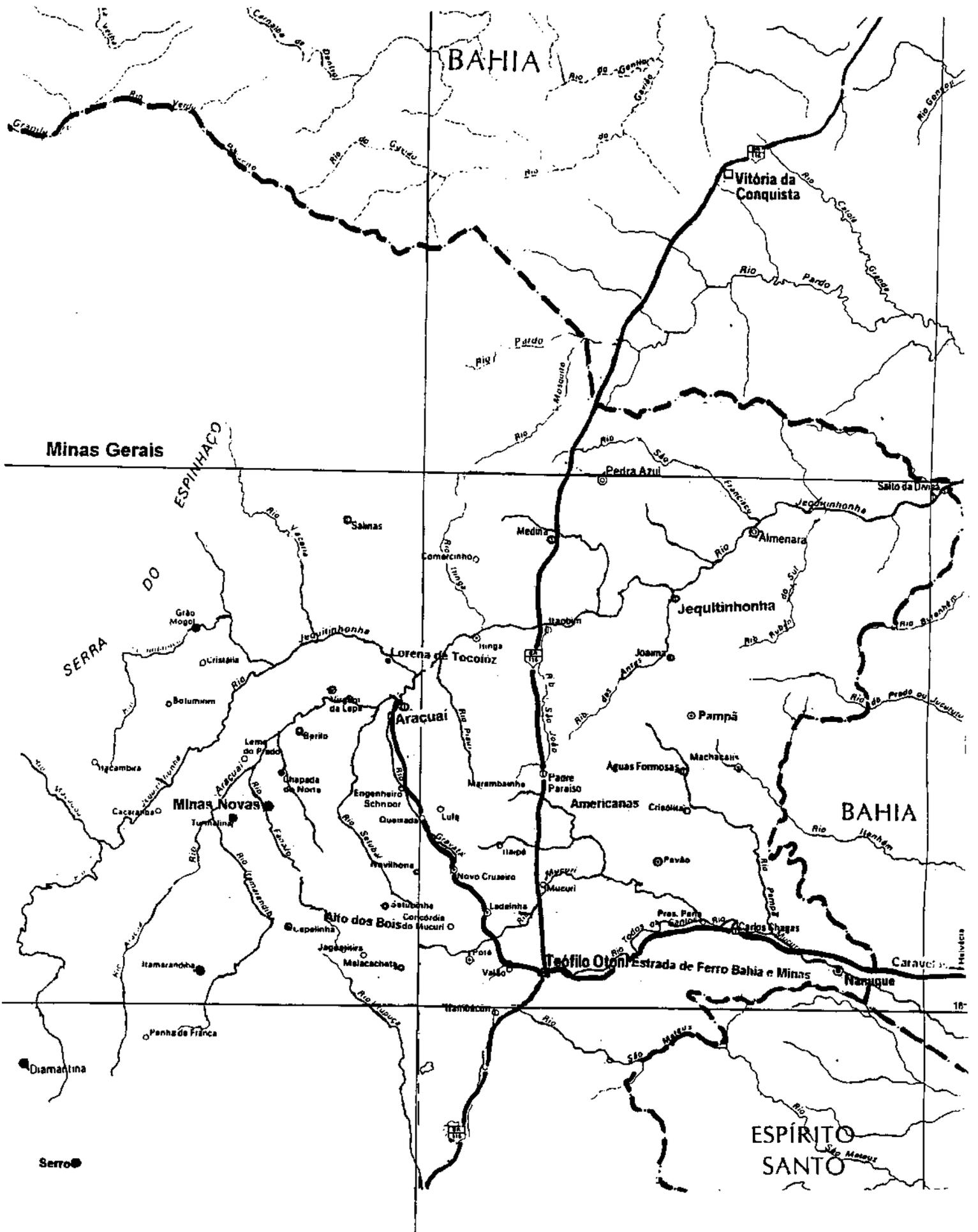
Água Suja, **Berilo**  
 Águas Belas, **Águas Formosas**  
**Águas Formosas**, **Águas Belas**  
**Almenara**, **Vigia**  
**Araçuaí**, **Calhau**  
**Berilo**, **Água Suja**  
**Calhau**, **Araçuaí**  
**Carlos Chagas**, **Urucu**  
 Chapada, **Arraial da Chapada**, **Chapada do Norte**  
 Colônia, **Colônia Militar do Urucu**, **Epaminondas Ottoni**  
 Colônia Militar do Urucu, **Colônia**, **Epaminondas Ottoni**  
**Comercinho**, **Comercinho do Bruno**  
**Concórdia do Mucuri**, **Sete Posses**  
**Crisólita**, **Rio Negro**  
**Epaminondas Ottoni**, **Colônia Militar do Urucu**, **Colônia**  
**Farrancho**, **Guaranilândia**  
**Filadélfia**, **Teófilo Otoni**  
**Fortaleza**, **Pedra Azul**  
**Fronteira dos Vales**, **Pampã**  
**Guaranilândia**, **Farrancho**  
**Itaobim**, **São Roque**  
**Itamarandiba**, **São João Batista**  
**Jaguaritira**, **Trindade**  
**Jequitinhonha**, **São Miguel**  
**Novo Cruzeiro**, **São Bento**  
**Pampã**, **Fronteira dos Vales**  
**Pedra Azul**, **Fortaleza**  
**Rio Negro**, **Crisólita**  
**São Bento**, **Novo Cruzeiro**  
**São Domingos**, **Virgem da Lapa**  
**São João Batista**, **Itamarandiba**  
**São Miguel**, **Jequitinhonha**  
**São Roque**, **Itaobim**  
**Sete Posses**, **Concórdia do Mucuri**  
**Teófilo Otoni**, **Filadélfia**  
**Trindade**, **Jaguaritira**  
**Urucu**, **Carlos Chagas**  
**Vigia**, **Almenara**  
**Virgem da Lapa**, **São Domingos**

# MAPA DA AREA ESTUDADA: MUCURI E JEQUITINHONHA

VIII



*Nota: Por falta de critérios consensuais e aplicáveis ao recorte utilizado neste trabalho, adotei a denominação **ALTO JEQUITINHONHA** para a zona de capões e chapadas acima da barra do rio Araçuaí; abaixo dela até o mar, zona de gerais e matas, chamei **BAIXO JEQUITINHONHA**.*



# INTRODUÇÃO

## *Jequitinhonha, Mucury*

*"(...) rio acima, rio abaixo, rio adentro: o rio."*

*JGRosa*

### *1. Dois Rios*

O rio Jequitinhonha nasce no centro de Minas Gerais e corre rumo nordeste coletando as águas da vertente leste da Serra do Espinhaço; no ponto em que encontra o rio Vacaria ruma para a direita e desce definitivo para a Bahia. O rio Mucuri começa mais ou menos na altura da inflexão do Jequitinhonha e verte numa certa direção oeste-leste, da serra para o mar. Os dois cortam terras diferentes, pois umas são mais secas, outras mais úmidas; foram matas umas, são carrascos, campos e capões outras; morros numas, chapadas e grotas noutras.

À primeira vista não parece correto juntar num mesmo estudo rios tão separados, porque as estradas asfaltadas não unem suas terras, o Jequitinhonha é terra de gerais e o Mucuri se associa sempre com matas, um pertence à sua própria região de planejamento - Jequitinhonha - e o outro é o anexo do norte da região do Rio Doce. Mas esses são argumentos contemporâneos de geógrafos, botânicos e economistas: aqui é um estudo de história, que analisa outros aspectos para mostrar que formam uma totalidade com todas suas diferenças.

Os dois rios foram unidos pela história. O alto Jequitinhonha foi povoado desde os começos do século XVIII, e nos começos do XIX começaram os deslocamentos da população para a "mata", a grande selva, a Mata Atlântica que eram, então, o baixo Jequitinhonha e Mucuri. Nessa transumância levaram consigo necessidades e ambições - a demanda por alimentos, índios e lavras - mas também laços de parentesco, costumes e uma renitente proximidade, que durou quase século e meio. Depois chegaram os baianos e apagaram com o seu o rastro do povoamento originário; veio a centralização política dos tempos da ditadura militar e diluiu os localismos; as rodovias cortaram os rios na perpendicular para uni-los a centros federais e o mercado nacional sepultou as trocas vicinais que animaram aquela zona toda. Foram cortados então todos os laços entre os Jequitinhonhas - alto e baixo - e entre eles e o Mucuri. Todos os laços: menos os da história, que reataremos aqui.

A área influenciada pela velha Estrada de Ferro Bahia e Minas é a melhor baliza para situar esta pesquisa no espaço. Sonhada desde meados do século XIX, construída em seus fins, desativada nos anos 1960, uniu Mucuri e Jequitinhonha, os dois ao mundo e, durante uns bons 80 anos, polarizou grande parte deste vasto Nordeste de Minas. O estudo é sobre os dois rios: a história da trama criada pelos homens sobre a terra e da própria terra, contada a partir do que ela conformou, definiu e limitou em suas vidas: como esses homens se apropriaram da natureza e porque destruíram seus acordos e suas terras, que deram seus maiores sinais de exaustão justamente quando foi liquidada a ferrovia. Fazendas de agrego, posse na mata, Bahia e Minas, poder local, abundância de alimentos: tudo acabou mais ou menos na mesma época.

Em 1817 o naturalista francês Augusto de Saint-Hilaire esteve em Jequitinhonha, que chamava-se São Miguel e era habitada pelos índios; depois navegou rio abaixo, foi à Vigia e voltou a Minas Novas. Cem anos depois, em 1918, um outro viajante baiano e poeta chamado Eduardo Santos Maia fez, em sentido contrário, quase a mesma viagem de Saint-Hilaire, saindo de Belmonte e subindo o rio. O que restou escrito dessas viagens tão separadas no tempo e objetivos tem uma notável semelhança: descreveram o lugar como um paraíso. Diziam ser farto, exuberante, sadio, viçoso, fértil, chuvoso; terra de cultura sem igual. Olhando para as serras que cercam Jequitinhonha, Saint-Hilaire sonhou morar ali, abrir sua posse, fazer jardim inglês, dar bom trato aos escravos, civilizar índios, construir um mundo mais feliz. Santos Maia ficou apaixonado pela terra - numa viagem a Joáima apaixonou-se também pela moça Dija - e quando publicou suas memórias, 20 anos depois, lamentava não ter ficado para sempre num lugar tão prazeroso. Nas cartas de viagem de Amadeu Martell, que andou por lá pouco depois de Santos Maia, sobram, vamos dizer, estados d'alma: São Miguel do Jequitinhonha, rio e serra, aparecem envolvidos na beleza da paixão que então movia o viajante. Tudo naquela paisagem era delírio, abundância e festa, de tal modo que, setenta anos depois, foi difícil para a amada situar no espaço aquelas imagens que seu correspondente derramara no papel.

Os relatos de viajantes contrastam vivamente com o Jequitinhonha descrito na literatura dos finais do século XX: lugar miserável, carente, faminto, decadente (1). Em quase 200 anos de história mudou o lugar, é certo. Mas surpreende o salto enorme, o vazio que há na passagem bruta e inexplicada da abundância para a carência, que ficou sendo característica de todo o Nordeste de Minas, não mais só do Jequitinhonha. É uma questão produtiva, talvez, mas principalmente é histórica. Por que as histórias do Jequitinhonha e Mucuri deram este salto?

O Mucuri teve seus auge. Foi explorado nos anos 1850 por iniciativa de Teófilo Benedito Ottoni, empresário e político que levou para as selvas um ativo movimento colonizador. Por isto foi muito documentado seu meio do século XIX, mais que qualquer outra zona da província mineira, mesmo a Zona da Mata, porque havia projeto, dinheiro, interesses, relatórios, imigração, polêmica, estrada de rodagem, navegação. Todos os Relatórios de Presidente de Província entre 1845 e 1860 falam da Companhia do Mucuri, um intervalo em que o rio teve movimento e, ao mesmo tempo, história; uma década inflada de atividades e, principalmente, fontes de pesquisa. Elas vieram da fama nacional do colonizador Ottoni, da sua presença em jornais e debates que colocaram a aventura no

centro dos palcos; também vieram dos seus periódicos relatórios que punham os acionistas e, a partir deles, todos os historiadores cientes dos sucessos da empresa. E vieram da colonização que deixava nas beiras de rio europeus que sabiam escrever, cónsules que produziam memorandos e fiscais para vigiar o andamento do projeto. Por fim vieram da Companhia, que monetarizou e contabilizou, deixou razoável herança de escritos sobre negócios e contratos. Tudo isso deu uma riqueza documental enorme àqueles anos 1850, que mais expostos ainda ficaram pelo tamanho do esquecimento que o sucedeu, porque, pressionado por adversários políticos, Ottoni foi obrigado a abandonar seus planos, e o Mucuri sumiu.

Passada a Companhia ficaram só pequenos registros, modestos, diante da exuberância criada por Ottoni: documentos - não mercantis, não oficiais - compreensíveis à luz do Jequitinhonha de cima e de baixo, que cumpriam trajetórias similares. Cem anos depois, com uma das mais ativas pecuárias do Brasil, o Mucuri voltou a ter história, integrado ao abastecimento regular do Sudeste e também com uma das mais altas taxas de concentração de terra, renda, êxodo rural e mortalidade infantil de todo o país. Este vácuo histórico não ocorreu porque o Mucuri regredira à selva, despovoara-se, ou caíra a produção. Pelo contrário. Somente deixou de ser objeto de atenção sistemática de governo e de produzir registros escritos.

O Jequitinhonha deu um salto mais dramático. Foi povoado por uma frente mineradora que esgotou a primeira cata de ouro e diamantes e a si própria em fins do século XVIII. Desde então - diz-se - estagnou. As fontes da sua história mineradora vão só até o fim da Real Extração, nos começos do XIX. Quando Joaquim Felício dos Santos por volta de 1860 escreveu sua crônica do Distrito Diamantino - que compreende parte da área aqui estudada - os registros oficiais de mineração já eram uma coisa do passado e ele acrescentava lembrança aos arquivos. O alto rio passou por um breve esplendor até meados do século XIX, quando o algodão produzido em São Domingos e Calhau criou algum movimento de exportação, comentário de viajantes, principalmente Saint-Hilaire que se tornou o historiador do declínio minerador e da assunção algodoeira. Depois, então, o Jequitinhonha desapareceu, perdeu lugar na história, para emergir mais de um século depois, nos anos 1970, como o "Vale da Miséria", zona famosa pela enorme exportação sazonal de trabalhadores não-qualificados para o Sudeste do Brasil, produtora de muita cultura popular - música, festas, artesanato - mas absolutamente "carente".

A história é contada assim porque, em geral, os pesquisadores do Jequitinhonha e Mucuri deram atenção apenas aos seus extremos: o máximo e o mínimo, o ouro e a migração, à Companhia e às boiadas, e o vácuo de história foi originado da falta de seqüência e qualidade na documentação oficial, do costume de contar a história a partir do produto principal de exportação. As mudanças de população, a guerra civil que os colonos moveram aos índios na entrada da mata, a falta de comércio e de riquezas fabulosas eram fatos triviais, mereceram poucas anotações e fizeram com que se mantivesse esse vácuo historiográfico, portanto: não histórico.

Mas isso é comum na historiografia mineira, como já disseram dezenas de estudiosos. A história de Minas Gerais parece acontecer aos arrancos, com imensos espaços vagos preenchidos pelo silêncio. Parece milagrosa cada revelação sobre o não-mercantil, a vitalidade própria dos lugares que existiram fora das tramas da política e finança, como

também já disseram tantos pesquisadores e não poderia deixar de ser constatado aqui. Nem por isso deixa de ser necessário fazer alguns comentários sobre arrancos e hiatos (2).

Foram muitos os artigos, pesquisas e livros escritos recentemente contando a história deste salto do Jequitinhonha, fazendo a generalização comum a todas as zonas mineradoras: o tripé Auge-Declínio-Regressão (3). De acordo com o modelo e as interpretações da história por ciclos econômicos, essa sucessão seria quase fatal, dado o caráter especializado, predatório e exportador do Auge, daí vindo naturalmente o Declínio e, como fora impossível a poupança, o resultado seria a Regressão à produção de subsistência.

A seqüência apresenta alguma coerência global - e formal - para analisar zonas mineradoras, mas não dá conta de esclarecer toda a dinâmica, principalmente varejos e detalhes. No caso do Jequitinhonha, muito mais história preenche os vazios historiográficos, embora sejam sempre fenômenos bastante triviais, desimportantes e repetitivos. Juntos, no entanto, possuem uma assombrosa capacidade de explicar o que veio depois, porque veio a ser como foi, e as pequenas, às vezes insignificantes, diferenças entre Auge e Regressão.

A queda de produção na mineração de aluvião não foi o enterro definitivo do episódio minerador, que vivia de descobertas sucessivas. A procura de minerais foi o motor para a colonização expandir noutra direção, menos produtiva e historiada. Minas Novas - a capital política e econômica do grande vale do Araçuaí, entrada pioneira do alto Jequitinhonha - já foi uma continuação de Vila Rica e, a partir do momento que sua mineração começou minguar, os aventureiros prosseguiram em busca de outras áreas, em particular das Americanas, nas cabeceiras das matas do Mucuri. Mas não só lá. O fim do Distrito Diamantino - que até 1840 reservava uma parte do Jequitinhonha exclusivamente à Coroa - atraiu garimpeiros para uma fonte renovada de pesquisa em toda a vertente leste da Serra do Espinhaço, praticamente de Diamantina ao rio Vacaria, sem os problemas da perseguição policial. Depois disso veio a mineração no rio Pardo, já nos fins dos anos 1850, e até finais do século XIX são muito comuns, em cartas e documentos, as referências às catas generosas.

O Declínio não fechou possibilidades apenas, também abriu novas frentes para os escravos, seus donos e para garimpeiros livres. A força de trabalho não foi necessariamente alocada no algodão em São Domingos ou em Grão-Mogol e Salobo, tampouco foi depois obrigatoriamente vendida a São Paulo e à Zona da Mata. Eram muitos os personagens desse longo período e suas opções também diversas: entre o pico da mineração do Bom Sucesso e da Chapada (1730/40), a explosão de Salobo (1850/60) e o transporte de levas de cativos para o Sul (1860/80) estão 150 anos. Ficou uma brecha extensa demais na história para deixarmos de perguntar o que havia dentro dela.

Já a Regressão formalmente reflete o sentido de uma mudança global nas ocupações de lavra e lavoura. Mas falar que a população fora para as lavouras depois de esgotadas as minas ou que voltara à dita "economia de subsistência", esconde o fato que mineração e agricultura não são incompatíveis. A incerteza da mineração forçou o mineiro à lavoura e o vazio da estação seca empurrou-o de novo para a lavra, combinando duas atividades com monetarização, técnicas, ritmos e ferramentas completamente diferentes, mas profundamente compatíveis. Mineração e agricultura de mantimentos quase sempre estiveram juntas porque são atividades estacionalmente compatíveis e complementares;

mineração é serviço de seca, lavoura é serviço das águas. Os contratadores de diamantes deslocavam, em média, 40% dos seus escravos para a lavoura na época das águas; toda notícia de lavra é associada à lavoura, porque é difícil minerar no tempo das chuvas, impossível fazer roças no tempo das secas. Os picos ocasionais de fome e carestia que assolaram as lavras aconteceram quase sempre no seu começo, quando ainda não houvera tempo de formar lavouras: as lavras de Salobo e Grão-Mogol drenaram mantimentos do Jequitinhonha e até da mata do Mucuri, mas em momentos muito localizados no tempo. Fome e escassez, de resto, foram mais ou menos comuns na história de fartura desses dois rios.

Mas essa concordância temporal entre lavra e lavoura, a imprecisa diferença de Auge e Declínio raramente são levadas em conta, e muitos pesquisadores costumam radicalizá-las, colocando a fazenda - a "grande propriedade", a "reorganização da fazenda" - sucedendo a uma lavra minguante (4). Os problemas ficam ainda maiores porque existem os que acreditam que fazenda sempre é igual monetarização e porque, objetivamente, fazenda lança sua sombra na unidade familiar agrícola. Ela aparece como modelo único de controle fundiário numa economia mercantil. Aí é um salto no escuro porque distorce todas as trajetórias históricas dos personagens da terra. De qual mercado a fazenda retirou sua espantosa força, como movimentou-se a população, como surgiram, depois, os milhares de sítios? São perguntas sem respostas, eternamente sem respostas na história que analisa a fazenda mas desconhece terra, lavoura, técnica agrícola. Fica mais confusa ainda a interpretação porque as zonas do alto e baixo Jequitinhonha costumam ser misturadas, e neste embrulho somem sitiantes e posseiros, agregados e migrantes, baianos e índios: tudo mais cessa quando emerge, impávida, a fazenda, que suprime tantas histórias a ponto de suprimir a sua própria.

É necessário então qualificar o Declínio Minerador e a Regressão à Subsistência; ver que foram principalmente ausência de faustos, nunca de movimentos e dinâmicas. Assim, é possível rever a história tão difundida do ilhamento da população do Nordeste de Minas Gerais, que se isolara do resto do país, até ser redescoberta - milagrosamente, pelos projetos de governo - nos anos 1970. Veremos aqui que muita água rolou e muitas estradas se abriram, ao contrário do que costuma ser contado.

Mas para chegar a esse resultado foi necessário abandonar várias das perspectivas mais correntes nos estudos de sociedade e história brasileira. Primeiro, tomar cuidado com as perigosas principalidades econômicas, que enfatizam sempre a história de um grupo ou área a partir do produto exportado, do ciclo e da renda gerada. A história do Jequitinhonha e Mucuri apresenta pouca principalidade e, se fôssemos adotar esse critério encontraríamos no máximo sub-fluxos, expressões mínimas de atividade econômica. Segundo, buscar entender o que moveu essas populações. Não foi circulação monetária e integração mercantil. Antes, foi um impulso básico de sustento e reprodução que levou à ocupação da mata e à normatização do uso das terras de capões. Terras - campos, capoeiras, capões e matas - passam assim a influir, e muito pesadamente, na sorte dos homens; o meio torna-se uma parte muito mais que decorativa nesta história. Terceiro, ponderar que esses grupos subordinados do campo - camponeses, posseiros, agregados e diaristas - não estiveram no correr do tempo apenas jungidos à fazenda mas, pelo contrário, ver que se moveram,

agiram movidos por interesses próprios e às vezes coletivos, que deram o sentido a muitas das situações em que se envolveram.

Foi assim, então, que deixando de procurar nestes rios os embriões de um futuro conhecido ou de um capitalismo rural, abrindo mão de perseguir com insistência seus - frágeis - laços com a economia e a sociedade nacional, tornou-se possível entendê-los como sociedades que tiveram uma história. É uma trajetória universal, lógico, na medida que formou-se por impulsos e decisões que moveram todas as frentes povoadoras do Brasil. Mas também é uma história particular, específica, própria: começou da mineração, como se constata, mas daí abriu um vasto campo de apropriações naturais, relações de trabalho, independências e subordinações. O trajeto então não surge como silenciosa lacuna historiográfica, mas, pelo contrário, eloquente pela consistência da especificidade que revela. Assim, Mucuri e Jequitinhonha são particulares, específicos desse contrato que os homens e o ambiente tiveram no Nordeste de Minas. Assim, Mucuri e Jequitinhonha puderam ser entendidos como totalidades que se encontraram frente a dilemas que lhes foram próprios - uma movimentação intensa, relações pessoais de domínio e trabalho, apropriação familiar da terra - que pouca relação guardam com a tristeza de uma mineração ou colonização fracassadas.

Examinando neste estudo o que existia nesses vazios históricos vamos encontrar principalmente lavouras. Elas orientaram o povoamento que sucedeu ao declínio minerador, estiveram na base das relações de apropriação e uso da terra e, a partir delas, suas técnicas e sistemas, pode ser entendido como se relacionaram posseantes, fazendeiros, trabalhadores e sitiantes que viveram nesse tempo, construindo normas de usos de espaço e natureza. Por isso este trabalho pode propor uma periodização pouco convencional porque, sem desconhecer a importância de minérios e boiadas, analisa a ocupação das terras, as técnicas e normas de apropriação; para entendê-los careceu fazer alguns retrospectos bastante longos. Não é, então, apenas história da fazenda - uma das formas de apropriação, a mais importante quantitativa e até reflexamente - mas também do trabalho, do sítio e da técnica: tudo se completa. O estudo compreende Mucuri e Jequitinhonha entre os começos do século XIX e fins do XX. Procura analisar as tramas que prenderam homens, terras e trabalho desde a época que a população do vale do Araçuaí - a antiga Vila do Fanado, Minas Novas - tomou o rumo da mata, deixando atrás sítios se esgotando para formar fazendas e posses, até quando a revolução agrícola, a unificação dos mercados nacionais e o esgotamento da natureza colocaram um fim nesse sistema de uso de terras e homens, já nos anos 1970. O período - esses quase 200 anos - foi o tempo de uma caminhada em busca de abundância, riqueza, sossego e liberdade; foi a duração da fertilidade e dos recursos naturais em capões e matas, até que fossem definitivamente esgotados ou privatizados, obrigando os homens a construir novos conflitos ou novas relações.

Fora dos brilhos comerciais passageiros a história dos rios ficou quase toda não-governamental, os dois estreitados um ao outro, geminados, paralelos, continuidades geográfica e histórica. A história contada aqui apresenta, porém, consistências e detalhamentos muito diferentes no correr desse tempo, pois resulta das anotações que Júlio Ferreira tomou numa feira organizada em 1872; das notas de campo de frei Samuel Tetteroo no começo do século XX; do relato angustiado de Domingos Ramos Pacó que não sabia se era índio ou civilizado mas queria contar sua história; das lembranças das pegas

de boi de Zeca Figueiredo; de casos lembrados e contados, doutros materiais dispersos. Lidos com a distância que o tempo fornece, o resultado ficou parecido a um animado mosaico. Todos os personagens da história moveram-se muito: colonos buscaram posses, índios foram atrás de proteção, depois agregados procuraram farturas, fazendeiros andaram para possear em terras novas, baianos cruzaram os dois rios de Norte a Leste buscando águas e heranças, e os camponeses que sobraram da terra caminharam para o Sul. Todos fizeram suas estradas e mesmo os que ficaram na estabilidade do sítio ou da herança tiveram que viajar estacionalmente, ou carregam a dívida com o irmão que viajou para encontrar em São Paulo um sustento que não sai da grotá avara. A imagem mais frequente deste estudo é o caminho: da mata, do aldeamento, da roça, da boiada, da fronteira, da cidade, do Sudeste, do Sindicato, do mercado. É, portanto, uma história de destinos, de estradas da vida.

## 2. *Guias*

Mucuri e Jequitinhonha quase sempre foram economias não-exportadoras, localistas, com nula - ou mínima - ação de governo. Presos ao ambiente como à sua primeira natureza, lá surgiram relações de poder, apropriação fundiária e mobilidade espacial sem muitos paralelos nas economias de mercado. A fazenda, o sítio, o agrego, a posse, o roçado, a mata, a fronteira e o trabalho nos dois rios, foram construídos ao relento das mediações de mercado e ligadas com força à natureza, de modo que, certamente, tão importantes quanto as relações de mercado e aquelas que estabeleceram os homens entre si e entre os homens e as coisas, são as relações que foram criadas entre homens e meio.

Esse encontro da história com a natureza e o poder rural costuma ser difícil de ser entendido e, mais ainda, explicado. São situações de poucos parâmetros definidos, registros magros, relações complexas, de sorte que para apurar nessas áreas é imprescindível o apoio de alguns autores que fizeram reflexões sólidas o bastante para eliminar muitos dos tropeços da pesquisa. Recorri, neste trabalho, a alguns clássicos brasileiros, fundamentais para a compreensão de tais casos: Alberto Passos Guimarães e sua análise de terra e poder; Antônio Cândido, Gilberto Freyre e Carlos Brandão que analisaram a relação natureza, sociedade e temporalidade; Sérgio Buarque de Holanda que refletiu sobre cultura e técnica.

Alberto Passos Guimarães analisou o poder construído pela terra em *Quatro séculos de latifúndio*. Para ele, a terra, além de ser meio de produção, e, em determinados momentos base para negócios, foi sempre um meio de construir poder; um poder capilar, local, autônomo, validado por si mesmo, exercido sobre homens postos nos limites de extremas. O autor chamou de "feudal" esse poder e diz que sua especificidade está justamente no fato do controle da terra garantir aos fazendeiros um mando que ultrapassava o plano econômico:

*"à classe latifundiária uma força maior que o poderio econômico, uma outra espécie de poder que freqüentemente supera e sobrevive àquele - o poder extra-econômico. (...) Ele se exerce, ainda nos nossos dias, através do governo das coisas e das pessoas dentro e em torno da latifúndios".*

[Guimarães, 1977: 35]

Para o autor a terra originou um mando - chamado "feudal" ou "semi feudal", indiferentemente - baseado no controle de grandes áreas de terra por um grupo social que não participava da produção como força de trabalho e na criação de relações não-econômicas de coerção dos produtores diretos. Entender os poderes criados a partir da terra e a motivação para a apropriação fundiária são os temas centrais de *Quatro séculos...* Ele recusa a presença moldadora do capital e das relações da produção tipicamente capitalistas na agricultura brasileira; colocando na sua análise relações de poder pessoal e localizado, o domínio sobre terra e homens, propôs um viés para explicar a fazenda. Guimarães foi um crítico aos autores - de antes e depois de *Quatro Séculos...* - que aplicaram mecanicamente à terra os conceitos próprios para análise da sociedade capitalista, independente dos sistemas produtivos e tempos históricos; ele historiciza a fazenda e seu poder, conferindo-o uma origem não-econômica, gerada pelos controles do acesso à terra.

O livro estimulou um debate sobre a questão agrária. Foram muitas as críticas às idéias de Alberto Passos Guimarães; só que em geral baseadas no setor agro-exportador e vinculando o poder local a cadeias de poderes que tinham sua culminância no capital comercial ou na máquina do Estado e no "coronelismo", dos quais os poderes locais seriam sempre tributários. Assim uma parte da historiografia rural ficou presa aos dilemas dos setores mais integrados ou mais estatizados (5).

Essa não era, porém, a melhor utilização dos argumentos apresentados pelo autor. Sugerir explicações sobre o poder extra-econômico dos fazendeiros - aqueles que estavam fora das rotas de comércio e à margem dos poderes políticos instituídos - parece ter sido a tarefa ao mesmo tempo mais difícil e mais importante cumprida pelo seu trabalho. Como os fazendeiros dominaram a terra nas áreas de agricultura não-mercantilizada, com unidades rurais baseadas em produção de mantimento que ficavam nas franjas do sistema comercial rural? E dentro desses sistemas de escassa monetização constituíram quais relações de trabalho? De que maneira os fazendeiros construíram poder sobre seus agregados e qual a finalidade desse poder se não era imediatamente político ou econômico?

Nunca serão encontradas as respostas nos debates agrários das décadas passadas, porque a grande maioria dos autores optou por argumentar em oposição àquelas questões impertinentes que Alberto Passos Guimarães propunha, desprezando umas tantas outras que seguramente são muito pertinentes. Na tradição analítica que foi construída a partir dos anos 1960 a sutileza das relações entre os personagens e a terra desapareceu; ficou difícil compreender o campo fora da circulação mercantil. Por isto é importante refazer algumas das perguntas que Guimarães colocou, sem a preocupação de dar as mesmas respostas que ele deu.

Mas se acrescentarmos ao domínio da terra os temas meio e natureza, a questão fica ainda mais complexa. Acontece que o meio sempre foi percebido nos estudos sobre a sociedade rural brasileira como figurante, base material que localizava as tramas, ou participante discreto em ações que independiam dele. No entanto, o meio pode impor certas regras de conduta, tornar-se ativo, de maneira que as relações dos homens com ele possam receber fortemente a sua influência.

Um dos autores que chamou a atenção para isto foi Gilberto Freyre: em *Nordeste*, analisou o modo como a natureza influenciou na formação de uma sociedade determinada. O

massapê, o rio e as matas não foram bens dispostos à apropriação dos homens, mas sim sujeitos a um aprendizado de uso, de tal modo que a sociedade senhorial estabelecida no litoral do Nordeste foi um resultado combinado daquela natureza com certas relações sociais de apropriação. A serventia do meio, segundo Freyre, dependeu de um certo patrimônio técnico - domínio que a sociedade possuía da tecnologia agrícola - que o punha dentro de algumas possibilidades, mas também dentro de certos limites, porque dependeu também dele, meio, e das condições sociais em que pode ser apropriado.

De outra perspectiva, Carlos Rodrigues Brandão tratou do mesmo tema em *Plantar, Colher, Comer*, estudo sobre a alimentação de lavradores de Goiás. Partindo dos alimentos e sua busca, o autor chegou à natureza para mostrar como os regimes de apropriação da terra, a diversidade de extrações e sanidade ambiental definiram a trajetória dos agricultores. As condições de extração de alimentos foram históricas e variáveis; transformaram-se com o esgotamento da natureza. A liquidação das fontes naturais de extração alimentar reduziu a quantidade e qualidade dos alimentos; a fazenda transformou-se por imperativos técnicos e econômicos e, por fim, a ruptura do sistema de parceria agrícola e plantios modificou as condições de acesso da população aos alimentos e seu aproveitamento. A relação estabelecida entre os homens e a natureza variou então no correr do tempo e da própria natureza, criando situações diferentes e relações de apropriação e extração também diferentes. Assim foi possível para o autor analisar a classificação valorativa dos alimentos feita pelos lavradores, tendo por base os modos como a natureza foi percebida e a apropriação em cada situação histórica determinada.

As relações do homem com a natureza possuem, como mostra Brandão, gradientes de controle associados historicamente a formas sociais diferentes de apropriação da terra, como parceria, fazenda, unidade camponesa. A partir das diferentes combinações feitas pelos homens entre si, de um lado, e com o ambiente, por outro, surgem resultados e histórias diferentes na produção de alimentos, nas técnicas agrícolas e na apropriação de terras. É uma relação flexível e dinâmica aquela dos homens com o meio. O estudo de Brandão é uma análise dos rearranjos alimentares e sociais feitos para garantir a reprodução humana com a transformação das condições de acesso à natureza e aos alimentos.

Antônio Cândido é outro autor fundamental para explicar a relação entre homens e meio: valorizou o ambiente como história. Estudou em *Os parceiros do Rio Bonito* o modo como os lavradores obtêm seus meios de vida e pesquisou a produção de alimentos, a sistemática do trabalho e a própria comunidade como variações naturais e históricas. Uma idéia cara a ele é a ecologia, a forma como os homens se ajustam ao meio e tipos de reciprocidades que estabelecem. Este é o seu ponto de partida. A "sociedade caipira" instala-se num meio que vai dominando gradativamente, construindo integração e dependência. A proximidade do meio, derivada da busca de recursos, mistura homens e espaço que faz, segundo Cândido, parte da sociedade dos homens. A certa altura, utilização exagerada dos recursos e expansão demográfica combinam-se para romper o equilíbrio, fazendo com que sociedade e cultura dos homens desabem pelo esgotamento ecológico.

Essa ruptura leva as sociedades humanas a criarem novos ajustamentos e sistemas de produção, uma vez que tanto o meio foi modificado pela ação do grupo - por super

exploração e superpopulação - quanto a própria organização social também modificou-se porque desapareceu a base da compatibilidade ambiental. A exaustão dos recursos e as novas relações instituídas dão lugar ao desequilíbrio e à crise, na relação dos homens entre si e na relação com o ambiente. Na crise, desaparece a plenitude de integração entre os homens e a natureza para ceder lugar a desajustamentos e mudanças; o meio deixa de ser um campo de conhecimento, recreação e magia, para ser percebido como avaro e adverso. A eliminação da relação integrada de homem e meio é resultado da ação do próprio homem, segundo o autor. À natureza exaurida - no sentido produtivo do termo - vai corresponder também uma sociedade exaurida, uma "sociedade de mínimos": mínimos de alimentos, cultura, sociabilidade, lazer.

Freyre, Brandão e Antônio Cândido mostram que a natureza é um agente ativo na definição das regras de seu próprio uso e que as sociedades rurais tem uma forte dependência daquilo que o meio oferece. Não que sejam magicamente definidas por ele, mas, sim, que os regimes de apropriação, as extrações e a repartição dos produtos são feitos pelos homens a partir de ofertas delimitadas por uma dada natureza, e, tanto ela quanto as possibilidades de apropriação criadas pelos homens variam no correr da história.

Postos na mata os homens criam confrontos ou acordos com ela; a partir dela adotam técnicas para utilizá-la. Neste ponto são comuns as críticas dos pesquisadores: condenam rusticidade e baixa produtividade dessas tecnologias de mata. Acontece que elas são resultados de ajustamentos, e a natureza tem um forte peso no condicionamento das práticas agrícolas e geração de técnicas. Sérgio Buarque de Holanda foi um autor que tratou deste assunto fugindo da tentação fácil de criticar a rusticidade do agricultor brasileiro e sem condenar a "ignorância caipira" como é corriqueiro. Em *Caminhos e Fronteiras*, analisou o emprego de determinadas técnicas, mas fez uma inovação radical na forma de tratá-las: para ele são as técnicas possíveis, resultado de um acordo único dos homens com a natureza.

Sérgio Buarque de Holanda mostrou que ocorre uma integração criativa entre homem, meio e técnica no estabelecimento de uma dada prática agrícola: no emprego de uma técnica, entram em ação variáveis locais, ambientais, circunstanciais. Desse modo, os lavradores dotados de um certo conhecimento agrícola, mesmo que muito sofisticado, dificilmente conseguiriam transportá-lo e utilizá-lo em outro meio diferente daquele que o conhecimento foi gerado. Não existe autonomia ambiental e hierarquia de valor para as técnicas rurais de modo generalizado; não há possibilidade de uma técnica, por si mesma, ser melhor ou pior que outra fora do seu ambiente de utilização. É assim que ele critica o evolucionismo tecnológico, que acredita haver técnicas que podem ser consideradas superiores ou inferiores pelo grau de conhecimento agrônômico formal nelas aplicado.

A técnica, para Sérgio Buarque, é uma cultura, um modo específico dos homens realizarem ações sobre a natureza, delimitado pela própria natureza. É produto de arranjos particulares, únicos para determinados homens e meios. Nesse sentido que o autor analisa a caminhada, o arado, a fiação de algodão e tantas outras técnicas; mostra que não há "conservadorismo" rural na permanência de práticas agrícolas, mas pelo contrário, adaptação. Por isto as técnicas agrícolas não se alteram ao sabor das pressões de oferta de novo conhecimento, mesmo que mais sofisticado, muito menos são introduzidas a partir da

aspiração subjetiva do agricultor. A permanência de técnicas rústicas não significa "tradicionalismo" porque elas são definidas pelo conjunto de relações que as circunscrevem.

Sua concepção de técnica - produto de ajustamentos entre homem e natureza - implica numa crítica radical aos esquemas de hierarquização tecnológica adotados pelos pesquisadores do meio rural que basearam suas análises das sociedades rurais na adoção ou disponibilidade de técnicas intensivas. Para ele não são os anos que passam que definem ou modificam os perfis tecnológicos da agricultura; pelo contrário, as técnicas agrícolas possuem uma enorme autonomia diante do correr do tempo, possuem laços estreitos com os regimes de apropriação da natureza, as possibilidades de extração econômica e com as características próprias do meio que está sendo explorado. A tecnologia existe associada a um conjunto de práticas que não são modificáveis no correr dos anos ou das políticas exteriores ao meio.

Sérgio Buarque mostra que homens, natureza e técnica formam um conjunto. Assim, forneceu base teórica para analisar as tecnologias, associando-as à história das comunidades e grupos não-hegemônicos.

### *3. Memórias*

Mucuri e Jequitinhonha tiveram seus autores clássicos: memorialistas e pesquisadores que puseram nos estudos o gosto do local mais o peso dum imbatível conhecimento de campo. Expuseram ao seu tempo pesquisas já feitas, experiências deles mesmos, dados geográficos e, principalmente, memória, aquela matéria que as comunidades guardam com tanto zelo e eles registravam com medo do esquecimento. Deixaram muito mais que um relato ou testemunho. Criaram um entendimento localista de vários temas com as particularidades tão universais que têm as zonas não-exportadoras e não-mercantis. Isto emerge dos textos com extraordinária força.

Os autores que mais escreveram sobre Jequitinhonha e Mucuri - os mais elaborados: frei Samuel Tetteroo, Leopoldo Pereira, Godofredo Ferreira - possuíam uma concepção de lugar muito sofisticada. Tratavam os dois rios e seus vales como continuidades espaciais, humanas, históricas e culturais: idéias que a regionalização aparatosa que se instalou nos tempos da ditadura militar sepultou para sempre. Em seus trabalhos deram um trato soberbo às relações entre homens e ambientes, desaparecido depois das crônicas e histórias locais que passaram a privilegiar o econômico. Escreveram histórias de muita materialidade, textos que são roteiros a serem palmilhados, baseados nos espaços. Valorizavam a geografia como um conhecimento caro à história e, mesmo que isto tenha fornecido certo peso determinista aos seus escritos - Leopoldo Pereira é o melhor exemplo - podemos admitir tranquilamente que ela só contribuiu para mais engrandecê-los.

Essas atitudes metodológicas têm a ver com a época que os textos foram produzidos. Ela delimitou estilos, temáticas, interesses gerais que orientaram os autores. Ponderado isso o costume de época deixa de ser um embaraço e torna-se um apoio, pois

tanto historiciza o autor quanto o leitor. Desse modo a leitura dos principais autores dos dois rios é fundamental como fonte de informação histórica, como guias para apreciação de personagens de um mundo que eles conheceram e, talvez principalmente, como críticos às práticas de estudar natureza e história que vigoraram depois.

Frei Samuel Tetteroo foi o autor que escreveu sobre os dois rios com a mesma dedicação e qualidade. Era um franciscano holandês rústico e estudioso, dos que vieram para o Brasil com a missão de conservar para a Igreja Católica seu papel de destaque numa sociedade em mudança, quando o mercado de bens religiosos tornara-se leigo e concorrencial nos começos do século XX. Precisava saber em qual mundo se movia e, para isso, fez uma sociologia da mata, uma geografia do seu rebanho; demonstrou que podia ser tão bom em técnicas positivas de pesquisa quanto qualquer cientista ou viajante, porque ciência e religião não deveriam necessariamente se atrapalhar e ele podia avançar nos temas leigos com igual ou maior desenvoltura que semeava nos campos da fé.

Foi posto naquele começo de século XX nas florestas do Jequitinhonha, primeiro, depois do Mucuri, numa época que os franciscanos iam recebendo mais ou menos sistematicamente uma série de paróquias mal governadas, com fiéis perdidos na mata e em práticas religiosas heterodoxas. Entrou como coadjutor na imensa paróquia de São Miguel do Jequitinhonha e revirava selvas, até que o padre Domingos, vigário agarrado àquele púlpito pela esclerose, saiu de lá arrancado pelo bispo. Daí para a frente todos os párocos seriam franciscanos, e frei Samuel o primeiro deles: um padre estrangeiro, alto e rosado, que sabia fazer um sermão forte, exemplar com voz alta e fé muito brava. Pregava, confessava, comungava, casava e batizava multidões; sua religião era limpa e enérgica: tinha um Deus sadio, conforme contaram os que se lembravam dele.

Foi incansável nos trinta anos que andou pelo Brasil em matas e campos. Viajava com câmara e bússola, usava um conta-passo na mula para apurar distâncias corretas, coletava informações nos livros, na selva, no conhecimento e nas lembranças do povo; buscava localizar tudo com precisão. Era um curioso de rumos e agulhas, como o definiria Martell em uma carta, anos mais tarde. Foi obstinado trabalhador e viajante; enfrentou evangélicos e maçons, perseguiu protestantes que ousaram abrir um colégio em seu quintal da Vigia, ficou conhecido entre os franciscanos como "Frei Anta" pela dedicação truculenta e retilínea às missões que abraçava. Apesar de odiar as viagens a cavalo e ser frequentemente atacado por furúnculos e perebas no lugar que "*a coluna vertebral muda de nome*", andava sem cessar pelas matas. Seu diário, minucioso e irônico, mostra que pouco ligava se o peso da tarefa correspondia ou não à importância.

Amadeu Martell acompanhou frei Samuel em alguns trechos de viagem. O viajante era o fornecedor dos charutos que o frade apreciava muito; fumar, pesquisar e passar horas contando histórias engraçadas eram as suas grandes alegrias. Companheiros de viagens e projetos, os dois também terminaram a vida de forma muito parecida, solitários e meio loucos. Frei Samuel, recolhido pelos frades depois de uma despedida amarga do Brasil, quando confundira reclames de charuto com dinheiro em seu derradeiro embarque; Martell, no Caririnha, aparentava cuidar de um rebanho de cabras, mas dizia buscar um caminho subterrâneo para os Andes, com os moradores da beira do rio Cochá. Martell, em carta a Bela Mariana, falou de uma idéia que o frei tivera e comentara em toda a duração de uma

viagem de Pampã a Jequitinhonha: transformar casos em histórias sintéticas gravadas, ilustradas para circularem para os interessados. Desse modo, os conhecimentos de geografia seriam espalhados mais rapidamente que na literatura de viagem. Não foi possível saber se ele levou à frente esse projeto. Talvez fosse somente um devaneio para matar aquele longo tempo em lombo de burro, sem outra ocupação que a conversa ou o breviário. Essa história de Martell, porém, indica que frei Samuel investia nos lazeres a criatividade que a Igreja daquele tempo obrigava economizar em práticas religiosas. Seus assuntos profissionais eram objeto de uma escrituração seca:

*"em São José comunhão geral de 42 crianças, na fazenda Laranjeira 11, Rio Negro 29, em Urucu 29. Em total nesta viagem 728 confissões e 689 comunhões".*

[Santos, 1970: 116]

Morando em Jequitinhonha, Vigia ou Teófilo Otoni, frei Samuel era o responsável pelos fiéis mais perdidos. No começo do século XX assistiu à instalação dos chegantes baianos ao Pampã, numa época em que ali ainda se unia ao sul da Bahia e ao norte do Espírito Santo numa floresta contínua, ele viajou para as cabeceiras das Imburanas, atrás de notícias de índios ferozes ocultos na mata, para encontrar os remanescentes Machacali numa grotta com um bananal, criando um menino índio com o insólito nome de *"Dotôfrot"*, uma homenagem ao francês que andara por ali, Doutor Apolinário Frott. Transumâncias, pecuarização do baixo Jequitinhonha e Mucuri, derrubada sem fim da mata, formação de povoados fizeram parte do cotidiano de frei Samuel. Foi a partir de sua mirada leiga dos desatinos desse mundo que escreveu os dois livros.

Era observador agudo e crítico perspicaz. Descrevia o espaço de seu rebanho, tratava de delimitá-lo com um rigor de cientista e situar nele a história que escreveu. Frei Samuel foi um pastor positivo: sua corografia é resultado de viagens e observações, do zelo de quem conhece cada pedra, córrego, mata, vilarejo que viu ou percorreu na andadura da sua mula, para concluir suas próprias e materialistas opiniões sobre o trato de mata, índios, homens, rios. Não fazia proselitismo religioso em seus textos, escreveu como geógrafo, sociólogo, historiador e naturalista, e escrevendo parece ser tudo, menos um frade. Seu pastoreio era firme e rústico - a aplicação de tantas bençãos, batismos e comunhões - pouco dado a diletantismos de espírito e muito chegado à condição objetiva em que acontecia a vida dos homens. A fé católica para frei Samuel mais que uma certeza era uma fatalidade da qual os homens não podiam fugir. Assim, nem carecia ser prosélito, porque sólido como cria o domínio de Deus, podia o missionário desvendar os segredos dos homens. Daí a sua história recheada de dados, localizada no tempo e espaço. Foi um autor de informação exata, rigorosa, detalhada, bem contada.

Frei Samuel possuía uma idéia de lugar muito precisa; vendo o que os estudiosos de problemas regionais fizeram depois, bastante rica. Poucas vezes aparece governo ou qualquer centralização como tema em seu estudo; possuía concepção muito própria de desenvolvimento, equivalente a povoamento mais fartura. Seus dois estudos começam com a história da ocupação da terras, descrevem essa combinação entre população e um certo ambiente; nesse lugar, ganhava um peso enorme a especificidade natural: campo ou várzea, chapada ou floresta determinavam certos conjuntos de práticas próprias; o povoamento e os costumes que surgem são resultados desse encontro. Chama a atenção, pela época em que escrevia, o fato de não demonstrar qualquer assombro com as técnicas de mata, ao

contrário de tantos observadores que vieram antes e depois dele. Sua leitura integrada de homem e meio é muito rica, mas ele não passara por estudos mais sofisticados na área de humanidades: foi da catequese à geografia, história e ciências naturais, daí ao campo, e construiu empiricamente seu método de análise do mundo. Embora vagamente reformista, isso não o transformou em crítico dos métodos agrícolas, porque seu conhecimento de campo se formara na mata. O frei fez uma antropologia, uma participação observante daquele mundo que os homens construíam no nordeste de Minas no começo do século XX: deixou a melhor de todas as histórias da mata (6).

Leopoldo Pereira foi outro historiador do Jequitinhonha; mais ou menos contemporâneo de frei Samuel - pouca coisa mais velho - era quase nativo de Araçuaí. Pereira fez parte da tradição regionalista, como vieram a se chamar depois aqueles escritores afirmativos da ruralidade no final do século XIX, produtores de uma literatura valorizadora do campo, insatisfeita com o peso que o urbano ganhava no país (7). Esses autores surgiram da descentralização republicana, que estimulou o localismo e o texto de Pereira é marcado pelo amor local; seu tom de narrador é opiniático e forte. Fala de uma situação que conhece, colocando-a em contraponto a um restante de Brasil que o vê na distância; descreve a realidade rural e local com uma locução culta e externa; trata dos problemas do homem do campo com grande objetividade. Mas ele não é o sujeito de sua própria fala: é culto, não se deixa confundir em momento nenhum com a vida dos personagens que comenta. Cultiva as distâncias; nunca se põe como sujeito naquelas situações, é um intelectual, um narrador do "alto", observador, analista puro.

Seu texto é recheado de oposições duais: culto/não-culto, cidade/campo, interior/capital, civilização/barbárie. Procurando definir o que seria um Brasil puro - autêntico, apartado dos artificialismos urbanos e importados - revela que é o país do interior. Adota, então, uma perspectiva muito parecida com aquela de Euclides da Cunha e Sílvio Romero, cujos paradigmas - "sertão", "raça", "ambiente" - quase podem ser agarrados com a mão. Essa busca da explicação do lugar através do relacionamento homem e meio é a grande força e o grande problema do texto de Pereira, porque sua mirada culta fica muito descolada daquele mundo de imperfeições que descreve e sua opção pelo localismo aprecia o que a razão culta nega. A recusa de uma visão romântica ou bucólica de mato deixa o livro, em certas passagens, mal equilibrado, pois é desapiedado, muito duro com aqueles "sertanismos" que não fazem sua alegria. Por exemplo: não suportava aqueles índios restantes - "pobres", "ignorantes", "sujos", "inúteis" - e não tolerava, sequer chega a querer compreender, aqueles "sertanejos rústicos" que supunha fazerem, na constância da estupidez, a miséria de sua terra, conforme acreditava Pereira. Ele apreciava a qualidade de vida local, entendia alguns dos ajustes que os homens faziam, mas valorizava seletivamente a "caipiridade": servia, se colada ao seu modelo literário; nunca à sua experiência de vida. Esta contradição entre naturalismo e transformação marca todo seu texto.

Leopoldo Pereira tinha uma enorme fé no progresso e desenvolvimento, mas acreditava neles como produtos basicamente locais. Local e rural são conceitos centrais para a noção de progresso que o autor possuía. Por isso seu texto apresenta alguns méritos que outros dificilmente reencontraram: enquanto buscava explicar seu lugar com elementos

como raça, dieta, meio, clima, temperatura, descreveu suas práticas e limites como poucos autores conseguiram fazer, porque aqueles vieses localistas, progressistas, naturalistas foram depois abandonados, de modo que deixou uma crítica dura, mas também um completo panorama descritivo.

Foi um autor afinado ao seu tempo: suas considerações sobre a queimada e o caboclo são anteriores e tremendamente semelhantes às de Monteiro Lobato, embora não alcançassem o mesmo brilho literário. Quando Pereira publicou a primeira vez, em fins do século XIX, Lobato ainda não herdara a fazenda para descobrir os males do caboclo. Pereira lidava com esse tema que estava - literalmente, em agosto - no ar, e seus ingredientes apareciam nas considerações de todos os contemporâneos, com a vantagem de refletir sobre aquele minúsculo universo que era Araçuaí. Por isto deixou sua opinião sobre a história, mas também sobre o meio e a raça, sobre as crises de produção, sobre os primeiros esgotamentos de terra da fronteira agrícola, migrações e, como era um rematado escritor positivo, apontou preceitos técnicos para os homens lidarem com o mundo, como não poderia deixar de ser, por meio da educação que acreditava ser a verdadeira missão dos homens de letras.

Godofredo Ferreira escreveu nos anos 1930. Era professor e despachante em Teófilo Otoni, mancava com uma ferida eterna de leishmaniose na perna, foi integralista dedicado durante um certo período e boêmio em tempo integral. Ferreira deixou poucos registros de sua passagem pelo mundo, mas uma enorme memória do Mucuri.

Era também um autor dedicado a entender aquele mundo. Geografia, natureza, as matas e a civilização que foi possível construir na selva são temas caros ao autor. Para ele, a natureza e o ambiente do Mucuri eram estupendos, o clima saudável, a flora medicinal variadíssima, fabulosa a piscosidade dos rios, sua fartura e pujança, deslumbrante a fauna. Fez um elogio à selva e à natureza brasileira, mas isso, nele, não era recurso oratório, como fora para românticos como Teófilo Benedito Ottoni ou Robert Avé-Lallemant. Ferreira usava a descrição da natureza como recurso econômico, para aproveitamento dos homens, coerente com o seu modernismo. A mata não era um fator limitante do município - sua unidade analítica - pois progresso e floresta devem estar em harmonia. Progresso constrói-se exatamente a partir de florestas, pensava ele. A referência à selva e à natureza é utilitarista, feita do ponto de vista de quem aproveita.

Sem dúvida, o mais completo historiador do Mucuri foi Godofredo Ferreira. Seu livro é uma síntese: ele combinou fontes documentais escritas e orais, lembranças que estavam frescas para os participantes, quando a primeira geração dos fundadores da cidade era ainda conhecida pelos mais velhos e a crônica de todos os primeiros acontecimentos tinha validade pois todos ali eram descendentes, parentes, conhecidos. Godofredo era neto de um português mudado para o Mucuri nos anos 1850 ainda; sua avó era dos Somerlatte da Colônia do Urucu, sua mãe, índia "amansada" de novo. Ele recolheu essa antropofagia para escrever sua história que é, afinal, uma busca de entendimento para trajetórias que se encontraram tão acidentalmente nas estradas do Mucuri. Sua obsessão era a lembrança: que não se perdesse o que sofreram os pioneiros, que fossem lembradas baixezas e massacres, porque a outra condição do progresso era a verdade, e esta era filha dileta da história.

Godofredo foi um erudito que não fugiu diante de algumas questões delicadas de época como índios, boubá, bócio, roubo, martírio, a dureza da selva. Isto tudo para ele foi importante e escreveu com uma leveza de cronista, sem deixar de ser um homem de idéias, que acreditava serem as idéias maiores que os homens. Ele não fez apenas uma história dos grandes homens - Ottoni e outros - mas valorizou por igual o carteiro chinês que pitava ópio nas pontes da Santa Clara, o tropeiro brigador, as belas que deram o nome da rua das Flores, o lavadeiro que vivia na beira do rio Todos-os-Santos. Por igual, tudo formando o retrato do município. Ele não possuía a precisão geográfica de Frei Samuel Tetteroo: no entanto, foi imbatível na descrição de personagens do cotidiano e da rua, um escritor cosmopolita e moderno, o único que até agora atentou para o Mucuri (8)

#### *4. Fontes, usos, limites*

No Mucuri e Jequitinhonha agiram muitos personagens no correr dos anos: índios, agregados, camponeses, fazendeiros; diaristas, padres, empreiteiros, imigrantes, sindicalistas, e tantos outros; homens e mulheres; mais as matas, campos, capões e capoeiras, terras mais e menos férteis, pastagens e culturas conformaram os limites em que os personagens atuaram. Acontece que uma boa parte deles e dos seus movimentos não aparece muito claramente nas fontes documentais arquivadas, regulares e escritas de pesquisa. Surgem, às vezes, na distância que o viajante contempla a paisagem, na negação que o estudioso dedica ao que não quer como assunto, no descaso que o agente de serviço público aplica aos relatórios que é obrigado a fazer. Só merecem o interesse aborrecido das coisas corriqueiras. São fontes que falam muito sobre si e seu modo de olhar, trazem consigo a deformação da comparação, o desmazelo da repetição.

Por isso a história das populações rurais não é pesquisa das mais simples: inexistem registros escritos contínuos, na maior parte das vezes são poucas suas transações de produtos ou dinheiro. Ficaram à margem de quase toda lembrança, mas não por terem permanecido imóveis, sim pela perspectiva enviesada saída das fontes. De maneira que, quando aparecem, costumam vir superdimensionados uns, desmerecidos outros. Por exemplo: não é possível fugir do caso da Companhia do Mucuri e dos seus imigrantes; não é possível deixar de atentar para o grande barulho que fizeram os jagunços a serviço dos chefes fazendeiros do baixo Jequitinhonha, nem à violência do Pampã. São fatos gritantes pela excepcionalidade com que são destacados em qualquer sociedade.

Diante da impossibilidade de eliminar estes gritos e aqueles silêncios, esta história foi feita por combinação de fontes referentes a alguns personagens - que necessariamente ganham mais atenção por terem sido importantes e principalmente pela ressonância política ou cultural, portanto documental, que receberam - e rastreamentos de outros, não menos relevantes, diminuídos pela forma como os materiais foram dispostos.

Maltratados na literatura e ausentes na documentação pública e particular, porque construíram uma cultura exclusivamente oral, física e produtiva, os agregados, assalariados, camponeses, e mesmo fazendeiros postos em algumas situações, viraram ausências eloquentes. São citados a contrapelo, pelo que fizeram de transgressor ou indesejado, por

isto aparecem de forma muito tortuosa nos registros escritos. Os chineses que foram para o Mucuri são citados nas memórias de viagem de Robert Avé-Lallemant porque tentaram matar um feitor que os espancava; pela mesma razão apareceram nos Relatórios de Teófilo Benedito Ottoni. Os canoieiros do Jequitinhonha viraram personagens na narrativa de Pohl pelo rio porque se embriagavam a ponto de ameaçar a segurança do viajante nas cachoeiras. Já os lavradores sempre surgem na domesticidade: quando o memorialista-fazendeiro lembra-se do empregado que descobria o mundo no rego d'água do quintal, das boas negras da cozinha, dos fortes camaradas do eito; fazem parte dos quadros fixos, arquitetura e paisagem.

Em casos raros, lavradores anotaram suas lembranças e cotidiano. Joaninha, agregada, manteve uma correspondência ativa com sua madrinha; Domingos Pacó escreveu sua história, memória da dor do índio, depois que foi "amansado" pelos capuchinhos em Itambacuri, feito professor dos outros índios durante quase 20 anos, fugiu do aldeamento para a última correria na mata e voltou depois de anos de vida na selva, amargurado e destruído.

Mas existem duas outras fontes documentais que permitem estudar lavradores com alguma segurança. Uma é a documentação de trabalho das fazendas. Neelas aparecem num dos lados dum acerto de trabalho, parceria ou empreita. As anotações meticulosas de fazendeiros e gerentes, alguns deles detalhistas exagerados, registradores de características e fatos pessoais dos lavradores - casamentos, bebedeiras, etc - permitem reconstruir alguns dos aspectos das relações fazenda-trabalhadores. Além disso contêm o registro de dados: compras, vendas, apropriações, partições, produtividade, etc.. Centenas desses arquivos ainda existem, entulhando escritórios de casas de sede ou escondidos em armários de apartamentos de herdeiros. Nos arquivos de famílias fazendeiras encontram-se anotações e registros parciais do lavrador. No entanto são confiáveis: pela regularidade - o arquivo da Fazenda Sul América, de Itaobim, vai de 1917 a 1982, com cartas, pedidos, notas de serviços, recibos, fotos, contas de gado, etc - pela proximidade entre o trabalhador rural e quem registra, e pela possibilidade, às vezes existente, de conferir os registros com as lembranças.

A outra fonte é a memória dos que foram agregados, fazendeiros, lavradores, vaqueiros. É uma fonte densa, mas perigosa pelas suas próprias artimanhas; ela é mutante, flexível e, principalmente, interativa. Mas, num cenário que disponha de outras informações que possam balizá-la, é excelente material, desde que respeitadas suas limitações.

Nesta pesquisa sondei quase duas centenas de fontes orais, espalhadas na melhor harmonia possível por áreas e temas básicos da pesquisa: alto e baixo Jequitinhonha, alto e baixo Mucuri, Pampã, São Mateus, Sul da Bahia, fazenda, sítio, agrego, migração, índios, técnicas. Dos tantos depoentes potenciais selecionei em torno de cinquenta para investir em conversas prolongadas, repetidas, recontadas, às vezes gravadas, outras mantidas no confronto duro com documentos escritos e memórias alheias, vez em quando também deixando-as flutuar com liberdade, para colher não a memória, mas seu ambiente. Fui vendo assim quanta regularidade a lembrança carrega, seus nódulos, rupturas e até chaves de acesso a recordações e silêncios coletivos.

Optei por trabalhar mais profundamente com alguns depoimentos, justo aqueles que podiam ser emendados com outras fontes escritas ou físicas. Neles, procurei ainda fixar

alguns critérios, na medida do possível. Primeiro, a harmonia da distribuição espacial e temática. Segundo, a "representatividade", a medida que a história pessoal enfeixava muitas outras histórias, experiências e trajetórias que emendavam-se, e o entrevistado era mesmo indicado - ou, às vezes, recusado - pela comunidade em que vivia; era um guardador da boa ou má lembrança. Terceiro, a "maturidade", a firmeza da reflexão que as fontes apresentavam sobre um tema, as conclusões matutadas que abrangiam dimensão maior que somente uma vida.

A lembrança é um material difícil para ser usado como base para história. O recorte, ordenamento, relevância dos fatos dentro da narrativa buscam muitas vezes alcançar um determinado efeito. Não é nunca matéria fixa; sempre é moldável, varia com as situações vividas e, provocada pelo interlocutor, pode ser refeita, desconstruída daquela ordem que se apresentara em outra ocasião e reformada para alcançar noutro ouvinte outro efeito. Por isso lembrança tem uma qualidade diferente do documento escrito e apesar dos dois serem sujeitáveis à crítica, o material da memória é sutil na própria locução e seleção: não é estável como matéria impressa e imagem, que não são produzidos a partir de uma provocação; são menos plásticos e o pesquisador, portanto, menos cúmplice.

A plasticidade da memória e da narração dificultam o uso das lembranças como material de consulta, e suas dificuldades em pesquisa são pelo menos duas. Primeiro a memória não expõe uma "história pronta", mas outra, recortada pelo gosto e experiência do lembrador. Segundo, porque muitas vezes o recolhimento distorce sua produção, pois dependendo da maneira como se pesquisa, da provocação que é feita ao lembrador, as lembranças e fatos podem ser completamente diferentes. Influi nisso a noção de tempo do pesquisador, as referências de cultura e geografia, a direção que impõe ao diálogo.

Consciente, mas não necessariamente livre, dos problemas da memória oral, escolhi trabalhar com estas fontes "ancorando-as". De um lado, firmei-as na sua própria produção, consistência interna, ambiente gerador, trajetória pessoal. De outro lado, usei como esteio as outras fontes escritas e físicas que dialogavam com ela, caldeavam-se; assim produziram juntas uma terceira história que - necessário reconhecer - é muito mais rica, balanceada e crítica, é mais história, com todos meus tropeços (9).

Mesmo dispondo das fontes que permitam situar todos, ou quase todos, os envolvidos nessa história, ficou difícil reconstruir as relações entre eles, a valoração relativa que os atos, técnicas e acordos possuíam nessa sociedade. No caso do agrego, fazendeiros sempre o associam a respeito e amizade, mas os trabalhadores relacionam o mesmo agrego a fartura e segurança. "Fartura", no entanto, é um conceito raramente evidenciado na memória das pessoas cultas e afazendadas, e só aparece em ocasiões muito especiais de escassez. No entanto, é um conceito chave para entender toda a trama da terra, herança e técnica. Outro exemplo é migração, entendida como um ponto terminal do trabalhador, mas que não é interpretada assim por eles que a vêem como passagens, estágios que não liquidam nem a identidade de trabalhador, nem a identidade de pessoa da roça.

E outras são as dificuldades para situar, entender, analisar a natureza e as técnicas. Na história do Jequitinhonha e Mucuri elas têm uma presença marcante - como de resto em todas as regiões agrícolas - e devem ser compreendidas associadas aos homens. Podem ser quase que só entrevistas, fugidias, em rodapés de relatórios, notas de fazendas, citações

perdidas no meio da dezenas de outras, que acabam exigindo um apuro redobrado na leitura e nos ouvidos, para entender - por exemplo - que se queimava uma capoeira, não uma mata ou um campo, e juntar todos os pedaços para quase adivinhar o que isto podia significar e voltar atrás, remontando, encaixando as peças que formam o mosaico.

Nalguns textos é possível ver de que modo aparecia o meio e como era recusado - este é o conceito usado pelos lavradores do Jequitinhonha: significa saber extrair e usar recursos da natureza - por quais critérios de avaliação passava uma mata, de que maneira geraram-se as técnicas. Mas eles são poucos e incompletos porque ninguém gastou seu tempo em anotar aquilo que fazia diariamente ou o que repudiava culturalmente. As técnicas rurais em sua maioria foram adaptadas, pactuadas, negociadas com a natureza e as condições objetivas de realização da produção; mesmo assim, sabemos só muito superficialmente o que é técnica de populações do mato, como elas surgiram, se transmitem, se ajustam. Um exemplo nobre é o fogo: existe uma assombrosa variedade e utilidade de técnicas de queimada em roça e pasto. No entanto, não existe qualquer registro escrito sobre as técnicas brasileiras de fogo. Outro exemplo é a roça de toco, roça de coivara, a roça de mantimentos, roça de "três andares": pouco é falado sobre ela, além do seu lado predatório, apesar de exigir um conhecimento tão apurado do meio e dos recursos de trabalho que dificilmente a técnica agrônômica conseguiria refazer sua trama.

De todas as questões difíceis desta pesquisa, porém, a mais dura de enfrentar foi a capitalização. Ela costuma ser muito facilmente resolvida pelos sociólogos e economistas rurais: basta associá-la diretamente com mudança, urbanização e educação formal, enfim, modernização. A idéia de modernização agrícola difundiu em muitas disciplinas um sentido único de mudança: revolucionário, intransitivo e, sobretudo, hierarquizador; mistura, às vezes, tendência, lei, preconceito, política, casos pontuais (10).

Neste trabalho labuto com alguns determinantes gerais, que funcionam muito bem como explicação no atacado e no longo prazo: mercados, empregos, especulação, grilagem. Mas entender a capitalização associada a relações, técnicas e locais singulares, presa a pequenos acontecimentos cotidianos, a essas miudezas das vidas individuais, é muito mais difícil. Não há uma direção fatal e obrigatória nas mudanças rurais que destruam o camponês e capitalize a fazenda, nem balizas que possam ser percebidas separando claramente a capitalização dos eucaliptais afrontando os sítios familiares como tanta gente viu no Jequitinhonha, um capitalismo entrando e homogeneizando. Creditei a dúvida nas contas de E.P. Thompson: pode existir brutal diferença entre os dados globais, indicadores quantitativos, e as informações "literárias" - aqui orais e qualitativas - duma mesma situação. Os dois podem mostrar desacordo, não apontar necessariamente para a mesma intensidade e direção, e o ofício do historiador exige tratar a matéria com tento, pois tanto relevo tem a singeleza da vida diária quanto as determinações de mercado.

Situar o capital num cotidiano, refletir sobre suas implicações mais profundas, e principalmente, procurar ver como ele foi entendido, é um dos maiores desafios de pesquisa. A maior de todas as dificuldades, no entanto, não é apenas identificar as atitudes dos personagens mas, sim, resistir à tentação de aceitar uma solução fácil, macroeconômica, global, higiênica e rápida para aqueles dilemas que a pesquisa nos passa: capitalismo entrou, acabou o camponês, morreu o velho poder da fazenda, sumiram os rastros do agregado? O problema é determinar o que seria este "acabar", este fim dos sujeitos, porque quando é

rastreado seu começo ele deixa de aparecer na história como fotograma isolado, fragmento, e surge integral, ligado ao mundo (11).

A capitalização não resultou em homogeneidades mercantis, centralistas e racionais modernas. Pelo contrário, muitas racionalidades específicas e organizações sociais rurais não foram, no caso do Brasil, compreendidas na sociedade de mercado. Parcelas enormes da sociedade permanecem nos interstícios do mercado, mantendo relações de troca mas conservando também características específicas que não se ajustam na sociedade inclusiva. Embora nos anos 1980 e 1990 haja um domínio indiscutível da economia de mercado, ele não é homogeneizador o suficiente para regular o varejo do rural; continua havendo espaço para reprodução de formações não mercantis que podem se misturar ou não com a sociedade de mercado. São, afinal, autismos sociais e econômicos deste Brasil, que definitivamente não cabem nas macro-análises. A história nacional, o grande mercado, a grande política passaram e passam ao lado de sítios e fazendas que prosseguem imperturbáveis, nalguns casos. Ou penetram nesse grande mundo exatamente para refazer autonomia e autismo, caso dos camponeses do alto Jequitinhonha.

Diante dessas dificuldades de fontes, conceitos, mudanças e relações, optei por trabalhar com uma periodização que buscasse a origem e a trajetória dos diversos personagens. Às vezes repeti determinados períodos de outro ângulo, não para enfatizá-los, mas sempre procurando esclarecer trajetórias que não se tocavam. Desta maneira determinadas categorias atravessam situações históricas documentadas até o limite do documento. Fazendeiros, trabalhadores rurais e agregados e, finalmente, sitiantes e migrantes tiveram suas histórias rastreadas, interpretados seus laços e sua dinâmica própria.

A Parte I - História Discreta - é uma pesquisa sobre os impulsos básicos que levaram a população do alto Jequitinhonha a entrar na floresta do Mucuri e baixo Jequitinhonha, o que encontraram nela, como lidaram com a situação. A Parte II - Matas - é o estudo da sociedade que foi consolidando-se no Nordeste de Minas com a ocupação iniciada em meados do século XIX, distante de governo e comércio, transgressiva e móvel. Analisa as raízes do povoamento, a lógica da expansão e ocupação da terra que informa todas as partes restantes da pesquisa. Procura abarcar o século XIX e começos do XX, dar-lhes um estatuto apropriado para compreender o desenrolar restante da história local. A Parte III - Fazendas - trata da forma específica e autônoma de poder construída pelas fazendas, seus sistemas de produção e comércio. Abrange, com alguma liberdade, a primeira metade do século XX. A Parte IV - Trabalhos - procura rastrear a origem e as condições de deslocamento da população rural livre e pobre que andou por todo Nordeste de Minas, suas relações de mutualidade e técnicas produtivas; abrange, igualmente, a primeira metade do século XX. A Parte V - Desacertos - é um apanhado da mudança e, finalmente, a Parte VI - Desfechos - é um inventário da lembrança, das consequências do desaparecimento do agregado e da velha fazenda, da vida no sítio; as duas partes abrangem as décadas finais do século XX.

Esta história do Mucuri e Jequitinhonha resultou um painel impressionista da sociedade rural: agregados na mata, na fazenda e na estrada de São Paulo; fazendeiros na fronteira e na fazenda; sitiantes nas posses e nas grotas. As lacunas históricas aqui ficaram um pouco mais acentuadas, porque caímos num terrível buraco negro ao escapulir daquele

rigor "bibliográfico" usado para contar a história mineira, que produz um resultado "completo" calcado nos livros escritos, já que sempre se assume que as trajetórias integrais dos personagens estão de Xavier da Veiga a Roberto Martins. Aqui ficou saliente que alguns encontros relatados - padres com índios, fazendeiros com posseiros, negociantes com poaieiros - não são mais que o ocultamento e o silêncio de outros, que não testemunhamos: fazendeiros com padres, negociantes com posseiros, agregados com índios.

Por conta das limitações técnicas ficou de fora do estudo temas que, sem dúvida, seriam muito importantes para dar mais coerência às idéias que estão aí organizadas. O principal deles, certamente, é a Bahia. O problema foi o confronto entre a continuidade espacial e a continuidade documental. As fontes para a história do Sul e Sudoeste da Bahia, que são partes constitutivas fundamentais da história do Nordeste de Minas, não estavam disponíveis - ficam em Salvador, Ilhéus, Belmonte - e então a Bahia aparece neste trabalho como uma lembrança, e, mais geralmente, como uma saudade, porque entrou na pesquisa pela memória de migrante, expulso pela seca ou, mais provavelmente, pela terra. Certamente é a maior de todas as lacunas.

Devo esta tese à conjunção acidental de um livro e uma viagem. Em maio de 1992 lia Marc Bloch - *A história rural...* - quando fui convidado pela Comissão dos Atingidos por Barragem no Jequitinhonha para assessorá-la na preparação da negociação das terras e bens que seriam inundados. Isto nos levou a uma pesquisa de campo sobre usos de terra e mais recursos, família, herança e, juntando a isto o Bloch, acabamos investigando natureza, partição, paisagem, topografia, história familiar e comunitária, patrimônio, lavouras. Misturando isto, ambiente e história ganharam um súbito sentido novo; então a calha alta do Jequitinhonha ficou pequena para caber todas as indagações que se esparramavam para "mata" e "gerais" - Mucuri e Jequitinhonha de baixo - revelando uma continuidade espacial, histórica e humana que ficava cristalina quanto mais lidava com ela. Devo este tese, portanto, às lições de meio e agricultura dadas por Bloch e às lições de história e vida que fui recebendo de Antônio Martelo, José Antônio de Andrade, José Raimundo Barroso, Olímpio Soares, José do Socorro Martins e Jair Ribeiro.

Para fazer este estudo, comecei a viajar mais ou menos sistematicamente às zonas rurais do Jequitinhonha e Mucuri desde 1992, passando às vezes longos períodos em campo, em lugares muito diferentes, consultando arquivos, olhando lavouras ou escutando histórias. Andar e olhar forneceram ao trabalho uma perspectiva muito parecida com aquela do frei Samuel, herdeira da geografia: mata ou capão, vazante ou chapada, passaram a ter tanta importância na montagem desta trama quanto a origem da fonte de informação, cartório ou jornal, Censo ou lembrança.

Acabei, também, escutando tantas histórias que adquiri um pouco dos seus seustos, aprendidos dos narradores que me escolheram para ouvi-los, e aceitei, porque dentro do leque limitado de acontecimentos que compõem a vida, uma história contada por vontade própria não seria necessariamente pior que uma história encomendada pelo pesquisador, e um excepcional contador de histórias encontrado por sorte e acaso - como Zeca Figueiredo, José do Socorro, Geraldo Figueiredo, Zé Pedro e os outros - não iria contar um caso muito diferente do que outros contariam sobre aquele mesmo assunto. A sutileza, sempre, esteve em atentar no que aquela história se emendava, qual era o entorno da sua produção, por

que procurava um determinado efeito e trazia, justamente, aquela carga moral. Depois disso descoberto, elas se misturaram no roldão das palavras escritas, arquivos, relatórios, livros, fotografias; formaram corpo e desaguaram nesta história que se desprende do Jequitinhonha e do Mucuri. Existia já, antes de mim.

### Notas

- (1) Ver por exemplo os estudos de Maria Aparecida Morais Silva (sd, 1988) sobre trabalhadores migrantes, ver Moura (1988) e Medeiros Silva (1990). Principalmente ver os estudos e projetos de desenvolvimento regional feitos por órgãos públicos e artigos de jornais.
- (2) Praticamente todos os pesquisadores que trataram da história do século XIX mineiro observaram os vazios, as áreas e épocas desconhecidas pelos estudiosos. Sobre isto ver Iglésias (1958), em *Política econômica do governo provincial mineiro*, Norma de Góis Monteiro (1974), *Imigração e colonização em Minas Gerais*, vários números dos *Anais dos Encontros de Economia Mineira*, editados pelo CEDEPLAR/FACE/UFMG, Celso Furtado (1980) e Antônio Barros de Castro (1975).
- (3) Em boa parte das vezes os estudos confundem origens de povoamento e ecossistemas do vale do Jequitinhonha, de vez em quando misturando a zona antiga de Minas Novas com a zona nova, abaixo da barra do Araçuaí, e as duas com a zona do Serro, que muito pouco tem a ver com essa história toda, porque sempre foi ligada à Mata do Peçanha, que é alto rio Doce. Um bom exemplo desta imprecisão histórico-geográfica está em Moura (1988).
- (4) Esta sucessão parece ter sido inspirada em Saint-Hilaire (1975); os autores que a utilizaram foram Furtado (1985), Amaral (1988) e Moura (1988), entre outros.
- (5) O debate dos anos 1960/1970 está reproduzido em Linhares e Teixeira da Silva (1981), além de diversos outros autores. Um apanhado dessa discussão, posta noutras bases, está em Martins (1979).
- (6) Informações sobre Igreja Católica no final do século XIX estão em Wirth (1982) e em Moura e Almeida (1978). No entanto, a maior parte das informações apresentadas aqui devo à boa vontade do padre Antoniazzi, teólogo e pesquisador do tema. Sobre frei Samuel Tetteroo e sua trajetória pessoal, devo as informações a frei Helano van Koppen, principalmente, e às notas biográficas publicadas pelos franciscanos, mais Péricles dos Santos (1970), pesquisador de passagens da vida do frei, reproduzidas em sua excelente memória.
- (7) Sobre a literatura de final de século XIX ver Bosi (1978) e Bosi (1981); sobre as oposições entre regionalismo e urbanização ver Martins (1975).
- (8) Os magros dados sobre Godofredo Ferreira foram fornecidos por Bemvinda Ribeiro que chegou a conhecê-lo. Outras informações adicionais foram dadas por pesquisas em jornais locais, onde ele escrevia periodicamente. Apesar de ter escrito uma das melhores histórias do Mucuri, o livro de Ferreira é praticamente desconhecido e pouquíssimo citado pelos que pesquisaram depois dele. Ferreira era definitivamente, muito pouco acadêmico e um tanto modernista: contava casos de prostitutas, suicídios, homossexuais, brigas e massacres. Na pobreza da história que costuma ser cultivada pelas prefeituras, políticos e sábios bairristas, ele realmente teve todas as qualidades para cair no esquecimento. Ao que parece, na juventude frequentou, junto com seu amigo Carlos Campagnani, um anarquista morador do rio Santaninha, que fora o horror de Hollerbach - o primeiro e histórico pastor dos luteranos do Mucuri, que falava enojado do "social-democrata" da selva.

(9) Usei como referência para o trato com lembranças e fontes orais os trabalhos de Bosi (1979), Paul Thompson (1992), Benjamin (1986), Montenegro (1991), Woortmann (1992) e Wachtell (1976).

(10) O conceito de "moderno", atrelado ao seu par opositivo - o "tradicional" - tem algum poder resolutivo genérico: uma agricultura nacional "moderna" é relativamente fácil de ser explicada e compreendida. No entanto esta dualidade explicativa costuma apresentar muitos problemas se aplicados a estudos de caso. Ver, como exemplos, os estudos de Furtado (1986) e Medeiros Silva (1990) sobre o Jequitinhonha. Para ponderações e críticas aos limites dos conceitos de moderno e tradicional ver, entre outros, Martins (1975) e Wolf (1976); na historiografia ver Eisenberg (1977)

(11) A literatura que concentra sua análise na capitalização da produção do Jequitinhonha tem como expoentes maiores os citados Dimas Furtado (1985), Napoleão Medeiros Silva (1980) e Margarida Moura (1988).



Ivani Xavier, neta de Domingos Pacó, posando diante de uma antiga roça da família, em pousio. Foto de 1995, em Igreja Nova.

*Parte I      Histórias Discretas*

## Capítulo I As primeiras histórias

### I J. P. Freire de Moura, na selva

Em fins do século XVIII já estava reduzido o furor da produção mineral em quase toda Minas Gerais. No Jequitinhonha ela abriu uma longa frente de ocupação da terra no sentido da cabeceira para a barra do rio Araçuaí, trilha de povoamento guiada por "descobertos" de ouro e cursos de rios, que ia de São João Batista a Minas Novas, a Chapada, e, finalmente, a Água Suja e São Domingos - área da Vila do Bom Sucesso da Comarca do Serro-Frio, que falava Casal. Abaixo da foz do Araçuaí e além das chapadas que repartiam seu vale com o Mucuri, pelo leste, sul e norte, tudo era uma mata, a Mata Atlântica, que ia praticamente do Rio de Janeiro a Salvador, na Bahia, beliscada do interior pelo garimpo e bordejada no litoral por vilas pesqueiras.

A redução da produção não foi o fim da mineração nem do povoamento. Ouro e pedras continuaram gerando modestas receitas, pequenas fortunas, permanente movimento e constante ocupação. Quando apareceram os limites da extração superficial do ouro no alto Jequitinhonha a população adernou para as matas do Mucuri e baixo Jequitinhonha na busca continuada de lavras, mas não só delas. Por ter sido reduzido seu impulso, ou por ficarem mais explícitas as fontes de informação neste fim do século XVIII e começo do XIX, as lavras já foram aparecendo na documentação relacionadas às lavouras e preação de índios. São as três constâncias desse período.

Um exemplo dessa atividade mista está na carta que o vigário de Nossa Senhora da Conceição do Arraial de Água Suja de Minas Novas - depois chamado Berilo - escreveu ao Arcebispo da Bahia em 24 de fevereiro de 1794. Naquela época o baixo rio Jequitinhonha ainda era um mistério e o Mucuri não havia sido explorado, e, a rigor, descoberto: só era imaginado. Água Suja ficava fora da mata, à beira do rio Araçuaí, na zona de chapadas, campos e capões, a uma boa distância dos perigos da selva. Na carta o Padre Antônio José Pinho Salgado falava de índios que saíram da mata e chegaram a ele querendo conhecer a fé e o batismo: eram Macuni, Camaxó, Machacali, Capoxó, Malali e Panhame, todas nações pacíficas que fugiam dos ferozes Aimoré - ou "botocudos", como se dizia pejorativamente - procurando a proximidade dos colonos. Muitos deles, dizia o padre, já davam "*indicio de se humanarem*" e moraram por tempos com uns aventureiros que os levavam à mata em busca de metais preciosos (1).

O propósito do padre Salgado era a catequese; para isso pedia os correspondentes emolumentos ao bispo. Mas entendia que a cristianização era necessária porque esse povo já se houera com o trabalho, conhecia as pedras dessa mata encantada e aparecia como grupo pacífico, diferentes dos Aimoré. Pacíficos, além de submissos, rentáveis, cordatos: esses índios podiam ser "*civilizados*" ou "*capacitados*", isto é postos sem paga no serviço

alheio. Eles tornaram-se a força de trabalho de tripla utilidade - por fazer a lavoura dos colonos, ensinar-lhes o caminho das pedras, ajudá-los na guerra aos Aimoré que odiavam e temiam - que deu suporte a todas as entradas feitas na mata.

Lavras, pedras e índios no baixo Jequitinhonha e Mucuri eram o assunto dos colonos e apareceram com extraordinária frequência em documentos, consultas, petições, cartas e relatórios datados dos fins do século XVIII até meados do século XIX. Misteriosamente, esses temas ficaram ausentes de quase todos os estudos feitos sobre o Nordeste de Minas Gerais, e acredita-se geralmente que foi um período de grande paradeira (2). Mas, não é possível encontrar estagnação nos documentos da época: pelo contrário eles descrevem iniciativas arrojadas, projetos de novas lavouras, "civilização" e "proteção" aos índios, lavras, abertura de matas. Foram às dezenas essas aventuras e aventureiros, e de todos talvez o mais famoso tenha sido José Pereira Freire de Moura, não tanto pelo sucesso invulgar na empreitada, mas principalmente pelo zelo nas relações que manteve com os governos, pela qualidade dos documentos que deixou e por se estabelecer precisamente no miolo da rota de expansão da fronteira agrícola, Jequitinhonha abaixo.

Ele havia sido participante ou simpatizante da Inconfidência Mineira - fora dono da famosa casa que, dizem, Tiradentes pousara em Minas Novas quando preparava a revolta - era formado pela Universidade de Coimbra, e, de acordo com frei Olavo Timmers, tinha boas relações com os poetas revoltosos. Com o fracasso, fugiu: duas léguas acima da barra do rio Araçuaí, na beira do Jequitinhonha, abriu a fazenda de Tocoíós. Ficou isolado até que seu também amigo Bernardo José de Lorena passou a governar a capitania, em 1797. Recebeu então discreta anistia e nomeação de Capitão-mor para colonizar o rio e aldear os índios. Ele rebatizou Tocoíós: "Lorena de Tocoíós" e ergueu uma capela para invocação de São Bernardo. Protegido por santos e mandantes, construiu casas, distribuiu lotes às famílias chegantes, aldeou índios e levou à frente algumas expedições. Mantinha em torno de si muitos filhos, parentes e um número grande de dependentes e agregados: uma família, como então se entendia (3).

Moura deixou para a posteridade dois documentos públicos: um relatório sobre índios e uma petição ao governo. Além disso, várias narrativas de viajantes e documentos oficiais referem-se a ele. No relatório descreve costumes e acontecimentos daquela Lorena, e circunstancia a viagem que um seu subordinado, Manuel Luis de Magalhães, então cabo da guarda dos Tocoíós, fizera Jequitinhonha abaixo em 1798 para montar uma forja de ferro, fazer lavoura de milho numa ilha entre serras e se encontrar com índios; nessa viagem uma tribo brava se chegara ao chefe "português" na Ilha-do-Pão. Fora um contato proveitoso porque conseguira, dizia Moura, acostumar índios com Tocoíós e seu sistema. É um relato feito para esclarecer o governo sobre o ritmo do aldeamento. Nessa época ele já mantinha junto a si, sob seu mando, muitas tribos, ocupadas em lavouras e catas, "civilizando-se" como então se entendia.

O outro documento é uma carta que dirigiu ao Conde de Linhares em 1810. O tom já é bem outro: diz que encontrara entre os papéis de seu pai um roteiro feito por "antigos paulistas" que parecia digno de atenção, pois revelava o caminho para chegar a uma certa "Lagoa Dourada", uma mina de ouro. Resolvera fazer a entrada, que não liderava por padecer de enfermidades. Formara a tropa, dera o comando a seu filho, mas alguns dos sujeitos que "havia concertado se viram presos". Por isso sugere na carta uma barganha: o

governo liberaria seus companheiros e forneceria munições de *"arma e de boca"*; em troca, ele cederia todos os diamantes encontrados, ficando apenas com o ouro.

É um documento sutil. O roteiro dos "paulistas" é bastante vago, poderia ser qualquer lugar nas selvas do Jequitinhonha, Mucuri, Pampã, Jucuruçu; é confuso seu rumo, e seguramente ninguém encontraria menos de dez vezes aquele acidente principal: descendo o Jequitinhonha o lugar se marcava por *"uma grande tromba de serra que embeíça no mesmo rio"*. Embora faltasse clareza à carta de Moura, sobravam sugestões veladas. O ouro era um recurso de argumentação, base para reclamar da proibição das lavras, numa época que a Real Extração endurecera seu ânimo fiscal; era meio de lembrar ao governo seus antigos serviços prestados e pedir para retirar da cadeia garimpeiros clandestinos, agregados seus. Seu objetivo era criticar implicitamente o Intendente dos Diamantes que dera ordens de prisão ao seu pessoal, e ele queria manter seu povo numa liberal faiscagem, afirmar autoridade em seus domínios, porque sua *"Lagoa Dourada"* era mesmo ali. Moura queria as lavras, índios, agregados e lavouras fora de fiscalização, e lamentava pouco discretamente a remoção de Bernardo de Lorena, chefe que respeitava chefes (4).

As lavras e os índios que animavam o chefe Moura, motivaram muitos outros aventureiros no século XIX. Ele foi só o mais famoso. O declínio da produção mineral não significou automática redução do interesse nas lavras, de entradas na mata, de chegada de população e certamente também não de contrabando. Nessa época a produção se tornara uma sombra do que fora, mas continuaram as atividades na zona velha e os esforços para entrar na zona nova, Jequitinhonha abaixo e Mucuri adentro, conforme mostraram tantos viajantes, memorialistas e relatórios, que deram notícia desse serviço estacional de cata, de abundância duvidosa mas de serena constância.

Foram principalmente os viajantes, percorrendo uma área que incendiara as imaginações e desfrutara de fama mundial pela colossal produção, que encontraram o sinal do declínio em tudo que não era fausto. Os historiadores depois associaram o declínio à extinção das lavras e dispersão populacional, o que não foi cronológica nem economicamente exato. A dispersão populacional que houve foi motivada por lavras novas, não apenas por esgotamento das velhas. As referências aos veios, bamburros, lavras e catas ricas nunca estiveram ausentes dessa história toda, e o certo mesmo é que eles serviram mais para um sustento cotidiano que para gerar fabulosas riquezas.

Entre o durante e o depois do apogeu da mineração houve continuidades e rupturas. As rupturas são a presença fiscal mais tímida de governo, o ritmo declinante dos descobertos e da produção. E as continuidades estão na busca permanente de novas lavras, no constante movimento de gente, por toda a fronteira da mata. Não em fuga da mineração, como se pensa. Mas buscando lavras, fartas lavouras e índios para serem preados; tudo que as terras pioneiras do vale do Araçuaí, esgotadas para minas e plantios, não podiam mais fornecer. Fundamental para animar esse povoamento foi o incentivo de governo que a partir de 1808 anistiou dívidas, liberou por dez anos os impostos, estipulou o serviço gratuito dos índios *"ferozes"* por dez ou mais anos e cedeu sesmarias aos colonos que se estabelecessem na zona de carrascos e matas do Jequitinhonha e Mucuri. Poucos autores deram ênfase a este aspecto, com a exceção de Geralda Soares, muito embora aos viajantes e relatórios de época fosse claro que aqueles estímulos estavam induzindo ao

povoamento. O incentivo fiscal e fundiário, mais os ganhos de preação e lavouras, promoveram a corrida rio abaixo e mata adentro que deslumbrou Pohl e Saint Hilaire. Minério e preação indígena foram constantes até quase começo do século XX (5).

Como Moura - chefe de grupo, minerador, plantador, patrão de índios - existiram muitos entre os fins do século XVIII e o final do século XIX. Eles deixaram rastros na fronteira por seus desmandos sempre motivados pelas mesmas pedras, mesmas roças e mesmos índios. Sempre, por vias mais tortuosas ou diretas, o propósito era dominar uma terra produtora de pedras e mantimentos, mobilizar e proteger seu povo, "educar", "reduzir" e dar serviço aos índios.

Silvério José da Costa se manifestara em 1834 ao Presidente de Província: estabelecido nas cabeceiras do Rio Setúbal, no Alto dos Bois, falava da riqueza do Rio Preto, sua sanidade, e os problemas que os índios causavam aos aventureiros por impedirem a extração de ouro e pedras. O prussiano Moretzson, morador ou passageiro em Vila Rica, em 1837 desejava formar uma colônia de prussianos, polacos e alemães, desde que vencidos os impedimentos dos índios, fornecidas isenções, guarda, subsídios e garantia dos descobertos nas Americanas, ou Marambaia, pois suspeitava - com razão como veio a se saber depois - haver lá muitas pedras preciosas. Hermenegildo Almeida, tenente baiano, em 1846, foi Mucuri acima numa expedição de "civilização" de índios e registrou cada passo da viagem: subiu um rio Topázio e encontrou "*vestígios que denunciavam encerrar em si pedras preciosas*"; pernoitou num lugar "*defronte do qual é o terreno pedregoso, e se vêem as pedras crivadas de pequenas outras brilhantes, e talvez que mesmo nelas se encerrem, algumas bem preciosas*"; em Santa Clara esgotou caldeirões e encontrou pedrinhas ordinárias, "*porém segundo o vigário que nos acompanhou, e que é filho de Minas, indicadoras de outras de subido valor.*" Seu relatório para a Marinha é recheado dessas informações, desinteressadas, com o são muitos outros escritos de fiscais, militares, fazendeiros, aventureiros. Esses relatos eram mirabolantes, esperançosos, desnorteados e, invariavelmente, frustrados, porque os casos de sucesso não necessitavam registro escrito: pelo contrário (6).

Lúcido nessa história toda foi Guido Marlière. Este oficial francês do exército brasileiro sempre se referiu com poucos elogios aos empreendimentos de entrada na mata. Em 1827 quando o governo provincial pedira informações sobre a morte de um certo João Rego pelos índios, Marlière contava que eles haviam respondido à agressão feita pelo colono. Mas acrescentava que a experiência já o ensinara que aos colonos interessavam índios e pedras preciosas, e, "*todas as Capas, e sobre-Capas com que disfarçam o seu intento, sempre se guiam às Americanas.*"

[Marlière, 1907: 524]

Marlière, a essa altura da sua declinante carreira, tinha poucas ilusões a respeito da natureza humana em geral. Ele sabia que exigiam de suas tropas - duramente criadas, treinadas e mantidas em variável disciplina - apenas que garantissem a retaguarda para as entradas de preação, lavoura e lavra. De todos os envolvidos nessa história, ele foi o mais explícito e desiludido, e não sem razão, pois vira os dias e as petições se seguirem e seu projeto civilizador fracassar, bloqueado por um Estado avaro, por ambições particulares desmedidas e por uma mata sem fim (7).

Os viajantes também perceberam a febre das pedras e índios: Pohl fala das "*pedras coradas de Americanas*", lugar assombrado pelos índios. Spix e Martius, viajantes entediados, referiram-se à majestade da "*Lagoa Encantada*", situada perto do Jequitinhonha, no lugar chamado Americanas pelos portugueses e Marambaia, pelos índios. Lindley, viajante de orelhada, colocou muita majestade na riqueza da terra do alto Jequitinhonha, de sorte que todos os viajantes constataram também as pequenas tiradas, a ocupação reduzida mas constante na velha zona pioneira do Araçuaí, uma atividade complementar, uma mexida da seca. Mesmo a lavoura do algodão, que ocupava toda a vazante do Araçuaí, da Água Suja ao Calhau, era tocada junto às catas, lavras, entradas e preações. Saint-Hilaire, o mais detalhista de todos os viajantes, conta que eram extraídas águas-marinhas, crisólitas, topázios e diamantes, em muitos lugares - inclusive nos algodoais - mas principalmente nessas Americanas. Na sua narrativa de viagem esses casos são constantes: no Calhau, Piauí, Água Suja - de águas turvadas pelas lavagens de Chapada - e em São Domingos; lá, afinal encontrara Moura já em avançada idade, obcecado por pedrarias. A mineração no século XIX não era um episódio liquidado, embora fosse gerador de modestas rendas. Mas, enquanto a pedraria era o produto das aventuras, o índio era o trabalho conquistável, redutível, consumível: cotidiano. Como o minério, o índio reduzido também fora proibido ou liberado, mas com sanções e normas os colonos pouco se importavam, para desespero de Marlière e de todos agentes sérios dos índios. Apesar de quase sempre clandestino, o serviço indígena era utilizado nas lavouras, e os minerais eram objeto de um silencioso tráfico que unia o Jequitinhonha ao Pardo, à Bahia, ao mundo (8).

A descoberta do Jequitinhonha de baixo e Mucuri, povoamento, tráfico das canoas e colonos, estão associados a esses comércios. Foi graças aos negócios turvos que, em começos do século XIX, abriu-se a tímida navegação do Jequitinhonha - que até então se acreditava formado por dois rios unidos no Salto para formar o rio Grande de Belmonte - e teve início então esse roteiro que fez a delícia de todos os viajantes: descer o rio de canoa, encontrar seus índios, ganhar de presente um pequeno "botocudo". Pohl guardou a lembrança do seu índio caprichoso e comilão que só deu problemas; essa mesma viagem de Saint-Hilaire, Hartt, Mawe, Wied, que construíram a história das canoas, povoam o imaginário do baixo Jequitinhonha e tem todo seu desconhecido começo ligado às entradas aventureiras.

As matas - seus mistérios de preação, lavra e lavoura - explicam o povoamento do baixo Jequitinhonha e Mucuri. Os três explicam as descidas; porém, deixaram nas duas zonas novas marcas diferentes. No Mucuri o fluxo constante e aventureiro da entrada ocorrida na segunda metade do século XIX deixou pegadas únicas que podem ser seguidas. No baixo Jequitinhonha, de Araçuaí para baixo, o rastro da população pioneira sumiu, porque no final do século XIX foi apagado pelas alpercatas dos baianos que fugiam da "seca do noventinha" e sua antiguidade foi sepultada pela fazenda de gado.

Depois a crônica incorporou o pitoresco e desprezou sua origem, e então sumiram de vista os motivos daquelas entradas. Ficou essa memória galante do baixo Jequitinhonha, do rio e da canoa, canoeiro Machacali, comida cozida na areia da proa, banquetes nas praias, cantigas beira-mar, canoeiros com calos no peito, selva deslumbrante, pousos românticos no Farrancho, do aventureiro Julião Fernandes que foi para São Miguel

"civilizar" os índios e reprimir os contrabandos de pedras; histórias das valentias de navegantes, das canoas de boi que transportavam os ricaços; canoa tripulada por três homens, com carga completa de cem arrobas, feita de um tronco maciço de ipê, rota de constante comércio com a Bahia. Daí também começou a história do Mucuri, com os colonos da borda da mata pressionando a selva em Alto dos Bois, Setubinha, Trindade ou Jaguaritira, procurando modo de entrar na terra nova farta de lavras, índios e mantimentos, sempre mais necessária quanto maior era a população e sua fome; quanto mais andeja era sua roça (9).

## 2 *Mucuri & Companhia*

A história do rio Mucuri é contada como uma aventura na selva bruta, ocupada do litoral para o interior. Em *A cidade que eu ganhei* o cronista Gonzaga de Carvalho faz uma síntese da história oficial, a versão lírica da memória local. Lembra combates, façanhas, conquistas, miscigenação, como se conta, teria ocorrido - com a chegada dos alemães, que conquistam terras e índios - sob o comando de Teófilo Benedito Ottoni, o fundador da Companhia da Mucuri, o "Pogirun" dos índios.

Epopéia certamente foi: principalmente para os índios que sofreram as entradas. Mas em Gonzaga de Carvalho e quase todos os outros cronistas do Mucuri, o rumo da entrada está invertido e equivocada a origem do colono (10). A colonização do Mucuri não foi uma caminhada do mar para a mata, entrada de comércio e imigrantes rio acima: foi principalmente expansão de povoamento do alto Jequitinhonha para o mar, procura errática de lavras, índios e boas terras de lavouras. Movido pela busca de riqueza e força da pressão demográfica, o povoamento marchou na direção da barra dos dois rios. O baixo Jequitinhonha era sadio, e navegável até a altura da barra do rio Araçuai. Por isto foi colonizado primeiro, e menos dramaticamente, que o Mucuri.

Poucos viajantes do começo do século XIX faziam idéia das dimensões do Mucuri. Sabiam alguma coisa do rio Doce, que acreditavam ser o grande rio paralelo ao Jequitinhonha. Embora a cabeceira do Mucuri estivesse a poucas léguas do Alto dos Bois, na contra vertente do Setúbal e à margem da então estrada real, sua extensão permaneceu ignorada por muitos anos: prova do domínio que os índios impunham nas matas (11).

O explorador Bento Lourenço Vaz saiu em 1815 de Minas Novas, entrou pela mata acreditando descer o rio São Mateus e chegou a Porto Alegre, barra do Mucuri. Lá encontrou Wied e foi à Corte receber títulos, prêmios e honrarias. Daí começou a história de implantação de colônias na barra e dezenas de experiências frustradas de avançar rio acima. O Conde da Barca tentou abrir terrenos abaixo da cachoeira de Santa Clara e estradas para Minas Novas e Serro; a chamada Colônia Leopoldina produzia café perto do mar de Caravelas, tocada por suíços, alemães e franceses "*com auxílio de alguns escravos*". Essa mata seduziu todos os autores românticos de começos do século, mas foram suas riquezas que atraíram os aventureiros, que realmente a enfrentaram (12).

Desde os anos 1700 havia aventuras de entrada na mata. Mas só pelos anos 1840, depois da viagem de Pedro Victor Renault - engenheiro e explorador francês residente em Minas Gerais - o rio ganhou em definitivo a fama de Eldorado. O governo provincial desejava instalar um degredo no Mucuri, nomeou Renault para o comendo e solicitou aos cidadãos uma subscrição para custear a aventura. Desse modo organizou-se a antológica exploração de Renault, que repercutiu tanto na época e nas décadas seguintes. Quando finalmente o seu relato foi publicado, em 1903, já era um clássico, tanto pelo trajeto como pelas invenções e consequências (13).

Eram muitos os pioneiros que já estavam nas bordas e outros bem afundados na selva. Mas Renault ultrapassou a todos, para ver uma mata servida de muita queda d'água, com abundância de poaia, quina, sassafrás, noz-moscada, canela-da-índia, índios de 150 anos. Principalmente no Mucuri *"pintam ouro e crisólita, assim como em todos os outros córregos"*. Entre Mucuri e Todos-os-Santos encontrou uma *"savana alta, muito abundante de pastos e barreiros, tão próprio para cultura como para criação de gado"*.

[Renault, 1903: 1084]

Ele achou sinais de minério por todos os lados, índios disponíveis, solos ubérrimos, rios maravilhosos, paisagens formosíssimas. Ele e sua equipe desceram a mata do Mucuri em busca do degredo e encontraram um rio fabuloso. Tudo isso era perturbado apenas pelos índios ferozes que bloqueavam a ocupação maciça do lugar (14).

Renault fez sua viagem de sonhos: louvou a excelente barra do Mucuri, a fundura, lugar sem febres nem sezões, navegável desde o Rio das Americanas, rico em especiarias, fertilidade e minérios. Registrou no seu relatório uma absurda idéia de distâncias, espantosas confusões de geografia e vegetação, mas, excetuados os ataques de índios, tudo correria às mil maravilhas. Este era o único problema, dizia: catequizados estes, *"estarão francas aos empreendedores as riquezas existentes no rio das Americanas."*

[Renault, 1903: 1090]

Frei Olavo Timmers, que era muito pouco tolerante com a imprecisão, disse que essa narrativa era *"fantasiosa"*. Mas o relatório de Renault semeou entre governo, aventureiros e elites uma pergunta de óbvia resposta: era possível deixar tal paraíso entregue ao descuido de "selvagens"?

Poucos anos depois dessa viagem, o tenente baiano Hermenegildo de Almeida subiu o Mucuri, navegando no sentido contrário ao de Renault. Boa parte de sua tropa sofreu de horríveis sezões, encontrou espantosa fartura de alimentos, sinais de pedrarias e índios afetuosos. Mas o rio, afirmou, nunca seria navegável além de poucas léguas da barra. Sua narrativa nada teve de idílica. Pelo contrário, Almeida não vislumbrara um Eldorado naquele rio: era um lugar difícil e seus soldados revoltaram-se no duro das circunstâncias.

Entre as fantasias do engenheiro francês e a ponderação do oficial baiano, Teófilo Benedito Ottoni escolheu o primeiro, e não é muito difícil entender a razão. Renault desenhara um paraíso na floresta, acessível àqueles corajosos que afrontassem os índios. Ottoni acreditava - corretamente, como depois a história veio dar-lhe razão - que os índios não seriam problema desde que recebessem um trato convenientemente respeitoso; e não se interessara, a princípio, pelas terras de Mucuri em si mesmas, mas sim pelo rio como via de escoamento e pelo vale como servidão para outros, que não ele. Acrescentando a isto a natureza romântica de Ottoni, por tudo confinante com as fantasias bucólicas, heróicas e

aventureiras de Renault, poderemos entender porque ele optou pelo francês e deixou cair no esquecimento as sábias considerações do baiano, com resultados tão desastrosos para si mesmo. Ottoni atendeu aos argumentos do explorador que realmente desejava ouvir.

Teófilo Benedito Ottoni - que fora rebelde, empresário de sucesso no ramo atacadista e destacado político liberal - preferiu ver naquelas selvas sonho e Eldorado. Seu interesse, conforme dizia em 1847 nas *Condições para incorporação de uma Companhia...*, era o transporte. O projeto nasceu de uma lógica expansivista diferente dos interesses que até então haviam movido outros empreendedores para a mata. De acordo com ele haveria muito mais racionalidade no transporte fluir do interior de Minas Gerais ao mar passando pelo Mucuri que no caminho pelas serras para o Rio de Janeiro. Na ocupação das terras os mineiros apinharam-se nas cordilheiras centrais e os índios ocuparam a faixa da costa. Quando os colonos quiseram abrir a mata até o mar, fazer agricultura em terra nova, deram com os índios embaraçando. Como as estradas de saída eram longas, não exportavam: somente ouro e pedras, além da criação de gado, podiam ser as suas riquezas. Ele acreditava que os habitantes do interior de Minas fariam fortuna na agricultura, como quase chegaram a fazer com o algodão em São Domingos. Tornando o Mucuri regularmente navegado, o Rio de Janeiro seria alcançado em 3 dias; a fertilidade da terra se incumbiria de trazer novos povoadores, e então, Minas Novas e o "sertão", tendo condições de escoar seus produtos, seriam os lugares mais florescentes de Minas.

Ottoni elaborou um perfeito projeto de desenvolvimento regional para o Nordeste de Minas Gerais, conforme viria a se tornar moda um século depois: as mesmas aparentes facilidades, mesma crença na pletórica riqueza oculta e - como também foi moda depois - o mesmo retumbante fracasso. Partira de uma suposta demanda reprimida, de potencialidades solváveis com uma pequena alavancagem que desencadeia o processo e foge ao controle dos homens. No caso faltava a navegação, alavanca para o desencadeamento de tudo.

Ele teve sensibilidade para perceber os destinos do movimento migratório resultante da tensão criada por lavra e lavoura na busca de terra, conforme notava-se nos relatos e documentos da época. Toda sua exposição de motivos foi baseada neles. Mas isso ficou despercebido para muitos historiadores, que cometeram o equívoco de creditar ao empresário o movimento de população importada para o Mucuri, e não entenderam, como todos os relatórios demonstram, que seu interesse pelo rio justificava-se exatamente por haver uma população na borda e na franja da mata que já entrara por sua própria conta até o lugar que suas forças permitiam. Seu visionarismo, portanto, não estava no ser pioneiro mas em estimular pioneiros, dar o decisivo impulso para que as forças que pressionavam a mata se tornassem um regular e rentável comércio.

Nessas áreas de lavoura nova Ottoni - em suas *Condições...* - dizia haver uma estupenda produtividade. Acreditava que a agricultura faria a riqueza do lugar e não a mineração (15). Seu objetivo era estabelecer um contato regular entre Minas e o mar da Bahia, partindo do alto Jequitinhonha. Calculava que as 100 mil pessoas que moravam nas comarcas de Serro e Jequitinhonha consumiam mais de 80.000 alqueires de sal por ano - um cálculo mais que otimista do empresário, pois dava média de 132 gramas por pessoa/dia, três vezes mais que o consumo alto de um boi em engorda - mais uma importação vultosa de tecidos, ferragens, louças e outros bens de consumo correntes. Dada essa importação potencial, calculava o ganho com fretes em 200 contos anuais, excetuando

as exportações que poderiam ser feitas. Investindo 1.200 contos no projeto, faria excelente negócio.

A via de Ottoni era o rio: a partir do relatório de Renault supunha um grande trecho navegável, até o Todos-os-Santos; acreditava que o Mucuri se encontrava com o rio Peruípe, no canal de Caravelas, ao Norte, e com os rios Itaúnas e São Mateus, ao Sul. Desse modo seria possível fazer navegação no interior e na costa, integrar vasta zona, com pouco trabalho e despesa. Na sua primeira sondagem, em 1847, confirmou essa perspectiva otimista.

Ottoni preferia o Mucuri ao Doce e Jequitinhonha porque acreditava na sanidade do rio e proteção da sua barra; supunha ser livre a navegação e estreita a tira entre o mar e a fronteira de ocupação; confiava na espantosa fertilidade e na facilidade em estabelecer um bom convívio com os índios, e, sobretudo, apostava no vazio que poderia preencher com uma correta alocação de capital. Acreditando nisso tudo, propôs as condições para incorporação da Companhia e fez um contrato com o governo. Desde então abandonou a política para afundar nas selvas (16).

Na década de 1850 a fronteira de ocupação avançava firme e espontaneamente pela mata, do Jequitinhonha para o Mucuri: estava na altura de Trindade, nas cabeceiras do Fanado, Setúbal e Gravatá; os afoitos haviam passado do Alto-dos-Bois, as mais altas águas do Mucuri. Ottoni vanguardou o sentido da ocupação, colocando a Companhia além-fronteira. Plantou a sua Filadélfia - que viria a ser a cidade de Teófilo Otoni - distante mais ou menos 120 quilômetros das áreas povoadas. Esse ponto avançado em relação às cidades e vilas do Jequitinhonha e do Alto Rio Doce, atraía moradores para mata adentro. No Relatório de 1859 Ottoni falava em 5.000 habitantes dentro da mata; quando saiu, em 1860, já havia posseamento na zona de Poté e os caminhos para Minas Novas, Calhau e Peçanha estavam tomados de ocupantes. A empresa de Ottoni atraiu para a mata uma frente pioneira sólida, num longo corredor leste-oeste na extensão de todo o Mucuri (17).

Desde quando a Companhia começou a estabelecer-se por volta de 1851, sofreu uma série de golpes muito duros. Primeiro o rio não era navegável: raso demais, um vapor pequeno poderia transitar no tempo das cheias, com sacrifício, até a cachoeira de Santa Clara; daí para a frente além de raso era encachoeirado. A opção, frente às dificuldades, foi tentar o transporte por estrada, em carroças, carros de boi ou lombo de burro. Em vez de navegar 240 quilômetros e rodar 180, do mar a Minas Novas, as cargas navegariam 120 e rodariam 300 quilômetros.

Segundo: fazer uma estrada de 300 quilômetros na selva, ligando Santa Clara a Minas Novas, num país que nunca antes construía qualquer rodovia, mostrou ser uma tarefa difícil. Ao fim de 6 anos de serviço, com o trabalho de 100 escravos e 100 chineses moídos na pancada, a rodovia chegou a Filadélfia, um pobre carreiro na mata ligava este povoado a Minas Novas. Implantar o arraial no meio da selva - a vila, de nome pomposo e traçado retilíneo, foi inaugurada em 1857, com a entrada triunfal de carros puxados por bestas, missa solene, poesias de encomenda e casamentos - ligado ao mar por uma estrada e 120 quilômetros de navegação fluvial e unido a Minas Novas por uma picada apenas transitável, foi o mais perto que a Companhia conseguiu chegar dos planos iniciais de Ottoni. O empreendimento jamais deu um tostão de retorno aos seus esperançosos

dirigentes. Custou, no entanto, um horror de sacrifícios, dinheiro, mortes e críticas; sua construção e a manutenção de Filadélfia foram um colossal enfrentamento com a mata.

Terceiro, o movimento de comércio, que Ottoni esperava animar estrada e navios, nunca chegou. De um lado, o trecho de rodagem entre Santa Clara e a Colônia de Urucu era um cemitério de mulas, com tremedais vorazes, doenças mortais e falta completa de pastos. Quando, em 1859, Ottoni vira o tamanho dos prejuízos que acumulava naquela tentativa de transporte, arrendara rodovia e mulas para empreiteiros que faziam o serviço. Seus preços de alqueire de sal naqueles 120 quilômetros passavam de 1\$500 em Santa Clara, para 2\$000 em Ribeirão das Pedras ( 36 quilômetros ) e saltavam para 5\$000 em Filadélfia: os 120 quilômetros aumentavam 3 vezes o preço, engolindo todas as vantagens comparativas do caminho novo. De outro lado, nos melhores momentos da Companhia o único bem que os mineiros aceitaram importar regularmente foi o sal, e nada tinham para exportar. Ottoni cometera no seu projeto um engano de avaliação: superestimara absurdamente volume e roteiro dos negócios correntes no Jequitinhonha e São Francisco, e por isto ganhou fama o piano de cauda alemão que Antônio Joaquim César, de Itamarandiba, importou pela estrada do Mucuri. Foi o único uso nobre daquela via, que serviu para exibir o talento desse político, ampliar a glória da vila e dar fim às suas modestas finanças pessoais.

Assim, então, Teófilo Benedito Ottoni viu ao final dos anos 1850 que havia enfiado sua fortuna de 300 contos de réis mais o patrimônio da sua família, num péssimo negócio, de retorno impossível, que nunca parava de sorver dinheiro. Ele consolava-se com pequenas vitórias sobre a mata: um contato feliz com uma tribo, uma possibilidade nova de negócio, um potencial descoberto nas lavouras. Seus relatórios finais são mostras de esperanças dilaceradas e tentativas dispersas de dar prumo à empresa. No correr do tempo foi retalhando os objetivos iniciais, abrindo um leque sempre mais amplo e oneroso de atividades que consumiam seus últimos recursos, ânimos e saúde. Tentou muitos meios para evitar a falência da empresa: serraria, exportação, acordos, e por fim aquilo que veio fazer a fama do Mucuri: imigrantes (18).

Colonizar as terras do Mucuri com europeus não fazia parte dos projetos iniciais de Ottoni. Ele aderiu à proposta imigrantista - uma experiência de época no processo de povoamento e substituição do trabalho escravo - meio contrafeito, mas acabou se agarrando a ela como salvação para gerar rendas. A estrada eternizara seu encerramento, o comércio não exibira a pujança esperada, a enchente levou a serraria: resolvera explorar a colonização para que os europeus comprassem terra e capitalizassem de algum modo a empresa. Ottoni imaginara, então, os imigrantes chegando com a despesa da viagem paga pelo governo, comprando aquelas terras que a Companhia recebera nas margens do rio e se tornaram um imenso encalhe. Exigia um europeu de recursos, a quem forneceria algum apoio pelo tempo de uma safra, e venderia lotes de terras em pagamentos parcelados.

Sofreu um baque quando apareceram algumas centenas de imigrantes, a maior parte completamente ignorante de lavouras, sem nada de seu além da filharada faminta, e - pior - viajando por conta da Companhia. Os agentes contratadores levaram para o Mucuri famílias camponesas excedentes da Europa, mas também "*comediantes, ex-soldados e marafonas, com todas as suas patentes*"; esta impropriedade foi apontada por alguns

autores como razão para o fracasso. Embora isso não seja totalmente verdadeiro, os europeus ilíquidos foram fatais à Companhia que já não ia bem.

Os colonos estrangeiros trouxeram à empresa muitos dissabores: entre outras razões porque Ottoni deixou de ser a voz única do Mucuri. Junto deles veio uma atenção nacional e internacional, mais uma série de reivindicações específicas: entre outras de um grupo que revoltou-se contra a empresa, fundou a "Freguesia Jacinta", autônoma, exigiu juiz de paz próprio, empréstimos, recursos para fundo de auxílio mútuo, professor, pastor, parteira e as leis do Império em alemão; exigiu saber o tamanho da dívida, e que a empresa lhes comprasse as safras. Ottoni, que não morria de amores por europeus, e por europeus revoltosos menos ainda, desqualificou as exigências apresentadas e eles tiveram de ir a pé à Corte, apresentá-las ao governo.

Mas a história não foi muito além daí: no começo de 1859 uma seca pegou a empresa e os imigrantes desprevenidos e endividados; uma sezaõ grassou em toda a parte baixa do rio matando europeus às quantidades. Para mal dos pecados, subiu o rio - vendo aquele desastre todo - um aventureiro alemão de péssimas intenções, Robert Avé-Lallemant, que lotou um navio de guerra com doentes e moribundos e desembarcou-os no centro do Rio de Janeiro, expondo à Corte, imprensa e mundo o que era o Mucuri. Essa e algumas outras razões políticas derrubaram a empresa. O nome de Ottoni e de sua Companhia foram para a lama, a Câmara cortou seus créditos e privilégios, e a fama do Mucuri serviu durante muitos anos para assustar menino arteiro na Alemanha.

### *3. Inventário dos insucessos*

Durante seu breve esplendor nos anos 1850 a Companhia foi a principal animação do Mucuri. Mas a alma da Companhia era Teófilo Benedito Ottoni, um personagem complexo. Liberal e romântico, empresário e etnógrafo, polemista feroz e suplicador renitente, foi o mais brilhante e melhor documentado de todos os chefes que viveram naqueles rios.

Nenhum dos seus biógrafos conseguiu resistir ao fascínio da sua personalidade. Paulo Pinheiro Chagas escreveu a melhor e mais completa biografia; mas é um livro tão louvatório que fica sempre à beira do ridículo. Godofredo Ferreira, Reinaldo Porto e frei Olavo Timmers, para citar somente grandes autores, também sucumbiram ao charme de Ottoni. O único que escapou à sua atração foi frei Samuel Tetteroo, que era duramente seduzido pela natureza e suas ciências, e deixou nos seus textos os homens sempre reduzidos à sua própria insignificância e transitoriedade.

Por isso a melhor fonte para entender Ottoni são seus próprios escritos: difíceis e atraentes, eles mostram porque seus biógrafos fracassaram. Combinam a habilidade da fala do político com a pompa do administrador capaz, possuem extrema modernidade e universalidade, são capazes de envolver intimamente o leitor de 150 anos depois. Ele não era um colonizador brutal, nem empresário selvagem, não era escravagista conformado, e sequer a fama de maltratador de imigrantes agarra-se nele. Não se impõe ao leitor por ser famoso e grande homem: suas ponderações são de um revolucionário dotado de

compreensão do sentido histórico daquilo que está fazendo e que exige do leitor igual compreensão. Ele fala diretamente à história, quer trate de política, quer de custos de fretes em tropa de burros.

A potência da sua fala comove e envolve o leitor, sua extrema ponderação, racionalidade, elegância de estilo, humanismo e, principalmente, a enorme habilidade para esconder os subterfúgios que precisa usar atrás da fala brilhantíssima, desnorteiam toda a crítica ao seu texto. Na sua polêmica com Avé-Lallemant, quando foi acusado de descuidar de imigrantes, não começou sua resposta com a defesa; pelo contrário, iniciou perguntando: quem é Avé-Lallemant?, e daí em diante destruiu o oponente, antes de enfrentar seus argumentos. Suas atitudes em relação aos índios - que dificilmente podem ser consideradas demagógicas, pois são de viva denúncia, enorme respeito à cultura alheia e ao seu modo de vida, atitudes de cidadão condoído com a violência que o outro recebe - não são apenas românticas, mas soam contemporâneas para qualquer brasileiro que não tenha tido que conviver com eles.

O melhor exemplo disso foi a política indigenista que implantou no Mucuri: um convívio épico com as tribos, narrado como uma fala direta à posteridade. Ele erguia para seus parceiros índios um patamar sem tamanho, como no caso da sua história com o cacique Giporoque, que elegera herói do Mucuri, símbolo de coragem e honradez. Ottoni ofereceu aos índios um trato civilizado, cidadão, medidas de cavalheiro na mata e a atitude de quem acreditava na universalidade dos seus valores, mas nutria uma enorme tolerância para com a cultura alheia. Usava com maestria os recursos simbólicos de cultura: sentia fome na aldeia do cacique Juquirana, jurava seu parentesco fonético com Potón - "*Otoni, Pottoni, Potoni, Potón*" - e, na sua viagem de sertanista pela estrada de Filadélfia colocava o cartão de visitas junto a cada presente que deixava aos índios pelo caminho, "*esperando captar a benevolência com o presente e com o cartão - que decerto não decifriariam - desafiar o sentimento de maravilhoso.*"

[Ottoni, 1858: 20]

Embora seja difícil acreditar, como queria Paulo Pinheiro Chagas, que as atitudes de Ottoni em relação aos índios foram produto da bondade de coração e firmeza de caráter, é evidente que ele não foi um colonizador sanguinário. O mais eloquente testemunho disso está em seu adversário, Avé-Lallemant, que viajou pelo Mucuri sem temor, cortando todas as selvas acompanhado "*apenas por um negro*": isso seria impossível antes de 1850 e depois de 1860 até, pelo menos, 1900.

Ottoni tinha também os seus poréns: dos documentos escritos que deixou vaza uma enorme dispersão; mal encobertas pela eloquência, escapam as suas limitações gerenciais, o pragmatismo tacanho, as concessões humilhantes, suas ilimitadas e vãs esperanças de fortuna na selva. Embora possa ser visto como brilhante indigenista e arguto pensador, nas artes da gestão cotidiana não era exatamente um gênio. Por isto a dinâmica da sua empresa, sua operação e estrutura, são enormemente descompassadas da sua estatura de homem público. Estudá-lo conduzindo o diário da empresa, é contemplar a grotesca imagem de um gigante montado num jumento.

Visto desse lado, seu discurso é frágil. Remontando o universo que o cercava, vendo suas circunstâncias, o insólito das suas ponderações técnicas e a dispersão das suas atividades, nota-se um empresário cartorial, ansioso pelos benefícios que os monopólios de

comércio concedidos pelo governo podiam proporcionar; um colonizador de atitudes dúbias em relação a chineses e europeus: um administrador no minimo limitado (19).

Teófilo Benedito Ottoni em seus textos é um integral, recheado de ambiguidades, exposto nessas facetas todas. Enfrentando dilemas tão diferentes fica o autor desguarnecido: pouco agrada como reivindicador de benefícios para sua empresa e família, mas seduz o leitor pelo ânimo que irradiam seus escritos indigenistas, pelo gosto de aventura que surge da condição de sertanista, abridor de espaços, etnógrafo, empreendedor. Seduzindo ou repulsando envolve todos os leitores nos seus dilemas. O trajeto que terminou por levar a empresa do Mucuri ao fracasso, os dramas da vida na selva e na política, tudo vivido sem medidas, com uma enorme coragem, é uma experiência tão dele quanto do leitor: isso deslumbra e aprisiona ao seu texto, confere a ele a mágica do testemunho repartido, de quem enfrenta problemas, selva e vida com uma paixão romântica levada aos seus máximos limites.

Mas atrás do herói estava um aventureiro da selva como os tantos outros que fizeram naquela fronteira sua crônica de desmandos. Certamente o aspecto que mais o aproxima dos chefes de grupo da fronteira é o que diz respeito aos domínios e à família. Ele fala da "minha" Filadélfia, do "meu" vapor Peruípe, da "minha" Companhia; empregava todos os irmãos, carregava consigo os cunhados, apadrinhava a sua enorme família - do mesmo modo que Freire de Moura, Pêgo, Coelho, Costa, e os tantos outros chefes da mata - que assentou nas terras que recebeu do índio Capitão Potón. Desde o início do projeto do Mucuri ele surge vinculado ao seu grupo numeroso de irmãos, primos amigos e aderentes. Naquele episódio, clássico, de estreitamento de laços com Potón, alegando parentesco pela semelhança dos nomes, o resultado foi o cacique mandar trazer os *"demais parentes, porque havia terra para todos"*. Ottoni seguiu o conselho, levando irmão e cunhado, que possaram as terras dadas pelo "parente", montaram suas fazendas e usaram trabalho indígena em troca de fumo e cachaça. Tinha na Companhia o primo, Manuel Esteves, o cunhado, Joaquim José de Araújo Maia, o irmão Augusto Benedito Ottoni, outro irmão, Honório, médico da empresa e tropeiro: negócio familiar.

Segundo alguns críticos e biógrafos, havia um implícito interesse em tornar o Mucuri uma província, mandada pelos Ottoni. Num artigo publicado com o óbvio pseudônimo de Américo Brazilino, falou-se da área de Filadélfia reservada a uma "praça do Governo"; o artigo é um elogio à Companhia, aludindo à criação de uma província, que seria uma *"nova jóia engastada na Coroa do monarca"*. Uma jóia de exclusivo dos Ottoni, naturalmente, do seu monopólio por mais 40 anos. Mesmo com o fracasso de Companhia foram os Ottoni grandes chefes do Mucuri até a década de 1930.

O Mucuri foi a grande paixão de Teófilo Benedito Ottoni. Dominado pelo empreendimento, pelas suas - como se diria depois - potencialidades, abandonou a prosperidade do comércio e da política para se aventurar na mata. Para quitar dívidas da aventura, vendeu casa e outros bens, ficou na pobreza. Forçado pela necessidade solicitava, concedia e negociava em desvantagem para sustentar seu sonho, que levou-lhe a carreira política e a fortuna (20). Por fim o aventureiro perdeu a saúde na mata, descrita assim no estilo ímpar do Dr. Pérciles dos Santos:

*"A sezão lhe comprometera a fisiologia endócrina e os parênquimas hepático e esplênico."* [Santos, 1970: 37]

No inferno historiográfico dos biógrafos de Ottoni e do Mucuri existem dois demônios muito respeitados: Robert Avé-Lallemant - médico, alemão, viajante e aventureiro - e José Cândido Gomes, modesto servidor público, atuarista.

Avé-Lallemant chegou ao Mucuri em 1859, quando a onda imigrantista estava no auge. Sem dinheiro ou ocupação definida, fez-se passar por agente do governo e assim visitou colônias e empresa. O alemão era dramático e sua vista ao Mucuri foi arrasadora. Interessou-se pelos europeus, doentes ou fugidos, que encontrava tombados em todos os lugares, e entrando na mata passou toda sua viagem criticando os Ottoni. Viu a fome, doença, miséria e abandono entre os imigrantes (21).

Ele se acreditava vigiado por Ernesto Ottoni, dizia serem faustosos os costumes desta família, contrastando com a infinita miséria dos europeus: na saída da fazenda do Itamunhec para a Monte Cristo - uma do irmão, outra do cunhado de Teófilo - fora precedido por escravas de vestido de cetim preto e corrente de ouro ao pescoço. Em Filadélfia viu a miséria dos chineses e todos os postos de mando nas mãos dos Ottoni. Uma quantidade de queixas contra a Companhia foram ouvidas pelo alemão, e, embora Avé-Lallemant não pareça mesmo ter boas intenções e caráter, suas críticas não podem ser desprezadas: culpou Ottoni pelo morticínio de europeus, por querer povoar um rio insalubre para imigrantes desprevenidos.

Ottoni e vários de seus biógrafos culpam a má propaganda de Avé-Lallemant pelo prejuízo fatal à Companhia: ele seria agente de uma suposta "Companhia do Jequitinhonha", que jamais saiu do papel, mas seria rival em favores e disputa de imigrantes. Esse alemão seria apenas um "*apóstolo da agitação revolucionária*"; nada fizera para amparar aos doentes e gastara de seu em ajuda aos europeus apenas "*genebra, cachaça, farinha de trigo e manteiga*". Disse Ottoni que os colonos encontrados em Porto Alegre haviam abandonado a Companhia, e não sido abandonados por ela.

No entanto, de toda a argumentação de Ottoni, fica uma séria dúvida: como apenas um viajante conseguira abalar a empresa? Certamente ela não era tão sólida e Avé-Lallemant não tão mentiroso. Mas os contra-argumentos brilhantemente manejados por Ottoni conseguiram distorcer para sempre os debates sobre a empresa, levando-os invariavelmente para o tema da imigração, da perseguição política e da acidentalidade que foi o ano de 1859. Ottoni aproveitou-se da crítica para dar encosto à empresa que desabava.

Frei Olavo Timmers, conhecedor das mazelas da empresa e admirador do empresário, confirma isso: de acordo com ele o transporte mostrava dificuldades insuperáveis, o armazém de Santa Clara ficava atulhado de cargas que ali se demoravam meses, os custos dos fretes eram absurdos. Diz que a febre tifo acabou por liquidar o projeto; na Colônia Militar do Urucu os europeus mandavam seus filhos disputarem pasto com os animais da Companhia, e lá recolheu uma lembrança dos alsacianos:

"- *Nous sommes ici parmi les barbares.*"

[Timmers, 1969, ms]

Reinaldo Porto, advogado, historiador, pesquisador do Mucuri dos anos 1920 em diante, discutiu o desastre da Companhia noutra perspectiva. Ela acumulara tantos privilégios sobre o Mucuri que ficaria caríssimo para qualquer governo resgatá-los. Por isso

havia a franca oposição de membros de todos os partidos do Império àquela continuidade. Foi Porto que levou mais longe as ressonâncias políticas da aventura de Ottoni e mais estreitamente associou-o ao cenário político nacional. Aquele era um projeto político, por isso a empresa dispensava o mesmo cuidado a cargas e índios, à imprensa e ao livro-razão. Por isso seu fim também foi político. O autor reproduziu a fala de deputados e senadores que discutiram a encampação mostrando o vasto consenso formado sobre a impossibilidade de permitir tal situação. Os privilégios eram 50 anos de exclusividade da navegação do Rio de Janeiro ao Mucuri, prorrogáveis por mais 40; proibição de toda navegação neste rio, exceto canoas de um só pau de lavradores que lá habitassem; direito de marcar fretes por tabela exclusiva; condição que nenhuma estrada poderia ser feita fora dos traçados da empresa; cobrança de pedágios a critério da Companhia e isenção de impostos provinciais para toda produção, exportação e importação. Daí resolveram pressionar Ottoni para negociar a cessão da empresa; cedendo-a desaparecia o mando.

Mas a grande e definitiva crítica a Ottoni foi aquela feita por José Cândido Gomes. Gomes foi ao Mucuri em 1860 vistoriar a Companhia já decadente, os Ottonis já em defensiva, colonos perdidos na mata, índios em alvoroço e nenhum movimento comercial que justificasse tantos contos de réis jogados na selva. O Relatório de Gomes é amaldiçoado por todos os biógrafos; mereceu uma leitura constrangida de Chagas e dos outros estudiosos pelo tipo delicado de problema que tratava: as falhas e fraquezas de Ottoni e da Companhia. Ler a história conforme foi contada por Gomes não é atividade excitante - o texto é tremendamente enfadonho - mas é muito proveitosa. Ele comentou a aventura dos Ottoni com o entusiasmo que se pode esperar de um contador frente a um balanço, e retirou desses mitos da mata - índios, aventureiros, Ottonis, imigrantes, viajantes - o romantismo que o tempo fornecia; transformou todos em personagens lineares, rasos, racionais, quantitativos e compreensíveis a partir da lógica atuarial. Reduziu gigantes épicos às dimensões de suas falhas humanas, circunstanciais, técnicas, e, sobretudo, contábeis.

Armado com sua lógica e os mandatos do Império, Gomes intrometia-se em todos os assuntos, desde recomendação da política de terras às operações de livros caixa e razão, da engenharia rodoviária à política indigenista. Em tudo pontificava, opinava, corrigia, deliberava com o rigor dos infalíveis. Este destrinchamento do grande homem e da sua obra foi sobejado pelos biógrafos de Ottoni, mas Gomes comentou o mito na intimidade com a sutileza de não apontar explicitamente suas falhas, mas fazendo pior: comentando os detalhes, sem enfrentar a estrutura, como se o flagrasse em seus atos mais íntimos e os expusesse com método ao público. Os procedimentos humanos, triviais e domésticos do herói romântico - o "luzia" histórico, paladino liberal, polemista eloquente, empresário de sucesso - analisados com uma precisão maçante, vulgarizam o mito, a Companhia e a aventura. O Relatório de Gomes confronta o romantismo e a estrita racionalidade contábil e burocrática de um funcionário (22).

Gomes foi tão duro com os Ottoni naquela época atolados em dívidas e compromissos vencidos, que desestabilizou para sempre Teófilo, o mais rico deles. Assim, encerrou, melancolicamente, a aventura da mata. Com a liquidação cada acionista recebeu 225\$000 por ação que havia custado 300\$000, um deságio de 25%; o restante foi pago em terras, quase 30 anos depois. Como era acionista, o Governo de Minas Gerais ficou no

lucro de ganhar seus recursos de volta, receber estradas, índios acalmados, uma quantidade de colonos, para aí então o governo imperial aplicar seus bons métodos de gestão que fizeram com que nos próximos 60 anos nada mais se falasse sobre o lugar. O Mucuri, sem Ottoni, foi entregue a si mesmo por um Estado distante e relapso, e o silêncio caiu sobre floresta, rio e imigrantes.

Esta foi a primeira grande aventura do Mucuri.

#### 4. *Solidão*

O episódio de Ottoni e Companhia sempre foi interpretado como o fracasso - econômico, político, humano - de um grande homem. A aventura é tratada em si mesma, no escondido da selva ou na continuidade da biografia do herói; vem daí seu sabor de anti-climax. No entanto, vista na estreita relação com o Jequitinhonha, que norteou sua concepção, toda a história fica mais clara, é explicativa e, ressaltando os prejuízos da empresa, nada fracassada. Possui notável continuidade - antes, durante e depois dos anos 1850 - pela associação dos dois rios e da rota de povoamento. A interpretação do Mucuri pela Companhia e imigrantes é incompleta por faltar sua cara-metade, as saídas do Jequitinhonha, que emendam-se na metade que falta.

A história do alto Jequitinhonha na segunda metade do século XIX - que é quase do mesmo tamanho da história de Minas Novas, sede municipal do vale do Araçuaí, naquela época - foi marcada por saídas. Dos anos 1850 em diante o êxodo e abandono tornaram-se tons dominantes da história local, a expulsão, como migração e viagem, que daí em diante marcaram o local são explicados pela sedução das zonas novas e esgotamento ambiental da zona velha do Araçuaí porque mineração já se tornara uma atividade sazonal e combinada às lavouras. O correto, no caso, é abandonar a perspectiva de esvaziamento resultante de declínio mineral e falar em estabilização da população e expulsão de seus excedentes.

As terras do alto Jequitinhonha em sua maioria são campos em chapadas; nas vertentes a fertilidade era crescente quanto mais próxima a beira da água: lá existiam capões de vegetação mais alta, quase florestas, naturalmente férteis. As viagens para Minas Novas - saindo de São João Batista, de São Domingos, ou Mercês - do século XVIII ao século XX, sempre foram nos terrenos planos e estéreis do alto, descritos como abandonados por viajantes. Nas chegadas desciam aos cursos d'água da grota encontrando lavouras e moradas em terrenos férteis. A descida da chapada aos capões separa duas naturezas percebidas como opostas (23).

Os capões foram ocupados com agricultura e explorados com intensidade crescente: nos anos 1810 os viajantes já observavam terrenos esgotados, e nessa época dezenas de agricultores pediam ao governo cobertura militar para entrarem na mata. Um tanto deles já o tentara por conta própria e os registros da paróquia de São Pedro do Fanado de Minas Novas mostram batizados e casamentos feitos já na boca da mata - Capelinha, Alto dos Bois, locais de deslocamento da população. Ottoni percebera em que lugar iria pousar essa pressão: sua obra *Condições para a incorporação...*, de 1847, foi baseada nela.

No século XIX, principalmente na sua segunda metade, o alto Jequitinhonha não viveu propriamente um esplendor. Isso não quer dizer, de forma nenhuma, que cessara a lavoura em Minas Novas. Pelo contrário as roças continuavam produzindo qualidade variada de mantimentos, como sempre fora; mas a produtividade era declinante, conforme já mostravam viajantes e queixosos. Também não quer dizer regressão, debandada de população e abandono da terra, como se fala. Foi uma situação mais próxima da estabilidade, econômica e demográfica, com saída regular de excedentes populacionais. A abertura das selvas do Mucuri e a navegação pelo Jequitinhonha de baixo criaram uma fugaz impressão que Minas Novas finalmente sairia daquela estabilidade para tornar-se sede da nova província (24).

Mas a vida em Minas Novas nunca deixou de ser um criame de gados em chapadas, lavouras de capões e faiscação nas secas. Ficou lá um remanescente de população escrava que foi diminuindo no correr do século XIX, a ponto de já na segunda metade do século representar pouco mais de 8% dos habitantes e nos anos finais da escravidão não chegava a 3%. Era quase uma escravidão doméstica, aplicada às lavouras de mantimentos e catas da seca, presa já como um agregado às famílias. Isso não quer dizer, de modo nenhum, trato familiar e indiferenciação social. Embora pouco significativa em quantidade foi a escravidão que balizou o padrão das relações entre empregados e patrões, entre fazendeiro e camarada, fazendeiro e agregado, senhora e criada, chefe e índio. Ela forneceu a base para essas relações assimétricas que quase sempre foram marcadas pela violência física.

Depois de 1850 ficaram bastante frequentes as notícias - tanto escritas quanto lembradas - das saídas de levas de escravos para serem vendidos na "Mata de Ponte Nova", atual Zona da Mata mineira. Mas os outros, os libertos, tão logo mudavam de condição desapareciam numa população sem distintivos registráveis, formada por índios, aventureiros, ex-escravos e indivíduos de origem variada. Existem os casos, ainda lembrados, na tradição oral do Jequitinhonha: costume de formar grandes comboios de escravos para vender nas lavouras de café, de modo que a população escrava era remanejada para o leste (25).

Para quem podia ir - ou não podia ficar - a mata oferecia oportunidades melhores que as chapadas, apesar dos seus propalados imensos riscos de índios, nos dois rios, e de febres, no baixo Mucuri. As matas do Mucuri, a leste, e do baixo Jequitinhonha, a nordeste, exerceram uma atração forte sobre o excedente populacional de Minas Novas, drenando jovens, casais, libertos, aventureiros, fugidos e famílias imensas para esses arriscados empreendimentos chapada a fora, rio a baixo, mata adentro.

É difícil traçar o perfil dos que saíram. Pela lógica da situação geral e de alguns casos específicos, seria tentador afirmar que saíram os mais jovens, filhos excedentes de uma terra repartida e esgotada que empurrava a juventude para a floresta, a abundância e a aventura; que saíram os libertos e negros, fugidos de uma terra ocupada e um cativo liquidado; e que saíram os filhos naturais. Mas, mesmo sendo forte esta impressão, é preciso muita e delicada pesquisa para provar que foi este o perfil dos saídos, embora existam algumas evidências que apontam nessas direções. Por exemplo: o Censo de 1920 mostrou uma população negra relativamente maior no leste de Minas, fronteira agrícola e mata; os relatos de jovens transferidos para se casar na mata, ou que foram à mata em busca de terra e mulheres índias são inúmeros nos documentos de época. As transferências de filhos-

problema foram uma constante, de modo que a mata pode ser considerada uma solução para muitas linhagens bastardas (26).

No entanto, algumas contra-evidências são igualmente fortes. Chapada do Norte sempre foi povoada por negros e fica a três léguas de Minas Novas, na direção inversa à mata; existem registros de deslocamentos de famílias inteiras, extensas e completas para o coração da mata; vários são os casos de pessoas de fortuna e instrução que também foram. Exigiria um estudo muito mais apurado para apontar o padrão condicionador da migração, embora seja legítimo afirmar que depois dos anos 1850 o crescimento populacional na borda da mata foi mais intenso que na velha zona central do Jequitinhonha do alto, o vale do Araçuaí - Minas Novas - e que jovens aventureiros constituíram boa - senão grande - parte da população deslocada para a mata. Aqui, tão importante quanto saber quem saiu, é investigar quem ficou, porque ficou, como ficou (27).

A saída rio abaixo, seguindo águas do Araçuaí e adentrando o próprio Jequitinhonha era menos problemática, porque era zona sem doenças, de tranquila movimentação pelo rio e ocupação bem estável. A família dos Peixoto de Salto, por exemplo, seguiu rio abaixo. Carlos da Cunha Peixoto, o patriarca, possuía bens em Chapada, fora chefe do executivo e boiadeiro em Calhau e chegara ao Salto em fins do século XIX com família formada e recurso bastante para adquirir uma grande posse, manter os filhos em boas escolas e disputar chefia política. Neste caso, como em outros, foram movimentos de ramos jovens de uma família grande (28).

Para o baixo rio Jequitinhonha foram também alguns escravos, embora seja difícil precisar seu número e situação. De acordo com a tradição dos Corí, de Posses, os escravos fugiam para lá porque eram protegidos por Antônio José Coelho - membro de uma multitudinária, ubíqua e homônima família dos Josés Coelhos que povoou o Jequitinhonha no século XIX - que colocava os homens em roças de meia e as mulheres em sua cama, de modo a multiplicar a produção, a população da calha do rio e a entrada para a fronteira pelo Grão Mogol afora.

Essa não foi de modo nenhum uma expansão somente de fazendas - conforme se escreveu depois - mas uma entrada capilar, contínua, insistente de posseiros, quase todos de poucos bens, famílias inteiras, herdeiros sem terra, aventureiros em geral, que em certa altura se misturaram tanto com índios que ficou impossível distinguir nas famílias montadas a partir de meados do XIX quais as "portuguesas" e quais perdiam suas origens nas selvas. As famílias de Minas Novas deitaram raízes para a mata, e nesse movimento construíram uma trilha de povoados. Foi um movimento de povoamento extrator: produção de mantimentos na terra forte nova, um comércio vasqueiro, um caminho de fartura e perigo.

A outra saída de Minas Novas era para a extensa selva das cabeceiras à barra do Mucuri, que ficava na direita do rio Araçuaí. Esta era uma saída mais perigosa, porque lá viviam os índios mais aguerridos e muito pouco sadia, principalmente da divisa com a Bahia - Santa Clara para baixo. Mas a empresa do Mucuri deixou um ponto avançado como herança para os moradores de Minas Novas que desde meados dos séculos XIX passou a ser referência de migrantes.

Outros migrantes iam para a mata com grupos maiores: famílias imensas, com dezenas de agregados, escravos e índios, instalavam-se no centro da mata, e lá estabeleciam

enormes domínios. É o caso de Antônio José Coelho, que foi com 400 pessoas para a barra do ribeirão Mestre de Campo; é o mesmo caso de alguns dos Pêgos, dos Gomes Leais, de alguns outros grupos familiares que estabeleciam mais que um sistema de posse, um verdadeiro governo da mata (29).

O Mucuri, por conta do alto Jequitinhonha, sofreu um processo agressivo de povoamento a partir da segunda metade do século XIX: entre 1860 e 1920, a população passou de 4.000 colonos para 160.000 habitantes, cresceu 4.000% em 60 anos, 6,34% ao ano em média, e embora seja possível supor um forte crescimento natural, maior parte dessa expansão deve ser creditada mesmo à migração. Acontece que esse foi um crescimento silencioso: minguam estudos e memórias sobre a ocupação da terra, sobre a vida urbana, sobre o perfil dessa população chegada dos finais do século XIX e começo do século XX, apesar de ser possível identificar suas origens (30).

Depois da década de Ottoni, Filadélfia tornara-se uma cidade expansivista, que contava em 1875, já Teófilo Otoni, com 2.500 habitantes - destes, 70 eram estrangeiros - cercada de mata por todos os lados, regada constantemente por chuvas torrenciais, ligada ao resto do mundo por trilhas na selva e raras clareiras, liderada por chefes quase todos descendentes dos Ottoni, com armas, seu horror ao índio e ao alemão. Era uma cidade com o entorno perdido numa mata de centenas de quilômetros, e população esparramada por ela, vivendo dos mantimentos que produzia e daquilo que conseguia trocar mais ou menos esporadicamente com Araçuaí e a Bahia, e que eram por isto mesmo vínculos de alto valor. Um lugar de pouco dinheiro circulando, como todos os outros, dum convívio estreitíssimo com selva e índios, e aquela efervescência de fronteira agrícola que contrastava vivamente com a pacata Minas Novas e parecia tanto com o Jequitinhonha de baixo no modo, nos tratos, mandos e iniciativas locais e pioneiras, que vieram e ser preciosas lembranças da história regional.

Assim o alto Jequitinhonha exportou população e até uma tímida prosperidade - como a que passou por Calhau, Jequitinhonha e atingiu Filadélfia - mas seus terrenos de chapadas e capões foram minguando em fartura e gente, de sorte que os testemunhos dessa terra são sempre de uma saída sem fim, seja de escravos, jovens, camponeses, ou famílias inteiras que se arriscaram a buscar nas matas ou no baixo rio um conforto que o lugar não oferecia. Minas Novas, na segunda metade do século XIX, teve na sua história um silêncio e uma diáspora - a primeira delas, ainda: seu começo - provocada pela terra.

### ***Notas ao Capítulo I Primeiras Histórias***

(1) Em sua carta o padre Salgado diz que esses índios

*"são tratáveis, estimados da sociedade, mostram aborrecer o furto, o estupro e o adultério, e depois de batizados tem manifestado indícios de cristandade, ouvindo missa de joelhos, com as mãos levantadas, inquirindo sem cessar pelos preceitos e leis da Igreja. Há outras nações que se apelidam o Pataxó, Quabati, Frexa, Mono, Cathatoi, Mathali, Botocudo ou Amburé, confinantes com as seis sobreditas, que são bravas, guerreiras, e se comem uns aos outros; mas todavia, vendo estes a comunicação e destino*

*daqueles, dão indício de se humanarem, servindo de principal motivo o bom comportamento com que se houveram com eles o guarda-mor José de Souza Passos, seu filho João de Souza Passos, Joaquim de Souza Passos, seu irmão, e Bento Lourenço Vaz, seu cunhado, os que se atreveram a ir tratar e domiciliar aqueles bárbaros, a fim de descobrirem ouro e pedras preciosas, experimentando neles os efeitos de uma boa humanidade, submissão e rendimento (...)*"

[citada em Timmers, 1969, ms]

A carta do Padre Salgado e centenas de outros documentos fundamentais para a história do Mucuri e Jequitinhonha foram paciente e carinhosamente coletados por frei Olavo Timmers entre os anos 1940 e 1970. Frei Olavo interessava-se a princípio por genealogias, depois tomou gosto pelo ofício e tornou-se o mais sistemático arquivista da história do Nordeste mineiro. Sua massa de pesquisa - reunida num volume de 1.200 folhas, escritas à máquina nos dois lados de um papel acetinado e completadas por delicada escrita em tinta nanquim preta até quase não caber mais nada no papel - é o mais completo, embora caótico, documento sobre a história de colonos, Ottonis, índios, migrantes, terra e parentesco, conforme se verá no correr desta tese. Como historiador, porém, frei Timmers não alcançou o mesmo brilho: seu livro sobre Teófilo Benedito Otoni é louvatório e repetitivo. Suas notas pessoais - não publicadas, reunidas em vários volumes em tamanho ofício, capa dura e aproximadamente 500 páginas - das quais consegui consultar ligeiramente dois volumes são, já, material de outra ordem: pessoais, irônicas, minuciosas, sequenciadas.

(2) Quase toda a historiografia do Jequitinhonha e Nordeste de Minas parte daquele modelo de dispersão das populações mineradoras que aparece em Celso Furtado, *Formação Econômica do Brasil* e em Antônio Barros de Castro *Sete ensaios sobre a economia brasileira*; esta argumentação é reproduzida por Wirth (1982), mais Moura (1988), Graziano (1986) e outros.

(3) Quando morreu, fixou uma vasta descendência naquela beira de rio, entre eles o Padre Carlos Freire de Moura que depois expulsou as mulheres-da-vida de Itira e veio a ser involuntariamente responsável pela fundação de Araçuaí, conforme narra a lenda. Grande parte da história de JPF de Moura foi retirada dos manuscritos de Timmers (ms, 1969), outra parte sai dos relatos de Saint-Hilaire (1975), de Leopoldo Pereira (1969) e dos seus próprios escritos; ver Moura (1897).

(4) Ver sobre mineração de diamantes o clássico livro de Joaquim Felício dos Santos (1976); ver também Esteves (1961). O documento cuja passagem é comentada é *Exploração no Jequitinhonha*, Revista do Arquivo Público Mineiro, RAPM, II, 1897.

(5) O estudo de Geralda Soares está em Soares (1992); ver sobre o mesmo assunto CEDEFES (1987). João da Silva Guimarães, um pioneiro de meados do século XVIII, foi um dos poucos escravizadores de índios que defendeu claramente seu ofício. Frente aos custos de uma entrada na mata, ele achava que o empreendedor deveria ter ganhos, porque apesar de governo e padres pedirem aos colonos que

*"não os matem, e não os cativem, porém o certo é que só averiguada se saberá a realidade; para isto, (...) é notória a minha impossibilidade, pois quanto tinha e tenho gasto nesta conquista. É preciso o abastecimento necessário, como são armas boas, não no feitiço, senão em pólvora e chumbo bom, facões de aço, fardas de linhagens, e baetas para a soldadesca (...)."*

[Porto, 1946:151]

Longe de ser um processo militar de abertura de matas, como querem alguns pesquisadores, foi na verdade aproveitamento privado de um estímulo público. As lavras das cabeceiras do Mucuri são exploradas desde meados do século XIX, e nos fins do século XX ainda são as principais fontes de renda e emprego de muitos municípios, como por exemplo Teófilo Otoni.

(6) O relato de Silvério José da Costa está reproduzido em Ottoni (1847); o projeto de Moretzson foi reproduzido pela Revista do Arquivo Público Mineiro, RAPM, ver Moretzson 1903; o relato de Hermenegildo Almeida está em Almeida (1846). Eram relatos fantásticos, e Lindley, por exemplo, diz:

*"As matas estão cheias de porcos selvagens, e os campos estão cheios de gado, etc. No ponto terminal da viagem, havia diamantes à flor da terra e a pequena distância do rio. Encontraram-se também topázios, ametistas e esmeraldas e cogitou-se de uma segunda excursão, mas foram impedidos de levá-la."*

[Lindley, 1969: 154]

(7) O projeto de Marlière está comentado mais à frente, no Capítulo II.

(8) Os relatos dos viajantes citados são Spix e Martius (1938), Lindley (1969) e Saint Hilaire (1975). A busca de pedras foi um movimento cujos resultados nunca apareceram, porque boa parte da exportação de Minas Novas podia e devia ser feito em pequenos alforjes, mais certa e seguramente em guaiacas: bem ao lado da arma, na clandestinidade completa. E no rumo da Bahia, não da Corte, na segurança de quem ia a outras minas, como Salobo do Rio Pardo, Lençóis, Abaeté. O comércio era microscópico, invisível por tamanho e necessidade: frei Olavo Timmers, que possuía a isenção do tempo e a liberdade da batina, falava de um constante contrabando, que saía na rota do rio Pardo para a Bahia. Em finais do século XIX Catão de Castro desentendeu-se com uns políticos baianos, foi a julgamento e condenado; por ter sido deputado achou-se no direito a suplicar perdão ao Imperador e varou 300 léguas pelos interiores baiano e mineiro no caminho escondido dos traficantes de pedras. Protegido pela clandestinidade e pelos ermos nortistas, chegou a Grão Mogol: todos os gastos da viagem foram pagos em dinheiro, incluindo despesas com alojamentos, segurança e pastos que fugiam de rotas regulares de tropas, era um caminho paralelo, nos dois sentidos do termo. Anos depois, bem entrado o século XX, Amadeu Martell pesquisou literatura sobre as pedras das Americanas, que no tempo dele já não eram ficção, mas uma verdadeira praga de garimpeiros que assolava o rio Preto e Marambaia - as chamadas Americanas. Ele manteve, parece, correspondência com algumas sociedades científicas em procura da localização da "Serra Resplandecente". A literatura sobre o assunto é muito ampla, e parte dela está reproduzida inclusive nos manuscritos de frei Olavo Timmers. Mostra a regularidade com que pessoas tão díspares quanto tropeiros, políticos, aventureiros forçaram a entrada da mata em busca de pedras lavouras e índios.

(9) A história venturosa do baixo Jequitinhonha faz parte das lembranças coletivas, repleta de canoieiros e beira-mares. Alguns autores que registraram esta história do rio foram Pereira (1969), Frieiro (1966), os viajantes europeus citados, principalmente Pohl e Saint-Hilaire. Mas, de todos, o mais completo registro foram aqueles feitos por José Côrtes Duarte, o J. Duarte, em Duarte (1972, 1976, s.d.).

(10) Diz Carvalho:

*"Vejo as lutas e revivo a epopéia. São fantasmas que brotam das calçadas e me contam. O seu alicerce, ó Cidade, é concreto de sonhos triturados: milhares de anseios tomaram, erguendo Filadélfia. Novos Pais Lemes nos devaneios das esmeraldas, ei-los baqueando na estrada de Santa Clara, alvos de flechas, febres e feras! Mas apesar dos pesares, germina o Mucuri. Vencendo o Atlântico, chega o louro Fritz para esposar a Cabocla, filha querida do Pogirum."*

[Gonzaga de Carvalho, 1979: 93]

Toda a história oficial do Mucuri, como Fundação João Pinheiro (1993), Timmers (1969), Chagas (1978) e os manuais escolares, enfatizam a colonização européia e rio acima.

(11) Sua foz aparece timidamente nas escritos de Wied, e Avé-Lallemant descreveu essa modesta barra, que nada prometia ao navegante:

*"O Mucuri alarga-se formando antes da sua embocadura uma pequena bacia, que no preamar mede uma profundidade de 9 pés, com aspecto de pequeno lago. Pequenas matas crescem até as areias das margens,*

*que na desembocadura mesmo são inteiramente nuas; aquela estreita-se muito, por causa de dois bancos de areia, salientes, circunstância que me fez crer não levar o Mucuri grande quantidade de água ao mar."*

[Avé-Lallemant, 1980: 156]

A desembocadura do Mucuri estreita e tampada por matas, ocultou por muitos anos sua verdadeira extensão.

(12) A beira do Mucuri, na sua parte baiana, dizia Wied,

*"tanto quanto a vista pode alcançar, tudo, até o horizonte longínquo, é coberto, sem interrupção de matas sombrias".*

[Wied, 1989: 183]

dizia Wied, que quase ficou sem seu companheiro Freyreiss, quando este saiu para caçar e se perdeu.

(13) Renault saiu de Minas Novas ao mar cortando o rumo da cabeceira do Setúbal, pelo Alto dos Bois:

*"Seguimos sempre em direção leste, indo para a Fazenda da Conceição, da qual é possuidor o Senhor Antônio José Coelho, fazendeiro rico, de cem e tantos cativos, que sendo morador das encostas das matas, tem sofrido imensos prejuízos causados pelos botocudos Nacnanucs, que de vez em quando lhe fazem visitas sempre hostis e perigosas, matando-lhe o gado e destruindo as suas plantações."*

[Renault, 1903: 1097]

A coleta para a viagem de Renault foi organizada por Antônio Joaquim César, uma ação combinada do público e do privado, como tantas outras que marcaram sempre a colonização de Mucuri e Jequitinhonha; pensavam uns em garimpo, tráfico de filhos de índios - os "curucas" - roças de mantimento; outros em degredo, colônias, acréscimos de tributos.

(14) Os exploradores passaram fome por não poder atirar, havia risco de chamar atenção e foram sempre atacados. Tiveram encontros infelizes com as tribos do rio que os caçavam constantemente para alimento, confundidos com outros bichos de comer. No encontro pouco abaixo da foz do rio Todos-os-Santos, "os exploradores desciam rio abaixo, quando ouviram um grito de rebate, partido de uma das margens, que dizia, na língua indígena: -Olha o bicho bravo que vai descendo o rio na casca de pau!"

[Renault, 1903: 1072]

(15) Curiosamente, de todas as pessoas que se meteram nas matas naquele século XIX, somente Ottoni foi pouco explícito a respeito dos potenciais da mineração. Talvez fosse certo pensar, em retrospecto, que seus desacertos e meias-voltas no projeto de colonização do rio devam-se às pesquisas clandestinas de minerais, jamais reveladas. Existem bases objetivas para supor isto, mas não para provar: seus agentes andaram por todos os córregos fazendo experimentos; ele foi completamente omissos quanto ao assunto lavra em seus relatórios; pediu e recebeu uma concessão de mineração no Jequitinhonha nos anos 1860 conforme diz Hartt; e, principalmente, quando negociou dívidas passadas com o governo, exigiu que fosse indenizado com as terras das Americanas.

(16) A Companhia de Navegação e Comércio do Mucuri, fundada por Ottoni, recebeu uma série de privilégios, imperiais e provinciais: permissão de abertura e exploração exclusiva de estradas, isenção de impostos de exportação e importação pelo prazo de 80 anos, um quartel militar, dez léguas de terras ( aproximadamente 36.000 hectares ) para serem habitadas por colonos, exclusivo de navegação pela rota marítima e pelo rio, direito de marcar os fretes e ressarcimento dos investimentos em obras públicas. Ofereceu algumas contrapartidas: transporte de correios, liberação da navegação à vela até a barra do rio, prazo fatal para início dos serviços, publicação anual do valor dos fretes. As penas por descumprimento de contrato eram pesadas: por exemplo, não podia parar a navegação por mais de um ano, deveria estar sujeito a consultas do governo, a fiscalizações e a indenizações. Das 16 cláusulas do contrato com o governo imperial, 13 eram sobre transporte, 2 sobre terras e 1 sobre caução. Em relação ao governo provincial,

grande parte do contrato dizia respeito à estrada, mas recebia a contrapartida da isenção de impostos. No começo da história, portanto, a Companhia de Ottoni estava fazendo um favor ao governo: abrindo uma mata, por sua própria conta e, principalmente, risco; fazendo despesas enormes recebendo, concretamente, nada - apenas terras ocupadas por índios e isenção de impostos sobre negócios que antes não existiam. Na incorporação da Companhia a família Ottoni ficou com 70% das ações; Mauá com 10%, e o restante com particulares. A bibliografia sobre a Companhia é muito extensa e está comentada mais à frente. As histórias melhor documentadas são de Tetteroo (1922), Chagas (1978), Ferreira (1934), Timmers, os dois trabalhos de 1969, mas de preferência o manuscrito, e Porto, todos os escritos de 1931 e 1946. Existe ainda uma enorme vulgarização deste assunto que não vale a pena referir. Como fonte primária, os relatórios de Ottoni são excelentes.

(17) Sobre o andar da fronteira as indicações mais consistentes são os mapas reproduzidos nos relatórios de Ottoni; a titulação de terras da Matriz de Minas Novas, as referências a colonos nessa área feita por Timmers (ms 1969), por Timmers (1969) e por Ferreira (1936), mostraram o mesmo panorama. A localização de colonos aparece ainda nos escritos dos capuchinhos, nos relatórios de Marlière (1905 e 1907), nos relatórios sobre índios e colonização.

(18) Antes de chegar a esse famoso canto de cisne a Companhia já havia contratado cem chineses. Reccebera estes imigrantes por oferta do Ministério do Interior e, Ottoni diria depois, fora um dos seus melhores negócios. Eles não haviam chegado ao Mucuri na exata condição de colonos: era um misto de servidão e salariato, que impunha ao contratante o fornecimento de certas cotas de mantimentos, "*pantalonas, meias, carapuças*" e, até, dinheiro ao chinês, mais pequena área para cultivo nas horas vagas. Impunha ao contratado obediência, trabalho e respeito, além das pancadas, não contratuais, que Avé-Lallemant garantia ser o principal meio de estímulo ao trabalho. Mas eles já entraram no Brasil em má posição, conforme contaram todos os viajantes e relatórios: eram considerados rebotalho, escória, pessoas de costumes relaxados, segundo Wied, Ribeyrolles, Avé-Lallemant, e o próprio Ottoni. Ver também Ferreira e Timmers (ms).

(19) O trabalho inicial de Ottoni no Mucuri foi abrir a rodovia. Depois dos sete anos gastos para abri-la, tentou montar uma serraria em Santa Clara, levada pelas cheias; tentou o transporte de sal para Minas Novas, mas não conseguia vendê-los; tentava um comércio de madeiras no final da Companhia. Em todos esses projetos, largamente comentados nos seus extensos Relatórios aos acionistas, descarta sempre dos custos e dificuldades, pintando um cenário róseo para o próspero e novo negócio. Foi desse modo que pulverizou o capital da Companhia.

(20) Na *Circular aos Eleitores...*, escrita depois da experiência do Mucuri, ele falou dessa sedução:

*"Arrisquei um cento de vezes a minha vida, arruinei a minha saúde e sacrifiquei os meus interesses. Foi mister sujeitar-me ao agro viver das mais inhóspitas brenhas. Era somente cada ano, quando volvia ao Rio de Janeiro, que eu avaliava o insano da luta em que estava empenhado. Então, comparando as doçuras do lar doméstico com a vida agreste das selvas, confesso que me arrependia do passo temerário que havia dado. Mas de volta ao Mucuri, a imaginação predominava, e por entre os espinhos, via somente flores."*

[Ottoni, *Circular...*, citado por Chagas, 1978: 172]

(21) Dizia Avé-Lallemant:

*"O chefe duma dessas famílias, Napoleon Petit Jeune, assim me disseram chamar-se, não suportara por mais tempo a miséria em que caíra. Pálido, frio, sem pulso e meio inconsciente, jazia por terra com os sintomas de febre tifóide, sem cama, sem assistência, fedendo e com as calças sujas de soltura coliquitiva. Perto dele, a esposa, deitada no chão, tendo, 48 horas antes, dado à luz uma criança viva, sem o menor auxílio, muito encatarrada, com profunda dispnéia, e além de tudo com perfeita consciência de sua*

*miséria, pois tudo lhe faltava. Mais para dentro, o segundo pai de família, o alsaciano Joseph Flieller, com uma criancinha no braço; aos seus pés, deitada numa cama miserável, quase toda a família chorava como uma criança, porque não tinham mais o que comer. [ No dia seguinte notou-se que] morrera durante a noite um Napoleão da classe baixa do povo, que definhara lentamente no além-mar, olhando o oceano, esperando em vão um auxílio."*

[Avé-Lallemant, 1980: 162]

(22) Gomes preservava Teófilo Ottoni, mas não perdoava-lhe a inocência frente à realidade do mundo. De acordo com ele, Ottoni foi levado a erros por "*(...) opiniões que deviam considerar-se muito autorizadas, [que] o tinham induzido em erro sobre pontos essenciais do seu projeto.*" Outro equívoco "*foi exagerar, em boa fé por certo, os rendimentos e mais vantagens que devia usufruir, apenas tivesse aberta estrada do litoral para o Norte de Minas.*" [Gomes, 1862: 5] Ottoni, segundo Gomes, desconhecia a dinâmica dos mercados, e alocara mal os recursos disponíveis, pois "*é sabido que o capital circulante, estando aquém das exigências do trabalho, acha sempre oferta de fácil e rendoso emprego; e pois a empresa industrial que não lhe fornecer vantagens iguais, ou que oferecendo-as, se achar na impossibilidade de as realizar logo, embora para mais tarde as assegure maiores, há de cair em desprestígio.*" [Gomes, 1862: 6]

É, principalmente, ao comentar os planos futuros da Companhia que Gomes mais expõe os Ottoni. Analisando o projeto de ferrovia para a Companhia, diz:

*"Nada menos que uma via férrea projetava ela nesse ponto, como se a locomotiva, em lugar de acudir ao chamado de uma valiosa produção, e de atívisimo tráfego, devesse vir esperar por eles à sombra da mata virgem e no silêncio dos campos despovoados."*

[Gomes, 1862: 27]

Ottoni, para ele, era um visionário perdido na mata, criando projetos sem base alguma de suporte nas condições reais da sua empresa:

*"Rara será a idéia útil no Mucury que à Companhia não tivesse ocorrido, porém foram as mais vantajosas que ela adiantou menos, até porque as concebeu tardiamente. (...) seus trabalhos têm em geral um caráter de fragilidade, que, ou fosse nascido da escassez de forças, ou do açodamento em atingir resultados, devia ser sempre muito prejudicial a uma empresa cujas vantagens estavam todas no futuro, e futuro contado por dezenas de anos."*

[Gomes, 1862: 30]

(23) Murta descreveu a impressão da viagem nas chapadas assim:

*"Andamos gerais afora sem desanimar, gerais imenso e de capim somente, sem se encontrar num grande trecho um pau sequer, para se abrigar contra uma rês bravia (...), dando ali a aparência de se estar em alto-mar. Avistava-se gerais rasteiro e céu azul de anilina, e nada mais."*

[Murta, 1936, ms]

A descida das chapadas foi descrita com perfeição também por Murta:

*"(...) descambamos pela ladeira abaixo, na descida um pouco escabrosa, bastante pedras, trechos bem calçados. Deu-se logo em uma nascente, e pegamos mato grosso, tendo sempre à direita o arrulho de uma ótima água cristalina que cada vez mais vai aumentando, e ora aqui, ora acolá sobra um pouco pela estrada abaixo."*

[Murta, 1936, ms]

(24) Sobre a pressão da fronteira ver Relatórios de Ottoni; também Renault, Spix e Martius e Saint-Hilaire. A esperança de transformar Minas Novas numa província aparece em César (1975), Brazilino (1859), além de ser sugerido em vários escritos de Ottoni.

(25) Os dados estatísticos sobre população escrava do Jequitinhonha estão nas *Fallas...* de presidentes de província; sobre escravidão ver também Morley (1971) e Poel (1981). Dos casos de escravidão do Nordeste de Minas um dos mais curiosos foi contado por Otelino Sol (entrevista, junho 1994): a história de Maria Clarinda que veio a ser figura muito importante no Salto. Um certo Sabino Alexandrino Pinheiro era comerciante de escravos, que comprava no Araçuaí para vender na mata de Ponte Nova. Tinha família em Araçuaí; num carregamento de escravos, porém, se engraçou com uma moça de nome Clara. Na viagem a turma ia de má-vontade e com cálculo de revolta. Chegando em Diamantina, Sabino teve a idéia de comprar um bilhete de loteria e dá-lo aos cativos, com a condição: se ele fosse premiado, os escravos se comprariam e ficariam livres. Na chegada ao Serro, Sabino perdeu de vista a Clara, grávida. Algum tempo depois, o negociante perdeu toda a família. Foi atrás de Clara, que estava entre Cachoeirinha e Belmonte, com a filha Maria Clarinda. Sabino mandou buscá-la em "canoa de boi", no luxo: sózinha ela subiu o Rio, chegou ao Salto como uma princesa. Pouco depois Sabino morreria, mas antes recomendou a filha aos cuidados do coronel Zimbu, dos Cunha Peixoto.

(26) Como exemplo Maria Tércia da Exposição, a matriarca da família pioneira de Poté que chegou lá em 1830, era de Minas Novas e filha do Padre Manuel Cardoso, que escondera a criança no terceiro e último berço da exposição dos orfãos para ela não ser vista e adotada, e ficara assim "forçado" pela sorte a criar uma menina que ninguém queria, que ele mesmo educou e casou. A história de Tércia está em Timmers (ms, 1969); os dados do Censo de 1920 foram ligeiramente comentados e estão citados em Wirth (1982).

(27) O povoamento da mata e seu crescimento demográfico foram analisados impressionisticamente por Godofredo Ferreira (1934) e frei Samuel Tetteroo (1919 e 1922); Timmers (1969, ms) documentou dezenas de histórias familiares de mudança para a mata, e elas são vivas em muitas lembranças. A pressão da saída por esgotamento ambiental é outro aspecto, que merece comentários mais densos.

(28) Embora muitas histórias enfatizem povoamento baiano, e até povoamento "militar", os baianos chegaram aos poucos e já pelo final do século XIX e os militares eram lá do lugar mesmo, conforme vemos. Alguns casos de migrantes para o baixo Jequitinhonha são exemplares: a Mestra Guindô, Maria Isadora Trindade, conta em sua memória que seus pais em meados do século XIX estabeleceram-se no baixo rio, dentro da mata, cercados por parentes. Quando uma onça matou o pai, sua mãe entregou a terra aos cunhados e subiu o rio para o Calhau: tinha lá seus parentes. Depois de casada Guindô, desceu o rio um pouco, para se instalar com o marido Clarindo numa casa de comércio em São Roque. No seu caso foi a morte do pai que torceu o destino, mas havia ocorrido um deslocamento de muitos irmãos adultos com filhos rio abaixo, para um posto avançado que abriam na mata.

(29) O caso de Antônio José Coelho está descrito em Ferreira (1934), Timmers (1969) e Porto (1946). Os Pêgos e Gomes Leais aparecem renitentemente nos registros de casamentos e batizados da Paróquia de São Pedro, como padrinhos ou referências; tais casos foram muito bem sumarizados por Timmers (1969, ms).

(30) Dados de população em 1860 ver Ottoni (1860); em 1920 ver Ferreira (1934).

## *Capítulo II História de uma guerra na mata*

### *1. As notícias do extermínio*

Nos finais do século XX não ficou muita lembrança dos índios do Jequitinhonha e Mucuri. No Jequitinhonha ela foi reaquecida nos anos 1990 quando recebeu os Pancararú do rio São Francisco, para assentá-los na fazenda da Diocese, poucos quilômetros acima da barra do rio Araçuaí, ironicamente na antiga Lorena de Tocoíós. Além deles existem aqueles Machacali que perambulam, mendicantes e bêbados, pelas estradas do Mucuri. Uma tribo chegada de novo, outra maltratada pela situação a que sua terra ficou reduzida: foi tudo que restou de memória dos grupos indígenas que povoaram as matas.

Quase todos os autores estão em acordo: esta situação foi o resultado de um extermínio militar movido contra os índios desde final do século XVIII, pelo menos, que uniu num mesmo lado governo e fazendeiros, numa guerra de morte, que teve lances profundamente dramáticos e violentos (1). Ficou a história da guerra, morte, massacre.

Um dos casos exemplares de assassinato aconteceu na antiga Colônia do Urucu em 1870, e pode ser acompanhado pela troca de ofícios que aconteceu na época. Em 13 de junho de 1870 o agente indígena da Colônia, Augusto Ottoni, avisou em ofício ao Diretor dos Índios, Magalhães Mosqueira, que encontrava-se no Mucuri um certo Joaquim Martins Fagundes, diretor da Primeira Circunscrição dos Índios em Jequitinhonha, responsável por lá ter massacrado uma tribo com 30 pessoas. Augusto Ottoni avisava que Fagundes ia ao Mucuri matar outra tribo, cumprindo encomenda dos colonos no valor de um conto de réis. Mosqueira remeteu o aviso aos seus superiores em 30 do mesmo junho. Mas no dia anterior o massacre já acontecera no ribeirão das Lages. A tribo do Capitão Potón fora convidada para carnear duas réses e surpreendida na chegada: morta a tiros e pauladas. As autoridades do Distrito declararam 21 homens mortos, mas Augusto Ottoni em novo ofício dizia que passavam de 40, fora toda a tribo e não só os homens, mas também as mulheres, idosos e crianças. No mesmo ofício, de 16 de agosto de 1870, informava que soubera e avisara do contrato de morte da aldeia; se retirava do cargo de agente de índios do Mucuri, porque se tornara inseguro para ele e nenhum efeito rendiam suas providências e ofícios. Mosqueira pediu esclarecimentos à subdelegacia do Distrito: foi informado que os índios tentaram atacar pacíficos colonos e haviam sido repelidos. Augusto Ottoni, em carta já do Serro, dizia que havia ocorrido um crime, porque nenhum índio ia à guerra com mulheres e crianças; fora morte encomendada a liquidação da tribo pelos colonos, queriam as florestas do São Mateus. Mosqueira solicitou investigações à polícia e, logo depois, em 15 de outubro de 1870, recebeu o pedido de demissão de Fagundes do cargo que ocupava no Jequitinhonha: ele fora nomeado pelo governo imperial Pacificador de Índios do Mucuri. Um mês depois saíram em ofício os resultados do inquérito feito pelo Delegado de Polícia de Minas Novas, Antônio Dias dos Santos: tomando depoimentos, ele concluíra pelo

massacre e citação dos responsáveis, dando razão a Augusto Ottoni. Em 27 de novembro de 1870 Fagundes foi empossado no cargo de Pacificador; Mosqueira pediu demissão, porque, dizia, não podia assistir passivo ao ataque a seus tutelados (2).

Assim foi construída a história do massacre.

Mas, no começo do século XIX, Jequitinhonha e Mucuri seduziam viajantes, escritores e sábios exatamente pelo exótico de ter índios. Os Aimoré, Endjerecmun, Cracmun ou Guerén, como eles se chamavam, que ficaram conhecidos como "botocudos" por conta dos imatós que usavam nos lábios e orelhas, mais os Malali, Macuni, Machacali, Panhame e tantas outras nações, resistiram bravamente até começos do século XX: o ataque sistemático a elas recomeçou, no século XIX, em Lorena de Tocoios com J.P. Freire de Moura e terminou com frei Serafim de Gorizia em Itambacuri. Métodos diferentes, mas propósitos idênticos. Dos massacres feitos contra o povo da mata desde fins do século XVIII até a fuga desvalida do índio amansado Domingos Pacó - que mesmo sendo sacristão e professor escapou da civilização para voltar a uma floresta que estava agonizando - nesses 120 anos, os índios empolgaram as selvas. A história da mata nesse período foi marcada pela aventura, perigo, e sobretudo barbárie, aquela que foi praticada pelos colonizadores.

Essa história tem sido contada em seus detalhes mais dramáticos como o massacre de povos para que fosse ocupada a sua terra. John Wirth, leitor implacável de tudo que se escreveu sobre Minas Gerais, dizia que, nos começos da República, índios já eram assunto do passado pelo pouco que restara deles com a ação profilática desenvolvida pelo governo e colonos. Álvaro da Silveira descreveu em 1922 os pobres índios da mata dominados pelo álcool e doença. Uma extinção brutal e definitiva é o que narram também Godofredo Ferreira, frei Samuel Tetteroo, frei Olavo Timmers, e mais Geralda Soares, Hilda Paraíso, CEDEFES e Sônia Marcatto. Foi uma guerra que todos os contemporâneos acharam melhor ignorar e tornou-se parte de história tão óbvia quanto esquecida. A notícia dessa ação militar de extermínio foi amplificada no correr dos tempos pela análise da Carta Régia de guerra aos "botocudos" de 1808, pelos testemunhos parciais dos viajantes do começo do século XIX, pela amplitude de violência privada contra índios e pela fragilidade da resposta indígena.

O enfrentamento do governo com os índios do Jequitinhonha e Mucuri começou em fins do século XVIII e foi formalizado em 1808, através de uma Carta Régia que declarava guerra ofensiva aos "selvagens do Jequitinhonha". A Carta ordenava a formação de um corpo militar encarregado da guerra e liberava a escravização de índios enquanto "*durasse a sua ferocidade*"; estimulava com incentivos o povoamento da zona, isentando de impostos os colonos, liberando a exportação e importação por dez anos, anistiando por seis anos aos devedores da Fazenda Real que se dirigissem para lá (3).

Veio daí o destaque à história militar, quartéis, e contato com os índios feito na base de "*pólvora e bala*"; principalmente por este meio cresceu a fama do extermínio pela matança. Essa foi a origem da glória de soldados como Julião Fernandes - o duro alferes encarregado dos índios do baixo Jequitinhonha - e de Marlière, um oficial pacifista que passou entre 1810 a 1830 por um aprendizado sobre homens e mata, a ponto de reparar que os brutos, em verdade, não eram os indígenas mas os colonos, pois "*é mais dificultoso desabuzar a um rústico do que a civilizar quantos índios há*". [Marlière, 1905: 524]

Sua ação foi de paz, repressora do tráfico de crianças e dos abusos de colonos e soldados. Mas a história do massacre resistiu ao pacifismo de Marlière, que acabou servindo para enfatizá-la com suas campanhas contra a violência.

Outra parte das notícias da guerra vieram dos viajantes estrangeiros. Pohl, Spix e Martius, Saint-Hilaire, Freyress, D'Orbigny, Wied e Avé-Lallemant, entre outros, testemunharam o combate e, mais que isto, foram ao Jequitinhonha e Mucuri para conhecê-lo, estudá-lo e dar sua opinião sobre a melhor forma de lidar com a questão indígena. Assistiram a uma luta quando já sabiam o resultado, pois anteviam os derrotados e vitoriosos de um combate desigual. Essa visão de extermínio, marcou toda a literatura de viagem sobre a guerra da mata: uma população em assustadora redução, a caminho duma extinção fatal (4). A fatalidade da destruição vista pelos viajantes, marcou profundamente a história indígena, de modo que a derrota na luta armada tornou-se conclusão natural dos seus relatos.

A outra lembrança de guerra foi a violência pessoal, que esteve em toda a conquista, mas é menos citada pelo que teve de muito indecorosa. Essa violência já estava presente nas primeiras descidas ao Mucuri: João da Silva Guimarães, um preador, enfrentara os índios em combate em meados do século XVIII, poupando da morte apenas aqueles que escravizava. A matança foi enorme em todo Mucuri e Jequitinhonha. Existem centenas de casos como aquele em que dois índios, Cró e Crahy, guiaram os colonos do Calhau para uma vingança contra uma tribo em 1839. Ocuparam a aldeia à noite com forças militares desiguais, e

*"Nos da aldeia fez-se mão baixa em velhos, mulheres e meninos, sendo reservados destes os que serviam para o tráfico, e alguns adultos para carregarem as bagagens e as matalotagens dos assassinos. E em caminho, apenas se podia dispensar uma destas bestas de carga, metia-se-lhe uma bala na testa. Chamava-se a isto 'matar uma aldeia', façanha que de tempos em tempos se repete. É uma frase técnica na gíria da caçada dos selvagens. Matavam-se aldeias no Jequitinhonha, no Mucuri, e no Rio Doce, em Minas, e no Espírito Santo. (...) Os traficantes davam caça aos indígenas como a animais ferozes. Diz-se mesmo que para adestrar seus cães nesta caçada dava-se-lhes a comer a carne dos selvagens assassinados, e que foi em represália destes horrorosos atentados foi que os selvagens se deram à antropofagia, devorando as vítimas que lhes caíam nas mãos."*

[Ottoni, 1958: 193]

Desse modo foram liquidadas muitas famílias e tribos: mortas muitas vezes para diversão dos matadores. A rotina da guerra ficou sendo o encontro de um colono armado com um índio aterrorizado e frágil (4). Seu contato, descrito por todos os autores, foi resumido em Porto numa breve troca de expressões:

*"Falam os portugueses -'Jacjemenuc, jacjemenuc' que quer dizer: 'Nós já estamos mansos, já não somos matadores'. Ouvindo essa exclamação em que os crimes antigos são confessados pelos catequizadores, o selvagem cessa de correr, depõe o arco, e ordinariamente responde: '- Sincorana, sincorana', que quer dizer: tenho fome, tenho fome."* [Porto, 1931: 94]

Outro capítulo dessa história violenta era o uso das doenças: os panos vermelhos e roupas infectados dados de presente aos índios por colonos são casos contados por praticamente todos os autores; os surtos de sarampo, cólera, mas principalmente variola - a terrível bexiga negra - arrasaram tribos inteiras. Os Machacali no rio do Prado, os Malali em Peçanha e, sobretudo, as tribos aldeadas pelos frades capuchinhos em Itambacuri foram vítimas do sarampo, num surto que grassou entre 1892 e 1895 no Jequitinhonha, Mucuri e Doce. Este surto fez seu maior estrago no aldeamento capuchinho, e motivou a revolta dos índios (6).

Por último ficou a lembrança de uma dura derrota porque as reações dos indígenas foram tímidas diante de ataques tão brutais. Parece que eles deixavam-se matar, tão grande foi a diferença entre a ofensa e a resposta. Faziam pequenos ataques guerrilheiros, aterrorizavam viajantes incautos; respondiam aos ataques de colonos com suicídios e fugas. Respostas simbólicas que atestavam uma derrota evidente. Sabe-se que os Macuni mataram três soldados que os torturaram durante anos; presos e condenados, pediram que deixassem a tribo ir para dentro da floresta, longe do "português". Os índios do aldeamento de São José do Caray mataram soldados e sargento; mas fizeram isto quando haviam sido transformados em seus escravos, quando suas mulheres eram usadas em comum pelos militares e o quartel se tornara um serralho. E aconteceram ataques desesperados e românticos, como o massacre de uma família de posseantes que extraía caça e poaia numa mata que raleava na Garganta do Anjo, mortos por índios que viviam espremidos entre os colonos do Urucu e a estrada de ferro (7).

A maior de todas as revoltas, curiosamente, não foi contra violentos colonos, mas sim contra dois capuchinhos, que sobreviveram a ela. Envolveu 700 ou 800 índios, flechados em frei Serafim e a fuga definitiva dos Pojichá. Frei Palazzollo, que fez a crônica dos frades e da revolta, omitiu que seu motivo fora o sarampo, responsável pela morte de centenas de índios; dizia que os índios se revoltaram instigados por pessoas de fora (8).

Ficamos assim com a história de uma guerra feita por governo, colonos e fazendeiros, brutal massacre de tímidas respostas.

Já para o começo do século XX os índios ralearam suas aparições, ficaram pontuais, destacadas, já não assustavam: davam pena. Ceciliano Almeida, quando abria a ferrovia do Espírito Santo a Minas Gerais, contava que encontrou nos anos 1900 sua casa cercada de "bugres" que procuravam sua chefe, a "*cabocla Benedita*", e que se dirigiam ao autor num português estropiado: "*capitan, dineo, fume...*". [Almeida, 1959: 197] Ou davam apenas susto, por fim, como na história celebrizada por Godofredo Ferreira, em 1906, quando saiu da mata um dos últimos índios noticiado, altivo e solitário, na sua afronta à civilização, na passagem do córrego de Areia:

*"quando o trem de ferro passava pelas matas de Presidente Penna, em marcha vagarosa, um hugre surgiu inesperadamente da floresta, pondo-se completamente nu diante da locomotiva, enquanto os passageiros e passageiras contemplavam boquiabertos sua musculatura rija."*

[Ferreira, 1934: 51]

Tudo leva a crer que os índios sumiram mortos numa brutal guerra de extermínio movida por colonos que queriam as suas terras. Mas isso é apenas uma parte da verdade.

As matanças foram frequentes, mas não foram elas o único, e certamente nem sequer o principal instrumento de liquidação dos índios (9). Outras batalhas mais importantes da guerra da mata ficaram ocultas pelo horror e violência. O espetáculo do extermínio físico roubou a cena e não deixou aparecer o grande combate dessa guerra, que não foi travado nos campos de batalha, mas no da cultura, educação e treinamento. Os sobreviventes da guerra na mata - provavelmente a maior parte dos índios do Jequitinhonha e Mucuri - sofreram um massacre muito mais sofisticado: foram obrigados a aceitar a civilização.

## 2. O povo da mata

Existem muitos estudos e descrições dos índios do Mucuri e Jequitinhonha. A maneira como eles são retratados não varia muito, mas as preocupações dos autores de cada época são muito diferentes. Nos começos do século XIX escrevia-se sobre índios a partir de interesses práticos: a possibilidade de educá-los, aproveitá-los no trabalho. Principalmente especulava-se sobre a existência ou não da antropofagia: Saint-Hilaire, que deixou algumas das melhores informações sobre índios, duvidava todo o tempo; J.P. Freire de Moura não tinha dúvidas a este respeito; Renault, engenheiro imaginoso que explorou o Mucuri, citava como prova o caso do menino índio seu criado, que acariciava sua mão e pedia: *"-Corta a sua mão aqui para mim comer ela."* [Renault, 1903: 1070]

Já nos começos do século XX, desaparecido o índio, a questão era saber qual a sua contribuição para a formação do povo brasileiro. Nos fins do século XX os autores procuraram fazer o histórico da destruição, relacionando a desaparecimento do indígena com a apropriação da terra.

As tribos eram muitas. Principalmente, elas eram divididas. Havia uma nação maior, que chamava-se a si mesmo Guerén, Endjerecmun, Cracmun, Amburé ou Aimoré. Mas os colonos simplificavam tudo, chamando-os de "botocudos", um apelido ofensivo dado por conta dos enfeites redondos de madeira, chamados *imatós*, que usavam nos lábios e orelhas. Era a nação mais forte e guerreira, não gostava de contatos com "portugueses", falava uma só língua e ocupava a maior parte da mata do Mucuri e baixo Jequitinhonha. Freire de Moura deixou sua descrição deles:

*"Os ornamentos dos botoques no beijo e nas orelhas, o serem antropófagos, não se lhes conhecer domicílio certo, andarem sempre em pequenas partidas para poderem subsistir, porque vivem de caça e da pesca, não tendo o menor conhecimento de agricultura: tudo isto concorre para se poder dizer com justeza que são ou fazem uma tribo dos botocudos."* [Moura, 1897:28]

E havia, de outro lado, as nações indígenas pequenas, de costumes e línguas próprios, que dentro das matas eram perseguidas pelos Aimoré. Essas tribos chegaram-se mais cedo ao colonizador "português" ou "brasileiro", pelo temor dos seus inimigos: Macuni, Malali, Pataxó, Panhame, Machacali, Comoxó e muitas outras. Cada qual tinha sua própria cultura e localização, mas eram frequentemente deslocados de um lugar para outro, escapulindo dos inimigos (10).

Enquanto a mata foi grande estas nações viveram na abundância, preocupadas somente em comer muito, passear e digerir no ócio. Eram grupos que extraíam seus alimentos e recursos da selva, conheciam o que ela fornecia, mas dela não tiravam somente comida, extraíam também alegria. Mesmo depois de aldeados os índios Pojichá saíam para a selva duas vezes todo ano: iam "recrear", fazer suas "correrias" e gozar seus "divertimentos", para não adoecerem e ficarem desgostosos. As nações, tribos e grupos dividiam entre si a mata por meio de combinações, de modo que cada qual dispunha do tanto de floresta necessária à sua manutenção. Nessas sociedades sem agricultura, o tamanho da área de extração de alimentos, caça e pesca era fundamental para a sobrevivência da população, por isto elas andavam constantemente pelas suas áreas, e em grupos reduzidos, retirando mantimentos e zelando por sua floresta. Às vezes um grupo entrava em área de outro, então guerreavam até expulsar o invasor ou perder aquele território. Wied descreveu o combate entre dois grupos por conta de invasão de território de caça; Teófilo Benedito Ottoni narrou uma luta entre giporocs e bacuêns na Santa Clara, pelas mesmas razões.

Por volta dos anos 1800, a pressão dos colonos abrindo roças e avançando sobre a mata já era grande o bastante para reduzir o espaço de todas as tribos; daí em diante, na medida que avançavam, mais limitado ficava o território para os indígenas e mais acirrada ficava a disputa que eram forçados a travar pelo espaço diminuto de coleta e extração. Isto atiçou a luta entre as nações, e com ferocidade crescente; em 1800 aquelas nações menores - Malali, Macuni, Comoxó, etc - já haviam sido expulsas para a borda da mata pelos chamados Aimoré. Lá ficavam sujeitas, ao mesmo tempo, aos ataques dos inimigos índios e ao domínio dos colonos. Por isso sua história é contada muito próxima aos colonos, viajantes e Quartéis, e às vezes participaram de combates ao lado dos soldados.

Com a expansão das posses dos colonos, mesmo os Aimoré se dividiram e se guerrearam: de um lado os chamados Giporoc, que dominaram por um período o baixo Mucuri e Jequitinhonha de baixo, a mata mais generosa; de outro os Nacnanuc, que viveram nos altos Mucuri e Jequitinhonha, uma zona menos farta. Mas essas localizações não eram definitivas, devem ser vistas com cuidado, pois são imprecisas e grosseiras, não só porque refletem anotações muito salteadas, mas também porque essas tribos andavam muito.

Na medida que cresceu a entrada dos colonos na mata, ela foi ficando reduzida e a abundância minguou. Wied, em 1815, no coração do melhor da floresta, descreveu uma sociedade indígena de excessos alimentares; à medida que avançaram os anos e os colonos, mais acentuadas ficaram as queixas de fome, doença, liquidação de fartura, que atingiram seu auge por volta de meados do século, quando já havia uma grande população numa mata raleante para índio, cercada de colonos por quase todos os lados. Nos anos 1830 Renault ficou perdido nas matas da cabeceira do Mucuri, com uma "horda" Nacnanuc. Viveu, diz, *"de cipós e cocos de brejaíba, sem aparecer caça alguma, afugentada ou destruída por tão extraordinário número de pessoas, entregues a uma cruel fome (...)"*

[Renault, 1903: 1083]

Foram muitas as lutas entre tribos pela extração ou comida. Teófilo Benedito Ottoni, que fez um dos melhores relatos indigenistas, dizia nos anos 1850 que os índios

*"Matam-se entre si por um pequeno terreno onde caçam e apanhem algumas raízes tuberosas. Os mais fracos saíram para a borda da mata, e vieram pedir farinha e proteção contra os seus próprios irmãos."*

[Ottoni, 1858: 194]

É preciso então situar a guerra ao índio no cenário da mata: cada vez mais reduzida: luta, fome e proteção estavam associados. São tantos e tão evidentes esses casos do século XIX, que é possível encontrar em todos os autores e viajantes dessa época o refrão invariável de uma nova tribo que aparece, submissa, procurando contato e, agora, proteção: *"- Jac- jamemuc, sincorana!: -Já não sou bravo, tenho fome! Capitão grande é muito bom."*

[Ottoni, 1858: 227]

A procura de contato não foi uma evolução natural, nem consequência do crescimento populacional. Foi, efetivamente, resultado da intervenção dos colonos. Criar esse sujeito sem raízes, faminto numa mata abundante, desligado da sua sociedade protetora, desprovido de sua técnica, isolado, frágil, inseguro foi o primeiro resultado da colonização, sua primeira grande vitória na guerra da mata. Foi o colono e, por meio dele, a fome, quem desatou aqueles vínculos dos homens com a mata e com suas nações. As sociedades indígenas que saíam famintas das matas e foram descritas pelos viajantes, já eram tribos em fase de destruição (11).

Nessa tragédia índia, lendo uma narração, parece que lemos todas. Falam sempre de *"hordas"*, índios que andam nus, alguns com lábios e orelhas furados para suportar imatós - que viajantes sempre trocavam, para levar aos museus - suas pinturas pelo corpo, sua capacidade de correr pela mata, sua falta de Deus e governo, seus territórios de *"correrias"* demarcados, seu enorme amor pelos frutos da sapucaia, o costume dos casamentos precoces, sempre unindo um cônjuge jovem a outro bem mais velho, suas canções longas, tristes e desafinadas:

*"Abaai hitá popi amabá poaté poteice anári, quer dizer, Quando as mulheres vão urinar, as árvores olham e não dizem nada"*

[Saint-Hilaire, 1975: 214];

seu costume de cultuar o narrador da história tribal ou familiar, que fala depois das refeições da noite à beira do fogo; seu apetite insaciável, indolência absoluta, imprevidência completa.

Foi a imagem que ficou: pobres grupos famintos saindo da floresta, sempre derrotados por um grupo mais forte que deixaram lá dentro, indo ao encontro de um destino que não era muito mais feliz lá fora. Todos os relatos do século XIX são a descrição dessa saída da mata, onde restaram cada vez menos grupos, os mais valentes.

A visão da saída foi construída em grande parte pelos viajantes estrangeiros. Todos eles tiveram uma aguda consciência que aquela era uma situação passageira, que o destino daqueles fracos - dentro ou fora da mata - estava selado. Era uma derrota definitiva, acachapante, irrecorrível e, ao mesmo tempo, triste e desperdiçada, porque, no seu breve convívio, a maioria dos viajantes conseguira perceber e transmitir a luminosidade daquele mundo indígena que puderam entrever. Eram sociedades destruídas a troco de nada, e viam desaparecer um enorme conhecimento de mata para ser substituído por uma pobre expansão de roças de toco e faiscação vasqueira. Saint-Hilaire foi muito lúcido diante desta situação.

Ele pensava que se poderia poupar os índios ao massacre para fazer deles a base da população: estimular o casamento de "*donzelas botocudas*" com "*brasileiros ou mulatos livres*" - expressões dele. Vendo os Malali que esgotavam-se em excessos de prazer e corriam à mata para se enforcar e morrer de amor, ou descrevendo as meninas Macuni que se chegavam aos "colonos portugueses" em troca de carinhos e comida, Saint-Hilaire lamentava essas sociedades que morriam em silêncio.

Apesar de reparar o contraste entre o seu mundo e aquele dos índios, nenhum dos viajantes deixou de ser seduzido pelo vigor das sociedades indígenas, e sempre a repulsa de início de viagem era aos poucos substituída pela suspeita que aqueles índios não eram inumanos, como dizia Teodor Korzeniowski. Vinha daí uma compreensão, um susto ao desconfiar que índios poderiam ser pessoas como todas as outras. Foi desses viajantes estrangeiros que herdamos a lembrança do povo da mata. Distorcida ou parcial, fatalista ou homogênea, deixaram-nos a melhor, e ao mesmo tempo, a mais estrangeira das lembranças: nos legaram a etnografia possível. Eles produziram uma quantidade grande de comentários, concentrados no começo dos anos 1800, entre 1815 e 1860 e depois um vazio; ficamos sem informações sobre o final da história indígena, condenados a aceitar relatórios de governo, ofícios e documentos, que são as fontes de informação sobre indígenas nos finais do século XIX. Fontes ralas, enfadonhas e duvidosas.

Principalmente duvidosas, porque naquele intervalo entre os anos 1870 e 1920 ficou frágil a diferença entre "brasileiro" e "índio". Lógico, não se tratava de confundir os letrados e os ricos com os filhos da mata. Mas na pobreza, na borda da mata, na lavra, no batistério, no relatório, na lavoura, na cata de poaia e jacarandá: o que era o "índio", o que era o "brasileiro"? Estas diferenças estavam pequenas. Não estavam mais na cor ou nas técnicas, não estavam em bens ou empregos. As tribos esgarçando-se, misturavam-se num meio indiferenciado de pobres "portugueses", mestiços, fugidos e libertos, na grande massa de desclassificados. As identidades não estavam construídas, ou estavam sendo destruídas.

Era tão sutil a diferença que é impossível dizer a origem dos sujeitos que encontramos citados nos documentos. "Brasileiros" fugiam para viver nas matas: Péricles dos Santos falou dos trabalhadores que abriam a estrada do Pampã a Presidente Pena em 1906 e encontraram na Capoeira dos Caboclos, entre bananeiras, urucuzeiros e mandiocais, "*índios e nacionais*"; fala também da frequência do "*encontro carnal*" entre negros e índias. Leopoldo Pereira falava de índios do baixo Jequitinhonha, chefiados por um "*nacional*" chamado Joaquim da Velha, que ele chegou a conhecer. Frei Samuel Tetteroo refere-se aos capitães Abade e Manuel Luís, "*nacionais*", depois um deles foi comido por uma onça. Frei Palazzollo dizia que na companhia dos Creché, que assolavam a estrada de Teófilo Otoni, encontravam-se muitos negros. Ficavam nas matas famílias inteiras, posseantes e jovens. Afrânio Barbosa Lima passou as festas juninas de 1994 na Aruega, e lá lembrava os tempos que vivera com índios na mata do São Mateus, entre 1918 ou 1919. O modo de vida nessa época não era o bastante para diferenciar (12).

Mas em tudo isso trata-se de índios na mata. Fora da mata, das tribos e da frente de guerra, existem centenas de provas desta confusão entre "nacional" e "índio". O capitão José Campó, chefe dos índios de Malacacheta, era empregado - e esta é a palavra usada por Reinaldo Porto - de Casimiro Gomes Leal e saía, às vezes, para guerrear seus inimigos. Menores ainda ficam os limites quando se examinam batistérios e registros de casamento.

Até por volta de 1860, o vigário de Minas Novas, José Pacifico Peregrino e Silva, registrava origem daqueles inocentes que batizava:

*"Ritta de Senna Matos, de 3 anos, india..."*, ou *"Solidade Simões de Miranda, india, de 3 anos mais ou menos, nascida no Alto dos Bois..."*

[Livro de batizados, Minas Novas]

Depois dos anos 1860 e 1870 em diante, o detalhe desapareceu, e em todas as paróquias, de modo que ficou impossível distinguir esse povo da mata. Então não era batismo casamento ou moradia que diferenciava o "nacional" (13).

Os autores que escreveram sobre história ou índios da região em geral interpretam o silêncio sobre índios como equivalente de extermínio e talvez até seja verdade, em parte. Mas é mais que isso: é horror, extermínio cultural, liquidação da lembrança das nações e dos índios. Foi uma situação onde era enorme a dificuldade para distinguir origens, culturas, identidades, tudo era turvo. A maioria dos documentos esconde essa tensão da mudança, que aparece em pequenos lapsos: quando as pessoas falavam de si, como fez Pacó; ou quando as pessoas recusavam-se a falar de si como fizeram os filhos da sobrecitada Solidade e ela própria; ou quando tomavam atitudes que negavam um nome, um emprego e um batismo cristãos: subir numa árvore e ficar, desesperadamente, chamando os "parentes", conforme relata Geralda Soares.

Essa confusão entre "nacional" e "índio" desapareceu nos anos 1920 quando ficou definido muito claramente o que era um e outro. O nonagenário João de Deus, Corta-Vento e leiloeiro da festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Minas Novas, que foi "próprio" na juventude, incumbido de levar recados à mata e Diamantina, garantiu que nunca na sua vida viu um índio. Quando frei Samuel Tetteroo e Godofredo Ferreira escreveram suas histórias, indígena era assunto do passado, já radicalmente diferente de "brasileiro". Índio era quem vivia na mata, brasileiro era gente batizada. Essa diferença é marcada, por exemplo, quando os Machacali visitaram a cidade de Teófilo Otoni, em abril de 1929. Na época, foram assunto de matéria de *O Mucuri*, que saudava sua visita com o "*lingua*" ou tradutor Joaquim Martins Fagundes, como um momento civilizatório (14).

Essa diferença apareceu como resultado da guerra. Os índios na mata e na tribo sobraram poucos. Mas os derrotados foram muitos, e eles - destribalizados, cruzados, "mixtos", mestiços, caboclos - ganharam sem pedir, e às vezes sem saber, o apelido de "brasileiros", que foi fixado neles, confundidos, não porque as diferenças sumissem, mas porque a vitória de guerra impôs que fossem assim, semelhantes.

### 3. *Quartéis e outros instrumentos*

Os colonos alcançaram uma vitória tão definitiva que ao final de cem anos não restava mais que poucas lembranças dos derrotados. Foi com as armas militares que se fez parte dessa guerra, mas a maior vitória foi na cultura, ensino e educação.

Dos instrumentos usados na política indigenista os quartéis foram o primeiro, certamente o mais comentado de todos. Eles surgiram no começo do século XIX a partir da Carta Régia de "guerra aos botocudos" e foram montados em função dela. Certo que

durante algum tempo eles serviram à guerra: guerra incerta, guerrilheira, difusa e acéfala em alguns pontos daquela vasta fronteira que ia do alto rio Doce ao baixo rio Pardo. Mas sobreviveram às mudanças de política de combate cuidando de paz, terra e fronteira. Os estudos sobre os quartéis costumam enfatizar a ação militar propriamente guerreira, mas na maior parte do tempo seus usos foram outros, principalmente depois da chegada de Marlière em fins dos anos 1810.

Sua maior tarefa foi recrutar índios para a tropa e transferir às tribos costumes dos colonos: colocá-los nas suas fileiras não só diretamente pelo recrutamento, mas principalmente pela transmissão à tribo das hierarquias e responsabilidades militares. Nos grupos indígenas as chefias eram simbólicas e onerosas, e os quartéis as tornaram efetivas e vantajosas. Dizia Marlière que bastava *"uma farda e alguma roupa para o Capitão e o Alferes fazerem o negócio."* [Marlière, 1905: 543]

O cacique - transformado em "Capitão" - representava uma autoridade oficial, impunha castigos e serviços, distribuía benefícios, fazia contatos, repartia o produto, decidia. Junto aos quartéis, os Capitães índios foram adotando os métodos cristãos de lidar com a ordem, subordinando as tribos, repartindo as tarefas, cobrando benefícios para si e, principalmente, dando à chefia um conteúdo de autoridade completa (15).

Palmatória, tronco e tornilho eram ferramentas necessárias aos capitães de todas as aldeias e quartéis. Essa técnica promoveu transformações violentas nas tribos que saíam famintas da mata, e, sem dúvida, foi eficaz para começar a promover misturas de identidades. "Capitão Cabo Chico", "Capitão Soldado", "Alferes Índio" foram se tornando personagens comuns na mata a partir dos anos 1820.

Mas essa não foi uma ação sem respostas, porque os índios aquartelados absorveram também as astúcias do colono. Marlière e os agentes índios sofreram demais com essa militarização, que na maior parte das vezes era puramente formal. O "Capitão" desconhecia língua portuguesa, roupas e dinheiro, embora sobre ele fossem escritos ofícios e outros documentos que atestavam sua presença e mando na hierarquia militar. Entre 1825 e 1832, por exemplo, foram escritos dezenas de ofícios referentes a um certo Inocêncio Gonçalves de Abreu. Tratava-se aparentemente de um soldado indisciplinado, punido ora com prisão, ora com exílio ou suspensão de pagamentos. Mas Inocêncio era um índio: feito capitão, fugira levando ferramentas, armas e índios que dizia serem "seus". Não fora à mata fazer guerra aos "portugueses", sim traficar com outros índios - certamente escravizá-los, tal a raiva expressa por Marlière - e depois foi negociar produtos roubados nas vilas. Outro caso igual foi Norberto Rodrigues de Medeiros, que ao fim de muitos ofícios Marlière revela ser também índio; assassinou seu comandante e saiu com "seus" cem índios para uma guerra pessoal contra a propriedade alheia. Esses casos disciplinares foram repetindo-se com aquelas tribos da borda da mata, "militarizadas".

O outro método de trabalho dos quartéis era a lavoura. Na fronteira agrícola que avançava, a mata regredia e a competição alimentar se aticava: colocando-se na borda da mata, vanguarda do deslocamento de colonos, o trabalho principal dos quartéis era recolher aquelas tribos que a guerra interna e a fome expulsavam da floresta. Eram recebidos com alimentos, seu chefe nomeado "Capitão", seus inimigos índios mantidos à distância. Por esta razão as lavouras tinham uma enorme importância em todos os quartéis: era o modo dos

"portugueses" oferecerem aos índios aquilo que a mata não mais forneceria e ao mesmo tempo receber a mata para si.

Foi assim que os quartéis esparramados por toda a borda da mata realizaram uma das políticas mais eficazes de colonização, a um custo baixíssimo. Gastava o ordenado de uns poucos soldados, pagos com atraso de anos; o trabalho de fazer as roças e, daí para a frente ocorria o contato. Os quartéis eram centros de domesticação indígena, centros de extensão rural e miscigenação. Pouco de militar houve neles. Ao contrário do que se acredita não haviam "soldados despreparados" para lidar com índios, existia o justo preparo para os objetivos propostos: não era atingir o índio com tiros ou conservar as tribos em seu estado natural, mas sim transformá-los por dentro, educá-los, torná-los úteis produtores dos mantimentos seus e dos outros.

É exemplar o relatório de inspeção feito por Filipe de Castro, oficial do Exército, aos quartéis em 1832. Ele mostrou sua pobre serventia militar e grande utilidade agrícola; enorme fragilidade e desordem, menos no que dizia respeito à produção de mantimentos e conservação de ferramentas. Castro vai por todo o relatório mostrando como era grande o estoque de ferramentas agrícolas e pequeno o número de armamentos em todas as divisões: pequeno ou inutilizado, com número de soldados sempre muito abaixo do recomendado, formado por praças recrutados à força, ansiosos por fugirem daquele lugar, passando uma maior parte do ano ociosos e outra parte trabalhando em roças que serviriam para alimentar índios que chegavam na colheita do milho verde, comiam até empazinar, para depois voltar à coleta possível que durava todo o inverno. Os soldados retornavam ao ócio, até que uma tribo resolvesse se proteger, ficando por perto deles (16).

Não espanta, portanto, que o produto principal dos Quartéis tenha sido a miscigenação, os haréns - que, às vezes, terminavam em mortes, como no caso das Americanas - e a agricultura. Esconde-se atrás das glórias de Julião Fernandes e da enxurrada de relatórios e documentos oficiais produzidos pelos e sobre os quartéis o fato de que a maior parte da ocupação, colonização e miscigenação não foi feita com armas de fogo, mas sim com mantimentos usados no propósito de seduzir os índios, acostamá-los a uma agricultura sistemática e, sobretudo, desindigená-los depois de cruzados e agricultores.

Teófilo Benedito Ottoni sofisticou mais essas técnicas. Seu pioneirismo, depois seguido pelo governo e frades, consistiu em criar áreas fixas, exclusivas para os índios, onde eles cultivavam e sobreviviam sem incômodo à colonização. Sua pedagogia baseava-se no dotar índios de terras, localizá-los, ensinar agricultura, registrar suas terras em escrituras; os terrenos que sobravam eram transformados em fazendas e posses. Era uma solução brilhante para o problema indígena e a tensão fundiária criada pela expansão dos plantios, pelo simples caminho do ensino da lavoura-de-toco. Sua fama no entanto não veio disso, mas sim da denúncia dos massacres e violências, medidas pouco econômicas. Tratava os índios com zelo e civilidade, como na elegância da sua conversa com o feroz cacique João Ima, a quem ofereceu amizade e não combate. Procurava levar aos índios as noções modernas de direito, trabalho, dinheiro e propriedade: fornecia sementes aos capitães índios para depois comprar-lhes os produtos; era grande sua admiração pelo cacique Potón que instituíra na sua tribo a norma de *"quem não trabalha não come"* (17).

É preciso entendê-lo - como a Marlière, frades, índios, e todos os envolvidos nessa guerra - numa situação de mata diminuída pela pressão dos colonos, que expulsava uma

população indígena resistente à violência, mas acessível às políticas de contato. O brilho de Ottoni esteve em perceber as facetas da situação, embora o costume tenha sido compará-lo aos matadores de aldeias, deixando-o reduzido a um desatinado pacifista. Ele foi um precursor dos aldeamentos religiosos no Mucuri do século XIX, pioneiro do caminho que efetivamente frutificou.

Foram afinal esses mesmos propósitos e métodos de Ottoni que guiaram os frades capuchinhos no aldeamento de Itambacuri. Os freis Serafim e Ângelo chegaram à mata nos anos 1870 atendendo aos muitos pedidos de governo e agentes de índios. O Estado não possuía pessoas tão bem treinadas e, ao mesmo tempo, letrados e dispostos às privações e à dureza da selva. Frei Ângelo de Sassoferato entrara criança no convento capuchinho e de camponês se tornara um sisudo, metuculoso e laborioso frade; não enjeitava derrubadas de árvores, catecismo, contato com novas tribos ou a contabilidade do aldeamento. Frei Serafim de Gorizia havia sido um nobre da Corte austríaca; de acordo com Godofredo Ferreira fora um amor, uma traição e um duelo que o levaram ao sacerdócio; de acordo com frei Jacinto de Palazzollo fora um sinal de sangue num banquete onde queriam enredá-lo num noivado: outras versões variam entre esses dois limites. Certo é que os dois receberam a incumbência de aldear as tribos restantes do Mucuri e Jequitinhonha.

O aldeamento na mata foi cercado por dificuldades: seus vizinhos mais próximos, posseantes, furtavam os índios para temporadas de trabalho e cachaçada, e, de outro lado, o governo distante e avaro nunca atendia aos rogos dos frades. A atuação do governo está retratada na interminável correspondência entre os freis e o Departamento de Índios a respeito de finanças e providências que até o fim atazanaram os padres. Foi um trabalho feito sem recursos mas ele não exigia mais que dedicação e lavouras. Os freis conduziram o aldeamento por quase 50 anos, entre 1870 e 1920. No seu auge, em fins dos 1880, chegaram a reunir mais de 3.000 índios (18).

O trabalho indigenista tinha como propósito aldear, educar e evangelizar. Era uma revisão dos antigos métodos religiosos das Divisões e Quartéis, que consistiram no batismo, em acrescentar ao nome de índio outro nome, cristão, dado pelo "*Irmão-de-Tupã*" - como os índios chamavam os padres. Isso dava resultados vexamosos, como constatou Pohl, que testara nos Macuni o conhecimento religioso perguntando: se queriam ir ao céu? Sim! responderam; mas só se lá existisse batata-doce, que eles apreciavam demais.

Os freis possuíam um pensamento mais elaborado. Acreditavam que o homem deve ser cristão, para ser cristão tem que ser homem, selvagem não é homem, portanto, para ser cristão o selvagem tem que ser tornado homem: daí o papel grandioso que a educação e a produção ganharam no aldeamento. Essa pedagogia do trabalho teve enorme eficácia. Seus passos, seguidos à risca, eram aldear, alimentar, miscigenar, produzir, civilizar, para então evangelizar. Domingos Pacó forneceu o testemunho mais eloquente dos resultados destes métodos, quando constatava que ninguém mais queria ser índio em Itambacuri.

Foram essas as ações oficiais ou semi-oficiais em relação aos índios, no correr do século XIX até o começo do XX: um recolhimento perene daquela população constantemente expulsa da mata. Podemos resumir as práticas dos Quartéis, dos Ottoni e dos frades num processo combinado de atrair, proteger, assentar ensinar lavoura e aculturar índios. Com pequenas variações estas foram a tônica do indigenismo.

É uma ilusão, no entanto, acreditar que foram as práticas dominantes. A ação de governo em geral foi muito pequena: grande é a quantidade de papéis escritos que restaram dela. Maior ainda fica em comparação com os poucos documentos que testemunham a ação dos particulares, esta sim, vultosa, como é possível notar no tamanho e na sistemática da intervenção de alguns chefes da mata. O governo - e aqui para índios, funcionários, freis, empresários ou agricultores pouca diferença fazia - pedia muito mas dava pouco, agia com liberalidade, em acordo com a ação de particulares, que sempre foi muito importante no contato com os índios.

As ações dos particulares - os Pêgos, Gomes Leais, Fagundes, Coelho, Costas, entre outros - que podem ser vistas nas cartas, memórias e queixas daqueles que foram atingidos por eles, foram muito maiores que a reduzida capacidade de "fazer" do Governo. Os Pêgos afrontaram ordens do catequista frei Lagonero e agregaram, açoitaram e alugaram os Malali, tanto que acabaram amaldiçoados pelo padre e em sua terra nada mais prosperou (19). Os Gomes Leais construíram sua fama, roçados e fazendas com o serviço de muitas tribos situadas entre os campos do alto Jequitinhonha e a mata de Filadélfia: escravizaram os Macuni, desfeitiaram todos os agentes de Governo, fizeram eles mesmos a política indigenista pela sua lógica de colono da mata. Os Joaquim Fagundes - tio e sobrinho - primeiro e último de uma série de senhores de índios, exploraram Bacuên em Joaima, mataram por encomenda os Potón nos acontecimentos de Urucu nos anos 1870, violentaram os últimos Pojichá no São Mateus e negociaram as penúltimas terras dos Machacali, dando origem ao que ainda no final dos anos 1990 é o martírio desta nação. Frei Samuel falava dos "nacionais" que iam para a mata e chefiavam tribos numerosas, que depois pacificavam a seu serviço; Januário Vieira Braga buscava ouro no Peçanha prendendo índios, tirando informações, matando-os, mas distribuindo suas mulheres e filhos aos colonos lá de perto, miscigenando, educando pelo trabalho. Os Coelho foram para a mata, aldearam tribos, impediram a aproximação dos frades dos seus grupos, chefiaram seus batalhões de índios num combate às outras tribos e à mata e, depois, os assentavam perto de si.

Raimundo Ferreira de Souza, de acordo com Saint-Hilaire, deixou de ser soldado, aldeou uma tribo, ensinou português, agricultura e hábitos cristãos: era "*mulato, pintado de genipapo e cabelo cortado como botocudo*" [Saint-Hilaire, 1975: 212], e usufruía da comida, do poder, e dos benefícios da chefia. Silvério José da Costa morava em 1834 perto do Alto Grande, e mantinha consigo mais de 50 índios, entre homens, mulheres e meninos, aos quais "*afagava*", dando-lhes roupas e gêneros comestíveis, além de serviço. Teófilo Benedito Ottoni falava de posses que índios abriam na mata em serviço gratuito para "*linguas*". E, por fim, Antônio Gomes Leal acolhia consigo Macuni, Machacali errantes e extraviados Aimoré, e recusava-se em 1832 a pagar impostos à Câmara porque já não possuía frutos de lavoura para vender em Chapada e Minas Novas, como antes, uma vez que tudo era consumido com os índios (20)

Essa outra faceta da guerra, seu lado particular, raramente apareceu porque ficou oculto sob atividades religiosas e militares. As diferenças não são tanto de métodos - apesar dos chefes particulares tenderem a ser bem mais violentos e descontrolados - mas de resultados: os quartéis, frades e Ottonis aldeavam índios em terras públicas para proveito

tribal ou familiar; os chefes da mata aldeavam índios em torno de si em seu próprio benefício.

Vendo as coisas assim, podemos traçar agora um quadro mais completo dessa guerra da mata. Foi em grande parte uma guerra particular ocorrida à margem de um poder de Estado, que executava ações paralelas e complementares a esta, e embora houvesse combates envolvendo armas e massacres, o que os colonos queriam dos índios era o domínio de suas pessoas. As mortes, portanto, eram inúteis e anti-econômicas, precisavam do índio vivo e da terra livre. Por isso foi principalmente uma guerra não-militar - cultural, pedagógica, educacional.

Os colonos colocavam esses índios a seu serviço, num processo que davam o singelo nome de "*capacitação*", "*redução*", "*civilização*"... Isto significava adestrar na agricultura e no convívio com os colonos, tomar a seus cuidados, dar serviço, conservar na proximidade e alimentar. Era uma rede de obrigações que prendia o índio ao colono, imposta com violência constante, física e cultural. A partir de uma certa altura, por volta de 1820, não se podia falar em escravização de índios. Mas "*civilização*" podia, e os índios eram "*entregues*" ou então "*recebidos*", pois sob o discreto nome de "*receber*" a mesma situação se estabelecia: colono "*recebia*" índios em sua casa e com qualquer desses nomes a verdade mesmo é que ficavam a serviço, numa mistura de agrego e escravidão (21).

Desse modo operou a ação particular na borda da mata, oferecendo aos índios que fugiam da sua guerra lá dentro uma proteção, uma familiaridade, uma proximidade, que naquela época chamava-se "*civilização*", mas depois que a guerra foi terminando e os sujeitos aparecendo, todos já brasileiros, ganhou o nome mais trivial de agregação. Como o outro nome, escondia uma relação próxima e complexa: parecia semelhante a todos os outros agregos, mas era expressão do domínio que foi montado sobre o povo da mata e as suas terras. Este foi o maior e menos conhecido resultado dessa guerra na mata, que deixou seus milhares de derrotados na vala comum da brasilidade, transformados em camponeses, lavradores, posseiros e agregados: brasileiros.

#### 4 *Domingos Pacó descobriu a História*

É muito difícil dizer quantos índios foram brasilizados ou destruídos para avaliar corretamente os resultados das políticas e práticas indigenistas. O número deles é impreciso. Nações como Macuni já aparecem pequeninas nos relatos: cem, ou cento e poucos índios, no máximo, porque quando saíram da mata já haviam perdido uma primeira guerra; nações presentes em muitos locais, como Machacali - que esteve em todos os pontos, realizando inclusive a proeza de ter chegado aos "portugueses" em Caravelas, e lá aprender português e catecismo, ganhar comida e ferramentas, depois sumir na mata, para reaparecer, de novo "*bravos*", em Tocoíós, para receber mais comida, ferramentas, português e catecismo - são impossíveis de serem contadas. Seu número variou no tempo, nos autores, no espaço e nos temores. Com medo dos seus ataques os primeiros aventureiros da mata se referiam a "*cáfilas da boticudos*" em absurda quantidade; o funcionário público José Cândido Gomes,

liquidador da Companhia do Mucuri, dizia que seu alto número se devia à exageração dos medrosos. Nos anos 1820 Marlière orçava os índios em 20 mil pessoas: os primeiros padres chegados - Lidoro, Lagonero, Virgílio de Amblar - preocupados com a extensão da sua missão, principalmente na segunda metade do século XIX, nunca avaliaram em menos de 5.000 o número do indígenas das matas de Jequitinhonha e Mucuri. Frei Virgílio em 1873 calculava em 4.000 somente os Nacnanuc do alto Mucuri; frei Serafim avaliou nos anos 1880 a população conhecida em 750 aldeados e 3.000 nas selvas. Um relatório da Repartição dos Índios de 1871 contou discriminadamente 530 no baixo Jequitinhonha, número desconhecido no Pampã, nenhum entre Salto e Rubim, 4.000 no baixo Mucuri e 600 no alto Mucuri. Mas, computava-se somente índios que viviam em suas tribos, nas matas (22).

As divergências na conta vinham em parte dos critérios de classificação porque eles podiam ser contados por grupos, ou "hordas" conforme se dizia, e também por origem e etnia, o que era terrivelmente mais complicado porque os limites entre grupos, nações e denominações eram perigosamente flexíveis, e, dependendo do recenseador, os números variariam muito. Índios postos ao serviço particular não eram contados como tais; o mesmo acontecia com aqueles assentados no exército e moradores de vilas e cidades; comunidades arranchadas de forma permanente com lavouras num local eram "brasileiros", e assim também eram tidos aqueles casados com "portugueses" ou negros. Índio era dentro da mata: tão desconhecido quanto ela, fora dela estava sujeito a muitas classificações. Durante certo tempo os capuchinhos fizeram a conta de "mestiços" índios; mas aí, evidentemente, referiam-se à mestiçagem entre nações indígenas; nos relatórios em final de século este critério desapareceu. Refletindo sobre os métodos empregados nas contas, podemos dizer que todas diminuíam a população indígena total.

Mas havia um outro problema. Enquanto viveram de extração e caça que exigia enormes áreas por grupo e intensa mobilidade, sua contagem era impossível. A concentração da população dependia sempre da fartura da mata e da estação do ano, de forma que seu movimento permitia apenas uma contagem parcial. Nos relatórios indigenistas dos começos do século XX eram sempre grupos na mata, reduzidos, famintos, e os censos que apontaram milhares de índios nos anos 1850, contavam somente dezenas nos anos 1910: um milagre de eficácia da política de brasileiroamento.

Nessa altura podemos resumir o que foi a guerra da mata: uma ação sobretudo particular, mas a ação pública foi complementar e importante, tanto do ponto de vista do projeto quanto da execução. E foi uma guerra que desenvolveu combates em círculos, com situações que sempre repetiam-se em lugares diferentes, em diversas épocas, quanto mais diminuía a mata: os acontecimentos descritos por Saint-Hilaire na borda da mata em 1816 são semelhantes àquelas lembranças deixadas pelos moradores do alto Mucuri por volta de 1870, e, de novo, semelhantes àquilo que foi vivido no São Mateus e na mata baiana - as últimas matas - nos começos do século XX.

No correr desse combate cultural, educativo e civilizador, a guerra na mata teve três passos principais: repartir a mata, ensinar agricultura, brasileiroar o índio.

Para o primeiro passo os colonos repartiram toda a mata do Jequitinhonha e Mucuri. Os Quartéis inauguraram o sistema e depois isso foi sendo feito pelos colonos. Abriam linhas de entrada, repartiram áreas, cortaram de picadas e posses a mata contínua.

O espaço para os índios ficou cada vez mais comprimido. A selva permaneceu existindo, mas recortada. Desse modo foram localizadas tribos, descobertos territórios indígenas, e os colonos foram conhecendo a mata, sabendo onde buscar índios.

A floresta esquadrihada exigia que os índios fizessem uma guerra diferente, pois os colonos chegavam muito perto das tribos, e elas não podiam fugir sem que fossem localizadas. A luta que os índios haviam podido sustentar contra os colonos até por volta de 1830 havia sido travada com ataques fulminantes e fugas demoradas de anos. Esta guerra não pôde mais ser feita numa mata repartida. Passaram a uma guerra de guerrilhas, pequenos ataques, mas os colonos já podiam localizá-los, escravizá-los, oferecer alimento, proteção ou morte. Assim os índios ficaram sempre sujeitos ao contato com o colono.

O segundo método de combate tinha mais sutileza. O povo indígena precisava de enormes territórios para caça e coleta, e dependia daquilo que a selva fornecia. Primeiro os Quartéis, depois os colonos passaram a oferecer comida, acompanhada de cachaça, roupa, fumo, e sempre algum trabalho. Aos poucos foram retirando dos índios os hábitos de coleta e ensinando agricultura. Quando eles aprenderam plantar, não precisavam mais daquela área imensa para extrair alimentos. Era como se a terra houvesse crescido, pois ficou muita para aquela gente, tornou-se abundante. O grupo que precisava de uma área de milhares de hectares para sobreviver de coleta e extração, quando aprendeu fazer roças de toco - plantar bananeiras, cará, feijão, batata-doce - ficou carecendo só de pequena área da terra fertilíssima para viver com fartura.

Ensinar agricultura aos índios foi a maior façanha de guerra dos colonos.

Saint-Hilaire classificou os índios pelo adiantamento que haviam conseguido no aprendizado e prática de lavoura; dizia ele que os Machacali eram refratários às lavouras, não plantavam mas gostavam muito da colheita, porque na época de derrubada e plantio sumiam na mata, dizendo que era ordem de uma certa "Onça Preta" que lhes aparecia em sonho aconselhando desaparecerem, senão os Aimoré iam comê-los; na colheita apareciam, fagueiros. Os maiores gastos das Divisões de Marlière e Julião não foram balas: foram ferramentas; Marlière sempre colocou o ensino de agricultura como a maior realização dos quartéis. As despesas principais dos capuchinhos do aldeamento de Itambacuri não foram hóstias, santinhos, ou catecismos: eram enxadas, foices, machados e um impagável arado americano que azucrinou os controles do pobre frei Ângelo (23).

Ao contrário do que se pensa, foram os colonos, os "portugueses", que ensinaram agricultura à maior parte dessas tribos. A adoção da roça de toco fazia a terra se multiplicar. Com a lavoura a fome desapareceu e no seu lugar surgiu a espantosa fartura de alimentos; cada tribo aldeada e agricultora era uma menor pressão sobre a mata, uma sobra de terra que garantia a reprodução plena de toda esta população. Fazer o índio trocar o extrativismo puro pela lavoura foi a arma mais potente desta guerra. Fixo na terra, na roça de coivara, sumiu o índio, surgiu o brasileiro. Daí veio seu complemento: o regime de agregação, com seus modos flexíveis e familiares de exploração da terra, que permitiu ao lavrador uma enorme recursagem ambiental e mobilidade espacial. Dessa forma os indígenas puderam desaparecer como extratores e tribos, resolvendo ao mesmo tempo o problema da terra e da mão de obra. Repartidas as matas das "correrias", definidas as áreas de caça e extração de alimentos, foram se ajustando às fazendas e às posses, perdendo a guerra e ganhando a vida numa outra condição completamente diversa (24).

Por último, o terceiro método, foi uma perseguição implacável a tudo que poderia lembrar o indígena livre na selva: um combate cultural sistemático, uma "desbotocudização". Os índios eram batizados, casados, engajados no exército regular, obrigados a aprender português. Depois de batizados, sabedores de umas palavras em português e umas tantas rezas, depois de casados ou alistados nos quartéis, depois que derrubavam suas matas, fixos na terra, eram brasileiros à força (25).

Ser "*manso*", falar português, ser batizado ou casado e fazer roças não eliminava a chefia de um Capitão, a enorme recursagem natural, extração, manutenção de alguns costumes privados não-cristãos e a permanência dos sistemas de parentagem e deslocamentos conjuntos que o agregou permitiu. O combate dos colonos, portanto, não foi para matar fisicamente os índios - embora a espingarda e a varíola tenham cumprido seu papel - sim para apagar seus costumes, parar as "*correrias*", fazer suas lavouras, agregar, brasileiroar. Venceram deste modo.

Assim ficaram esses grupos pousando aos bandos em terrenos alheios, sem o domínio da mata e o distintivo de tribo, mas com o título muito brasileiro de "agregados", e nomes muito comuns, tão comuns que todo mundo se esqueceu que eles um dia foram índios: até eles mesmos. Durante muitos anos ainda apareceram notícias de grupos que se deslocavam pelas fazendas, disfarçados já de cidadãos: na mata do Pampã, nas matas de Malacacheta, e depois nas fazendas, povoados e na periferia das cidades (26).

Foi esse então o destino que a colonização reservou para eles. Certamente para muitos o destino foi a morte. Mas não para a maioria, que se tornou população fixa na terra, aprendeu a agricultura dos colonos, virou fazedora cativa de lavouras de toco, mudando de lugar e de lavoura conforme as circunstâncias da terra e docilidade do mando.

É aqui que podemos então dar o merecido valor ao depoimento de Domingos Ramos Pacó. Ele fez o retrato mais dramático da aculturação, ao deixar para a posteridade um dos raros documentos escritos por índio brasileiro do século dezanove. Seu relato *Hámbric...* é revelador da enorme angústia que viveram esses índios. Depois de alguns anos na mata ele voltou ao Itambacuri onde fora professor e a pedido de Reinaldo Porto resolveu escrever sua história, pois não sabia afinal quem era: selvagem ou civilizado?

Pacó iniciou sua narrativa pela fundação do aldeamento: do mesmo modo que existiram dúvidas sobre quem descobrira o Brasil - se França, Espanha ou Portugal, que passaram anos debatendo o assunto - elas existiam também para o Itambacuri, pois antes da chegada dos frades capuchinhos lá habitava o Capitão Pohóc, avô de Domingos e o *língua* Félix Ramos, um tradutor. Itambacuri surgira do encontro de frei Serafim, Pohóc e Ramos. Domingos insiste em valorizar a presença histórica do índio, que a posteridade negava: por isso cita viagens e encontros, onde estiveram seu avô e seu pai junto aos Capuchinhos, porque nessa história teriam que caber Pohóc e o *língua*. Capitão Pohóc entregara seu povo aos cuidados dos frades; Félix Ramos mediara todos os bons encontros deles com as tribos mais temidas, e quando Frei Serafim tentara contato com os Pojichá, levando outro *língua*, fora agarrado, jogado para o ar, deixado cair, e

*"tiraram-lhe do animal, davam-lhe empurrões, arrastando-o pelo chão pelas barbas. E os índios brabos nesta situação estavam numa vozeria dizendo: Krempá jakjâst-ron, quer dizer, Soldado de barbas compridas."* [ Pacó, 1919, in Ribeiro, 1996: 206]

Seguia Pacó contando sua história, procurando convencer ao leitor que sem o apoio dos chefes e o empenho do língua, jamais os frades teriam alcançado bom resultado. Ele esforça-se para mostrar aos que o liam que algo ocultava-se atrás do conhecido: todos aqueles córregos, rios e serras possuíam já um nome em língua indígena, toda aquela zona fora povoada por nações bravas e guerreiras. Procurava criar uma nova lembrança daquilo que já estava extinto, acender a história e com toda força afirmar o direito de dar nome indígena para as coisas do mundo: Maquin-mu, Tacruc-Ambruc; *"Pockurin, apelidado Jacutinga"*.

Mas o que era Pacó, índio ou civilizado, é a grande questão e angústia do texto. Refere-se aos índios como selvagens e crédulos, sua descrição parece em momentos a de colonizador:

*"A natureza do índio é muito contrária à do nacional, somente pensam ao que está no presente e à vista, nada de interesse e ambição a ter para o futuro ou para seu descendentes vindouros."*

[Pacó, 1919, in Ribeiro, 1996: 207]

Pacó possuía um vocabulário de civilizado; muito rico; um palavreado denso e culto num texto que parece ter revisado muitas vezes; fazia reverências ao governo, padres, lei e educação, e assim tão distinto creditava o seu saber à mestria dos capuchinhos. Mas não se esquecia de ser índio. A tragédia que atingiu seu povo foi narrada por ele com enorme sofisticação, num português bonito, construções dramáticas (27)

Quando contou os acontecidos da selva ninguém soube como ele descrever o que era vida de índio, que vivia "recreando" na mata, desfrutando de umas delícias que nenhum civilizado pode sequer suspeitar. Pacó falava de uma mata regida por normas e costumes que esses grupos entre si respeitavam, e dá a visão da mata muito diferente da mirada do colono: não era um mundo adverso, doentio ou carente. Mata, para Pacó, era alegria (28).

Para mostrar que sua história era verdadeira, Pacó citava todas as datas: Pohóc fora visitar o chefe português em 1870, e, de novo em 1871,

*"viajou para os mesmos fins de reforma de conhecimento e agrados"*,

[ Pacó, 1919, in Ribeiro, 1996: 199 ]

e para isso andara 70 quilômetros; o seu interesse era provar que um índio vivera naquela terra ali próxima, embora em outro tempo. Esse era o grande dilema de Pacó, pois o tempo passara e sua tribo não deixara qualquer marca: os rios, córregos, montanhas e lugares tinham outros nomes, ninguém mais sabia quem fora Pohóc, ninguém queria saber que Félix Ramos traduzira os pecados dos primeiros índios que se convertiam e confessavam a frei Serafim e frei Ângelo, e, principalmente, ninguém se lembrava que Domingos Pacó, filho da índia Umbelina com o língua Félix Ramos, fora batizado, educado feito sacristão, ecônomo e nomeado professor do aldeamento aos 14 anos de idade, que exerceu o cargo por 18 anos seguidos, escrevendo e falando as duas línguas (29)

Esse esquecimento do seu povo que revoltava Pacó. Mais do que ter sido demitido e por tudo que sofrera, sentia o peso imenso do esquecimento que colocava sua memória em desacordo com toda sua comunidade. Inutilizava sua lembrança, tornava oco todo aquele passado que ele sabia tão rico, mas que aos outros parecia só a tolice de um professor sem alunos, velho, caolho, desvalido, que insistia em afirmar o que a ninguém interessava:

*"(...) muitos que aqui existem ainda em Itambacuri quase todos são mistos e seus avós eram antropófagos, tinham os lábios inferiores perfurados por onde introduziam tábuas ou batoques, como de fato se conheceram ainda alguns no Itambacuri. Perguntando-se a respeito de índios e parentescos de onde provém, respondem diversamente excluindo-se fora de suas aldeias para se embrenharem nas senzalas dos índios que vieram da costa e do centro de África. Porém a fisionomia e os gestos garantem sempre que descendem da aldeia e do índio, e que seus progenitores são as nações que ocupavam o Brasil, quando desembarcou na América o Almirante Pedro Álvares Cabral em 1500."*

[ Pacó, 1919, in Ribeiro, 1996: 200]

E embora Pacó insistisse em lembrar a história dos índios e enquadrá-la nos mesmos marcos daquela do colono, ele sentia ser inútil o esforço, pois esses descendentes de índios do Itambacuri, tão índios quanto ele,

*"(...) vivem na maior obscuridade da forma que podem, no pedantismo da verdadeira ignorância, e aproveitando das suas simplicidades por não ter a quem manifestar, dizem e afirmam sempre que não há mais índios no Itambacuri, e que tudo é fábula (...)"*

[ Pacó, 1919, in Ribeiro, 206]

Deixou de existir o povo índio, sua história e seu direito de ter história. O verdadeiro dilema de Pacó era enfrentar uma História do Brasil que jamais se encontraria com a história do seu povo. O seu testemunho é o exemplo mais gritante do que foi o massacre étnico feito no Mucuri e Jequitinhonha. Ele, Pacó, não podia ser índio, porque não mais existiam, não era *"brasileiro"* porque tinha um passado e lembrava-se dele. Era só um velho com uma memória inútil, lembranças que toda a comunidade queria que desaparecessem rapidamente, que nunca mais se encontrassem. Recorrer à História foi o último recurso de Domingos Ramos, apelidado Pacó.

## ***Notas ao Capítulo II. História de uma guerra na mata***

(1) Muitos autores escreveram sobre índios e massacres no Jequitinhonha e Mucuri: Godofredo Ferreira (1934), frei Samuel Tetteroo (1922), CEDEFES (1987), Péricles dos Santos (1970), Hilda Paraíso (1993), Sônia Marcatto (1980), frei Olavo Timmers (1969) e (1969ms).

(2) A série de ofícios citada consta da correspondência arquivada da Repartição dos Índios, Seção Provincial do Arquivo Público Mineiro. Pode-se consultá-la, também, de forma sintética, em Timmers (1969 ms).

(3) A Carta Régia, analisada em CEDEFES (1987), propunha um combate que

*"não terá fim, senão quando tiverdes a felicidade de vos assenhorar de suas habitações e de os capacitar da superioridade das minhas reais armas, de maneira tal que movidos do justo terror das mesmas, peçam a paz, e sujeitando-se ao doce jugo das leis e prometendo viver em sociedade, possam vir a ser vassallos úteis, como já o são as imensas variedades de índios que nestes meus vastos Estados do Brasil se acham aldeados e gozam da felicidade(...)."*

[CEDEFES, 1987:26]

Notar nesta passagem a chamada "capacitação", que aparece em muitos outros documentos da época.

(4) Avé-Lallemant lia no rosto dos índios seu destino de povo frágil; para ele, o cacique Juquirana deveria *"estar convencido de que o tempo dos selvagens estava terminado, que os brancos não tardariam a serem os únicos senhores"*

[Avé-Lallemant, 1980: 239]

Wied, mais enfático e profético que todos, dizia que era tão simples e rústica aquela vida do índio, que sua passagem pelo mundo não deixaria rastros:

*"a memória dos rudes tapuios desaparecerá da terra com o seu corpo desnudo que seus irmãos conñiam à cova, pois é indiferente para as futuras gerações, se um botocudo ou uma fera tenham vivido, outrora, nesse ou naquele lugar."*

[Wied, 1989: 221]

(5) Nos finais do século XIX, houve o caso do ataque à fazenda do Capitão Leonardo Esteves Ottoni, contado por Godofredo Ferreira, e ainda lembrado pelos mais antigos moradores de Teófilo Otoni, nos anos 1990. Fora um ataque dos Pojichás, e o fazendeiro aguardava reforços lutando dentro de casa: da cidade saiu a tropa, mais voluntários:

*"O pátio em frente à casa de residência da fazenda Liberdade era cercado por um muro de altura respeitável, logicamente construído em previsão de defesa segura contra ataque provável, certo, do gentio que numeroso, habitava as matas. A entrada para este pátio fazia-se por dois únicos portões laterais e dificilmente poder-se-ia galgar o muro em caso de uma tentativa de saída com eles fechados. A tropa vinda de Filadélfia se entrincheirou na casa de engenho da fazenda, de onde poderia, calmamente e com toda a segurança, visar quem estivesse no interior do pátio. As outras pessoas procuraram posições de maneira que pudessem tomar parte ativa no repelir dos bugres que cercavam a residência. Entrementes, tudo preparado para o combate, o capitão Leonardo, prático em lidar com os selvagens, lançou mão de um estratagema de tocar um realejo, ao som do qual os botocudos foram se aproximando, desconfiados a princípio, mas por fim sem maior receio, penetrando no pátio. Nesse momento os portões foram imediatamente fechados, começando o ataque que terminou com a fuga dos bugres que deixaram numerosos cadáveres."*

[Ferreira, 1934: 33]

(6) Segundo Frei Ângelo, os índios morriam mais por culpa deles mesmos,

*"porque apesar dos nossos instantes conselhos, eles se lançavam no rio quando sentiam o intenso calor da febre, e assim prejudicavam o efeito dos remédios. Houve um dia em que os óbitos atingiram 18."*

[Palazzollo, 1973: 177]

(7) Este ataque foi descrito assim por Godofredo Ferreira:

*"No córrego do Ouro mataram o sitiante Olegário e sua companheira Elvira e o pai desta, Chico Tentação. A agressão foi feita ao amanhecer do dia, quando a mulher se levantara para coar café. Percebendo os bugres ela fugiu - sendo morta logo adiante. Olegário se levantou, travando séria luta com os silvícolas no interior da habitação, caindo sem vida à porta da casa. O velho foi assassinado quando corria por uma roçada. A companheira do dono do sítio estava em adiantado estado de gravidez. Quando os bugres o verificaram, cobriram o seu cadáver de flores silvestres, tantas que, jazendo à beira da estrada, custou a ser encontrado, tal a quantidade."*

[Ferreira, 1934: 49]

(8) Segundo frei Samuel Tetteroo, Quirino Grande, o chefe da revolta, preso, dizia a frei Serafim:

*"-Eu só sinto é não poder te acabar com os meus braços."*

[Tetteroo, 1922: 33]

O outro chefe, Manoel Pequeno, morreu na luta com os soldados.

(9) Frei Olavo Timmers em seu monumental inventário histórico, em certa altura diz que *"acabaram-se os autóctones da zona do Mucuri. Um pequeno restinho talvez misturou-se com os nacionais ou africanos e contribuiu para formar a indole agressiva e vingativa do caboclo nordestino mineiro."*

[Timmers, 1969,ms]

(10) Sobre as nações indígenas do Mucuri e Jequitinhonha ver Wied (1989), Saint-Hilaire (1975), Ottoni (1847), Ottoni (1858), Tetteroo (1922), Timmers (1969), Timmers (1969, ms), CEDEFES (1987), Soares (1992), Marcatto (1980), Nimuendaju (1982), Renault (1903), Moura (1897), Santos (1970) e Paraíso (1993).

(11) Diz Polaniy (1980) que separar o homem do seu meio foi o modo de construir a civilização nos países coloniais. Este personagem fanfante e desgarrado surge junto com a chegada do colono.

(12) Afrânio Barbosa Lima, morador do São Mateus desde o começo do século XX, foi um dos entrevistados de pesquisa. Dono de espantosa memória, traços físicos e costumes obviamente indígenas, viveu com índios na mata e aprendeu seu "sistema", como diz, não se diz, porém, indígena ou descendente: é "brasileiro".

(13) Diz Porto:

*"Quando as tribos Giporoc passam do Tamonhec para cima, o que só fazem em ato de guerra, José Campó infalivelmente vem comandar os confederados Nacnanuc, que de ordinário repelem os invasores levando prisioneiros os curucas e mulheres que vendem pela mata aos catequisadores cristãos."*

[Porto, 1931: 97]

Os batizados citados constam de um livro de batismos do século XIX, do Arquivo da Igreja Matriz de São Pedro do Fanado. Os dois citados no texto ocorreram na década de 1850/1860; é impossível no entanto, localizar página e livro, pelo estado de deterioração das fontes. Dos anos 1890 em diante os registros de casamento e batizado desta Paróquia podem ser facilmente localizados, inclusive em ordem alfabética, graças ao trabalho de transcrição feito por um antigo vigário, Padre Otaviano. Antes disso é o caos, porque os livros

das diversas capelas, livros intinerantes, livros da Paróquia foram misturados, e mofo, traças e carunchos completaram o serviço.

(14) *"Um acontecimento singular se deu nesta semana, tendo sido visitada esta culta cidade por uns três índios Machacali legítimos, da aldeia das Imburanas, situada nos confins deste vasto município. Vieram sob a condução do linguá, Senhor Joaquim Fagundes, que há muitos anos se acostumou com eles e a quem acatam como o seu chefe. O mesmo os conduziu em automóvel - que sempre anda melhor que um cavalo, como diziam - em visita aos principais estabelecimentos, oficinas e fábricas da cidade. Também foram à nossa bela matriz. Quanto não foi seu espanto de todas essas coisas maravilhosas como carro que anda sem cavalo, luz que se acende por um simples torcer de botão, de máquina que fabrica retratos, que beneficia café, etc, etc. Que algazarra será na sua aldeia para onde voltaram, quando aos seus compadres contarem as coisas do novo mundo! Pobre gente. Que esta visita lhes dê o amor às coisas civilizadas e mais ainda que lhes seja proporcionada a civilização moral pelo ensino da doutrina cristã, são os nossos votos."*

[ O Mucuri, abril de 1929 ]

(15) O comandante Castro em seu relatório de inspeção dizia que

*"um soldado botocudo da Quarta Divisão, Capitão Pocrane, tem atraído a si em pequenos lotes alguns de seus companheiros, fez casas cobertas de palha e barreadas, tem plantado milho, bananas e laranjeiras, cria porcos e galinhas, obrigando os outros a trabalhar. Castiga-os militarmente em um tronco de campanha quando o não querem fazer. Este Capitão trouxe seus filhos para se batizarem, e ficou de trazer outros para o mesmo fim, e entrega-los a padrinhos para aprenderem a ler e escrever, isto promete alguma*

*coisa para o futuro. Oxalá que todos os índios fossem da natureza de Pocrane; poupariam à nação muitos contos de réis e à colônia o custo que deles sempre se tem."*

[Castro, 1912: 86]

(16) No Quartel de Água Branca, por exemplo, Castro encontrou

*"(...) cinco armas prontas, dezenove inúteis, cinco facões de mato, dez machados pequenos, nove foices e doze enxadas e tudo em bom uso; 14 libras de má pólvora, e cinco de chumbo; uma tenda de ferreiro, outra de carpinteiro, ambas elas com poucos utensílios para seu ministério; vários trastes de botica, ornamentos de igreja sofríveis e alguns bens móveis como tachas, caldeirões e outros que se acham inventariados. Houve este ano uma roça de 6 a 7 alqueires de milho, feijão, arroz e mais plantações, porém a imensidade dos índios que ali se ajuntaram lhe fizeram tal destroço até a minha chegada, que nada já existia (...)."*

[Castro, 1912: 82]

(17) Quando os Pojichá foram acusados de roubo de gado, Ottoni mandou um soldado ao córrego do Ouro busca-los porque

*"queria dar-lhes algumas noções sobre o direito de propriedade, que é o abc da civilização".*

[Ottoni, 1860: 31]

(18) A correspondência dos freis testemunha o conflito entre o indigenismo que queriam e o possível de ser feito. No ano de 1879, frei Serafim escreveu que se achavam em precária condição, sem dinheiro,

*"vestidos de um hábito de algodão de fio grosso, tingido e rasgado, tendo apenas um sofrível para a viagem e comendo como temos comido até a vinda do senhor bispo diocesano, de caldeira e panela de barro, com colher e garfo de ferro igualmente com os botocudos, os quais com o que recebiam no serviço e procuravam com a pesca e a caça, passavam sem dúvida melhor que seus missionários diretores."*

[Palazzofio, 1973: 98]

(19) No começo dos anos 1850, o capuchinho frei Bernardino de Lagonero tentara evangelizar uma tribo: seus esforços eram contrariados, porque, apesar dos índios serem acessíveis, obedeciam apenas ao seu chefe "português", Tomás Pêgo. O frei denunciou o colono, a quem *"os índios amavam e respeitavam como se seu cacique fora"*, que acabou preso em Minas Novas por três anos. Debalde então Frei Bernardino tentou contato, porque os índios sumiram nas selvas da Água Boa. Quando Tomás Pêgo saiu da prisão, os índios o esperavam na entrada da mata. Depois de encontra-lo foram todos para a selva e nunca mais regressaram, para desengano da catequese dos capuchinhos. De acordo com a história que se conta, o frei amaldiçoou a fazenda de Tomás Pêgo, onde nunca mais se conseguiu qualquer sucesso. Esta história foi anotada por Timmers (1969 ms).

(20) Sobre as iniciativas particulares de "civilização" dos índios, os autores mais completos são Ottoni (1858) e Timmers (1969, ms). Vários dos autores citados nas notas anteriores enriquecem bastante este painel, principalmente Soares (1992) e CEDEFES (1987). Ver ainda Marcatto (1980), Nimuendaju (1982), Tetteroo (1922), Ferreira (1934), Pereira (1969), Gomes (1862) e os *Relatórios* anuais de Teófilo Ottoni. Dizia Gomes Leal que conservava consigo muitos índios,

*"os quais todos sendo tratados com caridade e amor paternal por si e sua família, tem convocado outras muitas aldeias bravas para virem também gozar da boa hospitalidade que encontravam, e por este modo carinhoso tem atraído muitos selvagens, dos quais está sempre frequentando a fazenda e a casa dele; que com boas maneiras tem conseguido dos ditos índios entregar-lhe seus filhos pequenos para os instruir nos dogmas da religião católica romana ."*

[Timmers, 1969, ms]

(21) Desde o começo do século são apontadas essas "encomendas" de civilização. Saint-Hilaire dizia que *"a maioria dos portugueses estabelecidos às margens do Jequitinhonha não possui escravos e utiliza-se dos botocudos que, pela menor retribuição, por um pouco de alimento, por algumas vestimentas grosseiras, prestam já muitos serviços."*

[Saint-Hilaire, 1975: 204]

Teófilo Benedito Ottoni também falava da frequência do trabalho imposto:

*"Não é raro ver-se numa fazenda contígua à mata ocupada pelos selvagens, grande porção de ferramentas que poderá crer ao viajante que aquela casa pertence a um proprietário de 20 ou 30 escravos, e entretanto o fazendeiro não tem um só escravo, e nem ele nem as pessoas de sua família trabalham de foice ou machado. A ferramaneta é destinada para os selvagens que na estação própria voluntariamente vem se entregar ao trabalho das roças para assim matarem a fome: senhores de engenho e de canaviais, nem bois tem para o custeio dessa lavoura, e no tempo da moagem as mulheres dos selvagens carregam nas costas a cana cortada que seus maridos vem moer no engenho. E tal é o poder da fome, e o terror com que subjuga os selvagens a lembrança das passadas carnificinas, que os miseros se sujeitam ao chicote, à palmatória e até ao tronco, que são ainda hoje os instrumentos civilizadores de que se servem os moradores cristãos. E não só se sujeitam a esses castigos sem resistência, como não fogem senão das casas onde não lhes dão abundância de comida."*

[Otoni, 1858: 218]

Os Pêgos chegaram ao exagero no sistema: segundo denúncia de relatório à Assembléia, em 1851 eles opunham-se ferozmente ao aldeamento porque lhes retirava "seus" índios:

*"(...) os tais Pêgos, além de se utilizarem dos serviços dos índios e de os alugarem a outras pessoas, recebendo para si os salários, exerciam contra alguns as maiores violências, amarrando-os, prendendo-os em tornilhos, e até castigando-os com chicote(...). No aldeamento de Surubi havia escassez de víveres, porque uma roça, de que se esperava colher 800 alqueires, feita pelos índios, foi devastada por 200 porcos e 300 cabeças de gado que nela lançou Tomás Pêgo e seu irmão Feliciano Pêgo."*

[Arquivo Repartição dos Índios, APM, ms; ver transcrição em Timmers, 1969, ms]

(22) Estimativas de população indígena foram feitas por Gomes (1862), Marlière (1905), Ottoni (1858). Os relatórios dos primeiros capuchinhos estão resumidos em Timmers (1969, ms); outros dados, mais sistemáticos, estão nos relatórios dos freis Ângelo e Serafim, transcritos por frei Palazzolo (1973).

(23) Saint-Hilaire (1975: 248/260); Marlière (1905); Palazzolo (1973).

(24) Aprender a fazer roças foi muito difícil para os índios. Era necessário abandonar grande parte do seu conhecimento, abrir mão dos costumes, deixar o nomadismo, e trabalhar fixo e constantemente. Teófilo Benedito Ottoni dizia que o grande problema dos índios era também a falta de ferramentas agrícolas:

*"O Capitão Timóteo mostrou as mãos calejadas pelo trabalho, e explicou-me detalhadamente como deitava fogo ao mato para fazer sua roça de milho, onde abria as covas com cavadores de pau, para cujo fabrico não tinha outros instrumentos senão os dentes de porcos do mato que caçava e que também lhe servia para o preparo de seus arcos e flechas. Na falta de ferramenta para a agricultura, os selvagens apertados pela necessidade de subsistência, queimam grandes extensões de mato, porque nas queimadas nascem cipós de caratinga com que enganam a fome."*

[Otoni, 1858, 33]

(25) Este ofício, enviado por um comissário à Diretoria dos Índios mostra bem a situação:

*"Constando-me que alguns habitantes do ribeirão denominado São Félix tem ido por vezes iludir a Vossa Excelência que são indígenas, e que por este meio querem gozar das graças e privilégios concedidos aos residentes neste aldeamento, parece-me justo participar e V.E. que há mais de 80 anos os avós de tais*

*índios foram militares no aldeamento dos Machacali em Tocoyós, e por esta razão estão os tais ilusores excluídos dos privilégios que querem gozar."*

[Ofícios da Diretoria Geral dos Índios, agosto 1854]

(26) Nas anotações da Mestra Guindô, na Fazenda Gameleira, de Itaobim, em 23 de outubro de 1927, ela apontou:

*"Hoje aluguei Domingos Índio a razão de 250\$000 por ano, dei-lhe por conta adiantado 62\$500"*

[Contas Correntes da Fazenda Gameleira, ms]

Em muitas outras notas de fazendas e armazéns aparece o trabalhador de nome Bugre, Cabocio, Roxo, Caciue, etc. Nisso e em tantas outras coisas quem teve uma profética razão foi Guido Marlière. Vendo o que se fazia do índio nos começos do século XIX, não teve dúvidas sobre qual seria seu uso, quando um censo de governo perguntava *"Qual o útil que a Nação [brasileira] tira deles [índios] ou pode vir a tirar?"*, respondeu que havia alguma

*"Utilidade manifesta, que tiram brasileiros dos poucos já [a]feitos aos trabalhos - e que pelo futuro tirará a nação dos imensos botocudos que se vão dirigindo para este fim, e poderão, tratando-os humanamente, substituir o abominável tráfico d'escravos, que felizmente está para acabar.(...) Faltando escravos, os fazendeiros em lugar de lhes soltar os cães, hão de abraçar-se com eles, e até formar casamentos mistos."*

[Marlière, 1905: 510]

(27) Assim Pacó descreveu as doenças no aldeamento:

*"(...) com a febre intermitente em os anos de 1896, 1908, 1909, muitas foram as vidas ceifadas pelo alfange da morte; os poucos que escaparam da terrível catástrofe ficaram inermes de seus recursos, dos seus parentes, e neste contágio desolador firmavam somente na espuma da desvalência suas retiradas futuras para outros lugares, deixando aqui somente a memória do fato acontecido (...)."*

[Pacó, 1919, in Ribeiro, 1996: 204]

(28) O Capitão Pohóc, diz Pacó,

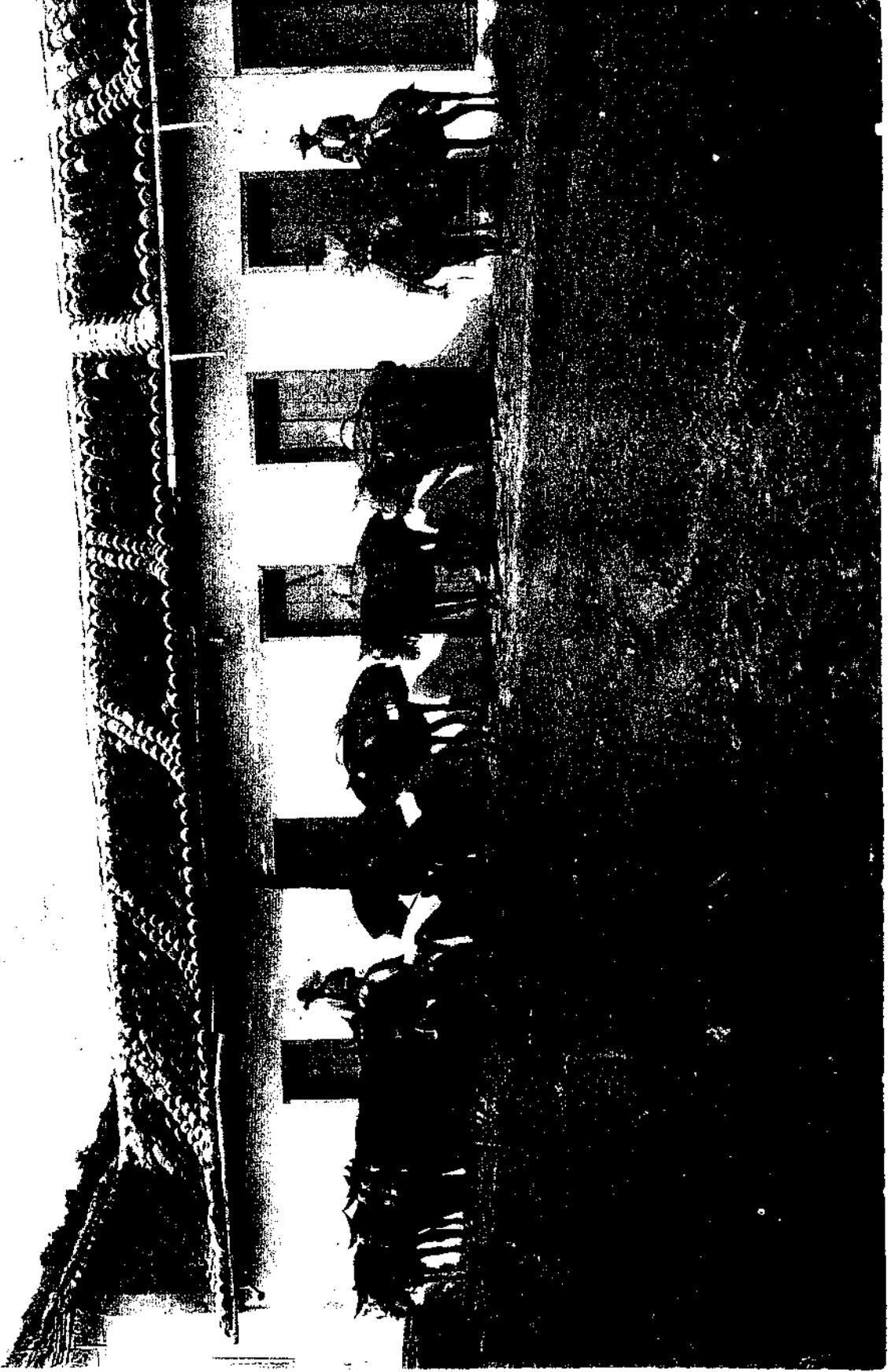
*"era visitado sempre pelas demais tribos de 100 homens em arcos nos limites estacionáveis por ordem do mesmo capitão, afim de defender-se das outras tribos inimigas, se por acaso introduzissem nos seus limites e direitos de correrias que tinham sobre a caça, pesca e outros divertimentos, etc, etc. Estas visitas faziam sempre na ocasião de abundância de verduras, principalmente a do milho verde, por onde faziam seus legumes e festas antigas em memória dos seus antepassados."*

[Pacó, 1919, in Ribeiro, 1996: 203]

(29) A respeito de si mesmo Pacó dizia que o professor índio

*"Muito se empenhava durante sua profissão, recomendava aos seus parentes para que mandassem seus filhos a frequentar sempre a escola, e mandava os buscar para os ensinar a leitura e a moralidade religiosa, propondo sempre aos pais discursos acertadíssimos em língua indígena sobre a moralidade de bons cidadãos e de terem um grande país. Imprimindo em seus corações o amor à pátria, obediência às autoridades, quer civis e eclesiásticas. Ao seu tempo muitos menores alunos obtiveram conhecimentos úteis a respeito de instrução primária, aos quais alunos há que ocupam cargos, porém se acanham de dizer que foram instruídos e que são discípulos de um professor índio ou indígena."*

[Pacó, 1919, in Ribeiro, 1996: 203]



Uma tropa baiana equipada para a saída, posando em Jaguaritira, por volta de 1927

*Parte II Matas*

### Capítulo III *Economia do Varejo*

#### 1. *Governo*

Em finais do século XIX, numa época de eleições em Diamantina, Helena Morley escreveu no seu diário que não entendia a razão das pessoas se apaixonarem tanto pelas disputas políticas. Afinal, dizia ela, Diamantina estava tão longe da capital que os eleitos depois nem se lembravam que a cidade existia: para os moradores nunca faria diferença o resultado da política. Esta era uma impressão de quase todas as pessoas das pequenas cidades do interior mineiro que deixaram a memória da época. Constatavam a enorme ausência de governo, reduzido às prisões de bêbados, construção de uma ou outra ponte, perseguições ferozes aos adversários e disputas apaixonadas nas sucessões; fora isso, eram vagos regulamentos e normas de pouca ou nenhuma influência (1).

No meio rural o poder público era mais apagado ainda: ralos impostos sobre a terra, sempre prorrogáveis, parceláveis ou sonegáveis; vagas propostas reformistas; pálidas medidas que nunca atingiam seus fins.

Na mesma época que Helena Morley reparava essa ausência de governo, David Campista organizara uma colossal pesquisa sobre a situação rural de Minas Gerais, que viria a ser conhecida mais tarde como *Enquete Campista* (*Questionário enviado aos municípios mineiros em 1893*) e fornecer aos historiadores a impressão que havia um conhecimento organizado sobre Minas Gerais. Campista preparou um vasto questionário, com dezenas de perguntas, subdivididas em muitas tantas outras. Ele foi enviado aos distritos, que deveriam informar sobre agricultura, força de trabalho, terra, produtos, estradas, capitais, indústrias, recursos naturais, monumentos, fontes, jornais, prédios públicos, mineiros ilustres e dezenas de outros assuntos.

O que danava o esforço de Campista não era somente o tamanho e a dispersão do questionário. Era sobretudo a concepção reformista que o fundamentava, supondo um campo regido por comércio e trocas: preços, mercados, contratos e vendas. Os respondedores, no distrito, raramente percebiam o alcance das perguntas e usavam respostas desculpadas: nosso distrito não planta uvas, terras aqui não são vendidas, ninguém investe em novas lavouras, enfim, ainda estamos muito atrasados nesse ponto e etc. Mas Campista tropeçara também por ter feito um questionário homogêneo, com perguntas centradas num elenco de questões que julgava problemáticas, e estes problemas acreditava-os gerais. Por exemplo, propunha muito pouco discretamente que a força de trabalho era escassa, que os preços agrícolas praticados eram ruins para o lavrador, que o gado lanígero era um admirável progresso. Essas observações valeriam para todos os distritos de Minas Gerais. Nas respostas as enormes particularidades locais manifestavam-se, o sentido de localidade impunha-se, a idéia de problema global era diluído, as respostas ficavam

prejudicadas e nunca poderiam ser reunidas coerentemente pelo pesquisador, senão refletindo o que ele julgava ser o imaginário do empresariado rural seu contemporâneo.

Foi por isso que a *Enquete* - que deveria ter sido um levantamento sistemático do rural mineiro - tornou-se só uma magra, e culturalmente óbvia, constatação de falta de mão de obra, de eternos potenciais inexplorados daquela ubérrima terra, da desatenção do governo com o nosso distrito: respostas encontráveis em qualquer pesquisa patronal rural de qualquer época, governo e lugar. Na falta de outras fontes organizadas, virou referência para as pessoas que estudaram a história do período citar os dados sobre ausência de trabalhadores como prova sólida do impacto abolicionista e resultado positivo da investigação de Campista (2). Mas, ela pode ter outra serventia, até mais nobre: revelar junto a outros documentos e práticas o modo como o governo e seus funcionários pensavam o meio rural naquele fim e começo de séculos.

Do final do século XIX, parece que mais acentuadamente depois dos anos 1870, até por volta dos anos 1920, quase todos os funcionários públicos ligados ao campo pregavam reformas. Foi costume, então, criticar a organização predatória da fazenda, o uso do fogo, a rusticidade do trabalhador, a concentração da terra, os lucros magros e os negócios poucos; David Campista e sua *Enquete* devem ser compreendidos nesse cenário reformista. Para ele - ao lado de Daniel de Carvalho, Carlos Prates, Affonso Penna, Carlos Dayrell Júnior, Carlos Carvalho e, o mais celebrado de todos, João Pinheiro - o reformismo era a grande bandeira intelectual e política para o campo. A imprensa e os relatórios públicos estão cheios dessas idéias, inspiradas pela reforma da escravidão, pelas crises marcantes da cafeicultura no período, e - um aspecto que nunca pode ser esquecido - pela influência dos debates travados na agricultura dos EUA (3).

Associado ao reformismo havia um assunto de época tão importante quanto ele, embora muito menos comentado depois: o ambientalismo agrícola. Era um conservacionismo bucólico mas utilitarista, presente em tudo que se escrevia sobre problemas rurais, da capital ao distrito. Leopoldo Pereira relacionava queimadas, desmates e secas; este também era um assunto ordinário para Carlos Dayrell, Carlos Prates - que deixou impressionante descrição da regressão vegetal das matas do Itambacury - os Carvalho, Daniel e Carlos, e tantos outros. Foi uma produção fulgurante e localizada: esforços mais ou menos sistemáticos para organizar idéias a respeito da agricultura, técnica, produção, terra e trabalho num quadro coerente; combater rotina de lavoura, escassez de capital e métodos bárbaros. A marca do pensamento agrícola nessa passagem de séculos foi a junção retórica da política com a técnica, uma interpretação política da técnica, feita por pessoas cientes que viviam num país não tecnificado, carente de recursos e reformas. Essas atitudes dão o tom a seus textos e às suas propostas de intervenção.

Vendo o que escreveram dois famosos conservacionistas da época, Euclides da Cunha e, bem depois, Monteiro Lobato, é possível perceber algo como um movimento de opinião contemporâneo. As considerações de Pereira e Dayrell sobre as queimadas na mata e os malefícios do caboclo destruindo o Brasil aparecem em muitos outros autores. Reformismo e ambientalismo, associados, eram assuntos de época e misturavam-se ainda a considerações sobre raça e cultura, crises cafeeiras, monocultura e demanda de intervenção de governo, justo quando se faziam sentir os efeitos dos primeiros esgotamentos de

fertilidade agrícola localizados: rio Pardo, alto Jequitinhonha, e talvez Canudos e *Os Sertões* - difícil saber qual dos dois produziu maior impacto. Esses males encontravam seu remédio na proposição de atitudes técnicas e positivas dos homens lidarem com o meio, reeducação do caboclo incendiário, tributação exemplar sobre o fazendeiro relaxado.

O que estranha nesse caso não é o fato de os funcionários pensarem as reformas. Sim, de alguns historiadores tomarem suas críticas como o retrato da agricultura de época, confundirem proposições retóricas com cenário agrícola, entenderem as idéias acadêmico-burocráticas de palição com renovação da lavoura, sem reparar que aqueles autores-funcionários falavam de suas idéias, nunca das lavouras que eram feitas. Como o documento oficial produzido pelos funcionários pensadores construiu uma aura de modernidade no rural, os pesquisadores acabaram dialogando com uma realidade virtual do começo do século, montada sobre textos que interagiam entre si, formavam uma massa de pensamento crítico, mas nunca conseguiram abrir as porteiras de monjolo e peroba para ficar campo-adentro das roças. Historiadores analisaram as idéias de um grupo de época como se fossem generalizadas e a indiferença dos lavradores a elas como se fossem fracassos (4).

Embora fosse um ideário presente em muitos textos, o reformismo como programa era bastante disperso. É difícil entender quais reformas deveriam ser feitas e os objetivos pretendidos a partir de crítica tão ampla. Quase sempre vinha em primeiro lugar o tema da técnica e da máquina: o nosso agricultor poderia imitar o europeu e norte-americano, utilizar maquinário e equipamentos sofisticados, barateadores da produção, poupadores de trabalho; em segundo lugar vinha a divisão da terra concentrada nas mãos de uma classe - que muitas vezes definiam pela palavra "feudal" - conservadora, ciosa do seu poder e avessa às melhorias; depois vinha povoamento e colonização, com famílias bem educadas nas artes agrícolas, e, por fim, uma modificação nas mentalidades gerenciais, empresariando as atividades rurais, diversificando a pauta produtiva e procurando inserção em novos mercados.

Fica muito claro, em todos os autores mineiros, que nunca pensaram reproduzir o modelo imigrante-fazenda-colônia de São Paulo. Na concepção deles imigração estava ligada a povoamento, educação rural, propriedade familiar, reforma agrária, redução do espaço e do poder do latifúndio; pensaram imigração de modo muito diferente do que se escreveu depois sobre ela em Minas, e alguns pesquisadores os consideraram fracassados neste que foi talvez o único ponto que conseguiram passar da fala à prática e alcançar um modesto e duradouro sucesso com as colônias da Zona da Mata (5).

João Pinheiro, presidente do estado, transformou em programa de governo algumas dessas idéias. Ele acreditava que os brasileiros invejavam com razão o modelo agrícola norte americano, mas não adotavam os princípios educativos que o sustentaram. Em Minas havia um agricultor rotineiro, deseducado, que fazia poucas e toscas tentativas de aperfeiçoar-se. Mas era responsabilidade do governo cuidar da educação técnica agrícola nas escolas primárias, rurais e centros demonstrativos: um ensino prático e técnico, apropriado para lavradores e jovens. Organizara fazendas modelo para ensinar e praticar novas técnicas, que forneceriam bases para introduzir máquinas na lavoura, mas nessas reformas o governo deveria intervir o mínimo, apenas dar rumo, esclarecimento, exemplo das ações e a educação, um reformismo liberal. O modelo de João Pinheiro, foi o precursor

das escolas de agronomia e da ação reformadora da extensão rural nos anos 1940. Ele ordenou a crítica feita aos sistemas agrícolas de então e ensaiou a breve experiência dos campos de demonstração em fazendas-modelo difusoras de técnicas de plantio e do cooperativismo rural com prêmios em dinheiro (6).

Em 1908, Carlos de Carvalho publicou um longo texto em francês descrevendo as maravilhas do campo em Minas Gerais. Nota-se que escreveu sobre lugares que não conhecia, que emendava dados estatísticos incompletos e dispersos, mostrava saber localizar apenas café e Zona da Mata. Mas foi um livro escrito com óbvios interesses promocionais: divulgar o governo João Pinheiro na Europa, traçando um quadro razoavelmente positivo daquilo que imigrantes ou investidores potenciais encontrariam em Minas; algo semelhante àqueles textos promocionais que INDI e BDMG fizeram 70 anos depois com um pouco menos de qualidade literária e um pouco mais de sucesso. O autor não esconde muito bem as dificuldades que existiam na cafeicultura por exemplo, mas o interessante é a exibição que faz do espírito reformista e modernizador que vigorava na agricultura de então.

Apesar dos propósitos, gastos e propagandas, os resultados desses esforços foram muito magros e não conseguiram alterar o perfil sequer do agricultor da Gameleira, local da fazenda-modelo do governo. O alcance dos insucessos - prejuízos, contramarchas, adoções parciais - nunca foram corretamente avaliados, inclusive porque faltou continuidade política e intelectual àqueles poucas medidas. Fora uma ou outra lei específica, a correção de rumos dessa agricultura considerada tão problemática ficou sempre no plano das intenções. Mas ligando os textos às circunstâncias, é possível entender bastante esses tropeços, porque sua elaboração e cenários falam demais sobre seus enganos.

Os reformistas, em sua maior parte, desconheciam completamente o campo, que era na melhor das hipóteses sua vaga origem, e falavam dele como exilados. Os funcionários públicos e os membros do governo, de acordo com Martins Filho e Wirth que estudaram essas origens, eram homens da máquina pública ou profissionais liberais, raramente ligados diretamente à terra (7). E embora seu propósito fosse liquidar a fazenda como unidade produtiva e política - auto-suficiente, predadora, poderosa - para colocar em seu lugar uma produção mercantil e tecnificada, desconheciam a prática agrícola, ignoravam as diferenças das diferentes zonas, e não foi por conhecimento que Campista elaborou um questionário tão uniformizador, não por acaso os mesmos exemplos e críticas são repetidos até o insuportável por todos os autores.

Não foi apenas o desconhecimento de roça que fez a sua fala cair no vazio dos arquivos. Era também a ignorância das técnicas empregadas e seus resultados. O fosso entre sua análise e as práticas agrícolas era brutal: as descrições que os posseantes, fazendeiros e agregados deixaram dos seus sistemas apontam para direções completamente opostas daquilo que os funcionários acreditavam ser o campo. Qual racionalidade econômica existia em poupar uma mata abundante e adversa? Qual interesse em aumentar o trabalho se pouco esforço criava muita abundância? Qual a vantagem em introduzir maquinário se o trabalho produtivo era mínimo? Qual interesse em melhorar rebanhos se não eram vendáveis? As críticas dos funcionários baseavam-se nos métodos empregados na produção, mas qual era a racionalidade desses métodos, desses produtores, desses mercados? Por não se colocarem estas perguntas aqueles funcionários não conseguiram formular nada além daquelas

limitadas medidas que João Pinheiro copiara dos EUA, que tornaram-se um sucesso na sua biografia e um notável encaixe junto aos lavradores.

Os funcionários reclamavam das lavouras, mas suas críticas diziam respeito aos métodos: nunca aos resultados. O texto de Carlos Carvalho (1908), que entra um pouco neste tema, mostra uma completa satisfação quanto à produtividade agrícola. Não sendo problema fertilidade da terra e abundância de alimentos, conforme apontam todos os dados, não sendo problema a oferta de terras pois as fronteiras a Nordeste, Sudoeste, Norte, Noroeste, grande parte do Oeste, ainda estavam abertas no começo do século, por que então o ambientalismo surgia como questão e governo preocupava-se com o assunto? A única resposta objetivamente econômica está numa futura escassez de trabalhadores que limitaria a expansão da produção, e na rusticidade da técnica que predaria o ambiente. Mas a escassez de trabalho, aventada com base no *Relatório Campista*, é suspeita, porque ele predispôs o questionário para captar esta resposta. De sorte que propor introdução de maquinário e técnicas agrícolas não tinha respaldo na realidade do trabalho nem da fertilidade: era, objetivamente, um meio de economizar a natureza (8).

É preciso reparar, então, que esses autores, inclusive João Pinheiro, reclamavam do atraso destrutivo da lavoura, não do diferencial de resultados. Sua crítica não é racional e estritamente econômica no sentido de perdas de renda. Esta questão não existiu para eles. Mas havia outra, um atraso técnico manifesto no uso de práticas predatórias, rústicas, vergonhosas, antiprogressistas. Era, portanto, uma crítica cultural e ética à agricultura. Eles foram os primeiros a destacar a exuberância e a fartura do meio, só que também ressaltam a fatalidade do seu fim, porque a fertilidade natural e a exploração irracional da natureza exuberante tinham limites. Era uma visão racionalista da natureza, uma idéia interativa e respeitosa, mas apenas vagamente econômica. Era, por fim, uma crítica política dirigida à agricultura, que ficava solta no ar. Somente referida ao que se pensava na época ganha sentido porque revela, por oposição, um político e um rural contrapostos.

Para os agricultores era econômica a predação na mata, nos campos ou culturas; diante da imensidão das fronteiras, pareceria absurdo adotar procedimentos europeus de manejo de floresta e solo. E os fazendeiros em sua maioria eram absolutamente céticos quanto aos mercados que poderiam ganhar com uma produção diferencialmente mais cara, mesmo porque eram apartados de circuitos mundiais, nacionais e até mesmo estaduais de trocas. Fora o café, negociavam na fraca dimensão da vizinhança, aproveitando de bons surtos de produtos exóticos e, de preferência, extratíveis. Mas no certo, mesmo, labutavam no varejo da sua roça de toco, defendida de quase todas as incertezas e flutuações, que além disso era pouco trabalhosa e imensamente produtiva. A estrutura da roça de tocos projetava-se em todo aquele mundo, ela alicerçava a sociedade, inclusive o seu reformismo. Desse modo podemos encontrar uma perspectiva contemporânea e conflitiva com as análises dos funcionários, embora fosse mais certo dizer que seriam perspectivas paralelas (9).

No fundo da crítica reformista não havia apenas um sistema de produção: estava toda uma ordem, assentada em relações de apropriação e mando, extração e autonomia. O reformismo atacava parcelas desse mundo estável e sólido, que mantinha-se pela força combinada da terra e do poder que se alimentava dela. Sua crítica alcançava as

manifestações mais exteriores desse conservadorismo rural de alicerce firme, ao mesmo tempo fluido e onipresente

Álvaro da Silveira, intelectual e viajante dos anos 1910 e 1920, ironizava essa agressiva ignorância da inteligência reformista. Vendo os homens perdidos nas gerais e matas, sujigados à canga do mando e ao cativo da abundância, vendo a liberdade que gozavam os fazendeiros para deliberar sobre quase tudo que ocorria nas marcas das suas extremas, Silveira compreendia a inutilidade do esforço reformista, mostrava como eram próximos o crítico e o criticado (10).

Lavouras fartas, terras livres, mando privado e sem peias, auto-abastecimento, prisão de força de trabalho à terra, ralo mercado, conservadorismo político, técnica rústica, predação ambiental e atraso rural eram facetas travadas daquela sociedade. Educar os agricultores ou reprimir queimadas eram os pingos do reformismo no mar estável dos sistemas rurais.

O governo não fazia principalmente porque não havia o que fazer; ele também era parte dessa ordem das coisas, produto também da roça de tocos. Embalado no reformismo, o funcionário soava crítico. Mas era ilusória boa parte daquela distância, e no governo do estado havia muito mais de Diamantina que supunha a menina Helena Morley.

## 2. *Autonomias*

Governos e funcionários estavam ausentes do campo. Ficavam perdidos nas reflexões sobre a reforma da agricultura ou melhores métodos de normatizar o ensino, atolados em crônica falta de recursos. Isso não quer dizer que a vida das pessoas não fluísse e por força de iniciativas locais encontrasse suas próprias soluções, existindo fora de governo. Pode parecer redundante colocar o assunto desse modo, mas não é: nos estudos que privilegiam os Produtos, a Política ou o Estado resta sempre a impressão que havia demasiado governo e iniciativas locais de menos no cotidiano desta história, quando a verdade é exatamente o contrário, pelo menos no que diz respeito ao Mucuri e Jequitinhonha (11).

Foram iniciativas combinadas entre Estado complacente e cidadãos empreendedores que explicaram boa parte dos negócios públicos e privados, permitiram a concretização de propósitos comunitários e individuais, e deram aos dois rios sua própria história. Na ausência de contatos com centros políticos ou econômicos esses lugares polarizaram-se a si mesmos, criaram mercados locais que bastavam-se em quase tudo, progrediram uns muito e outros modestamente, mas sempre longe da proteção de governos e debaixo da rédea curta do poder distrital. Tocar para a frente ações para o bem comum, cumprir por meios privados quase todas as tarefas que depois os costumes tornariam públicas, e garantir junto ao mando a sua despesa, foram práticas correntes em todos os pontos desta vasta zona.

A singela vida pública das vilas dos dois rios era apartada das políticas gerais e foi montada à custa de seus próprios, e às vezes, modestíssimos recursos. Casa de Câmara, Cadeia e Escola eram feitas com doações individuais ou coletivas; esses serviços diários: saúde, ensino, previdência e polícia eram competências diluídas pelo conjunto da sociedade,

e de vez em quando conseguiam até bastante eficácia, pois parte desses assuntos eram realmente privados, ou religiosos. Alguma coisa semelhante à proteção era dada aos idosos, doentes e incapacitados pela solidariedade privada ou comunitária; polícia era assunto dos chefes distritais, e onde eles não existiam - casos da fronteira nova e da velha área camponesa do alto Jequitinhonha - era suprida coletiva e comunitariamente, ou senão pela própria família atingida; ensino foi uma questão familiar, aprendizado prático das técnicas de roça numa vida de trabalho que começava muito cedo, ou então, costume corrente em famílias maiores e de mais recursos, contratar professores por tempo limitado para ensinar aos bandos de crianças à base de decoreba e palmatória: por esta razão a *Didática Magna Para Ensinar Tudo a Todos*, de Comênio, fez sucesso em Minas Novas quando foi introduzida pelo promotor Martiniano em 1906. Saúde privada era assunto de imenso cabedal de conhecimentos de medicina natural, e saúde pública tornou-se importante somente quando o desmate fez prosperar o número de doenças ambientais, como leishmaniose e malária; nessa época, já nos anos 1920 e 1930, às vezes os governos enviavam agentes de saúde, que produziam relatórios assustadores (12).

A história do Mucuri e Jequitinhonha desde as entradas pioneiras até quase metade do século XX mostra uma enorme autonomia. O campo se abastecia de quase tudo - não de tudo - e, mais importante que isso, refletia essa independência, principalmente as fazendas. Os distritos e cidades mantinham com o campo redes estreitas de parentesco, amizade, serventia ou compadrio, de modo que aquele excedente de fatura dos capões e matas atingia a todos mais ou menos por igual. Existiam pessoas que moravam nas cidades e arruados sem qualquer fonte de renda, fazendo muito raramente pequenos serviços, mas recolhendo pontualmente os mantimentos do sustento; nas famílias maiores da cidade ou campo a despensa e a cozinha representaram uma parte substantiva da morada, e viveram abarrotadas com despesa mínima. Essa independência do campo e da família era projetada na cidade e em toda a zona (13).

Os frágeis mercados locais articulavam-se uns com os outros em redes mais ou menos sistemáticas de trocas - apesar da enxurrada de ofícios ao governo pedindo soluções para problemas comerciais deixar a impressão de dificuldades insonháveis. Neles foram criados às vezes surtos localizados de progresso e riqueza, como na exuberante Vila Jequitinhonha que o poeta Eduardo Santos Maia visitou em começos do século XX e o deixou maravilhado: vendia seu gado curraleiro aos baianos de Ilhéus a Conquista e depois introduzira por conta própria o zebu. São João Batista com seu modesto e constante comércio de ferro; o beneficiamento de produtos locais e o abastecimento daquela imensa zona que fizeram a fortuna dos comerciantes de Teófilo Otoni; a baldeação de carga da canoa para a tropa e vice-versa tornaram Araçuaí uma modesta metrópole no fim do século XIX; e Trindade - encravada num socavão de grotta, no ponto exato em que o viajante teria que tomar fôlego para subir ou descer a vertente a pino que separa Mucuri e Jequitinhonha - sempre levou uma vida regalada por ser pouso de tropeiros (14).

Os moradores resolviam também seus problemas de liquidez, moeda e crédito, como no caso do "borruquê", a moeda diocesana que Dom João bispo de Diamantina fez circular mais ou menos forçosamente, e era aceita nas trocas apesar de todo mundo saber que não possuía nenhum lastro. Mas isso tudo deve ser articulado com aqueles picos breves de quase-progresso: o café, os vendavais de poaia, madeira e pedrarias, que fizeram a

monetizada exceção na ilíquida fatura cotidiana e a delícia dos historiadores de produtos principais (15).

Eram comunidades pequenas e dispersas nos fins do século XIX e começos do XX, de forte entrosamento umas com as outras, mas não necessariamente material, porque comércio era só um aspecto desse conjunto de trocas e doações que envolviam a todos. Os laços de família e parentesco, as relações fortes de agregado e protetor, de compadres, de vizinhança e posseamento, interagiam uns com os outros, localizando e suportando os contatos das pessoas com o mundo (16).

O comércio sofria por força da iliquidez e da fatura, pois havia uma propensão muito grande para o auto abastecimento. As pautas de produção das lavouras familiares mostram isso muito bem; o relatório da exposição agropecuária de Teófilo Otoni em 1872 revela uma variedade imensa de bens produzidos e transformados, e as descrições das moradas do campo sempre são de unidades completas tanto no beneficiamento quanto na extração: e os inventários mostram a enormidade de uma tralha doméstica, sua diversidade (17).

Mas tudo isso de modo nenhum negava a importância da circulação comercial, que por ser pequena não pode ser considerada supérflua: essa pequenez era estratégica e integrativa, porque a troca miúda - mais escassa, mais necessária, mais social - tinha o peso simbólico da troca de raras dádivas e a serventia preciosa dos mais necessários bens. É comum na história do Jequitinhonha e Mucuri avaliar mal a importância do serviço de tropeiros, comerciantes pequenos e buscar o fôlego das grandes trocas. Esse movimento de trocas pequenas não é sinônimo obrigatório de uma sociedade mais pobre, como se supõe; antes, é o sinal de uma sociedade diferente desta que vivemos. Lavradores do Pampá viajavam dezenas de quilômetros a pé ou a cavalo para vender especiarias e comprar chumbo reúdo; entre os migrantes sazonais que saíam de Chapada para a mata no começo do século XX a glória era retornar com uma capa de lã; trocava-se enormes glebas de capoeiras por uma espingarda de caça: eram valores próprios que vigoravam naquelas épocas e lugares, de qualidade e quantidade muito diferentes das que vigoraram depois. Essa modéstia das trocas nunca pode ser confundida com ausência ou irrelevância (18).

Um comércio valorado e uma produção ativa de mantimentos eram garantias de vida quase sempre estável, mas nos momentos que estes esquemas foram postos à prova, revelaram toda a sua fragilidade. Apesar do enorme peso simbólico do comércio, sua capacidade efetiva de abastecimento era minúscula, e nas grandes crises agrícolas como 1890 e 1930 toda sua vulnerabilidade ficava exposta. Nos 1890 morria gente de fome pelas estradas, com absoluta falta de mantimentos, e pior ainda, sem dinheiro e sem lugar onde buscá-lo (19).

Essa variação econômica em tempos e lugares foi uma marca dessa história discreta. Os acontecimentos e as situações mudavam demais de um pequeno lugar para outro. A fome que grassou em Filadélfia em 1859 não mereceu qualquer registro em Minas Novas; o arraso feito pela seca dos 1890 no alto Jequitinhonha só atingiu o Mucuri pela entrada de migrantes. Também o comércio e a monetarização atingiam de modo diferente os lugares e as pessoas: no baixo Jequitinhonha, por exemplo, desde fins do século XIX era mais frequente o comércio graças às vendas para a Bahia. A circulação lá foi mais constante, mas isso não queria dizer sempre liquidez. Ao contrário é o caso do alto Jequitinhonha, do velho

município de Minas Novas, onde o dinheiro era ralo e os negócios muitas vezes feitos como "tranças" - que era o nome que se dava ao escambo - ou usava-se bolas de algodão como dinheiro, ou os ditos "borruquês", ou pedraria bruta, usada até para pagar indulgências ao bispado de Diamantina. Essa ausência de trocas e iliquidez podia atingir todos os bens, mesmo o gado, e a distribuição monetária desigual explica em parte os fabulosos desníveis de preços e salários. Uma história dos preços nos dois rios mostra pelo menos três fenômenos: a dispersão, flutuação e desalinhamento relativo.

A dispersão de preços era impressionante: a mercadoria recebia num mesmo momento e locais diferentes do mesmo município preços completamente dispares, conforme mostram notas de compra de fazendas e roteiros de tropas. A Companhia do Mucuri, num mesmo ano comprou farinha por 4\$000 e 24\$000 em distritos diferentes; uma pesquisa dos salários de diaristas rurais do Mucuri, já em 1962, mostrou que eles variavam de Cr\$30,00 a Cr\$250,00 para trabalhadores de pouca qualificação. Isto era em parte resultado das dificuldades do transporte e da impossibilidade de integrar mercados, mas também de costumes localizados de produção de determinado bem que faziam às vezes o desespero do produtor e a riqueza de tropeiros que montavam redes de negociações triangulares. Fumo do Comercinho do Bruno era levado para ser trocado por porco de toucinho na mata da Bahia, que era morto, ensacado, posto nas mulas e levado a Teófilo Otoni para ser trocado por café, que seria vendido em Comercinho do Bruno; ou doces e açúcar de Minas Novas, charque de Urucu e sal da Bahia faziam o triângulo, mas sempre circulação constante e miúda. Além de serem grandes as diferenças de preço de um lugar para outro, as medidas e seus nomes variavam: alqueire de mantimento do Calhau era 80 litros, do Mucuri 60 litros; existiam "pratos", "carros", "medidas" e até um misterioso "ati" da beira do alto Jequitinhonha, equivalente a 10 espigas de milho, medidas locais (20).

Já a flutuação de preços era um fenômeno ligado às condições naturais. Sendo o comércio pequeno, os estoques vendáveis disponíveis também o eram, e de uma safra para outra os preços facilmente subiam ao quádruplo ou caíam a um terço. *O Mucuri*, jornal de Teófilo Otoni, publicou regularmente os preços correntes de alimentos naquela praça durante os primeiros 30 anos do século XX e sua flutuação era imensa em prazos curtos. Isto não tem contradição alguma com a fartura existente, porque a grande maioria do que saía da lavoura era produto mesmo e não mercadoria, e quando havia escassez ou crise ela atingia por igual às famílias e sua falta de estoques. A flutuação era resultado da união da lavoura à natureza (21).

O desalinhamento dos preços resultava das flutuações e dispersão: aparecia quando o preço de um bem descolava da relação com os outros e não retornava à paridade anterior, conservando-se em alta ou baixa relativa durante meses ou anos; ou quando preços de bens diferentes e tradicionalmente alinhados punham-se em contraponto, invertendo sua paridade. Toucinho durante certo tempo foi um ingrediente caro relativamente aos outros pelas cotações de *O Mucuri* nos anos 1910. Assim os preços pouco serviam de referência para avaliar a circulação de bens e o volume de negócios: caóticos como foram, expressam mais a singeleza, fragilidade e importância da atividade comercial no que diz respeito principalmente a alimentos básicos e salários.

Na maior parte das vezes, mesmo, preço era uma referência virtual e não efetiva. Mantimentos eram oferecidos à venda, mas geralmente eram definitivamente perdidos e

postos fora; são muitos os relatos de descarte de alimentos que não se vendiam, de tulhas entupidas que iam da roça para os porcos ou o gado. E, contraditoriamente, em certos momentos a natureza encontrava as famílias com as tulhas vazias, ou apenas uma delas cheia, e então por meses a comida era uma só, de triste memória (21).

Podemos então falar em comunidades bastante autônomas, mas dificilmente em comunidades isoladas, porque são fenômenos diferentes, falamos em autonomia, nunca ilhamento, porque o comércio era pequeno mas denso e fundamental. E o movimento de pessoas, embora fosse raro e pontualizado, era acompanhado por malhas de um contato próximo e por uma necessidade tão premente que tornava essa miudeza vital.

### 3. Cidades

Mesmo fracas de recursos, as cidades do Jequitinhonha e Mucuri desenvolveram notável vida própria. Sua brotação foi impressionante: passaram rapidamente de pobres vilas pioneiras - o modo como foram vistas pelos viajantes do século XIX - a pequenos e arrojados centros no começo do século XX, conforme as lembram memorialistas ou pioneiros. Certamente deve ser notada a diferença entre a mirada passageira dos estrangeiros e a paixão meditada dos pioneiros e nativos; mesmo assim, é impossível não reparar que a fixação de população, principalmente no Mucuri e baixo Jequitinhonha, criou costumes locais, um movimento pequeno mas ativo, e pelo final do século XIX e começos do século XX a cidade emergiu com importância, e não apenas como centro populacional, mas pela irradiação de negócios, pessoas, serviços, bens e, sobretudo, cultura.

Eram cidades modestas de seus 5 ou 10 mil habitantes, no máximo, que mantinham sólidas relações de trocas com um rural enorme e grande diversificação de atividades. Não existiam em função de outros centros, como se tornou a norma depois do meio do século XX quando passaram a ser agregados populacionais médios de subempregados e malha comercial integrada à rede nacional de bens e serviços. Viviam por si, próximas a um campo diversificado e geograficamente disperso, que levava a esses centros demandas modestas, assistemáticas e especializadas. Voltadas para aquele comércio próprio, as pequenas cidades possuíam uma vitalidade que o centralismo do final do século XX não permite conceber.

Teófilo Otoni, por exemplo, com população chegada de Minas Novas, era um notável centro, a capital do Mucuri. Por lá transitavam e abasteciam-se aventureiros e posseantes, que mesmo no muito avançado do século XX raramente viam cidade ou dinheiro nas suas trocas de poaia, copaiba ou madeiras por outros bens. Era um centro de convergência obrigatória de pessoas da mata que só se ligavam por ela e referência daqueles colonos apartados de quase tudo, como os baianos do Pampã ou os africanos de Helvécia.

Havia um justificado orgulho localista nos autores municipais, tão compreensível quanto a sua descrença na política geral. Eduardo Santos Maia falava das glórias de Belmonte e lamentava a sua pobre Bahia, maltratada nas mãos de presidentes para os quais todo recurso era pouco para sustentar suas raparigas. Godofredo Ferreira exaltava o lugar de destaque que Teófilo Otoni adquirira no conjunto do país às custas de seus próprios esforços e da falta de governo, que deixava os "*matutos tão abandonados, tão anquilosados, tão boubentos e só lembrados em dias de eleição*". Leopoldo Pereira dizia

que o povo de Calhau havia construído uma pátria sem o governo. Os autores constatavam essa ordem das coisas e louvavam a sua comuna ter prosperado na solidão, contando somente com as próprias forças (23).

Desenvolveram um profundo sentimento de localidade: respeito e reverência pelos costumes e características locais, modos diversos de roupas, medidas, sotaques, arreatas, festejos e dieta. É perfeitamente possível vislumbrar este localismo nas notas de viajantes comerciais e nos manuscritos de memórias de começos do século XX: uma preparação rigorosa para as viagens, expectativa na visita, trato particular aos costumes locais, a ênfase na diferença dos cardápios, vocabulários e convívios. Nas suas cartas Martell pontuava o que esperava de cada pouso: os doces de Minas Novas, bolos da Chapada, arreios de São Domingos, prostitutas do Calhau, boa conversa em Teófilo Otoni, o lustro social de Jequitinhonha, as pegas de boi dos melhores vaqueiros geralistas do mundo em Joaima.

O localismo era ironizado por viajantes mais céticos como Álvaro da Silveira, que falava do orgulho desses roceiros que diziam possuir o melhor de todos os cavalos, estar em sua fazenda o maior morro do mundo, produzir a melhor cachaça conhecida: um sujeito que pouco conhecia além do seu distrito e por ele julgava o resto. Mas não era só questão de perspectivas limitadas, como Silveira pode deixar a impressão. Embora pudesse ser também isto, havia principalmente um sentido de lugar completo, de inteireza e independência, um sentimento que depois desapareceu quando o mundo cresceu e ao mesmo tempo ficou diminuído com as comunicações mais ativas e fáceis (24).

Decerto uma das razões fortes da vitalidade das pequenas cidades eram as imensas e complexas distâncias entre os lugares; elas procuravam desfrutar de todos os confortos que existiam nos centros maiores, ter repartidos os benefícios de cultura e progresso. Como era difícil as pessoas circularem, os bens culturais eram multiplicados: jornais, teatros, clubes. As viagens exigiam procedimentos difíceis, envolviam um conjunto de conhecimentos, recursos e despesas. E elas tinham seu próprio ritmo, tomavam dos viajantes uma quantidade enorme de tempo: Paternostro descreveu as andanças dos camponeses para as feiras de Teófilo Otoni, paradas noturnas improvisadas em travessões, festas nas noites, deslocamentos em grandes bandos e perdas de dias de serviço. Nos diários e cartas de viajantes comerciais é possível perceber o cerimonial envolvido no arreamento da tropa, derrubada de carga e os convívios incertos, em pousos mais incertos ainda. De todos talvez, quem deixou a melhor descrição da viagem foi Cândido Versiani Murta: viajou comparando, medindo o mundo visitado pelo seu conhecido e apontando as dificuldades daquelas marchas (25). Essas viagens de canoa ou tropa, no entanto, possuíam o indiscutível atrativo da socialização mais ou menos obrigatória e da confirmação de laços já esboçados. A lembrança de estrada - tanto de tropeiros profissionais quanto de viajantes esporádicos e migrantes - é um dos maiores tesouros de memória da população mais idosa dos dois rios, porque a viagem revelava, abria oportunidades, convívios e o desfrute da animação ímpar que a estrada possuía.

A estada na cidade tinha um efeito fabuloso sobre os visitantes. A viagem de negócios exigia não só uma longa preparação de tropas, arreios, itinerários, obrigações e pousos, mas também encomendas, recados, bilhetes, recebimentos, procurações e mandados. As agendas de viajantes comerciais são recheadas dessas obrigações, satisfazendo pedidos, informando de saúde e doença, prosperidade e falência, e então vendo

a viagem desta perspectiva fica muito difícil separar o que era negócio, amizade ou favor. Naquelas viagens as pessoas teciam seus laços de associação e lembranças que davam a ela uma dimensão e ritmo impossíveis de serem reproduzidos numa sociedade de contatos mais fáceis (26).

O mais forte aspecto da atividade urbana era a venda para um grande rural: a cidade possuía um caráter muito diferente deste lugar de todas as vendas que viemos a conhecer depois. De mantimentos todas as famílias de cidade se abasteciam, de acordo com memorialistas e viajantes - desde Saint-Hilaire em 1816, até Santos Maia cem anos depois - excluindo-se, lógico, as fases de fome aguda provocadas por ligeiros desequilíbrios da relação dos homens com a natureza. A grande importância da cidade era o comércio de bens de uso, de maior preço, como a histórica Casa Colombo de Mário Martins em Jequitinhonha, que nunca vendeu mantimentos, mas especiarias e manufaturados, como tantos outros empórios que deixaram lembranças por costumarem servir ao "fornecimento" e de bancos, com aquelas contas-correntes que duravam décadas e tanto o comerciante quanto o freguês alternavam-se em débitos e créditos recíprocos. Cada um desses empórios tinha enorme volume e qualidade de negócios; o Grande Bazar 36, dos Almeida de Pedra Azul, achou bom colocar o tamanho do seu capital no próprio nome, os trinta e seis contos de réis que os sócios reuniram; Martins, da Colombo, recebia clientes e fornecedores em casa, numa mesa farta para cinquenta pessoas que ocupava três cozinheiras e sua esposa.

Esses comerciantes foram o equivalente a negócio urbano do final do século XIX até a primeira metade do século XX. Possuíam clientela cativa na sua imensa base de ação, vendiam a crédito em prazos larguíssimos, adiantavam dinheiro por conta de transações futuras e faziam avais, descontos e financiamentos; eram mais que armazéns. Em Joáima, o farmacêutico Nicolau Brandão recebia depósitos em dinheiro ou produto e emitia sua correspondente moeda ou recibo de crédito. O "dinheiro do Nicolau" circulou sem problemas, até o dia que um pedreiro descobriu que poderia fazer circular um papel muito parecido com aquele. Fora esse acidente, eram muito comuns os estabelecimentos de crédito local, misto de casas bancárias e de comércio.

Araçuaí, Teófilo Otoni e Jequitinhonha foram bastante cosmopolitas, centros culturais; as outras vilas tinham seus costumes e atrações em escala menor, mas nunca desprezível: Caravelas no começo do século XX possuía muita atividade, por ser a partida da Bahia e Minas, ponto de uma espera de vapores que podia durar dias ou semanas, desembarque e despacho de cargas, naquele ritmo próprio de cidades marítimas, que ocupava também um batalhão de portuários, pescadores, viajantes, prostitutas e ferroviários; diziam ser tanta a atividade das madrugadas que todos os franciscanos que passaram por lá entre 1890 e 1925 diziam não dar conta da quantidade de pecados que eram produzidos naquela vila (27).

Contrastava com isso tudo a pequenez do comércio das cidades do alto Jequitinhonha, onde o auto-abastecimento era mais aguerrido e as vendas muito ralas. Em Chapada, diz-se, existiu um comerciante, dos mais fortes, que possuía um movimento tão tímido que podia passar os dias escrevendo caprichosamente a lápis na ponta de cada ovo que punha à venda: "Ovo de Qualidade, Produção Própria, Galinha Pedreira", ou carijó, laranja ou nanica, conforme fosse a produtora; e "Ovo de Qualidade, Comprado de...", e

colocava o nome de quem o havia vendido. Nesse alto Jequitinhonha a importância das cidades ficava mais nas festas religiosas ocasionais (28).

Outros lugares criaram tradições diferentes. Quando Eduardo Santos Maia chegou a Joaíma foi cercado por muitas pessoas que queriam ver de perto um autêntico poeta: a sua conferência sobre "O amor no casamento" fez espantoso sucesso, ouvida por dezenas de pessoas, e todos os livros que levava acabaram vendidos. O poeta descobriu que aquele era um mundo rico de fatos e movimentos locais, que havia um ânimo próprio, diferente do "sertão" que julgara encontrar. Na viagem abandonou sua idéia de isolamento geográfico e ausência de cultura e a narrativa é cheia de encontros, novidades insólitas, acontecimentos densos que o afetavam tanto quanto a todos os outros e movimentam toda a coletividade: em Vigia sofreu a angústia do ataque dos ferozes jagunços Cangussú exigindo um resgate para não saquear a vila; em Farrancho encontrou um cabra no tronco pedindo a morte em faca ou bala, e um parceiro para analisar o kardecismo; em Joaíma achou, enfim, o amor na bela Dija, foi a saraus à sombra de caramanchões; brigas, beira-mares, declamativos, festas. Um modesto turbilhão situado num raio de não mais que 30 quilômetros, fazendo com que o cenário onde o viajante se movia parecesse mudança perene e não modorrenta vida rural de fazendeiros estúpidos e roceiros grosseiros. Revelou daquele lugar uma habitabilidade tão intensa como apareceu nos diários lacônicos de Helvécio Ribeiro: a extraordinária densidade da vida local naqueles pequenos centros do começo do século XX (29).

As cidades tinham um enorme respeito pela cultura. Itamarandiba cultivou com gosto a memória de Antônio Joaquim César, seu agitador do século XIX. César lia em francês Racine, Molière, Victor Hugo; de acordo com Paulo Pavie, ele ia frequentemente à Côte, até finais do século XX, buscar novidades culturais e afetivas. E Maia, descrevendo a sua Belmonte natal de 8.000 habitantes, apresentou a variedade da sua vida cultural, a multiplicidade de organizações difícil de ser entendida depois do feroz centralismo urbano que se abateu sobre o país da segunda metade do século XX em diante (30)

Essa Belmonte, assim tão miúda, possuiu vida cultural muito ativa com frequentes saraus, recitativos, debates públicos e conferências promovidos por seus clubes. J. Duarte conservou na lembrança uma palestra: o farmacêutico resolveu castigar o menino lavador das suas garrafas de remédios mandando-o para a conferência do poeta Aristeu, "A influência da religião na formação da nossa nacionalidade". O ouvinte, segundo Duarte, assistia *"uma conferência gritada, ouvida em cadeira dura, salão fechado e calor senegalês."* [Duarte, 1972: 122]

A timidez do comércio não inibiu a força das realizações locais. Ottoni, mais que todos os outros, pagou caro por dimensionar mal a circulação. Mas o seu exemplo pouco serviu para desanimar iniciativas individuais ou coletivas, de modo que ausência de governos e amplos negócios não significou necessariamente estagnação, porque existiram outros movimentos, e o localismo durante muito tempo animou essas vilas. As realizações públicas de vulto no Mucuri e Jequitinhonha foram resultados desses esforços produzidos pela fraqueza. A maior delas foi a Estrada de Ferro Bahia e Minas, uma associação de capitais particulares. Mas as cidades de Teófilo Otoni e Jequitinhonha desde os anos 1910 usavam iluminação elétrica de companhia local, empresa de bondes, jornais e teatros; tantas eram as obras que Godofredo Ferreira dizia, orgulhoso, que haviam sido feitas à margem e contra os poderes centrais. Isso foi comum a quase todas as cidades e vilas. Os empresários

de Araçuaí instalaram um cinema que recebia os filmes de canoa, desde Belmonte, nos anos 1920. Paulo Pavie conta que a rodovia para Itamarandiba foi aberta a mão, por contribuições voluntárias, e o primeiro automóvel entrou na cidade buzinando, em setembro de 1936; parou embaixo do cedro da matriz para que o povo ajuntasse; tocaram o Hino Nacional e o motorista desceu do carro, uniformizado, de camisa verde e sigma: cantava em posição de sentido, com o braço direito estendido para a frente, o primeiro automóvel e o primeiro integralista a pisar em solo de São João Batista. Em Nanuque construíram uma empresa de iluminação cujo nome era Santa Clara, apelidada pelos consumidores "Santa Escura" (31).

Um capítulo farto da história dessas cidades são os sistemas de comunicação: jornais locais com campanhas e polêmicas, eram expressões ricas da vida intelectual urbana. Godofredo Ferreira foi colaborador de *O Mucuri*; Leopoldo Pereira idem, além de escrever em jornais de quase todas as cidades do Nordeste de Minas. Alguns desses jornais tiveram grande sobrevivência. Esse localismo da produção cultural e a reflexão autônoma sobre a comunidade desapareceram depois com a integração de mercados de comunicação sem deixar sinais, de sorte que soa meio impossível falar em peças, jornais ou livros que eram produzidos para e em função daqueles mínimos mercados, e que por eles também campearam fortes debates políticos (32).

#### 4. Capitais

A cidade possuía a sua importância e situação particular: um lugar diferente de campo, com trocas constantes, mas definitivamente apartados. Muito diferente daquela fusão que a agroindustrialização viria promover a partir da segunda metade do século XX. Mas até aí era no campo que morava a maior parte de população, e ele regeu este mundo até muito avançado do século XX. Entender a economia desse rural é questão da máxima importância. Principalmente saber que tipo de relações havia nele, quais estabeleceu com a sociedade envolvente e a maneira como elas foram, mais tarde, interpretadas.

A fazenda ocupa um limbo teórico nos estudos rurais brasileiros e particularmente mineiros. Embora tenha sido, e nos anos 1990 ainda seja, o modo dominante de organização da vida rural, recebeu tão pouca atenção que parece pertencer a país e épocas diferentes. Formou uma sociedade de tímidas relações mercantis, fraca circulação de bens, baixo assalariamento, mas raramente sua ambiguidade, vinda de produzir seu próprio consumo e ao mesmo tempo bens de mercado, é mirada de frente.

Embora a fazenda do Nordeste de Minas Gerais tenha tido essas características, os estudos sobre ela teimam em encontrar um processo intenso de circulação mercantil, extração de excedentes e acumulação. Acontece que as informações de campo sempre são dúbias: tanto revelam quanto negam o caráter mercantil da fazenda. Apesar dela nunca ter conseguido uma entrada permanente em mercados, sempre esteve em suas franjas, embora mantida por relações que dificilmente poderiam ser classificadas como empresariais (33).

A fazenda do Nordeste de Minas foi em quase toda sua história um empreendimento de fronteira agrícola: um sistema de produção marcado pelo extrativismo, que construiu

suas relações de apropriação fundiária, trabalho, negócios e cultura a partir das ofertas feitas pela natureza (34). Nesse processo o fazendeiro enriquecia, acumulava riqueza, mas dificilmente se poderia dizer que acumulava capital, porque não existiam relações sociais capitalistas no processo de produção. Usando da natureza, a fazenda produzia riqueza sem incorporar a ela o valor de um trabalho não pago, pois era construída no comércio do gado, e não na sua produção. Ela possuía uma lógica não-empresarial que contactava um mercado sem que sua estrutura interna fosse transformada pelas relações mercantis. A fazenda foi montada a partir de quando alguns pioneiros se apropriaram da terra, subordinaram outros tantos a obrigações - algumas de tipo econômico e pessoal - e construíram um patrimônio. O domínio de terra foi condição para sujeitar agregados que, mesmo não sendo obrigados a prestações de trabalho gratuito ou voluntário, serviram como vasta clientela.

Grande parte da riqueza, em toda a zona, foi feita à custa de algumas oportunas entradas em mercados, mas, sobretudo, a partir de uma apropriação da natureza. Não foi uma riqueza produzida apenas pelos mercados, mas uma recursagem absoluta daquilo que o meio oferecia - poaia, madeira, mantimento, colônia, pedra - uma cultura extrativista, liquidadora, e anos depois haveriam de coincidir a liquidação econômica com a liquidação ambiental. Uma das mais claras definições dessa riqueza foi feita por Nelson de Farias, que descreveu a fazenda sem porteiras, infinita, extratora, construída pela inércia do estocamento de terras e de bichos num meio generoso. A dona fazendeira reunia os terrenos, guiava "seu" povo com mão de ferro, povoava toda essa terra com bichos fêmea, crente no ensinamento que é *"bicho que urina para trás que põe o dono para a frente"*. [Faria, 1960: 175]

Foi essa apropriação dos dons da natureza, tanto quanto a subordinação da força dos homens, que permitiu a criação de fortuna nessas sociedades. A tomada dessa riqueza bruta - que em muitos casos exigiu também a bruteza da força e tornou alguns bastante ricos - fez a fortuna ser concebida desvinculada do trabalho. Foi gerada no campo por magia, ficou sem relação com o trabalho; brotou da terra como capim colônia, poaia, diamante, como a fartura da roça; uma riqueza produzida sem a interveniência ativa, sobretudo produtiva dos homens.

Essa forma de riqueza deixa rastros nulos, e o pesquisador não consegue encontrar uma explicação para aquele batalhão de agregados que aparece nas roças sem nenhum emprego aparente. O remédio é subordiná-los a uma relação permanente de exploração econômica, quando muitas vezes existiram por si mesmos, sem outra necessidade de justificação pelas leis da circulação de bens.

Existiu outra forma, nobre, de produção de fortunas, mas também pouco associado ao trabalho: o comércio ligado à fazenda. É importante dizer que ligado à fazenda porque a sua característica foi aventurar por todos os caminhos possíveis, e nunca economizar tentativas e ambição nos negócios. Comércio sempre foi mais frutífero que labuta na fazenda. Essa diversificação de atividades fazendeira esteve em todas as fazendas: homens que eram criadores, plantadores, comerciantes, madeireiros, usurários até, se tivessem dinheiro (35). Os negócios de todas as fazendas sempre foram variados, sem nunca deixar de produzir mantimentos, zelar por seu pessoal e repartir a produção na domesticidade. Seus interesses incluíam um elenco enorme de ações, como a fazenda Araguaia, que associava serraria, aluguel de pastos, meiação de gado, café, lenha, mantimentos, rapadura.

Mas o que surpreende na fazenda não é apenas a diversificação: é sobretudo a forma como os fazendeiros trataram diversamente suas atividades internas, como agrego, lavoura, pessoal de cozinha, seu espaço doméstico, e, por outro lado, como se relacionou com negócios e mercado, e deu aos interesses negociais escritos e formais um perfil inimaginável para quem o visse nas mangas de pastos ou na lida com agregados. Parece ser outro.

É então que aparece toda a sua ambiguidade. Elas reuniam práticas distintas num mesmo personagem, combinavam mercantil e não-mercantil nesta dúbia síntese de fronteira (36). Esse convívio de opostos salta das contas de fazenda quando o fazendeiro transforma aquele produto dos recursos excedentes em dinheiro. Do registro emerge um negociante; mas seu convívio e práticas mostram só um senhorio acanhado.

Um sistema próximo, pleno de soluções familiares e pessoais se visto por dentro, torna-se cheio de alusões empresariais quando são analisados suas anotações e negócios. Existem claramente duas orientações - interna ou externa - mas ficam absolutamente dissonantes se forem vistas juntas. O fazendeiro carrega consigo dois procedimentos, um extraidor da natureza no plano interno, um explorador das oportunidades de mercado, no externo. É por isto que, dependendo do ângulo que o pesquisador aborda, vai encontrar senhorio ou empresário, quando na verdade a fazenda carrega consigo sempre essa síntese dúbia, explicável por natureza e fronteira (37).

### *Notas ao Capítulo III. Economia do Varejo*

(1) Ver, além de Helena Morley (1971), também Silveira (1922), Ferreira (1934) e Pereira (1969).

(2) O trabalho de Campista foi muito citado em artigos e livros que analisaram os temas rurais de Minas Gerais no começo do século , principalmente por Carvalho (1916) e Carvalho (1908). Sua pesquisa foi citada em vários trabalhos do Congresso Agrícola de 1908.

(3) Os debates conservacionistas dos EUA, em fins do século XIX, foram comentados recentemente por Drumond (1991). As críticas reformistas dos fins do século XIX são muito parecidas com aquelas feitas pela geração que oitenta anos depois tomou o comando governamental da agricultura mineira, guiada por Alysso Paulinelli. Mas Campista não era caso isolado, haviam precedentes. Em 1884 o governo mineiro encomendou um estudo da situação agrícola a um certo Doutor Rebourgeon, sábio de passagem pela província. No seu *Relatório...*, ele condenou os costumes, as técnicas, os pastos, as lavouras, o gado, os cavalos, os produtos: tudo aquilo estava errado, dizia. Recomendava cruzamentos, técnicas novas, aberturas de áreas, investimentos produtivos. Anos depois Álvaro da Silveira (1922) visitaria as dezenas de quilômetros de cercas de arame liso que guardavam as ossadas do gado Hereford introduzido nas chapadas da Serra do Cabral por conselho do Doutor.

(4) Os principais autores que analisaram a agricultura mineira desta perspectiva foram Iglésias (1985) e Norma de Góis Monteiro (1972).

(5) Ver, sobre as colônias da Mata mineira, Lima (1981), Góis Monteiro (1972) e Áurea Nardelli (s.d.).

(6) As principais fontes de consulta sobre a época são Carvalho (1908), Pinheiro (1935), Iglésias (1985), Carvalho (1916), Affonso (1914) e Silveira (1922).

- (7) Sobre o perfil dos homens públicos na chamada República Velha, ver Martins Filho (1981, especialmente Capítulo II) e Wirth (1982, Capítulo IV, V e Apêndice B).
- (8) A melhor fonte para uma crítica histórica a esses descompassos entre a fala erudita e as razões da prática rural é Sérgio Buarque de Holanda (1957), Ester Boserup (1987) e Eric Wolf (1976), Bloch (1978) também enfrentaram brilhantemente a questão.
- (9) Sobre técnicas, lavouras e seus instrumentos, ver, mais à frente, Capítulo VIII.
- (10) Silveira produziu uma vasta obra sobre o meio rural e a cultura mineira do começo do século XX. Ver Silveira (1919 e 1922).
- (11) Em muitos estudos de história é bastante frequente essa impressão de governo ativo e cidadãos beneficiários, apesar de passivos. Essa perspectiva da historiografia mineira fica muito bem expressa nos trabalhos de síntese, como por exemplo Mulls (1989), Góis Monteiro (1974), Lopes e Gomes (1989) e os conhecidos estudos de João Camillo de Oliveira Torres (1969).
- (12) Sobre saúde privada ver Saint-Hilaire e Wied; Irmã Andréa Comune (1986) sistematizou muito do conhecimento médico popular e natural em seu livro. Saúde pública no começo do século XX ver Paternostro (1937). A melhor descrição da vida na fronteira foi feita por Santos (1970), que estudou o Pampá através de memórias coletadas entre seus primeiros habitantes. Tetteroo (1919 e 1922) foi outro pesquisador que tratou do assunto. Ver também Nogueira (1989). Outras informações sobre a vida na mata foram fornecidas pelos entrevistados, principalmente Diniz Vieira, Jason e Zulmira de Souza, Natalino Martins, Afrânio Barbosa e José Zeca Figueiredo.
- (13) Esse retrato do campo e cidade do fim do século XIX e começos do XX encontra-se numa série de memórias de autores locais. Deles, certamente, os mais conhecidos são Morley (1971) e Salles (1993). Dos menos conhecidos e mais detalhistas podem ser consultados César (1975) e César e César (sem data), Rothe (1956), Pereira (1969), Ferreira (1934); ver também o viajante Maia (1936) e as crônicas de J. Duarte (1972 e 1976).
- (14) Maia (1936) faz um rico painel da vida interiorana do Nordeste mineiro; idem Silveira (1922). Sobre São João Batista ver Pavie (1988), sobre Araçuaí ver Pereira (1969) e Minas Gerais (1927); sobre Trindade ver Raslan (sd) e Timmers (1969, ms).
- (15) Sobre os negócios prósperos do Jequitinhonha, ver Pereira (1969) e Duarte (1972); a história dos borruquês e seus resultados está em Morley (1971) e Esteves (1961).
- (16) As agendas do viajante comercial Helvécio Ribeiro nos anos 1920 mostram uma trama de contatos, bilhetes, pequenas e intermináveis trocas de presentes, visitas e favores que prendiam pessoas umas às outras, mesmo que separadas naquelas intermináveis distâncias que apartavam Minas Gerais e Bahia. Anotava negócios com, pelo menos, três contatos em mais de 20 cidades e vilas; de cada cliente levava encomendas, cartas e pagamentos, trazia outro tanto.
- (17) Godofredo Ferreira publicou partes do relatório da exposição agropecuária realizada em 1872, em Teófilo Otoni, e mostrou vários tipos de feijão (arranco, corda, fava, andu), bolos, broas, tecidos, bebidas, tudo feito em casa. Os cardápios dos canoieiros do Jequitinhonha foram anotados por Pereira (1969) e comentados junto com outros cardápios domésticos mineiros por Frieiro (1965). Frei Chico van Poel (1981) publicou e comentou um inventário com a tralha doméstica da casa; nas velhas fazendas, principalmente do Gravatá, ainda exibem nos anos 1990 a quantidade de equipamentos demandados para o sustento de uma fazenda.
- (18) Ricardo Ferreira Ribeiro (1994) estudou o Jequitinhonha adensando o volume de comércio local relativamente aos outros centros comerciais; esse foi, também, o caminho feito por Pereira (1969). O problema desse viés de análise é forçar a comparabilidade e perder de vista a especificidade: assim

desaparece toda particularidade da história regional, na medida que é interpretada em termos relativos aos centros maiores de comércio.

(19) A fome do "noventinha" e a migração de baianos é narrada sobretudo por Pereira (1969); vários outros autores tratam de passagem do assunto, mas ele está presente, principalmente, é na memória de migrantes e seus descendentes. A fome dos anos 1930 é uma história contada em detalhes pela população do Jequitinhonha, principalmente do alto, onde a seca também manifestou-se.

(20) Estas histórias de comércio aparecem em depoimentos de tropeiros antigos; ver também Relatórios de Ottoni, especialmente 1860; ver borradores de Contas Correntes de fazendas, especialmente da Araguaia. A pesquisa citada está em Bosco e Jordão Neto (1967); dados de salários e preços foram retirados dos borradores das fazendas e de relatórios da Companhia; outras informações sobre preços e salários foram conseguidas em entrevistas.

(21) Em 1927, ano de série de preços bastante completa, o toucinho passou de 45\$000 a 30\$000, depois a 40\$000 e 25\$000 a arroba. O quilo de poaia começou o ano valendo 40\$000, caiu a 20\$000, voltou a 30\$000, recuou a 20\$000, tudo entre março e outubro.

(22) As lembranças de tulhas abarrotadas e bens que não eram vendidos estão em depoimentos de lavradores reunidos em Ribeiro (1996). Dos entrevistados de campo, principalmente Laurinda André e José Santana descreveram o desperdício que era a vida no campo.

(23) Maia (1936), Ferreira (1934), Pereira (1969).

(24) As impressões de Silveira estão em seu livro *Memórias Corográficas*, de 1922, onde reproduz suas impressões de viajante mordaz e atento.

(25) O relato de Murta, *Notas e impressões da minha primeira viagem ao Santuário de Bom Jesus da Lapa*, relata o cotidiano de uma romaria feita em 1936; foi transcrito em Ribeiro (1996).

(26) Sobre este assunto as fontes consultadas foram as agendas e diários de Helvécio Ribeiro, o livro de Contas Comerciais de Clarindo Trindade, Livro Caixa do Armazém Urucu.

(27) Sobre o Grande Bazar 36 ver Alírio Almeida (1977), irmão dos sócios e antigo balconista. As referências aos armazéns e casas comerciais foram colhidas em Almeida (1977), Santos (1970), Maia (1936); nos depoimentos de Isa Martins, Pedro Emílio A Peixoto, Laurinda André, Otelino Sol, Benvinda Ribeiro, José Currealinho. A história de Nicolau Brandão de Joáima faz parte do folclore local, foi-me contada por vários entrevistados, destacando Pedro E.A. Peixoto. Algumas histórias de Caravelas estão em Sena (1993); memórias dos franciscanos estão em Staphorst (1985) e Koppen (1991).

(28) Sobre o alto Jequitinhonha ver Pereira (1969) e, principalmente César (sd). Ver também Amaral (1988). O caso dos ovos de Chapada do Norte foi relatado por Olímpio Soares (entrevista de outubro 1994) e uma neta do comerciante guarda um exemplar de "ovo escrito" para mostrar aos incrédulos.

(29) Maia (1936); agendas e diários de H.Ribeiro (ms).

(30) Segundo Maia em Belmonte existiam as

*"Sociedade Beneficente Caixerá, Escola Comercial, Clube Literário Rio Branco, Filarmônicas 15 de setembro, Aurora e Bonfim; Grêmios Dramáticos Carlos Gomes, Castro Alves e Coelho Neto; Sociedade Orfêica Recreativa Belmontense, Monte Pio dos Artistas; Clubes Literários Recreativo, Federativo, Oriental; Sociedade União, Escola Complementar, Ateneu Belmontense, Clube da Guarda Nacional, Escola Americana, Hospital e Santa Casa de Misericórdia, Clubes Carnavalescos Filhos do Sol e Cavaleiros de Minerva. Há outros de somenos, mais ou menos efêmeros. O acervo científico-intelectual de Belmonte é notável: vinte bacharéis, cinco médicos, seis engenheiros, quatro farmacêuticos, três cirurgiões dentistas, dois padres, dez professores, dois poetas, oito literatos, afóra músicos, artífices, etc. Jornais de todos os tamanhos e feitios, crílicos e noticiosos, sisudos e humorísticos, uns de pouca dura, outros de*

*permanência regular. A fileira é longa: O Progresso, A Alvorada, O Correio do Sul, O Leque, A Lide, O Clarim, A Brasa, O Sul, A Pimenta, O Democrata, A Tesoira, O Lábano, A Malagueta, O Raio, A Evolução, O Correio do Povo, A Brisa, O Arauto, O Espião e O Liberal.*" [Maia, 1936: 38]

(31) Sobre Estrada de Ferro Bahia e Minas ver Ferreira (1934) e Tetteroo (1922); Jequitinhonha, ver Maia (1936); Araçuaí, ver *Minas Gerais* (1927); Itamarandiba, ver Pavie (1988); Nanuque, ver Fonseca (1986).

(32) Gonzaga de Carvalho, nas suas crônicas, lembra dum tempo que a segunda metade do século XX tornou tão improvável. Em *Anos de Luta* narra a memória da Rádio Teófilo Otoni - ZYX.7 - suas proezas para disputar audiência com a Rádio Nacional, do Rio:

*"Tínhamos programas de auditório, com cantores e orquestra da própria emissora. A rádio exibia os grandes cantores dos anos 50, promovia a luta pela mudança do local da cadeia, o patrocínio da transferência dos restos mortais de Otoni para sua cidade, a crítica à Estrada de Ferro Bahia e Minas."*

E a crônica do autor, que começava sempre com:

*"Radiovinte amigo: o espelho do tempo reflete 11 horas e 50 minutos. Assim como a rua expõe aos nossos olhos a alma triste ou alegre de um povo, neste horário focalizamos a essência das ruas em suas imagens. É com satisfação que a Rádio Teófilo Otoni lhe oferece... Paisagem Urbana - Crônica diária de G. de C., na palavra de Noé Rodrigues."*

[Gonzaga de Carvalho, 1979: 95]

(33) Numa série de pesquisas encontramos essas questões: Mulls (1989) fez uma arqueologia do capitalismo na fazenda mineira; Medeiros Silva (1990) viu na fazenda do Jequitinhonha uma empresa; Lopes e Gomes (1989) encontraram um processo ativo de acumulação no comércio e na extração rural dos séculos XVIII e XIX mineiros; Eigenheer (1982) misturava agregados com assalariados no Serro. É muito frágil a base para o pesquisador analisar as fazendas do Nordeste de Minas a partir de conceitos como capital, mercadoria, acumulação. Esta dificuldade é transparente, por exemplo, em Moura (1988), que tentou analisar o fim da agregação no Jequitinhonha relacionando-a a uma transformação na fazenda: transformação que a autora não consegue mostrar, porque não ocorre no processo produtivo, nem na circulação; qual capitalização se não havia capital na base do processo produtivo?

(34) Martins (1975) e Suarez (1982) descreveram com sucesso esse sistema da fazenda: a frente de expansão, conforme definida por Martins, é a ocupação de uma área com base numa economia que produz valores de troca e se relaciona com o mercado, mas não retira o seu dinamismo do mercado. Os produtores dedicam-se principalmente ao auto-sustento, e produzem bens de troca com fatores que excedem às suas necessidades. A fazenda é integrada à economia de mercado, mas suas relações internas fundamentais não são determinadas pela produção de mercadorias. Desse modo, fazendeiro e agregados vivem numa sociedade relativamente indiferenciada do ponto de vista de renda e técnicas. Essa seria uma "economia do excedente": o que entra no mercado não é a sobra do consumo doméstico, mas aquilo que foi produzido com os fatores que excedem a produção do necessário para o consumo doméstico, como trabalho, terra, madeira, gado, pastagens e mantimentos. Na frente de expansão tanto fazendeiros quanto agregados devem ser analisados pela natureza familiar do trabalho e vínculo estreito com a natureza; a diferenciação social e econômica veio aparecer muito posteriormente. Estudando a fazenda de Goiás, Suarez nota que poderia parecer que ela, por se orientar para o mercado de gado, devesse ser definida como empresa mercantil fundiária, o fazendeiro como empresário, e portanto deveriam ser aplicados os mesmos recursos de análise aplicáveis ao Nordeste açucareiro. Mas Suarez diz que o procedimento não pode ser este: a situação difere dos "sistemas empresariais latifundiários" devendo ser vista como típica das frentes de expansão. A fazenda era produtora de gado e alimentos básicos, e processadora deles; unidade composta por vários grupos

familiares, num mesmo processo de trabalho, e a família fazendeira goiana não era parte ociosa porque todos faziam parte da força de trabalho.

(35) Sobre a natureza comercial complexa da fazenda ver o excelente estudo de Santos Filho (1957) e os arquivos das fazendas citadas.

(36) Maria Sylvia de Carvalho Franco escreveu que

*"Nas condições em que se desenvolveu a grande propriedade fundiária no Brasil, houve que conciliar, dentro dela, dois princípios reguladores da atividade econômica que são essencialmente opostos: produção direta de meios de vida e produção de mercadorias."*

[Carvalho Franco, 1974: 10]

(37) Na fazenda Sul América, por exemplo, havia pessoal que plantava e criava livremente em seus terrenos: conservava seu campesinato interno, parceria, mantinha todos os negócios embolados com seus agregados e vaqueiros. O fazendeiro protegia os que criava, dava gado e pasto; deu a um vaqueiro antigo, afilhado que casou, um dos terrenos para ele conceder meias. Mas esses são dados retirados dos testemunhos sobre a fazenda. Analisando suas contas tudo muda, aparece um fazendeiro agarrado ao dinheiro, contratos e negócios, rigoroso nas contas. Ele montou uma engenhoca para gerar energia e saber pelo rádio o preço da arroba do boi gordo nos anos 1940; ouvia o preço e não divulgava: comprava bois. Foi desde os velhos tempos da CREA tomar seus empréstimos do Banco do Brasil; emprestava a juros, selecionava seu gado com rigor. Mas continuou, internamente, dando ao seu pessoal aquele mesmo trato, o trabalhador retirando seu sustento do trabalho em roça, não do trabalho na fazenda, como era a praxe em todas as outras fazendas.

## Capítulo IV Terra

### 1. O negócio da terra

Terra, fazenda, propriedade, controle privado de uma gleba, são sinônimos entre si e equivalentes a dinheiro nos finais do século XX. A propriedade de terra - limitada, transferível, irreprodutível e titulada - gera renda equivalente às melhores aplicações financeiras e é um símbolo de riqueza, como poucos. Símbolo, aliás, sempre foi: também era representação em outras épocas da história. Mas essa identificação total e generalizada da terra com dinheiro é recente. Até por volta da metade do século XX, a terra do Mucuri e Jequitinhonha era quase sempre um bem de preço pouco ou simbólico, baixo em comparação ao preço que depois veio a possuir, e antes, em muitos lugares, era tomada por quem se interessasse: disponível, farta, sobrando.

Certamente havia zonas de mercado fundiário um pouco mais firme: algumas boas fazendas abertas e formadas em locais de povoamento antigo. A norma do comércio era a apuração nominal do preço, tomando por base a quantidade de benfeitorias existentes. Servia para orientar transações muito esporádicas que poucas vezes envolviam realmente dinheiro; negócios de "tranças" misturavam mantimentos, tropas, boiadas, outras terras, bens diversos, mas pouco dinheiro. Um mercado, se assim podemos chamá-lo, incerto e ingrato, sujeito a prazos grandes e inadimplências frequentes, porque o domínio titular de uma área no Nordeste de Minas podia significar para o dono fartura, poder, prestígio, serviço e conforto, raramente dinheiro.

A resposta que o Arraial de Chapada deu ao *Questionário...*, enviado por David Campista em 1893 aos distritos mineiros, dizia que o preço do alqueire da terra variava de 20\$000 as culturas, a 15\$000 e 10\$000 as meias-culturas e campos, mas transações não existiam: há muito tempo não se registrava venda nenhuma e esses preços "*não prometiam aumentar*". Nessa mesma época a diária "a seco" de um trabalhador em colheita de café na "mata" variava de 1\$000 a 1\$500, de modo que em termos relativos preços de terra e de trabalho não estavam muito longe um do outro. Anos depois, por volta de 1930, um salineiro recém-chegado ao córrego do Pavão trocou o burro que trazia sua mocofagem por 50 alqueires e recebeu na volta uma leitoa. Nesse lugar e época frei Samuel Tetteroo citou uma série de compras de terra para estabelecer vilarejos; mas eram geralmente compras de capoeiras, ou seja, de benfeitorias, terras já amansadas por umas três lavouras e uma rebrota, e a um preço tão baixo que, segundo contam os testemunhos de época, acabavam sendo quitadas com rapadura, farinha, fumo e cachaça: produtos da arte, trocados por produto de trabalho simples. Dos formais de partilhas de Minas Novas, até meios do século XX, constavam acordos para um dos filhos receber um tacho de cobre; o outro recebia 50 alqueires de chapada, numa partição igual. (1).

Nas anotações de Wilson Tiná Trindade, de Itaobim, que depois veio a ser o dono da famosa Sul América, encontra-se o registro da compra e condições de pagamento da gleba que ficou chamando "Corta-pé":

*"Comprei a fazenda de Inácio Corta-pé, em 3 de junho de 1947, por Cr\$4.000,00, pagando:*

*um bezerro por \$1.000,00*

*com um ano de prazo \$1.500,00*

*com 2 anos o restante \$1.500,00"*

{Contas Correntes da Fazenda Sul América, ms.}

Era um terreno de matas quase sem benfeitorias e o comprador, que vivia por perto, recebeu o vendedor como agregado na mesma terra. A quitação da dívida restante foi sendo feita em gado, dando baixa em poucas reses de um rebanho que recebera em sociedade com partição de lucros e colocara pastando no "Corta-pé"; mas também pagou com o fumo que recebia de seus meeiros. Foi um negócio sem dinheiro por uma terra com estupenda capacidade de suporte, que poucos anos depois estava ocupada com *"200 cabeças de garrotes boiadeiros"*.

Na primeira metade do século XX, quando as fazendas iam se esparramando em terras novas de fronteiras, sua dimensão era tão imprecisa quanto seu preço. A fazenda do Brejo Seco, que teve seus 200 anos de história pesquisados por Lycurgo dos Santos, sempre desconheceu seus limites e número de habitantes. As chapadas que emendavam-se com terras de cultura do Jequitinhonha ninguém sabia ao certo o tamanho, eram áreas de criar gado "alongado"; fala-se muito no alto Jequitinhonha no antigo costume de definir a terra como *"do tamanho da carreira de uma égua"* - quer dizer, mais ou menos 3 quilômetros - mas de beira de rio ou córrego sem limitação na perpendicular das águas. Tamanho e limites eram flexíveis demais e em geral fazendeiro ou posseante - como era chamado até meio do século XX aquele abridor móvel de terras de mata - declarava à Coletoria uma área bem pequena mas no memorial descritivo punha limites físicos muito dilatados. Na eventualidade de pagar impostos, eles seriam pequenos; noutra circunstância, de disputa de extremas, a gleba seria enorme. Isto é conhecido como *"declaração de águas vertentes"* e serve para prevenir questões de limites, sucessórias e fiscais, pois diante de cada problema há um testemunho diferente, escrito ou físico. Nos finais do século XX em alguns lugares do Jequitinhonha é comum falar em formais de partilha de 5 alqueires que *"comandam"* outros 50 e tantos; comandar significa dominar, exercer direitos plenos, exceto titulação legal.

Na tradição fazendeira do Nordeste, Norte de Minas e do Sudoeste da Bahia era costume escriturar e por preço em gado, benfeitoria e lavouras, mas não na terra. Na terra da fazenda - que não era livre - havia um leque enorme de usos, acordos e explorações diferentes. Pastagens costumavam não conhecer limites, e lavouras de agregados não recebiam restrições, a não ser rara e localizadamente. Esses estatutos de uso e extração da terra da fazenda nunca foram escritos, mas faziam parte dos costumes e eram variados de lugar para lugar, entre outra razões pelas características da natureza: uma fazenda em chapadas e capões oferecia recursos e exigia técnicas, e portanto, acordos diferentes de uma fazenda de mata ou carrascos. Cada uma permitia seu usufruto peculiar, mas não eram

submetidas ao uso e vontade de uma pessoa apenas, e sim a múltiplos personagens e usos que não se chocavam porque os espaços eram tão amplos quanto os recursos disponíveis.

Mas essas relações nascidas do encontro dos homens com a terra mudaram demais no avanço do século XX. Nas fazendas - sítios e posses são casos diferentes - passaram da livre ocupação indiferenciada na mata, que havia nos finais do século XIX, para os convívios partilhados de posse e uso, e enfim para o domínio titular exclusivo - a propriedade - na segunda metade do século XX. Terra foi alterada em preços relativos e como reserva de valor, pela multiplicação dos potenciais compradores, pela morte dos regimes de apropriação e uso, pela generalização de um mercado fundiário (2). Ocorreu uma mágica que transformou aquele bem farto e sem limites como o ar - objeto de referências mercantis simbólicas e frágeis - num dos ramos de negócios mais ativos, sinalizador de quase toda a atividade rural nas zonas que conseguiram estabelecer o regime de propriedade privada.

Para a formação desse mercado, que na maioria do Brasil consolidou-se bastante nos meios do século XX, foi necessário criar uma cadeia inteira de expropriações e supressões de direitos costumeiros, instalação de regimes novos de uso e apropriação, que deram ao final na fazenda moderna, premiada com sua pura existência: a fazenda recebeu a título mercantil uma terra que não possuía com este direito. Uma loteria de mercado premiou aqueles retentores de domínio que converteram, suavemente, um controle pessoal num controle econômico. Ao mesmo tempo silenciou os outros direitos não-escritos, não-mercantis, não-modernos, e retirou deles a sua expressão extrativista e mutualista para transformá-los em não-direitos e, raramente, em dinheiro. Esta foi a grande arte da fazenda do Nordeste mineiro, produzida por uma série combinada de circunstâncias.

A história da terra e da fazenda é a trajetória de uma para outra forma de controle fundiário, misturada a costumes, reciprocidades, natureza, migrações. Trata de sociedades e direitos que foram completamente diferentes. Foram caminhos também diferentes os da fazenda do Nordeste, do Cerrado e do Norte de Minas Gerais; mas seus ritmos, lugares, atores e acontecimentos chegaram a um resultado final muito parecido. Mas em cada situação os elementos se combinaram de modos diversos e, nestes presentes tão semelhantes, ainda ficou possível rastrear os caminhos originais que dão o tom a dilemas muito específicos.

Os direitos portugueses mais antigos de uso e domínio de terras davam à sua venda uma importância secundária. De acordo com Cirne Lima, um estudioso clássico dessa questão, a terra era atribuída ao lavrador em função de seu uso: era a lavoura que determinava o controle da terra e não o contrário. As glebas passavam por redistribuições periódicas para evitar apropriações improdutivas, num sistema muito parecido com o russo e comum também a outras sociedades. A terra era uma dotação ao praticante da arte da lavoura e, apartada de preços e mercados, foi associada a uso, produção, trabalho. Essa terra portuguesa repartida comunitária e periodicamente chamava-se "sexmo"; daí veio a sesmaria que no Brasil foi o espaço do convívio de tantos usos fundiários diferentes. Sesmaria foi um sistema de domínio parcial e condicional, desajustado dos mercados e do setor urbano; já a propriedade privada absoluta foi produto do início da época moderna e da expansão do mercado nacional sobre o rural.

No Brasil a história do regime privado de apropriação territorial costuma ser iniciado pelo meio do século XIX, com a lei de terras de 1850. Ela estabeleceu que as terras até então apropriadas se tornariam propriedade do governo e o seu controle só seria transferido às pessoas pela compra. Embora depois de 1850 os exemplos de apropriações coletivas, diferenciadas e limitadas da terra continuassem a transpirar das histórias comunitárias e locais, nunca conseguiram força suficiente para contrariar a interpretação da história fundiária que viu na lei de terra a inauguração da propriedade privada capitalista (3). Isso aconteceu porque ao lado de estatutos costumeiros de desfrute e controle da terra apareceu um enorme aparato legal, fiscal e formalizado, que apesar de nunca funcionar muito bem, serviu para diluir as especificidades históricas das zonas não exportadoras. Para muitos pesquisadores a lei de terras de 1850 tornou-se o marco historiográfico de homogeneização das relações de apropriação fundiária, serviu para consolidar a equivalência entre terra e dinheiro e criar um mercado fundiário (4).

Mas o impacto mercantil da lei de terras foi menos acentuado no século XIX nas zonas não exportadoras: a mercantilização foi menos empolgante e durante muito tempo vigoraram sistemas bastante diversos de posse e domínio. São locais que exigem uma grande atenção para entender de qual terra, fazenda ou fazendeiro se fala. Em todos os considerandos legais posteriores à lei de 1850 sempre foi respeitada a posse, mas a eficácia e abrangência desse direito silencioso dentro, ao lado, contra ou à margem da terra titulada, nunca foi levado muito a sério, porque, dados os estatutos de apropriação fundiária, sua presença raramente foi conflituosa. Permaneceu nesse campo dos silêncios - ao lado da amigação, bens de escravos, agregação, concubinato de padres - dando ocasião para que todo o espaço físico e histórico do rural fosse ocupado pelo conceito absolutizador de propriedade de terra, tomado no sentido de domínio pleno, liberal: a vontade do dono "comanda" o objeto possuído.

Os direitos compartilhados sobre a terra, situações mais correntes fora da economia mercantil, foram tomados como exceção e a forma menos comum ficou sendo considerada por muitos como a regra. Alguns pesquisadores de questões fundiárias mineiras fizeram recortes temporais e trataram esses assuntos como se a questão da distribuição de terra tivesse sempre o mesmo efeito em todas as épocas e lugares, e o acesso à terra significasse sempre conquista de riqueza imobiliária: como se as categorias ficassem paradas no tempo, mudando as pessoas mas mantidas as relações que as ligam, numa projeção do futuro para trás (5). Segundo esses estudos teria havido uma constante presença da plena propriedade rural, controle absoluto de um latifundiário sobre a terra. Isto pode ser verdadeiro em casos muito localizados, mas em geral não é fácil sustentar afirmações abrangentes sobre toda a terra, porque daí vem um econômico criado pela lei e por consequência, várias outras categorias podem ser também inventadas: assalariados, empresários, gerência científica, empresa rural.

Mas a questão da terra e do seu estatuto histórico não é apenas contradição entre posse coletiva e propriedade privada. O silêncio da legislação e dos registros escritos sobre os direitos costumeiros - combinações, normas e alternativas de usos da terra - cumpre o papel de suprimir o sentido que eles possuíram: ficam reduzidas a fugazes aparições inexplicadas. Portanto quem projeta no passado a experiência de futuro consegue colher somente fragmentos de rápida luta de classes que os camponeses perderam. Reduzindo a

complexidade da terra e da fazenda a um confronto sobre domínios, jamais aparece a vitalidade das relações sociais e, principalmente, perde-se a dimensão da transformação histórica que atingiu os lavradores, a terra e os costumes, que foi o desabamento da velha fazenda de Minas.

Quando se emprega o conceito mercantil e contemporâneo de propriedade para definir as relações de apropriação da terra, raramente é percebida a diferença que existe entre unidade de produção - local de organização da atividade para o fim útil da exploração da terra - e unidade de apropriação privada, que podem não ser a mesma coisa. A diferença é fundamental quando se trata da fazenda, que admitiu vários usos da terra, quando ela não é percebida dá margens a uma infinidade de imprecisões. Chamar o posseante do começo do século XX, ocupante de terras devolutas - cujo título legal ele não tinha a menor idéia da necessidade ou de como chegar a tê-lo - de "pequeno proprietário" é anular o movimento dos conceitos na história e captar somente movimento de pessoas, governos e bens num certo tempo corrido (6).

Propriedade rural é, portanto, uma construção histórica. E sem a referência do conjunto de relações estabelecidas na sociedade em que se localiza é impossível compreender sua amplitude. Propriedade não existe fora da história: ela é datada, e até meio ficcional e transitória. Em fins do século XIX uma terra podia ser titularmente dominada por um herdeiro, mas compartilhada com muitos outros, no sistema costumeiramente usado - e ainda existe, com menos intensidade - em grande parte das zonas camponesas do Nordeste de Minas. Herança deu base a muita expulsão da terra de herdeiros sobranes; no entanto, este costume nunca foi formalizado apesar de em muitos lugares a terra ficar sob o controle de apenas um dos herdeiros, principalmente quando havia fartura de terra livre na fronteira agrícola, para ser apropriada pelos demais (7). Nos anos 1920, em Minas Gerais, fazenda nunca era concebida sem um enorme número de agregados plantando, criando, entrando e se reproduzindo livremente dentro dela. E nos anos 1990 no Brasil existem pressões para que controles públicos sejam exercidos na terra privada em relação à vegetação (via legislação, política e polícia florestal), às águas, ao subsolo, ao solo e até aos produtos na medida que são formuladas políticas de uso ambiental, conservação de microbacias e zoneamento climático: definições públicas sobre um controle que vai deixando de ser exclusivamente privado. O direito sobre a terra quase sempre foi parcial, em acordo com outros direitos complementares, restritos, negociados. A concepção e os estatutos que as sociedades constroem sempre são diferentes nos diversos tempos, culturas e localidades (8).

Ao empregar, então, indistintamente o conceito de propriedade isento de crítica e da lembrança do seu peso - seu viés político e histórico - legitima-se todo o conjunto de expropriações, expulsões, supressões e modificações de direitos costumeiros que ocorreu no Brasil desde meados do século XX e continuaram acontecendo até os anos 1990. Coloca-se uma pá de cal sobre relações que foram costumeiras e vivas embora não formalizadas; que não ganharam o direito de existir porque não se afirmaram no correr da história. Mas, não pode ser suprimida a existência política e histórica de moradores, agregados, posseiros e camponeses dentro da fazenda, porque isso é o mesmo que suprimir a história. Retroagir no tempo um conceito que em sua forma plena e contemporânea só

emergiu, em algumas áreas, em meios do século XX, esconde um aspecto da constituição da moderna propriedade fundiária brasileira, que não foi sempre "propriedade", mas se tornou propriedade. Para ficar mais claro: ao gosto de Karl Marx, tornou-se propriedade com o som de choro e ranger de dentes (9). Alguns foram obrigatoriamente excluídos do uso, com o domínio que veio a se instituir sobre a terra, e a emergência da forma mercantil da propriedade aconteceu sobre a supressão dessa infinidade de direitos, usos, estatutos e relações que existiram na fazenda, que não incluíam o absoluto controle privado da terra.

Para aplicar retrospectivamente o conceito de propriedade é preciso ignorar a trama de interesses criados sobre a terra, seus recursos e oportunidades, essa gama enorme de extrações e desfrutes que no final do século XX ainda podemos rastrear na terra como um dom da natureza, dádiva e socorro na fala de camponeses, bóias-frias, fazendeiros, retireiros, favelados: mesmo que seja nesta altura já remota a sua origem rural. Ou, ainda: a terra como fonte de uma riqueza mágica que se produz por si mesma com pequena tutela dos homens, sendo o bastante para criar uma sociedade de fartura; uma terra cooperadora e parceira da força dos homens. A terra se expressa assim no patrimônio dos camponeses e meeiros sem terra, na lembrança da fartura da fazenda, e na prática de quem é - na memória de quem foi - morador do campo.

Os estatutos de uso e apropriação são muitos; não só conviveram diferentes até recentemente na história do Brasil: convivem. Os estatutos fundiários camponeses, a agregação, áreas de uso limitado, herança para único herdeiro, fazenda e posse, são formas que existiram, e algumas ainda existem no final dos anos 1990. A apropriação única da terra dos fins do século XX afirma sua identidade com o capital, e faz crer que a capitalização rural homogeniza todo o campo e, sobretudo, cria a impressão de ter sido possível sepultar formas variadas de apropriação e uso da terra sem que isso deixasse rastros que pudessem ser seguidos.

## 2. Posses

A terra da fazenda foi usufruída por moradores diversos que viviam nos limites imprecisos dos seus domínios. No entanto, o começo da fazenda não foi muito diferente da posse. Quando o velho fazendeiro Inocêncio Cangussú cometeu "*um crimezinho de nada*" no rio das Contas e teve de mudar-se para o Jequitinhonha, possuiu na Ilha do Pão como qualquer outro baiano chegado naquela segunda metade do século XIX. Os Guedes, na mesma época, saíram do Piauí do Calhau para abrir mata em Filadélfia: foram por dilatação de fronteira explorar terrenos mais farturosos, deixando família na terra antiga como o Cangussú. Examinando os deslocamentos de famílias fazendeiras nota-se que a sua motivação para ocupar espaços e sistema de abertura da terra pouca distinção tem com o posseante. Moveram-se por escasseamento de terras, foram atrás de terrenos de mata, quase todos deixaram para trás parte da família numa herança meio extenuada.

As anotações mais antigas sobre terra e fazenda no Mucuri e Jequitinhonha estão nos ofícios e relatórios do Coronel Guido Marlière, embora seja meio apressado falar em Mucuri no começo do século XIX, quando o Alto dos Bois era uma abertura fraca na mata

imensa e o rio Pretinho só admitia uma passagem muito rápida de seus exploradores, porque o risco de ataques de índios era muito grande. Marlière, que era o comandante das divisões militares, dispunha de imenso poder para oferecer terrenos, requisitar trabalho e zelar pelos colonos daquela área de fronteira. Como era uma zona que queria franqueada, o governo imperial isentara de impostos os colonos que se estabelecessem lá, e isso criou desde o começo do século um movimento ativíssimo de chegada, conforme narram as anotações detalhadas do comandante.

Os quase 20 anos de documentos produzidos por Marlière mostram uma expansão firme do povoamento e as diferentes camadas de povoadores: ele, afinal, precisava sempre estar informado do local da fronteira entre colonos e índios em cada instante, e esta era praticamente sua obsessão. Se os colonos ultrapassassem os limites considerados seguros fatalmente entrariam em conflito com os índios e então as divisões teriam que intervir. Mas essa não era a sua política: o comandante preferia romper à frente na mata, pacificando - como então se dizia - para que os colonos viessem um pouco atrás, viriam certamente mais seguros e menos ofensivos, com menores oportunidades de escravizar tribos, e, não custa repetir, com menos conflitos armados para serem resolvidos por soldados que não ofereciam a Marlière muita segurança do ponto de vista da capacidade guerreira, e muito menos eram treinados com este propósito. Desejoso de manter sua zona sem conflitos o Coronel fazia um controle escrupuloso da fronteira.

Pouco adiantava no entanto seu cuidado. A entrada na mata era feita com insistência, principalmente por um tipo de colono que Marlière abominava: aquele que nada tinham de seu além do machado e dos braços, que rompia os limites da segurança possível para possear livremente, misturava-se com os índios e soldados, emprenhava índias, esfolava índios no serviço das roças e provocava terríveis confusões envolvendo armas, comidas, trabalho, mulheres e bebidas. Era gente "*sem meios intelectuais e sem escravos*" [Marlière, 1907: 506], que chegava à fronteira e impedia a prosperidade da renda do Império, dizia Marlière. Para este colono ele não fornecia terra. Mas também nota-se que tal colono nunca a requeria: abria, possuía, usufruía e seguia em frente.

Nos seus últimos anos de selva, recolhido em Guidowald e preparando ofícios cada vez mais definitivamente fatalistas frente aos homens e aos governos, Marlière tomara outra atitude em relação a esse movimento de entrada. Acreditava no final dos anos 1820 que os colonos supriam parte importante daquilo que as forças de governo não davam conta de fazer: um contato mais ativo e pedagógico com a população indígena e, principalmente, construíam uma certa prosperidade na mata, embora ele nunca tivesse admitido explicitamente que era progresso baseado na obrigação dos seus tutelados ao trabalho. Mas acreditava que os colonos deveriam permanecer no desfrute dos estímulos fiscais, sempre isentos de impostos sobre terra e bens enquanto aquela área fosse fronteira, porque lá toda sua riqueza era construída com trabalho e coragem.

Nos anos 1820, com tribos já aldeadas, fixas e quase integradas ao contato de fronteira, Marlière ensaiava uma demarcação ao contrário: definir áreas indígenas dentro da selva, exatamente para defendê-las da expansão dos posseantes. Sua portaria endereçada ao Padre Lidoro, chefe da Sétima Divisão, que viria a ser São Miguel é explícita (10). A posse no São Miguel já ultrapassara os limites costumeiros das terras indígenas; ele tratava então

de garantir as áreas remanescentes necessárias ao mínimo de vida tribal, resultado de um movimento que reconhecia irreversível.

Visto desse modo fica confuso o retrato da fazenda, porque a posse livre era o único e comum regime de terras. Mas é possível perceber que os colonos de Marlière eram uma vanguarda, uma primeira leva aventureira: a fazenda quase sempre estava um pouquinho atrás, tanto no tempo, quanto nas circunstâncias e interesses. Ela não poderia estar assentada na apropriação da terra que ficava ao alcance de qualquer chegante: fazenda se distinguiria por ser uma relação diferente daquela que um possessor estabelecia com os outros homens. Fazenda não era diferente da posse por ser legalizada, ter preço, por ter uma pauta de produção diferente, representar patrimônio em benfeitorias ou gado, muito menos por produzir bens em maior escala. O que diferenciava a fazenda da posse qualquer era subordinar pessoas - incorporar índios, escravos e agregados - e permitir ao titular estadear seu rompante de fazendeiro; era diferença política, não produtiva, técnica ou legal.

Otoni, nos anos 1850, fazia uma diferença entre fazendeiro e posseante; ele insistira em levá-los todos, em reconhecer seu justo valor no Mucuri; a questão se complicara com a chegada dos europeus, que forçaram uma revisão nos regimes de apropriação da terra de mata para que ela pudesse ser vendida. Nos seus últimos anos a Companhia transformara-se em empresa de colonização e precisava vender lotes aos europeus: essa frente pioneira carecia definir, regular, monetizar as relações de apropriação de terras e bens. Por isto, quando se viu às voltas com eles, teve que instituir um regime novo e diferenciado de terras, pois representavam investimentos pesados, feitos com recursos próprios da Companhia. Por essa razão o zelo na cessão de lote ao imigrante era especial: um trato diferenciado e o registro paroquial da terra, porque ele tinha que ser preso a uma dívida, e cada posseamento de europeu seria um ônus para a Companhia. Depois da falência voltou a existir apenas a posse e a exigência de formalização desapareceu, porque fora apenas um acautelamento que as circunstâncias e a história mostraram ter sido precipitado.

No entanto, em todos os documentos anteriores e posteriores ao episódio colonizador, Otoni foi enfático na necessidade de ter esses posseantes como vanguarda e os fazendeiros como apropriadores de terra e trabalho. As duas primeiras fazendas do Mucuri, Monte Cristo e Itamunhec, datam dos anos 1850 e são reveladoras dessas diferenças: foram montadas em terras de índios, ao lado das tribos, que além de haver fornecido a terra, entregavam também o trabalho, recompensados com um pouco de farinha, rapadura e fumo, conforme escreveu em suas memórias o filho de um dos fazendeiros, Aristides Maia, citado por Godofredo Ferreira. Aquela que foi, possivelmente, a terceira fazenda, ficou estabelecida numa antiga aldeia Macuni: mas o fazendeiro Coelho já trouxera consigo da boca da mata seus índios, agregados e pertences. Os relatórios da Companhia do Mucuri dos últimos anos, e o outro, de Gomes, falam de posseantes e fazendeiros que estavam em volta de Filadélfia. Esses documentos, reproduzidos pelos freis Samuel Tetteroo e Olavo Timmers, por Godofredo Ferreira, diferenciam claramente o "fazendeiro" como aquele que dispõe do trabalho dos outros, seja explicitamente - "índios" -, seja discretamente - "agregados" (11).

Frei Olavo Timmers falou em 400 posseantes entre Alto dos Bois e Filadélfia nos anos 1859/1860. Nesta época, no entanto, estavam registradas para todo o Nordeste de

Minas apenas 60 declarações de terra no livro de Igreja: doze declararam-se fazendeiros - possuíam *"uma fazenda de terras de culturas"* - mas a maioria absoluta, os 48 restantes, refere-se a si mesmo como *"possuidor de posse"*. Os registros feitos na matriz de São Pedro do Fanado pelo vigário de Minas Novas, padre Pacífico, revelam curioso perfil desses posseadores. Nas declarações de terra constam o nome do titular, o local - córrego, serra, cachoeira - os vagos limites de águas vertentes, os vizinhos e o modo como o declarante se classifica, ou o modo como o padre os classificou. Ali aparecem posseantes e fazendeiros de novo como categorias diferentes. Posseantes, como diz o nome, eram todos que estavam na mata. Mas fazendeiro não. Fazendeiro declarado era aquele que podia comandar gente, possuía numerosa família, escravos, índios ou agregados consigo. Fazendeiros foram aqueles que entraram na mata com acompanhantes subordinados, geralmente depois da primeira frente de expansão - perigosa para a saúde e arriscada para a vida - e que *"dilataram a posse a seu capricho"*. Mas tinham a seu lado uma clientela, um poder, um mando. Alguns desses chamados fazendeiros possuíam engenhos de cana e uma escravaria pouca, animais de serviço, poucos; nesses começos, a sua distinção está mais no mapa de população que no volume de bens: *"Feliciano Pêgo, com seus peões e agregados"*, *"Antônio José Coelho, irmãos, filhos e escravos"*, *"Casimiro Gomes Leal e 12 agregados e agregadas"*. Poder de fazenda na mata era dispor de pessoas, principalmente de índios (12).

O baixo Jequitinhonha cultivava a lenda que seu povoamento foi feito por fazendas desde o início, diferentemente das outras fronteiras. Mas as coisas não correram exatamente assim. Lá foi fronteira como todas as outras: precoce em relação ao Mucuri, foi possuída por grupos sucessivos de colonos fazedores de roça de mantimento. A base dessa suposição da fazenda pioneira está no fato que a entrada dos baianos em fins do século XIX consolidou a fazenda pelo controle de pessoas e da história: de todo o Nordeste de Minas Gerais, é a zona de maior solidez histórica, cultural e política da fazenda. Sufocou a posse e deixou aos posseantes o rumo da Bahia, a Leste, e do Pampã, ao Sul. Pela força que teve a fazenda para erguer-se lá, pode absorver como agregados ou empurrar para a frente os posseantes. Dos dois modos destruiu habilidosamente a memória camponesa e pioneira.

Em Minas Novas, no velho vale do Araçuaí, a mística da fazenda foi muito frágil e nunca conseguiu se impor porque a situação era muito diferente da mata do Mucuri e do Jequitinhonha de baixo. Foi uma área de ocupação mais antiga, que teve seu esplendor em fins do século XVIII na base de trabalho escravo; com terras de fertilidade muito concentrada nos capões, primeiro as lavouras cansaram a terra e depois as heranças picotaram os domínios maiores.

A história da fazenda do século XIX e XX começa mesmo é nas entradas da mata, ocupando terras e índios, duas atividades às vezes proibidas, mas que não deixaram de ser o início de tudo. Nos anos 1850 a Câmara de Minas Novas, que então regia todo o Nordeste de Minas, foi inquirida pelo agente de índios sobre a existência de *"terras de selvagens"*. A resposta é um primor de dubiedade: índios não possuíam terra por ali, ocupavam simplesmente umas glebas e ninguém ia lá incomodá-los; mas sua situação era a mesma dos outros colonos e fazendeiros, porque todos ocupavam o que era de governo, viviam em terras devolutas. Interpretando o "ter terra" por tê-la legitimada, a Câmara fala ao mesmo tempo da inocuidade da lei - ninguém legitimava - e da fragilidade da situação dos índios: nada os distinguiu.

Foi sobre essa concepção que se montou a grande investida que aconteceu dos anos 1800 em diante sobre terras de índios, porque a pressão dos chegantes e nascidos daí para a frente só fez crescer e culminou com as grandes levas de baianos nos anos 1890. Como os controles de índios sobre a terra eram muito simbólicos e seu uso da mata ritualizado em demasia, perderam rápido esses espaços e utilidades para colonos que não possuíam qualquer compromisso cultural com tudo aquilo.

De modo que neste Nordeste de Minas a fazenda - o que veio a se tornar domínio legal - nasceu do mesmo modo que a posse - usufruto de terra. Diferencia as duas só o desejo fazendeiro de usar trabalho alheio, qualquer que ele fosse, de vir a manter na terra mais estabilidade de domínio que aquele de posseiro, possuir mais águas vertentes, permanecer parado nela, e garantir sua posse frente ou contra as outras posses. . A documentação, a formalização do domínio, nunca tiveram muita importância antes da segunda metade do século XX (13).

Aqueles autores reformistas que dominaram a máquina pública de Minas Gerais nos primeiros 20 anos de República, tocavam sempre no tema da terra e seu informalismo, uma liberalidade que, segundo eles, custava muito caro ao estado em evasão fiscal, predação ambiental, conservadorismo técnico. Daniel de Carvalho dizia no começo do século XX que todas as leis fundiárias quedavam sem efeito e que o serviço de terras públicas, encarregado de tributar a terra concentrada, nunca começava a funcionar (14). Ele queixava-se que essa inoperância favorecia aos chefes locais, que faziam a lei e eram reis nos locais que montavam para si enormes impérios; apesar dos "*dilúvios de circulares*" produzidos pelos funcionários, nada reprimia a expansão dessas fazendas. No vasto "*sertão*", valia o poder pessoal, explorador e atrasado, dizia.

A legitimação, portanto, foi tão rara quanto a compra em dinheiro, até mais. O relaxamento das divisas e dos papéis acendia no século XX algumas brigas mortais entre confinantes, e na sua maioria não eram brigas entre fortes e fracos, mas sim de pessoas do mesmo tamanho, "*brigas de iguais*", dizia Otelino Sol, quando foi entrevistado. A gleba chamada "Aruega", localizada em São Bento, foi objeto de uma longa disputa que saía no jornal de Teófilo Otoni no começo do século XX, pois os vizinhos divergiam sobre qual das vertentes da grotta era a divisa verdadeira. Nenhum deles conseguira entrar na mata para marcar seus começos e fins, e aquelas extremas marcadas em miradas de galega, nunca puderam apontar a sério quem tinha razão: anos depois os sem-terra dariam uma outra motivação para essa briga, mas aí já é outra história (15).

### 3. *Fronteira e Campesinato*

Houve risco e abundância na ocupação das matas, mas principalmente mudança e movimento. Foi nelas, ou delas, com a apropriação livre da terra, que se produziu o campesinato e as comunidades camponesas estáveis do Jequitinhonha e Mucuri. Eles se constituíram principalmente através de dois processos: a posse incontestada e a herança partilhada. No entanto, a gênese da unidade camponesa autônoma - que é preciso diferenciar do campesinato subordinado criado pela agregação - inclui mais fatores que

apenas a relação dos homens com a terra, uma série de outros elementos naturais, políticos, circunstanciais que influíram nesse começo.

Em princípio toda a zona do Mucuri e Jequitinhonha foi camponesa, por ter sido fronteira. As exceções mais raras e localizadas seriam aquelas posses abertas por escravos, ainda nos começos do século XIX nas beiras do Araçuaí e seus tributários, e aquelas outras aberturas transitórias montadas por aventureiros que comandavam índios na derrubada, no trabalho e na lavoura, que foram, de um certo modo, os continuadores daqueles primeiros senhores de escravos. Com algumas outras exceções muito localizadas, o restante de toda essa área foi abertura camponesa, feita à base de um suporte grupal mínimo - família, vizinhança, compadrio - trabalho familiar, enorme mobilidade espacial, extrativismo e combinando a isso tudo, o sistema de herdeiro único ou de poucos herdeiros, mais a sistemática expulsão de excedentes populacionais para nova abertura ou para o agrego, como condição de manter regular a oferta de mantimentos e abundância.

Isso não que dizer que em determinado momento existiram somente camponeses em todo o Nordeste. Existiam sucessões de diferentes ocupações de terra, distribuídas pelo espaço de forma descontínua. Conviviam por volta dos anos 1920, por exemplo, uma diversidade grande de regimes de apropriação e uso da terra: o vale do Araçuaí era formado por sítios familiares e fazendas de mantimentos; o Pampã era zona de aberturas de posseantes; as proximidades de Teófilo Otoni, área de fazendas de café e mantimentos; o São Mateus quase todo era mata; o baixo Mucuri idem e a Estrada de Ferro cortava extensas zonas de floresta doentia, o sul da Bahia era mata contínua, esconderijo dos últimos índios e de desvalidos. Num mesmo momento os espaços agrários apresentavam características de ocupação completamente distintas. A fazenda, a posse transitória e o sítio familiar estável e autônomo só eram antagônicos em determinadas circunstâncias muito específicas. Principalmente, a alternativa da disputa pela terra era grande, pois a família posseante não dispunha apenas da opção de ceder a posse, mas também de agregar-se na mesma posse que abrira e vendera, de procurar outra posse nova além fronteira, ou de procurar um local de trabalho regular nos mercados que se abriam ao sul (16).

Para a descamponesação do posseante de fronteira contribuíram tanto a fazenda quanto a lógica da herança e da terra. Se a constituição de fazendas produziu descamponesações localizadas, como no caso mais flagrante de quase todo o baixo rio Jequitinhonha, criou-a quando a terra já estava esvaída da primeira fertilidade, salpicada de aberturas abandonadas e a vanguarda camponesa já começara a migrar daquelas terras para iniciar a abertura do Pampã. De todo modo, a disputa e o conflito pela apropriação de terras surgiram apenas quando elas tornaram-se escassas: quando as matas livres raleavam, o mercado de trabalho para um excedente camponês, não-herdeiro, se fechava, quando a fazenda expandia sobre uma determinada zona. A terra de fronteira e a estabilização do campesinato, desse modo, não podem ser vistos na sua solidão da floresta, mas interligados a esses fenômenos e normas globais de apropriação, uso e domínio (17).

Dentro das condições que vigoraram até meados do século XX, na maior parte das diversas zonas do Mucuri e do Jequitinhonha, o posseamento da terra era apenas uma das opções: sempre obviamente, opção de aventureiro, pioneiro, herdeiro excluído, que numa determinada altura da sua vida podia se encontrar com a fazenda e optar por ceder a terra a

ela. A situação camponesa era destruída por fraqueza, pela melhoria de situação, por idade ou impossibilidade mesma de resistir.

Campesinato foi, então, até que se esgotasse a fronteira e se consolidasse a fazenda quase sempre uma situação transitória, repartida entre a aventura e a herança. As comunidades e as grandes áreas camponesas consolidavam-se no correr do tempo, principalmente a partir de uma série de situações combinadas. Primeiro, naquelas situações que a fronteira mais rapidamente se esgotava, como no caso da calha do alto rio Jequitinhonha. Essa foi uma zona ocupada mais ou menos tardiamente, entre fins do século XIX e começo do século XX, principalmente por um campesinato excedente do Araçuaí. A partir de quando a área começou a ser ocupada, sua expansão além do rio ficava bastante difícil, porque só havia como espaço livre a vertente leste da Serra do Espinhaço - de raríssimos capões de boa fertilidade - e a miúda e doentia calha do Itacambiruçu. Emparedada entre estes limites, a população estabilizou-se, a fronteira cessou de expandir. Foi uma situação repetida em alguns outros lugares: uma impossibilidade física de ir além daquele limite que alcançara. Noutra situação, depois de expulsos os primeiros excedentes populacionais, fora ficando difícil propiciar novas saídas, pelo esgotamento das fronteiras mais distantes: é o caso então da partição frequente das terras na beira do Araçuaí, onde constituíram-se explorações camponesas minúsculas depois de repartições sucessivas e esgotamento acentuado de fertilidade, de modo que o campesinato e suas normas impuseram-se. A mesma situação de mudança da paisagem agrária ocorre na zona mais velha e alta do Pampã - sua área "baiana" - que o esgotamento da fronteira de mata forçou o partilhamento até chegar à campesinação, como nas áreas do Castelo ou da Serra. De sorte que o campesinato surgiu nesses percursos relacionados ao esgotamento da linha de povoamento que não podia mais ser prolongada, a uma fronteira fechada, ao ilhamento de uma frente de expansão que ficava cercada pelas ocupações e passava então por uma série de partilhamentos que estabilizava uma população (18)

Era então uma distribuição a princípio descontínua, e na situação de fronteira não diferenciavam-se muito exatamente áreas de fazendas, sítios e posses, mas sempre, em determinados momentos, exigia a coragem para manter ativa aquela expansão que se pretendia. As áreas de expansão não eram escolhidas apenas pela pressão das saídas dos filhos excedentes, mas dependia também da avaliação subjetiva que o posseante fazia das condições de apropriação daquela terra dependia do seu grupo, da salubridade que estaria disponível, das alternativas que disporia naquela mata.

Aquela profusão de unidades camponesas que caracterizam o alto Jequitinhonha, áreas do alto Mucuri, do baixo Jequitinhonha e São Mateus surgiu basicamente de dois processos. Um, quando uma linha de ocupação de terras defrontava-se com uma impossibilidade de expansão. Freada por acidentes geográficos ou por uma zona já posseada, a frente de expansão estabilizou-se, repartiu-se a terra nas gerações sucessivas, campesinou-se. É o caso da calha do rio Jequitinhonha e seus tributários, de algumas zonas do Pampã. Noutros casos, o fechamento de uma fronteira de vazão reteve os herdeiros na sua área de origem, impelindo à repartição de terras, e transformando posseamentos e fazendas maiores em sítios e áreas comuns: é o caso do Araçuaí, alto Mucuri nas suas áreas camponesas, do São Mateus. Houve uma subversão nos critérios de apropriação e herança

de terra, de tal modo que a família cessa de andar para estabilizar relações técnicas e cultura.

Em todos dois casos, é preciso lembrar de uma mediação muito importante: a fazenda. Foi ela quem influenciou, e em certos limites, determinou as opções camponesas. Primeiro pelas condições de agrego. Segundo, pela sua expansão sobre o posseamento e o sítio. Ficaram, quase sempre, para os sítios, as terras piores, de menores ofertas ambientais, as terras que nunca conseguiram alcançar preço pelas dificuldades topográficas, locais ou de fertilidade. A campesinação, quase sempre, ficou confinada àquelas zonas onde a fazenda na maior parte das vezes não quis ir, onde algumas vezes não pode ir, ou onde foi, mas não prosperou porque não instituiu herdeiros únicos, não transformou num regime individual de herança e apropriação, e portanto viu as áreas reunidas no correr de uma geração serem esfaceladas no correr de duas outras. Ou, finalmente, onde a extração da terra não conseguiu instituir um estocamento de riqueza suficientemente amplo para assegurar maiores opções aos herdeiros ou um patrimônio mais amplo ao fazendeiro. Onde essa acumulação patrimonial mais extensa não se completou - caso de áreas do alto Mucuri, de quase todo o alto Jequitinhonha - o partilhamento foi a solução.

Excetuando porém esses óbvios pontos de contato geográfico e político, o sítio camponês permaneceu ausente da trajetória da fazenda: eram sistemas que não se contactavam, que nada possuíam em comum além de ralos encontros sociais, e às vezes nem isso. Na verdade as comunidades camponesas formam áreas contínuas de apropriação que conservam travadas dentro de si suas normas de uso e tenência da terra. Como em geral possuíam na origem uma mesma fazenda semelhante àquela com que poderia avizinhar, seu caráter de posse ficava muito diluído, porque se tratava nesses casos de posse muito estável, de áreas já ocupadas por uma família há duas ou três gerações, e isto conferia àquele sistema maior estabilidade.

Sobraram como sítiantes e produtores familiares as áreas de terra menos cobiçada ou mais fragmentadas de antigas fazendas que foram repartidas até que não mais pudessem. Terras menos próprias para exploração mais vantajada, de famílias que já incorporavam posse e uso. Em geral a terra que não se afazenda só cabe nessas duas condições: foi uma determinação demográfica e natural, mais natural que demográfica. Só que isso fica oculto. Primeiro, porque a pequena exploração agrícola sempre correu muito mais atrás da fertilidade que da propriedade da terra, de maneira que um regime camponês de exploração da terra nunca - ou muito raramente - se transformou num regime camponês de apropriação da terra. Dito de outro modo, as famílias de sítiantes, posseiros, abridores de mata, passaram pela mata do Jequitinhonha, vindos do alto Jequitinhonha, da Bahia ao Norte, mas correndo atrás da boa e farta terra de mata. Segundo, porque esses lavradores e posseiros não se fixavam, nem se registravam, nem sabiam ler e escrever, nem tinham em quem mandar, nem pagavam impostos, nem recebiam atenção de escritores ou funcionários: a história da terra do Nordeste de Minas nunca registrou sua presença.

Mas, de todo modo, não podemos dizer que tenha ocorrido um movimento constante de campesinação ou de descampesinação súbito, mas sim movimentos localizados de feitura e destruição de um campesinato, até que se consolidassem as frentes camponesas, as áreas comunitárias, e enfim, os seus lotes exclusivos. Essa campesinação sofreu partições e acréscimos, foi refeita e desfeita no correr de muitas gerações sem contudo deixar de

manter abertas suas oportunidades e de relacioná-las sobretudo com aquelas determinações além-fronteira: São Paulo, a mata próxima, a Zona da Mata, a mata da Bahia. Eram opções.

Quase nunca era, portanto, uma opção de desesperado, embora em certas fronteiras pudesse parecer que fosse. As populações baianas que iam à fronteira, tinham quase sempre opção de voltar: se ficavam nas matas era porque deliberadamente escolhiam aquelas dificuldades todas. Dessa maneira muitas estradas foram-se colocando para camponeses e posseantes do Mucuri e Jequitinhonha, até chegar àquele desenho que existe em fins do século XX, resultado de escolhas mais ou menos deliberadas, mais ou menos desesperadas, mas sempre opções que faziam os homens em determinadas circunstâncias. Forçados a escolher entre elas, poderiam ter-se tornado colonos em São Paulo, fazendeiros ou jagunços na fronteira, prósperos criadores de gado ou agregados, e depois população sobrando expulsa das últimas fronteiras. Às vezes trilhavam tudo isto. Carregavam na biografia sua e da família as marcas de toda essas estradas que a vida obrigou o sujeito a trilhar, estradas da vida (19).

#### 4. *Fazenda*

A fazenda foi um governo de terras e homens, um poder, e, até, uma economia. Fazenda nasceu baseada quase sempre no trabalho dos outros, e isso fazia a sua diferença; embora houvesse às centenas exemplos de fazendeiros que "*pegavam junto com sua turma*", o destaque aí não deve ir para o "*pegar junto*" e sim à "*sua turma*". Foi montada no Nordeste de Minas com base às vezes na escravidão, mas nem sempre pioneiramente e nem exclusivamente nela, porque ao mesmo tempo, ou antes, podia usar trabalho de índios seus agregados. Mas não era só por usar trabalho alheio que era distinta, mas também por repartir seu espaço com outras famílias com quem o fazendeiro mantinha relações de mando, amizade e gerência de tipos e gradações diversas, havendo obviamente aqueles que eram desobrigados de serviço de corpo, mas jungidos por fortes laços, e outros que existiam naquele espaço pelo simples fornecimento do favor, e outros ainda pela proteção, num elenco enorme de alternativas. Ela exigia do fazendeiro uma coragem e um maior conhecimento do mundo para falar de quem era aquela terra e quais seriam as relações que vigriam ali; a quem se devia respeito e como ele deveria ser manifesto.

Mas era fazenda também pelo tipo de dádivas e trocas que podia fornecer ou fazer com sua clientela interna, de modo que o fazendeiro, diante de si mesmo sempre se viu - e se vê, porque isso pertence a uma cultura viva - como um doador, administrador benevolente da pletora que a natureza pôs à sua disposição. E a fazenda poderia se definir também pelo criame de gado, embora seja terrivelmente simplista falar que gado explica fazenda, concentração e poder: gado foi uma, entre dezenas de atividades de fazendas, mesmo de fazendas de gado, porque especialização produtiva é fenômeno dos fins do século XX. A fazenda, no Jequitinhonha e Mucuri, na sua origem, não era apenas dinheiro, nem terra, nem gado, nem escravo, nem índio; foi tudo isto e muito mais.

A fazenda foi uma cultura, além de ser uma economia. As sociedades rurais quase sempre são estudadas como organizações econômicas, mas às vezes sua abordagem por outros aspectos, lança alguma luz sobre sua natureza mais complexa e ajuda a explicar origem, permanência, mais a forte carga de lembranças que deixou no seu rastro (20).

Dos fins do século XIX em diante a fazenda surgiu definitiva como a forma dominante de organização da vida, da produção e dos espaços rurais em quase todo Mucuri e Jequitinhonha. Ela apareceu destacada na literatura e na memória local: antes dos fins do século XIX era sempre associada à posse, ao lado da posse, sucessora da posse: eram organizações distintas, mas ligadas por certa parecença de aquisição, movimento, e pioneirismo. Mas no final de século as descrições deram à fazenda uma projeção que ela não possuía antes. Áreas de posseantes independentes ficaram quase que somente aquelas zonas de fronteira: as matas insalubres ou bravas do Pampã, São Mateus, Bahia ao Sul, e os terrenos mais esconsos da calha do Jequitinhonha, do alto. As áreas camponesas foram cristalizadas aos poucos: produtos de partições intermináveis ou saídas impossíveis.

Fazenda passou a ser a organização do espaço rural por excelência: as outras formas eram menos importantes. Em 1917 Eduardo Santos Maia analisava a distribuição fundiária de Belmonte, composta por 885 fazendas, e acrescentava: "*sem contar para mais de 2.300 fazendolas, sítios e posses*". A fazenda definira uma hierarquia do campo que apareceu em exemplos como o Relatório do engenheiro Argollo, fiscal de terras e depois empresário do Mucuri em fins do século XIX, que descrevia aquela como uma zona de fazendeiros empreendedores que levavam junto consigo ao progresso "*posseantes e europeus*". Ela estabelecera nas referências cultas um modelo de exploração que praticamente não existiu até o meio do século XIX quando as unidades rurais eram equivalentes e as diferenças pouco significativas. Era também a referência de organização da produção. Os relatos da feira dos anos 1872 em Teófilo Otoni mostravam a produção da fazenda: bens elaborados em larga escala, multiplicados - açúcar da terra, rapaduras, aguardentes - bens de consumo feitos em quantidade pela mão dos outros. Ao lado dela a produção colonial européia: bens artesanais, lãs, doces caseiros, conservas. Quase todo o estudo de Leopoldo Pereira sobre Araçuaí - que naquela época era o rio Jequitinhonha de São Domingos ao Salto - no que diz respeito à produção é referente à fazenda de gado e mantimento. Isso não era desconsideração pelas formas camponesas de produção e sua modesta escala: era o destaque efetivo de uma forma modelar de organização da produção e da gerência da terra (21).

Havia um poder associado à fazenda, um poder emergente e autônomo, sem os modos caóticos de sociedade pioneira do século XIX. Cada fazenda era entendida nesse período como assentamento e estabilidade, retrato de um mundo que se fixara e encontrara nela sua forma-mãe depois dos desmandos no que fora fronteira. É impossível entender a fazenda dessa época como fazenda de gado, apenas - embora sempre pudesse também ser - porque ela era sobretudo um modelo de governo dos espaços rurais, de localização dos sujeitos, um modelo para a sociedade, uma estabilidade.

De sorte que aquele modo de ver o mundo dos autores de fins do século XIX e começos do século XX não é apenas uma visão de elite, embora também seja: era sobretudo uma visão de época, dominante, pois o modelo da sociedade fazendeira suplantara a sociedade das posses transitórias para dar àquele mundo ordem, fixidez, disciplina, respeito,

hierarquia: tudo que a aventura do posseiro não dava conta de criar. Não quer dizer que sumissem as posses, nem a terra livre perdera seu significado produtivo ou social, nem, de modo nenhum havia relevo exclusivo na fazenda para criação de emprego ou produção de mantimentos. O que houve foi a produção de uma ordem, lógica de organização da vida na terra e exteriorização de um modelo hierárquico da sociedade que suplantara todos os outros.

Nos textos de Saint-Hilaire, Marlière, Pohl, Ottoni e Gomes os posseantes e camponeses apareciam como uma das formas possíveis da organização fundiária. Isto não aconteceu mais em Pereira, Ferreira, frei Samuel e outros estudiosos do começo do século, e no lugar daquelas possibilidades campesinas, coloniais e familiares, a fazenda emergira definitiva. Foi semelhante à irrupção da empresa rural quase cem anos depois, nos anos 1980, semelhante ao engenho do século XVII: um paradigma de época.

Essa hegemonização da fazenda foi resultado da ocupação estável de quase todas as terras e da alteração da sua relação com a posse familiar. Houve em muitos casos uma subordinação da posse à fazenda, quando não uma incorporação: o fazendeiro chamou os posseantes à sua proteção e os recebeu como agregados. Passaram a ser subordinados, lavradores de seu próprio sustento numa terra dos outros que admitia sua presença - até, mais que isso, eram necessários, porque não havia fazenda sem agrego. Aí, eram ligados à fazenda e seu antigo estatuto desaparecia completamente - menos da lembrança sua e dos seus descendentes - porque a fazenda não solicitava mudança visível na organização da produção e usufruto da terra. Tornou-se famoso o caso do Coronel Juca Quaresma, dos começos do século XX no Pampã, que recebia a terra de posseantes em pagamento de compras feitas em sua casa de comércio, mas exigia que continuassem morando na mesma terra. Noutros casos - o modelo que a literatura tornou clássico - a fazenda expulsava o posseante para mais além incorporando sua área pela força ou sutileza: é o processo descrito por Castaldi no alto Mucuri, é o caso de partes do São Mateus, de áreas do baixo Jequitinhonha, e, apesar de ser a parte mais citada na história, não parece ter sido a única, nem a mais frequente, de constituição da fazenda. É preciso lembrar que a fazenda não excluía agregado, aquele que aceitava as normas de tenência de terra e se regalava com o que a natureza oferecia: ela excluía posseiro, o reivindicante, que custou aparecer enquanto foi aberta a posse e larga sua estrada. O mais comum nos relatos de época e nas memórias, e mais lógico do ponto de vista dos sistemas de produção, foi o lavrador abrir a mata léguas além da linha de fronteira e depois de extraída a primeira força da fertilidade trocar aquele terreno por uma mula troncha, uma carga de cachaça, espingarda chumbeira ou coisa parecida, e partir para explorar à frente mais mata (22).

Ocorreu que, na medida que a fazenda dominou grandes espaços rurais, a opção do posseamento ficou mais escassa porque ela demarcava uma possessão dilatada; e limitada porque no sistema de roça, o lavrador precisava de áreas enormes para manter com tranquilidade seu pousios e estável a fertilidade: a fazenda podia oferecer um desfrute permanente da terra dentro de seus horizontes, coisa que a posse só conseguia deslocando-se no espaço. Com a fixação da fazenda, de suas normas e governos, ela tornou-se a coletora de toda essa enorme população de lavradores, ex-posseantes, que buscavam sua proteção ou cediam a posse para abrir mata adiante. Na terra sem preço a fazenda passou a deter o governo dos homens.

Essa emergência da ordem fazendeira nunca demandou alterações do estatuto das terras. Pelo contrário a fazenda passou de um certo imperativo produtivista da escravidão para uma individualidade de governo e atomização produtiva coerentes com a titularidade proposta pela legislação territorial. Essa organização fundiária também manteve-se estável sem qualquer incompatibilidade com o mercado fundiário. Quando este começou a emergir com alguma firmeza, aí por volta do meio do século XX, o agrego e a circulação de lavradores eram universalmente comuns no Jequitinhonha e Mucuri, de modo que negociar uma terra contendo agregados era tão corriqueiro quanto conter água, lenha, mata, chão, capim, pomar e cercas: não havia qualquer estorvo por parte dos negociadores.

O mesmo vale para titulação de terra: não era uma muito frequente. Dizia Otelino Sol, que foi muito entendido desses assuntos graças à sua atividade de advogado e depois deputado, que a titulação sempre foi muito cara, e praticamente não se encontravam agrimensores. Excetuados alguns raros previdentes, que não por acaso eram ao mesmo tempo os mais desconfiáveis, nunca houve muita titulação. Germano dos Coelho, ou dos Corí de Posses em Minas Novas, escravo fugido para a zona de fronteira na calha do Jequitinhonha, legalizou seu terreno em junho de 1888; os posseantes de perto dos colonos alemães do Mucuri, área de ação de governo, foram os que declararam seus terrenos no anos 1850; áreas de conflito também eram declaradas, mas, exatamente para dar base às demandas. Como raramente havia alguma ameaça ao controle do fazendeiro sobre o terreno, e quando havia era caso de armas e forças, não de tribunais, não aparecem casos naquele Nordeste de Minas de alguém que perdesse terra por deixar de legalizar. Nos 1970 o governo fez toda a regularização fundiária e legitimou tudo sem problemas (23).

No começo do século XX o que se vê nos escritos e memórias, nos jornais e cartas são referências à fazenda e ao seu poder, à organização modelar. A notícia da fartura da vida naquelas terras e fazendas atraiu populações sem cessar, desde fins do século XIX. Migrantes baianos ou do alto Jequitinhonha entravam na mata ou na fazenda, abrindo constantemente uma roça nova. Daí veio a fazenda cheia de agregados, pujante de fartura e mantimentos, não necessariamente de riqueza: embora ela sempre dispusesse de enormes estoques de mantimentos e recursos naturais, nunca existiram grandes negócios ou mercados, e parecia ser uma organização capenga do ponto de vista econômico, porque seu estupendo sucesso no governo da terra, dos homens e da fartura, raramente era acompanhado por uma prosperidade mercantil equivalente.

A fazenda do Jequitinhonha e Mucuri foi, portanto, resultado de aventura na fronteira e produto de uma natureza farta: a fertilidade explica sua dinâmica; teve na base uma população camponesa excedente e móvel que se agregou na fartura e permitiu à fazenda construir seu domínio; e, por último, foi resultado da muita liberalidade na ação fundiária do Estado, que admitiu determinados regimes de privatização e, com uma tímida política fiscal, deu todo o estímulo à construção desse mundo que foi a fazenda. Foram ajustes ecológicos, mas também ajustes políticos, porque tudo isso foi construído à sombra de uma política fundiária permissiva.

Embora fosse constituída a partir de bases e cenário comuns, a fazenda surgiu de maneiras diferentes em épocas e lugares. Quando em alguns locais já estava constituída, estava sendo montada em outros. Estas variações é que deram condição a que a população

de agregados, e, principalmente o excedente populacional de agregados, pudesse desfrutar por um século de uma "fronteira de terras" interna à fazenda, relativamente aberta. Ao esgotamento relativo da fertilidade numa zona, correspondia a expansão noutra, até a abertura do alto São Mateus e da mata da Bahia, onde a história terminou. O trajeto da agregação e de esplendor das fazendas segue o rastro da fertilidade e da fronteira nova: vendo com a tranquilidade que dão os anos passados, podemos rastrear na formação da fazenda um fluxo de população Norte-Leste, que aos poucos tomou um rumo Sul, e que no fim influiu radicalmente para Leste, e definitivamente acabou no litoral: do interior para o mar.

O aparentemente confuso movimento de fronteira possui uma ordem e sentido gerais. Os intervalos dos anos e das lavouras possibilitaram aos agregados permutas de rumo e de roças; deram até mesmo possibilidade para que determinados locais consolidassem com mais força uma cultura fazendeira. O baixo Jequitinhonha montou uma civilização baseada em fazenda-agregado-poder de enorme solidez: um verdadeiro mundo senhorial rural; no baixo Mucuri foi também alguma coisa parecida com isso. Já no alto Jequitinhonha a passagem mais rápida e antiga da posse à fazenda e dela à fragmentação, nunca tornou possível aquela cultura. Ao contrário criou uma civilização camponesa que manteve, e continuou mantendo nos fins do século XX, uma relação de intimidade e dependência visceral com a natureza.

Mas, em todas elas, variadas de lugar, natureza, tempo e sujeito, sempre a fazenda foi marcada pelo poder pessoal, pela diversidade de produtos, pela liberalidade na repartição do uso da terra e enorme autonomia diante do mundo e dos mercados. Foi um governo de terras e homens, premiado, afinal, nos anos 1970, quando o preço de terra substituiu o controle de homens para quem conquistara aquele domínio.

#### *Notas ao Capítulo IV Terra*

(1) O alqueire de terra no Alto Jequitinhonha e Mucuri equivale a 4,84 hectares; no baixo Jequitinhonha e parte do Pampã vigora o chamado alqueirão ou alqueire baiano, de 19,36 hectares. As anotações de negócios de terras estão nos borradores das diversas fazendas pesquisadas; informações sobre formais de partilha estão em Furtado (1985) e Poel (1981); dados sobre preço de terras e trabalho aparecem no *Questionário* de 1893; as informações sobre negócios de terras em Pavão foram conseguidas em entrevistas principalmente com Moisés Gonçalves e Durval Barbosa. Informações sobre regularização fundiária foram conseguidas em entrevistas de campo. Amaral (1988) e Graziano (1986) também tratam do assunto.

(2) A respeito da formação do mercado de terras e do seu rebatimento nas sociedades, poucos autores conseguiram uma síntese brilhante como esta feita por Polanyi:

*"Aquilo que chamamos terra é um elemento da natureza inexplicavelmente entrelaçado com as instituições do homem. Isolá-la e com ela formar um mercado foi talvez o empreendimento mais fantástico dos nossos ancestrais."*

[Polanyi, 1980: 181]

(3) Ver Graziano e outros (1981), ver Lopes e Gomes (1989), entre outros.

(4) Emilia Viotti da Costa, uma das primeiras pesquisadoras a prestar atenção nessa lei, disse que a terra depois de 1850 foi passando a representar um poder econômico, que trazia consigo um prestígio social: o

controle da terra foi ganhando equivalência em dinheiro. Graziano da Silva e outros (1981), disseram que a abolição da escravatura ocorreu quando a propriedade privada da terra era negociada frequentemente e sua mercantilização assegurava o controle dos proprietários sobre não-proprietários que se tornariam trabalhadores. De acordo com eles entre a lei de 1850 e a abolição foram criadas condições para a apropriação privada e total da terra, e a partir de 1888 já existia um verdadeiro mercado de terras, independente de doações e posses: desde essa época o acesso à terra passava a ser uma questão financeira. José de Souza Martins, no *Cativeiro da Terra*, sofisticou muito mais a análise do assunto e mostrou como a terra foi aprisionada pela expansão da fazenda no correr das últimas décadas do século XIX, servindo a lei como anteparo legal para a estabilização do controle fundiário; afirmava o poder do fazendeiro sobre a terra, tornando-a cativa para que a força de trabalho ficasse liberta. Dessa maneira, no final do século XIX, na lavoura cafeeira paulista, a terra tornou-se instrumento de negócio.

(5) Ver Lopes e Gomes (1989) e seu estudo das origens da estrutura agrária de Minas Gerais; ver Moraes (1982) estudando legislação fundiária e trabalhista rural do Brasil; ver Mulls (1989) analisando a formação do proletariado rural mineiro.

(6) Lopes e Gomes (1989) utilizam frequentemente esse conceito como sinônimo de camponês.

(7) Em Portugal existiu no campo o sistema de morgadio e apenas um herdeiro recebia o terreno e o patrimônio, impedindo sua dispersão. Perry Anderson (1985) comentou a instituição do sistema de herdeiro único na Europa, associando-o a manutenção do poder aristocrático. No Brasil o sistema português de distribuição nunca alcançou grande expressão formal e as sesmarias costumavam passar de pai para filhos, quase sempre em regimes de herança partilhada. Morgadio formalizado existiu muito pouco. Por conta dessa ausência, Gilberto Freyre (1969) reclamava que as fortunas eram dissipadas na partição; sucessão era equivalente a empobrecimento, daí vinha a mobilidade no mundo dos engenhos do Nordeste açucareiro. Freyre explica o ditado "Pai taverneiro, filho cavalheiro, neto indigente" pela fraqueza do patriarcalismo, porque mesmo onde se acreditava ser mais aristocrática a civilização, como foi Pernambuco, as heranças eram parceladas e os morgadios muito raros. Felício dos Santos (1976) comentou o mesmo assunto noutra perspectiva: acreditava que a partição dos bens era positiva porque distribuía mais a riqueza, as oportunidades e a circulação. Mas, do ponto de vista das formalidades, o morgadio organizado foi uma exceção; no Brasil desde começos do século XIX foi mais conhecido, e depois feito lei, o sistema alemão de herança repartida. Mas, na crônica das terras da Bahia e do Nordeste de Minas foi constante a saída de filhos para as zonas de fronteira, deixando terra e herança para apenas um dos irmãos. A trajetória de quase todas as famílias baianas que foram para o Mucuri e baixo Jequitinhonha tem um herdeiro único desses na origem, oculto sob o circunstancial argumento de "seca". Mas a "seca", curiosamente, quase sempre é mais tolerante com um dos irmãos - boa parte das vezes o mais velho, mas não necessariamente - que herda e fica com a terra. O mesmo se aplica ao alto Jequitinhonha, nas zonas camponesas, até os anos 1990. Somente nas situações de fronteira fechada e terra esgotada era que, às vezes, poucos saíam - como no caso pesquisado por Antônio Arantes (1975) - e os herdeiros exigiam seu direito parcelar sobre uma terra não repartida. Estudei o sistema de herança em pesquisa anterior nas calhas do Jequitinhonha e Itacambirucu: ver Ribeiro (1993). Outros pesquisadores trataram do assunto, como o citado Santos Filho (1957), Moura (1978) e Woortmann (1995).

(8) Além do citado Martins, Cardoso (1979) e Linhares e Teixeira da Silva (1981) chamaram a atenção para estes aspectos da história rural. No Brasil, dos séculos XIX e grande parte do século XX, existem muitos exemplos de limitações do controle pleno de proprietários titulares sobre um gleba. Ellen Woortmann (1983) analisou esse assunto quando estudou a constituição dos sítios nordestinos que brotaram à margem das fazendas. Buscou na história o nascimento daqueles sistemas de apropriação e viu a fazenda como uma

categoria construída social, ideológica, econômica e juridicamente, do mesmo modo que o conceito de propriedade; uma categoria excludora de alguns direitos, afirmadora de outros, e que não nasceu com um controle homogêneo de um espaço: ela o construiu. José de Souza Martins - principalmente em dois livros: *Camponeses e Política* (1981) e *A chegada do estranho* (1993) - comentou a relação entre a fazenda e seu mundo de agregados e moradores. De acordo com ele a antiga legislação de sesmarias e depois o direito costumeiro admitiam a posse no interior da propriedade, sem confronta-las ou conflita-las. De acordo com Martins, "o direito de usar e o direito de ter eram separados e combinados." [Martins, 1993: 67]

Esse direito costumeiro nunca possuiu forma escrita ou força política para ser garantido quando foi ameaçado pela expansão do capital e a consequente uniformização dos direitos; era apenas moral e foi sepultado com as transformações por que passou a terra. A fusão entre uso e domínio que ocorreu no Brasil dando origem à propriedade capitalista não eliminou a concepção plural de uso de terra que continuou existindo para as populações rurais. Exatamente por isto, diz Martins, a luta por terra tem características profundamente negadoras da lógica do capital: ela aponta para distintos direitos, que não se reduzem a uma idéia economicista de propriedade.

(9) A construção da propriedade privada capitalista sobre a supressão de direitos coletivos, tribais e costumeiros foi analisada por Marx (1975), principalmente no Capítulo XXIV.

(10) Carta de Marlière ao Padre Lidoro, diretor dos índios do Jequitinhonha:

*"O mesmo Diretor [Padre Lidoro] vigiará com cuidado a que não sejam maltratados os índios nas suas pessoas, plantações e criações, nem as suas terras espoliadas ou invadidas pelos brasileiros; e por esta lhe incumbo de designar as terras que lhes forem necessárias (não tendo dono) para a sua cultura em cada aldeamento. Mande plantar marcas nas extremidades sobre os quatro pontos cardeais, e depois de haver feito semelhantes demarcações e confrontações me mandará clareza autêntica delas, para pedir a sua confirmação as autoridades constituídas."*

[Marlière, 1907: 408]

Depois Ottoni transformou esse procedimento em norma.

(11) Sobre os primeiros posseamentos do Mucuri, ver Porto (1946), Ferreira (1934), Ottoni (1860), Ottoni (1847), Ottoni (1862), Gomes (1862), Tetteroo (1922), Timmers (1969).

(12) Os registros territoriais da Matriz de São Pedro do Fanado das Minas Novas foram feitos em consequência da Lei de Terras de 1850. Não estão mais, porém, em Minas Novas. Segundo voz corrente foram transferidos para Araçuaí, sede da Diocese, mas destruídos na cheia do ribeirão Calhau, em 1969. Frei Olavo Timmers, no entanto, transcreveu ainda nos anos 1940, cuidadosa, embora desordenadamente, as notas e as angústias do Padre Pacífico registradas no século XIX. A melhor fonte para registros territoriais, no Mucuri e Jequitinhonha, no período imperial, parece ser, portanto, Timmers (1969, ms).

(13) A posse, os limites, a fazenda, a lida do posseamento era um costume generalizado: os modos de apropriar a terra foram comparados, por um poeta do Pampá, com os modos de apropriar os corpos:

*"Terras Devolutas*

*(a Olintho Medrado)*

*Meu coração, tal como as terras devolutas*

*Queimadas pelo fogo e invadidas de intrusos*

*Tem sofrido incursões de virgens impolutas*

*Que o tem tanto inflamado em seus vai-vens confusos*

*Cada posseira que entre em suas terras brutas,  
Cultivando-o de amor, como é de nossos usos  
Pensa que é dona dele e, ai, não há nem lutas  
Que o façam desprezar os seus rincões escusos*

*Mas, para legitimar-se a posse de meu peito,  
Cumpra haver preferência, ao que só dá direito  
Na morada habitual, a cultura afetiva...*

*E antes que expeça o título a alguma dessas musas,  
Como é bom continuar o peito em chaga viva  
Devastado de amor, e invadido de intrusas!!!*

*Serra Isqueiro "*

[*O Mucuri*, 16 de outubro de 1927]

(14) Ver comentários sobre terra e suas políticas em Carvalho (1916). A trajetória das normas de tributação e das políticas de distribuição fundiária, anotadas por Bessa (1981), é uma sucessão de descaminhos, recuos, taxas impróprias: em todo período comentado por ele, desde o século XIX até meados do XX. Nunca o rigor fiscal chegou a alcançar aquelas metas previstas pelos orçamentos e sempre fora uma parcela menos importante da receita. Apesar disso os cálculos atuariais e os planos de captação continuaram a prever sua entrada durante muitos anos. Entre estatística, lançamento cadastral, cálculos, negociações, fixação de multas e ajustes, o imposto nunca entrou em pleno vigor.

(15) Muitas das informações sobre terras e sua situação foram tiradas do jornal *O Mucuri*: este jornal se envolvia muito com essas questões e expressava uma visão não-oficial das questões fundiárias. Além de noticiar disputas entre fazendeiros, era frequente a informação de preços agrícolas, descrições de fazenda e outros assuntos deste tipo.

(16) Essas opções camponesas foram comentadas ligeiramente por frei Samuel Tetteroo (1919 e 1922) e por J. Duarte (1972). A memória da posse e da viagem para mais além está presente ainda nos anos 1990 nas lembranças dos pioneiros do Pampã entrevistados nesta pesquisa, principalmente Durval Barbosa, Antônio Bispo, Arnaldo Ferreira, Jason e Zulmira de Souza.

(17) Frei Samuel Tetteroo (1919 e 1922) deixou o registro desses movimentos de população sobre a terra. Segundo ele,

*"Há uns dez anos mais ou menos que os terrenos do Itanhem começaram a ser ocupados pelo povo, que não mais achando em São Miguel e Fortaleza matas para derrubar, armados de foices e machados veio aqui continuar a sua obra destruidora. É realmente triste ver esta obra de destruição, mas à falta de meios de exportar os frutos de seus suores e fadigas fá-lo resolver-se a plantar quase que exclusivamente capim colônião e assim desperdiçar os mais férteis terrenos de lavoura de uma região inteira. Não resta dúvida, eles tiram algum proveito do seu trabalho, quando vendem as suas posses a grandes criadores; mas este lucro é ilusório, pois uma vez que o zebu entra na região, não há mais cerca que proteja as suas pequeninas roças de que devem viver com seus familiares, e assim se vêm obrigados a sempre mais longe de um centro de civilização e comércio internarem-se na mata, cada vez mais piorando a sua situação econômica e social."*

[Tetteroo, 1919: 43]

O tema da cerca e do conflito entre lavouras e criação aparece muito na literatura sobre fronteira e campesinato; ver por exemplo Castaldi (1957). Estranhamente - ou, não-estranhamente - o tema não aparece com a mesma recorrência na trajetória de agregados.

(18) Sobre as andanças de camponeses posseantes ver Tetterro (1919 e 1922). Raslan (s.d.), Duarte (1972), Santos (1970). Parte das informações aqui utilizadas foram também coletadas em pesquisa: para o alto Jequitinhonha na Pesquisa da Área Atingida pela Barragem de Irapé, parcialmente sintetizada em Ribeiro (1993); para o Pampã e Mucuri foram as entrevistas, principalmente com Durval Barbosa - reproduzida em Ribeiro (1996) - Arnaldo Ferreira, Otelino Sol, José Curralinho.

(19) Vários dos fazendeiros grandes da fronteira do baixo Jequitinhonha, Pampã e baixo Mucuri foram migrantes baianos. Antes da fronteira foram a São Paulo, às vezes agregavam-se em fazendas antes de ocupar terrenos. Várias dessas biografias estão em Santos (1970) e J. Duarte (1972). Para a mata do alto Mucuri biografias semelhantes, mais antigas, aparecem em Timmers (1969, ms).

(20) Woortmann (1987) diz que os estudos sobre as sociedades rurais quase sempre procuram defini-las como organizações econômicas rurais, quando na verdade elas são muito mais que isto; Darcy Ribeiro observou que a fazenda foi um governo de terras e pessoas, moldador da sociedade brasileira:

*"A fazenda constitui a instituição básica modeladora da sociedade brasileira. Em torno dela é que se organiza todo o sistema social como um corpo de instituições auxiliares, de normas, de costumes e de crenças destinadas a preencher suas condições de existência e persistência. Até mesmo o povo e a nação surgem e se desenvolvem como resulantes da fazenda e, nesta qualidade, por ela conformados."*

[ Ribeiro, 1970: 262 ]

Em geral, antropólogos como estes citados, trataram com muita sensibilidade os temas fundiários, extraíndo deles muito mais conclusões que permitiram os estudos mais economicistas.

(21) Ver Maia (1936: 22); Relatório Argollo está parcialmente em Timmers (1969 ms) e Ferreira (1934); avaliação dos produtos da feira de Teófilo Otoni está em Ferreira (1934); o avô de Godofredo Ferreira fora jurado neste concurso; produção e economia do Jequitinhonha em Pereira (1969).

(22) As histórias do Coronel Juca de Águas Formosas foram-me relatadas num encontro da Comissão Pastoral da Terra, em Teófilo Otoni, em agosto de 1995; discutíamos, na ocasião, coronelismo e poder local. Ver ainda Castaldi (1957); sobre o São Mateus entrevistas de campo para esta tese, principalmente Afrânio Barbosa Lima e Anuar Ganen. Ver também sobre o assunto Tetterro (1922 e 1919) e Santos (1970)

(23) Otelino Sol, em entrevista de junho 1994; a história de Germano dos Coelho foi relatada por Neco Coelho, Paulo da Anunciação e José Raimundo Barroso, em entrevistas; a titulação da gleba "Mangueiro dos Porcos", adquirida por Germano, está registrada no Cartório de Imóveis de Minas Novas, datada de 1961, validando um registro de junho de 1888. Informações sobre posseiros do Mucuri estão em Ferreira (1934) e Timmers (1969). Uma história da regularização fundiária em Minas Gerais e da importância vultosa do governo e da Ruralminas (Fundação Rural Mineira, organismo de colonização e terras), ainda está por ser feita. Joaquim de Poté em suas memórias de sindicalista dá boas pistas para compreender umas passagens dessa história; Vicente Nica ( em Alves e outros, 1993), idem. Essa questão de terra envolvendo a fazenda associa-se mais ao fim do agrego e à emergência do mercado fundiário que à gênese da fazenda. Em geral o tema é tratado muito superficialmente na literatura - Lopes e Gomes (1989) e Mullis (1989) são bons exemplos - que desconhece completamente a importância das fronteiras e do agrego.

## Capítulo V Fronteiras

### 1. Recompensas da selva

Nas matas do Mucuri e baixo Jequitinhonha existiram áreas sem dono até quase o meio do século XX. Quando uma família abria sua posse nessas matas - "*conseguia seu título de terra a machadadas*", como dizia Daniel de Carvalho - sabia que se expunha a uma série de contratemplos: aos ataques de feras, cobras e valentões soltos nessa terra sem justiça, às febres que eram endêmicas do lugar. Enfrentava também a chuva incessante que atormentava com aguaceiros de 30 ou 40 dias sem parar, que reбуçavam com melão de São Caetano os telhados daquele enclave baiano que era, na época, São José do Pampã, cobriam tudo de lodo e, às vezes, as pessoas ficavam uma quinzena sem poder colocar pé fora de casa. Os tropeiros viajavam com peças inteiriças de couro em cima das cangalhas, próprias já para desatolar os burros nos tremedais que se tornavam as estradas.

Os pioneiros eram atacados por uma série de parasitos mais ou menos novos, como a ferida permanente da catita, leishmaniose na abertura da mata, verminoses diversas e exóticas como amarelão e shistose. E, mais visível e inesquecivelmente, havia o bócio resultante da desmineralização: boa parte da população dessas matas carregava papos. Existiam deles de todos os tamanhos e formatos, como lembra o pioneiro do início do século XX, Diniz Vieira. Eram papos roliços, papos caídos, papos pequenos como laranja-china e imensos como melancia, papos simples ou dobrados como casa de João-de-barro, papos caídos um para cada lado, como mamão de corda. Além do mais existia uma multidão de insetos dos mais variados tipos, zumbidos, tamanhos e truculência, e doenças que estavam em todos os lugares: tuberculose e lepra, entre outras. Tantos eram os males que sofriam os corpos na mata, que o médico Manoel Esteves organizou um desfile de 200 boubáticos, sífilíticos, leishmânicos, hansenianos, perebentos e outros na visita do Secretário de Agricultura a Urucu, em 1932. Além de todos esses problemas, quem internava na mata ultrapassando a linha de aberturas, padecia a solidão: passava às vezes meses sem encontrar outra pessoa, dias sem ver o sol tapado pelas árvores, tempos comendo sem sal (1).

Todos os riscos e males, no entanto, eram enfrentados em troca das compensações que a mata oferecia, fartura e liberdade. Eram a sedução das áreas novas, despovoadas, a chamada fronteira agrícola, cuja localização variou do alto Mucuri e baixo Jequitinhonha ao Pampã e São Mateus, ao Contestado capixaba e extremo Sul da Bahia. Essas foram as últimas fronteiras do Nordeste de Minas, abertas já no adiantado do século XX.

Os estudos da ocupação de zonas agrícolas costumam enfatizar as rotas de comércio e as lavras como o caminho do povoamento. Ao longo delas a população teria se instalado, ocupando áreas, e os moradores as procuravam exatamente pelas condições mais favoráveis ao contato e às trocas (2). Embora mineração, comércio e suas rotas tenham papel relevante na distribuição espacial do povoamento, a ênfase nesse processo de ocupação ao fim das

contas registra apenas aquela colonização estável, assentada na apropriação permanente de terras e recursos. Encontra, ao final, sempre a fazenda: o domínio tranquilo que sombreia a passada história da terra. Mas a fazenda raramente foi pioneira; geralmente foi a segunda ou terceira forma de ocupação da terra, seguindo trilhas abertas por extrativismo e lavoura familiar.

A extração de poaia, pedras e madeira, combinada ao complexo alimentar formado pelo milho, mandioca, feijão e floresta, eram o bastante para a população que penetrava a mata. Foi essa oferta de renda vasqueira e comida abundante que levou milhares de aventureiros a enfrentarem aquelas condições. Onde começava a mata e raleavam os contatos deixava de vigorar leis, costumes e cultura da sociedade estável que ficara lá fora. Vigiam as normas de fronteira, regras inventadas de trabalho, convívio, apropriação e poder que existiram naquelas matas.

Alguns autores, poucos, anotaram a memória da abertura pioneira de mata que transformou fome em abundância e deu posse ao despossuído. Embora seja, quase sempre, uma crônica da doença e do crime, é possível ver através dela o que foi essa aventura. Os pioneiros das últimas fronteiras lembram-se dela, ainda; do cruzamento entre documento escrito e lembrança surge a história dessa fronteira.

Geralmente a fronteira é vista apenas como área de expansão, o local necessário para um crescimento demográfico e econômico. Mas ela pode receber outro tratamento: é paisagem que os homens estão construindo, conjunto de relações sociais específicas, convívio feito de transgressões. Principalmente pode ser analisada pelo que representa para as áreas de povoamento consolidado, porque ela nunca existiu para si mesma, mas como continuidade e interação dinâmica com outros espaços. Foi por ter existido fronteira que em outras zonas consolidaram-se regimes estáveis de uso do ambiente e de apropriação fundiária.

A fronteira agrícola era sobretudo uma moldação da paisagem. A mata não foi aberta em linha, como uma franja que fosse expandida gradativamente. A faixa que mediava terras desbravadas e matas sendo abertas era difusa; no caso do Nordeste de Minas era a fazenda consolidada. Além da franja a vanguarda de expansão era povoamento irregular, bolsões de aberturas realizadas em função de uma ou outra casualidade mais forte, que fazia alternarem áreas de mata cortada por uma pobre trilha, descortinando depois de muitas léguas uma clareira viva de maior densidade de ocupantes. Em torno dela, à medida que podiam ser alongados os laços e o contato, encontravam-se posseantes. Depois, de novo na picada, havia só mata e trilha, léguas e léguas solitárias, até um novo contato. Essa distribuição espacial aparentemente tão aleatória e contrária à disciplina de ocupação humana dos espaços e rotas, tinha suas razões de ser: uma excepcionalíssima fertilidade, uma ocorrência poaieira ou madeireira mais acentuada, áreas de clima mais sadio, por exemplo (3).

Mas não era só isso. Ocorria também porque a esparramação da população reduzia os conflitos e garantia a cada família amplos territórios de extração. Essa sistemática desapareceu quando o contato foi se regularizando com a expansão do povoamento, e ficou difícil perceber aquelas como sociedades de extração ativíssima, que tornava muito próximos os laços entre os homens e o meio. Um coletor de poaia percorria grandes áreas

de mata procurando a raiz, gastava um mês para conseguir juntar um quilo. Por meses de coleta ficava só na mata, com espingarda, chumbo meão e reũno, um punhado de sal e uma rede. Demandava um enorme espaço e o mesmo acontecia com caçadores, pescadores, madeiros: ocupavam quase o mesmo dilatado território que as tribos de índios.

Era uma paisagem construída à força pelos homens, num mundo que percebiam como hostil. Desbastavam a mata em torno de casas ou clareiras, fincavam a casa de sopapo e telhas de tabuletas, os currais de madeira branca, carreiro para córrego, porto de águas, mas só transitoriamente, pelo tempo que fosse usado para roças. A fragilidade da casa, notada por todos os viajantes, era uma associação feliz da moradia com o sistema de produção, pois a fatura exigia uma roça mutante de coivara, com fome de terras sempre novas. As casas, cuja maior solidez estava no telhado de tabuletas, casqueiro de madeira de lei tirado a machado, eram um câmbio constante de domínio e não-domínio dos homens, retratavam a sucessão de explorações. Em volta da casa o terreiro, o amassado constante dos malhadouros, miunças e monturo, em geral era um terreno limpo e aberto para ser o contraponto da mata ou capoeira. A capoeira, nessas entradas pioneiras, surgia próxima dessas casas de pau a pique.

Os posseantes iam afrontando, a cada ano, uma porção diferente da mata com suas roças de toco, até consolidarem a paisagem clássica de fronteira: uma mata recuando no horizonte, mas sempre presente porque era necessário que esta reserva de fertilidade fosse conservada ao lado da terra domada e em uso que perdia já seus encantos e magias para ficar reduzida à condição humanizada de lavoura. Não havia, na verdade, uma descontinuidade muito grande entre abertura e mata. Eram associadas ao meio e dependeram sempre da proximidade da selva. A aventura da fronteira era marcada por esse confronto e negociação persistentes com a natureza, e na descrição ou fotografia de uma morada dos fins do século a mata estava presente à distância de um grito, mas a cada ano se afastava um pouco mais. A mata virgem dava lugar à lavoura branca, depois ao cafezal, à cana de açúcar e, finalmente, ao pasto, para, então, não poder dar lugar a mais nada. Mais que uma sucessão de mercadorias ou ciclos, é uma sucessão vegetal que historia, nos 150 anos de ocupação de terras do Nordeste de Minas e Sul da Bahia, o caminho da sua destruição (4).

No combate à mata e seus recursos o propósito não era apenas os benefícios diretos: era também mudar suas características físicas. Elas foram objeto de uma meticulosa ação de humanização, transformadas naquela paisagem domesticada e regular da posse e da fazenda, com espaços abertos, compreensíveis, harmoniosamente distribuídos em torno das moradas e uma mata expulsa para sempre além, combatida a fogo, machado e foice. Buscava-se na abertura um horizonte amplo e descortinado: plantios regulares, carreiros no mato, clareiras, coqueiros e até pastagens que não eram plantas usuais de mata. Importava nesses casos ter uma paisagem prescrita, subordinada, regular, que obedecia a um padrão de estética e ordem, uma norma de paisagismo rural, que passava a ter a marca dos homens, moldada, plástica, num mundo em que nada fora assim.

Como a população chegante instalava-se num vazio, instituído sobre a extinção do índio e a volatilidade dos tiradores de poaia e madeira, herdava poucos princípios de manejo daquele ambiente. Por isso a ocupação da terra de fronteira, mais que qualquer outra, teve a

marca da violência contra o meio. Aqueles recursos naturais desconhecidos pereceram na ignorância que veio com a apropriação. Embora essa guerra bruta fosse travada em quase todas as zonas de ocupação, na fronteira nova foi a mais dura delas, porque exigia-se daquela mata uma redução rápida ao estado de compreensão, que se ajustasse à condição humana, ao manejo domesticado, sem que fosse sequer examinada e conhecida.

Muito mais que o cerrado, capões e campos, cujo meio adverso forçava os homens a descobrir sua lógica para extrair a riqueza possível, a característica da fronteira de todo o baixo Jequitinhonha, Pampã e Mucuri foi a guerra à mata e à extração controlada que os índios haviam estabelecido. Ao contrário também do cerrado, na ocupação de fronteiras no Nordeste de Minas, não foi possível criar um regime de exploração da mata que não tivesse produtividade permanentemente declinante.

Foi um estado de guerra constante e nada romântico, principalmente na perspectiva apaixonada da floresta que animava Saint-Hilaire, Wied e Avé-Lallemant, críticos ferozes daquilo que os pioneiros faziam com o mundo. Os viajantes e cronistas do século XX repetiram a mesma crítica, e deles, certamente, frei Samuel Tetteroo foi o mais lúcido, pois lamentava a mata que desaparecia a passos de gigante sem trazer para os homens da fronteira a mais miúda recompensa que fosse além da satisfação da fome imediata. Frei Samuel, ao mesmo tempo, manifestava uma resignada compreensão que as coisas só poderiam ocorrer daquele modo, porque era afinal o sustento possível, embora feito à custa daquela devastação toda. Sua percepção das necessidades materiais dos homens impedia que ele fizesse recriminação àquela guerra que não poderia, de acordo com ele mesmo, ser travada de outra maneira; mas lamentava a irreversibilidade daquela destruição.

As notas de viajantes 50 ou 60 anos depois vieram a ser a mesma constatação da população que vivera na mata, quando percebeu que aquela fartura não seria mais possível. Quando, porém, se derrubava a mata, a leitura que se fazia daqueles resultados eram inteiramente diferentes, e os tocos que entristeciam o viajante Cathoud eram razão de orgulho de posseantes e fazendeiros, pois aquela terra transformava-se em algo útil e compreensível. A vitória sobre a mata era esse resultado racionalizador e desencantado manifesto num espaço dominado e numa paisagem que recebia já o rosto dos homens.

Embora a fronteira tenha sido um lugar de muitas instabilidades, quase sempre ela é analisada apenas pelos conflitos relacionados à terra.

Mas terra não era o domínio mais importante na fronteira enquanto tal: só veio a sê-lo depois dela esgotada. Exatamente pelo excesso e impossibilidade de instituir subordinação sobre espaços tão anchos, as situações vividas na abertura dessas áreas pioneiras deixavam ao controle da terra um cuidado menor. No entanto a terra aberta, desbravada, feita mercadoria foi o principal resultado das fronteiras.

A diferença entre posse e domínio serviu para vincular o desenlace da situação de fronteira ao conflito, tendo como motivo e motor a terra. Quase sempre, então, temos uma história dos resultados da fronteira e nunca da sua dinâmica. Assim parece que terra sempre esteve no centro de todas as questões da fronteira, o que não é inteiramente verdadeiro, porque nos momentos de abertura a questão de domínio raramente foi posta em causa, não tanto pela abundância da terra, mas principalmente pela destinação.

Os regimes de apropriação da terra não foram uniformes. Eles variaram no correr do tempo como mostram estudos de história, mas variaram também no correr dos espaços e ambientes, em função das diferentes utilidades que os homens definiram para eles. A atividade motriz - extrativismo, pastoreio ou agricultura - variando em locais e ritmos, produziu sistemas de uso e percepção da terra inteiramente diferentes, mas simultâneos nalgumas épocas. A utilização dada a cada ambiente explicou o tipo de relação e regulamentos que foram construídos para ele; não foram apenas condições diferentes de clima, solo, relevo e flora, mas usos diferentes que os homens deram para esses recursos. Assim o uso dado à terra pelos tiradores de poaia explica as relações de apropriação difusas e frágeis. Madeiros usavam terra por tempos curtos e totais, lavradores usavam-na por tempos longos, diferenciados e alternados, criadores utilizavam-na transformada quase que total e permanentemente. Eram sistemas de uso compatíveis no tempo e feitos por personagens diferentes. A vantagem econômica da fronteira, portanto, não estava sempre na terra como ativo de negócio ou valorização potencial. Pelo contrário, a especulação fundiária no Nordeste de Minas e Sul da Bahia, até bem avançado o século XX, foi um péssimo negócio.

As vantagens econômicas das matas eram outras. A primeira e mais necessária delas a pletórica fartura; a segunda, a liberdade de uso que ofereciam. Fronteira foi um desafogo para os herdeiros de terras já muito partilhadas e agregados de fazendas com solos esgotados. Enquanto esteve aberta e farta garantiu saídas perenes dos camponeses não-herdeiros que sobravam na repartição das terras das famílias no Sudoeste da Bahia, baixo Jequitinhonha e alto Mucuri. Serviu, por outro lado, para dar continuidade à agregação, na medida que os pousios e a fertilidade encurtavam-se nas fazendas do Jequitinhonha e Mucuri. Por último, elas deram lugar a negócios - de tímidos resultados econômicos, mas violentamente destrutivos do ponto de vista ambiental - como a extração de poaia e madeira ou a silenciosa preação feita aos remanescentes indígenas já brasileiros.

A fronteira agrícola, portanto, nunca explicava-se apenas por si mesma. Ela viabilizou continuidade de exploração e apropriação em outras áreas, recebeu excedentes populacionais que seriam problemáticos em outras zonas, consolidou regimes de exploração e apropriação de terra fora dali. Ela existiu associada a muitos outros fenômenos, resultou de pressões e mudanças.

A questão da terra veio muito depois, porque a fazenda não chegava à fronteira em busca da mata, apenas, mas procurando aberturas e capoeiras, terras "amansadas" pelos primeiros plantios e derrubadas, com clareiras suficientes para descortinar uma paisagem humanizada pela força do posseante pioneiro, que seria, daí em diante, disponível. Compreendia, logicamente, também mata; mas não somente. O trabalho do pioneiro em fronteira produzia a doma inicial. O conflito pela terra que marcou essa zona de fronteira agrícola acontecia sobre resultado de um trabalho já feito, ou, para usar uma expressão clássica, para permitir a expropriação de um trabalho morto aplicado sobre a natureza.

Negociações, cessões, trocas, heranças e disputas por capoeiras aparecem em toda a crônica da fronteira, desde que ela era incipiente no Nordeste de Minas, na Mata do Peçanha em fins do século XVIII, até quando, já nos anos 1940 e 1950 os posseantes negociavam aberturas e capoeiras nas últimas matas do São Mateus, Itanhem e rio do Prado. Frei Samuel Tetteroo, Péricles dos Santos e muitos antigos moradores do Pampã

citam casos de vendas de capoeiras, pequenos negócios dessa abertura inicial de terra domada. A partir dela, formava-se uma espécie de cunha no meio da floresta palmilhada por poaieiros (5).

A terra como problema só emergiu nas fronteiras, na maioria das vezes, por resultado final da sua própria dinâmica. E surgiu fatalmente, mesmo naquelas que foram as últimas. Não foram poucos os instrumentos legais utilizados na repressão a essas entradas e posses, embora tenham sido sempre inócuos. Apareceram juntos a fazenda e o conflito, a instabilidade estabilizando-se, veio por fim povoamento e regulamentação que sepultaram as práticas sem normas e criaram sobre elas uma história que silenciava pioneiro, poaieiro, pobre migrante e posseiro. No entanto, abaixo da superfície das histórias de fazendas da mata há uma massa de lembranças em pedaços que incluem índios, aventureiros, violências, e, por fim, a terra.

## 2. *Transumâncias*

Os chamados posseantes fizeram a parte mais dura e menos conhecida da entrada na mata. Foram vanguardas solitárias de fracos que apoiavam-se na parentela de iguais para abrir um córrego, possear uma noruega e aventurar muitas léguas além de onde estava o povoamento. Não era uma rotina muito diferente daquela dos índios, que às vezes se misturavam, quando não eram a própria base técnica da posse inteira: rancharia de palmeira, pilões e redes, arcos e lanças, bodoques e toletes, utensílios do barro.

As terras do Mucuri e baixo Jequitinhonha foram abertas pela força de lavouras repetidas, semeadas por uma pressão demográfica insuportável, saída a princípio do alto Jequitinhonha. Alto dos Bois (1808), Setubinha (1830), Malacacheta (1838), Trindade (1840) e Poté (1856) foram povoados de camponeses saídos de Minas Novas, para o Leste. Povoaram na ordem da caminhada pela mata, fundaram arraiais a uma distância de três ou quatro léguas, marcha de uma pessoa levando carga, ou jornada de uma tropa de burros numa má picada.

A parte baixa dos rios, as matas do Pampã, São Mateus e Itanhem, começaram a ser ocupadas em massa mesmo nos finais do século XIX, quando chegaram os baianos em grande quantidade. A bem da verdade nem todos eram baianos: boa parte era mineiro mesmo, do alto Norte, de Espinosa, Taiobeiras, Salinas. A primeira grande leva deles desceu do rio Pardo, fugindo da famosa "seca do noventinha", de 1890. Vinham em grandes grupos, faziam sua primeira parada no Comercinho do Bruno. Ali escolhiam caminhos: das gerais, pela Itira, da mata, pela Fortaleza ou São Roque (6).

Tomando o caminho da Itira poderiam abrir posses nos capões na calha do alto Jequitinhonha. Como a terra lá era mais fraca, muitos seguiam em frente, passavam pelo Araçuaí, chegavam às cabeceiras do Mucuri e à posse. Pouco depois de chegados ali encontraram algo muito pior que a seca: a variola, que grassou por anos em todo alto Mucuri, liquidando moradores às centenas.

Se tomassem o caminho de Fortaleza ou São Roque os baianos espalhavam-se de lá para Vigia e São Miguel, iam atravessando o rio Jequitinhonha e podiam até tentar a sorte

na mata do Pampã, que era terra livre para posse e a mata mais fechada e doentia de todo este Nordeste.

Cada estrada deu num destino no final do século XIX. Essa entrada pioneira baiana para a mata inaugurou os caminhos, e o trajeto continuou até aumentar, anos depois, tocada desta vez pela seca dos anos 1930. Aí mais baianos passaram pelas mesmas estradas, já na dúvida de encontrar uma posse na mata do alto Mucuri ou baixo Jequitinhonha, mas com a certeza de uma agregação nas fazendas, porque as terras sem dono iam desaparecendo com o aumento da população (7).

Mas até os anos 1930 ainda havia bastante mata, e nela o espaço para posses, já no Jequitinhonha baiano e baixo Mucuri. Nessa época a mata ainda emendava Salto, Pampã e Espírito Santo, ligava cabeceiras e barra do rio São Mateus com barra do Jequitinhonha e todo o Sul da Bahia. Essa selva da parte baixa dos rios pode absorver baianos que chegavam e mineiros que sobravam das terras esgotadas. Foram matas que esconderam os Machacali por anos a fio, sem que se tivesse qualquer notícia segura deles. E foi nessa exuberância de selva que se refugiaram uns 2.000 libertos da antiga Colônia Leopoldina de Caraveias, na Abolição, e enquanto seus antigos senhores regressavam à Suíça, refizeram a tribo, seu quilombo tardio, e prestaram a irônica homenagem de batizá-lo "Helvécia". Só precisaram voltar a falar português quando foram explicar aos franciscanos suas práticas de vodu, nos anos 1910 (8).

Daniel de Carvalho dizia que muitos dos excluídos de todas as zonas de Minas iam ao Leste no começo do século XX, procurar consolo numa mata generosa; John Wirth, na sua história de Minas, mostrava que até os anos 1920 a população negra crescera muito mais rapidamente no Norte e Leste do estado. Havia grupos familiares extensos que andavam para a mata desde fins do século XVIII, linhagens inteiras que deslocavam-se. Mas, sobreviveu da história da fronteira o conflito, principalmente por terras, e a violência: elas esconderam sob o extraordinário da disputa e da exclusão o que houve de familiar e solidário nessa aventura.

Os frades franciscanos que pregavam na mata do Mucuri, sofriam nas missões: entravam pelo que chamavam "sertão", sem saber se era Minas ou Bahia, lugares de poucos habitantes e menos ainda religião. A viagem no tempo chuvoso - relatada por freis Olavo, Celestino, Júlio e Peregrino em seus diários - era uma provação de magros frutos: ladeiras escorregadias, atoleiros nas várzeas que engoliam o burro até a barriga; ribeiros e córregos cheios, para não molhar bagagem e selas os animais passavam desarreados e os viajantes com água até o pescoço carregando arreios e malas, roupas e botas. Tudo isso para encontrar católicos relapsos, de costumes e fé muito suspeitos (9).

A fronteira teve sempre caráter aventureiro.

Mas além das dificuldades individuais houve um fenômeno coletivo, foi construção de um mesmo grupo. Na zona do Pampã e do baixo Mucuri ainda sobrevivem as lembranças das famosas saídas da Bahia: dois irmãos postos em caixotes de querosene, contrapeso um do outro, viajando dias e dias em lombo de burro tocado pelos pais que traziam esperança e tralha para afundar na mata. Apesar de toda aparência de solidão e desespero nas trajetórias pessoais, elas não eram aventuras solitárias (10).

Embora os deslocamentos familiares tivessem sido para áreas de ralo povoamento e viagens de às vezes centenas, ou mais de mil quilômetros, não eram sempre mudanças para a solidão, apesar de serem viagens para zonas desconhecidas. As famílias migradas em geral possuíam algum esteio na fronteira que procuravam. Eram parentescos, amizades, compadrios ou, pelo menos, conterraneidade próxima. De modo que o povoamento apresentava, e em alguns lugares nos fins do século XX ainda apresenta, longas séries de afinidades esparramadas pelo espaço, de sorte que algumas famílias de uma só origem refaziam ao sabor das regras da mata uma nova parte da história de sua antiga comunidade. Vista desse modo a fronteira foi integrativa, solidão atenuada, principalmente pela reconstrução da coletividade originária em novas bases.

Mesmo quando se tratava de soluções para complexas heranças de único herdeiro, que incluía necessariamente o deslocamento de alguns dos filhos, essa saída era preparada com zelo. Supunha organização do grupo em mudança, e embora parecesse depois uma viagem intempestiva, e a morada na fronteira fosse marcada por uma eterna saudade da Bahia, ela havia sido sempre, de todos os modos, uma solução planejada.

Foi por isso que determinadas zonas receberam povoamento de migrantes de origens muito localizadas. São José do Pampã foi povoada quase exclusivamente por baianos; era uma vila de baianos: continuou a ser uma cidade com todas as características de cidade baiana, mas apenas dos baianos do Sudoeste, entre Vitória da Conquista e Bom Jesus da Lapa, de entre as cabeceiras do rio Pardo e rio das Contas. Aqueles migrantes trouxeram além das lembranças da viagem feitas em caixotes de querosene - e do som das alpercatinhas: "alps, alps, alps", como dizia Cândido Versiani Murta - suas tramas de vizinhança e parentesco, suas histórias, lembranças comuns, hábitos, culinária. Mantiveram até o agressivo sotaque, marcante, diferente da cadência mole do baixo Jequitinhonha e daquele notável apetite para engolir as vogais finais das palavras, típico do restante do Pampã e baixo Mucuri (11).

As zonas de fronteira eram povoamentos formados por grupos de relativa coesão e, sem desfazer de todo o aventureiro que houve nessas aberturas, nunca foram trajetórias solitárias, mas solidárias. As origens comuns dos posseantes normalmente desaparecem na história da aventura. Por isso, em geral são anotados os bandos transumantes, seu sofrimento, mas raramente lógica e redes de proximidade.

Apesar disso aquelas famílias instaladas na fronteira podiam ter ligação fragilizada. A proximidade de parentes não era garantia para grupos familiares sobreviverem isoladamente, e não era incomum que a mata esfacelasse uma família e todos os seus laços, desfeitos pela morte de pai ou mãe. Os demais sumiam pela mata afora nas situações mais diversas.

Era rara também a família mudada para a mata que não acrescentasse ao homem mais uma mulher, segundas e terceiras famílias. Foram muitos esses casos, e não só compreendendo mulheres, mas também jovens adultos dos dois sexos. Na mata era relativamente difícil manter consigo trabalhadores regulares por laços de emprego, que eram então substituídos pelos laços de proximidade, pessoas que agregavam-se às famílias e assim eram criadas, que a terra criava e produzia um excedente, produziam sempre mais que consumiam. Por isso não havia pejo em aceitar, pelo contrário, havia desejo de receber jovens em casa. Em casos de enviuvamento não havia dificuldade para os filhos jovens

serem aceitos por várias pessoas, tratava-se de um futuro trabalhador gratuito, recompensa rápida em serviços para quem os recebia (12).

Viuvez implicava quase sempre numa família desfeita e outra rapidamente refeita, filhos distribuídos e adoção meio oportunista. A família da Mestra Guindô viveu esta situação quando sua mãe ficou viúva e não podia manter a posse aberta na mata. Quando uma onça matou seu pai, a mãe foi obrigada a ceder a posse para o tio, porque era impossível uma viúva tocar o terreno. As duas, mais a escrava Madrinha Teresa, subiram o rio Jequitinhonha para o Calhau, saíram da mata; perto de parentes a viúva casou-se em dois anos. Ficou desse tempo conhecido e lembrado o caso de Ana Teixeira, que apesar de enviudar na mata, recusou-se a entregar os filhos para Maricota Ottoni - irmã de Teófilo Benedito - preferindo criá-los com seu próprio trabalho braçal, tornando-se fabricante de apreciadas selas e silhões (13).

Os relatos de migrantes de fronteira costumam associar a mudança aos fenômenos naturais. A seca é apontada, em geral, como a responsável pelas transumâncias, e pode até ser que realmente seja assim. Mas seca nunca existiu por si só: ocorreu como fenômeno natural, preso a uma cadeia de relações humanas, de tal modo que, nos finais do século XIX na seca do "noventinha" e depois na seca dos anos 1930, elas aconteceram numa terra que escasseava para todos os herdeiros. Combinou-se a isto uma área de mata e ocupação rala que era o baixo Jequitinhonha, o Pampã, Itanhem, baixo Mucuri. A entrada do Pampã, acentuada nos anos 1930 com nova leva de baianos, foi uma saída familiar provocada pela seca, mas também pelo fato que, naquela época, a lavoura de café em São Paulo não empregava mais, abatida pela crise aberta na passagem dos mesmos anos 1930. Dessa maneira a fronteira não era uma via de penetração obrigatória e única - por apresentar oferta de terras e águas numa situação de cataclisma natural - mas o produto de algumas circunstâncias também humanas e conjunturais. Foi uma escolha terminal, talvez, no caso daquelas fronteiras difíceis do Pampã e do São Mateus no século XX. Aqueles acontecimentos de São Paulo e da zona cafeeira tiveram rebatimentos completamente diversos no cenário do Nordeste de Minas Gerais.

Muitos dos migrantes assentados no Pampã nos anos 1930, chegaram lá depois de tentarem, às vezes por anos repetidos, o trabalho assalariado nas lavouras de São Paulo. A fronteira do São Mateus, anos 1950, foi paralela à abertura do Norte do Paraná; a ocupação final das matas do Sul da Bahia, fim dos anos 1960, concorreu com a expansão da construção civil de São Paulo. De modo que fronteira foi uma opção de aventura entre muitas aventuras, e também uma escolha solidária entre várias opções solidárias. A escolha de uma daquelas estradas abertas ao agregado, herdeiro ou camponês resultou em trajetórias completamente diferentes (14).

### 3. *Costumes*

Apesar do povoamento de fronteira agrícola ter sido marcado por um conjunto de relações de proximidade - parentesco, amizade, conterraneidade - ela sempre foi um espaço de rupturas. Eram instituídos outros laços, novos e diferentes, as antigas travas ficavam

subvertidas pelo ineditismo das oportunidades e possibilidades da fortuna. Perdiam força muitas das relações de mando existentes no local de origem, cessavam as normas conhecidas de apropriação da terra. Os pioneiros passavam por um processo violentamente democratizador, inclusive das necessidades e ausências. Ficavam também alteradas a técnica, a herança e muitas vezes até a disponibilidade de recursos dentro das famílias. Uma mudança de não-herdeiros para uma área de mata podia implicar abundância rápida para aqueles que haviam sido os excluídos; acontecia de receberem - como agregados - sobrinhos ou primos potencialmente herdeiros dos locais de origem, relativamente pauperizados diante do sucesso da abertura feita pelo parente deserdado.

A fronteira modificava também as relações mercantis. Alguns bens mercantilizados desapareciam como tal na mata: terras, alimentos básicos, madeira, carne. Outros, corriqueiros nas zonas de origem, tornavam-se notavelmente escassos na fronteira: trabalhadores, roupas, sal e ferramentas, por exemplo. Isso fazia com que os parâmetros de valoração em áreas geograficamente próximas fossem violentamente diferentes, e dava oportunidade a um certo comércio vicinal - fumo, armas, sal - mas também permitia que dentro da fronteira se firmassem costumes absolutamente novos. Os baianos chegados na mata adquiriram o hábito de colocar seus ranchos dominando muitas nascentes; nunca estabeleceram casas longe das águas ou da sua vista. Fizeram também a norma de exibir a fartura sob a forma de apetrechos e arreatas de montaria, e ganharam bastante nas fronteiras os ciganos práticos na montagem de obturações de ouro, que era a maneira dos aventureiros exibirem ao mundo o sucesso alcançado em sua empreitada (15).

Um traço marcante na fronteira foi a instabilidade. Povoamento sempre passageiro: as lavouras, seus sistemas, as apropriações, os indivíduos eram marcados pela transitoriedade, contato diluído, relações diferentes. Era uma espécie de espaço mítico, onde, de fora, sabia-se dos desmandos e desrespeitos praticados ali, conhecia-se as vantagens daquela agricultura, mas a sedução era limitada por suas dificuldades. Entendia-se a fronteira como um local de perdição: os que estavam na sua borda viam assim os desrespeitos que aconteciam dentro dela (16).

Assustava principalmente a violência. Ela é muito lembrada, talvez até mais do que mereceria ser, pois fazia parte da fronteira, mas também da fazenda, da família e do dia-a-dia. Havia nas fazendas violência diária do homem sobre a mulher, da mulher fazendeira sobre o povo da cozinha, de alguns patrões fazendeiros sobre seus "camaradas"; existem histórias de castigos físicos aplicados a lavradores até meados dos anos 1970. Mas na fronteira a violência era parte das regras de convívio: só a força física colocava ordem nas disputas. Pércles dos Santos, cronista da selva do Pampã, anotou situações que pareciam romance de cavalaria. Nessas disputas nem sempre o mando ou a terra estavam em jogo: era mesmo o desregramento e o conflito gerando normas. Foi uma história de lutas e mortes, segundo contam. Eram frequentes os tiroteios e as disputas maiores envolviam vários grupos de pessoas (17).

A história da fronteira do Nordeste de Minas, principalmente no Mucuri, é marcada por enfrentamentos brutos dos homens entre si e com o meio. São confrontos que assustam pela violência do embate, pela desproporção entre a ofensa e a resposta e pela solidão dos ofendidos a quem nada restou além da dor. Avé-Lallemant narrou o sofrimento das famílias alemãs que encontrou na barra do rio em São José do Porto Alegre: a jovem senhora

alsaciana, mal acabada de chegar, vira morrer de malária em seus braços marido e dois filhos. Tendo atrás de si a mata e à frente o mar oceano, chorava na praia as suas perdas: "*Oh, si mon père savait tout cela, il allait mourir!*" No massacre do Giporoque, em Santa Clara, os colonos picaram em pedacinhos doze guerreiros; houve o espancamento constante dos chineses que construíram a estrada de rodagem a Filadélfia; aconteceu a carnificina da fazenda Liberdade, onde foram mortos os índios atraídos por um realejo; na revolta do aldeamento de Itambacuri frei Serafim de Gorizia recebeu um flechão de Manuel Pequeno, que dizia não desejar mais nada senão a morte dos padres; o colono Otto Vogel viveu um martírio no córrego Santo Antônio, quando teve pai, mãe e quatro irmãos sucessivamente atingidos pela lepra, sobrevivendo apenas ele e a cunhada, que foram expurgados da comunidade e se casaram muitos anos depois; ocorreu um morticínio de índios provocado pela varíola e pelo seu confinamento em Itambacuri; Péricles dos Santos contou as matanças dos Chiatas em Águas Belas; a nação Macuni foi submetida pela fome, tronco e pancada. São encontros cheios de dor, marcados pelo definitivo e bruto conflito das pessoas com um destino feito pela barbárie da mata (18).

A crônica histórica costuma registrar sempre mais a diferença. Mas nesses casos a excepcionalidade é tão frequente que fica rotineira. Mesmo que muitos dos autores locais tenham escolhido depurar a violência de suas memórias, ela aparece nas frestas e entrelinhas. O conflito instituiu a regulamentação nessas sociedades pioneiras, e na maior parte das vezes a violência pessoal efetivou a norma de convívio. Curiosamente, isso não se aplica apenas a índios - como mostram alguns exemplos acima - embora muitas das vezes tenham tido eles como objeto. Mas a brutalidade do confronto foi parte também da relação dos homens com o ambiente.

Essa aventura de fronteira foi marcada por misturas de culturas.

Até o século XX no Mucuri e baixo Jequitinhonha ainda havia índio na mata, e bastante. Eles trabalharam em toda essa nova fronteira em troca de agrados e pancadas, nas vizinhanças dos ranchos de pioneiros e na periferia das vilas da mata, onde o ex-índio ou índia - bêbado, vadio, doente, prostituída, mas sempre útil para trabalhos gratuitos - nunca faltou. Muitos deles ainda faziam em seus grupos de origem as últimas correrias, mas já não eram senhores da floresta, não atacavam, representavam para os pioneiros mais um incômodo, uma presença inoportuna ou desprezível, que um perigo. Apareciam pedindo fumo, cachaça ou comida, como lembram velhos moradores de fronteira. Antônio Bispo de Portugal, do Chumbo, no rio do Prado, Bahia, conta que nos anos 1930 os "*caboclos*" ainda entravam nas roças de seu pai pedindo raizinha de mandioca, esmolando um milho. Eram grupos grandes de homens, mulheres e crianças com um cheiro inesquecível (19).

A expansão do povoamento para Leste ocorreu quando já estava terminando a guerra na mata. Índio já não era assunto para armas, ação coletiva ou governo; pelo que descrevem documentos e antigos moradores era quase um problema de saúde pública. Os que estavam nas tribos remanescentes de Machacali, Pataxó e Pojichá, eram grupos sem recurso e espaço, obrigados a fugir e esconder. Na mata ainda dispunham de sua forte ciência, conheciam magia e extração que transmitiam com gosto a garimpeiros, lavradores e poaieiros chegados de novo e amigos com eles. Mas nos lugares ocupados por

posseantes já apareciam com os males vindos de "*portugueses*", inspirando nojo e pena àqueles que se encontraram com eles.

A grande maioria estava mesmo misturada com aquela população de fronteira, indistinta, na ampla sociedade dos brasileiros. Aparecem nas lembranças e nas histórias com sutileza: "*-Meu tio, que amasiou com uma bugra...*"; "*-O avô, pai do meu pai, que era roxo, que sabia de tudo que tinha na mata...*". Foi assim, daí por diante, em fragmentos, que essa população indígena destribalizada e agricultora diluiu-se nesse povo brasileiro da fronteira, sem maiores cuidados. Desse modo, eles chegaram à civilização. Perambulavam soltos pelas antigas matas já como brasileiros e, isso que era importante, sem sua língua distintiva, o que os deixava tão desprotegidos quanto todos os demais (20).

Mas era sobre esta base de índio-brasileiro, já, portanto, brasileiro, que se apoiava a expansão da população de fronteira. Esses "*bugres*", como costumavam chamar esse povo da mata sem nação, língua ou terra, servia para o trabalho das frentes pioneiras e eram o recurso possível para casamentos e amasições que então eram feitos.

Nos começos de entrada nessas matas, pelo meio do século XIX, era relativamente comum a compra de mulheres indígenas, ou sua troca por comida ou bens, conforme relataram vários autores, inclusive Avé-Lallemant. A base indígena da população de fronteira foi muito mais forte do que se suspeita, porque a identificação das nações desaparecia muito rapidamente, sua história era destruída nos chicotes e troncos dos "*portugueses*", ou apagada com a apartação de filhos dos pais, assim que batizados. Pesou sobre tudo isso o destrato que os "*bugres*" recebiam socialmente em toda essa fronteira: casar com índio ou índia era desqualificador para qualquer pessoa. Dá para ver que essas uniões foram frequentes pelos casos inúmeros de amigações que as lembranças ainda guardaram; repara-se isso nas fotografias de época, e mesmo nas questões que muitos se envolveram por conta de suas famílias "*particulares*", que nunca foram formalizadas. Amasiados, perdiam o trato de índios; brasileirando sumia a nação original (21).

Essa provisoriedade dos laços de casamento, a montagem de famílias complexas foi característica principalmente da Colônia Militar do Urucu, verdadeiro laboratório de mestiçagens. Sua maior base populacional era indígena; mas, no meio do século XIX instalou-se lá um destacamento militar de soldados "brasileiros" - indivíduos de várias origens que eram batizados e falavam português - com o propósito de pacificar índios. Pouco tempo depois chegaram imigrantes europeus, principalmente holandeses, mas também portugueses, suíços e alemães. No final vieram os chineses livres dos contratos de trabalho compulsório da Companhia do Mucuri, e, depois ainda, chegaram migrantes de Minas Novas, que foram fazendo o caminho até aquela altura do Urucu, encontraram-se com os baianos que desceram o Pampã, para entraram todos juntos nas últimas matas do São Mateus.

As origens diversas da Colônia deram ocasião a fabulosas misturas culturais e a curiosos exemplos de recursagem ambiental. Os colonos holandeses, por exemplo, não sabiam extrair alimentos da natureza: quando foram atingidos pela seca do final dos anos 1850, dizia o viajante que seus filhos "*disputavam o pasto com os animais*".

[Avé-Lallemant, 1980: 215]

Com o tempo, no entanto, esses holandeses passaram por um processo de miscigenação, como os outros moradores dessa fronteira. Os arquivos cartoriais da Colônia

do Urucu guardam documentos ímpares: o casamento em 1871 de João Chin, natural de Cantão, na China, com Matilde Catarina, filha de Manuel Bugre e Ana Maria Kalle de Prússia.

Os chineses estabeleceram-se pelo Mucuri, desapareceram como grupo na Babel que se tornara aquela mata nos finais do século XIX. O zêlo de frei Olavo Timmers recolheu a história de Mariquinha van der Maas, filha de Higino Cantão China e Luiza Pereira de Souza, viúva de Jacobino van der Maas, moradora da Colônia do Urucu. Ela disse que sua mãe procurava casca do pau de sapucaia, massambé e jequitibá, fazia com elas um cozimento e tingia roupa nessa mistura: uma tinturaria na selva. O frei cita uma série de certidões de batismos com nomes nacionais, casamentos com alemães, holandeses, chineses, índios, negros e portugueses, e nomes multinacionais: Manuel Gazinelli Chin, João Chin Garcia (22).

#### 4. *Memórias da mata*

Nas fronteiras encontraram-se ocupantes de origens, trajetórias e experiências muito diferentes. Havia os saídos da Bahia, e aqueles velhos mineiros das grotas do alto Jequitinhonha; outros há pouco terminavam suas correrias na mata, não sabiam muito bem o que eram. Essa população de indeterminada renda, ocupação e destino flutua nas lembranças da mata, sendo quase sempre possível determinar sua origem, mas impossível definir precisamente quem era. O confuso povoamento nas áreas de abertura nova, dos começos até por volta dos anos 1970, foi uma original experiência cultural, resultante do estreitamento dos laços com o meio e dos conflitos que mantiveram acesos com essa mesma natureza.

Os abridores de mata viveram permanente dificuldade de compreender o que era aquele mundo. Empregavam técnicas racionalizadoras da natureza que submetiam o meio a uma apreciação rigorosa e objetiva, com o propósito de apropriar-se dos bens que a mata poderia oferecer, cujo melhor exemplo é a normatização do espaço, com casa, terreiro, roça, pasto e capoeira formatando a paisagem da mata. Por outro lado, usavam alguns dos antigos recursos que os moradores da mata possuíam, e que serviram enquanto pode haver extração.

Quando foram explorar as fronteiras, os pioneiros dispunham de uma pedagogia: conhecimento e método para ensinar aos remanescentes indígenas técnicas da lavoura para fazer fartura com segurança usando pouco trabalho. Era uma didática transmitida pela força e trabalho, exigia longos períodos de treinamento, e os grupos indígenas ficavam aos cuidados de colonos, "amansando-se, "criando-se" - os eufemismos eram muitos - domados pela fome, trabalho, tronco e chicote. Essas técnicas deram fabulosos resultados, conseguiram difundir as lavouras para toda população da beira e dentro da mata, e transformaram terra, sustento e mantimentos em preocupações secundárias na vida de todos.

Mas nem por ter sido o objeto de uma tal pedagogia o povo da mata deixou de fornecer o substrato da cultura de fronteira. No contato acabaram difundindo também seus conhecimentos, e a exploração da fronteira, abertura de roças e abundância, foi marcada

pelo cruzamento de atitudes racionalistas e conhecimentos encantados da natureza. O encantado e o desencantado tocavam-se e fizeram da fronteira uma constante celebração desses encontros.

Os velhos conhecimentos de mata não resistiam muito à racionalização do espaço e ganhos de produtividade introduzidos pelas técnicas de lavoura. O acréscimo de determinados objetos - alguns meios de produção - no ralo instrumental de serviço demandado pela cultura do povo da mata, fazia profundas revoluções. As facas, machados, foices, isqueiros e ferramentas de metal provocavam reboliços naquele meio íntegro, de maneira que adotada a lavoura, essa primeira e dura vitória pedagógica do colono tornava-se definitiva. Os moradores chegados à fronteira atuavam sobre um meio que desconheciam, não possuíam freios culturais, não se pejavam em inventar novos usos para aqueles recursos que os nativos da mata mantinham em reverente respeito. A ausência de limites deixou os posseantes livres para abusar de tudo aquilo que a mata oferecia (23).

A cultura de fronteira com suas sabedorias, um racionalizadora e outra encantada, é difícil ser rastreada pelo correr desses anos todos que já se passaram. Por isso assusta ver de perto quem eram aqueles pioneiros: apesar de parecerem indistintos, sem densidade e mistério, suas poucas atitudes que ficaram registradas espantam pela ritualidade e segredos que sugerem. As lembranças dos seus costumes revelam a mistura de técnica e mágica, e dão então desse mundo de fronteira uma nova noção inteiriça e contraditória, complexa, que não podemos entrever nos relatórios de governo que descrevem grosseiros tabaréus, vestidos de andrajos em rústicas cabanas de sapo. O conhecimento que acumularam do meio, no entanto, era grandioso: tanto pelo que aprenderam do encantamento da mata, quanto o que alcançavam em eficácia (24).

A fronteira foi ponto de encontro de costumes diferentes. É possível separar, se não as atitudes, pelo menos suas lógicas em muitas das histórias da mata, porque sempre foi possível um viés racionalista do que seria vida e produção, e um outro caminho, mágico, construído pelas colagens, no convívio dos homens com a mata.

O desencanto empreendia classificações práticas, técnicas generalizáveis para lidar com aquele meio. Eram sistemáticas e buscavam utilidades definidas. Exemplos disso estão nas histórias de migrantes chegados à mata: analisavam o que viam pela lembrança da sua terra, criavam a recursagem possível, instituíam exploração em selvas que faziam ofertas diferentes daquelas que conheciam, e que certamente por isso ofertaria outros meios de extrair. Na mata a natureza mais generosa e as peias da escassez não tolheram as ações dos pioneiros e fez-se guerra aos recursos, consumidos sem medida e restrição. As florestas remanescentes de roças foram queimadas, animais caçados sem regra, por gente despreocupada que tinha uma retaguarda de sustento garantida pela roça de tocos.

Mas, se houve esse aspecto bruto na ocupação da fronteira, houve outro mais escondido, aprendido com o convívio do povo da mata. Eles ensinaram técnicas de extração regulares e acidentais que tinham a precariedade de não suportar explorações em área contínua, nem a virtude da fatura constante que se exigia para aquela multidão que chegava. Eram práticas de escala limitada, aprendizado disperso e aplicação inteiramente assistemática; tratava-se de saberes específicos, aplicados àquele mundo de recursos particulares com capacidade de reprodução muito limitada, restrita às condições que cada indivíduo encontrava ocasionalmente na mata. Como as matas foram raleando e suas

situações junto com elas, as técnicas desencantadas, generalizáveis e universais, foram suprindo os homens daquilo que buscavam.

Num certo período os conhecimentos de índio eram carecidos, e pouca diferença havia entre ser ou não do povo da mata. Essa sabedoria de mata marcou existências reguladas pela natureza, que mediam o correr das estações pelas enchentes dos rios e frutificação das sapucaias; amparadas pelo conhecimento e generosidade do meio, faziam do suceder de "*seca e s'água*" os limites do desejo e do sustento. Adotaram as técnicas índias de recursar numa natureza já se humanizando, e daí vinha a indiferenciação, as mesmas práticas, técnicas, medos e cismas da mata, assombrando pioneiros, misturou suas histórias e identidades. Enquanto não transformou-se numa rotina linear, exposta, humana como a natureza que enfim moldou, foram confundidos todos esses caminhos e toldadas as regras do que seria uma fronteira de colonos e uma mata de índios, o que seria uma entrada e o que era, já, uma saída.

Sobraram ainda no final dos anos 1990 rastros desse mundo misturado. Pelas reminiscências é possível avaliar o que foi o aventureiro destrutivo e curioso que povoou a mata na aventura de abri-la. Essas lembranças são diluídas: é possível encontrá-las e perdê-las nas recordações desse tempo. Aparecem como superstição e mágicas tolas em rodapés de memórias, relatos de viagens e ofícios públicos; surgem fugidias nas falas de pioneiros, que as suprimiram como fizeram com as matas. São porém renitentes, perseveram quando o assunto é a mata, e na investigação sobre o que seria o imaginário desses aventureiros toma forma e corpo o indivíduo que misturava crenças, e elas surgem aos poucos como um mal secreto e necessário.

Exemplar é a história dos Joaquim Martins Fagundes, tio e sobrinho. Foram descritos em relatórios públicos dos fins do século XIX: matadores de índios, facinorosos; frei Oílavo Timmers reuniu seus desmandos; o segundo deles - o sobrinho - levou os índios à cidade de Teófilo Otoni no começo do século XX e apareceu nos jornais. Foram estudados depois por Nimuendaju, Cathoud, Marcatto e Rubinger: eram chefes de índios, venderam suas terras, viveram nas matas. No entanto espanta o descompasso entre os poderes que possuíam, o domínio que desfrutavam de índios e posseantes e a insignificância dos seus maus registros que ficaram. O sobrinho foi lembrado por uma querela em que meteu-se, reivindicando do governo uma indenização por terras, fazenda e benfeitoria que teria dado aos Machacali. Curt Nimuendaju, que certamente chegara a ter uma notícia mais próxima dele, falava de Fagundes como um homem de poucos escrúpulos.

Mas Fagundes era mais que isso: foi também mágico, possuía poderes encantatórios. As pessoas que entravam na mata faziam parte de outros espaços, ficaram distantes das normas: sumidos, pálidos nas lembranças dos outros, sujeitos a outras regras. Essa foi a recordação que ficou para a família do sertanista Joaquim Martins Fagundes, homem de estranhos hábitos, encantador de animais mansos e bravos, perdido na selva por anos a fio; nunca teve família regular nem fortuna; morreu de febres nos anos 1940, solitário, nas matas do Sul da Bahia. Sua história é recheada de casos de domesticação de bichos de mata. Chamava os animais às suas mãos e eles vinham, paralisava feras, matava animais com o olhar, encantava pessoas (25).

Esses personagens não eram raros: os primeiros capuchinhos nas matas do alto Mucuri, reprovavam os "profetas" que andavam pelas matas pregando desordens e fins de mundo a índios e posseantes. Diziam ser pessoas que aprendiam a velha sabedoria dos pajés, conhecimento dos grupos indígenas, e retiravam desse saber - e do outro, racional, sobre os regulamentos dos colonos, posses, negócios - seu poder e influência sobre índios e colonos.

Profecias e seus seguidores existiram desde o começo do século XIX, da Chapada de Minas Novas, boca de mata, até a mata do Pampã, já nos anos 1940. Pululam histórias de sebastianismo na entrada das matas: a crença que um rei de Portugal voltaria à terra para transformar o mundo em reino católico, derrotar o Anticristo, estabelecer séculos de paz. Mas esse, junto com vários outros casos, ocorreu no silêncio, do começo ao desenlace. Foram muitos os surtos místicos, como o acontecido na mata do Peçanha nos anos 1890, outro, o mais famoso de todos, do Adventismo do Catulé, em Malacacheta. Deste, ficou o testemunho: um grupo convertido ao Adventismo da Palavra começou a ver o Demônio em tudo, até o ponto de matar duas crianças. No correr dos acontecimentos teve seus líderes baleados pela polícia; moribundos, pediram para morrer com a palavra de Deus; então os outros fiéis arrancaram páginas da Bíblia e as puseram em suas bocas. Assim morreram no terreiro de suas casas, no domingo de Páscoa de 1955, no Catulé (26).

De todos, porém, certo é que ninguém sofreu tanta revolução nesse misturado de conhecimentos quanto Amadeu Martell, que encontrou seu lado obscuro na mata, e fez dele o seu caminho das pedras.

Martell trabalhou na fronteira e acabou tão envolvido por ela que seus negócios foram aos poucos perdendo importância. No começo do seu comércio fora próspero viajante, até começar a ser seduzido pelo ocultismo solto na selva que percorria. Passou a acreditar na eficácia curativa desses conhecimentos depois da provação que passara, quando tivera forte inflamação nas partes íntimas, ampliadas ao tamanho de *"uma melancia, das graúdas."*

Foi curado pelo repouso na fazenda Casa-de-Telha e o desvelo de um velho índio, que colocou-o a soprar um tubo curvo e beber calda de barbatimão e dum côco pequeno e desconhecido, temperada a jalapa e mel-de-pau; tomava diário um banho de assento duma infusão de ervas. Em pouco tempo pode voltar a montar e colocar sua tropa na estrada de Salinas. Mas a experiência, para ele, foi marcante.

Pajelanças e crenças indígenas ganharam Martell. Em algumas das suas cartas aparecem essas transgressões, que ele foi levando a limites cada vez mais audaciosos. A certa altura despejou-se para a região das Americanas, buscando a *"Lagoa Encantada"*, pois queria pedras preciosas para testar seus efeitos curativos e conseguir recursos em dinheiro para alojar nas abas da Serra do Tomba-Virou os remanescentes de vários grupos indígenas para fazer pesquisas místicas e descobertas, como acreditava, científicas. Procurando o rumo da *"Lagoa"*, terminou estreitando laços com Bela Mariana num bordel à margem do Jequitinhonha.

Os fragmentos de cartas, notas e lembranças, mostram que ele reunia a pesquisa dos conhecimentos índios com sua difusão, combinava misticismo e método: usava rigor na

pesquisa do incerto. Mapeava, segundo contava Bela, os que lidavam com ocultismo, mas nem sempre tinha discernimento para separar pajés e charlatães.

Normalmente ele saía do Recôncavo baiano para Belmonte, subia o Jequitinhonha de canoa e em 3 ou 4 dias estava no Salto; daí montava, visitava os povoados até Joaima; internava-se então Pampã abaixo até Presidente Pena, onde embarcava na estrada de ferro e pousava nas estações até Valão; montava de novo, viajava o alto Mucuri, o alto Jequitinhonha, vazava Salinas, Brumado, Feira da Santana e, finalmente, a Cidade da Bahia. Em seis meses cumpria o trajeto, duas vezes por ano ia a Santos refazer amostras. No começo, nas andanças pelo Mucuri, abastecia também leitores perdidos: o "social-democrata" do Santaninha - perto da histórica divisa dos territórios indígenas, o Itamunhec - fora seu cliente (27).

A partir dos encontros indígenas encaminhou definitivamente seus interesses e negócios para o insólito: pedras que curavam mordidas de cobra, emplastros contra sífilis e boubá, relíquias mágicas, pedaços de Santo Sudário. Depois especializou-se em levar e buscar informações, alinhar interesses de pessoas mais ou menos afins, negociar sortilégios dos moradores da Bahia, Paraguai e Paraná para as fronteiras do Pampã e Sul da Bahia. Trocou seu público bem de vida por uma clientela esotérica, aprofundou-se pelas matas contatando ocultistas, curiosos, feiticeiros diversos. Conseguiu assim uma fidelidade maior dos clientes e relativa decadência nas rendas; Martell desfez-se da antiga freguesia para tocar avante um intercâmbio entre bruxos (28).

Depois dos anos 1930, Martell transformou-se aos poucos num exótico e, por fim, num místico. Fazia encantamentos com cabelos, procurava caliandras para atrair cobras e testar feitiços, frequentava pajelanças secretas e, na sua correspondência estragada e falha que ainda foi possível consultar, faz referências às "*mágicas helvéticas*" que os remanescentes de escravos praticavam no escondido Sul da Bahia. Foi-se internando cada vez mais na zona do rio Verde Grande e, às vezes, levava Bela Mariana em excursões de busca da "*estrela da esperança*" - que fazia parte de uma história sobre Via-Láctea, terras-sem-males e viagem para Oeste - até deixar-se, de vez, ficar solitário e andrajoso nas veredas do rio São Francisco, decifrando escritos das pedras de Itacarambi, vivendo de esmolas, cabras e abóboras.

Morreu, ao que parece, em paz, no começo dos anos 1940. Poucos meses antes escrevera última carta a Bela, contando que vira um rosto "*santo*" na subida da serra em Itira, anos atrás: naquele ponto, os índios mortos e insepultos na guerra da mata haviam-lhe revelado seu destino truncado. Ele garantia que nada mais fizera que cumpri-lo, conformado e feliz.

Pouco sobrou, além desses rastros, do que fora o encantamento daquela aventura de fronteira. A posteridade não herdou essa sabedoria, tão eficaz quanto transitória, porque foi passageira a situação de fronteira, mas definitiva a guerra que os homens fizeram à mata.

## Notas ao Capítulo V Fronteiras

(1) A resposta do meio à ocupação, nas matas do Pampã, Itanhem, Mucuri e São Mateus, foi a doença. Exatamente pela insalubridade essas foram as últimas matas a serem ocupadas. Péricies Ribeiro dos Santos, saiu da Bahia e chegou ao Pampã na época. Médico, descreveu os males da mata em estilo impar. Segundo ele,

*"o excesso de índice pluviométrico aumentava a infestação verminótica dos roceiros, além das úlceras e coceiras. (...) Os posseiros que apareciam no povoado para adquirir coisas, faziam-no sob o aspecto de um mal projetado ser humano. Não traziam dinheiro, mas poaia e peles silvestres, que trocavam por alimentos e roupas. Apareciam sempre molhados, esfarrapados e tiritando de frio. Com o gole de uma bebida espirituosa, aqueciam-se facilmente, e no mesmo boteco compravam sal, munição para espingarda, iodoformio para as chagas. Não se esqueciam dos purgativos de calomelanos com jalapa, como um placebo líquido para aliviar os males provocados pelas doenças diversas. Nunca deixavam de levar um pouco de enxofre para cobrir os esqueléticos corpos contra as coceiras crônicas. Apesar de toda a miséria que carregavam, deixavam-se ficar aos sábados e domingos no povoado, em profusas libações alcoólicas, ostentando valentias e suscitando arruaças, com tiros disparados a esmo pelas ruas. (...) Porém se as moléstias lhes imobilizassem, era o caos. A própria selva gerava as doenças, como o paludismo, a bouba, a leishmaniose, etc. A primeira lhe tetanizava os músculos, e destruiu os parequimas hepático e esplênico, enquanto as duas últimas lhe enxovalhavam a pele ou as mucosas com asquerosas úlceras de abundante exudação e exalação fétida. Às vezes, multiplicavam-se no corpo, trazendo-lhes a marginalização funcional e social, e cuja incapacidade permanente para o trabalho os deprimia."*

[Santos, 1970: 137,145]

(2) Ilustram bem esta perspectiva o estudo de Torres (1968) e a pesquisa de Lopes e Gomes (1989): distribuem a população partindo de linhas comerciais e de mineração.

(3) A distribuição da população pela mata do Pampã, como nas outras, era marcada por largos intervalos, ocorrências densas e ralas de moradores. Assim aparece nos relatos dos viajantes europeus do século XIX, principalmente Saint-Hilaire, e nos relatos dos frades, principalmente frei Sabino Staphorst e frei Samuel Tetteroo. Frei Samuel descreve assim uma travessia pela mata do Pampã, em 1913, cruzando matas de Minas e Bahia:

*"Terça feira, depois da Páscoa, comecei nova viagem de desobriga. Fui até Dona Flora, no córrego de José Ferreira, daí a Antônio Epifânio no Santo Antônio da Água Branca; depois até João Apolinário, nas cabeceiras do Encerado, ou Alcobaça, ou Itanhem - primeira vez - dali até Tiburtino, no Santa Rosa, em seguida para João Gomes, na Cachoeira do Pari; depois até Firmino Magalhães, na Fazenda do Lajedo, onde benzi um cemitério, e dali para Lucindo, na barra do Norte. De Lucindo pretendia ir a Rio Negro por uma picada recentemente aberta. Mas de novo me deixei enganar quanto a distância, de modo que meu burro não quis mais ir adiante ou para trás. Na escuridão e num caminho desconhecido, fui obrigado a tirar-lhe os arreios e amarrá-lo a uma árvore, e depois fui deitar-me ao relento, só protegido por um guarda-chuva, sem ter comido ou bebido, desde as 8 horas da manhã. Meu sacristão e meu guia, que tinham ficado muito atrás, pernoitaram também debaixo de uma árvore, à distância de uma légua de mim. Durante 10 horas não tínhamos visto nenhuma casa ou rancho. Cheguei, portanto a Rio Negro a 3 de abril, pela manhã, em vez de chegar à noite do dia 2. Tinha dormido ou antes pernoitado à distância de meia légua apenas do arraial."*

[Citado em Santos, 1970:110]

(4) Álvaro da Silveira (1922) publicou muitas fotos de fronteiras da mata; os arquivos fotográficos da Secretaria de Cultura de Teófilo Otoni e uma exposição organizada por J. Nogueira Filho, desde 1990 na agência do Banco do Brasil em Carlos Chagas retrataram também a paisagem da fronteira agrícola. Saint-Hilaire seguia com método essas sucessões de paisagens. Toda a sua viagem pelo Nordeste de Minas, desde Ouro Preto até Vigia, foi observando esses círculos que o povoamento humano ia abrindo, fazendo suceder à mata sempre a abertura, e a esta a capoeira. Ele notava que em certos lugares a exaustão sobrevinha à capoeira: perto de Vila do Príncipe as pastagens tomavam o lugar das matas; encontravam-se nas estradas bosques e capoeiras, e quanto mais se aproximava de Peçanha mais bosque e menos capoeira, numa sucessão antagônica entre povoamento e densidade florestal. Ele lamentava notar que reconstituir a vegetação original seria impossível porque seu lugar era ocupado por plantas novas e mais agressivas e o estrago feito pelos homens - naquela época ainda restrito aos altos Jequitinhonha e Doce - apagava matrizes florestais que nunca mais seriam conhecidas. Os pastos africanos de gordura, a invasão de samambaias, eram as marcas mais evidentes desse extermínio florestal, resultado da pressão humana sobre a terra. O apontamento distraído do viajante retratava os rastros do uso da terra: era uma paisagem inspirada pela lavoura de mantimentos e movimento da fronteira, que marcou fortemente as zonas novas do Jequitinhonha e Mucuri por aquelas sucessões vegetais. Todas as descrições ou fotografias da fazenda, mostram as casas numa pequena clareira, em torno uma lavoura de terreiro, depois o terreno faxinando; no horizonte - limite do retrato ou da descrição - fica a capoeira, depois a mata.

(5) Sobre o conflito pela terra existe uma vasta literatura, quase toda produzida por excelentes pesquisadores: Castaldi (1957), Tetteroo (1919), Martins (1981), entre outros. Existiram muitas formas de apropriação, variando por zona e tempo, e a fronteira se deslocava quase sempre aos saltos, deixando grandes espaços desocupados entre uma e outra ocupação. De modo que ocorreu em bases diferentes a montagem da fazenda, dependeu de quando ela se instalou. É um engano, por exemplo, acreditar que a grilagem foi um fenômeno antigo no Nordeste de Minas: pelo contrário, a mais bruta tomada de terras foi aquela dos anos 1970 e 1980, feita pelas empresas reflorestadoras do alto Jequitinhonha e pelas agroindústrias do baixo Mucuri. Nesse sentido, não caminhamos para a civilidade e a acomodação social e fundiária, mas para o conflito mais duro e triste, que não serviu para construir a fartura de agregados, mas para enterrar sob os reflorestamentos toda a memória de usos de terra, para criar miseráveis e loucos que perambulam perdidos naqueles eucaliptais da Bahia. As perdas de posse em terras de capoeiras aparecem nos depoimentos orais de Moisés Gonçalves, Jason e Zulmira de Souza, Diniz V. de A. Coutinho, José Currealinho, Arnaldo Ferreira, Natalino Martins, Durval Barbosa e Antônio Bispo de Portugal comentam estas perdas em Ribeiro (1996). Santos (1970) e Tetteroo (1919 e 1922) encontraram na origem de quase todas as vilas da mata do Mucuri uma capoeira aberta e depois comprada.

(6) Malacacheta, conforme diz a tradição, nasceu de um cortejo fúnebre de posseiros que levava uma mulher: como ela pesava demais e o cemitério mais próximo ficava em Setubinha, a 30 quilômetros, resolveram enterrá-la ali no córrego Tomazinho. Depois, o índio Domingo, dono do lugar, doou a terra para construção de uma capela e cemitério; ver sobre isto Raslan (s.d.). Do mesmo modo Itaipé, que segundo frei Samuel fora uma venda construída perto de algumas posses; daí veio a capela, da capela o arruado. E, o caso mais curioso de Sete Posses, surgida da disputa por divisas entre posseantes que ocupavam aquelas terras: depois de corridos anos de briga um padre conseguiu apaziguar os litigantes e acertar as extremas; daí o lugar passou a chamar-se Concórdia. Do meio para o fim do século XIX toda aquela mata do Mucuri, fora de todas as rotas de comércio dá uma idéia de movimento intenso de população. Os documentos das paróquias, que parece, tiveram como solitário pesquisador frei Olavo Timmers, entre os anos 1940 e 1970, revelam isso com clareza: é possível seguir deslocamentos grupais de linhagens camponesas desde o alto

Jequitinhonha até o baixo Mucuri entre os anos 1810 e 1990. Famílias inteiras - como os Pêgos: predadores de índios, empreiteiros de derrubada, sitiantes, fazendeiros fracos, matadores de índios, agregados, vaqueiros, bodegueiros - no correr desses dois séculos saíram do Jequitinhonha para a mata. Sobre o trajeto de famílias migrantes, ver Tetteroo (1919 e 1922), Pereira (1969), Timmers (1969 ms); ver também os depoimentos reunidos em Ribeiro (1996), principalmente José Zeca Ribeiro de Figueiredo, Durval Barbosa e Natalino Martins.

(7) Sobre deslocamentos de população, além dos autores citados na nota acima, ver Duarte (1972 e 1976), Nogueira Filho (1989), Ferreira (1934). Os depoimentos orais dos baianos Jason e Zulmira de Souza explicaram também bastante do trajeto e seus percalços.

(8) Sobre o andamento da fronteira ver principalmente Tetteroo (1922) e Sthaphorst (1985). Ver também, sobre a mata, Duarte (1972), Marcatto (1980). Sobre a comunidade afro-brasileira de Helvécia ver Timmers (1969 ms).

(9) No Sul da Bahia conta-se que, antigamente, os primeiros habitantes acreditavam que a mula de frei Júlio Berthen era milagreira, capaz de "obrar" milagres. Vinha daí o costume de recolher os óbolos das mulas dos franciscanos, para esfregar em tinas e panos, catitas e perebas: as fezes dos animais eram santificadas pela proximidade com os piedosos assentos. Este costume foi-me relatado nos depoimentos de pesquisa de campo, tanto por Arnaldo Ferreira, quanto por Adelino Pereira, um do baixo, outro do alto Pampã.

(10) As viagens da Bahia para Minas, suas motivações, alternativas e problemas estão descritas em depoimento impresso de José Zeca Figueiredo (Ribeiro, 1996); aparecem também nos depoimentos, tomados em pesquisa de campo, de Arnaldo Ferreira, Bemvinda Ribeiro, Diniz V. de A. Coutinho, Durval Barbosa, Geraldo Figueiredo, Jason e Zulmira de Souza, José Currálinho, Moisés Gonçalves, entre outros.

(11) O povoamento do Pampã foi historiado por Santos (1970) e Tetteroo (1922). A descrição da viagem de Murta está em Ribeiro (1996).

(12) Nogueira conta a história do imigrante croata que era empreiteiro da Estrada de Ferro Bahia e Minas: *"Quando João Tomich trabalhava no trecho de Aimorezinho a Mayrink, chegou ao local Catarina Iskra, sua esposa austríaca, uns dois anos após ele ter chegado ao Brasil. Na oportunidade ele falou em seu idioma sobre uma nativa, definindo-a como serviçal, e para a segunda, arranhou o português e apresentou Catarina como sua irmã."*

[Nogueira Filho, 1989: 29]

(13) Sobre Guindô ver Ribeiro (1996); a história de Maricota Ottoni foi coletada em entrevista com Bemvinda Ribeiro, julho 1994.

(14) A escolha entre fronteira e São Paulo apareceu nos depoimentos orais de Moisés Gonçalves e Jason de Souza. Ver também Castaldi (1957), que analisa a viagem a São Paulo como um dos elementos fundamentais dos acontecimentos de Malacacheta em 1955.

(15) Entre os bens mais valorizados estavam os cães: nas suas memórias a Mestra Guindô (Ribeiro, 1996) faz muitas referências aos cães de guarda na sua casa nas *"famosas matas do Sequeiro Grande"*, perto de Belmonte. Quando seu pai foi morto a família enterrou ao lado o

*"o seu fiel defensor e amigo: o inesquecível cão Estrangeiro, de cor vinagre, quatro olhos."*

(16) Essa memória da transgressão aparece em cartas, livros, artigos de jornais e lembranças, principalmente sob a forma de distância, posta a princípio como lonjura, distância física. Depois salta a evidência da distância política entre a norma e o anormal, o estabelecido e o transgressivo. Essa impressão de fronteira aparece nos artigos de *O Mucuri*, nas histórias franciscanas e nas lembranças que os moradores guardam do que era o Pampã e São Mateus. Ver Sthaphorst (1985); ver artigos de *O Mucuri* sobre índios,

especialmente os números de 20 agosto 1905 e 27 abril 1929; ver também Paternostro (1937) e Ferreira (1934) nas suas notas sobre Pampã e São Mateus.

(17) Em seu livro Santos narrou uma disputa familiar ocorrida na época aventureira de fronteira: uma briga entre as famílias dos Ruas e de João Gringo, terminou com a encomenda pela mulher do Gringo da eliminação dos adversários, incumbindo disso um certo Madorna e seu filho, que mataram o chefe dos Ruas e um vaqueiro. Segundo Santos, quando chegaram para prestar conta do crime e reclamar seu pagamento à patroa, ela disse:

*"Recebe-lo-a em dobro, Madorna. Mas antes atender-me-a a desejos incoercíveis que me ardem a alma. Inicialmente foi nosso contrato ajustado para as duas mortes, mas não bastam para reparar a ofensa recebida, e..."*

*-Que procura insinuar com estas reticências maquiavélicas, Dona Maria?*

*-Você, Madorna, já está comprometido no crime comigo. Exijo sua participação integral para se cumprirem os meus desígnios. Volte imediatamente com os seus dois filhos e extermine o resto da família. Não poupe nem a criancinha de mama. Faça o silêncio sepulcral envolver a grei desprezível dos Ruas..."*

[Santos, 1970: 122]

O pistoleiro matou mulher e criança; os Ruas capturaram os matadores e os assassinaram na mata; amarraram a Dona Maria, levaram-na presa em uma sela de pregos,

*"onde se acomodaram as grossas ilhargas da vítima",*

e depois, na cova da família morta por ordem dela, cortaram seus seios:

*"O sangue descendo pelo seu robusto corpo de mulher, dá-lhe o aspecto de mártir. À uma última pergunta, se estava arrependida do que fizera, a resposta ainda soprava resolutamente das comissuras dos lábios deformados (...)."*

[Santos, 1970: 122]

Santos encontrou muita informação sobre a violência. Coletou sistematicamente casos de doenças e crimes, como o de Nouro Guedes, um valentão casado com uma viúva, que

*"mourejava dias e noites seguidos nos vis conluícos com as meretrizes, entorpecido pelas profusas ingestões de álcool. Não lhe importava mais o lar, onde Dona Teonília sofria as dores amargas da opressão e a dilapidação dos bens deixados pelo primeiro esposo. Não visitava mais a sua alcova, se invectivando com as efêmeras recamaras dos prostíbulos."*

[Santos, 1970: 225]

Em algumas dessas disputas o fundamento era o mando local. Otelino Sol narrou algumas das desventuras da política, como no caso da briga política de Palestina, quando Clemente Dingo assassinou José Pereira, e passou a ser o homem forte do lugar:

*"Justino Silva, cidadão pacífico e honrado, a quem a cidade muito deve, aplacou a ira de Clemente Dingo, oferecendo-lhe duzentos mil-réis, um porco gordo e algumas arrobas de fumo, comprando, assim, a paz para Palestina."*

[Sol, 1981: 86]

(18) Embora possa parecer apenas embate dos homens com o meio, a doença que atingiu alsacianos e índios foi possibilitada pelo seu confinamento compulsório; Vogel, foi martirizado pela doença que atingiu sua família, mas, principalmente, pelo preconceito e conseqüente isolamento que atingiu a ele e sua futura esposa. Ver, para cada um desses citados: Avé-Lallemant (1980), Ottoni (1858), Timmers (1969 ms), Ferreira (1934), Palazzolo (1973), Tetteroo (1922), Rothe (1956), Santos (1970).

(19) Antônio Bispo de Portugel, depoimento de junho de 1994, reproduzido parcialmente em Ribeiro (1996).

(20) Estas referências são frequentes em depoimentos e histórias familiares do Mucuri e Jequitinhonha: os dois depoimentos citados são de Anuar "Doca" Ganen e João Gomes de Souza, nesta ordem.

(21) Sobre compras de índias e índios ver Ottoni (1858), Timmers (1969 ms), Ferreira (1934) e Avé-Lallemant (1980, especialmente páginas 243/4). Sobre o "sumiço" dos índios há uma história exemplar: Dionísio Xavier, sitiante, neto do professor índio Domingos Pacó, contava-me, em entrevista, que sua avó era brasileira. Batizada, casada, pôs os filhos na escola. Quando, porém, era perturbada por qualquer miudeza, subia numa árvore e ficava dias e dias sem comer e conversar, resmungando na "língua". Ai, dizia ele, *"ela tornava virar bugra"*. A memória indígena de até quatro gerações passadas ainda costuma estar viva na lembrança dos descendentes, de modo que as histórias contadas por pessoas de 70 e mais anos facilmente toca na metade do século XIX, quando provocada no final dos anos 1990. O problema aí é interpretar, pois essa memória aparece travada por códigos que precisam ser deslindados. Viuvez, seca, herança, mudança e morte - as rupturas - carecem ser analisadas com especial cuidado, pois, justamente elas, que o narrador não pode omitir ou alterar, permitem encontrar as chaves mais ajustadas para entrar nas relações desse mundo em que essa memória se movimenta. Detetados, repostos no enredo da fala, esses pontos de saída e rompimento iluminam toda a memória, com um novo sentido. Por exemplo: viuvez pode implicar abandono de terreno e doação de filhos; seca traduz-se muitas vezes por herança de um único filho; herança repartida pode significar família pioneira e abonada.

(22) Esses chineses, moradores do Mucuri, como os índios, foram refugio de colonização. Discutindo a colonização em Minas e a iminência da cessação do tráfico Ribeyrolles apresentava sobre chineses uma opinião muito negativa, semelhante à de Teófilo Benedito Ottoni, que em seu Relatório diz:

*"Nunca considere os chins como colonos, sim como máquinas."*

[Ottoni, 1857: 13]

Os chineses eram muito caprichosos; de acordo com Wied, que os encontrara em Alcobaca, Bahia: usavam delicados cortinados que contrastavam com o barraco miserável, utilizavam pauzinhos para comer e vendiam porcelanas chinesas e leques, que traziam na mala. Ottoni levava para o Mucuri esses colonos importados pelo Ministério do Interior, mas de acordo com Avé-Lallemant eram tratados de modo muito duro:

*"O que fazem esses chineses hoje? - perguntou o Dr. Ernesto ao português [o feitor]. E ele respondeu, com toda a franqueza, que só trabalhavam bem quando os sovavam bastante (...). Prosseguimos viagem e, depois de uma boa hora, deparamos com longa fila de chineses, guiados por um feitor munido dum cacete, que, depois do descanso do meio-dia iam continuar o trabalho iniciado pelos negros. (...) Poderiam ter 50 a 60 chineses, na maioria moços, fortes, de menos de 30 anos e bem parecidos. (...) Todos tinham enrolado o comprido rabicho em volta da cabeça, como fazem as mulheres (...) Era uma nação que permaneceu na juventude do seu desenvolvimento e mumificou-se nela."*

[Avé-Lallemant, 1980: 183]

Sua revolta degenerou em brigas, com o ferimento de um deles. Sobre eles consultar ainda Ferreira (1934) e Timmers (1969, ms)

(23) Teófilo Benedito Ottoni nos seus relatórios refere-se ao Capitão índio Timóteo, de mãos escalavradas por plantar sem dispôr de ferramentas; usava dentes de porcos do mato. Marlière debateu-se com "soldados" que usavam as armas do governo em seu próprio benefício. Uma análise cuidadosa do uso que os índios fizeram dos recursos técnicos de colonos revelaria um novo sentido da aculturação que houve nas fronteiras.

(24) Durval Barbosa, do Pavão, dizia que os benzedores eram o recurso frequente e eficaz dos moradores da mata. Mestra Guindô nas suas memórias e os viajantes europeus falaram do mesmo tema. Existia uma série

de tratamentos que usavam beberragens, raízes e emplastos, mas também as simpatias eficientes: desde soprar garrafas para afastar ventanias, até revirar pedras no rastro para encontrar gado fugido. Mestra Guindô louvava as qualidades de Madrinha Tereza,

*"que era boa rezadeira, não só de estancação, mas também de quebranto, de carne-quebrada, tempestade, incêndio e até mordedura de cobra venenosa."*

[Ribeiro, 1996: 185]

(25) A história pessoal de Fagundes é conhecida em Joáima, sua terra natal; foi recolhida junto a seus parentes. A nação Machacali seguia-o fielmente; depois de sua morte assassinaram o chefe indígena mais ligado a ele. Ver Marcatto (1980), Nimuendaju (1982) e CEDEFES (1987).

(26) Relatos de sebastianismos estão em Spix e Martius (1938) e Timmers (1969 ms). Os "profetas" da mata aparecem em relatórios de governo e policia transcritos por frei Olavo Timmers (1969, ms). São citados também nas cartas de Marlière e nos artigos do jornal *O Serro* dos anos 1890. As profecias apocalípticas são contadas por pioneiros, por exemplo, depoimentos de Arnaldo Ferreira, Afrânio B. Lima, Anuar Ganen, entre outros; já o caso do Catulé foi estudado por Castaldi (1957).

(27) Os roteiros de viagem de Martell aparecem fragmentados em sua correspondência e notas: alguns depoimentos, também, ajudaram a refazer os trajetos. Com pequenas variações eram roteiros de muitos viajantes. Quando jovem, ele tivera entre os seus negócios o comércio de livros e espalhara-os, muitos, entre os poucos consumidores que existiam na mata em começos do século XX. Nos anos 1930 Godofredo Ferreira e Carlos Campagnani conseguiram salvar alguns dos produtos daquele comércio, entre eles os *Princípios de Economia Política*, de David Ricardo, em inglês, e um curioso *Ensaio sobre a injustiça da riqueza*, em francês, autor ignorado. Durante os primeiros 20 anos do século XX seus interesses eram terrenos, do tipo economia política, geografia e outras áreas, além do trivial comércio de armarinhos. A história do "social-democrata" aparece em Rothe (1957) e Ferreira (1934); outras informações sobre o assunto foram conseguidas em entrevistas com Nelson Figueiredo, frei Helano van Koppen e Otelino Sol, em 1994.

(28) As pedras que combatem veneno de cobra são citadas por vários autores. O mais extenso e explícito é Álvaro da Silveira. De acordo com ele, elas possuem poder quase milagroso e não há caso em que tenham falhado; têm 2 centímetros de comprimento, 1 de largura, 3mm de espessura. Basta encostá-la à mordida da cobra que ela se agarra à pele e o doente começa a melhorar. Ela fica 24 horas no lugar da ofensa, então se desprende, e se a colocarem não mais adere à ferida. Deve ser posta em leite de vaca por meia hora, para deixar ali o veneno. O leite muda de cor; depois disso ela está de novo em condição de uso. Diz ele que *"a ciência dos selvagens está em alguns pontos muito mais adiantada que a civilização."*

[Silveira, 1922: 599]

O preparo das pedras é feito assim:

*"Corta-se a parte maciça do chifre do veado em pedaços do tamanho desejado, contanto que fique uma parte plana que deve ser aplicada à mordedura. Prepara-se então uma bola de barro virgem amassada com leite de vaca; feito isso introduz-se na referida bola um dos pedaços do chifre e leva-se ao fogo até ficar vermelho o barro; tendo-se o cuidado de não deixar o pedaço de chifre ficar carbonizado. Depois disso está a "pedra" com a propriedade antiofídica."*

[Silveira, 1922:605]

Silveira cita uma série de cartas que recebeu confirmando o poder curativo da pedra. Um arcebispo da Bahia publicou num jornal eclesástico a receita nos anos 1860, daí ela generalizou-se pelo Nordeste, com pequenas variações de uso de chifre e de tipos e modos de barro. Diz ele também que os Caiapó, em São Paulo, conheciam a pedra e não apartavam-se dela.



Casa de Sede. currais. galpões. pomar, terreiro e pastagens da fazenda Ypiranga. em Joaima.  
que foi do boiadeiro Theopompo Almeida. Foto de 1994

## *Parte III Fazendas*

## Capítulo VI Casa de Sede

### 1. Planta baixa

A casa de sede da fazenda Sobrado, no Gravatá de Novo Cruzeiro, fica ao pé de um morro, aproveitando a água tirada de um córrego. Na frente, repartindo seu terreiro, há um curral com todos os equipamentos: barracão, bezerreiro, pátios de apartação e tronco. Do lado esquerdo fica o engenho de cana e alambique que produz a afamada pinga "Salva-vida", e depois tem a horta, que usa também a água tirada; à direita ficam pomar, moinho de pedra e monjolo de gangorra. Bem ao lado da casa o chiqueiro, o paiol grande de cereais e, nos fundos, uma área de roça e galinheiro. Leite, ovos, rapadura, melado, açúcar, cachaça, verduras, frutas, farinhas, goma, canjica, carnes e mantimentos: tudo é produzido ou beneficiado num raio que pode ter cem metros na maior distância da casa.

É uma estrutura de produção e consumo dominada pela casa e organizada em função dela. A própria casa é, por sua vez, um caso à parte: feita de adobe, com pé direito muito alto e quartos encadeados como labirinto, porque nem todos abrem-se para seu corpo, mas para alpendres internos, outros quartos, para fora da casa. As cozinhas são duas, equipadas com seus fogões e tralhas, têm fornos num pátio interno fechado que é área de serviço e lavanderia.

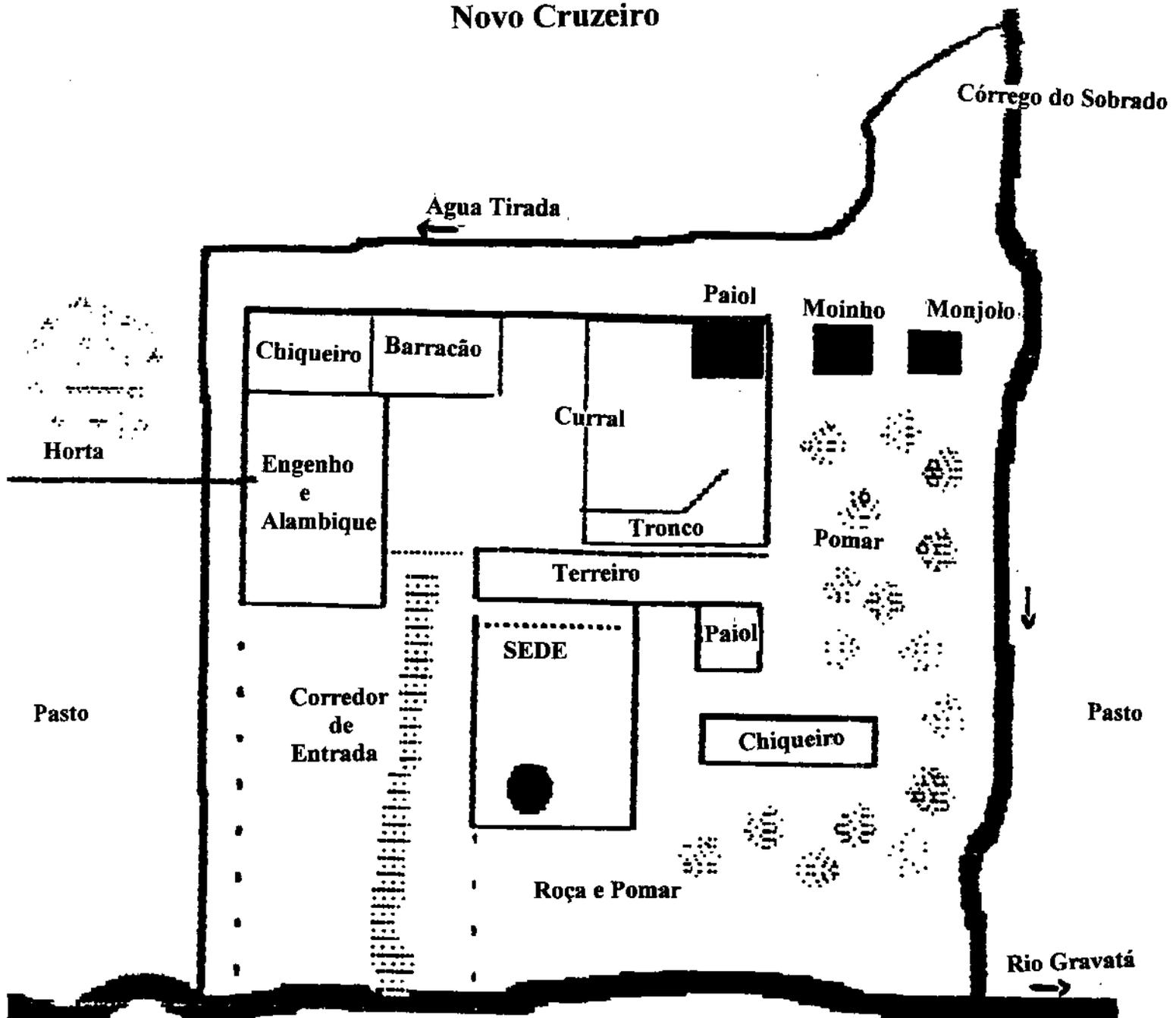
Quando a casa está em pleno funcionamento ainda nos anos 1990 a inutilidade de tantos espaços é uma pergunta sobre o passado: o que caberia naqueles cômodos tão intrincados, quais usos teriam aqueles quartos, cozinhas e maquinários?

O visitante de final do século XX tem a impressão de estar frente a um problema de solução arquitetônica. Mas o que parece estorvo de concepção é só diferença, história, cultura, exposição do que casa demandava para combinar o doméstico e o produtivo. Ela foi montada para consumir trabalho em quantidades; irradia um comando sobre o trabalho, domina também aqueles que não estão diretamente envolvidos pelo seu trabalho. O estranhamento revela as diferenças ocultas sob a aparência de incompatibilidade de organização dos espaços, e um sistema inteiro desaparece atrás de conceitos simples e a-históricos como família, terra e trabalho. A dificuldade contemporânea para entender a distribuição do espaço dentro e em torno da casa de sede revela a diferença entre a organização rural estritamente produtiva moderna e a complexa organização de forças e símbolos que foi a fazenda até meados do século XX. Observar nesta e noutras casas de sede usos dos espaços e recursos é um bom meio de entender seu poder, porque a distribuição do espaço físico revela muito daquela sociedade. Raramente porém é examinado nos estudos de história e sociedade, geralmente acaba relegado às dimensões rotineiras - como as roupas, técnicas, crenças, dietas - cujos sentidos originais desaparecem passado algum tempo (1).

A decomposta majestade das casas - Sobrado, Córrego Seco, Borá e Lagoa - são documentos para entender a cultura de lavouras e engenhos do Gravatá; as sedes de Santana do Poço, Ypiranga e Currais mostram as tramas da sociedade fazendeira do baixo

# FAZENDA SOBRADO

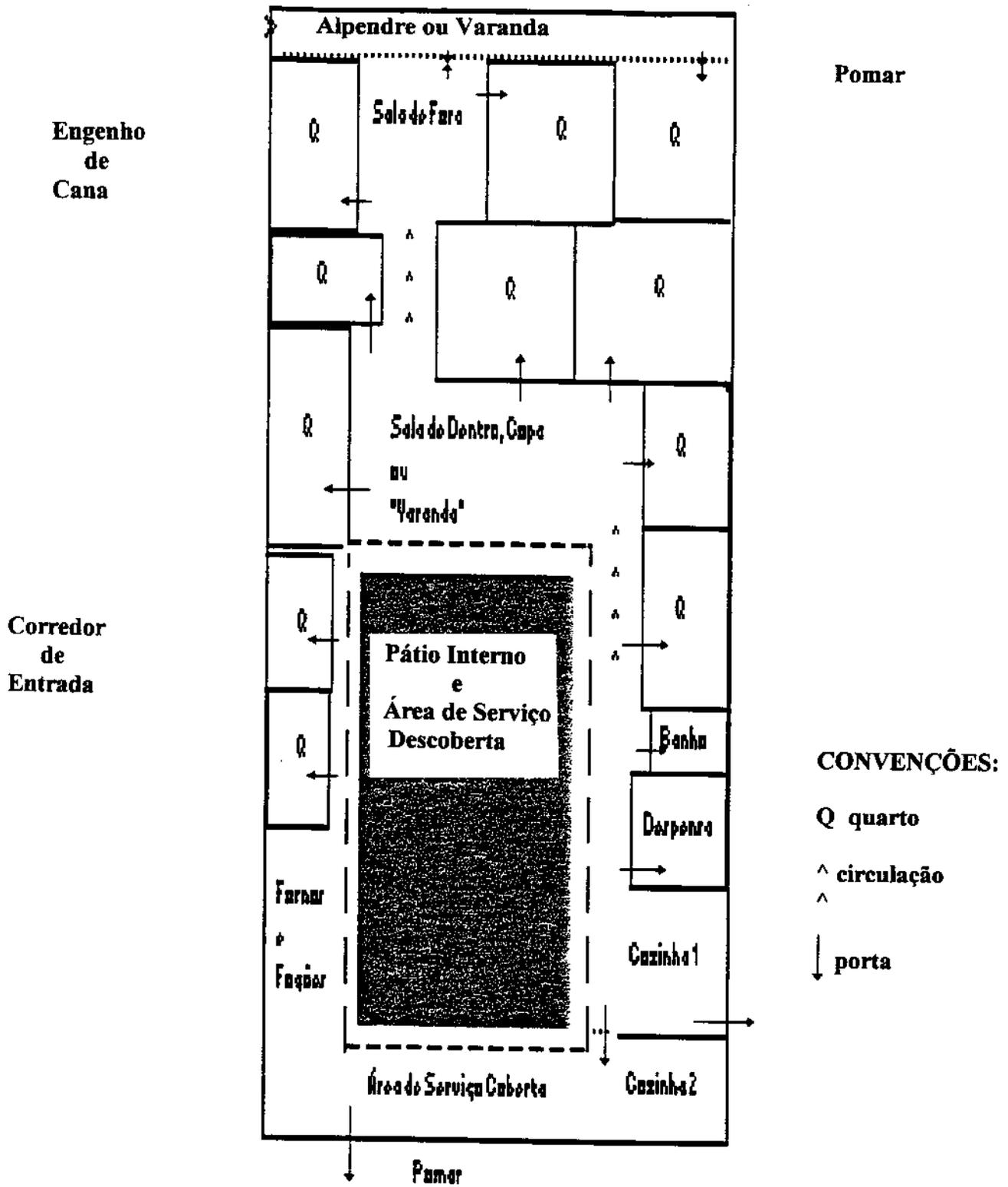
Novo Cruzeiro



# FAZENDA SOBRADO

## Novo Cruzeiro

Terreiro



Jequitinhonha, Boa Sorte, Mandaçaia e as ruínas da Tinguá contam a história do povoamento, partição e êxodo que marcam o alto Jequitinhonha.

Essas casas sem tamanho, com espaços repartidos e delimitados cada qual com uma função e governo particulares, eram formadas por espaços funcionais. Salas e quartos encadeados mostram lógicas diferentes de uso do espaço mas também as outras normas que regulavam a fazenda, seus outros poderes: uma sede como aquela do Sobrado retrata o autoabastecimento e relata os mistérios de sistemas que só deixaram fragmentos.

Os equipamentos de produção foram montados para consumir grandes quantidades de força de trabalho: muitos serviços para fazer roças e colheitas, dispêndios absurdos de trabalho para sustentar aquele consumo, que resultava sempre em magro excedente mercantil, porque quase toda atividade era endógena e o giro comercial mínimo. Quando desabou o sistema de controle da força de trabalho, por pareceram modestas as vantagens relativas que a terra poderia oferecer, e limitado o poder de sedução sobre a clientela cativa, sua queda foi completa. Sem aquele estoque domesticado de trabalhadores que foi seu e depois tornou-se de todos, quando fluiu aos poucos dos dedos do fazendeiro ou de herdeiros, ficou inútil quase todo aquele equipamento. Por isso poucas fazendas conseguiram enfrentar a adversidade do desagregação, e terão razão os velhos fazendeiros ao dizer que mais perderam eles que os agregados, que saindo do seu jugo ganharam o mundo.

As tulhas, galpões, os equipamentos de produção de mantimentos colados à casa - no quintal, chiqueiro, na roça, no estoque de mão de obra sujigada - eram parte de uma fazenda concebida para bastar-se a si mesma. Por isso a questão da história fazendeira é entender esse sistema, mais que perseguir suas rotas de comércio, frágeis e vasqueiras pelo menos até o meio do século XX. Foi por esse caminho tortuoso que parte da historiografia enveredou, rastreando riqueza no que foi apenas patrimônio, mercadorias quando existiram apenas produtos, e procurando fausto onde só chegou a haver abundância. A casa e seu complexo produtivo são os melhores testemunhos da modéstia fazendeira da primeira metade do século XX, que dispunha sua vasta clientela em obrigações e conseguia uma estabilidade facilmente confundida com progresso. Só que fartura pouco tem a ver com a concepção de riqueza rural existente nos fins do século XX, e menos ainda com a forma como fazendeiros são descritos nos estudos que em geral têm o imaginoso costume de colar neles uma concepção urbana de fausto, mercadoria e riqueza.

A casa de sede era geralmente a parte mais importante desse sistema, combinação de poder, família e trabalho. Ao contrário das empresas rurais especializadas, nas quais curral ou secadora de grãos são proeminentes para exibir a riqueza, na fazenda a casa foi uma construção para ser vista e carregar a carga simbólica que emanava desse poder exigente e habilidoso. Por isso sempre ficavam em vertentes, dominando campos e casas anexas, marcando seu campo de controle dos homens e coisas. Ela reuniu poder e produção, que depois vieram a ser separados.

Era grande a carga de símbolos e complexa a ritualidade praticada no cotidiano da casa: os beija-mãos, trocas de presentes, homenagens e deferências. Mas eram honrarias em ambientes modestos, e até nos anos 1990 ainda é possível encontrar essa economia de interior, principalmente nas sedes de fazendas do baixo Jequitinhonha e do Mucuri. Não havia nessas casas de sede nada daquelas "*galas e louçanias*" que faziam a casa paulista

parecer *"um recanto da corte européia transplantada para o meio da selvageria americana"* (2).

Existia era muita simplicidade na despesa com móveis, rusticidade nos interiores e nenhuma das formas urbanas de conforto. Bancos imensos, quartos singelos, baús, é o que se encontra nas descrições e nas lembranças. Casas simples, arrumadas na justa conta para suportar aquele acúmulo de pessoas e relações, com todo seu cortejo de fartura, respeito e poder, que não possui mais termo de comparação no meio rural.

São casas de interior despojado como na Boa Sorte, que o tempo conservou: uma sede sombria, chão de terra. Na sala tem uma mesa de canto com bacia esmaltada, toalha de renda e espelho, uma mesa de ipê travada sem pregos, dois bancos grandes e pesados, todos os portais de aroeira, portas de sucupira ou monjolo, janelas grandes e quartos escuros. Na cozinha de dentro há um fogão de barro firmado em sucupira, como é o costume antigo. A casa é alta, fechada, vistosa, com puxadas para todo lado, mais quartos de tralha nos fundos. Mas o que impressiona nela, mais que a distribuição do espaço, é o ar majestoso e imponente. Da soleira da casa domina-se o rio Jequitinhonha, mais estrada, curral, engenho, alambique, vizinhança. Ela foi feita para ver e ser vista. De baixo, na entrada, é imposta ao visitante pelo aterro e posição das benfeitorias que estão sempre acima de quem chega. Ao escalar os degraus da chegada - pomar, alambique, varanda de engenho, curral e alpendre - para alcançar seu nível, ela exhibe seu poder de produção mas nem aí se mostra, pelo contrário, oculta-se em corredores tortos cujo final a vista nunca alcança, esconde-se em quartos-de-sala que encerram-se em outros, em alcovas. Os batentes são tão arejados que eliminam em quem visita qualquer sensação de privacidade, e a casa revela o quanto é pública e vasta, como o mundo da fazenda, que foi, em outros tempos, o mundo do poder.

Cada um desses espaços da casa tinha um uso e governo. Era uma arte de fazendeiro distribuir quem o visitava por umas peças, e segregar por outras. A imponência era mantida também pelos acessos, porque não era luxo interno que impressionava nessas casas. Toda a grandiosidade estava mesmo no uso do espaço da casa e na distribuição dos corpos por ele. A parte de acesso mais restrito aos homens, por exemplo, eram as cozinhas: imensas, com dois ou até três fogões, quando não era o caso de haver duas cozinhas e no pátio interno mais outro tanto de fomalhas, fornos e fogões auxiliares (3). As salas - de entrada regrada - quartos de família e de hóspedes, que dividiam-se entre os de casa, que ficavam no seu corpo, e os estranhos ou tropeiros, que explicam aquela falsa regalia ou próxima estranheza de serem colocados no quarto da casa de sede que não se comunicava com ela.

As despensas eram a síntese da casa: abastecidas pelos homens, geridas pelas mulheres, tinham enorme importância em todas as casas, memórias e lembranças. Joaquim de Salles descreveu a vasta despensa da sua avó no Serro, sempre abarrotada pelos filhos e parentes. Santos Filho contou que na disputa sustentada contra sua família por herança, a maior reclamação de Auta Rosa era a despensa vazia, ou enchida com alto preço e má qualidade (4). No Córrego Seco a despensa fica entre a sala-de-fora, ou de visitas, e a sala-de-dentro, ou de jantar: uma tulha imensa. Eram principalmente despensas ubíquas que prolongavam-se da casa para pomar, engenho, moinho e chiqueiro, estavam ao mesmo tempo dentro e no contorno das casas, na roça e nos equipamentos de beneficiamento ali dispostos: casa e comida muito associadas, um poder construído a partir dos alimentos.

## 2. *Pessoas de casa*

A fazenda e o fazendeiro sempre se apropriaram das posições de destaque e influência nos espaços onde existiram. Parte do seu poder foi baseado na distribuição física que elaboraram, no modo como organizaram o uso dos espaços, bens e alimentos, na forma como expuseram-se para o mando: a varanda ou o portal da casa de sede, a cancela e as casas de currais, na própria locação das casas de sede. Foi um poder construído com método sobre corpos e espaços. O fazendeiro do Nordeste de Minas sempre lidou com pessoas a partir de uma posição destacada e muitos dos viajantes comerciais do século XX mostraram a maneira como eram recebidos e tratados. Os representantes comerciais anotaram as diferenças e em suas cartas e diários narram os procedimentos classificatórios, a apartação de pessoas, lisonjas e limites que mesmo os mais modestos fazendeiros organizavam em suas casas.

Gilberto Freyre, em *Nordeste*, disse que o cavalo foi o símbolo do poder do senhor de engenho nordestino, que completava e impunha sua figura. Nelson de Faria, em *Tiziu*, mostrou a ordem dos espaços e poder de uma casa: regida por Dona Sinhá, a vida da casa acontecia a partir das orientações que ela dava. As posições eram definidas pelos direitos de entrada de cada um, e somente o gerente e o carreiro, pessoas de confiança da dona, passavam da sala-de-fora; Tiziu, o menino órfão recolhido pela cozinheira, era criado nos fundos pela mulherada da cozinha e serviços.

Era um poder emanado da casa, dos objetos e da pessoa, um querer mandar e ser obedecido que valia da cerca de divisa aos quatinhos de despejo. Com esses símbolos o poder fazendeiro comandou agregados, terras e manifestou-se de tantos modos; com uma potência que depois tornou-se inconcebível. Fazendeiros souberam utilizar os bens como símbolos, talvez melhor que a maneira que os usaram como recursos (5).

Para manter uma casa de sede ataviada para os serviços era necessário um batalhão de trabalhadores, e as sedes foram criatórios de pessoas para sua própria serventia, que não agregavam-se apenas às terras, mas também às casas.

As fazendas lembradas e descritas, ocupavam um pessoal que ela mesma criava: cercada de casas de agregados, armazéns, farinheira e engenho, era um complexo rural, como se diria depois. Casas de sede consumiam grandes grupos de gente solteira - homens e mulheres - que careciam ser sempre renovados, substituídos por gente mais moça. Era costume criar filhos dos outros: uma reprodução familiar por empréstimo, que grande parte das vezes terminava também num uso produtivo e sexual, serralho para fazendeiros, familiares e vaqueiros. A tolerância discreta e moral complacente permitiam essa apropriação de corpos em muitos sentidos, principalmente corpos de moças para trabalho e prazer. Havia constantemente uma cessão de crianças que desonerava as famílias agregadas de consumidores em idade pouco produtiva e fornecia a casa de sede mão de obra para serviços miúdos. Isto permitia também formar uma força de trabalho qualificada de cozinheiras ou vaqueiros, cuja maior característica era a fidelidade à casa e àquela ampla

relação que chamava-se "família", da qual se tornava parte e carregava consigo a ligação mesmo muito tempo depois de destruídas todas aquelas mutualidades.

Foi comum a famílias de agregados em todo baixo Jequitinhonha e Mucuri ficarem por duas, três ou até quatro gerações ligadas a uma casa de sede. Em muitas delas gerações de fazendeiros e agregados viveram juntas, misturaram bens e destinos, trabalharam décadas, criaram seus gados no "bolo", mantêm laços estreitos com uma mesma terra. Mas essa ocupação em casa de sede era só raramente uma ocupação de assalariados. Nas anotações da Mestra Guindô: *"Hoje 17 de julho de 1930, entrou Maria Soares para o serviço de nossa casa ganhando por mês 10\$000."* [Contas Correntes da Fazenda Gameleira, ms]

Maria Soares durante um ano e meio recebeu apenas mercadorias; em vez de dinheiro, um vestido, sapato, meia peça de americano, três metros de voile, três metros de riscado, linha, um purgante. Em todo seu tempo de serviço recebeu três pequeninos pagamentos em dinheiro. O serviço doméstico era ainda nada formalizado, menos ainda que os serviços prestados por agregados e camaradas. Pelo que transpira dos depoimentos e controles de acertos de contas, na casa eram mais íntimas as tarefas, mais complexas as trocas, mais estreita a dependência recíproca, mais frequentes os castigos físicos e entrando nas relações da casa de sede o trabalhador apartava-se do mundo dos agregados que ficava depois do terreiro.

Uma grande parte do pessoal da sede era empregado na cozinha, mas preparar alimentos foi só uma parte da sua serventia. Além de servir comida em larga escala para a variedade de camaradas que ficava em serviços de lavoura, pasto e casa, ela era um espaço que explicava-se por si mesmo: o lugar das mulheres e do poder restrito dos homens. Nas memórias de fazendas nota-se a quantidade de pessoas que povoava uma cozinha e uma casa e então, ao mesmo tempo, fica claro porque se demandava tanta comida e fogões, e porque carecia tão pouco de móveis, pois a casa de sede era decorada e usufruída por seu próprio povo, de origem e emprego variado. As cozinhas eras ocupadas por fogões, tachos, cestos, providências, mas também por afilhadas, agregadas, bobos, "bundeiros" - como se dizia em Carlos Chagas, ou "capataz" no Gravatá, do trabalhador já idoso, solteiro e encostado que faz uns restos de serviço masculino em fundo de cozinha - comadres, doidos, filhos de criação, meninas aprendizes, meninos de colo, meninos de recado, meninos de serviços, parentas em visitas, parturientes e perrengues. A cozinha era um lugar de cultura própria pela quantidade e intensidade das notícias que criava e espalhava, pelas técnicas de beneficiamento que produzia, pelas interdições e, principalmente nas enormes cozinhas, pelo aspecto nitidamente sexual daqueles grupos de cozinheiras, um animado centro de fuxicos e promiscuidade. Vaqueiros e moços de serviço, pelo lado masculino, são saudosos dessa memória afetiva, gastronômica e sexual associada aos fundos da casa (6).

Mas os serviços de casa não eram apenas femininos, embora fosse quase sempre regido por mulheres. Algumas tarefas de casa e cozinha teriam que ser feitos obrigatoriamente por homens, que eram quase sempre empregados temperamentais que não ajustavam-se aos ofícios de campo, idosos enfraquecidos para outros serviços ou adolescentes entrando na idade adulta. Determinados trabalhos exigiam habilidades ditas masculinas: "fazer" milho, levar comida em roças, buscar e lascar diariamente as quantidades de lenha, transportar as cargas da casa, fazer colheitas de mantimentos de

ocasião - abóbora, mandioca, carirús - pegar animais, arriar a tropa da sede, etc. A Córrego Seco conservou suas notas de mais de 40 anos, mostrando qual trabalhador se ocupava de determinada função: pelo número de camaradas que empregava e pela demanda em comida e serviços consumia no mínimo dois trabalhadores masculinos para tocar a parte "pesada" do serviço de casa (7).

A casa de sede era uma consumidora meio autofágica, voltada para abastecer-se a si mesma, para cultivar seus costumes e o poder que inspirava. Oliveira Vianna acreditava que esse fortalecimento da família era associado ao insulamento e à grande propriedade e o fato certo é que havia uma idéia complexa de lar doméstico, e uma concepção ampla de família (8). Família fazendeira não era apenas um par conjugal e seus filhos, mas o conjunto dessas forças e relações montados em torno da casa. As famílias baianas que mudaram-se para as matas mineiras tinham pouca fortuna mas traziam consigo seus agregados, que entravam em posses e continuavam agregados. De modo que família era um conceito vasto, tanto quanto a casa; família, propriedade, natureza, capital, trabalho, contrato, entre outros, foram conceitos que tiveram sua polissemia esquecida quando o tempo sepultou a conceituação anterior. Não foi esquecido apenas o como era, mas também porque era; desabou um mundo e junto com ele sua cadeia de significados. Os termos "família" ou "fazenda" com o entendimento contemporâneo não definem o que representaram até meados do século XX.

Fazendas e suas sedes, dizem fazendeiros, "criavam muita gente", multidões conforme lembram todos que viveram dela. Mas elas não eram apenas organizações de trabalho, não eram estruturas apenas econômicas: eram governos de vidas e corpos. Os limites entre essas apropriações eram muito frágeis, descambando fácil do trabalho e proteção, para o sexo.

Em negócios de sexo existe uma enorme crônica, discreta, mas acessível a uma pesquisa dedicada. Poucos pesquisadores brasileiros interessaram-se pelo assunto, e deixaram que ele ficasse à disposição apenas dos romancistas, que acabaram sendo responsáveis por um rural muito erótico - Jorge Amado é o melhor exemplo, mas todos os autores regionalistas deram atenção a sexo -, descompassado do rural científico, bastante pudico. A exceção, de novo, foi a obra de Gilberto Freyre.

Nas histórias escritas do Mucuri e Jequitinhonha existem algumas discretas alusões. Umas feitas por Péricles dos Santos, que é um historiador da fronteira e, quase por consequência, dos estados limite do ser humano. Outras, menos discretas, feitas por J. Duarte, o cronista do baixo Jequitinhonha, que narra entre outras a história de rapto da filha de um agregado: o fazendeiro não admitia que aquela moça tão bela fosse entregue a outro e a exigiu para si, na força das armas, diante de um pai fraco, mas valente (9).

Histórias de um desejo de dono sobre o corpo das pessoas da casa, sugeridas por Duarte, se são poucas as escritas são muitas as contadas e fazem parte de uma crônica discreta. É o caso de Bela Mariana, que fora criada por sua madrinha desde menina fazendo serviço de cozinha e arrumação na casa de sede. Quando estava por volta dos 15 ou 16 anos começou a ser, primeiro discretamente, perseguida pelo padrinho fazendeiro; como ela disse, das mãos bobas foi passando às mãos inteligentes e, quando a afilhada reparou, já estava assediada sistematicamente em todas as ocasiões do serviço de casa. Dizia ela que

naquele tempo o padrinho era moço e a madrinha feia, morrinhenta e miserável: foi ficando tentada pela aventura e justificando para si a lógica do desejo do outro, senão o seu próprio. A corte foi avançando com presentes e amassos até que, por fim, Bela viu-se desonrada num lajedo do córrego, numa hora que lavava roupas. Tempos depois, outra mocinha criada na mesma casa denunciou a história toda; a seduzida levou uma surra de cabresto de sola trançada, foi xingada, escorraçada, levada por um vaqueiro à cidade. Lá, aprumou rapidamente na vida de meretrício: "*mulher perdida*", como ela se dizia. Mas o padrinho continuava a ir à cidade, adentrar a zona de mulheres, entrar na rua numa mula vistosa, encorpado em capa "Campista", desaparecer em loja do comércio. Era aviso que viria na noite. Vinha a noite, Bela esperando, vinha à noite: quando ele chegava, antes de tudo, tinha uma benção.

Isso durou até Martell entrar em sua vida e mostrar que ela poderia ter outro tipo de convívio com homens. Ai, embora tenha virado outra a sua história - e quase outra a mulher - ela nunca esqueceu-se do que fora o padrinho na sua vida: "*Amor de p(...) é amor que fica*", dizia ela, quase aos noventa, morrendo de rir (10).

O corpo de agregada da casa era disponível: uma extensão desse largo corpo doméstico, permissivo e renovado. No caso Bela acabara, e cada um acabava, por aceitar aqueles costumes que nasciam dos convívios e a viver dentro deles. A paixão obedecia a uma hierarquia de sala de visitas, mas nem por ter ficado na pior parte da situação toda a Bela seduzida ficou infeliz. Tempos depois, quando refez a história de sua vida com a calma retrospectiva que a velhice lhe trouxera, entendera aquele como um bom tempo: achava, quase, que fora tão feliz quanto na outra época de vida intensa ao lado de Martell, quando já abandonara a zona de meretrício e essa parte, como ele dizia, "relaxada", da sua biografia. A fazenda teve essa capacidade de entranhar fundamente na vida do "seu" povo, e por mais difícil e complicada que pareça ter sido aquela época, deixou lembrança de um tempo luminoso para as pessoas que a viveram.

As histórias embebidas de erotismo da fazenda e das pequenas cidades estão em pistazinhas deixadas aqui e ali: a reprodução ampliada do Quartel-Mestre "Coelho Velho" da Mandaçaia; os raptos e as mulheres postas "*por conta*" nas aventuras de fronteira; as preferências femininas dos coronéis, que entre uma mulher bonita e um cavalo bom nunca sabiam qual escolher primeiro; a história da vida alegre do patriarca Antônio Joaquim César com suas amigações, romances variados, reconhecimento da legitimidade de seus muitos filhos, tudo culminando com a paixão desmedida por Marie Luise Romaine (11).

A fazenda e sua casa de sede foram também instituições culturais, representaram em muitas ocasiões o que os fazendeiros pensavam de si mesmos. Uma das imagens mais antigas de fazendeiro do Nordeste de Minas foi deixada por Saint Hilaire, que descreveu o guarda-mór Antônio Feliciano, morador das cabeceiras do rio Setúbal, como apegado ao trabalho e às dádivas da terra, conformado às dificuldades e contratempos. Nele o viajante enxergava uma vida voltada à terra, atenta para obrigações que iam muito além do uso dos recursos de produção; ele geria a fazenda como uma ordem muito superior à sua pessoa (12). A concepção de si mesmo como um regente aparece nas falas dos fazendeiros, que entregando a gestão direta da produção de mantimentos aos moradores - pouca notícia dava do que estes produziam, perdiam, consumiam ou vendiam - e o criame de gado a vaqueiros e retiros, incorporava e cumpria com zêlo o papel de regulador das relações entre os

homens e destes com a natureza. É uma espécie de absenteísmo presente, que aparece na literatura regionalista, livros de memória e principalmente nos casos e lembranças que descrevem as muitas pessoas que procuravam no fazendeiro conselho, apoio e mediação, mas ele não participou em quase nada da produção.

Na medida que os acessos ao fazendeiro eram livres - hierarquizados, mas livres - ele sabiamente transformava essa intimidade em benefício, respeito, tradição. Por isso às vezes é preciso afastar a idéia de fazenda que apenas suga, retira, monta um império para extrair capital das costas do agregado: um engano, porque ela sabia doar bastante, e sabia extrair muito mais que renda, trabalho e dinheiro. Durante um século foi a instituição base do Jequitinhonha e Mucuri. Por gerações sucessivas, passou por altos e baixos de atividades econômicas que a afetaram pouco, por muitos governos que a tocavam em nada e existiu como uma ordem doméstica e sólida, baseada num trânsito ativo de agregados em busca de fartura e proteção, repartindo seus dons e conservando-se sem qualquer abalo (13).

### 3 *Domínios*

A fazenda costumava bastar-se a si mesma em pessoas, acontecimentos, mantimentos, soluções e sobretudo governo. Vivía para si mesma num ritmo dado por necessidades que cabiam quase todas dentro daquelas extremas. Mas a política, que pouco influiu nos cotidianos, demandava um envolvimento apaixonado. Affonso Celso, que fora um deputado cavalheiresco do Jequitinhonha, só encontrara paixão na política local, e a motivação da disputa era sempre as querelas locais e o prestígio pessoal (14).

A política dos fazendeiros do Nordeste de Minas não foi nada muito diferente do que falara Affonso Celso. Fizeram dela uma extensão da sua fazenda: localista, autárquica, vaidosa, doadora e personalista; governo de um só, guiado por fidelidades pessoais aos grandes chefes fazendeiros que ganharam o nome de "coronel".

O mando era um fenômeno municipal, mas o município foi a expressão da fazenda: até meados do século XX esse poder foi reflexo daquele. Cada cidade e vila teve seu chefe político, fazendeiros fortes, quase todos. Em Joáima foi Camilo Miranda; Mário Martins mandou em Jequitinhonha; Coronel Orozimbo da Cunha Peixoto, Zimbu, reinou no Salto; Manuel Fulgêncio foi chefe no Calhau; Álvaro Vieira em Carlos Chagas; Coronel José Quaresma, Juca Quaresma, mandou em Águas Formosas enquanto foi vivo; Manuel Pimenta e Epaminondas Ottoni em Teófilo Otoni (15).

A principal característica desse poder era o seu localismo: restrito à municipalidade, controlador da área de uma paróquia, muito pouco relacionado com outros poderes maiores, tributário quase só de si mesmo. Era um poder que alcançava somente aquela área pequena que atendia, o mando do chefe não articulava-se em redes de serventia e obrigação, subordinado a círculos mais restritos de poder - municipal, regional, estadual. Os sinais dessas servidões, se existem, são muito frágeis. Dificilmente poderemos encontrar

marcas de um - ou uns - poder central que troca benefícios com esses chefes, e se eles suportaram algum poder nacional foi apenas tangencialmente, mais por omissão que dedicação. Afinidades e sustentações realmente podiam representar muito pouco para pequenas prefeituras que não recebiam nem migalhas de governos sempre falidos e desinteressados do que acontecia naqueles lugares que julgava fins de mundo, onde reinava a fazenda.

As trocas entre prefeituras, poderes locais e governos eram restritas à oferta de fragmentadíssimos votos, aos agradecimentos do deputado e à alegria do chefe por ser recebido "em palácio". Otelino Sol, dizia que o poder de chefia na política, em termos de estado e país era satisfação de uma vaidade e nenhuma vantagem local, porque sua marca era exatamente a grandeza de doar sem nada receber em troca. O apoio aos governos maiores era dado em troca da gratidão, homenagem, reconhecimento e autenticação estadual e federal de uma liderança local. Canais de retorno e multiplicação dentro da política não existiam outros além desses. A política nacional encontrava bases fluidas nos esconsos da Nação mas elas não eram montadas como rede para usufruto próprio. A política passada "em palácio" ou nos livros é diferente daquela vista no plano local. Mandar era usar a coisa pública, e a política uma ampliação do poder da fazenda; tratavam o público como sua propriedade e o poder legal como um recurso pessoal (16).

Mas o poder fazendeiro era muito habilidoso e deixou suas marcas principalmente porque os chefes usavam do poder para doar - de preferência aos amigos -, do mesmo modo que usavam as suas fazendas. Foi um poder que financiou seus próprios feitos: riqueza era a condição de fazer política, e a política dava prejuízo, porque representava uma quantidade de gastos que ultrapassava as temporadas eleitorais.

Era esse espírito que animava os fazendeiros, principalmente do baixo Jequitinhonha, numa ocasião que as prefeituras arrecadavam quase nada e na despesa suntuária tinha poucos destinos além do zebu e das damas da noite.

João de Almeida, que foi o chefe de Pedra Azul, era dono da lavra Laranjeira: construiu um ginásio que custou o equivalente a 12.000 vacas, pois durante a guerra o material de construção ia do Rio de Janeiro até Belmonte de vapor, daí a Almenara de canoa rio acima; daí a Fortaleza, de caminhão. Ele investiu na educação de uma geração e custeou o ginásio por 20 anos, durante muito tempo a melhor edificação da cidade. Foi o chefe político de Pedra Azul por anos. Os Cunha Peixoto dotaram o Salto de hospital, e deram 2.000 hectares e 1.000 vacas para sua manutenção; Álvaro Vieira pagava as despesas da prefeitura de Carlos Chagas com seu próprio dinheiro; Clemente Franco custeava de seu bolso e por doações a Vila Jequitinhonha de luz, telefone, jornal e teatro. De todos os chefes, porém, nenhum conseguiu bater em celebridade e folclore o Coronel Juca Quaresma, de Águas Formosas. Em 1947 dotou sua cidade de ginásio, o primeiro do Pampã, que sustentou por sua própria conta; colocou hotel, farmácia, abriu ruas, foi o maior proprietário urbano da cidade. Maior, no entanto, que suas obras, foi o seu folclore. Ele deixou uma série de tiradas - que é impossível saber até que ponto são verdadeiras - muito representativas do que era ser chefe (17).

Mediado por essa chefia local, as políticas central e geral rebatiam fracamente sobre a população. A chefia filtrava o mundo, restringia os horizontes dos seus agregados e mandados àquelas futricas e ao poder local, transformavam as questões distritais no centro

do fazer política. Por isso é difusa a leitura da política geral na ótica local, pois as intervenções dos políticos locais não combinavam esses recursos, pelo contrário, apartava-os.

Isso não impediu, no entanto, que a política local refletisse ampla e homogeneamente uma mesma base conservadora, fazendeira, estável e autoritária. A fazenda e o poder eram reflexos; a terra espelhava o domínio das pessoas e coisas sem que houvesse a necessidade de ação explícita da máquina do Estado, porque tudo, afinal, era contraface do controle da terra. Coronéis do baixo Jequitinhonha e Mucuri brigaram entre si longe das intrigas do Parlamento; mas, foram a base pacífica desses poderes e os beneficiários explícitos da liberalidade das políticas tributárias, fundiárias e trabalhistas: mais outra troca simbólica.

No alto Jequitinhonha a política nunca teve tal peso. A chefia política de Minas Novas, conta César, passava seu tempo no aconchego do gabinete escrevendo livros de títulos pomposos sobre assuntos obscuros - *O cão por dentro e por fora* foi sua obra máxima - e formando uma banda para silenciar a música fanhosa de alguns discos da Casa Edson que eram tocados na loja de Osório Secundo, no Largo da Cavallhada. Movia terrível perseguição aos adversários na vida pacata que era Minas Novas em começos do século XX (18).

No alto Jequitinhonha uma quantidade de domínios familiares atomizou-se na produção de mantimentos e em Minas Novas permaneceu a singela rede de poder local, muito menos expressivo e realizador que os outros poderes de Jequitinhonha e Mucuri, por ser lugar de constante estabilidade. Por isso foi um poder também muito mais duradouro, pois a sua base era ao mesmo tempo mais diluída e ampla. Esse poder tão modesto foi explicado por Leila Amaral: uma população em sua maioria camponesa não precisava de um chefe político urbano. A fragmentação da terra impunha limites às exigências do poder fazendeiro, que reunia sob seu comando uma parcela muito pequena de dependentes. Daí essa "*fluida correspondência*" entre os poderes econômico e político e a diluição da autoridade pessoal, outro destino (19).

O poder fazendeiro controlou o Mucuri e baixo Jequitinhonha por toda a primeira metade do século XX. No entanto, apesar das aparências, não era baseado apenas na sua força e capacidade de exigir. Pelo contrário era sustentado também pela capacidade de doar, na liberalidade que estabelecia, pois não eram apenas os agregados que cediam à fazenda e não era apenas trabalho, mas era também ela que concedia, ou assim fazia crer, aos despossuídos o valimento da abundância. A fazenda e suas representações - fazendeiro, sua sociedade e política - negociaram simbolicamente o domínio que instituíam sobre a natureza de tal maneira que criavam um eterno débito, cimentador da relação que estabeleceu com sua clientela. O uso compartilhado da terra não produziu apenas a fartura edênica do agregado, mas também o mando e sua coerção.

#### 4 O épico fazendeiro

A fazenda autônoma, fechada em si mesma, criadora do seu pessoal, é uma imagem frequente em toda a literatura brasileira, em todas as lembranças de população rural e todo o imaginário culto e não-culto deste país. Essa imagem foi construída por dois meios diferentes. Um, na sua história, porque fazenda existiu assim mesmo na vastidão de gerais e matas, com algumas ressalvas tão importantes a essa independência, que talvez sejam mais relevantes que ela mesma. Outro, literário, a partir de autores românticos e regionalistas. Os dois mecanismos foram superpostos e deixaram parecidos a fazenda e seu retrato literário, o fenômeno e seu comentário. Para entender a fazenda, portanto, seria necessário analisar a maneira como misturaram-se seus relatos e imagens culturais, e como as elites rurais selecionaram e institucionalizaram o modo de pensá-las.

Não se concebe um bom rural narrado sem uma dose forte de autonomia, heroísmo, aventura e romance, nem se descreve a terra no Brasil fora desses paradigmas que combinam mando e obediência, cavalheirismo e tradição. Os autores românticos deram a demão mais forte para a construção cultural da fazenda: José de Alencar, entre outros, expôs a fazenda sertaneja como a autarquia perfeita, reconstrução nacional do feudo europeu com os elementos brasílicos da altivez, nobreza, autoridade. Alfredo Bosi (1981) diz que o Brasil dos românticos seria um país selvagem, reino de capitães soberbos, senhores de baração e cutelo, rodeados por sua corte de homens livres e fiéis até a morte.

Os diversos regionalismos só fizeram aprofundar essa descrição: os romances do declínio do engenho do Nordeste são apurados elogios ao mundo das fazendas e sua ordem; no Sudeste e Centro Oeste, desde Hugo de Carvalho Ramos a Bernardo Élis, Abílio Barreto, João Alphonsus, Carmo Bernardes, o enredo tem história, glória ou declínio da fazenda sempre embalada pela sedução que essa instituição soube construir e conservar, mais resistente que ela própria. Jorge Amado transformou a fazenda, o poder rural e sua crítica no seu tema mais frequente, como foi também para Mário Palmério e Guimarães Rosa. Rosa, na história de *Buriti*, dissecou a trama cotidiana que envolve a família numa casa de sede e fez o melhor retrato literário da vida rural e seus ritmos.

A imagem da fazenda construída nos estudos acadêmicos e técnicos pouco fugiu ao modelo romântico-sertanista, e a reflexão mais elaborada debate-se contraditoriamente entre a afirmação do modelo e sua negação radical. O realismo, modernismo e regionalismo literários, mais suas correspondências no campo das disciplinas acadêmicas nunca conseguiram negar essa descrição épica, que teve como críticos afetuosos - porque foram também profundamente envolvidos por ela - Monteiro Lobato e os acadêmicos realistas e modernistas, comentadores da sociedade de fim de um século e começo do outro: Euclides da Cunha, o maior de todos, mas também Oliveira Vianna, Oswald de Andrade, e os funcionários mineiros Álvaro da Silveira, Daniel da Carvalho, David Campista.

A crítica radical ao retrato da fazenda brasileira, só apareceu com o marxismo, do meio do século XX em diante. Aqueles pioneiros que tocaram o assunto primeiro - Caio Prado Júnior, principalmente - tiveram de enfrentar além da agrura da descoberta, a mística da fazenda, que nunca deixou de ter enorme poder de sedução. Depois, outros autores levaram o tema a uma certa vulgarização, com estudos sobre o capital no campo, que

foram muito comuns na produção acadêmica dos anos 1970 e 1980. O caminho desta crítica foi sutil. Negaram a independência colocando em seu lugar um vínculo com o mercado externo, de modo a transformar o fazendeiro num embrião de capitalista e o agregado nalguma coisa parecida com um vir-a-ser proletário. Negava a dinâmica própria da fazenda e colocava-a num mercado anônimo, suprimindo a partir daí a tradição de descrição do rural; surgia uma fazenda comercial, um mundo de negócios (20).

Nessa crítica à fazenda romântica colocaram em seu lugar um campo essencialmente anti-heróico, conseguindo assim ficar não só estética e politicamente distantes da fazenda, como queriam, mas também produzir estudos de pouquíssima resolução. Descreveram fazendas literariamente simples, planas e lisas, depósitos de técnicas de produção e meios de exploração do trabalho pela via de um mercado construído a duras penas, que fica mais longe ainda desse mundo da fazenda com gente também porque está descolado da auto-imagem que a fazenda transmite. É uma construção antitética, que transforma a fazenda em seu oposto: mesmo quando este oposto é gritante, como o é em Margarida Moura (1988), e a fazenda tenta por todos os meios fugir à marreta do formalismo analítico que a autora usa, e o campo fala de outros assuntos, desesperado, vazando na fala do narrador explorado a ambiguidade da relação que continuou a manter com o fazendeiro.

Outra vertente não-romântica é a construção empresarial da fazenda e da terra, mais ligada à sociologia e economia rural: crítica do autarquismo e heroísmo como práticas ela procura dissecar as relações pessoais e compreender tudo dentro da camisa de força de análises econômicas. Seu excesso de virtudes retira todas as sutilezas próprias disso que, já meio imprópriamente, chamamos pelo nome de fazenda. Mas esses são autores que desprezam a história e às vezes têm o bom senso de lembrar que não estão tratando de fazendas, mas de empresas rurais (21).

Na verdade mesmo que os objetos se transformem, e junto com eles seu entendimento, sua historicidade permanece. No caso da fazenda, inclusive o seu próprio nome - "fazenda" - que produz um emaranhado de sentidos, mantém-se constante exatamente porque alguns dos seus entendimentos permanecem, existindo a fusão de literatura e vida. Quando foi entrevistado, Otelino Sol misturava em seu relato histórias do Coronel Horácio de Mattos, de Lençóis, Bahia, com um certo Coronel Horácio, personagem de Jorge Amado; quando estava em seu dia de campo em Joáima, Eduardo Santos Maia julgava-se um personagem de Euclides da Cunha; as histórias de saída da Bahia de famílias transumantes de Carlos Chagas e Pavão, carregam tanto da lembrança familiar da seca do "noventinha" quanto dos enredos dos "romances" de cordel, cantados em feiras e nas músicas de Luís Gonzaga. Quando a literatura começou a construir a fazenda, ou a cultura de fazenda moldou um estilo, é impossível saber. Ao certo, mesmo, ela é uma construção remota, sem nada de linear, com um pouco de mercantil, com muito de romantismo.

O ideal romântico da fazenda foi a autarquia, um estreitamento dos laços do homem com o mundo natural, retorno a uma natureza generosa e farta. Compreendia um certo filantropismo, uma paixão pela alma essencialmente boa do roceiro - seja escravo, índio ou agregado - sujeito aos mandos e às serventias do herói-fazendeiro, esse sim, um moldador de homens e espaços. E nessa fazenda, quase tão importante quanto os personagens era aquela natureza exuberante, ativa, rebelde, dinâmica e cedente. O cavalheiro e a natureza

encontram-se, dispõem do recurso educativo do trabalho para as boas almas rurais, e daí só poderia nascer o progresso. Eram natureza e sujeitos moldáveis pela têmpera firme do fazendeiro. Esse papel empreendedor, heróico, civilizador e romântico da fazenda pode ser encontrado no Saint-Hilaire de 1816, no Lobato de 1919, no J.Duarte dos anos 1940, e em todas memórias, histórias, lembranças de fazendeiros de quase todas as épocas e lugares: está presente no que falavam de si os fazendeiros da mata, escravizadores de índios, está na fala dos invernistas da UDR dos anos 1980 (22). Não dá para entender a fazenda independente da imagem que a literatura construiu dela, que retroagiu sobre ela e por sua vez tornou a rebater na literatura, formando esse círculo complicado de influências onde os elementos subjetivos de entendimento da fazenda foram construídos.

A autonomia da fazenda foi um projeto e uma marca que valiam por afirmar um estilo de vida, uma liberdade civil impensável numa sociedade de hierarquias rígidas como foi esse mundo rural onde só era possível a existência na fazenda, e fora dela não havia nada. É por isto que camponês não tem história mais antiga, e a mais moderna só emerge com a dissolução da velha fazenda. Essa também é a razão porque a imagem romântica da fazenda é ainda muito mais forte nos trabalhadores: agregados, encarregados, empreiteiros, mas, principalmente nos vaqueiros, que encarnaram vivamente sua lenda, e a viveram e vivem integralmente.

O poder da casa de sede foi uma combinação de renda, trabalho, doação, heroísmo e domínio dos espaços, tudo aplicado sobre a terra para produzir renda, alimento, terra e poder, tudo mediado por um controle do fazendeiro. Não foi apenas um uso da violência, nem apenas uma fonte de dinheiro ou poder político, embora pudesse ser tudo isso em gradações maiores ou menores. Mas também foi mais que isto, porque era um poder sujeito a códigos de mutualidades, e grande parte das vezes possível de ser feito. Era reelaborado pelos sujeitos e flexível enquanto houve acordo, terra, fartura e gente; era definido como um consenso entre as partes, sem poder excluir eventuais conflitos duros de classe. O trabalhador era um agregado, assim viam-no, via-se e ainda se vê: uma continuidade da casa, da família, do herói-fazendeiro, dos espaços produtivos e domésticos, das vidas misturadas.

As fazendas construíram notáveis desses exemplos de poder sobre os homens e a literatura cantou todas estas glórias. Mas não era um poder automaticamente de representação política: até 1988, analfabeto não votava. Era um poder de governo sobre a vida das pessoas, não era apenas um poder econômico, mas controle, influência, decisão, poder familiar e próximo. Ele se manifestava no governo das pequenas pendências, nas brigas de vizinhos, nas partilhas, nos limites de roças e direitos diversos; na recepção dos trabalhos gratuitos e costumeiros: aceiros, limpeza de caminhos, derrubadas, catas, partilhas de produtos de caça, pesca, extração; no mando sobre os corpos: no sexo extraconjugal, na sedução, nos serralhos de fazendas, no trabalho gratuito de crianças e adolescentes; na extensão do espaço doméstico: nos serviços de cozinha e quintal, na cessão de filhos para cria, na violência física cotidiana. E isto teve suas contrapartidas nos acordos construídos pelo costume: no conselho e orientação, na regência das normas de vida, no apoio nas emergências, no passamento e na dor, no privilegiamento dos afilhados e proteção dos dependentes. A fazenda produziu e difundiu um poder doméstico, local, físico e econômico,

que a literatura de época nunca pode ignorar e que alguns chamaram "feudal". Foi poder não-dependente de outros poderes, que não teve por fim exclusivo solidificar redes de poderes políticos ou apenas econômicos, mas principalmente solidificar-se a si mesmo sob o nome de "respeito".

### *Notas ao Capítulo VI. Casa de Sede*

(1) Gilberto Freyre, tanto em *Casa Grande e Senzala*, quanto em *Nordeste*, foi dos poucos autores que analisou o espaço e a casa associados a um poder. Diz ele que casa não era somente o espaço no qual o poder se exercia e expunha, mas parte intrínseca, constitutiva desse poder, como eram também a rede, o cavalo, e o próprio corpo senhorial, elementos fundamentais para compreender o exercício do mando na sociedade patriarcal nordestina e a sua ritualidade.

(2) Essa expressão é de Oliveira Vianna (1957:17). Os autores que escreveram sobre o campo em geral aplicaram essas descrições quando falaram de fazenda. Lycurgo dos Santos, no seu estudo do Brejo do Campo Seco, fez um inventário do mobiliário do famoso sobrado e encontrou apenas bancos, gavetões, cabides de parede, mesa grande e tosca de madeira serrada. Ver Santos Filho (1957).

(3) Cozinha sempre foi lugar de intimidade e vetos, um espaço governado muito rigidamente. Isto decerto se explica também pelas tradições da comida, que é parte da civilização e da mitologia mineiras. Ver Friciro (1966), e também Rogéria Dutra (1991), que considerou a cozinha uma parte do processo de construção da "identidade mineira".

(4) "*Quando eu [me] vejo aqui posta com uma família tão numerosa, fazendo tantas despesas, comprando farinha de 5, 6\$ rs o alqueire e tudo o mais como carne de 3 libras a 1\$ rs e muito ruim, lembra-me que minhas roças de mandioca estão se perdendo, e que mal apenas pode vir do Macaco alguma carga que para nada chega, meu gado ao desamparo sem ter quem olhe e tudo o mais que é meu. A quem hei de me queixar?*" [Santos Filho, 1956: 326]

(5) Essa lembrança da hospedagem aparece nos diários de Cândido Versiani Murta, nos diários de Helvécio Ribeiro, cartas de Martell, entre outros.

(6) Histórias de fazendas e casas de sede do Nordeste de Minas e Sudoeste da Bahia estão em Faria (1960), Santos Filho (1957), Almeida (1977), Duarte 1972), Maia (1936), Nogueira (s.d.), Salles (1993).

(7) O chamado serviço "pesado" ou "de homem" esconde sutilezas, porque não é pelo maior ou menor esforço que os trabalhos se dividem entre os sexos, sim pela sua continuidade e regularidade, de modo que o trabalho masculino sempre fica associado a resultados palpáveis e o trabalho feminino desapareça, invisível neste balanço dos serviços. Uma mostra disso nos registros de fazenda está nas notas da Córrego Seco, que utilizou intensamente o trabalho feminino em tarefas masculinas no começo dos anos 1970, quando cresceu a migração paulista de trabalhadores masculinos em idade produtiva. Explorei mais profundamente este tema num estudo sobre o trabalho rural na Zona da Mata mineira: ver Eduardo Ribeiro (1993).

(8) A definição que Oliveira Vianna deu das raízes rurais do Brasil:

*"Nós somos o latifúndio. Ora, o latifúndio isola o homem; o dissemina; o absorve; é essencialmente anti-urbano. Nesse insulamento que ele impõe aos grupos humanos, a solidariedade vicinal se estiola e morre. Em compensação, a vida da família se reforça progressivamente e absorve toda a vida social em derredor. O grande senhor rural faz da sua casa solarenga o seu mundo. Dentro dele passa a existência como dentro de um microcosmo ideal: e tudo é como se não existisse a sociedade."*

[Oliveira Vianna, 1957: 66]

(9) A história está em Duarte (1972); casos de paixão em Santos (1970).

(10) Entrevista de julho de 1994, Belo Horizonte.

(11) A história do Quartel-Mestre é contada em Posses, Minas Novas: os casos de rapto e fronteira são de Santos (1970) e Duarte (1972); preferências dos coronéis em Sol (1981). A vida de César foi contada por Pavie (1988): era rábula, foi deputado por Minas Novas por duas legislaturas, na Côrte ficou conhecido como o "Cascavel de Minas Novas". A sua paixão por Marie Louise Romaine levou-o à arte do desenho erótico, e depois acabou cantando-a em francês, na sua segunda mocidade:

"(...)

Aime moi, tu seras etoile benie  
 ma joie, mon appui, mon tresor, tout mon bien  
 la ciel nous aidera, nous passerons la vie  
 sur un heureux esquif en nous donant la main

Car je t'aime bien mon amie

je t'aime et ne cache pas

je passerai ma vie

a te dire tout bas

"(...)"

E em português, quando estava em São João Batista, saudoso da moça no Rio de Janeiro:

"(...)

Saudosa companheira

Do vate, do cantor

escuta as trovas minhas

filhas de tanta dor!

Do vate o rude canto

escuta que é do amor

ouve a candeixa singela

do simples trovador

"(...)"

[Pavie, 1988: 27]

(12) Dizia o viajante que

*"Sua fisionomia anunciava a jovialidade; parecia contente com a sorte, e dividia seu tempo entre exercícios de piedade e ocupações rurais. Rogava a Deus, dava suas ordens, inspecionava os negros, que parecia tratar com muita brandura (...)."*

[Saint Hilaire, 1975: 166]

(13) Uma interpretação economicista da dinâmica da fazenda leva a uma interpretação também equivocada do seu declínio e dos poderes que conserva em pleno declínio. Essa questão assombra os movimentos populares e sindicais das zonas de agregação antiga, que raramente conseguem que sua base enfrente as fazendas ou herdeiros. Em 1995, num caso dramático do Setúbal - área mais fazendeira do alto Jequitinhonha - o fazendeiro negou a benção ao agregado que o enfrentava no tribunal reivindicando ser posseiro: quando chegou a hora do depoimento, confirmou todas as alegações do fazendeiro, perdendo a causa e a terra. No baixo Jequitinhonha estas questões são ainda mais evidentes e o dilema dos movimentos

é a confusão que os antigos agregados fazem entre as doações que recebiam do fazendeiro e querem continuar recebendo do sindicato ou das organizações de base. Isa Martins (entrevista, julho 1994) dizia que os antigos agregados sempre que iam à cidade ficavam na casa da sua mãe; levavam presentes, faziam sala, ofertavam, e mesmo nos anos 1990 continuaram: nunca vão à cidade de mãos vazias. É o costume visitar e dar presentes, pousar na casa, comer em casa de fazendeiro. Em Jequitinhonha existiu um fazendeiro antigo, um certo Antonico Pereira, que nunca deixava servir comida aos sábados na sua casa de cidade se não estivessem lá todos os seus agregados: José Pedro (entrevista, junho 1994), que conheceu a história de perto, dizia que ele saía pela feira reunindo "seu" povo, para fazer *"uma começão igual"*. E, do mesmo modo que a comida era comum e doada, a fazenda às vezes doava terras: um fazendeiro do Salto doara terras na Bahia aos seus agregados mais antigos; os donos da Tinguá, em Itamarandiba, doavam aos seus mais antigos moradores uma gleba como lembrança e agradecimento. Os agregados do Córrego São esperavam na varanda de frente a chegada do fazendeiro, toda noite, para segurar o cabresto da mula, desapear seu patrão, desarrear o animal e afinal tomar a benção para poder dormir. Maria Sylvia de Carvalho Franco realizou uma das mais completas análises da fazenda brasileira. Segundo ela, a fazenda uniu *"numa comunidade de destino um grande número de pessoas"*. [Carvalho Franco, 1974: 184]

(14) Diz Celso:

*"A política - eis para essa gente o exercício superior das faculdades, o divertimento predileto, a favorita ocupação. Não a política de idéias e princípios, mas a do mando local, a da emulação mesquinha, a do amor próprio ininteligente que não tolera a supremacia do contrário, pondo o máximo empenho em a impedir ou anular. A política, em tais condições, assume o caráter de jogo, com todas as sensações e excessos de semelhante paixão. Dispendem somas avultadas, atrelados a ela; olvidam, para a contentarem, negócios e obrigações. Ela os embriaga e arrasta. Quanto a programas, não concebem como coisa primordial o seu valor, exceto em se tratando de reformas capitais que a todos, indistintamente, afetam, como foi a do elemento servil. Gostam que seu deputado sobressaia e intervenha assíduo nos debates da Câmara, porque assim se realçam sobre o adversário, satisfazendo a vaidade."*

[Celso, 1981: 14]

(15) Sobre chefias políticas locais ver Maia (1936), Sol (1981), Celso (1981), Nogueira Filho (1989), Santos (1970), Ferreira (1934). De enorme valia para entender a história política municipal foram as entrevistas que fiz em campo com Pedro E.A. Peixoto (Joáima, junho 1994) e Otelino Sol (Salto da Divisa, junho 1994), aos quais agradeço informações e sugestões.

(16) A ironia de J.Duarte (1972) é quem melhor descreve essas chefias distritais. Ele foi o cronista mais ácido da vaidade política e seus desatinos, suas mortes gratuitas e espantosa violência desencadeada a partir de nada. Falando das disputas em Jacinto nos anos 1920, dizia que o mando do lugar tinha uma dose de opressão

*"e pancadaria complementar"*. O exercício do poder local, segundo ele, possuía

*"métodos consagrados pelo uso: soltar porcos no terreiro do vizinho, atirar em cachorro na porta dos donos, pisar a ninhada de pintos de um teimoso, prender os animais de um confinante e mandar-lhe o recado atrevido: - Se for homem, venha soltar seu cavalo e seu jegue."*

[Duarte, 1972: 174]

(17) Alguns chefes faziam sua cidade eles mesmos, como Maria Isaura Pereira de Queiróz já havia notado, analisando esse evergetismo curraleiro:

*"Na exibição do seu luxo, não se limitavam mais os fazendeiros a instalar palácios na sede das fazendas, a construir estradas de ferro e telégrafos particulares; construíam casas nas cidades para aí habitar quando*

*qualquer acontecimento os chamava a ela, construíam igrejas, pagavam calçamentos, fundavam teatros, subvencionavam jornais, fazendo da 'sua' cidade qualquer coisa que ultrapassasse a cidade vizinha."*

[Queiróz, 1957: 158]

Grande parte das informações sobre políticos e seus costumes saíram de entrevistas, principalmente no baixo Jequitinhonha, onde estas questões são mais presentes. Em particular agradeço às informações de Pedro Emílio de Almeida Peixoto, Otelino Sol, Isa Martins, Ana Lúcia Nunes. Os livros de Sol (1981), Santos (1970) e Nogueira Filho (1989) contém muitas histórias da política. Quanto às histórias do Coronel José - Juca - Quaresma, foram coletadas em entrevistas e casos ouvidos por todo Pampã e baixo Jequitinhonha, onde corre sua fama. Ele nasceu em Jequitinhonha, em 1898, mas entrou jovem na selva do Pampã e fundou um comércio em Rio Negro. Conseguiu ficar muito rico e passou a lidar com gado. Fazendeiro forte, dizem que era seu costume comprar a posse e exigir que o posseante continuasse morando no mesmo lugar: teve centenas de agregados, e nos anos 1990, de acordo com o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Águas Formosas, seus herdeiros ainda mantinham oitenta famílias nas terras que foram dele. Era adorado pelo povo da roça, e, desde que a cidade foi emancipada e ocorreram eleições, venceu todas. Contam que, certa vez, numa inauguração de obra, JK, que era presidente e seu ídolo, perguntara ao Coronel o que o governo poderia fazer por Águas Formosas. Dizem que ele respondera: nada. JK que fizesse Brasília, Coronel Juca Quaresma faria Águas Formosas. Anos depois, contam, Coronel Juca Quaresma dizia que era um político mais importante que JK, pois enquanto este fizera Brasília com dinheiro do povo, o Coronel fizera Águas Formosas com seu próprio dinheiro. Outra história é do Ginásio: Coronel Juca Quaresma queria doar o Ginásio ao governo do Estado, mas condicionava a doação, queria que ele se chamasse "Ginásio Prefeito José Quaresma". O governador argumentava que não poderia aceitar uma doação condicionada, e que não poderia dar nome de uma pessoa viva a uma obra pública; Quaresma que esperasse: quando morresse, o governo daria seu nome ao Ginásio. Coronel José Quaresma contra-argumentava, dizendo que o nome que propunha servia, porque se referia também a uma coisa já morta, já passada: o mandato do ex-Prefeito José Quaresma, e não ao sujeito vivo, Coronel Juca Quaresma.

(18) O promotor tentou animar a cidade, formou a liga dos Vicentinos, uma casa de saúde, e, começou a procurar meios de ensinar à juventude:

*"Seus conhecimentos hauridos na obra de Comênio, insigne pedagogo checo, autor da 'Didática Magna para ensinar tudo a todos', encontravam ali campo propício aos seus pendores para a pedagogia."*

[César, 1975: 3]

Este promotor conseguiu encontrar um fim útil para o famoso casarão de Minas Novas transformando-o em Escola Normal. Assim, deu ocupação noturna ao povo de uma cidade que se recolhia com a cantoria dos sapos da beira do Fanado. Mas a escola não resistiu às pressões da política e foi fechada. Conseguiram transferir o promotor para bem longe, e fizeram publicar no jornal local, *A Notícia*, que faltavam tantos meses, tantas semanas, tantos dias, e, por fim, tantas horas para a saída do desafeto. Na partida, o Doutor Martiniano com sua família subiu o morro da Contagem,

*"levando sua velha e paralítica mãe, dona Antônia, encolhida dentro de um caixote, como contrapeso de malas, no lombo de pacata alimária puxada pelo cabresto por um camarada a pé, na frente da comitiva. A comitiva de um homem banido da terra que tanto lhe devia pelo muito que ele a beneficiara."*

[César, 1975: 17]

Apesar do esforço e dedicação à cidade, o histórico promotor possuía uma mancha: num júri, condenara um inocente armeiro, que tivera o sedutor da sobrinha morto em sua porta por tiro de espingarda. Sem poder explicar como isto acontecera, tendo sido a espingarda deixada há anos em sua casa por um nordestino de passagem para São Paulo, o armeiro Vicente, acusado pelo promotor, cumpriu anos de cadeia, até que a

viúva do verdadeiro autor do crime, na noite do velório do marido, revelou a todos o segredo que guardara tanto tempo e custara tanto ao armeiro. Quando velho e doente na prisão, na madrugada de cantoria das galinhas de angola, Vicente ouviu a notícia.

*"esticara o pescoço, inclinando a cabeça num meneio de quem procurasse escutar um ruído vindo de longe, e comentara que as galinhas pareciam estar a cantar naquele dia mais alegres, arrematando com humorismo: '-Eta espingarda véia.'"*

[César, 1975: 16]

A razão dos desacertos do promotor na cidade, porém, não foram apenas os seus enganos jurídicos, mas seus tropeços políticos e inconformismo. Na campanha presidencial o promotor se aliou ao vigário José Barreiros da Cunha Jobarcum, que na igreja propagandava e transformara o púlpito num palanque civilista: juntos, construíram uma impressora de madeira, para editar uma folha e enfrentar o chefe político. Depois de perdida a política, o padre pode se proteger na imunidade paroquial, mas o Doutor Martiniano teve que subir o morro da Contagem naquela condição de mais uma família exilada de Minas Novas. César, afilhado e ex-aluno do promotor na Escola Normal do Casarão, amargou esta lembrança por anos, até conseguir homenageá-lo com o nome de uma das principais ruas da cidade.

(19) Amaral (1988) analisou o poder municipal construído no alto Jequitinhonha sobre um campo povoado de sitiantes, mostrando que aquela autonomia dava condição ao poder local descolar-se da base.

(20) Por esta via foi Margarida Moura (1988) quando analisou uma transformação empresarial nas fazendas do alto Jequitinhonha. Na mesma linha estão os estudos de Loureiro (1977 e 1987), Stockle (1986) e Szmrecsányi (1990).

(21) Ver, por exemplo, os estudos de Paiva (1976), Albuquerque e Nicoll (1986), Schuh e Cidade de Araújo (1983) e Sayad (1979).

(22) Poucos autores refletiram sobre a mística da fazenda melhor que um homem ilustrado, cidadão criado pela Revolução, cientista, moderno, cavalheiro e, na mata, um fazendeiro do ar: Auguste de Saint Hilaire. Quando topou com Jequita, São Miguel:

*"Via-me possuidor de algumas léguas de terras às margens do Jequitinhonha. Chego com um criado fiel e alguns escravos. Levanta-se às pressas, um abrigo semelhante aos dos botocudos, para passar a primeira noite. A princípio passo a existência privado de todas as comodidades da vida; o desejo porém, de delas gozar em breve, me anima ao trabalho. Parte dos escravos é empregada em cortar árvores nos lugares em que se deverá plantar milho e algodão para o ano seguinte; outros em construir uma cabana. A pouco e pouco o mato desaparece ao redor de minha morada, e o sol aquece com seus raios uma terra sobre a qual não brilhava há séculos. Mando vir cabeças de gado; introduzo um sistema racional de agricultura; construo um engenho de açúcar, outro de serra, e eis-me proprietário de canoas que me vão levar as colheitas a Belmonte. Dentro em pouco minha cabana transforma-se em agradável residência; acrescento-lhe um pomar, e mando fazer para mim um jardim inglês abrindo picadas pela mata. Um trecho de mata várias vezes queimado fornece-me gordas pastagens; meu gado, bem tratado, fornece-me queijo e manteiga; numerosos galináceos e todas as espécies de animais domésticos me animam os arredores da habitação. Introduzo leis na minha pequena república; meus negros são bem alimentados, bem vestidos; pequenas recompensas estimulam-nos ao trabalho; bons tratos, provas de interesse, tornam-lhes a existência suportável, e fazem-nos amar o seu amo. Todos são casados, e acabam por considerar como sua pátria a dos filhos, e a casa do senhor como a própria. Não me esqueço também dos índios. Começo por atraí-los aos arredores da minha habitação por pequenos presentes. Ficarão certos de receber viveres todas as vezes que prestarem o menor serviço. Habituo-os pouco a pouco ao trabalho; compreendem, em breve, a vantagem de cultivar a terra; fixam-se perto da minha habitação, tornam-se vizinhos prestimosos,*

*e, completo-lhes a civilização tornando-os cristãos. Esses botocudos, não há muito antropófagos, vem à minha capela orar por seus inimigos, e sua filha conhece, enfim, o pudor."*

[Saint-Hilaire, 1975: 262]

## *Capítulo VII Vaqueiros, bois, boiadeiros e boiadas*

### *1. A lenda do vaqueiro*

Até a metade do século XX fazenda era um mundo: dezenas, às vezes centenas, de agregados, produção de toda sorte de mantimentos, áreas extensas de matas e pastos, muitas tentativas de fazer bons negócios com aquilo que a natureza oferecia. As pastagens não respeitavam limites, mesmo aqueles, físicos e descritivos marcados pelos fazendeiros, eram mangas sem fecho e governo. Gado pastava longe - na "solta", "alongado", dizia-se - e juntá-lo para ferra, castração, apartação ou venda, demandava serviço que durava meses de uma rotina perigosa. Esses campeios por léguas com laço e ferrão fizeram da sorte do vaqueiro a mais arriscada e bela de todas as lendas contadas no campo.

Com a vida aventureira e a coragem todo dia posta à prova, os vaqueiros deram assunto para uma crônica que separou sua profissão de todas as outras lidas rurais. Os vaqueiros fizeram seu prestígio nas lutas com bois curraleiros - sete anos de idade, sete palmos de chifre, sete arrobas de peso - dentro de macegas sem fim. Quando suas aventuras são comparadas às vidas levadas na regularidade farta das lavouras e à distância que elas ficavam da casa de sede, é possível entender porque os vaqueiros conquistaram posição impar em fazendas, histórias, trabalho, nas lembranças e na produção cultural. Nestas, ainda ocupa.

Na festa do Boi-Duro, por exemplo, que acontece todo janeiro no Salto da Divisa durante a semana de São Sebastião, o espetáculo tem o ponto alto no desfile de um cortejo formado pelo Pai da Mata, Maria Manteiga, Mulinha de Ouro, Fazendeiro, Loba e Caçador, pela banda de tambores e pífanos, pelo Boi-Duro e, naturalmente, pelo Vaqueiro. Todos vestidos a caráter, cantando e dançando. A cantoria do desfile é sobre o boi:

*"O nosso boi duro*

*vamos vadiar*

*a nossa brincadeira*

*até o sol raiar*

*(...)*

*Eu queria ser vaqueiro,*

*de vaqueiro boiador,*

*pra vim aboiar meu gado,*

*na casa do meu amor."*

Numa altura que o grupo já está seguido por bastante público para a representação, o Caçador pergunta aos donos de uma casa se querem que a festa do Boi-Duro seja feita ali. Se autorizado, começa: ao som da banda o Boi ataca os presentes, os personagens brigam entre si e com a platéia; o Caçador enfrenta a Loba, Maria Manteiga - mulher escandalosa e dadeira - agarra um da platéia para uma dança sensual, o Pai da Mata ataca o Caçador, o

Boi-Duro ataca o Vaqueiro, até ser morto por este no ferrão. Ai começa a partição do boi, com uma cantoria puxada pelo Vaqueiro, respondida em coro pelo cortejo, dividindo as partes conforme mereça maior ou menor consideração cada um dos cidadãos, presentes ou ausentes: a "tripa fina" vai para "as menina", a "tripa grossa" para "as mulher da roça", o "chifre" para o "Onofre", o "fi' da costela" vai para "Dona Bela", enquanto o Coro vai cantando:

*"Boi iaiá*

*boi que dá,*

*Ê-ê-ê-Á-á-á*

*O seu Tenente mandou me chamar"*

Vão cantando o Vaqueiro e seu coro, revisando a sociedade do Salto, passando a limpo suas diferenças, exaltando os amigos, bajulando uns e outros.

A festa do Boi-Duro é uma tradição daquelas reconstruídas a duras penas: quase todos que a fazem já saíram há tempos do Salto, são migrantes, e retornam de empregos urbanos para a semana de folia. Ela pode ser sem dúvida nenhuma entendida como um retrato total daquela sociedade, um acerto das contas entre o cortejo e a comunidade que aplaude e vaia a distribuição que vai sendo feita (1). A festa pode ser analisada de muitos modos, é claro; mas é preciso entendê-la principalmente como uma homenagem ao Vaqueiro e ao Boi: o Vaqueiro-Herói que puxa o cortejo enfrenta um Boi bravo e o derrota, distribui as partes a seu critério e fica - uma vez no ano e simbolicamente - dono nas ruas de Salto de um espetáculo que foi seu mangas de pasto, onde sempre foi o rei.

Como no Salto, toda a sociedade rural do Mucuri e do Jequitinhonha, principalmente das partes baixas dos dois rios, cultivou sempre a história do vaqueiro. No alto Jequitinhonha, de unidades familiares e ralas fazendas de gado, o vaqueiro também tem seu lugar bem guardado, embora não seja nada que sequer se aproxime da sua desenvoltura nas áreas de criação, porque vaqueiro não existe sem a fazenda, e fazenda com vaqueiro alimenta e espalha a lenda dessa atividade sem semelhanças que transformou a pecuária numa aventura.

Sua glória profissional nasceu de duas circunstâncias muito unidas: a proximidade com o fazendeiro e a complexidade da tarefa.

Vaqueiro foi um trabalhador sempre próximo ao fazendeiro: seu trabalho, obediência e solidariedade foram para a casa de sede. Viveu um ritmo muito diferente daquele do trabalhador ordinário. Nas fazendas de gado o vaqueiro era também criado na casa, acostumado nas suas proximidades, morando nela, convivendo na comunidade que era a família duma sede. Natal, vaqueiro de Águas Formosas, foi criado desde os 16 anos no serviço de um fazendeiro; quando o vaqueiro antigo saiu ele exerceu o ofício por anos seguidos. Morou na casa de sede, nela recebia roupa, bom trato e comida: quando aos 24 anos resolveu finalmente casar-se depois de muitos adiamentos, largou aquela que fora sua casa contrariando seus patrões. Saiu chorando de uma fazenda que não pode esquecer, e nunca mais esteve ausente da sua lembrança o aprendizado feito na luta diária do campo, das madrugadas chuvosas em que enfrentara um curral com meio metro de lama, nos coices das vacas malabazadas, e num dia inteiro, a seguir, em lombo de cavalo.

Manelinho, da Sul América, foi vaqueiro na glória da fazenda, viveu todo seu declínio, e depois dela acabada ficou morando no batente da cancela da velha casa de sede. Zeca Figueiredo disse que ele sempre foi "*o cavalo de pegar os outros*".

Muitos outros casos são como esses, na história de familiaridade que se confundia demais com o serviço: a dependência funcionou para os dois lados. Geraldão, do Chumbo, nunca deixou de ser procurado pelo fazendeiro, mesmo 20 anos depois de saído do serviço, quando já era dono de seu próprio terreno: era a ele que o fazendeiro recorria, nas necessidades de mediação e conselho. E um fazendeiro do Pavão contava que regia a vida do vaqueiro desde a infância até a hora de sair: ferrava-lhe as réses de costume no ano, zelava por elas, selecionava, trocava, vendia, apurava, orientava os negócios até o ponto do vaqueiro ter o que julgava ser bastante. Então vinha o penúltimo negócio que fazia para o protegido: desfazer do gadinho e comprar a terrinha; e o último: doar o gado que servia para o antigo vaqueiro tornar-se um criador "*embaixo de minha gerência e conselho*", dizia (2).

Vaqueiro era próximo, um resultado da casa, conhecedor dos seus sistemas, glórias, desmandos e fraquezas, duro defensor da sua ordem e nome. Quase sempre foi o único assalariado regular da fazenda, e embora na maior parte das vezes o salário fosse mesmo muito baixo, era distintivo e compensado pela regularidade de ofertas que a fazenda lhe concedia nos negócios, partilhas e no apoio, na trama de destino que repartia com os fazendeiros. Um vaqueiro da São Vicente recebera ao final de anos de serviço 70 cabeças doadas e 5 alqueirões em usufruto: nunca permitiu nos anos que ainda viveu retirar seu gado da criação "*embolada*" com a fazenda. Mais tarde, quando sentiu a proximidade da morte, chamou os filhos diante do fazendeiro, falou que nunca admitiria que eles reivindicassem nada além daquele muito que já havia recebido e, depois dele morto, queria que a terra retornasse à fazenda e sua partilha de bens fosse feita pelo fazendeiro (3).

Foi um trabalhador próximo do fazendeiro, mas isto não diz tudo. Tinha que ser próximo, sobretudo porque desincumbia-se de uma tarefa não controlável, um trabalho que não possuía ritmo definido, mas somente um vago rumo geral em cada estação, e o restante era definido pelo meio e temperamento dos bichos. Era serviço zeloso, artesanal, fundamental para as rendas da fazenda: às vezes a única entrada em dinheiro; também por se ocupar de uma atividade que era a principal fonte de monetarização da fazenda o vaqueiro partilhava dos seus destinos. Por isto o patrão devia conceder especial importância e atenção muito mais delicada a esta, mais que todas as outras tarefas (4).

Não era um trabalho administrável, e muita vez - ou na maioria das vezes - a dedicação era a chave do bom resultado: paixão de caçador ao gado arribado, pronto cuidado para vaca que expunha a "*madre do corpo*", conhecimento dos sestros de cada rês do rebanho para encontrá-la nos esconsos. Tudo isso era essencial numa pecuária de "*soltas*", e não poderia ser bem feito com o estímulo de apenas um pequeno salário e alguma repreensão (5). A sorte do fazendeiro ia às mangas com seu vaqueiro: sustentar com ele uma notável intimidade, apoiar seus ocasionais desmandos e rompantes, tolerar-lhe os relaxos, era mínima contrapartida ao tamanho da dedicação que oferecia. Essa natureza desorganizada do serviço de gado tinha que resultar na associação do vaqueiro à casa de sede, na sua mais estreita solidariedade: a proximidade era condição da fidelidade numa

situação que o fazendeiro não podia controlar o trabalho, mas apenas alguns dos seus frutos.

O outro motivo da glorificação cultural do vaqueiro era seu próprio ofício. Trabalho de vaqueiro em pecuária alongada além de incerto, aventureiro e a cada dia e estação sujeitar o trabalhador a uma quantidade de riscos, exigiam uma imensa destreza. Um gado criado solto naturalmente embravecida; e então o vaqueiro tinha que dominar a arte do serviço, que exigia anos de adestramento, cumpridos com assistência de mestres: a melhor escola sempre foi buscar aprender com os afamados vaqueiros de Joáima, que conheciam todos os segredos das mangas. Laçar gado bravo, domar animais de sela, amansar vacas de leite, dar campo em áreas enormes e perdidas, colocar em boiada gado desgarrado que passava às vezes meses ou anos sem ver pessoas ou curral, era um serviço especializado, além de perigoso.

Quando um vaqueiro rumava para o serviço dificilmente sabia o que encontraria: seu preparo estava em improvisar nas mais difíceis situações (6). Joaquim, da fazenda Jatobá, escrevia para seu "*Padrinho e Patrão*" quase todos os dias; sempre, antes das novidades, começava: "*Hoje cedo eu saí corrigindo as mangas...*" [Correspondência de Germano Cunha Mello, ms] porque sabia o quanto de incerto havia no seu ramerrão, e então relatava a quantidade de descontroles que a natureza impunha ao seu cálculo.

A história do herói romântico apegado ao cavalo e à pouca vergonha com moças caridosas em fundo de cozinha de casa de sede, é só um fragmento, o mais cotidiano, do serviço de vaqueiro. A saída para o campo envolvia uma arte: cavalos precisavam ser mansos, preparados para serviço, e cada um deles podia apresentar seu defeito - aluado, boleador, coiceiro, doido-de-cabeça, empacador, fogoso, galope-desunido, hético, intuído, jogador-de-bunda, ladrão, madraço, nhato, passarinho, quartela-baixa, refugador, solto-dos-quartos, transcurvo, velhaco, xotão ou zureta - que possuía sua exclusiva correção, de maneira que num cavalo estava uma natureza. Álvaro da Silveira recolheu muitas histórias de animais de serviço, e seu fabulário particular acabava se grudando aos vaqueiros que os usavam (7). E existiram métodos muito diferentes de lidar com os cavalos, suaves ou brutais, que iam - ou vão - desde o trato gentil ao potro na desmama, até a brutalidade da "professora", o cabeção de serrilha feito para quebra de animais defeituosos, e tudo dependia do gênio e gosto de um vaqueiro.

Mas além de todas essas, as mais delicadas e perigosas artes eram aquelas de lidar com gado de solta, uma sabedoria apurada pela idade, raça, meio, clima e costumes de fazenda. Era arte que não prescindia do ferrão para enfrentar gado nas apartações, e ao usar aquela zagaia para boi o vaqueiro tinha que possuir bem dosados adestramento e sangue-frio, para medir a altura do redemoinho da rê, firmar a ponta do ferrão sem vacilar, dar o recuo certo - "*remar*", como diziam eles - para aguentar que a topada fosse uma e acertada, porque naquela tarefa não existiam duas chances. E o laço e a chinha eram fundamentais para cura dos gabarros e bicheiras porque nem todo gado se chegava a curral, e nem sempre os currais eram perto. O gado, por si próprio, era outro domínio que possuía as suas manias e costumes que eram segredos dele e dos vaqueiros. A arte do vaqueiro era, com razão, saber dos mais considerados: vaqueiro foi o oficial de um artesanato.

A diferença com os demais trabalhadores de uma fazenda é que o vaqueiro labutava com o indócil, não-domado; soltar os bezerros de leite na manhã antes de ir a um campo era a única rotina que havia num dia de serviço (8). Tudo era incerto. Podia encontrar vaca parida dando testa para topada, garrote caído em valeta, garanhões se retalhando em brigas, gado fugido de manga, bezerro novo com bicheira velha. Sabia muito pouco o que poderia esperar, o que seria seu dia, quais resultados alcançaria. Mas certo era gastar o tempo num serviço extenuante de corridas e desafios, e aí, não só fazia prevalecer sua arte, mas também a divulgava, e a cada dia aumentava a lenda do ofício e o tamanho da glória da fazenda.

Existiram vaqueiros lendários que marcaram lembranças de agregados de fazenda: curral e vaqueiro foram expoentes da coragem, arrojo, riqueza, poder. Curral foi o lugar do trabalho mais especializado, símbolo do ofício que excluiu a rotina com seus tempos, práticas e espetáculos únicos: ferra, junta, ordenha, castração, descorna, medicação, partilha, amansação. Gado criava seus ritmos próprios, independente do seguimento "*seca-e-s'água*" da lavoura. Por isso, toda a zona de criação do Jequitinhonha e Mucuri guardou lembrança muito sólida do vaqueiro.

Antônio Vaqueiro, que trabalhava para Hermano de Souza, fez a pedido deste a viagem pioneira que abriu o mercado de Vitória da Conquista e do Recôncavo Baiano para o gado do Jequitinhonha: o fazendeiro ordenara-lhe "*marchar rumo a Jequié, na Bahia, e só voltar quando vendesse a boiada ou morresse o último boi*" [Duarte, 1976: 61]. José Vaqueiro, passador de gado de Theopompo Almeida, gastou um ano para percorrer 100 léguas, de Buenópolis até Pedra Azul, tocando a pé as primeiras 160 cabeças de zebu que foram do Triângulo Mineiro para o Jequitinhonha.

Da dedicação, vinham aquelas consideradas regalias de vaqueiro, e numa sociedade de poucas oportunidades e, às vezes, enormes distâncias sociais, elas chegaram a ser muitas. Não era tanto o salário - quando todos os trabalhadores recebiam equivalências em mercadorias ou alimentos preparados - que embora reduzido, era dinheiro. Nem eram, também, as lavouras próprias de mantimentos que vaqueiro fazia ou alugava outro para fazer, porque este era direito e prática de todo morador de fazenda. Regalia de vaqueiro vinha do conhecimento e oportunidades de negócios que fazia junto ou à sombra do fazendeiro: eram receber gado "*na sorte*", ou seja percentagem dos bezerros nascidos no ano que podia chegar até 25%; gerir um retiro com total liberdade e extrair dele as oportunidades que davam gado na "*meia*" e serviço dos outros; ou ficar sem salário mas receber o leite das vacas paridas para criar porcos ou fazer requeijão, ou os dois, e vender; ou receber do fazendeiro gado "*afetado*" - de aftosa - para curar gabarros, recriar, negociar; ou merecer avais para negócio de terra ou gado. Eram essas regalias, e juntando a tudo, o fazendeiro admitir o criame "*embolado*", quer dizer, pastos, mas um só serviço e remédios para cuidar do gado da fazenda e do seu.

Mas não eram só econômicas as vantagens de vaqueiro. Eram também, e talvez principalmente, simbólicas: acesso ao quintal e a cozinha da casa de sede, às viagens de gado a serviço, tocando boiadas, a ascendência sobre fazendeiros e a secundação do poder sobre agregados. A estabilidade temerária e artesanal do trabalho com gado - principalmente quando não existem tratos diferenciados para inverno e verão - criou um trabalhador especializado com algumas tarefas diferenciadas repartidas ao longo do ano -

apartação, junta, etc - e outras regulares e sistemáticas. E as regularidades profundamente irregulares definiram o cotidiano de um vaqueiro de pecuária na solta. Ao contrário do serviço do lavrador, o vaqueiro era requerido o ano inteiro, sem lazes, sem rotina, se é que se pode considerar incerto um trabalho cuja sequência era pura aventura e risco. Dai veio a especialização, força e mística dessa "*sociedade rústica dos vaqueiros*" (9).

## 2. Bois

A criação de gado no Jequitinhonha e Mucuri combinava quantidade grande diferente de técnicas e recursos. Pecuária foi - e em fins do século XX continuou sendo - uma atividade fundamentalmente extrativa, como a lavoura, mas, ao contrário desta, sempre teve algum vínculo com os mercados que explica algumas das suas revoluções. Permaneceu estável em alguns aspectos e operou notáveis transformações técnicas em outros.

Pecuária era uma atividade muito vinculada à natureza. Sua expansão ocorreu a partir de apropriação de recursos do ambiente e a princípio como atividade subsidiária da lavoura. As primeiras informações sobre criação no Jequitinhonha datam dos anos 1860: na época Hartt encontrara vaqueiros vestidos de couro campeando nas chapadas do Alto dos Bois (10). Seu crescimento, no entanto, ocorreu já para os fins do século XIX, mais no baixo Jequitinhonha e, de maneira geral, bastante associado às levas de baianos que começaram a migrar sistematicamente a partir dos anos 1890. Existem algumas evidências históricas que as coisas tenham acontecido deste modo: a mudança de famílias de criadores para Vigia e Pedra Azul, a abertura pioneira. Mas tudo foi possível apenas graças a boa combinação montada entre pecuária, agrego e lavouras.

No Jequitinhonha não existiam recompensas em derrubar matas e formar pastos, porque era processo trabalhoso e caro: derrubava-se para lavouras de mantimentos e a criação de gado vinha muito depois, sobre uma terra já aberta. Pecuária mantinha uma associação muito forte - embora não exclusiva - com abertura, lavoura e posse, teve de surgir atrás delas. Por isso não foi a criação de gado que abriu as frentes do baixo Jequitinhonha ou do Mucuri; pelo contrário, ela sempre foi um resultado de expansão de lavouristas ou madeireiros, nunca o inverso.

Criação supunha uma terra desmatada, pasto natural, sistema extensivo e fogo, muito fogo mesmo. As queimadas sempre foram a títulos diversos: limpar as mangas de pasto de matos maninhos ou miunças, liquidar parasitos, fortalecer o capim, dar cinzas para o gado e outras explicações tão diversas e fortes que tornam impossível entender aquele manejo de pasto sem um fogo constante e voraz. Ele torava, além dos pastos, capoeiras e matas, a ponto de o baixo Jequitinhonha ter transformado quase toda sua floresta em cinzas e tê-la extinta em definitivo no espaço de 50 anos - entre meados dos anos 1860 e fins dos 1910, entre a viagem de Hartt e a de Santos Maia - quando não restou muito do que fora aquela floresta que encantava os viajantes do começo do século XIX. Mas a criação de gado extraía também madeiras: as fabulosas "cercas de tesouras" usadas para repartir pastos, tora deitada sobre outra tora de madeira de lei, ficando a de cima presa na parte superior de dois paus cruzados em forma de "X"; as cercas de mourão furado, feitas de

encaixes de madeira lascada, repartiam pastos por léguas e léguas e nos finais do século XX ainda podem ser vistas no Pampã e Mucuri (11).

Os agregados e suas roças mutantes de tocos, que deixavam na terra capoeiras ou pastos, deram as condições para o sistema de criar alongado. Ele fez a fama dessas áreas, foi a base do seu negócio e às vezes do seu sustento. Mas é arriscado falar que agregado serviu unicamente para abrir terras e formar pastos, porque a capacidade de suporte de gado nessas terras recém abertas era fabulosa e os rebanhos não eram tão grandes assim. A lembrança dos pioneiros de matas do Pampã, Mucuri e Jequitinhonha, é de terras boas e novas de empastação que suportavam 2 cabeças adultas por hectare, ou 10 reses por alqueire mineiro. Essa capacidade de suporte variava um pouco, mas até os anos 1940 sempre tendeu para ficar nessa média. Em vista do tamanho dos rebanhos e da capacidade de sustento, havia terra com sobra para lavoura e criação. A fazenda Santana do Poço nos anos 1930 comerciava anualmente algo em torno de 2.000 novilhos de apartação. Supondo uma taxa de desfrute de 25% e intervalo entre partos de 24 meses, conclui-se que o rebanho era mais ou menos 8.000 cabeças; dada aquela capacidade de suporte a criação ocuparia, no máximo, 4.000 dos estimados 50.000 hectares que a fazenda possuía - míseros 8% de área. Outra fazenda que deixou rastro da sua lotação foi a Sul América: segundo suas notas de gado em 1955 pastaram na Esplanada - um de seus retiros, com 1400 hectares - 1.500 "garrotes boiadeiros", ao lado de roças de muitos agregados (12).

O caráter extrativo e predador da criação de gado fez com que os geógrafos e historiadores considerassem a atividade imóvel. Veio daí o entendimento da pecuária bovina como pouco mais que uma praga dos campos brasileiros, pois quando não está se movendo tocada por incêndios ateados pelos fazendeiros e pela fome dos bois, está afrontando posseiros e sitiante, tomando terras para garantir seu exclusivo domínio (13). Isto não deixa de ser verdade. Mas oculta outros aspectos da atividade que afinal de contas teve tanto de adaptado ao meio quanto as lavouras e no caso que examinamos, escondeu-se por detrás da lavoura e do agrego, de modo que é difícil determinar seu perfil sem olhar todas as frentes que a pecuária abriu.

Certo, mesmo, é que pecuária exigiu muito trabalho: nem sempre são exatas as associações entre criação e ócio, pecuária e fazendeiro ausenteísta, fazenda e grilagem, gado e estagnação técnica, porque apesar de o serviço direto não recair sobre o fazendeiro, cabia ao vaqueiro cobrir vastas extensões de criação e dominar as técnicas que deram base à sua lenda. De outro lado, a pecuária foi parceira e herdeira do sistema de agrego e da posse, geradores de aberturas na mata do Jequitinhonha e Mucuri, frente pioneira constante no domínio da terra, oferta permanente de batedores de mangas, fazedores de cercas e valos, recurso cativo de formar pastos novos nos terrenos dominados. O convívio entre agrego e criação nada teve de conflituoso até meados do século XX; pelo contrário, sua marca era a complementariedade. Depois, nos estertores da pecuária alongada e do agrego, a contradição tornou-se patente, quando as terras perderam em fertilidade e as matas desapareceram. E, quando aquilo que supunham infinito finou, desabou todo o sistema: foi então que a leitura do que era ajustado só revelou desajuste. Mas isso ocorre lendo depois, com os conceitos do futuro. Na sua dinâmica não foi excludente.

Criação era uma atividade extrativa e alongada. Tinha, porém, suas exigências, técnicas e ritualidade, como vimos. Usou predatoriamente recursos naturais, mas face à

predação praticada nas roças e, a rigor, visto pela lógica que movia o posseante pioneiro e o fazendeiro de gado aquilo nem era predação, porque tratava-se de recursos tão livres, fartos, acessíveis, redundantes, que seria impensável poupá-los naquele momento, pois abrir a mata era sinônimo de moldar humanamente a paisagem rural, garantir sustento e até construir patrimônio familiar. Mas a combinação da pecuária e lavoura liquidou definitivamente com tudo aquilo que fizera possível a fazenda e seu mundo.

Apesar de ser considerada uma exploração estagnada, a pecuária passou por algumas revoluções técnicas. Foram transformações no pastejo, manejo e, principalmente, rebanhos. As características empresariais e sistêmicas que a criação de gado apresenta em fins do século XX resultam dessas mudanças, que acrescentaram gradativamente ao seu caráter extensivo alguns melhoramentos técnicos. Eles ampliaram enormemente o seu potencial produtivo.

A primeira mudança foi na capacidade de suporte das pastagens. Os pastos nativos de campos que os criadores pioneiros encontraram no Jequitinhonha, formados pelo capim redondo, mimoso, favorito, peludo e vários outros tipos de capins-de-campo, nunca serviram para alimentar muito gado porque suas densidade, palatabilidade e constância não eram das melhores. Eles produziram à base de fogo frequente: depois de queimados brotavam tenros e forneciam pastagem por um curto período. Nas terras férteis de cultura usadas para pasto existia o chamado capim-pernambuco - pasto baixo e duro - e, desde o começo do século XIX, o capim meloso ou gordura de origem africana, que expandia com a fronteira de ocupação invadindo as roças abandonadas e espalhando-se na trilha da caminhada do povoamento. O meloso, apesar da sua razoável capacidade de pastejo e boa aceitação pelo gado, apresentava alguns inconvenientes: muito sazonal, pouco resistente às altas temperaturas e nada resistente ao fogo. Apesar de fixar-se com sucesso nos altos Jequitinhonha, Mucuri e Doce, nunca alcançou sucesso equivalente nas zonas baixas, quentes e férteis dos rios. Lá, o capim de abertura foi, primeiro, o citado pernambuco e logo depois o capim provisório - também chamado jaraguá, extrema ou vermelho: o apelido varia de acordo com o lugar, mas seu nome científico é *Hyparrhenia rufa*. O provisório era bem adaptado nessas zonas baixas pela sua facilidade de reprodução e suporte de gado; toda a primeira expansão de pecuária no baixo Jequitinhonha e também no Norte de Minas e Triângulo Mineiro, foi feita sobre ele. A adoção do jaraguá em substituição aos pastos nativos, de campos ou pernambuco, foi a primeira mudança técnica significativa na pecuária. Junto dele havia o bengo ou angola, capim de várzeas, e o sempre-verde, de origem nordestina, empregado por algum tempo no baixo Jequitinhonha (14).

A segunda grande transformação no pastejo da pecuária veio dos anos 1910 em diante, com a introdução do capim-colonião, que tornou-se a marca da terra boa e da pecuária desenvolvida. O colonião, como quase todos os capins de pasto do Brasil, veio da África. É uma gramínea alta de 3 metros; segundo alguns autores em terra nova de mata alcançava até 6 metros e Arnaldo Cathoud, que viajou pelo Jequitinhonha nos anos 1930, fala dela com até 8 metros; entouceirada, resistente a pragas, fogo, secas, é de excelente aceitação por bovinos e equinos. Sua outra grande vantagem é a milagrosa propagação por sementes, minúsculas, levadas pelo vento que cuidou de esparramá-lo por todo baixo Jequitinhonha, Pampã e Mucuri. Capim bem enraizado, o colonião suporta um pisoteio

firme durante todo o ano, sem problema de rebrota. Implantado numa área, propaga rapidamente e resiste a muitos anos de uso ininterrupto.

Foi o colônião que fez a fama da pecuária do nordeste de Minas. Sua espantosa capacidade de suporte permitia colocar as duas cabeças de gado por hectare/ano, ou dez animais por alqueire geométrico (15). Ele operou milagres na terra fértil da mata do Jequitinhonha e do Mucuri, mas carecia tratá-lo com zelo, conservá-lo livre da rebrota das capoeiras e dar suas folgas de pisoteio para mantê-lo viçoso. Nos antigos tempos do colônião produtivo, os vaqueiros receitavam que um pasto bom precisava só de três "fês": foice, fogo e folga. Conservou-se nessa base, embora viajantes e memorialistas tenham se lembrado apenas do fogo. Foice era serviço de agregados, nas empreitadas que ocupavam uma parte do tempo de não-trabalho das lavouras; e folga era decisão de vaqueiros: deles, os mais sábios aprenderam que não se podia lidar com o colônião sobrecarregando de gado, que era preciso deixar capim sobrar, mesmo que fosse um pouco de desperdício. Os bons vaqueiros sabiam regular boca de vaca, momento de entrada e saída de um pasto, mesmo que, lembrava Diniz Vieira, 30 dias de pousio eram o bastante para refazer qualquer manga naqueles começos de ocupação do Pampã nos anos 1930. Foi graças a esses manejos que o colônião dominou a paisagem física, econômica e cultural (16).

Ao lado da transformação técnica do pastejo, aconteceram outras no manejo, na medida que a criação e os pastos prosperaram nas primeiras décadas do século XX. No correr desses anos, principalmente no baixo Jequitinhonha, foi-se tornando maior o cuidado com os pastos, sua repartição e zelo pelo volume de gado, perfilhamento, limpeza, utilização. Foi a partir dos anos 1920 que os fazendeiros começaram a preparar mais organizadamente suas invernadas, pastos de engorda para gado na seca, que conseguiam fazer o boi ir conservando a carne que ganhava no tempo das águas. Essas repartições de pastos foram feitas com cercas de moirões furados, ou cercas de tesoura, ou simplesmente repartidas por matas virgens mantidas intocadas, cerca viva e natural. Isto servia para proporcionar um uso mais equilibrado aos pastos, dava maior vigor às rebrotas, garantia uso compartilhado, e daí vinha o costume de formar retiros e entregá-los a um vaqueiro que governava ali pastos, gados e agregados.

Mas a maior e mais importante de todas as transformações técnicas na pecuária foi mesmo o melhoramento dos rebanhos, uma grande revolução silenciosa que começou por volta dos finais do século XIX. No começo da pecuária de cria na zona do Jequitinhonha o gado era o conhecido pé-duro, curraleiro ou comum, o chamado gado sem raça, que ia do centro de Minas ou da Bahia para lá. Era um gado muito resistente às rústicas condições da criação: suportava bem a solta, produzia largado nas gerais, aguentava parasitos, calor e seca. Tinha, porém, grandes problemas: baixíssima produção de carne e leite, demasiado tardio, pouco fértil. O intervalo entre partos, segundo contam vaqueiros antigos, era coisa de 36 meses; as novilhas começavam a reproduzir por volta dos 5 anos, o boi chegava à maturidade por volta dos 7 anos, quando alcançava algo em torno de 7 arrobas (210 quilos de peso vivo) e possuía, folcloricamente, 7 palmos de chifres (17).

Esse gado sofria críticas de todos os lados: o Doutor Rebourgeon, contratado pelo Conselheiro Afonso Penna para opinar sobre os problemas da pecuária mineira, dizia que a mortalidade dos bezerros atingia 50%, a produção leiteira média diária de uma vaca era 1,5 litros/dia; e por isso propunha introdução de reprodutores europeus, que acabaram fazendo

a desgraça daqueles que tiveram a falta de senso de seguir seus conselhos. Nos anos 1920, Theopompo Almeida realizou uma exposição agropecuária em Fortaleza: nela ganhou fama o boi "*Junqueira*", pelo tamanho dos chifres. Era o modelo de boi daquela época; segundo J.Duarte, possuía aquelas aspas enormes, mas tinha "*quartos chochos, peito esguio e difícil engorda*". [Duarte, 1972: 122]

Nessa época era o gado possível, mas os vaqueiros, criadores e boiadeiros lembram-se sem alegria daquele gado mais antigo, que depois vieram a chamar, vulgarmente, "*bunda-de-sovela*" por não fazer musculatura na anca e afinar da frente para trás. Lembrando desse gado curraleiro, o fazendeiro Moisés Gonçalves, Seu "Ioiô", do Pavão, dizia que "*Não tinha boi ruim, porque nada prestava, tudo era sem raça, tudo era ruim.*"

Em 1936, quando Cândido Versiani fez a sua viagem ao rio São Francisco da Bahia, descrevia o gado como "*pé-duro ao extremo*", e, dizia que "*seus bois são menores que os nossos bezerros*": mas aí ele já falava depois da revolução técnica que foi a adoção do zebu.

No Jequitinhonha e Mucuri a melhoria do pé-duro chegou a ser feita com o gado malabar, um boi que, misteriosamente, desapareceu dos pastos e da história da pecuária. Existem duas versões sobre o seu surgimento. De acordo com J.Duarte, um navio indiano aportara em Salvador com a tripulação doente e fora obrigada a descer o gado que transportava: esse gado cruzando sem critério com o curraleiro dera origem ao malabar. Outra versão, domínio público, é que um pesquisador alemão em finais do século XIX se interessara por criar um gado adaptado ao semi-árido e às condições da pecuária brasileira: cruzara então a rusticidade do pé-duro com o ganho de peso e precocidade do holandês e do zebu, mais o caracú, dando origem então ao malabar. Qualquer que seja a versão certa, o caso é que o malabar foi o padreador de muitos rebanhos do Jequitinhonha e já do Mucuri até por volta dos anos 1930. Diniz Vieira de Azeredo Coutinho, fazendeiro em Carlos Chagas e antigo possuidor desse gado, definiu o malabar como "*meia-orelha, pesado, umbigudo, peito largo, pouco leiteiro; vermelho, amarelo ou azeitona.*" E J.Duarte, também criador, deu outra definição, parecida: "*boi meio azeitonado, de cara escura, corpulento, chifres curtos e pouco curvados, com uma pinta preta dentro da orelha, considerada característica da raça, já preferida por alguns fazendeiros mais observadores e práticos.*" [Duarte, 1972: 129]

O malabar foi o melhorador do pé-duro. No entanto ele não era considerado muito superior a este. Quando cruzava suas vantagens costumavam ser anuladas, reproduzindo um curraleiro com pouca melhoria. Ilustra isto a história contada por J.Duarte: um seu agregado, Zé da Baixinha, queria vender-lhe um novilho; quando foi perguntar se era de raça ou sem raça, o vendedor disse que "*não é de raça nem sem raça: é malabar.*" [Duarte, 1972: 130]

Gado malabar sumiu engolido pelo zebu, que operou a mais profunda revolução técnica na pecuária do Jequitinhonha, Mucuri e de toda Minas Gerais.

O zebu é um gado rústico, precoce e pesado: reúne as boas qualidades que faltam ao curraleiro. De origem indiana, divide-se em gir, nelore, guzerá e indubrasil, este último resultado de apuramento genético feito no Brasil mesmo. Ele começou a ser introduzido no Brasil em 1875, mas foi a partir de fim do século que começaram as importações dos criadores do Triângulo Mineiro. No começo do século elas aumentaram, e entre 1910 e 1920 ocorreu seu apogeu, a febre do zebu. Na época também existiu uma disputa séria na

imprensa sobre as suas boas e más qualidades e Álvaro da Silveira foi um defensor intransigente da sua introdução, contra o caracu e as raças europeias (18).

Silveira sustentava polémicas memoráveis com os defensores da introdução de lavouras e raças exigentes em Minas Gerais; manteve por anos debate acalorado com um articulista de um jornal de São Paulo sobre o zebu. Ele dizia que os campos mineiros produziam capim-redondo, e que nenhuma serventia este capim possuía. Mas, havia uma máquina que transformava-o em proteína: era o gado zebu, que não exigira mais que campos e sal para criar a riqueza do Triângulo Mineiro. Diante da mortandade de gado europeu, dos grandiosos desperdícios que eram feitos em nome do melhoramento genético, por que não deixar o zebu pastar livremente para fazer da rusticidade riqueza? A partir daí ridicularizava os críticos do zebu e louvava a sabedoria curraleira dos criadores: quem entendia de agricultura não escrevia sobre o assunto; e quem escrevia sobre o assunto, nada entendia do agricultor.

Dos anos 1920 em diante o zebu foi consenso e deu novos saltos de importações entre 1930 e 1945 no Triângulo. De acordo com Lopes e Rezende (1984), entre os anos 1890 e 1930 ele misturou-se intensamente com os rebanhos curraleiros. Dos anos 1940 em diante, suas características já eram dominantes no rebanho de praticamente toda Minas Gerais.

O zebu foi uma febre. Foi levado para o Jequitinhonha nos anos 1920 por Theopompo Almeida e pelo fazendeiro Hermano de Souza da fazenda Currais. A partir daí esparramou-se, melhorando ganho de peso, produção leiteira, precocidade. Diz J. Duarte que Hermano Souza cruzava Nelore com vacas Malabar e na época era muito criticado por criar gado de orelhas curtas: *"A paixão pelos chifres enormes desaparecia para surgir o amor às orelhas longas e pendentes. Peso, precocidade, qualidade da carne e rendimento não entravam nas cogitações dos fazendeiros. Orelhas, chifres, barbela e umbigueira eram objeto de discussões entre os 'entendidos'."* [Duarte, 1976: 96]

Aqueles bois que iam ao abate aos 7 anos, passaram a ir mais cedo, aos 4 anos, pesando 16 ou 18 arrobas; novilhas pariam já aos 3 anos: quase que duplicou a possibilidade de desfrute do rebanho(19).

### 3. *Porteira afora*

Num artigo dos anos 1950 Washington Albino reparava que o curral era o principal meio de comunicação de uma fazenda com o mundo: apenas através dele abriam-se suas portas, e aquela ainda era a situação dominante do interior de Minas Gerais (20).

Esse é um dos aspectos mais complexos da velha fazenda de gado. Sua natureza ao mesmo tempo autônoma e mercantil, confusa mistura de características senhoriais e comerciais que impede classificá-la como empresa, mas não permite negar a importância da circulação de bens e valores feita através da pecuária. Definitivamente, não era empresa, pois seu principal produtor de mercadorias, o vaqueiro, estava preso ao fazendeiro por laços que dificilmente podemos considerar assalariados, como a dependência pessoal, apadrinhamento, fidelidade estrita e vitalícia. Os pagamentos de vaqueiros eram fluidos, compostos por parcelas de dinheiro miúdo adiantado, contas-correntes que arrastavam-se

por anos, envolviam sempre a comida enquanto fosse solteiro e morasse na casa de sede, incluía roça feita com a família depois que se casava. Eram pagamentos em espécie: 200 mil-réis e uma bezerra, mais duas mudas de roupa e uma espora por ano de serviço; outras vezes cessão de produtos do serviço, como leite para o queijo ou percentagem nos bezerros. Além do mais a fazenda mantinha com seus agregados e clientela aqueles laços que podiam ser tudo, menos relações capitalistas de emprego e produção.

Mas porteira afora mudava a figura e o fazendeiro procurava o preço para seu gado, buscava com titubeio e paciência encontrar os cruzamentos mais rentáveis, lutava por maior rentabilidade nas vendas. Os controles de compras e vendas nas contas-correntes procuravam organizar aquele caos, perseguir lucros, economizar no que podiam, ganhar nas beiradas dos prazos e na facilidade dos juros.

No curral - sugeriu muito bem Albino - o negociante e o senhor tornavam-se a mesma pessoa: na apartação de gado de descarte, em seleção para invernadas, nos negócios de meação de boiada. Por cima das réguas de peroba, no batente de cancelas de monjolo, corrigindo a faina dos vaqueiros, regulando o gado que sai ou fica e, principalmente negociando a boiada, o curral teve o poder de fazer a síntese das diferenças. Para entender a fazenda não basta ter uma das imagens, mas as duas, negócio e não-negócio. E a melhor forma de compreender sua lógica é descrevendo as relações que estabelecia com o meio físico, os homens disponíveis e o mercado.

O principal componente da produção da fazenda era dado: a extração. Viveu daquilo que o ambiente ofereceu. Tanto quanto a roça de toco, só que numa escala mais ampliada. Diferente da roça, montou a extração combinada com o mercado. Empreendimento de fronteira, extrativo e mercantil, não estava assentada no assalariamento ou controle do processo produtivo e este fluía ao sabor da natureza: enquanto pastos brotavam, colônias perfilhava, vacas pariam e agregados produziam, o fazendeiro regulava. Era essa mágica que combinava-se com o sistema de negócios sem contradição, parelhando comércio e extração, empresário da mata, produtor aventureiro, rentista da selva, sugando os recursos com que a natureza dotara o meio e que o domínio privado permitia transformar no benefício próprio que foi a fazenda.

Mas também o campo dos negócios, a faceta mercantil da fazenda, não possuía uma organização estritamente empresarial. Os negócios de gado e comércio, embora fossem se tornando frequentes no correr dos anos, eram transações com lentas e enoveladas negociações que aconteciam numa economia de baixíssima liquidez. Diniz Vieira, fazendeiro em Carlos Chagas, contou que nos anos 1920, em Urucu, recebeu 180 cabeças do melhor gado malabar em paga de cinco anos de trabalho e durante um ano andou por onde pode e não conseguiu fazer o gado virar dinheiro. Vender uma boiada, nos anos 1920, era negociar, entregar os bois, esperar serem levados, unidos a outros rebanhos, formada a grande boiada, feita a viagem para o ponto de venda, colocado o gado na invernada para engorda, refeito, engordado, entregue; então era só esperar que passasse aquele prazo de 90 ou 180 dias para o boiadeiro receber; então, fazia a jornada de volta e saldava os compromissos assumidos com o dono do gado: negócio de um ano ou dois, entre negociar e receber dinheiro. Foi assim até por volta de meados do século XX, pouca liquidez e circulação. Raros aqueles que possuíam dinheiro no contado, mas diversos os que o tinham espalhado em muitos créditos a receber em largos prazos. Era frequente a circulação de

promissórias, títulos e o repassamento por anos de papéis de um para outro dono, com juros e descontos - dependendo do emitente - numa cadeia enorme de dívidas, compromissos, obrigações.

Os negócios eram travados uns com os outros e não podiam ser resolvidos facilmente. Nos anos 1920 o fazendeiro e negociante Helvécio Ribeiro, resolveu sair da Bahia e fazer o caminho da "mata" que tantos outros baianos seguiam. Suas atividades baianas eram muitas, mas pouco rendosas; a fazenda Capim Grosso, de sua família já há muitas gerações, não oferecia qualquer perspectiva para a melhoria da sua sorte. Nessa altura já labutara com ofícios e negócios rurais e urbanos, e o Capim Grosso certamente ficaria para outro dos seis irmãos. Mas o interessante é que entre a tomada da decisão de sair e a saída efetiva passaram-se 3 anos, que podem ser acompanhados nas suas agendas. Esse prazo não correu porque estivesse com dívidas e sim porque os negócios eram presos. Era uma teia de compromissos, acertos, interesses familiares e de terceiros, promissórias a receber, dívidas a saldar e tantos negócios ligados uns aos outros que sua liquidação tomava enorme tempo. O ajuste de alguns negócios implicava assumir outros que ele julgava mais certos ou solváveis: trocou créditos de um jornal por um bilhar, créditos de uma representação comercial por uma casa, dívidas de um por crédito com outro. No correr desses anos foi a Salvador e Ilhéus receber de devedores seus, aproveitava a viagem para quitar por encomenda débitos alheios, que também acabava misturando aos seus. Sair daquele mar de "rolos" e "tranças", transformar créditos quase certos em bens mais líquidos, quitar ou transferir débitos seus para outros, foi a tarefa dos três anos.

Saiu ao fim deles com 31 anos de idade, arrieiro e tropa formada. Mas antes dos anos 1935 nunca deixou de ter créditos e débitos cruzados na Bahia, onde voltava, às vezes. Era difícil resolver o varejo, nota-se nos diários, ele exigia mais que racionalidade econômica: carecia tato, paciência, conversa, esperteza. Créditos improváveis transformaram-se em bons negócios, pois ele recebeu a boa fazenda Batalha, do Pavão, em troca de dívidas. Mas, também créditos sadios transformavam-se em péssimos resultados. Entre seus papéis daquela época encontra-se a longa carta de um devedor baiano, antigo, que contava toda a história de uma briga por herança: um mau-caráter seduzira sua irmã há 10 anos, casara com ela, fazendo-a escrava de seus caprichos; ela fora levada a falsificar a assinatura do pai no testamento, de modo a excluir o irmão da melhor herança e o restante penhorara em seu proveito, ainda com a vida do sogro; vendera a casa da mãe e a própria casa onde morava o missivista, que decidira ir às armas, mas errara o tiro ao cunhado e fora processado, tendo então que vender seu comércio - último bem! - para pagar as despesas forenses. Desculpava-se então por não poder pagá-lo naquele ano; no próximo...(21)

Nessa época, quando o gado, o bem mais negociável, passava de um para outro fazendeiro, circulavam papéis que os uniam em redes de interesses e dinheiro. Papéis como este de Wilson Tiná Trindade:

*"Comprei a Idalino Ribeiro*

*65 vacas indubrasil*

*14 novilhas indubrasil*

*34 bezerros indubrasil*

*7 garrotes indubrasil*

*1 garrote indubrasil*

*9 garrotes comuns (boiadeiros)*

*130 reses por Cr\$650.000,00*

*Nas seguintes condições: um título com 1 ano Cr\$250.000,00*

*1 título com 18 meses Cr\$400.000,00*

*Vencimento em primeiro de março de 1953 e primeiro de outubro respectivamente, sendo ambas prorrogáveis a juros de 2% por tempo indeterminado conforme me interessar.*

*Esta combinação foi feita em presença do Senhor Eliezer Ferraz e ficou esclarecido e assinado por Idalino Ribeiro ao lado esquerdo das promissórias emitidas por mim."*

[Contas Correntes da Fazenda Sul América, ms]

O livro de contas correntes da Sul América contém muitas anotações desse tipo e ainda controle de empréstimos feitos ou tomados com prazos larguíssimos, para mais de 2 anos, com taxa de juros entre 1 e 2 por cento ao ano, e aqueles negócios, pelo tempo que é possível segui-los, na verdade emendavam-se com outros, quitados com títulos de terceiros - parceiros de outros negócios variados - e repassados à frente, de modo que, rigorosamente, não se pode encontrar o fazendeiro acertando monetariamente uma dívida contraída. Os acertos da Sul América com o meeiro de uma boiada para partição de lucros acontecia de dois em dois anos. Mas como o sócio sempre reinvestia capital e lucros, o fazendeiro embolava o fim daquele negócio - gado que entrava livre e seu como resultado de partilha bianual - com o começo ou o meio de outro, e aí se perderá quem for seguir a trilha da formação desse complexo patrimônio. Nos quase 40 anos de registros sistemáticos, uma única vez há liquidação de créditos da sociedade: em 1952 a fazenda apurara um lucro de Cr\$ 332.770, 00; este entrou em caixa, e no correr de todo o tempo parece ter sido a única situação de efetiva monetização do fazendeiro Trindade. Equivalia a 300 salários-mínimos de 1952 e era metade do lucro de dois anos sobre 1.500 bois.

Como se vê nos exemplos, quase não existiam transações diretas, líquidas, monetarizadas, finais: eram pagamentos fatiados, longas transferências de umas para outras dívidas miúdas. Mesmo representantes comerciais agiam assim. Amadeu Martell conta numa carta ter aceito algodão de credor fazendeiro; certa vez fechou um cabaré por uma noite para seu exclusivo deleite e cobriu Bela Mariana - que era *"rainha naquela casa de tolerância"* - com os cristais que recebera por um débito demoradamente cobrado.

Esse ramo de atividades sujeitava-se sempre a isso mesmo. Além de exigir do viajante uma quantidade enorme de criatividade, habilidades, civilidades e coragem, pois precisava conviver diariamente com objetos tão diferentes como freios, carbonos, cafeteira, dinheiro e arma.

A rede pouco formal de débitos, créditos e garantias tinha seus riscos. Quando falia um devedor - fazendeiro, comerciante ou boiadeiro de vulto, todos viviam atolados em dívidas - desencadeava um movimento geral de quebradeiras derivadas, tal era a quantidade de títulos e papéis de uns empenhados com outros, lastreados em negócios demoradamente

pendentes. Era por isso, então, uma sociedade onde o título de dívida deveria ser muito sólido, fundado primeiro na confiança que o próprio emitente merecia, segundo nos seus bens de raiz e terceiro nos bens dos seus avalistas. Nessa economia tal função era parcialmente coberta pelos comerciantes. Daí, novamente, a importância que mereceram as casas comerciais Colombo, Bazar 36, Manuel Martiniano, Idalino Ribeiro, para citar as principais. Eram centros de venda, mas também de garantias, empréstimos, penhores e descontos. O lastro da confiança, porém, era vital: os costumes de honrar o negócio pelo fio de barba, garantir a palavra, sustentar todas as garantias que fornecera, eram fundamentais não só para a sobrevivência individual, mas para a manutenção do próprio sistema.

Em caso de protesto ou inadimplência os avalistas honravam os documentos que haviam assinado. Era garantia de palavra, código de honra, mas também garantia pessoal e coletiva. O aparente desprendimento em falir por conta de outro dava a confiança necessária para o fazendeiro ou boiadeiro recomeçar sua carreira com novas e multiplicadas pequenas dívidas. Em muitos casos podia refazer o todo, ou pelo menos partes do seu patrimônio, a partir das suas relações pessoais, conhecimento de mercado e nome que soubera honrar. Theopompo Almeida, boiadeiro de levar 15.000 bois por ano à Bahia nos anos 1920, faliu em Fortaleza, foi para Joáima onde ficou dono da Ypiranga; de novo lá teve problemas financeiros; saiu para a "mata": morreu em Carlos Chagas, recomeçando, sem dinheiro, deixando excelente conceito de si mesmo. Argel, boiadeiro que foi ao Mucuri e Jequitinhonha nos anos 1940, chegara a negociar em torno de 60.000 bois num mês: faliu por três vezes - numa delas por haver comprado bois a Cr\$120,00 a arroba e obrigado a entregá-los a Cr\$75,00 pelo contrato com o frigorífico, perdendo então gado e fazendas - e em duas delas conseguiu reconquistar novamente confiança dos clientes, para voltar a conseguir montar um negócio ainda mais vultoso que o anterior. Era, portanto, uma sociedade de códigos rígidos de confiança, baseada em princípios mercantis costumeiros e sólidos (22)

#### 4. Boiadeiros

Foi através dos negócios de gado por aquelas tortuosas estradas e acertos que as fazendas das zonas de criação do Nordeste de Minas foram resolvendo seus problemas de dinheiro, construindo modestas e até importantes fortunas. Nisso foi fundamental o desempenho dos boiadeiros, regadores dessa economia com seus pagamentos vasqueiros e demorados.

A relação do fazendeiro com o comprador de gado, o boiadeiro, era de negócios, é certo. Mas não era também um sistema empresarial. Transações de boiadeiros e fazendeiros possuíam a mesma lógica: eram embolados negócios e confiança, mais as viagens perenes, formando boiadas reunidas de áreas imensas. O costume era comprar na "*perna*" - quer dizer, avaliando no olho o peso ou simplesmente determinando preço por um lote maior - um boi magro, erado e castrado que seria conduzido e engordado para o abate final. Acontece que raras fazendas produziam sistematicamente grandes lotes de bois, aquele boi terminado de 4 anos, pelo menos. Por isso muitos fazendeiros compravam uns aos outros, formando lotes um pouco maiores e os passavam a outros fazendeiros, que por fim os

entregavam a boiadeiros. Eram cadeias de vendas, porque negociar era mais compensador que produzir, e melhor que tudo era negociar um lote maior de gado. Ele recompensava a viagem de centenas de quilômetros, que durava meses, com bagagem, despesas, acidentes e, depois do zebu, com o risco da aftosa. Foi esse o trajeto daqueles boiadeiros históricos do baixo Jequitinhonha que faziam longas viagens, tocando curraleiros e mestiços à procura de quem os aceitasse com prazo inferior a dois anos.

Compromissos de dívidas firmados em promissórias - endossadas e postas a circular - uniam fazendeiros, boiadeiros, invernistas e negociantes em laços sólidos de dívidas cruzadas (23). Eram negócios baseados no conhecimento que cada parceiro possuía do outro e permitiam a dilatação dos prazos e transferência dos débitos. J. Duarte saiu de Sergipe para a Bahia, de lá para Belmonte, daí subiu o Jequitinhonha comprando bois e se estabeleceu na Vigia. Diz que considerou-se boiadeiro em definitivo quando um fazendeiro comentou que ele era um homem realizado: Duarte tinha dívidas da barra de Belmonte à barra do Araçuaí; recebia, portanto, crédito e confiança bastante para comprar todo o gado que queria.

Eram negócios longamente embolados mas também fragilmente controlados, como aqueles dos fazendeiros. A apuração de débitos e créditos era demorada, durante longos períodos sustentavam-se as mesmas contas em aberto com renovações periódicas e liquidações parciais. Um controle fluido, igual ao que era feito com agregados, armazéns fornecedores, devedores, boiadeiros, outros fazendeiros. As mesmas trocas de títulos e bens, e circulação infinita. Em Joáima - que foi um grande centro boiadeiro, lugar de vaqueiros afamados em toda a zona do Mucuri, Jequitinhonha, Doce e Pardo - conta-se a história de um boiadeiro Antonico Miranda que começou a ser perseguido pela idéia que seus débitos eram maiores que seus créditos. Obcecado por isso, tentava de todo modo fazer um balanço dos títulos que emitira e dos créditos que tinha por receber, e nunca conseguia chegar a um resultado conclusivo. Desesperado, tomou formicida, morreu. Seu inventário durou dois anos e ao fim dele sua mulher e herdeiros descobriram-se muito ricos. Os créditos, afinal, superavam os débitos (24).

Na monetarização desse mundo os boiadeiros foram personagens tão importantes quanto os fazendeiros. Permitiram a saída dessa "*muralha feudal*", da qual falava Albino, forneceram a modesta liquidez dessa sociedade de abundância, e abriram as gradativas rotas que foram irrigando essa economia com um dinheiro que ficou menos ralo, ao mesmo tempo que a fartura minguava. A sociedade foi deixando de possuir tantas farturas e facilidades que foi virando quase outra.

Criação de gado foi-se tornando aos poucos um negócio, mas de prosperidade demorada. Antônio Vaqueiro nos anos 1920 abriu para o gado do baixo Jequitinhonha a rota de Vitória da Conquista, na qual também os Almeidas de Pedra Azul labutavam. Do Jequitinhonha para Conquista e daí a Salvador era um estirão de quase 1.000 quilômetros para boiadas que viajavam 20 ou 40 quilômetros num dia. Mas o mercado baiano foi promissor e único até os trilhos do trem chegarem a Montes Claros no final dos anos 1920, e foi por lá, aos poucos, pela via de Salinas, que as boiadas procuravam o rumo do Oeste e depois iam embarcadas para o Sul, Belo Horizonte ou Rio de Janeiro.

Mas a grande transformação veio dos anos 1930 para a frente, com a abertura da rota de Campos, que tornou-se o centro mais importante de invernadas de gado mineiro.

Foi o contato de Campos que abriu o Mucuri para a pecuária de comércio mais estável. Os boiadeiros passaram a reunir lá *"um gado miúdo"* que ficava escondido dentro das touceiras de capim-colonião, conforme diz Paternostro. Na mesma época começou a entrada do gado pelo Pampã, inicialmente uma extensão das fazendas de Joáima; mas o certo é que o gado entrou no Mucuri pelo Norte, e acabou tornando-se um bom negócio vendê-lo para o Sul. Do ponto de vista das rendas foi uma verdadeira revolução, pois os boiadeiros campistas andavam por toda aquela zona formando lotes que saíam no rumo aproximado do que veio a ser a Rodovia Rio-Bahia, depois costeavam a divisa do Espírito Santo, atravessavam o baixo rio Doce, parte da Mata mineira e chegavam ao Rio de Janeiro. Lá a boiada era refeita, engordada, abatida e posta no mercado da capital federal (25).

O mercado novo só prosperou daí por diante. Serviu para transformar a criação de gado em um bom negócio no Mucuri, principalmente serviu para dar ao baixo Jequitinhonha três amplos mercados: Bahia, Montes Claros, Campos. Em relação à Bahia, então, o Jequitinhonha ocupou uma posição favorecida, porque o final do seu tempo chuvoso coincide com o *"inverno"* baiano, e o boi que saía de lá já encontrava as invernadas preparadas ao chegar à Bahia. Foi a partir dos anos 1940 que o baixo Jequitinhonha transformou-se num produtor sistemático, e então seleção, precocidade, comércio puderam valer mais, e os fazendeiros acrescentaram algum dinheiro ao seu rompante senhorial. Mercados, negócios e dinheiro vieram muito aos poucos.

Boiadeiro foi esse misto de criador e negociante, cercado pela aura romântica da aventura, informação, viagem, que envolveu também vaqueiros, tropeiros, viajantes comerciais, peões, todos personagens que lidaram com estradas e animais. A saga de boiadeiro era baseada na sua equipe, formada por passadores e peões; peões de boiadeiros, que faziam movimento e fama da boiada, criaram técnica e folclore de boiadas, porque seu ofício, como o do vaqueiro, exigia especialistas. Cada posição em serviço tinha seu segredo e função: guia, contador, contraguia, coice, arribada, cozinha e tralha, tarefas bem definidas na arte de conduzir. A elas acrescentaram a cantoria, que dava glória às boiadas, pelo canto do vaqueiro, o aboio: primeira, segunda voz, contracanto e requinta. Por aí entende-se o verso da festa do Salto, pois o cantador diz que queria ser vaqueiro, mas não qualquer vaqueiro e, sim, *"vaqueiro (a)boiador"*, que sabe as cantigas do aboio, fazer o canto comprido da estrada que apruma o gado, comove homens e seduz mulheres (26):

*"pra vim aboiar meu gado,  
na casa do meu amor."*

Além disso, tinha os serviços, muitos, na viagem de gado. O ritmo, pois forçando a boiada ela estrofia, estrofiada não anda, perde peso, perde até gado; o segredo era *"fazer o casco"* do gado na primeira saída, dois ou três dias de marcha vagarosa, pegando madrugadas e parando no sol das dez horas, caminhando de tardinha duas ou três curtas horas, para o casco endurecer. As paradas: parar no forte do sol, rodar o gado em lugar de pasto e aguada, ir conhecendo a boiada, dosando a caminhada, descobrindo o boi arisco e fujão que dá trabalho aos vaqueiros de arribada para, então, depois de 3 ou 4 dias, sabendo o trato do gado, igualá-lo, colocar o ritmo que dura semanas ou meses. Nessas viagens levadas por passadores ou boiadeiros mestres, tocadas por vaqueiros conhecedores do ofício e do rebanho, o gado não perdia peso, chegava a seu destino lustroso e sadio.

Existiram percursos famosos pelas dificuldades. A famosa rota das 10 léguas de Cachoeirinha, no caminho de Itabuna, forçava as boiadas a passarem por 60 quilômetros de matas fechadas, tremedais terríveis, mais onças, queixadas e febres. Dura como esta era a rota de Campos, no começo dos anos 1940, quando o gado passava pela floresta compacta que era o rio Doce e os passadores precisavam cercar a boiada com fogueiras para espantar as onças. Piorava tudo ainda quando o gado em viagem caía afetado, atingido pela febre aftosa, começava a babar, perder peso, ficava com o casco em chagas. A boiada era forçada a parar por semanas e até meses, e toda a vaqueirada tinha que se alojar às pressas, a despesa corria, enquanto o gado se refazia. Os ritmos eram muito próprios.

Assim, por vias longas, tortas e difíceis, a fazenda monetarizou-se, a terra começou a ter um certo mercado. A formação do mercado fundiário foi ligado ao movimento de gado e à renda que foi criando, e surgiu como um fenômeno muito localizado, quase que distritalmente, e enquanto em uns lugares a terra era negociável e negociada, a pouca distância dali já não era - como ainda sobrevivem assim nos anos 1990 locais de terra sem preço, sem costume de compra, ou de terra extremamente barata nas áreas mais campesinadas do alto Jequitinhonha ou do Pampã.

Foi aventura o que ficou da memória de boiadas, boiadeiros, bois e vaqueiros, tão marcada pela época quanto a própria fazenda. Boiadeiros e boiadas não resistiram ao fim dessa cultura de extração, não só porque a carreta levou todos os bois, mas principalmente porque o sistema dos longos créditos e débitos confiáveis do velho boiadeiro sumiu, junto com a velha fazenda sem dinheiro e sua fartura tirada da mata.

### *Notas ao Capítulo VII. Vaqueiros, bois, boiadeiros e boiadas*

(1) Conversando e acompanhando a festa do Boi Duro, em janeiro de 1994, no Salto da Divisa, foi possível refazer a trajetória dos seus integrantes. Os mais jovens, quase todos, moram na Bahia, Porto Seguro, e voltam na festa. Foi deste modo, recorrendo a um costume local como este, que Geertz (1980) estudou toda uma sociedade a partir de uma briga de galos; com o mesmo objetivo Darnton (1986) analisou uma matança de gatos. Uma festa como o Boi-Duro pode revelar os acordos, respeitos, conflitos e motivações da sociedade de Salto, não só pelo que se fala e canta, mas principalmente, pelo quem, onde e para quem fala.

(2) Esses casos de doação de bens imóveis e de gado a vaqueiros são muito frequentes nas histórias e mais ainda nas representações. Embora tenha toda a característica daquelas doações culturalmente construídas e nunca efetivadas na prática, os casos encontrados são expressivos o bastante para serem levados em conta. Valeram principalmente para as grandes fazendas, mas mesmo nas outras nunca deixou de ser importante a dívida declarada dos fazendeiros a seus vaqueiros.

(3) São Vicente é a fazenda de Pedro E. de A. Peixoto, uma das mais antigas de Joáima; a história foi contada pelo fazendeiro em entrevista de junho 1994.

(4) São raros os estudos sobre controle e processos de trabalho na agricultura. Uma das melhores formulações sobre o assunto está em Loureiro (1981): tratando dos processos gerais de produção agrícola a autora repara a relação íntima da agricultura com a natureza como um dificultador do controle estrito, taylorista, na medida que as rotinas flutuam ao sabor das estacionalidades. Outro autor que aborda o tema é

Graziano da Silva (1980). Sobre organização do trabalho em unidades familiares rurais. ver também Ribeiro (1986) e Ribeiro (1993).

(5) Um caso rotineiro contado por Zeca Figueiredo, de Itaobim, acontecido quando o fazendeiro vendera uns bois e 16 deles ficaram perdidos numa macega na beira do Jequitinhonha:

*"Eram bois alevantados na beira do rio. Aquilo era mato só, não tinha uma aberturinha. Na primeira vez que esse gado viu a gente, arredimunhou, coriscou, baixou a cabeça e só via pau quebrando. Entrei no mato com a mula. vi: sai mais um boi preto. O boi, na carreira, quando a mula encostou na anca dele só vi vaqueta abrindo. Eu vim escambado, vim cheirando a anca dele, descemos, açoitando. Passou um valo, passou uma cerca de arame velho que tinha dentro do mato e eu nem dei decisão, vinha como vinha. Se o arame me pega em cheio tinha me matado, porque eu não sei como é que parava em arame quebrado. Do jeito que vinha, passou. O garrote na frente, quando chegou na beira do rio, que ali dá umas veredas limpas, quando ele tiçou na beira do rio, no claro da vereda eu estava embutido nele. A mula era boa demais, de rédea era boa, era igual cavalo para correr. Quando ele saiu no limpo, eu pus no chão, derrubado; ele caiu, levantou, tornou a correr, eu tornei puxar o sedenh', ele caiu. Eu esbarrei a mula e pulei no chão e peguei ele. Segurei no vazio dele. Ai eu não tirei o laço, estava amarrado na garupa da mula. Puxei a mula para perto, tirei a ponta do cabresto. Garrote de dois anos. Tirei o laço, pus na cabeça dele com um cabresto para ele não enforçar, amarrei numa toíça de pau, pus o formigão no nariz do boi. Nisso, eu acabei. Ai, silenciou... Ficou quieto. Falei: É, o meu eu peguei..."*

[Zeca Figueiredo, entrevista de 23 de julho de 1994, reproduzida em Ribeiro, 1996]

(6) Euclides da Cunha mostrou isto quando publicou bilhete de um vaqueiro que contava ao patrão os resultados do serviço. Tanto empenho, tanto esforço e ao fim só pode esclarecer ao fazendeiro:

*"Patrão e amigo*

*Participo-lhe que a sua boiada está no despotismo. Somente quatro bois deram o couro às varas. O resto trovejou no mundo. Seu amigo vaqueiro F."*

[Cunha, 1967: 93]

(7) É enorme a quantidade de casos de cavalos e outros bichos contados por Silveira. Entre eles, a rima-de-negócio, comum em Minas Gerais, que consiste em relacionar o defeito mais corriqueiro do cavalo com determinada cor e prová-lo verdadeiro nas horas de fazer "rolos", "catiras", "baldrocas" ou, simplesmente, trocas:

*Cavalo alazão, ou frouxo ou ladrão.*

*Cavalo pedrês, para carga Deus o fêz.*

*Cavalo rosilho, só a poder de muito milho.*

[Silveira, 1922: 98]

*Cavalo baio, mesmo depois de morto ainda dá trabalho.*

*Cavalo alazão, deixa o dono com os arreios na mão.*

*Cavalo pintado, só na parede.*

[Silveira, 1922: 395]

(8) Esta dureza de serviço nas juntas e apartações assombrava o poeta Eduardo Santos Maia na sua visita a Joaima, e, frente a violência dos serviços de curral, como castração e ferra, fazia suas considerações simbolistas:

*"No curral, a poucos metros da vivenda senhorial, o gado se escoiceia, e muge, e escava; marruás, no cio, erguem-se de quando em vez sobre as vacas predispostas à fecundação; as crias, presas noutra compartimento, berravam insistentemente, correspondidas pelos urros aflautados e fundos das mães, a rodearem a prisão, pacientes, incansáveis... (...) Espetáculo arrepiante e penoso é o da ferra: três ou*

*quatro vaqueiros pulam no curral, munidos de grossa corda de couro cru trançado e laça aqui, derriba ali, peia acolá! Um ferro, uma letra, um monograma, um sinal, embutido num cabo de madeira ou de osso, numa fogueira adrede enrubrecido, aguarda o momento de judiar... Quando a rês se encontra perfeitamente tolhida nos seus movimentos e na posição desejada, um meninote, para tal serviço designado, na voz de -'traga o ferro'- leva-o, entregando-o a um dos vaqueiros. Este procura o sitio costumeiro, toma posição adequada e pousa-o candente na pele do animal, erguendo-se uma fumarada de cheiro ativo, característico de cabelo queimado, ficando em negro o fac-simile da marca abrasada. O pobre bicho geme doridamente e dos seus grandes olhos escorrem duas lágrimas, vagarosas e longas..."*

[Maia, 1936: 131]

(9) A citação é de Euclides da Cunha (1967). Na pesquisa desta tese entrevistei sistematicamente os vaqueiros Natalino Martins (Águas Formosas, julho 1994), José Zeca Ribeiro de Figueiredo ( maio, junho e julho de 1994) e o empreiteiro e gerente José Curralinho (Teófilo Otoni, maio de 1994); os dois últimos são de Joáima, terra produtora dos vaqueiros de maior fama em todo Nordeste mineiro. Outras informações coletei em muitas conversas e convívio com boiadeiros, vaqueiros, passadores; deles, tenho muita gratidão pelos ensinamentos recebidos de Benjamim Rocha, Alirio Côco, Ozório Dudu, Adãozinho do Sitio Novo. Para entender a importância do trabalho do vaqueiro foi fundamental, também, entender sua relação com o fazendeiro; aí valeu-me o imbatível J.Duarte (1972, 1976, s.d.); igualmente importantes foram as entrevistas com fazendeiros: Diniz V. de A. Coutinho, Moisés Gonçalves, Pedro E.A. Peixoto.

(10) As informações mais antigas sobre criação no Nordeste de Minas encontrei em Hartt (1941).

(11) Cathoud (1936), descreve muito expressivamente em sua curta nota de viagem o que viu no baixo Jequitinhonha e Pampá: dizia que em novembro o fazendeiro riscava um fósforo, e aí, protegidas somente as cercas já feitas, o fogo liquidava tudo que estivesse a seu alcance. J.Duarte (1976) foi outro autor que escreveu, e muito, sobre o assunto. Curiosamente, o tempo que a terra fica devastada, entre a queima e a rebrota do pasto, não costuma provocar dificuldades para o gado: de acordo com vaqueiros e fazendeiros a cinza "é forte", tem "sustança" bastante para garantir o gado até a chegada dos "invernos".

(12) Sobre Santana do Poço ver Otelino Sol (1981); a fonte dos dados da Sul América e Esplanada são os cadernos de contas-correntes, 1943/1964.

(13) Num estudo clássico, Valverde (1985) diz que a pecuária trouxe ralos efeitos sobre o meio circundante, porque se amoldou a ele; foi uma atividade de pouco trabalho e poucas exigências técnicas. Caio Prado Júnior (1962) faz mais ou menos os mesmos comentários sobre a pecuária, destacando a amplitude de área ocupada, baixo emprego gerado e produtividade miserável.

(14) Uma análise sistemática dos diversos capins, origens, vantagens e deficiências encontra-se em Marques (1969). Tratam do assunto também Primavesi (1984) e vários números da revista *Informe Agropecuário*. As informações sobre expansão do capim meloso estão em Saint-Hilaire (1975), sobre o provisório ver Silveira (1922), Sol (1981) e Duarte (1975). A maior parte das informações sobre vantagens relativas e manejos populares de capins foram conseguidos em campo, principalmente com José Curralinho, Zeca Figueiredo, mas também com Justino Obers e muitos vaqueiros e criadores listados na relação dos entrevistados.

(15) Uma capacidade de suporte equivalente a esta só foi alcançada com os capins braquiária em solos corrigidos de cerrado a partir dos anos 1980, com o custo monetário, alto, da mecanização e da adubação pesada.

(16) As pastagens do Salto foram descritas assim por Sol:

*"se o viajante cai do animal, cai no capim colônia. Se procura, tem dificuldade em encontrar um ramo para bater no animal."* [Sol, 1981: 112]

(17) Sobre gado do Mucuri e Jequitinhonha ver J. Duarte (1972 e 1975); ver Alírio de Almeida (1977); sobre tipos e manejos ver Darcimar Marques (1969). Mais informações foram conseguidas com Zeca Figueiredo, Pedro E.A. Peixoto, Otelino Sol, Diniz V.A. Coutinho, Natalino Martins, principalmente.

(18) Sobre zebu ver Darcimar Marques (1969), Lopes e Rezende (1984), Duarte (1976), *Informe Agropecuário*. Silveira reuniu suas polêmicas em *Agricultura e Pecuária* (1919).

(19) João de Senna Santos, memorialista e diácono, antigo morador de fazenda no Nordeste mineiro, contou-me a história de uma novilha Gir, cheia por um boi afamado, comprada por um fazendeiro em Uberaba, nos anos 1930, em plena corrida do zebu, e levada para o Nordeste de Minas. Criou enorme expectativa na fazenda pela hora da parição. Certo dia, um menino do curral entrou correndo na cozinha, gritando que a novilha finalmente tinha parido. O fazendeiro pulou atarantado, perguntando: se o bezerro tinha muita orçha? - "Não senhor" - respondeu o menino - "só tem duas."

(20) Dizia Albino que

*"Este curral, às vezes constitui a única fresta de rompimento da muralha feudal com a venda de bois para pontos distantes. No mais, são o autoabastecimento quase completo e o regime feudal típico."*

[Albino, 1956: 133]

(21) As fontes da maioria destas informações são os diários e agendas de Helvécio Ribeiro (1922 a 1927), mais fragmentos de sua correspondência. As demais informações resultaram de entrevistas, principalmente com Diniz V.A. Coutinho.

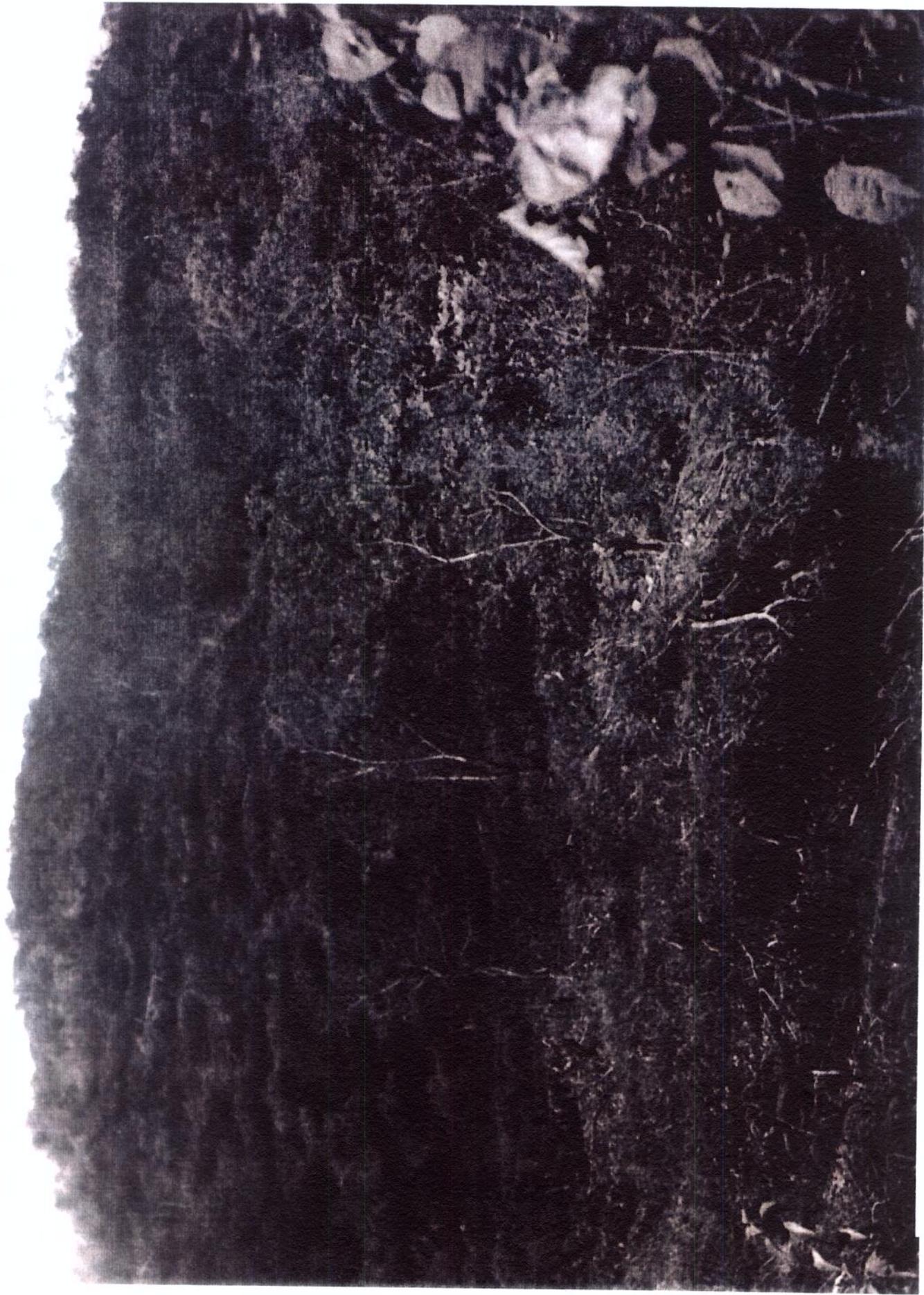
(22) informações sobre Theopompo Almeida estão em Alírio Almeida (1977). Outras, foram prestadas por Pedro E. Almeida Peixoto, seu sobrinho-neto, em entrevista citada.

(23) Eram compromissos que não deixavam de ter a sua dose de subjetividade, como reparou Maria Sylvania de Carvalho Franco: ela disse que a confiança fornecia eficácia para agilização dos negócios, pois servia para dispensar uma série de compromissos formais que entravavam a circulação dos bens. Ver Carvalho Franco (1974).

(24) A história de Miranda foi relatada por José Currealinho; outras pessoas em Joáima contam-na muito parecida.

(25) Sobre esta expansão de pecuária ver Duarte, os três livros, frei Samuel Tetteroo, os dois, mais Almeida, Sol, Paternostro e Santos, citados. As histórias dos mercados e boiadas foram coletadas em entrevistas ou conversas, principalmente com José Currealinho e Pedro Emílio Peixoto.

(26) Passadores de boiadas, canoieiros e tropeiros foram ocupações que tiveram em comum o mistério do ofício, a afamada cozinha e a cantoria do trabalho. Todas três, ocupações essencialmente masculinas, carregam no Nordeste mineiro uma mística muito forte, carecendo ainda de estudos mais apurados, que vejam além do folclórico.



Carrasco derrubado para ser queimado e plantado; ao lado, uma parcela permanece em pousio. Fotografia de outubro de 1994, no rio Gravatá.

## ***Parte IV Trabalho***

## Capítulo VIII Lavouras

### 1. Os métodos rústicos

Nos anos 1900 Leopoldo Pereira escrevia sobre a história e os problemas do município de Araçuaí e dedicava muita atenção à seca que assolara o Norte e Nordeste de Minas na década anterior, provocara grande êxodo, e a população viajara desesperada rumo ao Sul em busca de água e comida. Ele vira morrer à mingua famílias inteiras de retirantes sem que pudesse tomar qualquer atitude - era intendente da cidade - pois a seca rebatera em Araçuaí com força quase igual, e pouco consolo podia oferecer aos salineiros, baianos e riopardenses que lotavam a estrada. Quando escreveu sobre o assunto, perguntava: por que a calamidade acontecera numa terra de tanta uberdade?

Sua resposta aparece nos comentários que faz sobre os costumes: a seca resultava do desmatamento. A destruição das matas, capões, queima das madeiras de porte, derrubada constante das matas ciliares e cabeceiras d'água, os incêndios nas chapadas, estavam condenando o que ele chamava o "*sertão*" de Minas. As chuvas que antes chegavam exatas em setembro, já atrasavam, raleavam ou nunca vinham. Pereira relacionava uso da terra e ambiente: as derrubadas faziam minguar águas e chuvas; anos de desmate tornariam esta zona um deserto, e o maior problema eram as bárbaras técnicas agrícolas (1). A solução estava na mudança dos métodos, uma inteligente campanha educativa pela conservação das matas e contra o fogo. Previa que essas técnicas condenáveis levariam a um futuro catastrófico.

Nos anos finais do século XX, esses comentários revelam-se proféticos e as recomendações ainda necessárias. Mas eles não foram privilégio de Pereira: eram assunto generalizado na elite cultural e governo, exposto por funcionários graduados, escritores e jornalistas, repetia-se com frequência atroz nos jornais, livros e documentos. Os autores que tinham o rural como assunto descreviam técnicas brutais herdadas dos índios, sistemas rotineiros de derrubada e queima, absoluta ausência de conhecimento agrícola, miséria da lavoura, agricultor ignorante, "*fazedores de desertos*" (2).

Anos depois, na segunda década do século XX, Monteiro Lobato fixou a imagem definitiva do lavrador pobre e predante, o Jeca Tatu, que torrava 50 alqueires de mata para fazer uma roça de uma quarta, cujo maior medo era ser "*locado*" numa fazenda onde se indispusesse com o fazendeiro e ficar privado daquela vida extrativa que levava ao lado da esposa barriguda, da escadinha de filhos e do cachorro "*Brinquinho*". Lobato escrevia sobre uma matéria que havia sido explorada pela geração que o precedera, mas foi o mais célebre e mordaz dos autores que criticaram os métodos agrícolas daquela época, naquele tema que era voz corrente, consenso cultural e assunto de momento. A tendência crítica e conservacionista agrícola de final de século resultava da urbanização e da sua cultura; das crises cafeeiras e secas no Nordeste do Brasil; das técnicas agrícolas norte-americanas e da reflexão feita nos EUA sobre matas, ambientes e parques nacionais (3). O tema seduzia os autores: mas contextualizá-lo e constatar seu profetismo mostra apenas uma parte da história, porque ele deixou um legado à posteridade.

A crítica feita às técnicas desde o começo de século marcaram quase todos os estudos rurais brasileiros, tanto os destinados à reflexão acadêmica quanto à intervenção. A extensão rural, os projetos educativos rurais, a sociologia rural e a historiografia partiram dela: no Brasil existiu uma agricultura que foi pobre, baseada em instrumentos muito simples - machado, isqueiro, enxada e foice. Foi móvel, deslocava-se no espaço com grande velocidade em busca de terras sempre férteis, de maneira que os homens criavam poucos laços definitivos com o chão. Foi restritiva, porque limitava o mercado e possuía baixo poder de multiplicação de efeitos sobre o conjunto do negócio agrícola; rotineira, porque não formulou qualquer processo tecnológico revolucionário, e permaneceu estagnada por séculos a fora. Foi repressora, porque manteve a população livre e pobre aferrada ao domínio dos fazendeiros; e foi, sobretudo, devastadora por deixar no seu rastro mata desfeita e terra exaurida (4).

A rigor nenhum desses comentários críticos falseia a verdade. Mas é preciso observar que neles existem alguns pressupostos tão enraizados, difundidos, utilizados e apreciados, que fazem parte da cultura brasileira como uma segunda natureza. Um deles é a concepção de patrimônio técnico, que os autores supõem agarrado aos homens: os portugueses, europeus e civilizadores, deveriam ter imposto um perfil agrícola avançado ao Brasil, poderiam ter inaugurado procedimentos no mínimo equivalentes àqueles adotados em seu país (5). Outro pressuposto - fundamental - é o evolucionismo técnico: acreditar que existe um patrimônio técnico universal que deveria esparramar-se pelas agriculturas de maneira homogênea; que haveria racionalidade econômica e técnica ao adotar determinados procedimentos que seriam superiores a outros em eficiência, economicidade, produtividade. Deste modo a opção por uma certa técnica agrícola deveria ser orientada pela contemporaneidade e acúmulo científico que contivesse. Por isto todos os nossos autores elegem o arado, as sementes selecionadas, depois o trator e a aviação agrícola como paradigmas produtivos. Fora deles só haveria atraso, ignorância, conservadorismo, rotina, deseconomicidade. Um terceiro pressuposto, derivado do anterior, é estético: um padrão tecnológico agrícola - como trator-veneno-adubo, mas também boi-esterco-arado, por exemplo - difunde uma norma de referência e impõe homogeneização técnica da paisagem. Por isso, a tecnologia agrícola de ponta, em certa época, deveria ser generalizadamente empregada para harmonizar os espaços, paisagens, sistemas e produtos agrícolas.

Embora a constatação desses aspectos não sirva para rever o que se pensou, se pensa e se pensará da roça de toco, serve para esclarecer que o modo como ela é descrita, analisada ou criticada expressa concepções culturais, antes de revelar concepções produtivas. Isto não serve para invalidar as críticas: serve apenas para chamar a atenção sobre a relação entre elas e o seu objeto, a lavoura rústica. E nesta relação, não se pode negar que o extrativismo e seus resultados catastróficos, comentado por todos aqueles autores, efetivamente foi uma prática exaustora, predatória, que no correr do tempo realmente mostrou seus maus resultados liquidando águas, matas, farturas e terras. Mas aí, também, deve-se pelo menos desconfiar que o extrativismo, a predação, a lavoura de tocos, possuíam uma lógica própria, definida pelo meio natural que as impunham. Mesmo que os agricultores tivessem acesso à crítica que os autores ilustrados faziam, mesmo que tivessem informações sobre as últimas técnicas agrícolas criadas e empregadas nos EUA, dificilmente poderiam mudar seus procedimentos, técnicas, sistemas e práticas, pois eles não eram

determinados unicamente pela vontade subjetiva ou cultural do agricultor individualmente; eram imperativos do meio, regimes de apropriação e cultura coletiva que se construíram no encontro destas variáveis. Portanto, as práticas de lavoura não eram uma ausência de conhecimento, mas uma ciência de mata, técnica engendrada pela negociação feita entre os homens e o meio. Por isso ela não pode ser tratada como uma ignorância, pois era um saber: oportuno, validado pela mata, capão, posse e agrego; funcional, eficiente naquelas condições precisas de ambiente, apropriação e história.

Abordar a agricultura por esse lado pode levar a uma compreensão diferente da lavoura de mantimento, roça de toco, cultura dos jecas, rotina de mato. Não se trata de discutir a não-adoção de técnicas ou regimes educativos poupadores do meio, que aliás nem existiam naquela época em escala difundível pela agricultura do país; mas sim entender porque homens, postos em ambientes, souberam desenvolver e ajustar técnicas que naquelas circunstâncias se mostraram produtivas, e - só por preconceito não poderia ser dito - eficientes e econômicas. Movidos por lógicas maiores - necessidades, regimes de apropriação fundiária, oferta de recursos - os homens criaram técnicas. Elas foram condenadas, principalmente depois que foram usadas, por seu caráter extrativo e predatório. Mas a crítica não pode obscurecer seu emprego e sua lógica. Vendo na mata os métodos que os homens empregaram para sobreviver, as lavouras, técnicas extrativas e relações que construíram, todos os autores tendem a defini-los pela negatividade. Foram certamente sociedades sem escrita; mas nem por isto eram famintas ou pobres, não eram marcadas pela rotina mas pela descoberta; estavam em geral muito longe de serem grupos homogêneos e sua prática era marcada pela elaboração técnica para os diversos meios. Na medida que era mais estreito o convívio com o ambiente, e maior a necessidade de extração, mais diversificadas eram as técnicas dos grupos humanos e mais complexa sua cultura, pois ela era construída naquela intimidade com o meio. Depois da condenação feita pelos políticos, governos, técnicos, historiadores e cronistas, é preciso saber o que foi realmente a lavoura de toco.

Ao contrário do que se pensa, a roça de toco ou de coivara não foi uma criação dos índios brasileiros imposta aos colonizadores. Boa parte deles fazia esta roça, outros não a conheciam, viviam do constante extrativismo: caso dos Aimoré, Amburé, Gueren e outras nações indígenas do Mucuri e Jequitinhonha que aprenderam a lavoura com os colonos. Quase todos os povos conheceram e utilizaram essa técnica, que também era corrente na Europa até pelo menos o século XV; mas não apenas lá, porque foi quase uma imposição do meio enquanto existiu floresta abundante. Seu emprego resulta dessa abundância, das condições históricas de apropriação fundiária e da pressão demográfica.

Havendo liberdade para uso da terra e rala população é obrigatório que a exploração seja dirigida para aquelas mais férteis, produtivas e que demandam menor quantidade de trabalho na produção. As terras de matas, bosques ou capões, ricas em húmus, "*descansadas*", além de produzirem muito, tem outra vantagem: não são ocupadas pelas ervas, que disputam a fertilidade com a semente dos primeiros plantios. Por isto, demandam muito pouco trabalho na produção, praticamente não consomem tratamentos culturais. Para manter a lavoura produzindo sempre, e bem, a família precisa fazer constantemente a rotação dos terrenos e deixar glebas "*descansando*" por alguns anos. A rebrota da mata ou

capão repõe a fertilidade natural pela decomposição de folhas e galhos, e vai eliminando as ervas rasteiras, no correr dos anos formando vegetação arbórea que não competirá com os mantimentos na próxima derrubada, quando o ciclo de pousio estiver completo. Também, quando há abundância de florestas não existe sentido econômico imediato em poupá-las: a lavoura é feita com derrubada de mata virgem, queima dos troncos e plantio intercalado entre os tocos remanescentes. Vem daí o nome da roça de tocos, ou de coivara, nome dado à galhada da lenha embandeirada para queimar (6).

A mudança periódica dos lavradores para terras "*descansadas*" é resultado do esgotamento da primeira fertilidade do solo. Mas embora essa rotação de terrenos tenha sido comum em todos os países e culturas, nem sempre ela é corretamente entendida. As terras não são abandonadas simplesmente: são postas em pousio, o que é completamente diferente. Uma terra em pousio, como mostrou Marc Bloch, não está improdutiva, pelo contrário: embora não esteja em uso imediato, está recebendo um emprego produtivo (7). Tanto Bloch quanto Boserup chamam a atenção para este equívoco: Boserup diz que frequentemente os colonizadores apropriavam-se de vastas áreas "vazias" que eram na verdade terras de nativos em regime de "*descanso*". Depois de consumida aquela fertilidade nova os lavradores deixam a terra em repouso; ela é ocupada primeiro pelas ervas rasteiras, depois arbustos, capoeiras, e por fim mata, no caso do Brasil. É um sistema natural de recomposição da vegetação que ocorre em prazos variados de acordo com climas, vegetação e regime hídrico. As terras de mata em pousio regeneram com algo em torno de 20 a 30 anos; capões com 15 a 20 anos, cerradões com 10 a 15 anos. Isto varia também de acordo com a intensidade da abertura - o tamanho da área desmatada comparada ao total da vegetação original remanescente - e o tempo de uso agrícola que a área aberta foi submetida. O processo funciona com uma adubação verde espontânea e lavoura pouco consumidora de trabalho. Mantendo o repouso da terra, cada família, obviamente, necessita de uma área para uso várias vezes maior que a sua área de lavoura anual. Quanto mais demorado for o período de pousio duma terra, maior terá que ser a área total usada pelo agricultor, mas também menores serão seus esforços para produzir. Mas terra, utiliza-se muita: uma família que planta sempre 1 hectare de lavouras temporárias por ano, usa a terra durante 2 anos, e faz um pousio de 20 anos, precisará de 10 hectares apenas para lavouras, de forma que sempre que 1 hectare esteja plantado, 9 estarão "*descansando*". Com maiores e menores variações este método foi empregado em todo o mundo (8).

As limitações deste sistema de lavouras são políticas, ambientais e demográficas. As restrições políticas ocorrem quando a terra, mantida sua abundância, é apropriada por meios que impedem a livre movimentação das lavouras e da extração: torna-se institucionalmente escassa. São os casos de privatização de glebas comuns, de apropriação empresarial de recursos, de grilagem de terras "extensas" de uma comunidade por colonizadores, ou domínios montados a partir de conquistas. Aí as comunidades rurais têm seu acesso à terra restritos ou limitados, e o sistema de pousio não pode funcionar. Noutra caso, as limitações vêm do crescimento da população, multiplicação de unidades familiares, parcelamento e esgotamento da terra, e, por fim, estrangulamento do sistema de pousio (9).

Em qualquer dos casos os regimes de pousio são modificados e têm que passar por sucessivos encurtamentos: de pousio longo (ou florestal, por 20 ou 30 anos), para pousio arbustivo (6 a 10 anos), para pousio curto (1 ou 2 anos, com capins ou ervas), para cultivo

anual e para, finalmente, cultivos múltiplos num só ano. Ao intensificar a exploração da terra mudando o regime de pousio de longo para curto e sucessivamente, há um crescimento da produção agrícola porque, de imediato, maior quantidade de terra entra em uso com relativo descanso. Paralelamente vai crescendo também a ocupação de força de trabalho familiar, porque maiores serão as exigências de capinas e tratos, menor o fundo de fertilidade natural, implicando portanto, em pouco tempo, na expansão da área de exploração e do emprego para manter constante o volume de alimentos necessários para sustento duma população. Segundo Boserup o emprego agrícola cresce a uma taxa mais alta que a produção, alocando mais trabalhadores, com proporcionalmente menor resultado produtivo. Encurtando os pousios uma série de efeitos paralelos vão aparecendo: redução de fertilidade, exaustão das áreas de expansão, que forçarão, no limite, a intensificação técnica e o êxodo de parte da população, que torna-se excedente populacional quando declina o excedente alimentar. A agricultura de pousios gradativamente ameadados, modifica completamente os regimes de uso de força de trabalho porque passa a demandar mais trabalhos - capinas mais regulares, derrubadas mais frequentes - em muitos períodos do ano.

Analisando a agricultura por esta perspectiva, Boserup, Bloch e Wolf mostraram uma racionalidade intrínseca aos sistemas "selvagens" de uso da terra: eles possuem, afinal, uma lógica que pode ser entendida, analisada e acompanhada; estão muito longe de serem irracionais, fazem parte de acordos que os homens são forçados a fazer com o meio. As reduções de pousio, diz Boserup, influem decisivamente também sobre o instrumental técnico: em sistemas de pousio longo, sem ervas concorrentes, apenas um pau de plantio - chuçó, segundo Sérgio Buarque de Holanda - é necessário ao agricultor. A introdução da enxada demonstra que foi adicionada mais uma operação ao plantio - o trato cultural - sinal que já existem "pragas" nas lavouras, e que o trabalho demandado é maior. O arado, glória agrícola, só pode ser usado em terras de cultivo anual, que não possuem mais tocos, não se abandona o broto da futura árvore, e nem sempre indica mais produto, apesar de necessariamente indicar mais trabalho para os lavradores que substituíram um por outro regime de pousio (10). Dessa maneira, o emprego de técnicas mais ou menos sofisticadas não depende do conhecimento do agricultor apenas, mas principalmente da norma tecnológica que o ambiente e o regime de apropriação definem.

## *2. Teoria da roça de coivara*

A expansão da ocupação e povoamento pelo Jequitinhonha e Mucuri, podem ser entendidos a partir dos sistemas de lavouras e pousios. Embora seja difícil encontrar descrições das técnicas agrícolas empregadas, elas podem ser rastreadas nos apontamentos esparsos de viajantes e estudiosos e na memória de lavradores: as duas fontes são muito coincidentes e permitem organizar os fragmentos. Como a natureza e as técnicas são avaliadas sempre com base na experiência anterior, enquanto foi fronteira ou novidade para conhecimento o meio surpreendeu aos autores; as boas descrições do sistema de lavoura estão naqueles autores que, por alguma razão, tiveram um contato mais acidental com eles.

Álvaro da Silveira, por exemplo, que era um intelectual interessado em sistemas rurais; Carlos Castaldi foi outro, e em pesquisa de campo fez preciosa descrição da sociedade da mata, no seu famoso estudo sobre os acontecimentos de Malacacheta de 1955. Já os lavradores guardaram a lembrança das técnicas porque são, ou foram, seu conhecimento útil, herdado e transmitido (11).

No começo da ocupação sistemática da terra no alto Jequitinhonha, os colonos mantinham laços muito estreitos com o meio. A natureza provia essa população com opulência, mas rapidamente apareceram seus limites: como as terras de chapada não serviam para lavouras, e os capões, raros, foram usufruídos pelas primeiras levas de moradores que se apropriaram de sua fertilidade, no início do século XIX já era comentado o enfraquecimento da terra. Nessa época Spix e Martius anotaram as reclamações de um agricultor que lhes dera pouso e contava da sua pobreza: usava a terra em pouso arbustivo, "*descansada*" por 12 anos, derrubava a capoeira, plantava por três anos seguidos (12).

Apropriada, depois repartida entre herdeiros e moradores, a fertilidade declinou e então empurrou a população para a aventura da mata, que possuía os dois outros atrativos: pedrarias e índios. Foi nesse ponto que as técnicas das lavouras, originadas de uma só matriz no alto Jequitinhonha, repartiram-se: formaram lavouras de mata e lavouras de capões. Cada área consolidou sua técnica específica, seu regime de uso de terra, herança e mobilidade espacial. A lavoura dos capões do alto Jequitinhonha foi marcada por um enorme apuramento técnico na conservação de recursos que escasseavam. No Mucuri e Jequitinhonha baixo - na mata - pelo contrário, usaram das técnicas guerreiras, desregradas e presas ao círculo de ferro do domínio fazendeiro (13).

O terreno de mata possui uma fertilidade contínua e relativamente homogênea ao contrário das áreas de campo e capões. Nestas existem variações entre campos, carrascos e capões, três formações sucessivas mas muito diferentes; a fertilidade natural é localizada nos capões, pequenos bosques encontrados em grotas, próximos em geral de nascentes d'água que representam em torno de um quinto da área total do alto Jequitinhonha. Os capões escassos obrigaram os lavradores a encurtarem o período de pouso, logo após as primeiras derrubadas (14).

Esse encurtamento implicou num aumento e numa maior sazonalidade do trabalho porque cresceram as áreas cultivadas e ao mesmo tempo os tratos culturais demandados pelas lavouras; exigiram em relação ao pouso longo um estoque maior de trabalhadores para ser usado em curtos períodos. Ao fim de três gerações explorando uma terra de produção declinante e demanda crescente de trabalho nos tratos culturais não houve outra solução a não ser a expulsão permanente dos lavradores tornados excessivos.

O resultado foi um notável excedente de população desocupado sazonalmente, que desde os anos 1880, seguramente, começou a peregrinar pelas frentes agrícolas nos períodos de não-trabalho nas suas roças (15). Neste caso, não se tratava de lavradores com tempo ocioso e farto entre duas colheitas, como era frequente na mata, um ócio na abundância. Pelo contrário, era um lazer forçado mas também necessitado, um subemprego, porque o produto das lavouras minguava ao mesmo tempo que crescia a demanda de trabalho com o correr do tempo, devido ao cultivo mais intenso de terras menos férteis, menos "*descansadas*", menos produtivas.

Nos fins do século XIX, os baianos que fugiam da seca passavam pelo alto Jequitinhonha e iam à mata. E a saída dos nascidos lá era constante, aparece nas memórias daqueles que chegaram à mata, nos cantos folclóricos, nas genealogias, nas histórias de migrantes antigos (16). Mas, talvez a mais clara evidência da constância e obrigatoriedade desta expulsão de população tenha sido a instituição, quase generalizada, do sistema de único herdeiro no alto Jequitinhonha. Não foram morgadios formais - como aquele que celebrou a Casa da Torre - mas uma exclusão informal, cultural, necessária e definitiva, que não beneficiava obrigatoriamente o primogênito. Não valeu somente para camponeses, nas situações em que a terra não podia mais ser partilhada sem prejudicar os pousios: existiu para aquelas famílias fazendeiras também. Na origem desse sistema aparentemente tão exótico de herança para poucos herdeiros está a impossibilidade de parcelar terrenos e encurtar pousios. No alto Jequitinhonha quase não há herança para mulheres, mesmo filha única; e são muito frequentes as histórias de viúvas que tiveram de sair com os filhos de uma terra que o falecido explorava com irmão, ou irmãos. E mais frequentes ainda são os casos de migração permanente de potenciais herdeiros jovens.

As saídas foram a parte triste desta história. Mas outra parte dela foi o fabuloso patrimônio técnico e os acordos com a natureza criados pela população que permaneceu. Na medida que os recursos minguavam foram sendo objeto de escrupuloso cuidado e delicado estudo: os agricultores dos capões sistematizaram o conhecimento do meio, regularam a vida pelo que o ambiente fornecia, transformaram a escassez em normas de convívio, ajustaram suas lavouras aos tempos naturais, aprenderam o quê, como quando e quanto aquelas terras podiam produzir. Normatizaram o uso dos bosques ralos dos capões, dos carrascos e do que se podia tirar das grotas mais esconsas; passaram a natureza por um crivo rigoroso e descobriram como extrair, regular e constantemente, aquele pouco que a natureza mais avara do cerrado podia oferecer. Foi por isso que as zonas camponesas do alto Jequitinhonha conheceram plantas e matos, potências e limites, conseguiram viver com falta de chuva, sazonalidade do trabalho agrícola, com a tristeza das saídas definitivas e a angústia das saídas temporárias. Este foi o preço da herança da terra.

É dentro desse campo de conhecimentos e normas que podemos situar as lavouras de tocos do alto Jequitinhonha. Elas mudam de acordo com o cultivo feito, pois cada mantimento carece de uma terra onde melhor se adapta: terras de feijão e de cana, terras de mandioca ou de arroz, e cada qual possui seu conhecimento e manejo específico. Cada lavoura demandava - embora o mais correto seja dizer: demanda, porque é sistema vivo - roçada e fogo diferentes. Por exemplo, plantio de feijão exige um tempo curto para secagem dos troncos derrubados, pois na ramagem ainda meio verde o fogo é rápido: deixa menos quantidade e mais fraca cinza produzida, a decoada; mais sadio fica o feijão, que não tolera decoadas fortes. Cana e pastagens, pelo contrário, pedem um fogo mais profundo, demorado, liquidador, definitivo, porque a cinza forte que ele produz beneficia a planta em vez de prejudicá-la, e também porque deixa completamente limpa a terra, que então não precisa de tratos por muito tempo e reduz, portanto, os serviços dos cultivos perenes.

Como terra, semente e plantio, fogo é uma técnica. Nunca se põe qualquer fogo numa roça e sim o fogo que ela precisa, que pode ser de muitos e variados tipos, porque existe muito conhecimento nesta área: fogo de roça e fogo de pasto, fogo de capoeira e fogo de mata, fogo de limpa e fogo de adubação, fogo para feijoa e fogo para mandiocal,

fogo da seca e fogo de Santana, cada qual com serventias diversas. A dosagem, definida pela intensidade e duração, é determinada pelo modo como o lavrador derruba a madeira, pelo tipo de madeira existente - capão, capoeira ou carrasco - pelo encoivramento, pelo instrumento - foice ou machado - estação e horário que é posto o fogo. A combinação de todas estas variáveis é uma técnica, ajustada à terra e planta para formar esse produto cultural que é a roça de toco. Examinada com o cuidado e respeito que merece, pode-se ver que ela não é uma ignorância; é um conhecimento, uma técnica, um produto do meio: uma arte (17).

As roças de seca e das águas tem suas rotinas diferentes, que influenciam fortemente na vida de todas as pessoas. A roça de seca, ou das neblinas, sempre em terrenos de uso mais antigo, "velhos" ou "mansos", e as roças das águas em terrenos novos, ou mais novos que aqueles, porque na seca são possíveis as queimadas. Roças diferentes, com a diferenciação das "*seca e s'águas*". Atividades de seca: gado e quintal, cata, engenho e lavra; atividades de águas: roçada e lavoura.

A roça, por fim, não exigia apenas saber, demandava muito também era terra, de sorte que uma família nas grotas do alto Jequitinhonha ocupava áreas grandes, e por isso os herdeiros não podiam ficar. Se a família plantasse um hectare em regime de pousio arbustivo - doze anos na média de "*descanso*" - precisaria no mínimo doze hectares para lavouras nos capões ou grotas, como eles representam apenas um quinto das terras, a família demandaria no mínimo 60 hectares, entre capões, capoeiras, carrascos e campos. Mas, principalmente, não era apenas terra específica para uma lavoura, mas terras - mesmo que miúdas e em pequenas e reservadas amostras - para a profusão de cultivos que uma mesma família fazia simultaneamente: a derrubada nova do milho e abóboras, a roça de segundo ano para feijão e milho, a terra já no fim do seu uso útil para mandioca, a área permanente do canavial, e todas elas, tirante cana, e mandioca um pouco menos, eram renovadas a cada ano, envelheciam, precisavam ser refeitas. E além disso necessitava bosques, campos, águas e capoeiras. Apesar das roças de toco parecerem mínimas, com menos de um hectare, não era apenas aquele tratozinho de terra que sustentava a família. A cada roça recém-aberta correspondia outra em fim de uso; nesta, a lavoura, mais nobre e exigente - os feijões, milho, abóbora e carirús - já tinha sido substituída pela mandioca, a quem toca sempre as terras em fase de abandono, repartida fraternalmente entre os homens e os tatus, ceva de proteína animal. E aí era preciso contar também as imensas áreas para extração: caça, pesca, coleta de frutos, de mel, madeira, lenha, remédios, embiras, essa profusão de bens que as famílias retiravam do mato quase sem serviço, permitindo uma dependência mínima de bens de fora, ou de bens de comércio. Por isso terra e recursos sempre foram, no alto Jequitinhonha escrupulosamente zelados, regulados, herdados. Foi seu zelo e o desenvolvimento de técnicas que permitiram sobrevivência e reprodução, mesmo que ao custo da expulsão de excedentes e da perene viagem para o trabalho sazonal.

Nesta zona a terra não careceu de apropriação contínua: a serventia estava somente nos capões e parte dos carrascos, as áreas úteis para lavoura. Os campos propriamente ditos eram para criação e alguma rala extração; portanto, foram áreas de apropriação coletiva e livre, embora sempre obedecessem a um código diferente: controle mais diluído, complemento territorial pouco mais que formal para o domínio pleno que se exigia dos

capões e carrascos. Foi por isso que a agregação, nos lugares que lá ela chegou a surgir, esteve às vezes associada a obrigações: escassas "homenagens", "condições" e parcerias agrícolas foram modos de extrair renda numa fartura rala, justamente por ser pouca a terra farturosa.

As técnicas de roça criadas por lavradores fazem parte do seu notável patrimônio cultural, ao lado da produção artesanal, folclórica, da história oral densa, produtos mais nobres das grotas do alto Jequitinhonha. A origem das técnicas foram observações sistemáticas, transmitidas por gerações. Seu campo de aplicação geralmente é restrito àquela área e aos resultados desejados: sua possibilidade de generalização é limitada, porque busca conhecer uma terra e um conjunto de variáveis que age sobre ela, é conhecimento singular. Elas diferem das ciências agronômicas pelo método de elaboração: pesquisa, propósitos, testes, público são diferentes. A agronomia procura um rigoroso domínio do meio, alcançar excelência na produtividade individual das culturas e isolar fatores que influem sobre produtos. O conhecimento dos lavradores busca condições de ajustar homem, animais e natureza combinando número de variáveis infinitamente maiores. Por isso são diferentes seus resultados: não são comparáveis práticas como dosagens de adubos químicos feita pela agronomia e seleção de uma terra própria para mandioca feita pelos lavradores de roças de tocos. São propósitos, métodos, resultados e concepções de mundo inteiramente diversos. As diferenças culturais e não a ineficiência econômica, deram motivo para a condenação da lavoura de mantimentos.

Nas matas a situação foi completamente outra. Seus moradores encontravam uma facilidade relativa muito maior de alimentação, extração e sustento (18). A lavoura na mata exigiu dos homens atitudes diferentes daquelas que eles criaram nos capões, tanto do ponto de vista da apropriação, quanto das técnicas, cultura, sociabilidade e subordinação. Embora o seu uso tivesse normas, elas nunca chegaram a possuir sistematicidade e regramento como foi o caso das chapadas e capões: em geral foi um emprego menos curioso e inventivo dos recursos naturais; um meio mais generoso carecia de menor entendimento.

As lavouras da mata começavam também com a derrubada. Em geral - segundo todas as descrições de viajantes e lembranças - esse não era um serviço custoso: gastava só o "traço" do machado nas árvores maiores, que presas por lianas levavam as outras no tombo. Naquele trecho deixava-se a madeira secar, depois queimava-se; fogo mais ligeiro, em madeira pouco seca; fogo demorado se mais tempo ficou secando, ou se foi desganhada para uma queima mais completa. Então plantava-se entre os tocos das árvores queimadas, por três, quatro ou cinco anos, dependendo da terra e da planta. Nos primeiros anos praticamente não existiam ervas concorrentes, era então uma lavoura que demandava pouco trabalho. Depois de usada a terra era posta também em descanso, por anos, e a rebrota da mata era a chamada capoeira, que segundo Euclides de Cunha significava "*mata extinta*" em tupi (19).

A diferença entre florestas e capoeiras não é apenas densidade florestal. Florestas exigem menos "traço" de machado, consome menos serviço na manutenção de uma lavoura menos "invadida", são geralmente mais férteis que as capoeiras. Mas nem tudo é vantajoso: as terras novas de mata costumam limitar muitas culturas, e no primeiro, ou primeiros anos de, plantio sua fertilidade natural ou a força da sua decoada prejudicam plantas: "*o legume*

*viçava demais mas não produzia*"(20), de sorte que os lavradores preferiam em muitos lugares a capoeira, sempre de produção estável, à mata virgem. Feijão e mandioca, sempre, e milho às vezes, fracassavam nas terras de primeiro plantio: como eram básicos nas dietas, as capoeiras ou terras velhas eram indispensáveis para um abastecimento equilibrado. A sucessão mais ou menos consensual, usada por lavradores do Pampã e Mucuri, era abrir a terra com milho ou arroz e abóbora que "*amansam*" a força da terra - resistem melhor às cinzas das queimadas de madeira grossa e ao húmus - sucedê-los bem depois com feijão e milho, por dois ou três anos no período pleno; culminar com a mandioca ou a cana, de acordo com a serventia da terra, porque aí já são cultivos de terminação. Depois do mandiococal vem o "*descanso*", e o canavial dura vários anos em produtividade constante e tratos mínimos, por ser lavoura quase permanente.

Foi por essa razão que as terras de capoeira começaram a ser negociadas muito antes das matas: revoltavam Marlière em 1820 aquelas trocas ilegais; revoltam-se os velhos posseiros do Pampã nos anos 1930 e 40, feitos sem-terra em 1990, lembrar terem trocado seus muitos alqueires por uma carga de cachaça. Ottoni dizia que alguns "*linguas*" colocavam índios para abrir matas para eles e depois negociavam as capoeiras; Frei Samuel Tetteroo cita muitos casos de vendas de capoeiras ou aberturas; Manuel, posseiro mais velho estudado por Castaldi, perdera suas posses sempre depois de aberta a mata: capoeira era a mata depois do trabalho dos homens, por isto já podia ser plantada sem sustos. E assim, através da roça dá para entender de outro modo a relação entre a posse, que ia na frente abrindo mata e amansando terras, e a fazenda que vinha atrás incorporando-as; e então passamos, sem escalas, da questão produtiva para a fundiária, da roça de mata para a agregação, porque uma não se entende sem a outra (21).

Foi por meio das roças de tocos que as fazendas da mata incorporaram o agregado. As lavouras impunham ao lavrador dois movimentos: um curto, de meia légua em torno de sua morada, para fazer roças salteadas em muitos pontos próximos, e ainda caçando, pescando e extraíndo. Esses lavradores viviam em grandes grupos de vizinhança - parental, tribal, conterrânea, etc - num córrego, em grupos de 5 famílias ou pouco mais, explorando cada uma em torno de 20 hectares entre plantio e pousio, mais área equivalente de extração: cada família explorava um total aproximado de 40 hectares, e o conjunto algo próximo de 200 hectares. A área explorada começava a minguar ao fim de algum tempo, que pode ser calculado pelos depoimentos de pioneiros em torno de 30 anos. A lavoura então impunha um segundo movimento: longo, em busca de outra grota ou córrego, onde tudo pudesse ser recommçado, e isso tanto poderia ser naquela vizinhança quanto mais além, mas em geral parece que ficava próximo ao máximo de 7 léguas, ou um dia de caminhada, o suficiente para não desfazer os laços antigos, para não desambientalizar-se muito. Justo por isto faziam as casas de barro, capim, embira e madeira branca. Podiam ser usadas por uns tantos anos, depois de abandonadas desfaziam-se em 2 e desapareciam completamente em 5 anos. Quando a família, seja pioneira ou agregada, saía da terra tinha pouco mais que nada para levar: o isqueiro, a escadinha de filhos, a espingarda pica-pau e o cachorro *Brinquinho* (22). E saindo procurava outra grota, nova terra, que poderia ser agrego na mesma, noutra fazenda, ou posse.

Os ocupantes pioneiros acreditavam que a fertilidade era ilimitada; por isto não havia qualquer problema em conceder terrenos de agrego dentro da posse ou fazenda. O

agregado, nessas condições, em vez de representar consumo de um bem limitado, representava uma efetividade de domínio, pela subordinação que supunha implícita. Por isso a fazenda recebia o lavrador e sua roça numa grota esconsa e se esquecia dele: esta é expressão comum usada por antigos fazendeiros e agregados, "*esquecer*". Como a lavoura e o agregado possuíam um ritmo - dado por extração, mantimento, lazer farto, roça nova - e a fazenda outro - negócios, serviços, extração farta, algum gado, mantimento - seus contatos eram realmente poucos, e tinham que ser assim poucos, não conflitavam. O domínio mais alongado da terra que a fazenda mantinha garantia ao agregado extensos limites para fazer e dar pousio à sua roça, sem qualquer dificuldade para si ou o fazendeiro. Completa tudo isso o fato que a roça de mata ou capoeira forte gastava mínimo trabalho, fornecia amplos excedentes e abundante tempo de não-trabalho: nesse tempo a fazenda recrutava seus serviços a preço vil ou simbólico, mas quase sempre uma oferta a ser considerada por quem estava desocupado mesmo e creditava aquele lazer ao fazendeiro, que organizava assim seus serviços. Agregado encaixou-se como uma luva na mão da fazenda da mata.

### 3. *Natureza, abundância, providência*

Os relatos do século XIX no Mucuri e Jequitinhonha costumam falar da fome: fome dos indígenas, desesperados, que saíam da selva batendo na barriga e pedindo comida; dos europeus nos primeiros anos de mata, descritos principalmente por Avé-Lallemant no final do anos 1850; dos migrantes baianos que chegaram ao Nordeste de Minas nas grandes secas (23). Esses episódios podem dar uma visão enganosa da lavoura de tocos, de ela não possuir capacidade para manter a população. Mas a história da lavoura e da fome foi outra: aqueles fatos são marcantes exatamente pela excepcional situação que as populações se encontravam. Desse contato dos homens com matas os resultados em geral foram bem outros. Os índios famintos que saíram da mata resultavam da expansão da fronteira de povoamento: na medida que os colonos encurtaram a área de coleta criaram a fome, para logo depois criar o índio reduzido, a serviço da casa, ou fazendo sua lavoura no agregado ou posse. Depois de tornado agricultor, não desapareceu só a fome: desapareceu o próprio índio. Com os colonos europeus do Mucuri aconteceu o inverso do que ocorrera aos índios: enquanto estes ficaram sem o seu velho ambiente, tornado pequeno pela expansão do povoamento, aqueles se viram num meio que não conheciam, atacados por todos os lados, ignorantes das ações que aquela natureza demandava. Já os migrantes, apareciam famintos no alto Jequitinhonha nos escritos de Pereira e ressurgiam satisfeitos e assentados nos relatórios que na mesma época os padres capuchinhos produziam lá no Itambacuri. Da fome à satisfação era uma caminhada.

O Nordeste de Minas foi um mundo de abundância, esclarecidas as fomes eventuais. Mais do que abundância: demandava pouco trabalho para o sustento e produzia muito lazer para quem era livre. Era, naturalmente, uma fartura localizada: apenas produção de mantimentos, somente uma dieta rica e variada. De outros pontos de vista era uma

sociedade de relativa escassez. Os bens materiais disponíveis numa habitação, mesmo de fazendeiros, eram sempre muito modestos; os equipamentos de trabalho eram construídos na sua maioria por artesãos locais; roupa, então, sempre foi escassa em toda esta zona, até bem avançado o século XX. Difícil adquirir o tecido, o serviço de tecedeiras era caro e raro; havia, obviamente, pessoas que dedicavam-se a isso, mas tomava muito tempo, e, à exceção das proximidades do antigo São Domingos e Sucuriú, a produção doméstica e eventual de roupa parece que nunca foi suficiente para satisfazer a demanda. Existem nas anotações de fazendas referências ao costume de ceder uma muda de roupa a um empregado da casa de sede; os poucos retratos de agregados ou vaqueiros em serviço mostram geralmente pessoas cobertas de molambos, usando roupas que haviam passado por uma série de remendos até perder a característica original que possuía. Na beira do rio, no alto Jequitinhonha, ainda em finais do século XX existe uma quantidade de histórias de pessoas que andavam peladas pelas beiras de casa em dias comuns de serviço e outros casos se contam dos que se conservaram na nudez até os finais da adolescência (24).

Abundância também não transformava-se em dinheiro: como todas as pessoas produziam os mesmos bens e em grande quantidade, não havia, ou raramente aparecia interessado naqueles excedentes. São às centenas as histórias do lavrador que fez viagem com o produto do seu trabalho e não conseguiu vender nada, teve que voltar com ele, ou entregá-lo na bacia das almas. São tantas quantas são numerosas as reuniões, propostas, estudos, relatórios, discursos, artigos e pesquisas que foram feitos sobre a questão da venda de bens, abertura de mercados, possibilidade de colocar algum produto nalgum mercado de vulto (25).

Eram sociedades de abundância, pouco trabalho, raro negócio e muito lazer. A lavoura de sustento nunca chegava a ocupar mais que 20% do total dos dias de um ano e resultava em excedentes de tal importância que uma família podia passar dois e até três anos vivendo dos frutos de uma única roça. Supondo um hectare de lavoura por família de 5 membros, somente a roça de milho e feijão - sem contar hortas, extração, animais de quintal, partilhas comunitárias ou parentais, caça, pesca, abóboras, mandioca e carirús, que eram inevitáveis e fundamentais - fornecia entre 2.000 a 4.500 quilos de alimentos por ano (ver Tabela VIII-1 ), sem contar a colheita de feijão da seca. Numa família com 2,5 trabalhadores produtivos, ficava entre 33 como máximo e 20 como mínimo o número de dias regularmente trabalhados por cada trabalhador, para produzir todo esse alimento numa estação chuvosa. Galvão calculava em 140 quilos/pessoa/ano o necessário para o sustento na mata; Oliveira Júnior estimou 200 quilos de cereal/pessoa/ano. A lavoura de tocos, em baixa produção, garantia no mínimo o dobro deste necessário. E, excetuando feijão da seca, os lavradores não ocupavam-se de roças muito mais que um mês por ano (26).

A rotina da lavoura explica a organização do trabalho e da subordinação nessa sociedade. Foi por meio dela que as fazendas puderam dispor de tanto trabalho sobrando de agregados, e podia pagá-los com pouco mais que nada, porque o custo de reprodução da força de trabalho não era coberto pelo salário, mas pela lavoura.

**TABELA VIII.1 Produção e consumo de trabalho em lavouras de tocos**  
**(Lavouras de 1 hectare, tempo das águas, médias de ano regular)**

Ambiente e situação	Capão 1º plantio	Capão 2º plantio	Capão 3º plantio	Carrasco/ Capoeira	Mata 1º plantio	Mata 2º plantio
<b>OPERAÇÃO</b> (homem/dia)						
1. derrubada	30	-	-	12	10	-
2. roçada	-	10	20	-	-	10
3. coivara	03	-	-	05	10	-
4. queimada	01	01	01	01	01	01
5. plantio	12	12	12	10	12	12
6. capina	10	15	20	10	04	10
7. repasso	-	10	10	04	-	-
8. trespasso	-	05	05	-	-	-
9. colheita	16	16	16	14	20	20
10. TOTAL (homem/dia)	72	69	84	56	57	53
<b>PRODUÇÃO</b> (quilogramas)						
Milho	1.800	1.440	1.200	2.000	3.600	3.600
Feijão	480	460	360	600	-	900

FONTE: Pesquisa de campo 1992/1994. Capões: alto Jequitinhonha; Carrasco ou Capoeira: Araçuaí; Mata: Pampã. Diz-se "repasso" e "trespasso" da segunda e terceira capinas.

O trabalho pouco de uma só pessoa podia sustentar folgadoamente muitas outras (27). Foi por essa, entre outras razões, que os "portugueses" conseguiram seduzir os índios para a agricultura, quando revelaram a abundância que se criava com a simples lavoura.

A diversidade de cereais era grande: por exemplo os feijões - de arranco, catador, fava e andú - cada qual com sua serventia, trato e gosto, produziam em épocas diferentes, e alguns mesmo naturalmente, em lugares que ninguém zelava. E o feijão principal, de arranco - *Phaseolus vulgaris*, L. - era plantado pelo menos duas vezes por ano, na entrada das águas e no seu fim. Combinando variedades tardias e precoces, que produziam em até 40 dias, os agricultores conseguiam estocar muito, e periodicamente tinham de botá-la fora, mesmo se tratados com as técnicas empregadas na roça: areia fina, terra de formigueiro, gordura de porco, etc.

A outra lavoura tão importante quanto feijão foi o milho, nas suas muitas variedades que estiveram disponíveis até por volta dos anos 1970 e 1980, quando foram erodidas pelas Variedades de Alto Rendimento - VAR - híbridas, produzidas pela Revolução Verde. O milho tinha muitos usos alimentares por ser uma lavoura rústica, produtiva tanto em terras abertas de novo como naquelas consolidadas, além disso resistia muito bem às secas ao excesso de chuvas e servia como alimento desde 90 dias depois de plantado.

Vinham ainda as mandiocas, distinguindo aquelas farinheiras, bravas, de alta produção mas venenosas, daquelas doces, mansas, de menos goma e alimentares. Do ponto de vista alimentar mandioca era um tesouro, porque podia ficar no chão por muito tempo, até dois ou três anos, e ser colhida aos poucos, de acordo com as necessidades da família. Era plantada geralmente em terras velhas e deixada lá, depois de uma "quebra" de enxada: produzia por muito tempo. Arroz foi lavoura mais rara, demandava terras úmidas e sempre fez mais sucesso no cerrado do Oeste de Minas, no Peçanha e na Zona da Mata: no Nordeste de Minas nunca foi planta muito cultivada, e a combinação alimentar do feijão era feita sempre com o milho. Milho pilado, canjiquinha, farinha ou fubá. Mas além de todas essas havia os legumes, plantados dentro de roça, intercalados com outros mantimentos, e os carirus, as folhosas, que também ocupavam seus cantos nas lavouras. A roça era um trançado de plantios: mandiocas e batatas doces embaixo da terra, abóbora, melancia e feijão rasteiros, milho, andú, quiabo no alto, uma roça de três andares.

Uma família fazia suas roças - duas ou três - em áreas convenientes para o seu consumo, ultrapassando-o geralmente no dobro: cada lavoura estava num ciclo diferente do pousio e numa terra de serventia diferente. Isto porque usavam ao mesmo tempo terras de "forças" diferentes, fertilidade mais ou menos ativa, cinza de decoada mais ou menos forte, cuidados mais ou menos intensos. E também repartiam as lavouras em terras de natureza diferente, mais "quentes", mais "frias", mais noruega ou campina, porque conforme corria o tempo, mais ou menos chuva ou sol, perdia numa e acertava noutra. No alto Jequitinhonha a roça era feita em degraus alternados ao longo do declive da grota, desde a "cultura" de baixo, até o começo dos "carrascos" no alto: terra carrascosa é menos fértil e mais seca, porém se vier bastante chuva ela produz muito melhor que a "cultura" baixa, que perde os mantimentos por excesso de umidade (28). Por ter sido esparramada e policultora, a roça de tocos aparece nos viajantes ou nos relatórios de governo sempre minúscula, errática: tinha de ser assim mesmo, não era preguiça, nem ignorância: era uma técnica. Na plenitude era caos, mistura de ramos, plantas, variedades, mas só aparentemente. Era mais certamente

uma trama que o lavrador urdia, combinava plantios e culturas para conseguir a fartura máxima com o serviço mínimo.

É preciso ainda dizer que esse era apenas aproximadamente um padrão de lavoura, não era uma norma rígida que todos os agricultores seguissem à risca, porque naquela diversidade ambiental de Jequitinhonha e Mucuri, variavam a chegada e fechamento das estações, tipos de terra, pousios, variedades plantadas e respostas produtivas, portanto as quantidades. A constância para todo o Nordeste de Minas era somente a abertura frequente da mata, capão ou capoeira, os regimes de pousio, o fogo e as roças alternadas. Uma aparente regularidade, portanto, que fez todos os memorialistas considerarem a mesma as diversas roças de mantimento: não eram.

A diminuta roça tropical sempre foi comparada pelos viajantes com a lavoura homogênea europeia. Esta comparação embute uma séria distorção porque os plantios europeus antes da mudança provocada pela química e sementes melhoradas nunca conseguiram chegar perto do volume alimentar produzido em área equivalente de lavoura tropical. Depois das revoluções tecnológicas, já no século XX, os índices de produtividade aproximaram-se, mas alguns alimentos como a mandioca, por exemplo, só foram superados em termos de poder de produção alimentar depois da Revolução Verde, já nos anos 1970. Até o século XVII europeu, de acordo com Bloch, Chaunu e Duby, o agricultor que conseguisse resultados em torno de 1 X 5 entre plantio e colheita, podia dar-se por satisfeito e realizado. Nas lavouras de toco do Nordeste de Minas, para o caso de milho, era comum alcançar 1 X 200, ou seja, de cada quilo plantado colhiam 200 quilos, o que dava uma produtividade de 4.000 quilos por hectare, se considerarmos a pauta de 20 quilos de planta por hectare; feijão costumava produzir 1 X 25, produtividade de 1.500 quilos por hectare; mandioca produzia em geral 30 toneladas por hectare, o que explica a fartura e o lazer criados nestas florestas e capões (29).

Isso não quer dizer que nunca houvesse fome, que a produção tenha sido sempre constante. Como não existiam redes de abastecimento sistemático, e a dependência dos homens do meio eram extremas, a fronteira entre o excesso e a falta não era muito rígida, e qualquer abalo estacional na produção colocava o lavrador na mais absoluta precisão, vivendo daquilo que podia extrair. A escassez ou excesso de chuvas, as invasões de animais nas lavouras, os erros de cálculo, poderiam lançar a família na mais cruel das necessidades (30). Um velho morador do Jequitinhonha lembra dos anos 1930, quando uma seca liquidou toda a lavoura de seu pai sitiante: por 4 meses comeram apenas milho com sal, milho em todas as suas formas de farinha, canjiquinha, angú, broa, canjica, pamonha, mingau, tudo que é possível ser feito com milho. Lembra que quando havia uma caça ou peixe para engrossar a mistura, era uma festa. Esses episódios não eram assim tão raros porque os vínculos com o meio eram tão estreitos, a condição de armazenar tão limitada e frequentemente tão desnecessária, que facilmente os lavradores eram apanhados desprevenidos. Essa fome em locais que os sistemas de armazenamento eram no máximo tulhas e palanques rústicos construídos em cima do fogão, usados principalmente para carnes e rapadura, só reforça a importância dos laços com o meio, a estrita dependência, contraface da fartura.

Foi uma fatura à base da extração: não uma ausência de técnica e desconhecimento de lavoura; um conhecimento da roça, técnicas apuradas de manejo da planta e da terra; a contrapartida foi a destruição, acertadamente mostrada pelos autores que escreveram sobre isso. Mas eles não viram que aquele era o sistema possível, que naquelas condições ele era imutável e que jamais poderia ser substituído pelos sistemas de produção intensivos europeus e norte-americanos, porque mesmo esses, postos nas mesmas condições do lavrador brasileiro, usaram os mesmos regimes de exploração, a mesma agricultura extrativa, e chegou aos mesmos resultados.

#### 4 *Convívios*

Sempre, nos começos, a floresta deslumbrava os chegantes. Depois, estimulava uma ação devastadora, e os homens iam guerreando a seiva até se ajustarem ao que ela demandava, um acordo para dar bons resultados aos seus esforços. Essas fases de contato, conflito, negociação, variaram um pouco na intensidade de uns para outros personagens: de acordo com a sua percepção do ambiente e de acordo com o ambiente por si mesmo.

Em geral é possível conhecer o meio onde a população se estabeleceu e o tipo de exploração que instituiu, mas é difícil descobrir e atualizar o modo como foi percebido aquele ambiente e negociadas as relações, porque esse não é um sentimento documentado. No caso do Mucuri existe uma oportunidade ímpar de fazer isso com a colônia alemã, pela quantidade de impressões que ficaram guardadas. Elas permitem entender como esses colonos negociaram com a mata.

Da abertura pioneira participaram colonos de origens, experiências trajetórias e recursos muito diferentes: os europeus, os nacionais, além, óbvio, dos índios, que enfrentaram nela a pior das guerras. Mas os europeus nunca fizeram na mata nada de muito diferente daquilo que os migrantes do alto Jequitinhonha faziam. Por isso a sua história é uma reflexão sobre culturas e superioridades culturais.

A Companhia desejava que os europeus custeassem sua mudança e comprassem terras no Mucuri. Mas com os adiantamentos de mantimentos, sementes e utensílios a maioria deles começou sua vida no Brasil com dívidas, explorando um meio que não conhecia, sofrendo da incompreensão da língua ao desconhecimento do bicho-de-pé: um desajuste fabuloso. O livro que foi publicado por Max Rothe nos anos 1950, com as memórias de alguns dos alemães, é descrição das misérias que passaram e, por fim, sua integração.

A dívida inicial e a natureza misteriosa da mata deixaram esses europeus paralisados: sem mercados, cheios de concorrentes que produziam no lote do lado a mesma fatura, sofreram com a feroz estabilidade econômica que travou por muitos anos a sua expansão. A mata, para os europeus, foi primeiro decepção:

*"Ah, como era tudo tão diferente do que imaginara... Então aquele emaranhado de árvores, cipós e vegetação rasteira, que crescia ao longo do rio, era a tão decantada mata virgem?"*

[Rothe, 1956: 52]

Depois foi um mundo de sofrimento: logo que chegaram, atingidos pela seca de 1859, não sabiam recursar a natureza, morriam de fome ou cozinhavam capim para comer. Em Santa Clara, sofriam com as mais insignificantes pragas tropicais:

*"(...) vi um homem quase desesperado. Desatou uma atadura que tinha em um pé, e mostrou-me dois dedos horrivelmente mutilados pelos bichos dos pés, que ele não tinha sabido convenientemente tratar(...)"*.

[Ottoni, 1860: 64]

O melhor exemplo das suas dificuldades é o caso da banana, que teria acontecido entre Teófilo Ottoni e a família Roedel, colonos recém instalados. Ottoni presenteou os alemães com três bananas maduras e algum tempo depois perguntou o que eles haviam achado da fruta. Responderam que banana não servia para guardar nem para plantar, mas era muito boa para comer. Eles haviam comido uma, armazenado outra e enterrado a outra no chão.

Essa adaptação ao meio não foi fácil. De acordo com as anotações de Bruno Marx, alemão migrado para o Mucuri no século XIX, os colonos sofreram uma brutal revolução no cardápio:

*"Desconhecendo o solo, clima e regime da lavoura brasileira, muito diferente do sistema europeu, ao qual estavam habituados, tiveram os primitivos colonos, amargas decepções. Mas a sua perseverança e seu ânimo forte venceram, e afinal eles se transformaram em verdadeiros mestres da agricultura, para os posteriores imigrantes. As donas de casa e mães, tiveram também seus problemas, no que respeita à culinária. Muito diverso do daqui, era o cardápio da terra natal. Ali era hábito, oferecer pratos diferentes, todos os dias, mas aqui, na floresta virgem, era feijão e arroz, e arroz e feijão. Um naco de toucinho, arroz ou carne, eram nos primeiros tempos, petiscos tão raros, que aquele colono que os tivesse vez ou outra, sobre a mesa, teria sido considerado esbanjador."*

[Rothe, 1956: 47]

Foi certamente o primeiro pastor da comunidade evangélica do Mucuri, Hollerbach, em suas cartas, quem melhor refletiu sobre o drama de se estabelecer numa mata desconhecida. A sua vida, a partir de 1862, foi um rosário de sofrimentos: estranhava o cardápio, as chuvas torrenciais, a floresta sem fim, a falta de dinheiro que reduzira sua dieta ao mínimo indispensável. Via nisso tudo um meio que devorava suas roupas, meias, lenços, comidas, quadros e, por fim, seus livros eram comidos por traças e cupins. Essas dificuldades na vida e nas finanças espelhavam-se no campo da fé e o pastor fazia as mais amargas reflexões sobre seu rebanho perdido na floresta:

*"(...) quando tenho diante de mim uma média de apenas 60 ouvintes, sinto-me tentado a dizer para mim mesmo: -Teu assunto está esgotado; ou: - Os teus sermões aniquilaram as personalidades, ou ainda -Teus sermões não prestam. Se tivesses lançado a verdadeira semente, as avezinhas viriam em maior número. Quem sabe esse insucesso não é um sinal de Deus de que devo procurar um outro campo missionário? No caso de eu abandonar esse campo, poderia levar anos até vir outro pastor para cá, pois as referências sobre a Sibéria não podem ser piores do que aquelas que o viajante recebe sobre o Vale do Mucuri, ao aportar no Rio de Janeiro."*

[Rothe, 1956: 22]

A correspondência do pastor Hollerbach mostra a sua dificuldade de convívio com um meio. Mas ele o suportou com paciência, fez a sua catequese em toda a colônia, esparramou uma multidão de descendentes por toda a mata. Certamente cumpriu com muito acerto sua missão, pois conquistara o respeito dos frades franciscanos holandeses que - a exceção do pouco ecumênico frei Samuel - sempre referiram-se a ele com os maiores elogios.

Como Hollerbach, os outros colonos também acabaram adaptando-se, realizando uma negociação cultural com a natureza, para finalmente chegarem a bons termos. No início da imigração, em seu Relatório de 1858, Ottoni já observava que:

*"Gesnitz, Neumam pai, Neumam filho, Thomaz, Frantz, Baldow, Fricke e Samye. São oito famílias que plantaram este ano 14 alqueires de milho, e por entre a milharada, cana, café, mandiocas, inhames, batatas e todas as miunças que fartam a casa do agricultor."*

[Ottoni, 1858: 132]

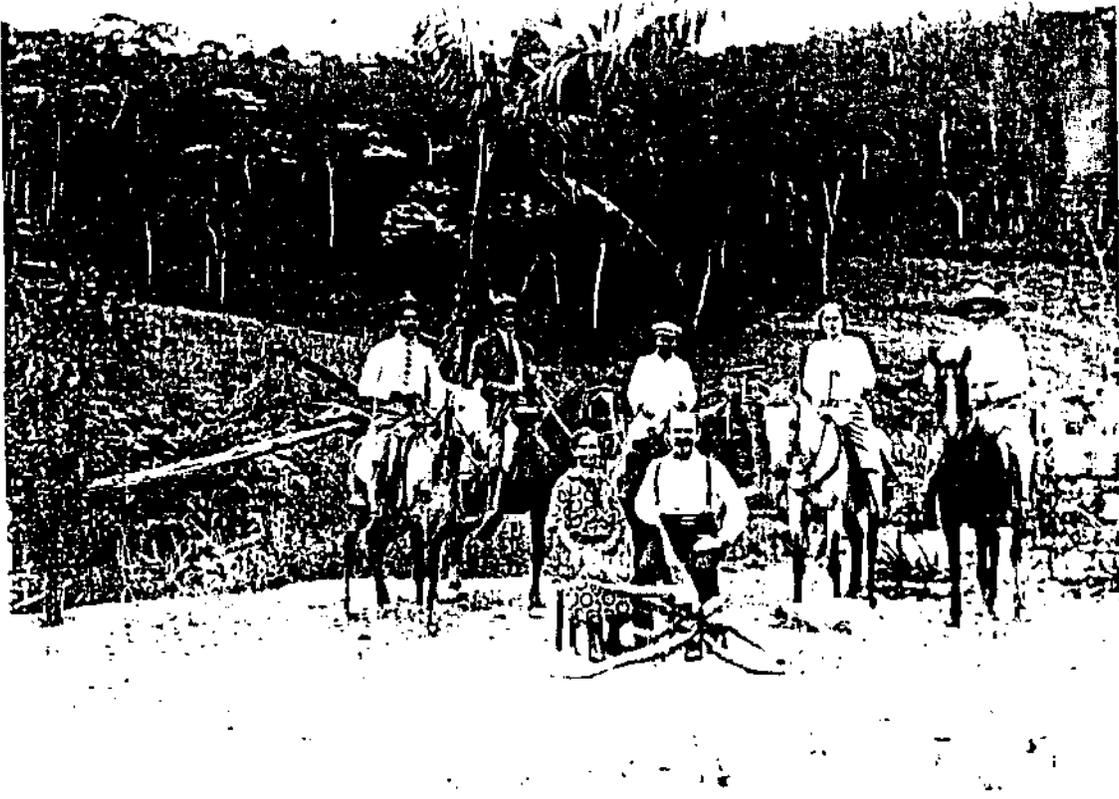
Não só, portanto, a roça de milho: mas a roça de milho consorciada com as miunças, como as roças dos nativos, roça de três andares. De sorte que esses colonos na verdade ajustaram à mata muito pouco do que sabiam antes, mas aprenderam a extrair, a fazer a lavoura de tocos que convinha àquele ambiente, derrubar, queimar, coivarar e viver do mesmo milho, feijão e carirús que sustentavam todos os brasileiros (31). Muitos anos depois de encerrada a migração européia, Júlio Paternostro se assustava por encontrar no mato o que acreditava não poder estar ali. Ele falava do

*"susto que a gente leva, quando ao entrar numa tapera caindo aos pedaços, esbarra com um ariano de olhos azuis, acorocado com o cigarro de palha entre as mãos, a falar mole com o sotaque caipira, cheio de filhos ancilostomados e nus."*

[Paternostro, 1937: 248]

A fotografia da página seguinte, sem indicação de data, mostra alemães em trajés de domingo, posando em família ao lado de um motivo de orgulho: a fabulosa raiz de mandioca - símbolo da lavoura dita do caboclo e do atraso: uma antropofagia ao contrário. Vê-se na foto a arreata de cabeça deitada - "socadinho" - pelego na sela, "professora" na brida, peitoral e caçamba: um arreio baiano, diferente do casquinho curvelano adotado no Jequitinhonha e Mucuri, com estribação longa à curraleira, e não curta à européia. A montaria da mulher é à européia, masculina, sem o inseguro silhão que foi a marca da montaria feminina na Bahia, pois era recomendável que as mulheres viajassem com as pernas juntas. E na capoeira ao fundo, entre a folhagem - como poema romântico - despontam as embaúbas prateadas: sinal de mata secundária, terra em pousio, de derrubada e queima para fazer roça de toco ou coivara, contributo de nativos para a civilização dos europeus.

Não era possível que os colonos europeus criassem um conhecimento daquele meio sem que ele fosse assimilado e entendido, sem que passassem pelo contato, que é, por fim, um processo de aculturação. Os alemães do Mucuri servem para caracterizar aquilo que Celso Furtado, e outros autores, chamaram "regressão à economia de subsistência" sofrida pelos colonos no Brasil: não era possível transplantar os sistemas de exploração e as técnicas empregadas na Europa junto com os regimes de troca e mercado. Esses europeus foram colonizados, posto na mata desconhecida qualquer colono tem essa mesma limitação, que começa com um enfrentamento bruto e termina num acordo negociado.



*Família de Colonos.*

Não foram transplantados sistemas de exploração da natureza com a chegada dos colonos das diversas origens. Pelo contrário, foram eles que se adaptaram a sistemas de plantio e recursagens da natureza que já eram correntes na população nativa, que por sua vez sofrera das mesmas dificuldades para construir e negociar suas técnicas com o meio. E esta experiência não é exclusiva do Mucuri: colonos de uma região mais populosa transferidos para outra menos densamente povoada, mudam para técnicas mais ajustadas e ao mesmo tempo mais econômicas, aceitam o ambiente, de modo que não há regressão técnica, mas aprendizado. Nunca são transplantadas técnicas capital-intensivo. Dezenas de projeto governamentais, de migrações ordenadas, fracassaram neste ponto e não conseguiram difundir métodos intensivos de utilização do meio, porque ele é ativo gerador de respostas (32).

É impossível acompanhar o ajustamento dos brasileiros à mata; no entanto pode ser encontrada a sua idéia de ambiente em vários autores regionais do século XIX e XX. Eles mostram uma compreensão do meio radicalmente diferente dos primeiros europeus: transmitem uma idéia de afinidade e adaptação, a idéia feliz de uma mata. Isto está em Leopoldo Pereira e Godofredo Ferreira, historiadores; está na obra de frei Samuel e nas crônicas da vida do campo: uma dificuldade farta e compensadora. Mas, de todos, nenhum autor foi tão enfático como Domingos Pacó ao descrever o que acontecia com os homens postos na mata. Eram passeios, divertimentos e incompreensível felicidade. Andar pela mata, pela nossa mata, dizia o professor índio, era procurar alegria e prazeres.

As relações de domínio que os homens construíram nas matas são completamente diferentes daquelas relações de convívio características dos campos e grotas do Jequitinhonha. O combate na mata era uma luta contra a adversidade da desconhecido e da própria natureza, mas terminou sendo construído um acordo de exploração e ajustamento de uma série de técnicas. A história dessas técnicas agrícolas inclui imperativos que não são apenas de ordem cultural, nem de ordem natural somente, mas uma combinação muito delicada dessas duas, mais população e demografia, agindo sobre os pousios e sistemas de extração. Por isso houve uma única ocupação, mas histórias de exploração tão diferentes no Mucuri e Jequitinhonha. E os sistemas de produção das diversas populações e ambientes não podem ser hierarquizados, porque são os exatos sistemas técnicos que cada grupo humano pode construir para determinado uso de recursos naturais. Pouco influem o patrimônio tecnológico contemporâneo e a vontade individual do agricultor nas decisões.

No caso do Mucuri e baixo Jequitinhonha uma natureza mais pródiga foi esgotada rapidamente pela pressão dos chegantes, que desestruturaram assim as relações de uso da terra e os ajustes entre os homens. No alto Jequitinhonha uma natureza de recursos conhecidos menos abundantes, permitiu a reprodução contínua e limitada de unidades familiares. No Mucuri e Jequitinhonha a história dos homens pode ser contada ao lado e dentro da história da natureza, com resultados muito diferentes para cada um dos lugares. É testemunho da fragilidade das homogeneidades da história, das hierarquias e eficácias tecnológicas e culturais.

## Notas ao Capítulo VIII Lavouras

(1) Leopoldo Pereira dizia que

*"O sertanejo é inconscientemente bárbaro no modo de trabalhar, destruindo, arrasando sem necessidade as matas. Porque os terrenos ensombreados pela floresta são, por via de regra mais férteis, o lavrador vai de preferência abrir sua roça nesses lugares, que deviam ser pelo próprio interesse dele respeitados. Em toda esta região de que aqui me ocupo, as matas virgens estão já reduzidas a um décimo, se tanto, do que eram há 50 anos. Há já grandes fazendas que não tem, há muito, madeiras para construção. O mato que não cai sob o machado do lavrador, arrasa-o o fogo das queimadas. (...) 'Abrir' uma fazenda, na linguagem popular, quer dizer destruir os matos, por tudo em campo para a criação. O viajante que atravessa as chapadas, o recoveiro que leva sua tropa, o ocioso que se diverte na caça, por desenfado, por brincadeira, inconsciente do mal que faz, lança fogo aos carrascos. Arde a chapada inteira, o fogo desce aos capões, arrasa tudo, derribando madeiras colossais, aroeiras, jatobás, que levaram séculos a crescer e engrossar."*

[Pereira, 1969: 46]

(2) O artigo *Fazedores de desertos* de Euclides da Cunha, publicado no *Estado de São Paulo* em outubro de 1901, reclamava do mesmo mal que Pereira, Lobato e tantos outros combateram. Todo o artigo é sobre a destrutividade, primeiro dos índios, depois dos mineradores, dando origem ao "sertão nordestino", à elevação das temperaturas, cessação das chuvas: *"o homem, no meio de tantas grandezas, não as corrige, nem as domina nobremente, nem as encadeia num esforço consciente e sério. Extingue-as."*

[Cunha, 1966: 61]

(3) Sobre Lobato e suas idéias ver Monteiro Lobato (1986). Estudos sobre sua obra e o personagem Jeca Tatu, ver Martins (1975), Campos (1986), Guerra Neto (1990) e Bosi (1981).

(4) Em praticamente todos os autores que escreveram sobre história, sociedade e agricultura brasileira encontram-se esses comentários sobre as lavouras, com maior ou menor destaque e amplitude. Sobre os ralos efeitos multiplicadores da agricultura, ver Albuquerque e Nicol (1987), entre outros; sobre o papel repressor da lavoura ver Celso Furtado. Para os demais aspectos, ver Caio Prado Júnior, por exemplo:

*"Processos bárbaros, destrutivos (...) Para a instalação de novas culturas, nada de novo se realizara que o processo brutal e primitivo da 'queimada'; para o problema do esgotamento do solo outra solução não se descobrira ainda que o abandono puro e simples do local por anos e anos consecutivos, com prazos cada vez mais espaçados, que o empobrecimento do solo ia alargando, para se tornar afinal definitivo. A mata, sempre escolhida pelas propriedades naturais de seu solo, e que dantes cobria densamente a maior parte das áreas ocupadas pela colonização, desaparecia rapidamente devorada pelo fogo."*

[Prado Jr., 1962: 89]

Daniel de Carvalho, autor de um estudo clássico sobre as lavouras mineiras de algodão no começo do século XX, destacou sua rusticidade:

*"A semente é plantada a esmo, sem escolha, representando mistura de variedades de diferentes ciclos vegetativos e de fibras de tamanho diverso. O terreno (falo em regra, havendo felizmente exceções) não recebe amanhã, subsistindo o bárbaro processo das queimadas que os nossos avós herdaram dos índios e nós continuamos a praticar, apesar de se terem modificado sensivelmente as condições do país. O que era explicável então, já não tem justificativa em nossa época."*

[Carvalho, 1916: 47]

Emília Viotti da Costa, comentando a reforma da escravidão e da terra, falou da rotina que prendia os lavradores:

*"Aqueles que a exploravam não estavam interessados em usá-la racionalmente. Não tinham o espírito da inovação. Não tentavam diversificar a produção, mas cultivavam um produto até a exaustão do solo, mudando-se então, para outras áreas em busca de terra virgem. Os legisladores esperavam que, com o aumento dos preços da terra, o sistema de produção melhoraria, tornando-se mais eficiente, auxiliando a eliminar a monocultura e forçando os proprietários a desistirem de seus hábitos rotineiros e a procurarem melhores métodos."*

[Viotti, 1979: 134]

(5) São raros os casos de absoluta revolução técnica e vinculação dos lavradores a uma matriz tecnológica apartada do ambiente; no Brasil isto só veio ocorrer nos finais dos anos 1970 em casos isolados, cujo melhor exemplo foi o cerrado - *"A agricultura dos cerrados já nasce moderna"*, diz um documento da JICA - e mais alguns outros pequenos enclaves produtivos nas matas atlânticas. Através de geração de técnicas agrícolas intensivas em capital foi possível formular um sistema de produção baseado no tripé veneno-trator-adubo, alimentado por linhas subsidiadas de crédito rural que revolucionaram a agricultura dos cerrados brasileiros no período 1975-1985. Neste caso, o perfil tecnológico agrícola era imposto ao agricultor, impedindo que se operasse fora dele. A JICA - Japan International Cooperation Agency - é a polêmica holding japonesa que contribuiu para a formulação e a execução dos grandes projetos do cerrado brasileiro. Sobre o assunto ver Ribeiro (1986).

(6) Entre os autores que estudaram a lavoura desse ponto de vista destaca-se Marc Bloch (1978), que escreveu uma história da França medieval a partir do movimento dos plantios. A mesma abordagem, mais generalizada, encontra-se em Eric Wolf (1976) e Ester Boserup (1987).

(7) Sobre as técnicas rurais, diz Bloch que

*"Se limpa, a miúdo, a base de fogo, lavra e semeia; também a miúdo cerca-se para proteger dos dentes dos animais. Dá colheita vários anos seguidos, 3, 4 e até 8. Logo, quando a mediocridade do rendimento parece denunciar a fadiga do solo, abandona-se de novo a parcela em mãos da vegetação espontânea e das ervas. Nesse estado permanece bastante tempo. Não podemos dizer então que é improdutivo."*

[Bloch, 1978: 123]

(8) O tempo de regeneração das matas nativas foi conseguido por estimativas feitas com agricultores durante pesquisa de campo. Essas médias são muito próximas daquelas que aparecem em estudos técnicos das mais diversas áreas: Boserup (1987) cita dados semelhantes para casos da África; Martins (1993), Castaldi (1957), Primavesi (1986), Spix e Martius (1938) são outros autores com estimativas de tempo de pousio. Uma discussão sobre sistemas de adubação verde é feita por Primavesi. Segundo esta autora, o desgaste inicial do solo desmatado por derrubada manual e queima é muito menor, em termos de nutrientes e matéria orgânica desperdiçados, que aquele provocado pela derrubada e enleiramento com trator de esteiras (Primavesi, 1986: 376). Com o tempo, o desgaste do solo pelos dois processos tende a igualar-se. De acordo com Ribeiro (1986), em solos de cerrado a perda inicial de fertilidade é compensada pelos ganhos posteriores e estabilização produzida pela fertilização química. Sobre a generalidade desses métodos de plantio ver Chaunu (1975), Oliveira Jr (1989) e Sigaut (1975)

(9) Os autores que mais analisaram esse fenômeno foram Eric Wolff (1976) e Ester Boserup (1987); esta última coloca um peso grande, que nem sempre é exclusivo, na pressão demográfica como condição fundamental para redução dos períodos de pousio.

(10) Ester Boserup afirma que

*"A teoria ignora o fato de que o tipo de ferramenta agrícola necessária num dado contexto depende de sistema de uso da terra (...) a enxada não é introduzida apenas como um aperfeiçoamento técnico da vara de plantar. Ela é introduzida, tipicamente, quando uma operação adicional se torna necessária, isto é,*

*quando o pousio longo é substituído por pousio curto. (...) Dado um sistema de pousio, as possibilidades de escolha no que se refere a espécies de instrumentos e inversões de trabalho e capital por unidade de área são bastante limitadas por determinações de ordem técnica."*

[Boserup, 1987: 25]

(11) Ver Silveira (1919 e 1922); ver Castaldi (1957)

(12) Descrevendo o alto Jequitinhonha Spix e Martius observam que

*"emprega-se aqui uma das mais singulares espécies de cultivo alternado, que consiste em mudar-se continuamente de terreno, e, logo que é possível, volta o lavrador à primitiva plantação. [Um agricultor] Queixou-se da pobreza da terra e assegurou-nos que plantava três anos consecutivos, deixando abandonado o terreno por 12 anos, até que pudesse produzir nova capoeira, e que, por esta razão, cada roça, depois do cultivo ficava entregue ao mato, para voltar-se ali ao cabo de 12 anos."*

[Spix e Martius, 1938: 149]

Pouco tempo depois deles, Casal, na sua *Corografia...* registrou quase o mesmo:

*"As terras produzem com abundância no primeiro ano; no segundo comumente pouco; no terceiro de ordinário quase nada. É preciso deixá-las descansar alguns anos até se cobrirem de mato forte, que se derruba e queima, como se fez para lançar-lhes a primeira semente que viram."*

[Casal, 1976: 165]

(13) Esta idéia de guerra ao meio e à mata foi formulada por Gilberto Freyre, em *Nordeste*. Poucos autores conseguiram como ele mostrar a dinâmica e os símbolos desta interação entre o homem e o meio:

*"(...) com esse estado de guerra entre o homem e a mata, que foi aqui tão franco, não puderam desenvolver-se entre os dois aquelas relações líricas, aqueles sistemas meio misteriosos de proteção recíproca entre o homem e a natureza, aquele amor profundo do homem pela árvore, pela planta, pelo mato, pela terra, que os sociólogos e os economistas estão fartos de nos apontar como o característico das sociedades verdadeiramente rurais. A monocultura da cana no Nordeste acabou separando o homem da própria água dos rios; separando-o dos próprios animais - 'bichos do mato' desprezíveis ou então considerados no seu aspecto único de inimigos da cana, que era preciso conservar à distância dos engenhos (como os próprios bois que não fossem de carro)."*

[Freyre, 1986: 47]

(14) Além dos citados Spix e Martius (1938), também Renault (1903), Ottoni (1847), Marlière (1905, 1907), *Questionário...* (1893), entre outros, deixaram preciosas indicações sobre esse ajuste de uso do meio que os agricultores foram obrigados a fazer. Para o começo do século XX, ver Tetteroo (1919), Pereira (1969), Pimenta (1899), Pinto (1899).

(15) Sobre as saídas sazonais do século XIX, ver o *Questionário...* de 1893, especialmente as respostas de Minas Novas, Capelinha, Chapada e Água Boa. Outra boa fonte é o jornal *O Serro*, dos anos 1890. Ver também o estudo de Ana Lúcia Lanna (1986). Sobre a saída sazonal dos chamados "chapadeiros", ver César e César (s.d.).

(16) Algumas genealogias puderam ser seguidas a partir dos registros da Matriz de São Pedro, em Minas Novas: mostram desde os anos 1870 ou 1880 sempre um deslocamento para a mata do Mucuri: saídas para o baixo Jequitinhonha ocorreram bem antes. Frei Olavo Timmers (1969, ms) cruzou dezenas de histórias pessoais em seu inventário histórico e mostra esse deslocamento. Outra fonte são as histórias das famílias que foram para a mata: muitas delas sabem rastrear de onde e quando o avô ou bisavô saíram, guardando memórias de três ou quatro das gerações precedentes. Em geral essas lembranças tem dois fundamentos tão óbvios quanto recorrentes: estão associadas a uma terra - "nossa" - que ficou lá e nunca se voltou para reclamar; estão associadas a uma viuvez feminina. Ou seja: herança excludente, terra escassa. Em 1993

acompanhei o caso de uma antiga família de agregados, que ficara por fim largada no mundo e fora atrás daquela "terra nossa", herdada do avô: o terreno ainda estava com primos, que viviam numa situação de parcelamento tão extremo e domínio tão precário, que os herdeiros excluídos preferiram a sua à sorte deles.

(17) Devo a descrição das técnicas de lavoura a José Luís Costa Santos, Durval Barbosa, ao pessoal do Assentamento da Fazenda Aruega e, principalmente, a José do Socorro da Canabrava em Turmalina, a Jair Alves e seu pai, José Ribeiro, da Comunidade de Mandacarú em Berilo, a José Antônio Andrade da Comunidade de Degredo em Turmalina, a José Raimundo Barroso, da Comunidade de Posses em Minas Novas. Depois de conseguida a descrição básica das técnicas, cruzei suas informações com estudos e narrativas de viajantes: a consistência surgiu não exatamente nas técnicas pontuais - que são próprias a cada lugar e quase a cada lavrador - mas no sentido geral do método, do manejo e dos usos básicos. Antonil (1982), por exemplo, fala em decoadas, fortes e fracas, e as madeiras que as produzem: isso supunha um conhecimento apurado do manejo de mato, e de qual madeira deveria ser mais ou menos intensamente queimada, etc. Castro (1912) falava que seus soldados haviam perdido as lavouras pelo excesso de chuva que impedira a queima; no mesmo ano perderam o feijão por terem queimado a terra em excesso, etc. Castaldi (1957) falava das reclamações dos agricultores nas aberturas novas, e por aí afora vai o encontro da lavoura de tocos com a erudição dos pesquisadores e viajantes: frei Samuel Tetteroo (1957), Pereira (1969), Ottoni (1858). O estudo da técnica básica da roça de toco abre um vasto campo de pesquisas históricas para a técnica agrícola; principalmente para os órgãos de extensão e mediação. Infelizmente a norma tem sido, como vimos, desqualificá-la, pois é tida como indicativa da estupidez dos roceiros.

De acordo com os entrevistados um trecho a ser destacado é escolhido pelo lugar e vegetação que favorecem ao fogo, cercamento e à planta que se cultivará. A derrubada é feita no final do tempo das chuvas, maio, junho ou julho, e será usada por dois ou três anos; feita a derrubada com machado, o mato é rebaixado com foice para o fogo "cortar mais baixo". Depois de dois ou três meses, conforme a intensidade de fogo que o lavrador queira dar na terra, queima-se, sempre de manhã bem cedo ou à tardinha, da beira para o centro. Vem então o plantio; geralmente derrubada nova consome pouca capina e só haverá mais trabalho na colheita. Na zona do Gravatá de Araçuaí, em capoeiras e carrascos, os lavradores costumam deixar o mato derrubado ficar bem acamado porque só assim o fogo passa na intensidade certa. Se a capoeira cortada ficar "arrepitada" - cheia de pontas - não queima direito, o fogo passa ligeiro, e deixa o terreno sujo, com mais serviço de capina nas limpas. O fogo deve ser posto em dias quentes, de ar parado, pois se houver ventania esparrama fogo, que corre muito e deixa reboleiras sem queimar. A madeira da derrubada é encostada nos cantos da roça, serve como cerca e dentro da roça plantam todas as verduras, como abóbora, quiabo, maxixe. Esta é a descrição das lavouras de capões, capoeiras e carrascos, que ainda são feitas no alto Jequitinhonha, com base numa técnica mais que centenária. Certamente ela consome mais trabalho que antigamente, porque são usadas áreas que já estiveram em uso e pousio muitas vezes, possivelmente perdendo fertilidade.

(18) Paternostro, que conheceu as matas em seus finais, dizia que

*"(...) nas matas tropicais há relativa facilidade para a nutrição sem esforço. Bananas, inhames selvagens, mandiocas, plantação antiga dos índios, palmitos nutritivos de várias espécies, são almoço e jantar, sem agricultura."*

[Paternostro, 1937: 220]

(19) Esta tradução está em Cunha (1967: 43): *caapuera, mato extinto*.

(20) A força excessiva da terra nova deixou os lavradores do Assentamento da Fazenda Aruega sem colheitas durante quase três anos: de acordo com eles, seguindo conselhos de técnicos ecologistas desprezaram o fogo e só conseguiram mantimentos depois que o Coletivo de assentados resolveu colocar um

"foguinho" quando não havia ambientalistas por perto. Foi a partir desse caso que despertei para o assunto: vários dos entrevistados, depois, confirmaram esta impossibilidade de produzir na mata nova, e alguns pioneiros lembram da fome cruel que passaram na sua chegada à abundância da mata. Entre os entrevistados, sou grato particularmente aos ensinamentos que recebi de Durval Barbosa, autor da citação grifada. Castaldi (1957) também faz referência à impossibilidade de produção: os agricultores reclamavam que "um bichinho" comia as raízes das plantas nessas terras.

(21) As posições de Marlière estão expostas em muitos dos seus ofícios, reunidos em Marlière (1905 e 1907), dos pioneiros do Pampá, que vieram a ficar sem terra, entrevisti Adélino Pereira (março 1994) e Arnaldo Ferreira (julho 1994). Durval Barbosa (entrevista de julho 1994, reproduzida em Ribeiro, 1996), Moisés Gonçalves (julho 1994) e Diniz V.A. Coutinho (maio 1994) também forneceram informações sobre o assunto. As histórias de negociações de terras por "línguas" estão em Ottoni (1858); negócios com capoeiras estão relatados em Tetteroo (1922); o caso dos posseiros do Catolé está em Castaldi (1957).

(22) O cálculo de área explorada por família na mata deve estar superdimensionado, porque tomou como base a área de algumas fazendas dividida pelo número de agregados, descontando-se as áreas de lavouras do fazendeiro, pastos e benfeitorias. O superdimensionamento vem do fato dos agregados não precisarem necessariamente explorar aquela área que "sobra" para eles numa divisão aritmética. Os cálculos de demanda de terra para cada família feitos por Galvão (1979) para índios lavradores mostram áreas muito menores. Neste cálculo, arredondei para muito acima uma média derivada da Sul América (anos 1940), Araguaia (anos 1940) e Capitão Pacheco (anos 1920), já que é difícil encontrar a área exata. De acordo com Paternostro (1937) nos grupos camponeses pesquisados por ele um terço morava há menos de quatro anos no mesmo lugar.

(23) Descrições da fome dos indígenas estão em Saint-Hilaire (1975), Pohl (1976), Spix e Martius (1938) e Avé-Lallemant (1980); sobre os colonos europeus ver Avé-Lallemant (1980); sobre migrantes baianos ver Pereira (1969) e Palazzolo (1973).

(24) Frei Chico van Poel (1981) conta algumas destas histórias, sempre como anedotas, mas reveladoras dessa escassez problemática de roupas. As histórias de gente pelada no mato parece que eram comuns até o começo dos anos 1960, infância de alguns informantes, principalmente José Raimundo Barroso.

(25) Dificuldades de vendas apareceram em depoimentos de pesquisa de campo, mas foram melhor ilustradas por Pereira (1969), Tetteroo (1919 e 1922) e Palazzolo (1974). Grandes debates sobre mercados estão em *O Serro, O Mucury e A Família*, em fins do século XIX e começos do XX.

(26) Sobre lavouras de mata ver Eduardo Galvão (1979); sobre lavouras e suas técnicas ver Oliveira Jr. (1989)

(27) Wied conta que quando estava na barra do Mucuri com outros 20 companheiros, mandava quatro índios pescar, caçar e examinar armadilhas. O resultado deste trabalho - que sequer considerava-se trabalho - foi o sustento farto de todo o grupo. Ele anotou cuidadosamente o que foi produzido em cinco semanas e listou: 3 antas, 3 veados, 11 porcos do mato, 28 macacos, 10 coatis, 2 tamanduás, 2 lontras, 4 iraras, 4 maracajás, 3 gatos pintados, 2 gatos mouriscos, 30 tatus, 19 pacas, 46 cotias, 8 mutuns, 5 jacutingas, 2 jacupembas, 5 macucos, 6 chororões, 4 patos:

*"Ao todo 181 quadrúpedes e 30 grandes aves comestíveis."*

[Wied, 1989: 325]

Em Rio Negro, nos anos 1930 os posseiros fixaram-se na barra do rio com o Pampá, e os reiseiros cantavam:

*"Lá em baixo, no Rio Negro*

*Terra de pobre morar*

*Lugar de muita traíra*

*Muito peixe marobá!"*

Havia lá, diz Santos (1970: 148 ),

*"muita caça, e abundância de peixes e capivaras nas águas, até os próprios indígenas haviam aproveitado dessas circunstâncias de abundância e, quiça, de estratégia, para fundarem, em 1850, neste mesmo lugar, a sua aldeia, vivendo nela muitos anos."*

(28) *"Os vales e, em geral, os terrenos cobertos de caatingas são, em anos chuvosos, de uma fertilidade extraordinária, maior talvez que a da 'mata'; mas, em anos secos, a terra argilosa e ressequida nada produz. (...) O solo do município é, como ficou dito, muito desigual do ponto de vista da fertilidade: tão fértil são os vales como estêreis as chapadas, e assim mesmo é mister fazer uma restrição, quanto à fertilidade dos vales. Nos anos chuvosos, a produção é enorme, talvez proporcionalmente muito maior do que nos melhores terrenos da mata, e com a vantagem de ser mais rápida a evolução das plantas. O milho, por exemplo, que nos lugares frescos da mata leva cinco meses para amadurecer e secar, em três meses já pode ser colhido nas caatingas. Nas extensas planícies, que, na estação chuvosa, são apauladas, planta-se o arroz, nas encostas a mandioca e o capim que o gado há de comer na seca (...).*

[Pereira, 1969: 65]

Esta classificação feita por Pereira é muito parecida com uma outra feita pelos agricultores da Comunidade de Carqueja, Botumirim, em 1992:

*"Existem terras de três tipos: cultura, alta e campo. O povo de fora acha o chapadão [campo] bom, mas para nós a terra de cultura é mais econômica."*

[Paulo da Anunciação, entrevista, julho 1992]

(29) Foi feito por Chaunu este comentário sobre lazer e fartura. De acordo com ele, o *"poder de produção alimentar"* da mandioca é cinco vezes superior ao do trigo europeu, antes da revolução agrícola; equivale, em terra fértil, ao poder de produção alimentar do arroz irrigado por inundação, com menor trabalho e técnica:

*"A produção de mandioca dá, ao que parece, a mais alta rentabilidade por hora de trabalho agrícola, antes da Revolução Verde."*

Chaunu [1976:194]

Ela cria, de acordo com Chaunu, uma

*"enorme massa de lazer, não sabendo o que fazer dele, que [provinha dessa produtividade] excessiva mas entrincheirada num só domínio alimentar."*

Ver ainda Bloch (1978) e Duby (1980). Comparando alguns indicadores de produtividade agrícola do Jequitinhonha e Mucuri as diferenças ficam bastante evidentes: Saint-Hilaire (1975), em 1816, anotou rendimento de milho 1 x 220; feijão 1 x 40; trigo 1 x 38; isto perto de São João Batista. Otoni (1847), nos anos 1840, apontava 1 x 400 para milho; 1 x 250, milho em Filadélfia nos anos 1850. Gomes (1862) anotou feijão 1 x 80, milho 1 x 200, arroz 1 x 300, também em Filadélfia em 1860. Godofredo Ferreira (1934), em Teófilo Otoni, nos anos 1930: milho 1 x 300, arroz 1 x 300. Natalino Martins (entrevista, 1994), no Pampá, nos anos 1950 produzia feijão 1 x 50; Antônio Bispo (entrevista, 1994), em Almcnara, nos anos 1960, produzia 1 x 40 de feijão, 1 x 130 de milho. A produtividade média de feijão no Brasil nos anos 1990 fica em torno de 1 x 10, milho 1 x 120; em cultivos mais tecnificados e irrigados o feijão alcança normalmente 1 x 30 e o milho 1 x 300. De acordo com o Censo do IBGE, o rendimento agrícola do município de Teófilo Otoni em 1980 foi de 1 x 7 para feijão e 1 x 38,1 para milho; nos anos 1920, de

acordo com a mesma fonte, foram 1 x 17 e 1 x 110, respectivamente. É preciso considerar que o "compasso" de plantio modificou-se, quer dizer, o espaçamento entre as plantas e as intercalações. Mesmo assim é possível concluir que houve decréscimo da produção por área e um grande aumento do trabalho demandado, conforme mostra a tabela abaixo.

**TABELA VIII-2**  
**Produção de milho por hectare**

Fonte	Ano	Produção	Local
Saint Hilaire	1816	1 X 220	Alto Jequitinhonha
Otoni	1857	1 X 250	Alto Mucuri
Gomes	1860	1 X 200	Alto Mucuri
Ferreira	1930	1 X 300	Alto Mucuri
Pesq. Campo	1960	1 X 130	Baixo Jequitinhonha
Censo 1980	1980	1 X 38	Alto Mucuri

Fontes: Saint-Hilaire (1975), Otoni (1847), Gomes (1862),  
Ferreira (1934), Pesquisa da Campo (1994), FIBGE.

(30) Castro na sua expedição ao rio Doce, encontrou uma situação dessas:

*"(...) neste ano apesar das poucas praças que houveram no Quartel, roçaram para 5 alqueires; porém as continuadas chuvas não deram lugar a que se queimasse, por isso nem um só grão de milho plantaram: esta Divisão está a estalar de fome, como V.E. observará no ofício junto do Sargento comandante. (...) Talvez para o ano o mesmo aconteça, pois, suposto tenham feito roças suficientes, contudo não poderão queimar, pelas continuadas chuvas."*

[Castro, 1913: 82, 83]

(31) O hino composto e cantado na inauguração de Filadélfia e da rodovia Santa Clara, cortada na mata entre Filadélfia e o porto de vapores na cachoeira de Santa Clara, é uma expressão dessa disposição de espírito expresso nos versos de Queiroga:

*"(...)  
A foice, o machado, a serra e o malho,  
irmãos e amigos, são nossos troféus  
gentil Filadélfia, nasceu do trabalho,  
bendita dos homens, bendita dos céus!"*

[Tetteroo, 1922:16]

(32) Lima Barreto (1961) ilustrou bem esse caso com a história do imigrante russo Bogoloff, que mudou para o Brasil, desprezou os conselhos dos agricultores - conscientes que a terra só produzia abóboras, aipim e batata-doce - e enfrentou por muito tempo o cultivo de nabos, couves, trigo, batata-inglesa e repolhos. Bogoloff viveu numa miséria atroz até que resolveu plantar os mantimentos que os brasileiros indicavam. Os europeus do Mucuri, como o personagem de Lima Barreto, terminaram por fazer as pazes com a mata: acabaram até batizados e casados na Igreja Católica, ou praticando um luteranismo que mantinha em casa imagens de santos, fazia promessas e rezava o terço, conforme contava frei Sabino Staphorst (1985). As suas histórias de técnicas, cultura, produtos e dietas acabaram por não ter nenhuma diferença com os colonos nacionais. O aprendizado agrícola, fundado em 1907 em Itambacuri, por influência do governo João

Pinheiro é outro bom exemplo dessas importações técnicas. Na exposição nacional de 1908 a Colônia Agrícola mandou seu arroz, tanto o colhido em campo preparado com arado, quanto em campo de roça de toco, e

*"não se notou alguma diferença entre uma e outra, pois sendo os terrenos da colônia feracíssimos, a semente lançada na terra acha de pronto elementos nutritivos para o seu completo desenvolvimento."*

[Palazzolo, 1973: 257]

Sobre o emprego do arado, os freis diziam que ele só pode ser aplicado em

*"certas terras cansadas que, tendo sido expostas por alguns anos à influência do sol e da chuva, ficam recalçadas e como que fechadas à penetração do ar tão necessário para o desenvolvimento das plantas, cobertas de um teimoso capim e tenazes raízes que fazem o desespero do agricultor."*

[Palazzolo, 1973: 265]

O arado portanto, não seria usado para aumentar a produtividade, mas para impedir que ela reduzisse, aplicava-se à terra "cansada" de muitas plantas.

## *Capítulo IX Cural dos Homens*

### *1. Agregado*

Poucos lugares em Minas Gerais tiveram presença e lembranças tão fortes da agregação quanto o baixo Jequitinhonha e o Mucuri. Ser agregado ou ter agregados fez parte da vida de quase todas as famílias destes lugares. No alto Jequitinhonha o agregado não existiu com muita força, mas não deixou de ter a sua importância. Nos anos 1990 a agregação é um sistema em extinção, mas seus traços ainda marcam toda a sociedade rural.

É difícil compreender o agregado depois da revolução agrícola que ocorreu no Brasil desde meados do século XX. Principalmente por ser um personagem contraditório, definido a partir de dois aspectos que o tempo tornou opostos: não ter terra e ter produção agrícola autônoma. Isto dificulta entendê-lo e exige mais que os conceitos, pois é preciso considerar o que significou, em épocas passadas, acesso à terra, autonomia, subordinação e liberdade pessoal.

No Jequitinhonha e Mucuri o regime de apropriação das terras que predominou durante quase todo o século XX compreendeu a agregação: permitia a moradia, extração e plantio na terra dominada - mas não titularizada - pelo fazendeiro com graus variados de contrapartidas. O agregado foi um produtor autônomo na fazenda, com alguma dependência; tinha sempre produção de alimentos, recursagem e extração das florestas, campos e rios. Mas dificilmente essa relação entre agregado e fazendeiro poderia ser descrita como estritamente econômica; talvez, mais corretamente, pode-se dizer que foi uma relação periféricamente econômica, tendo a concessão como técnica de convívio, marcada pela domesticidade e mutualidade. A fazenda era um conjunto de mutualidades hierarquizadas, com um componente - às vezes, mas nem sempre, mínimo - de violência, e a sujeição do agregado não foi obtida à força, embora ela pudesse estar presente de formas pouco explícitas. Foi um acerto que não transformou-se obrigatoriamente em dinheiro e negócio, nem em poder político e força de guerra.

As condições que propiciaram este acerto foram sobretudo, históricas, porque supunha uma concepção de domínio da terra e recursos da natureza que mudaram no tempo, e só puderam existir dentro de determinado período. A agregação, como a fazenda, baseou-se na exploração de lavouras com pousios longos: daí é que vem a relação flexível entre fazendeiros e agregados, a mobilidade destes e a simultaneidade da ruptura do agregado e da fartura ambiental. História e meio, portanto, são duas variáveis fundamentais para entender a agregação. Oliveira Vianna comentou isto com muito brilho: segundo ele o agregado viveu de extrações, sob um mando, com pouco trabalho e muita frugalidade, dentro da "lógica" - a expressão é dele - do regime sesmeiro; no latifúndio e sua forma específica de domínio fundiário o agregado era possível, noutras condições seriam outros seus traços. A autonomia, liberdade e subordinação tem de estar referidos ao sentido que

possuíam na sociedade fazendeira, bastante distintos de outros que vieram a ganhar depois (1).

O agrego foi um sistema de poder doméstico, muito voltado para si mesmo; um poder pessoal gerador de certos acordos intransferíveis e relacionados fortemente às personalidades dos envolvidos que os criavam; marcado pela mutualidade e grande parte das vezes reconstruível, mas baseado num consenso de interesses: aceitava-se um mando junto às suas ofertas. Foi uma continuidade da casa, da família, do fazendeiro, mas era também uma relação onde os dois personagens valiam - pessoal - só desfeita pelo consenso ou morte, pois quando há morte, desagrega-se, não se transfere linearmente as obrigações para filhos de um ou outro. Não era um poder direto sobre os produtos do trabalho, sobre o trabalhador; era mais espalhado, discreto nuns aspectos e ostensivo noutros, forte sobre uns lavradores e frágil sobre outros, envolvia direitos e obrigações dos dois lados, incluía toda a vida, mas também permitia decisão própria e autonomia. Mas não pode ser esquecido também o seu aspecto econômico, o uso do trabalho com retribuições diretas mínimas. O aspecto econômico no agrego não quer dizer necessariamente mercantilização e lucro, mas trocas, negócios e intervalos de resolução própria.

Por tudo isso, o agrego foi uma relação variada no tempo e no espaço. Não houve apenas agregação, mas agregações. Uma relação básica, mista de autonomia e subordinação, vigorou durante bastante tempo, com serventias variadas de um lugar para outro, de um tempo para outro, de um fazendeiro ou agregado a outro. Quando o agrego acabou e a terra ficou monopolizada para um único uso, como nos anos 1990, é difícil descobrir os seus rastros, e então o sistema parece ter característica única.

O agrego no Mucuri e Jequitinhonha vem de cinco origens principais: a família e a herança; a desindigenização ou proteção; a migração; a inclusão de posses; e, por último, a absorção pelo serviço. Todas foram construídas pelo modo particular como os homens lidaram com a apropriação da terra e usaram o ambiente.

A herança originou a agregação quando a terra pequena da família impedia a repartição entre os herdeiros, ou quando a sobrevivência da fazenda dependia da sua cessão para um único herdeiro. Sobravam da herança então filhos e genros que saíam pelo mundo ou podiam ficar agregados daquele que recebia o domínio titular da terra. Esse sistema vigorou no alto Jequitinhonha e na Bahia, apesar de raramente ter formalidade; é frequente ainda nos anos 1990 nas áreas camponesas do alto Jequitinhonha. Agregados parentes ficavam na terra como todos os outros, grande parte das vezes liberados dos serviços da fazenda, mas submissos, escudados nesse parentesco que nunca desaparecia. Às vezes moveram-se pelo mundo com seus parentes-fazendeiros quando migravam. Em geral ficavam na terra com o irmão, primo, tio ou tio-avô, consanguíneo ou por afinidade. O estatuto de parente criava condição para tratos diferentes de agregados, e estreitava mais aqueles laços que uniam o fazendeiro a "seu" povo (2).

A proteção, resultante de desindigenização, surgiu desde o começo do século XIX, quando os colonos começaram a "*matar aldeias*" e muitas tribos recorreram a posseantes mais fortes, que possuíam condição de protegê-los. A proteção era dada em troca de feitura de roças, colheitas, agrados ou amizade e servia até para montagem de verdadeiros haréns para chefes de grupos de aventureiros. Existem muitos exemplos documentados desse caso:

os Pêgos, de Malacacheta e Poté; os Gomes Leais, de Capelinha a Poté; os Costas de Capelinha e Urupuca; Fagundes de Joaima e outros. Sempre eram chefes fortes que davam essa proteção: agregavam-nos. Existem relatos de viajantes, depoimentos, relatórios e cartas sobre este processo de "capacitação" de índios. Em quase todos os relatos de índios agregados eles aparecem meio distraidamente, porque a esta altura já haviam deixado de fazer parte do número dos inimigos para serem contados no conjunto dos brasileiros (3).

Quando os grupos indígenas foram adotando a lavoura sistemática e promoveram a multiplicação da terra, tornada abundante pelo milagre da fartura e do pouco trabalho, a agregação permitiu que fosse mantida a mobilidade e a familiaridade dos grupos. A fixação dos antigos índios na lavoura e o fim da guerra na mata nos começos do século XX, tornaram desnecessária a proteção e eles já não a deviam a um senhor ou a uma terra. Aí, deviam-na já a um sistema.

A abundância da mata permitiu a manutenção de parte da velha recursagem indígena, que deixou de ser o centro do seu sustento, mas não de fazer parte dele. Para os índios brasileiroizados a fartura da roça de toco foi a contrapartida da perda da liberdade da mata, e o agrego a triste equivalência da segurança da tribo. Até os anos 1950 ainda eram frequentes os relatos dos deslocamentos aos bandos de agregados entre fazendas, todos ligados por laços aparentemente frágeis - compadrio, vagos parentescos - liderados por um chefe sábio e zeloso. Castaldi descreve assim o grupo que estudou em Malacacheta, os moradores mais antigos da mata do Pampã e do São Mateus contam do mesmo modo as andanças de grandes grupos familiares, no baixo Mucuri passaram pelas fazendas diversos desses grupos que pousavam por anos, cresciam, repartiam-se, andavam de novo, atrás dessa abundância que a fazenda e o agrego permitiram (4).

A migração foi responsável por dois tipos de agrego. Um, do trabalhador de fronteira, que vivia posseando e fazendo roça de toco: com pousio da terra de tantos em tantos anos o lavrador precisava constantemente de mais terras, alguma coisa em torno de 10 a 20 vezes a área que cultivava num ano. A superpopulação ou o esgotamento de terras obrigavam o posseante a caminhar. Na hora de pousar podia encontrar uma terra já dominada, privatizada, apropriada pela fazenda: nesse momento agregava-se. Isso foi muito comum no baixo Jequitinhonha, no Pampã, no Mucuri, onde abandonava-se a posse e era absorvido no agrego. Outro caso ocorria quando o lavrador era tangido por seca, esgotamento de terras ou principalmente herança da Bahia ou Norte de Minas - Salinas, Espinosa, Taiobeiras - e ia para Leste procurando terras. Em Comercinho do Bruno fazia uma crucial escolha entre os capões ou a mata, de sorte que a opção pelas zonas mais povoadas viria resultar num estável agrego (5).

A inclusão ocorria quando uma família possuía uma terra e vivia lá algum tempo, até quando chegasse um fazendeiro e 'incluía' aquela área na fazenda, afirmando um domínio titular, forçoso e raramente escrito. De posseiro o lavrador virava agregado. Nas áreas das últimas fronteiras esses casos foram muito frequentes, e, contam seus moradores mais antigos, posseantes se ofereciam para que fazendeiros os incorporassem dentro de seus domínios, às vezes em troca de algum pagamento pouco, outras vezes a troco de nada. Anos depois este processo ficou conhecido e historiado com o nome de grilagem. Mas grilagem é um tipo de inclusão, e, ao contrário da agregação, é uma relação sem consentimento. Muitos anos para a frente vem a ruptura e o conflito, e aí a nova leitura

transformou-os em posseiros, e ao fazendeiro em grileiro: os conceitos foram construídos depois (6).

A última forma de constituição do agrego supõe a fazenda já instituída: o trabalhador procurava empreita ou serviço, e ela o recebia como morador. A relação aos poucos se modificava, estabilizava-se numa troca de favores, direitos e obrigações, deixando de ser simplesmente um contrato de trabalho. Neste caso, a relação contratual, desde o começo, já supunha moradia e lavoura, e o tempo foi sedimentando, até tornar-se indistinguível dos outros agregados (7).

De sorte que o agrego teve várias origens, e um só lavrador podia passar por várias dessas situações, de tribo protegida a posseiros, daí tendo filhos que eram herdeiros sobrantes agregados a irmãos, que podiam tornar-se novamente posseiros e serem engolidos por uma fazenda, e mudar por serviço, ou migrar para a mata do Pampã e da Bahia, e já encontrá-la fechada, e assim por diante, por gerações e estradas que eram determinadas pela oferta da fartura e pela leveza ou opressão do mando. A fazenda, também, podia incorporar e ceder agregados de modos diversos, que poderiam ser posseiros antigos, ou parentes sobrantes, ou avulsos chegados para seu serviço e ficados pelo gosto, costume, falta de escolha ou fartura: variava. O agrego incluiu mudança, não serviu apenas para fixar lavradores em determinadas posições de subordinação, mas muitas vezes serviu para soltá-los pelas estradas das matas e da vida; serviu utilmente ao seu sustento e à dinâmica da fazenda. Vendo na perspectiva do longo prazo o agrego foi, sobretudo, parte de uma grande caminhada atrás de fartura, sossego e mando mais leve.

## 2. *Caprichos*

Agregado não era um empregado, embora às vezes pudesse sê-lo; não era um vigia de divisas, como se diz, mas às vezes podia desempenhar esta tarefa; também, não era apenas um morador, pois mantinha com o fazendeiro relação muito ritualizada, mesmo que fosse breve. A verdade é que dificilmente podemos ter um retrato integral do sistema de agrego porque enquanto existiu era tão banal que não merecia qualquer atenção, e quando desapareceu, o conflito ou a sua ausência toldaram para sempre o que havia sido a sua rotina. Anos depois de dissolvida a relação ficou fácil confundi-la com o colonato ou trabalho permanente, porque quase todos os registros que ficaram do agrego estavam vinculados ao serviço da fazenda. Mas é preciso marcar essa diferença para entender a sua dinâmica específica e situar sua ruptura no cenário de desagregação das velhas relações de fazenda.

Ele era um camponês interno à fazenda, esta é uma definição inicial e essencial. Aceito na terra, construía sua casa ou a recebia do fazendeiro, derrubava mata ou capoeira para fazer suas lavouras, usava mata para caça e outras extrações e fazia do produto do seu trabalho o que bem queria. Nos limites de moradia e terreiro, dentro da roça e do acordado em extração, ele decidia com direitos plenos (8). A fazenda reunia um conjunto de camponeses com graus variados de campesinação: vaqueiros, empreiteiros, agregados mais e menos estáveis, gerentes, artífices obedeciam a poder e exigências definidas.

Como um camponês o agregado alojava filhos e genros por perto, embolando as roças e as criações. E recebia mais gente em sua casa, e na sua família nuclear acrescentava outros adendos de agregação, criava filhos dos outros, recebia parentes, e servia-se desse povo todo para ampliar suas lavouras, mantimentos e fartura. Dentro da fazenda dispunha de ilimitados espaços e poucas restrições para fazer derrubadas e mudar suas roças de lugar, abrir chácaras de frutas, criame de grandes e pequenos animais, aqueles geralmente limitados por horizontes que o fazendeiro definia. Dentro da fazenda os agregados compunham suas redes de solidariedade, compadrio horizontal, parentesco, origem e vizinhança, em exata parecença com os bairros rurais camponeses. Vizinhanças solidárias, apoiadores, participantes ali daquela sociabilidade de grota ou retiro: chamavam mais uns para morar lá, encostavam-se parentes sem a restrição do domínio da terra, amparavam-se. José Pedro, agregado de Jequitinhonha, falava do tanto de gente que seu pai criava em casa e que ele criou enquanto foi agregado, e são muitas as lembranças de como era bem aceito um (ou uma) jovem produtivo numa família de agregados, porque numa agricultura produtora de colossais excedentes alimentares, qualquer força era um imenso adendo.

Foi baseado nesse sistema campesinado da fazenda que muitos agregados reuniram patrimônio: aumentaram seus bens, lavouras, rebanhos. Alguns deles quando saíram de fazendas foram para seus próprios terrenos com gado e outras riquezas, embora seja preciso ter cuidado com a generalização desses casos, porque seu endeusamento é muito maior que sua efetiva representatividade (9).

Mas o acesso à terra da fazenda permitiu para muitos uma vida folgada. Eunice Ribeiro fala do caso de Manuel, líder dos agregados de Catolé, que possuía 6 contos, um paiol abarrotado de alimentos e não podia dormir direito com medo de ser roubado. Marcatto fala que dentro da reserva Machacali nos anos 1950, foram encontrados muitos agregados, um dos quais possuía muito gado e roças: com isso, conseguira comprar duas fazendas fora. Os moradores da Ilha do Pão, os André, também contam vários casos de agregados que saíam de lá enriquecidos, tocando sua própria boiada, rumando para abrir posses na mata da Bahia. Sempre um patrimônio construído do trabalho familiar, roça de mantimento, troca de gado: eram trajetórias de fortunas camponesas.

Como camponeses: acessavam diretamente os mercados, sem qualquer mediação da fazenda, dispunham de seus produtos ou criações com liberdade, vendiam e compravam sem interferência. José Pedro durante quase toda vida foi vendedor de cestos na feira de Jequitinhonha. Zeca Figueiredo desceu com o pai da Bahia e pousou com um primo agregado da Sul América; saíam de lá para fazer comércio de fumo por porcos na mata da Bahia. Paternostro falava da viagem de três dias que os agregados faziam à feira de Teófilo Otoni, nos anos 1930, compreendendo um dia para ir, outro para ficar, outro para voltar (10).

A gestão da fazenda e as relações estabelecidas entre ela e seus agregados, embora obedecessem a um conjunto mais ou menos costumeiro de normas, variaram de acordo com fazendeiros, agregados, locais e tempos. Por isso é bastante difícil precisar as características gerais desse sistema flexível, pois além de ser dependente de lugares naturais, estava sujeito às personalidades dos homens que da casa de sede ou da lavoura de mantimento travaram entre si esses acordos.

Os fazendeiros obedeciam em geral às normas fixadas pelo costume, mas não deixavam de criar adaptações dentro delas. A organização da fazenda dependia demais das atitudes do fazendeiro, porque ele instituiu determinados procedimentos articulados com seus propósitos pessoais: maior ou menor liberalidade no convívio, mais ou menos força nas lavouras, conceder mais ou menos extração aos agregados, tudo isso fazia parte do seu campo específico de deliberação contribuía para definir uma boa ou má fazenda para agregados. Em algumas ocasiões, mudanças no plano técnico ou produtivo desencadeavam um jogo novo de relações entre eles: a instalação de uma serraria na Araguaia nos anos 1950 forneceu serviço a agregados; a criação mais especializada de gado na Sul América após 1960 estimulava maiores lavouras, pois a fazenda carecia dos pastos que vinham depois das derrubadas. Mas agregados não eram pessoas diretamente sujeitas, ou servilmente sujeitas - conceito que esclarece melhor histórica e politicamente - aos fazendeiros. Eles não sujeitavam-se apenas a um fazendeiro ou fazenda especificamente, mas a uma estrutura de domínio, a relações mutáveis com os mesmos personagens, a estradas diferentes para destino único.

Variedade era marca dessa sociedade fazendeira. Existia na diversidade, e pautava a construção de seus sistemas internos por um trato que nada tinha de igualitário: ao contrário cuidava de distribuir entre aqueles agregados normas profundamente variadas, embora talvez o correto seja dizer: discriminatórias. Essas regalias internas eram definidas por vários parâmetros e alguns deles podem ser rastreados nas memórias de fazendeiros e agregados, outra parte nos ralos documentos escritos que essa relação deixou.

A primeira e grande fonte de distinção entre agregados estava no parentesco: terra, herança, fazenda e, portanto, agrego, são próximos uns dos outros. Grande parte das fazendas, principalmente, quase todas do alto Jequitinhonha, tinha na sua história um herdeiro único. Foi também a tônica da região nova das matas: quase todo fazendeiro tinha atrás de si uma história familiar de exclusão, herdeiros sobrantes, que podia muito bem ser ele mesmo, exilado para a selva. Na mata recebia de seu local de origem outra parentada sobrante, migrante, agregante, porque acontecia de vir depois da exclusão um parente sem-terra, irmão, primo ou tio, que acabava por chegar à fazenda com lugar preferencial. Não que se pensasse alguma vez em repartir a terra nova, mas a fazenda dava preferência aos parentes de condição mais reduzida. Isso queria dizer que a parentela ficaria liberada de serviço de fazenda, a não ser que quisesse, e poderia desfrutar de regalias de cercar grandes áreas para seu próprio desfrute.

Outra fonte de desigualdade era a conterraneidade ou a vitaliciedade do agrego. A antiguidade do convívio de famílias agregadas e fazendeira tornava isso um quase parentesco, ou mais que parentesco em alguns casos. Famílias que saíram juntas da Bahia ou do alto Jequitinhonha tornavam esse convívio obrigatório. E havia a fidelidade à casa de sede que criava um emaranhado de relações entre agregados e fazendeiros de modo que esse acesso - mesmo num mundo de poucas diferenças grandes de riqueza - podia ser limitado ou estreitado. Criavam-se graduações diferenciadas de exigências, porque cada agregado, afinal, podia construir uma relação diferente, recebendo maiores ou menores regalias e oportunidades, e retribuindo de maneira completamente diversa aquilo que chegava a receber.

Dentro da fazenda, então, é preciso diferenciar aqueles agregados bastante fixos daqueles outros muito móveis. Os primeiros eram ligados à casa de sede por laços sólidos: parentesco, criação, conterraneidade, compadrio, especialização artesanal. Os outros, móveis, eram ligados só ao sistema e menos à história daquela fazenda. Acontece que os limites entre uns e outros são difíceis de serem traçados com exatidão, porque influiu o trato diferenciado que a fazenda dava aos diferentes agregados, a qualidade das roças, a situação pessoal de cada família. Eram limites fluidos. Mas uma boa parte dos agregados moveu-se mesmo, a lavoura impôs transumâncias e estas impuseram adendos à história da fazenda, à paisagem natural, à sociabilidade dos grupos.

Durante certo tempo, nas épocas em que andava adoentado por consequência de viagens a cavalo, Amadeu Martell foi obrigado a alojar-se em fazendas às vezes durante muitas semanas. Vêm daí suas notas sobre aquela rotina: ferras de gado, castrações feitas em curral de sede e as visitas de agregados que lhe davam conversa, ajudando a preencher as horas de convalescença. Martell era santista, litorâneo: para ele era distração a conversa demorada no repouso entre paióis, quarto de arreios e terreiros. Reparava nas histórias, temáticas e sotaque; longas pausas de efeito nas narrações sem tempo, mudanças extravagantes de assunto e tomada de objetos como chuva, capoeira, ponta de sia ou religião como assunto e sujeito de instrutiva dissertação.

Martell reparava a visita de agregados e seu convívio na casa. Chegavam pelo meio da manhã à fazenda Casa de Telha, rodavam sede e currais distribuindo cumprimentos, levando suas modestas lembranças para a dona fazendeira - frutas do mato, remédios caseiros, gordura de capivara - e ficavam entretidos em confabulações com vaqueiros, até a hora de conversar com o fazendeiro. Essas visitas faziam parte de um sistema mais ou menos ordenado: os agregados iam combinar com o fazendeiro derrubadas de mata e aceiros para fazer roças do tempo das águas.

O fazendeiro abençoava as derrubadas, nunca em desacordo com o agregado: sugeria um rumo geral para as lavouras, vago e perdido, e passava a maior parte do tempo aplainando diferenças entre "seus" moradores e recebendo notícias dos êrmos mais perdidos de sua terra.

Aquilo era, de fato, formalidade e rotina. Aparece nas histórias e lembranças das fazendas Araguaia, Lagoa Seca, Sul América. As derrubadas de tempos em tempos eram feitas e a atitude do fazendeiro era de concordância porque lavoura na conversa era pretexto para agregado queixar-se dos vizinhos e fazendeiro interpelar, conhecer, sugerir e aconselhar. O tempo passava em palestra; em verdade uma confirmação de mando e obediência, distribuição do conselho, resguardo de conflito, orientação: um ritual necessário para comentar o passamento das festas, prevenir o que viria das lavouras, acertar parcerias e dias pedidos, fazer pequenas trocas de presentes, "enrolar" pagamentos e manter a rotina da grande fazenda com "seu" povo.

Eram relações superficialmente pacíficas e cooperadoras, mas efetivamente subordinadas e potencialmente tensas porque não existiam conflitos evidentes de interesses ou domínio entre fazendeiros e agregados, mas o mando supunha uma norma e a norma uma obediência. Pautava-se pela amabilidade, cercada de ritualidade: respeito, benção, cumprimento, presente, intimidade meio formal, partilha de comida, assistência. Uma trocas

de respeitos; o agregado oferecia seus presentes, sempre, seja sob a forma de mantimentos em pequena quantidade - duas raízes de mandioca, um prato de feijão andu, catador ou de arranco, um peixe ou fruta - nada que onerasse o lavrador e servisse à casa de sede para mais que o preparo da mistura de uma das suas concorridas refeições. Não havia visita sem presente, nem havia presente sem retribuição. Essa troca de dádivas foi marca da agregação, apesar de nunca ter sido considerada obrigatória, era sempre necessária. Ela servia, no final das contas, para cimentar os laços, construindo uma igualdade simbólica que escondia a dessemelhança fundamental; a doação do agregado embutia sua obediência, do mesmo modo que a retribuição do fazendeiro confirmava o mando. Não se tratava de sustentar o fazendeiro com um produto doado; mas também não se cuidava de retribuir o agregado com um retorno muito maior que aquele que havia sido oferecido.

Não é demais insistir na gratuidade das trocas, no voluntarismo da doação tão frequente, principalmente porque isso depois ficou coberto pelo rancor mútuo ou pela lembrança doce que sepultou o agregado na incompreensão. Fazendeiros davam fogos e mantimentos, agregados davam raízes e carirus: festavam juntos, comiam juntos. A troca, a ritualidade da oferta, que não precisava ser constante, mas era frequente, solidificava aqueles laços do agregado com o fazendeiro. Os agregados antigos relatam essa frequência da oferta, a impossibilidade de ir à sede sem levar um presente, fazer a visita de mãos abanando, a necessidade constante de confirmar as ofertas da terra - concessão de fazendeiro - sob a forma de retribuições (11).

### 3. *Feijão de si mesmo*

O jornal *O Mucuri*, de Teófilo Otoni, em 1927, descrevia a fazenda do capitão Alexandre Alves Pacheco como costumava fazer às vezes, com explorações que considerava exemplares. Ela ficava às margens da Estrada de Ferro Bahia e Minas, em Sucanga: eram 150 alqueires ( pouco menos de 750 hectares ) em pastagens, matas virgens de madeira de lei, 22 hectares de café, 2.000 bananeiras para sustentar 50 suínos, 4 alqueires (pouco menos de 20 hectares) de canavial que produziam 200 cargas de aguardente e 200 de rapadura, armazém de ferragens e louças, grandes lavouras de mantimentos e 43 famílias de agregados. Possuía, como quase todas as fazendas da época, uma produção muito diversificada e uma grande população de agregados.

A produção da fazenda ia de produtos da terra aos beneficiados, bens de consumo e de negócio e até aproveitando, porque aquela foi uma época feliz para quem plantara café, tinha uma casa de comércio. Devia morar lá umas 250 pessoas; dividindo a terra por família moradora, incluindo as áreas de pastagens e matas virgens - que pelos dados dos anos 1920 ocupavam 30% do território do estado - encontramos uma média de 17,44 hectares por família, e, considerando média de 2,5 trabalhadores por família, encontraremos 1 ocupação para cada 7,00 hectares. Esta é uma média extraordinariamente alta de ocupação de trabalhador rural por área de terra: o Censo Agropecuário de 1980, apontou média de 1 ocupação para 20,29 hectares, em Minas Gerais. Mas eram comuns esses números naquele tempo de mata fechada e capoeiras recentes: na Fazenda Araguaia, da Carlos Chagas, viviam 80 famílias de agregados em 1.700 hectares, mais ou menos uns 500 moradores

entre os anos 1930 e 1970; incluindo a área de matas, que até os anos 1960 ocupavam em torno de 30% da fazenda, considerando 2,5 trabalhadores por família, teremos 1 ocupação por 8,50 hectares, uma média camponesa.

A fazenda do Jequitinhonha e do Mucuri, até por volta dos anos 1970, era policultora - inclusive fazia criação de gado - e produtora de quase tudo aquilo que consumia. Nessas fazendas existiam batalhões de agregados ocupados nela mesma, em geral uma parte do tempo para a fazenda e outra parte em seus próprios roçados, produzindo quantidade grande e variada de bens, que seriam consumidos em sua maioria na própria fazenda (12).

Em tudo igual um campesinato, com uma vital diferença: era um campesinato interno à fazenda que estendia sobre ele uma rede de obrigações. A subordinação em relação à fazenda não era definida obrigatoriamente em trabalho. Geralmente nenhum agregado - poderiam haver exceções marcadas pela arbitrariedade da fazenda - era obrigado a trabalhar nela. Pelo contrário a fazenda costumava escolher quem queria a seu serviço. Os fazendeiros escolhiam seu trabalhador, opinavam sobre a conveniência ou não de um ou outro fazer serviço fora, e não há qualquer registro de restrição à mobilidade do trabalhador (13).

Acontece que os tempos de trabalho sobranes dos agregados eram muitos e a fazenda dispunha livremente deles até por volta do meio do século XX. Bastava ceder ao lavrador um recurso sem custo - a natureza - que mantinha sem atropelos uma família, com esforço mínimo. O tempo de trabalho para produzir alimentos era dos agregados, nas águas. O resto do tempo poderia ou não ser utilizado pela fazenda, conforme seu interesse de momento, porque o "tempo vago" do agregado coincidia com a demanda de trabalho extra-lavouras da fazenda, como a limpa de pastos, preparo de cercas, fábrica de rapadura, farinheiras e outras atividades. Tudo casava-se às maravilhas, "*seca e s'água*".

A distribuição anual do trabalho da fazenda Córrego Seco mostra isso. Enquanto os picos de serviço dos agregados estava nas águas - queima, plantio, carpa e colheita, realizados em períodos espalhados em fins e começos do ano, com exceção da derrubada em junho - o serviço maior da fazenda estava entre maio e setembro, seca. Por isso era possível um consumo intermitente de força de trabalho: no Córrego Seco os picos de contratações de dias de trabalho, dum mês para outro, variavam de 120 serviços em julho para 64 serviços em agosto de 1959; de 184 serviços em abril para 86 serviços em maio de 1955; de 20 serviços janeiro para 142 serviços em fevereiro de 1959, por exemplo.

As fazendas dispunham de enorme quantidade de agregados, um número sempre várias vezes superior à sua demanda máxima de trabalho. Os livros de controle da Araguaia, da Sul América e do Córrego Seco mostram que a força de trabalho que presta serviço à fazenda flutua muito, mas atinge no máximo 20 a 25% do total dos agregados. Isso deixava à fazenda o poder de regulação do contrato, e casava-se perfeitamente com sua demanda sazonal. A produção dos mantimentos pelos lavradores permitia à fazenda receber sempre um trabalhador desonerado, de sustento já garantido, e por isso ela fazia suas contratações internas flutuarem instavelmente, contratar, descontratar, contratar, sucessivamente. Assim, o trabalhador mais frequente, aquele mais constante nos serviços e ligado à casa de sede, não era necessariamente o mais habilitado: era aquele de sustento

mais incerto, mais desvinculado da roça, mais sujeitável a viver do exclusivo ganho que o fazendeiro concedia. Era por isso que a fazenda atraía mais permanentemente uma força de trabalho bastante jovem, trabalhadores solteiros, recém-casados, menos envolvidos na trama da sua própria lavoura e família, e liberava-os ao fim de meses ou poucos anos para a campesinação interna, quando iam para as roças próprias e seu serviço ficava muito eventual.

No trabalho os agregados ficavam sujeitos a arranjos zonais dos fazendeiros, pois as fazendas vizinhas combinavam condições, e colocavam ofertas idênticas de trabalho, de modo tal que regulavam a demanda, acertavam entre si e faziam esses trabalhadores circularem ao sabor de sua procura e sazonalidade. Existem referências a essas condições pré-definidas de trabalho: Leila Amaral (1988) diz que foi por esse motivo que os camponeses estudados por ela procuraram o mercado geral de trabalho, insatisfeitos com arranjos feitos pelos fazendeiros e ausência de oportunidades adicionais. Algumas fazendas intercambiavam seus trabalhadores sazonais com outras: Córrego Seco por exemplo. Os agregados ficavam numa situação que seu poder de barganha era mínimo porque sua grande oferta encontrava apenas um consumidor, ou poucos consumidores, que deixavam seus pagamentos fora de base além de tremendamente descompassados uns em relação aos outros. As fazendas, nessas condições, tinham poder quase absoluto, que incluía o trabalho dos filhos de agregados, aceitos às vezes como favor, aprendizado ou obrigação.

Todas essas considerações sobre pagamentos podem levar a pensar que a fazenda retinha a força de trabalho para remunerá-la a baixo preço; mas acontece que esse contrato eventual de trabalho era uma das relações que a fazenda estabelecia com o "seu" povo, e com a maior parte dele não era a principal. Por outro lado os baixos pagamentos só foram considerados como tais depois de relacionados a São Paulo nos anos 1960 e 1970: então ficaram tidos como salários muito baixos, destacaram-se porque eram comparados a um salário geral regulador do mercado de trabalho, então já se tornando nacional e unificado. As reclamações dos trabalhadores dos anos 1970 sobre o pequeno valor da "homenagem" - pagamento miúdo ao agregado - considerada uma "mixaria" ou "tutaméia", têm que ser entendidas no cenário dessa revolução provocada pelo mercado sinalizador, e têm o sentido daquela relação que dissolvia-se e deixava nada em seu lugar. Portanto a crítica ao pouco pagamento era um sinal de crise estrutural; não de uma exploração absoluta e sim relativa. É necessário entender salário em situações de oferta ou ausência de natureza (14).

Na vigência plena da relação de agrego a fazenda não precisava impor o serviço. Antes solicitava trabalhadores em certas épocas, quando podia fazer não só um recrutamento, mas também seleção. Podia manter seus especialistas sempre à disposição para um trabalho incerto, porque a manutenção básica desse artífice era assegurada pela sua condição de lavrador. Não se trata, porém, de um mercado de trabalho regular interno à fazenda; seria menos errado definir o agrego como um vasto exército rural de reserva para um mercado de trabalho avaro, seletivo, incerto e sazonal.

Tratava-se portanto de camponeses, mas camponeses subordinados. Nessa condição aquilo que a fazenda solicitava não era apenas um vago trabalhador, mas sim o seu preciso agregado, preso naquelas teias de reciprocidade, num esquema de trabalho ajustado. Era uma oferta irregular de emprego que encontrava um trabalhador disponível, porque a mediação do pagamento combinava-se às outras, àquelas tramas que ligavam os dois. Uma

situação, portanto, que misturava trabalho e dependência, e que deixava a fazenda, quando transformada em empregadora - nestes raros momentos, diga-se - dotada de uma enorme influência sobre aquele que era, definitivamente, o "seu" pessoal (15).

As fazendas empregavam força de trabalho de seus próprios estoques mas transformavam apenas uma parte muito pequena desse esforço em mercadorias. Os fazendeiros bastavam-se em suas próprias roças, e extraíam da roça alheia apenas lembranças. Era, como seus agregados, um lavrador, embora fosse lavrador e também criador e às vezes também negociante. Principalmente era quase todo o tempo lavrador com o serviço dos outros, vivia mais do seu entorno imediato, daquela população flutuante que a casa de sede eternamente criava e empregava para seu próprio desfrute, e da lavoura feita para aproveitar a escala de operações que suas relações tornavam possíveis.

Pelos controles de contas das fazendas é possível ver que era consumido trabalho na limpeza dos pastos, nas pocilgas; o preparo de alimentos exigia a ocupação de muitas mulheres nas muitas cozinhas; a "fábrica" de rapaduras, como se dizia, ocupava sem folga de março a setembro; o manejo de curral e o estupendo gasto de trabalhadores para botar roçados e canaviais, tudo consumia contribuição minúscula de cada agregado para formar um acúmulo farto. Mas na maior parte das vezes essa estrutura toda movimentava-se apenas para agradar-se a si mesma: vender uns porcos, uns poucos garrotes malabar, gerar uma renda minúscula (16).

As turmas em serviço eram em sua maior parte variáveis, com exceção de vaqueiros, sempre estáveis. Nos contas de serviço da fazenda Córrego Seco os trabalhadores de maior regularidade ficavam na média 6 meses contínuos; depois sua presença rareava, substituído por novos outros mais frequentes: às vezes, anos depois, algum antigo trabalhador regular voltava a apresentar-se diariamente, e, de novo, ficava meses. Mas a frequência diária também era muito rara: o máximo encontrado - fora vaqueiro e serviço de casa e quintal - foi um trabalhador no Córrego Seco que labutou 20 dias quase contínuos em novembro de 1955, trabalho de águas. A média de frequência nos anos 1950 para um só trabalhador é 7,73 dias de serviço alternados/mês nos 6 meses de seca (abril a setembro), e 10,54 dias de serviço alternados/mês nos meses das águas. A oscilação pequena entre "*seca e s'água*" fica por conta da "*fábrica*" de rapaduras e das lavouras de "lubrina" e "santana" que eram comuns naqueles tempo (17).

Era uma rotatividade interna muito intensa. Nas anotações de serviço da fazenda Araguaia acontece mais ou menos a mesma coisa, com a diferença que cada agregado possuía uma ficha, que informava sua origem, características pessoais, excentricidades, "*malfeitos*", mais os serviços e as contas-correntes com o fazendeiro. A fazenda ocupava trabalhadores o ano inteiro, com grande alternância. A ficha de Clemente Xavier, ou Clemente de Alice, apresenta contas de serviços prestados espaçadas de 1 a 2 meses por ano, durante vários anos; Deodato Honório, valeiro, fazia serviços de vez em quando, mas a fazenda dava a ele fornecimento constante de mantimentos e rapadura, fumo, sal, querosene, café. Esses agregados passavam longos tempos, mais de dois ou três anos, sem trabalhar para o fazendeiro. Mas as contas permaneciam ativas e a fazenda adquiria deles alguns bens - porcos, mantimentos, farinha, animais, achas, lenha - e cedia outros: porcos, mantimentos, animais, rapadura, carneiros, café, carne, querosene. Tudo anotado e

pendente por anos seguidos, como são também as contas das fazendas Gameleira e Sul América.

Nas contas da Araguaia em 1951, Américo Azeredo, agregado, comprava regularmente gado do fazendeiro, pagava em dinheiro com prazo, ou pagava a terceiros quitando débitos do fazendeiro, ou pagava em mantimentos. A fazenda e o agregado compravam e vendiam entre si mantimentos. Na mesma época Antônio Salineiro recebeu rapaduras por dias de serviço em cafezal, recebeu dinheiro e burro arreado, pagou em aceiros, café, feijão, dinheiro, dias de serviço a Cr\$ 10, 00 - em torno de 1/3 do dia de salário mínimo vigente. Antônio Carreiro, um agregado mais especializado, teve por muitos anos uma conta de café pendente; comprou da fazenda "*um quarto de boi, espinhaço e barrigada*", vários carneiros, mas seu dia de salário era maior: ganhava Cr\$ 30,00; seu candeeiro, Bitá, ganhava Cr\$ 5,00, e quase tudo virtualmente, porque eram quitados em trocas de bens ou mantimentos. Eram sistemas internos e circulares de trocas que acabavam por absorver ali mesmo quase tudo que se produzia. A fazenda consumia imensos volumes de mantimentos para preparar os alimentos de suas turmas de camaradas, e pagava-lhes com rapadura, mantimentos, toucinho, farinha, estava sempre produzindo e consumindo mantimentos. A fazenda não era, portanto, apenas algo parecido com um mercado cativo de trabalho: era também muito semelhante a um mercado cativo de trocas (18).

A fazenda Córrego Seco, nos anos 1950, costumava pagar de vez em quando no contado, mas isso era raro, porque suas vendas quando muito alcançavam no ano a terça ou quarta parte daquilo que contratava em dinheiro. As vendas de feijão, rapadura, ou gado de descarte, que eram muito menores que a mexida com porcos, cobriam uma parte ainda menor do dispêndio que ela fazia. Por isso haviam normas de pagamento definidas para toda uma zona, do valor relativo do dia de serviço em termos de bens ou mantimentos, dependendo do produto de época, da ocupação do trabalhador e da sua habilidade. No Gravatá, nos anos 1950, um dia de serviço médio - fora de empreita, trabalhador adulto, "livre" - equivalia a duas medidas ( "medida" é igual a dois litros ) de farinha, ou duas medidas de feijão, ou um quilo de toucinho. Na época de "*fábrica*", equivalia a meia rapadura. Em Carlos Chagas, nos anos 1940, um dia de serviço naquelas condições era trocado por farinha: três litros, ou o mesmo quilo de toucinho. De acordo com Leila Amaral, no alto Jequitinhonha esse mesmo serviço por volta dos anos 1960 equivalia a uma rapadura, uma medida de feijão, ou arroz, ou açúcar, ou a uma libra de toucinho; uma enxada valia 10 serviços.

As notas e a correspondência da fazenda Jatobá são também excelentes testemunhos sobre o que significava salário e emprego na fazenda naquele tempo. Quando o fazendeiro se retirara para morar na cidade, seu encarregado escrevia quase que diariamente sobre o andamento da fazenda: "*Meu padrinho e patrão Germano...*", começava sempre, protocolarmente, Joaquim, da fazenda Jatobá. Seguiam por aí as notícias de partições e doenças de gado, de movimentos de entradas e saídas de gente, serviços. Joantina, sua mulher, cuidava de quintal, galinhas e casa de sede, e mandava junto seu bilhete regular: "*Madrinha Tina...*"

O pagamento de trabalhadores era um tema frequente nas cartas de Joaquim: referências a incertos acertos, feitos aos pedaços, solicitados pelo trabalhador como um favor. Joaquim falava:

*"José mandou pedir ao senhor 50 mil cruzeiros, mas é se o senhor puder..."*

E:

*"Peço se possível o senhor mandar 20 mil cruzeiros para mim."*

Ou:

*"O velho manda pedir ao senhor 60 mil cruzeiros para ele comprar roupa, pois ele disse que está precisando."*

[Correspondência de Germano Cunha Mello, Fazenda Jatobá]

Era uma forma respeitosa de se dirigir ao fazendeiro e os pagamentos tratados com escrupulos, como se os trabalhadores estivessem envergonhados por pedir pagamento em meio a uma terra tão farta. Curiosamente, os pedidos nunca se referem a um mês, ou a qualquer período regular de trabalho: correspondiam às compras irregulares que os agregados empregados faziam de roupas ou sapatos, e os acertos de serviço ainda eram feitos em prazos longos - de meses - quando o auto-sustento do trabalhador já se tornava mais raro e a precisão de dinheiro mais premente.

A correspondência de Joaquina tem uma grande sutileza, porque coloca sempre em primeiro plano seus laços mais próximos com a madrinha, uma espécie de cumplicidade. Ela descrevia seu trabalho do dia e tocava em pagamentos com zêlo, escondida atrás de fatos consumados, despesas feitas, necessidades inadiáveis:

*"Peço se possível a senhora mandar para mim 15 mil cruzeiros para eu poder pagar comadre Laurinda uma goma que eu já comprei na mão dela."*

[Correspondência de Germano Cunha Mello, Fazenda Jatobá]

Quando sentiu excesso de tarefas, foi aos poucos envolvendo uma senhora idosa no seu próprio trabalho. Em várias cartas alternadas fala dos seus bons serviços - ainda gratuitos - de como ajuda e faz tudo com muito jeito. Depois, diante da situação de fato desse trabalho, Joaquina pede à madrinha que a socorra e

*"se possível mandar para ela 3 metros de pano para fazer um vestido e 2 metros de morim para fazer uma anágua e um lenço, porque ela disse que não tem outra roupa para trocar a que ela está vestida."*

[Correspondência de Germano Cunha Mello, Fazenda Jatobá]

Era modesta essa vida de fazenda, mas isso nunca atrapalhou sua ordem. O poder pessoal do fazendeiro era parte da sua condição e parte das relações que estabelecia com seu pessoal; esse poder sobre agregados era também uma técnica de gestão. Produzindo ao sabor da natureza, usando técnicas não padronizadas, portanto possíveis de serem controladas pelos trabalhadores, o poder pessoal era o substituto possível de controle impossível. A proximidade com e o uso dos recursos naturais tornava toda tarefa irregular; o poder pessoal era a boa alternativa - excetuando a escravidão - para controlar trabalho e terra. No sistema complexo da fazenda, a gestão era muito mais sofisticada, mais exigente que aquela da empresa rural, dotada de procedimentos terceirizados, expulsadores, simplificados, tecnificados. A empresa é desprovida da ritualidade que envolve o poder da velha fazenda: cumprimentos, circunlóquios, homenagens, dádivas, visitas, distribuição de justiça, socorro, apoio, proximidade. O movimento de tanta gente em condições tão complexas, exigia a manutenção de relações sempre próximas, sólidas e estáveis.

#### 4. Movimento das lavouras

Agregação na fazenda foi uma relação definida pelo costume, propiciadora de benefícios ao agregado e fazendeiro, sólida de atravessar gerações e invisível, tamanha era sua frequência. Não foi, no entanto, uma relação fixa, pois no correr dos anos que existiu, o povo agregado moveu-se de uma zona para outra, de uma a outra fazenda. Esse movimento espacial da agregação tinha origem na fome de terras da lavoura de tocos e no peso do mando fazendeiro.

Apesar de basear-se no uso comum da terra e na troca de presentes e doações, agregado não existiu sem tensão e conflito. A autoridade do fazendeiro era imposta em algumas fazendas com força e normatizava a vida dos agregados. Foram poucos os registros que ficaram do peso desse mando, porque as lembranças perdoaram à fazenda seus desmandos. No entanto, investigando as falas de agregados que descrevem o paraíso, encontramos um éden constrangido, cerceado por limites tão sólidos que se incorporaram como sombra à própria lembrança.

Sai dos depoimentos uma idéia de liberdade incorporada já as restrições. E tão ordenado fica esse mundo da fazenda que o mando não transpira impositivo, pelo contrário, surge próximo, afetuoso, doméstico. Não somente por ter sido absolvido e lembrado assim, mas também por ter sido habilidoso.

Fazenda nunca era só concessão: existiam também os interditos, e era aí que a subordinação realmente se manifestava. As interdições eram localizadas: podiam dizer respeito a madeiras de qualidade ou ao limite de animais de criação. O fato mesmo a considerar é que a extrema liberdade de derrubada e plantio que vigorou no agregado, sempre foi mantida dentro de limites que o diferenciavam do domínio. Por isso os interditos não eram inúteis e a ritualidade desnecessária. Quando o sistema caminhou para seu fim, as interdições cresceram: volume de gado foi limitado, acabou agregado para os filhos, houve proibição de derrubada. Pela ritualidade da relação o fazendeiro pode reduzir as extrações e liberalidades, dosar a oferta ilimitada de dons naturais àqueles limites que foram ficando os mais convenientes para o estabelecimento do pleno domínio capitalista, transformando rito em controle, reciprocidade em mando, terra de uso em propriedade privada (19).

Mas na medida que a fazenda impunha, agregados também reagiam. Não era um conflito aberto, porque o domínio da terra costumava ser tão completo que fechava esses espaços. Ele pode, depois, ser visto nas transgressões: fugas, roubos, desrespeito às ordens, indiferença aos ritos. Disso, há vasta crônica.

Geraldão Figueiredo é um bom exemplo. Agregado em Itaobim nos anos 1940, foi para a mata da Bahia e tornou-se posseiro. Aparentemente foi um ato usual de agregados na época. Foi, em parte. Vendo o que determinou sua saída, vamos encontrar a "*imposição*". Ele plantava e negociava fumo na fazenda que o agregara. Fora criando um "gadinho", que cresceu, e no final dos anos 1940 chegava a cem cabeças. Nessa altura ele entrou na norma da fazenda: acima de cem rêsas o agregado teria que dá-las à meia ao fazendeiro com partição de crias; delas diz Geraldão, retirava as melhores. Foi então que não viu opção senão tocar seu gado para a mata do Sul da Bahia, alugar pasto, negociar, possuir e afazendar-se, com terra, gado e agregados.

Nas falas dos agregados o conflito está latente; mas ele aparece implícito à ordem, sem arranhá-la ou esgarçá-la. José Pedro contava a história de dois agregados que corriam, laçavam, matavam e comiam o gado da fazenda: mas, não enfatizou nessa história o conflito, sim, o perdão que o fazendeiro, magnânimo, concedia à transgressão.

O conflito é percebido melhor nos documentos escritos. Eles não têm a flexibilidade reflexiva da memória, são estáveis e retratam o momento. Os registros da Araguaia constituem uma excepcional fonte para isso: eles contêm várias anotações de agregados que fugiram, levavam bens uns dos outros, ou que eram mandados embora por desrespeitos. Existem anotações de serviços contratados e não cumpridos, empreitas não terminadas, dívidas assumidas em trabalho que jamais foram quitadas, porque os trabalhadores fugiam, inclusive pela fronteira ainda aberta para a mata da Bahia, para o Contestado, para outras fazendas, deixando também abertas suas contas: "*Jovelino Barbosa - Em 15.12.52 fugiu para lugar ignorado por não querer buscar um café em casa de Hugolino.*" [Controles de Agregados da Fazenda Araguaia, ms]

O outro fator de mobilidade espacial era a pressão populacional. As derrubadas constantes e aumentadas ano a ano, os períodos de pousio obrigatoriamente encurtados, a entrada vitoriosa do capim colônio e sua espantosa capacidade de suporte de gado em todo o baixo Jequitinhonha e Mucuri: isto limitou a estabilização da população. Procurando terras boas e ao mesmo tempo liquidando-as, o agregado teve também por isso que ser uma relação móvel. O consumo de terras impôs um movimento espacial à população rural. A caminhada vicinal, de transição etária, ordinária e sistemática, marcou toda a história do Jequitinhonha e Mucuri.

A fazenda possuía limites dilatados e um interesse bastante restrito na mata - resumido às madeiras de lei, em alguns casos - indiferença pela paisagem de capoeiras e, no correr do tempo, uma crescente simpatia por pastos formados nas lavouras abandonadas. O agregado encontrava na fazenda um local onde a extração podia ser feita sem problemas, uma vez que a derrubada era uma questão particular do agregado e a cessão contínua de terra sempre foi assegurada sem problemas. Era um sistema camponês de reprodução, subordinado e aparentemente ilimitado, que aceitava a subordinação para trabalhar sem limites na terra. A utilização temporária da mata em nada atrapalhava a dinâmica da fazenda, mas desonerava o agregado de toda a limitação espacial e familiar do sítio e de toda a querela derivada da posse. Dessa maneira o agregado pode ser visto como um movimento transitório - transição de paisagens, transição demográfica, transição de domínios - que separa historicamente a mata bruta do pleno domínio capitalista que veio a instituir-se depois.

A caminhada dos agregados moldou a paisagem da fazenda. A "fronteira" de matas interna à fazenda, estoque de fertilidade à disposição dos agregados e fazendeiros, desapareceu no correr dessa viagem. As capoeiras foram o resultado mais palpável dessa mobilidade populacional: conformaram um novo espaço rural, substituíram as matas no correr dos 150 anos desde o final do século XVIII, foi o mais eloquente testemunho da instabilidade espacial e das técnicas de uso da terra nessa sociedade rural. O resultado do ciclo de derrubada-queima-plantio-pousio foi transformar sucessivamente matas em lavouras, lavouras em faxinais, faxinais em capoeiras e capoeiras se transformariam em

matas: só que aí a sucessão muitas vezes quebrava-se, porque as pressões de uso podiam impedir o pousio de ser levado à conclusão. Desse modo nas terras ocupadas a vegetação estava sempre em vários estágios diferentes de uso e pousio, mas a capoeira foi a marca principal da paisagem. Por isso é possível acompanhar a expansão e as técnicas da população de agrego por relatos de viajantes e estudiosos.

O desmatamento numa fazenda tinha o seu valor porque produzia a capoeira, de manejo mais fácil que a mata, e também porque civilizava a paisagem, domesticava o mundo agressivo com a força do fogo. A guerra era feita por esse agregado móvel a quem a fazenda oferecia terra sem restrições, mas também não fornecia muito mais que isso para ficar alojado sempre naquela terra. Movia-se e deixava atrás uma paisagem nova. Ela pode ser encontrada em muitos autores, como Carlos Prates, que nos finais do século XIX era o funcionário do governo responsável pela fiscalização da então Colônia de Itambacuri. Nas suas viagens observava o resultado do agrego e da lavoura sobre o meio e via que aquela faixa entre a frente pioneira de Filadélfia e a outra dos capuchinhos estava já reduzida a capoeiras (20).

A pequena resistência da mata ao fogo era o que mais acentuava a necessidade de mudança de agregados: sua fertilidade era vantagem e problema. Em 1919 frei Samuel Letteroo dizia que o colônio invadia todas as terras desmatadas e mesmo os pequenos lotes estavam cobertos por ele; o frei acreditava que ao fim de algum tempo, aquelas terras só poderiam ser usadas por fazendeiros. Poucos anos depois, Cathoud viajou pelo mesmo Jequitinhonha para se assombrar com o desenvolvimento do capim, substituindo rápido a Mata Atlântica.

O movimento espacial dos agregados tanto pode ser rastreado na paisagem, quanto nas relações internas da fazenda. Grosso modo o movimento foi no sentido Noroeste-Sudeste com poucas variações: do alto rio Pardo e rio das Contas, para o Jequitinhonha da altura do Araçuaí para baixo, para o Mucuri via Alto dos Bois ou Pampã, para o São Mateus e a mata da Bahia, no final. Seguiu sempre o caminho da mata e da fertilidade. Na rota aparece a formação das cidades e vilas, nas histórias familiares, nas saídas de agregados das diversas fazendas, sempre, numa mesma época num mesmo sentido. A mobilidade é parte da fartura e fertilidade, do ambiente e da fazenda.

Esses deslocamentos não eram aleatórios, nem solitários: eram feitos aos grupos de agregados, com uma sociabilidade específica muito difícil de ser rastreada. As caminhadas dos migrantes baianos descritas por Duarte parecem ser movidas apenas pela busca de abundância; mas elas possuíam uma ordem interna, certa coerência sistêmica que tinha na origem a extinta ordem da tribo, o parentesco baiano, a exclusão da herança nos capões ou os laços trançados feitos pelos casamentos, compadrios e entendimentos resultantes da própria vida andeja (21).

Num pouso, Martell fez anotação sobre moradores de uma mata nos socavões de cultura na chapada entre Pedra Grande e Fortaleza. Obrigado a pousar por ter sua mula partido a perna, o viajante escreveu que estava abrigado numa choupana de moradores que o serviram com um milho vermelho cozido e falavam entre si um arrazoado diferente. Tempos depois, noutra viagem, relatava ter encontrado aquele mesmo povo no ribeirão do

Rubim, já na direita do Jequitinhonha; quando, curioso, perguntou porque haviam mudando, falaram que fora "*um desmantêlo que deu na água, agarrando adoever gente.*" [Correspondências e documentos de A.Martell, ms]

Por doenças de água ou "*usura*" de fazendeiros, por causa de fazendas que gostavam de "*impor*" ou precisão de ver parentes, os grupos andavam juntos. São muitos estes relatos, mas quase distraídos, porque os caminhantes pouco deixavam atrás de si. E como os próprios agregados em mudança, ou os autores que anotaram seus relatos, deram pouca importância a isso, perdemos a pista do porquê o grupo estava unido.

Somente Castaldi no seu estudo explorou mais a fundo este assunto. Ele analisou um grupo de agregados que envolvera-se nos acontecimentos religiosos de Malacacheta: denominava-o "bairro rural", por haver entre seus membros relações de vizinhança e outras que o autor procura explicar. Segundo ele as famílias postas na mata precisam da cooperação econômica de outras: daí nascem seus vínculos. Ele chama de "fator demográfico" o que explica a mobilidade das pessoas: como o grupo de agregados precisa cooperar constantemente, a partir de certo ponto do crescimento demográfico a área de lavoura de cada família fica muito apartada, limitando a cooperação. Nesse momento o "bairro rural" é cindido, dando origem a outro, permanecendo parte da população e mudando outra para a área nova (22).

Castaldi relaciona a expulsão e o movimento espacial com a impossibilidade de continuar cooperando: desse modo firmou um sentido para o movimento do agrego, e viu naqueles grupos uma sociabilidade construída e solidificada pela cooperação vicinal. A partir daí analisou as trajetórias individuais e montou a história do "bairro". Primeiro, houve a pressão das fazendas sobre as posses que empurrou posseiros para o agrego. Depois, agregados na fazenda, reuniram-se em torno de Manuel, que os liderou ao Catulé e assim permaneceu até ser confrontado com os novos líderes da comunidade, dois jovens migrantes sazonais. Desse modo explicou o movimento de agregados que tendia ser tão frequente quanto aquele dos camponeses excedentes, com a diferença que esses deixavam e buscavam sempre o mesmo agrego movidos por pressão social: o autor não considerou a variável ambiente.

Mas os agregados não foram sujeitos a uma relação sempre igual. A instabilidade espacial - vinda do peso do mando ou da estabilidade da fartura - foi o acicate que os moveu pelo espaço, refazendo sempre mais ou menos a mesma técnica de produção, mas não necessariamente as mesmas relações de apropriação e domínio fundiário (23).

O agregado foi um camponês nos modos de organização da produção e da família, nos modos de inserção na sociedade inclusiva. Mas como não dominou a terra criou neste particular relações bastante diferentes daquelas camponesas. Sua característica distintiva foi o movimento pelo espaço. O vínculo fundamental do sustento da agregação não foi com a fazenda em particular, nem com um determinado fazendeiro: foi com a natureza. Ela ofereceu a fertilidade que atraía os lavradores e explicava seu movimento num determinado espaço. Foi, portanto, relação marcada por deslocamento constante de famílias e a mobilidade espacial nunca esteve em questão.

Logicamente esse movimento se parece demais com aquele feito pelos camponeses na busca dos limites da fronteira agrícola, e efetivamente é assim, com a diferença que neste

a apropriação parcelar da terra é o resultado, enquanto no agrego é apenas circunstância. Não foi por acaso que os movimentos de famílias se confundiram às vezes no agrego e campesinação e diversas vezes se misturaram um e outro, e outras tantas vezes ficaram um sobreposto ao outro, de modo que depois de anos passados as escavações na arqueologia da política fundiária feitas pelos sindicatos ressuscitaram um posseante atrás do agregado, quando já era visível um camponês na lógica do seu sistema.

Do ponto de vista das extrações essa população de agregados chegava sempre numa terra desconhecida e dava a ela um trato violento. Não vigorou nessa relação o sistema conservacionista do pousio que regulou o consumo dos capões e cerrados do alto rio Jequitinhonha, mas sim a destruição franca, com uma lavoura cuja técnica se conhecia num ambiente cujas normas eram desconhecidas. Saber dessas matas era monopólio dos índios; mas este saber foi desautorizado, subordinado à eficácia da técnica de fazer roça de tocos. Dessa maneira a terra passou por uma destruição irrecuperável e pesou nisso tudo o fato de ela não possuir o poder regenerativo dos cerrados e, uma vez destruída, sua refeitura é difficilima, senão impossível, pelo menos culturalmente (24).

A história dos agregados na mata é a história da sua própria tragédia.

### *Notas ao Capítulo IX Cural dos homens*

(1) Oliveira Vianna explica que o agregado

*"É uma resultante lógica do regime sesmeiro e do regime servil. Falhasse uma dessas condições, ou a escravidão, ou o latifúndio, e esses agregados surgiriam com outros traços sociais."*

[Oliveira Vianna, 1957: 99]

Em geral, todos os pesquisadores que se dedicaram a estudar um rural não exportador enfrentaram o tema da agregação, que foi frequente em toda a história do Brasil, e não só rural: os romances urbanos do século XIX são repletos destes sujeitos agregados às famílias. Ver por exemplo Morley (1971) e Salles (1993). Agregado aparecia associado à família, a essas extensas famílias rurais e urbanas, fazendo parte daquilo que Maria Isaura Pereira de Queiróz (1957: 204) chamava de sua *"periferia mal delineada"*, e que Maria Sylvania de Carvalho Franco (1974, 104) considerava uma vida de favor, dispensável, dependente, produto *"das dádivas de seus superiores"*. Este apesar de ser um modo frequente de descrever o agrego, tem a limitação de vê-lo somente em função de uma família e um mando, espelhado nos outros, e sua trajetória própria desaparece, sempre dependente dos interesses da família e da fazenda. Por isso é comum os pesquisadores absolutizarem as relações de domínio, e transformarem o agregado numa existência reflexa daqueles interesses de dono, transitando entre um capitalismo romântico ou um feudalismo empresarial. É daí que vem todas as histórias dos agregados feitos eleitores, jagunços, defensores de divisas de terras sem preços, ganhando sentido a partir de serviços prestados. José de Souza Martins (1981: 35/36) situou o agregado noutra perspectiva: ligado aos modos de apropriação da terra, que incluíam um uso simultâneo ao domínio, tendo seus direitos reconhecidos como extensão dos direitos de fazendeiros. Mas entre o fazendeiro e agregado eram estabelecidas relações de trocas: uma relação marcada sobretudo pela reciprocidade, não somente pelo reflexo, e aquelas fazendas não se explicavam sem aqueles personagens. Suarez (1982) e Woortmann (1987) foram duas autoras que também estudaram a fazenda da perspectiva de reciprocidades: nelas está a dúvida sobre o caráter estritamente comercial do empreendimento fazendeiro e natureza

utilitariamente mercantil do agregado. Perspectivas ricas, portanto, para compreender a agregação, que pelo lado empresarial nunca conseguiu levar qualquer pesquisador muito longe.

(2) Martins (1981) associa agregado a esse costume de herança. No Jequitinhonha e Mucuri ele apareceu nas histórias e registros de quase todas as fazendas. Na Pesquisa de Campo surgiram casos curiosos: José Figuciredo perdeu um emprego para um agregado que era parente do fazendeiro; noutra fazenda um primo agregado "sumia" com o gado do fazendeiro e nunca recebeu punição por conta do parentesco; em Botumirim havia a história de um agregado parente que era "mais forte" que o fazendeiro. Essa relação foi mais frequente no alto Jequitinhonha. No baixo Jequitinhonha e Mucuri ela já aparece como parente que migra junto do Norte de Minas ou da Bahia.

(3) Sobre agregação de índios ver Ottoni (1847 e 1858), Timmers (1969, ms). Em entrevistas de campo foram conseguidas informações também neste sentido: Afrânio B. Lima (entrevista junho 1994), Anuar Ganon (entrevista janeiro 1995), Antônio Bispo de Portugal (entrevista de junho 1994).

(4) Essa agregação foi mais frequente no Mucuri e baixo Jequitinhonha. As fontes de consulta sobre agregado índio são viajantes, os freis Timmers (1969, ms) e Tetteroo (1919 e 1922). Agregados índios aparecem em contas correntes de fazendas e nas lembranças dos entrevistados. A agregação nascida como proteção contra tribos inimigas e "portugueses" assassinos, marcou bastante todos os remanescentes índios, sobretudo pelo serviço forçado e pelas obrigações impostas em troca da defesa, que deixou suas raízes mais fundas naqueles registros de trabalhos não pagos, constatados por pesquisadores já dos anos 1950, como Albino que notava nas

*"fazendas, por incrível que possa parecer a quem não conheça bem a realidade mineira, ainda existem tipos ligados à família patriarcal, que trabalham em completa dependência, sem vencimentos, sem participação em produtos e à troca tão somente da alimentação e das mais precárias condições de moradia e vestimenta."*

[Albino, 1956: 167]

Em uma carta que escreveu-me em fins de 1995, Geralda C. Soares contava que

*"a gente tem aprendido a ver e reconhecer os índios, além da face que eles mostram hoje. Esse exercício eu comecei a fazer com frei Olavo [Timmers]. Um dia, ele me contou que viajava pelo Mucuri, o ônibus atolou e ficou na estrada. Entre os passageiros tinha uma índia - que só ele via - porque para os demais era apenas uma mulher do Mucuri, de cabelo preto e liso, longo, e de olho preto e puxado. Ele se chegou a ela e foi tecendo o papo. Sabe o que ela disse? 'Meu pai era de Ataléia. Da roça de Ataléia. Era índio. Minha mãe também. A gente vivia agregado na fazenda e a tribo dele era dos Potehã (= Poterrã).' (...) Frei Olavo Timmers era capaz de ver um índio, conversar com ele, fazê-lo nascer do silêncio imposto e contar sua história. Via índios onde as pessoas comuns viam apenas um trabalhador rural, um agregado ou um sem-terras." (Grifo no original)*

(5) Sobre essas migrações e agregos ver J. Duarte (1972), Santos (1970), Tetteroo (1919) e Palazzollo (1974). A memória dessa agregação ainda é viva nos anos 1990 no Pampã e São Mateus.

(6) Vicente Nica, antigo posseiro de Turmalina, falava da frequência desta situação:

*"O povo vivia no costume, ocupando as terras, né? E o grande vinha e ficava por cima, quando conseguia, ou tentando pegar o pedaço direto, ou pegar o trabalho do camarada. Aquele ali que esmorecia, saía, e já entrava um outro, como se fosse agregado, sabe como é que é? Pronto, esse ficava lá, dominado pelo grande. Até o dia que ele quisesse. Porque, naquele tempo, se mandasse embora, o camarada ia saindo, mesmo. Não perguntava por nada, né?"*

[Alves e outros, 1993: 16]

Ver sobre esse ponto também Joaquim de Poté (1996), Santos (1970) e Tetteroo (1922).

(7) O agregado empregado surgiu em lembranças de roceiros idosos, em entrevistas de campo. Maiores esclarecimentos neste sentido foram dados por José Curralinho e José Figueiredo, que foram também gerentes de fazendas.

(8) Os agregados do Catolé descritos por Castaldi (1957) recebiam seu pastor evangélico com inteira liberdade: num caso narrado por J. Duarte (1972) o agregado enfrenta o filho do fazendeiro com suas armas próprias em defesa da filha; sobretudo, todos antigos agregados enfatizam sua autonomia de decisão no canto próprio que recebia de um fazendeiro.

(9) Somente nas fazendas Araguaia e Sul América foi possível rastrear essa história, porque parte da população agregada era muito móvel e outra muito estável. De algo em torno de 80 famílias da Araguaia, entre fixas e flutuantes, foi possível descobrir quatro que possuíam terras de fronteira no rio São Mateus e outras: 5%. Segundo Zeca Figueiredo a Sul América teve 40 agregados e uns 10 empregados. Dels, seguramente 3 tornaram-se sitiantes ou fazendeiros: 6%. Uma média de 5% de mobilidade fundiária, no entanto, para todo Jequitinhonha e Mucuri, parece-me bastante alta.

(10) A informação está em Paternostro (1937). Sobre a formação de patrimônio em sociedades camponesas ver Chayanov (1974), Garcia Júnior (1983), Abramovay (1990), Lovisolo (1989), Woortmann (1987), Moura (1978) e Ribeiro (1986 e 1993). Sobre a problemática camponesa nas sociedades capitalistas, uma revisão da literatura e proposição interpretativa ver Nazareth Wanderley (1979).

(11) Essas relações cotidianas entre fazendeiros e agregados foram analisadas tomando por base as notas de A. Martelli (ms) e os arquivos das fazendas Araguaia, Córrego Seco e Sul América; ao material manuscrito foram acrescentadas as fontes orais, principalmente Bemvinda Ribeiro, José Santana Guedes, José Zeca Ribeiro de Figueiredo, Diniz V.A. Coutinho, José Pedro dos Santos e Antônio Bispo de Portugal. Antigos agregados falam que os presentes dados por eles - nunca obrigatórios - chegavam a ser no máximo uma "arte": custo, vassoura ou esteira, por exemplo; as retribuições que não eram necessariamente na mesma hora da entrega do presente, chegavam a ser no máximo uma manufatura, ou pequenina doação em dinheiro. A troca simbólica vigorou enquanto houve agrego, marcava toda a ritualidade; sobre o tema da troca e da ritualidade ver Mauss (1988). Essa passagem da entrevista de Antônio Bispo de Portugal, agregado em Almenara ( reproduzida em Ribeiro, 1996 ), é reveladora da sistematicidade da doação:

*"Ele levava dois, três anos sem vir aqui. Então às vezes quando um agregado não tinha essa mandioquinha que eu tinha, eu arrancava lá umas e fazia assim uma cestinha de mandioca, trazia para ele, e falava: 'Talvez o senhor não aceita, o senhor pode comprar, mas ó, uma mandioquinha pra o senhor tomar uma sopinha.' E ele: 'Ah! não, carece isso não. Pode voltar. Mas eu sei que uma sopinha é boa, então você quer me dar... Mas você não pode me dar isso não! Isso aqui custa dinheiro, pode cobrar aí que eu te pago a mandioquinha.' Eu falo: 'Não, uai, o senhor merece, eu não estou cobrando não.' E ele: 'Então você está me dando, muito obrigado.' Era assim, sempre levava. Então, justamente, foi assim."*

[Antônio Bispo de Portugal, entrevista de junho 1994]

(12) Os dados do Censo de 1920 foram retiradas de Wirth (1982), os outros são da FIBGE, Censo 1980; as informações de fazendas saíram de seus borradores. As fazendas eram "Complexos Rurais", como definiu Kageyama (1990). Eram fazendas que procuravam se abastecer de tudo, conforme tantas memórias e descrições, como essa feita por Santos Filho:

*"Para bastar-se a si próprio, Pinheiro Pinho ali possuiu tenda de ferreiro e oficina de carpinteiro, onde escravos de ofício, ferreiros e carapinas consertaram, refizeram e fabricaram, em ferro e madeira, os mais diversos instrumentos e peças de uso numa fazenda."*

[Santos Filho, 1956: 291]

(13) Ela era seletiva, porque seu campo de escolha era muitíssimo vasto. José Pedro, agregado antigo, muito sabiamente falou dos fazendeiros:

*"Parece que eles eram colíados."*

Ou seja, ajeitavam-se entre si, e acertavam na maioria dos casos para compor naquela oferta o que queria fosse o "seu" mercado de trabalho, se assim podemos chamá-lo.

(14) A fazenda seduziu força de trabalho e absorveu gente enquanto vigorava um regime de livre apropriação de terras. De acordo com a teoria exposta por Wakefield, Marx e Dommar, em regimes de terra livre o trabalhador recusaria o serviço para outros, optando por trabalhar para si mesmo. Como então entender o trabalho no agrego ao lado de fartas ofertas de posses? Para responder esta questão, é preciso ponderar sempre que agregação não era exatamente um regime de trabalho, embora também fosse, e na maioria das vezes pudesse ser. O mais comum era o agregado fazer seu próprio trabalho e ceder dias ou empreitadas à fazenda em troca de alguns pagamentos raramente monetarizados. Mantinha com o fazendeiro uma relação semelhante a um campesinato subordinado. Mas na grande maioria das vezes foi falsa a incompatibilidade entre fazenda e terra livre, porque as dificuldades da fronteira avultavam-se diante daquela autonomia dada pela fazenda, com subordinação diluída pelos ombros de dezenas ou centenas de agregados, que tornava mais leve o fardo de cada um.

(15) José Santana Guedes contava que saía para recrutar mais trabalhadores para seu trabalho no dia seguinte e seus agregados ficavam esperando a volta na varandona do Córrego Seco; quando chegava, ajudavam-no a apear, desarreavam seu burro, tomavam a benção, para então ir dormir. Joaquina, que cuidava do serviço na fazenda Jatobá, recebeu um recado de serviço atrasado, não pode fazer o que a madrinha solicitara, por isto foi repreendida. Então respondeu:

*"Madrinha, se a senhora ficou aborrecida e me escreveu que eu dei mau exemplo a senhora vem, porque eu saio logo, (...) eu não posso ficar aborrecendo a senhora."*

[Correspondência de Germano C. Mello]

(16) As anotações da fazenda Córrego Seco mostram que o consumo interno médio de porcos do criame atingia 34% nos anos 1950 e 1960; nos anos 1970 essa média caiu para 21%; seu consumo interno mínimo de porcos nas décadas (1950 e 1960) foi de 17%, o máximo de 58%, e a moda 22%; em geral era comido na fazenda pelo menos 1 em cada 5 porcos engordados, e eles eram sua principal receita. Esta mesma fazenda empregava nos anos 1950 uma média de 15,78 trabalhadores por dia na seca, e 25,29 nas águas. Seu ingresso monetário médio, no entanto, foi de 19 salários mínimos por ano neste período, dados de Salário Mínimo retirados da série coletada pelo DIEESE no *Anuário dos Trabalhadores 1993*. A rigor, considerando o salário médio - virtual - de um diarista na roça nos anos 1950, algo entre metade ou um terço do dia de salário mínimo, cativo, essa entrada do Córrego Seco mal daria para remunerar três meses de emprego médio. No entanto, ela empregava o ano inteiro.

(17) Dos anos 1970 e 1980 em diante, os regimes de "seca e s'água" ficaram completamente alterados, por conta dos desmates e desequilíbrios ecológicos mais acentuados.

(18) Eram fazendas devoradoras de serviços e mantimentos. No Córrego Seco que empregou turmas médias de 20 pessoas por dia nos anos 1950, um trabalhador em serviço recebia café, almoço (entre 9:00 e 9:30 h), merenda (13 ou 14 horas) e janta (às 17 h). Com uma pausa de 1 hora para almoço e 0,5 hora para merendar, com o serviço começando às 6, eram 10 horas de jornada, o que era normal em todas as fazendas da época. O café era puro, o almoço constava de feijão, arroz, farinha, verdura da vez, canjiquinha e uma sopena de carne. A merenda era ou paçoca, ou canjica, ou farofa de ovo, ou café e bolo, a janta era o mesmo do almoço. A cozinha era regida por 3 cozinheiras e uma menina auxiliar, além de 2 rapazes nos serviços de homem que a cozinha exigia. Estes eram os trabalhadores de rotina, do agrego, o que não era

excepcional numa fazenda média até os anos 1950: tanto a Araguaia quanto a Gameleira e Jatobá empregaram muito mais. Havia ainda os empreiteiros ocasionais: para pastos, cercas, derrubadas, valos; outros artífices muito especializados: cangalheiros, seleiros, cancelheiros, ferreiros.

(19) José Pedro, de Jequitinhonha, disse em entrevista (julho 1994) que seu filho mais velho fez uma casa no terreiro dele; para os outros isto já não foi mais permitido. Geraldo Figueiredo (entrevista de maio 1994) falava que o fazendeiro concedia terras para criar "embolado" e de repente começou a "impor"; ele foi obrigado a procurar outro rumo. Adelino Pereira (entrevista março 1994) contava que as limitações mais sérias diziam respeito à proibição de derrubadas.

(20) Diz Carlos Prates:

*"Durante a viagem de Teófilo Otoni à Colônia, tive o pesar de ver que as florestas virgens que se atravessam (...) já se acham em parte devastadas, principalmente pelo fogo; as cumiadas dos morros que antes eram cobertas de matas com árvores colossais e frondosas já começam pela queima periódica a ser reduzidas a cerrado com uma vegetação rasteira em que às vezes aparecem gramíneas e samambaias e que, por isto, os moradores do lugar denominam impropriamente chapadas. O fogo, efetivamente, queima ou faz morrer as árvores, transformando nos lugares secos a mata virgem em uma espécie de campo."*

[Carlos Prates, citado por Affonso, 1914: 28]

(21) Cathoud (1936); Tetteroo (1919). Como resultado da ação da técnica sobre o meio, aquelas populações agregadas tinham que andar; dizia Duarte:

*"Há menos de 30 anos, levadas de sertanejos vindas da Bahia, transpuseram o Jequitinhonha, em verdadeiro êxodo, sem Moisés e sem maná, em busca de novas Canaãs anunciadas: Lagedão e Cachoeirinha do Mato, lá pelos municípios baianos de Prado e Alcobaça. Saiam do Sudoeste da Bahia para atingirem o extremo sul do mesmo estado. Após dias e dias de sol inclemente, de chuvas impiedosas e de marchas martirizantes, deixando algumas cruzeiras às margens das estradas, atingiam a terra prometida, encontrando-a apropriada pelos mais espertos que lhes alugaram os braços e a força que lhes restavam, para abertura de novas fazendas. Resignados e fatalistas, atiraram-se ao trabalho na esperança da fartura provinda das roças imensas dos patrões que lhes permitiam a planta de mantimentos no primeiro ano, antes do colônio tomar conta do terreno; assim, a vida dos migrantes melhorou, afugentaram a fome, por algum tempo, dos seus lares pobres. Como tudo tem fim, depois de empastada a região, o 'mato acabou' e com ele a fartura; escassearam os caítilos e outros bichos que melhoravam a alimentação daquela gente sofredora. Abertas as fazendas, foram dispensados quase todos os agregados e a marcha da fome, apenas interrompida, foi reiniciada sem rumo certo, sem Canaã."*

[Duarte, 1976:34]

(22) Diz Castaldi que

*"O bairro, pois, é um fenômeno sociológico cuja estrutura é determinada pela relação que vem a estabelecer-se entre a mata e a técnica de exploração de que dispõem os que a povoam. (...) Daí resulta um movimento cíclico de expulsão do excesso demográfico, cada vez em que o máximo é atingido, e um reforço à tendência intinerante".*

[Castaldi, 1957: 52]

Castaldi sequer cogita em considerar o esgotamento da natureza como variável importante para migração. Este tema - a fertilidade - é um aspecto que naqueles anos 1950 não poderia aparecer com a evidência dos anos 1990.

(23) Os primeiros deslocamentos dentro da mata a partir da zona do Peçanha e Serro foram apropriações livres e incontestes, abandonadas depois de um curto período de uso, ou a partir de quando a pressão demográfica começou a ser sentida. As entradas no baixo Jequitinhonha, saídas do alto Jequitinhonha, e as

primeiras aventuras no alto Mucuri, também ainda foram assim. No entanto, a mata do Mucuri na altura de Filadélfia, o Jequitinhonha abaixo da Vigia e a mata do Pampá já foram histórias um pouco diferentes, porque a terra admitia formas mais permanentes de controle da fertilidade, de sorte que os agregos eram possibilidades, principalmente para população migrada. Isto não quer dizer que estatutos diferentes de uso de terra não tenham convivido. Só que a derrubada e o primeiro esgotamento da mata implicavam mudança do posseiro e quase sempre mudança de estatuto. Possesantes tiveram essa opção de abrir mais matas adiante ou ceder frente à fazenda e permanecer agregado; aceitar um domínio mais próximo e alterar temporária ou definitivamente sua relação com a mata. Este foi o caso estudado por Castaldi. Depois de anos de mata, enfrentando abusos e invasões de fazendeiros, Manuel decidiu que *"terra era bestagem"*: agregou-se. E foi assim que um grupo errante de posseiros transformou-se em agregados, mas agregados, permaneceram em movimento.

(24) Sobre a diferença de regeneração de mata e cerrado, dizia Saint-Hilaire:

*"Nos arredores de Vila Rica, S Miguel do Mato Dentro, etc, as capoeiras não reaparecem mais que 3 ou 4 vezes, e, em seguida, sucedem-lhes fetos (Pteris caudata) e capim-gordura. Nas caatingas, pelo contrário, essas plantas são infelizmente desconhecidas; repontam continuamente novas capoeiras, e assim não se é obrigado a abandonar o campo depois de algumas colheitas, como sucede nas Gerais. Entretanto, como não se faz uso de nenhum adubo, a terra acaba por se fatigar e produzir com menor abundância."*

[Saint-Hilaire, 1975: 234]



Estação Paulino Benevides, da antiga Estrada de Ferro Bahia e Minas, município de Carlos Chagas. Fotografia de junho, 1994.

*Parte V Desacertos*

## *Capítulo X As ordens do mundo*

### *1. Revolução*

Na história que foi escrita depois a vida no campo nos anos 1970 foi marcada por uma revolução produtiva que atingiu com muita intensidade o conjunto do rural, mesmo aqueles segmentos que estavam à margem dos acontecimentos da época. Os que a viveram, no Mucuri e Jequitinhonha, porém, guardaram uma lembrança mais singela: esses anos são lembrados por objetos e valores.

Para a população rural do Nordeste de Minas Gerais, desde essa época, as bicicletas, relógios e rádios passaram a ser bens correntes. As roupas, principalmente, começaram a tornar-se mais abundantes, pois era frequente até então que agregados possuíssem apenas uma muda para vestir, nenhum sapato, e que todos os bens fossem fabricados pelo próprio usuário, ou fizessem parte daqueles utensílios históricos, quase eternamente duráveis: "capas campistas", facões herdados de pai a filho, selas de artesãos, famosas pela durabilidade.

Os preços ganharam presença amiudada no cotidiano: decresceu o valor dos bens produzidos com o esforço da família e, ao mesmo tempo, o consumo diversificou-se. O resultado, entendido muito aos poucos, foi a brutal perda de importância da produção de mantimentos - e então já se pode denominar competitividade - refletindo na depressão de renda e exclusão dos lavradores da negociação de valores de importância, pois o mercado cresceu, misturou-se, e os preços ganharam firmeza, mas não para o lavourista, que não aumentou renda ou fortuna. Essas diferenças de produtividade e custos de produção de alimentos rebateram importantes sobre a agricultura da lavoura de tocos; não a ponto de destruí-la, conforme se diz mais ou menos frequentemente, mas principalmente porque a unificação nacional de mercado eliminou os pequenos mercados locais onde era possível produzir sem custos e vender sem sistematicidade (1).

As contas-correntes das fazendas, nessa época, mostram algumas dessas mudanças que para a posteridade vieram a ser esclarecedoras. Na fazenda Córrego Seco a produção de porcos aumentou, mas seu consumo interno declinou muito, comparativamente caiu para algo em torno de 5 a 10% do produto; a produção de rapaduras minguou, o uso de força de trabalho feminino cresceu a ponto de ser quase um terço do total empregado. Foi tendência de época: tentar relativa especialização, abandonar a produção de bens de maior dispêndio de trabalho - que tornava-se um fator de preço -, rearranjar o sistema com a força de trabalho que ainda podia reter. Ao final desse processo as fazendas tornaram-se empreendimentos de pecuária, mas não por ter entrado um capitalismo que assim impôs, sim porque essa era a derradeira opção, única às vezes, que então sobressaiu diante da diversidade anterior.

É difícil avaliar se a amplitude da revolução que acontecia na agricultura era percebida por fazendeiros, agregados e sitianteiros. Tudo indica que naquele Nordeste de Minas certamente não. Perceberam e registraram os fragmentos, principalmente os

mercantis, que impunham-se com sem-cerimônia em relações que estavam se tornando de mercado, num mercado que estava se tornando nacional. A dura coerção das leis econômicas apareciam sob a forma de produtos baratos e abundantes, trabalho ganhando preço, ficando caro e exigente. Mas nesse mundo de mercadorias emergentes os agregados ainda aventuraram seus últimos movimentos buscando fertilidade, fazendas ainda admitiam alguma mobilidade de moradores, e foi comum, em toda primeira metade dos anos 1970, a alternância do trabalho no Nordeste de Minas ou São Paulo, capital, combinando períodos de ocupação num e noutro lugar, com relações, pagamentos, resultados e técnicas inteiramente diferentes.

Era uma agricultura condenada. A revolução que aconteceu resultou das intervenções de governo, que embora frutificassem nos 1970, foram criadas nos anos 1960 e pensadas quase um século antes. O projeto modernizador agrícola, na verdade, era bastante antigo: datava pelo menos de fins do século XIX.

A princípio foi uma crítica às políticas nacionais e aos métodos produtivos da fazenda. Crítica tópica, dispersa, frágil, urbana - em geral inspirada pela extinção da escravidão, sucessivas crises cafeeiras e de outros exportáveis - que tomava sempre como modelo a agricultura tecnicizada, dinâmica e poupadora de trabalho que os Estados Unidos construíram a partir da segunda metade do século XIX. A crítica ganhou expressão no correr do século XX, impressionante ressonância se vista pelo destaque que a fazenda mereceu da produção e dos debates culturais nos anos que depois correram. O obscurantismo rural era o contraponto ao país progressista que a sociedade urbana julgava construir; a comparação do atraso do campo e o avanço da cidade marcou a escrita brasileira da primeira metade do século XX e dotou o rural de uma história associada ao conservadorismo.

Essas críticas ficam mais explícitas na literatura, pois grande parte do romance urbano retratou o passadismo do campo. Principalmente os modernistas. Estes não trataram apenas de uma fazenda atrasada; em geral associaram fazenda e meio rural à ordem nacional decadente, ao país rural que desaparecia e à sociedade urbana que emergia; a fazenda decaía como ordem fechada e completa, e, junto dela, desabava aquele mundo do campo, atrasado e senhorial (2).

A ordem fazendeira sofreu as críticas dos literatos, funcionários públicos e da opinião urbana. Mas desde meados do século XX começou a ser mais dura e sistematicamente criticada pelos serviços de extensão rural: essa foi a principal, frontal e mais técnica das críticas feitas à fazenda.

Os órgãos de extensão rural começaram a aparecer nos finais dos anos 1940, ganharam força e recursos nos anos 1950, espalharam-se por quase todo o Brasil. Sistematizaram nessa expansão os temas que apareciam na literatura e nas falas, fizeram a crítica mais aguda pelo lado econômico e técnico, elegeram a estabilidade fazendeira como o modelo da tradicionalidade a ser combatido e superado.

Os resultados propriamente técnicos e produtivos da extensão rural foram muito modestos, mas seu papel como vetor cultural é inquestionável. Nunca conseguiu levar a cabo o projeto de revolucionar as mentalidades, no entanto firmou e universalizou sua crítica à fazenda, tornou-se porta-voz da modernidade rural. É originária dos serviços de

extensão toda a crítica econômica ao extrativismo, à não-qualificação da força de trabalho, aos sistemas agrícolas intensivos em trabalho, àquelas limitações da fazenda, enfim. A outra face dessa retórica era, obviamente, a integração mercantil e industrial do mundo rural (3).

Embora durante todos esses anos tivesse sido grande, constante, e depois objetiva e difundida a crítica à organização da agricultura brasileira, até meados dos anos 1960 os resultados da proposta de uma agricultura moderna foram muitíssimo tímidos: a tecnificação do campo andou aos saltos, variando ao sabor da expansão de preços de produtos e de estímulos localizados. Existia ao lado da produção exportável uma agricultura de alimentos baseada em excedentes de mantimentos produzidos da fazenda - excedentes de fatura e trabalho que agregados ou colonos punham no mercado - ou da fronteira, quando a explosão de fertilidade criava grandes sobras. Segundo alguns autores havia ausência de resposta da produção aos preços - "inelasticidades" - de maneira que as altas de preços dos alimentos no meio urbano não transformavam-se em aumentos de produção rural, como acontece em quase todos os mercados. Isso resultava da ausência de especialização dos lavradores, do caráter de eventualidade do excedente e da ação dos intermediários que usufruíam dos movimentos altistas de preços, impedindo que os produtores absorvessem os benefícios. Foi essa a agricultura brasileira que abasteceu um mercado urbano crescente durante grande parte do século XX (4).

O marco correntemente aceito para nascimento das políticas agrícolas agressivamente modernizadoras é 1965, com a criação do Sistema Nacional de Crédito Rural, afinal quem mais profundamente alavancou as transformações que ocorreram na agricultura. Antes dos anos 1960 haviam sido formuladas outras políticas; o que mudou a partir daí foram principalmente a sistematicidade da ação e a perenidade dos recursos financeiros. Praticamente nada de novo foi criado nos anos 1960: todo o instrumental de política pública agrícola já estava disponível há muito tempo, mas a partir de então ocorreu uma integração acentuada da agricultura ao setor urbano, pela compra de insumos e vendas de mercadorias; houve a institucionalização econômica e legal da empresa rural como base e modelo de desenvolvimento agrícola, promotora dos aspectos empresariais, modernos e dinâmicos do negócio rural. Nos anos 1970 ocorreu uma acentuada intervenção de governo transformando a política agrícola num corpo de medidas acopladas e subordinadas à política econômica. Os instrumentos de ação pública na agricultura, fundados numa cultura modernizante, anti-fazendeira, urbana e empresarial, promoveram a transformação prussiana. Essa cultura - construída por aqueles literatos, funcionários, modernistas - cimentou aqueles instrumentos, deu-lhes sentido e, afinal, ficou celebrada na história como a ferramenta de mudança e vitória na batalha à velha fazenda fechada, voltada para si mesma e seu mundo interno, baseada no controle territorial da força de trabalho, policultora e capioa (5).

Para o meio rural foi uma revolução: houve transformações no processo produtivo, relações de produção, uso da terra, mercados fundiários, e, sobretudo, profunda alteração nas relações de trocas entre agricultura e setor urbano, agricultura e indústria. Uma revolução, bem entendido, percebida aos poucos: mesmo que em menos de 10 anos transformasse o perfil produtivo agrícola, a consolidação e avaliação de seus efeitos só apareceram muito tempo depois (6).

Foi assim que aconteceram as coisas, é certo. No entanto a maneira como foram interpretadas ainda carece de comentários. Primeiro: as medidas de política agrícola costumam ser descritas como uma sucessão de acertos, conseguidos pela execução de um plano milimetricamente preparado. Segundo: os resultados costumam ser analisados como referentes ao conjunto do rural que foi homogeneizado pela intervenção modernizadora.

Certamente a política deu resultados. Mas isso não ocorreu pela onisciência dos seus formuladores: é comum os pesquisadores contemporâneos subestimarem os fabulosos desperdícios de recursos e os equívocos que marcaram essas políticas. Foram gigantescos os gastos e mínimos os resultados produtivos nas políticas amazônicas e nordestinas, em programas de melhoramento de pecuária ou de educação rural. Os estudos sobre a modernização agrícola e os documentos oficiais, porém, construíram a mística da infalibilidade e do sucesso planejado em todas as frentes.

Aconteceu que a expressão dos resultados produtivos alcançados, a prisão da agricultura à indústria e a regularidade do abastecimento, absolveram posteriormente as políticas de governo de todos os seus equívocos. Como não havia discordância técnica significativa sobre o andamento que foi dado ao processo ele nasceu sem críticas de fundo, apenas com as constatações sobre seus efeitos perversos. Quando seus resultados foram analisados anos depois, principalmente pelos economistas, passaram a ser utopizados, pois ficaram casados objetivos e resultados numa cadeia perfeita de bom planejamento e excelente execução. Embora raramente os autores esqueçam-se dos resultados negativos, sempre destacam a infalibilidade do positivo (7).

O problema dessa análise é sepultar outras opções possíveis. É tão fatal sua racionalidade que elimina crítica e reflexão: elas deslocam-se necessariamente para os resultados, nunca para a interação. O agro fica preso numa camisa de força onde as duas únicas saídas históricas teriam sido atraso ou modernização. Quais seriam, porém, as outras escolhas a serem postas fora do projeto visceralmente conservador da fazenda ou da modernidade a todo custo da empresa rural? Essa radicalidade das escolhas, derivada da leitura limitada da história daquele período, silenciou toda a possibilidade de refletir sobre o domínio da terra, técnicas, modelo de desenvolvimento. Então rever a história desse período é equivalente a analisar desajustes, impensáveis numa sociedade que teria pela força da análise de vir a ser o que foi. É por isso que essa história rural recente ficou ainda mais obscura que aquela do século XIX, porque refletir sobre agregado, terra, fazenda e seus desenlaces, tornou-se uma possibilidade mais remota que entender escravo, tráfico, casa-grande.

O segundo aspecto relevante é que os pesquisadores tendem a totalizar os efeitos de política agrícola, como se alcançassem o conjunto do rural de forma homogênea. A ação transformadora teria unificado a agricultura e, dessa maneira, seus efeitos negativos e positivos seriam generalizáveis. Mas isso é precipitado: embora tivessem atingido todo o rural, as políticas modernizadoras não o atingiram de forma igual; pelo contrário, existiram resultados profundamente diferenciados entre produtos, produtores e regiões, de maneira que fazendas de zonas menos atingidas ficaram sem políticas, sítiantes de zonas integradas também foram excluídos, e assim por diante (8).

A agricultura brasileira modernizou-se, passou por rápido e violento processo de integração com a indústria e a sociedade urbana, monetarizou-se, os mercados agrícolas

misturaram-se, criando a impressão que a agricultura era uma só. Mas a aparência é só parcialmente verdadeira: apesar de existir integração entre setores, sinalização unificada de mercados, preços e práticas, a modernização não atingiu na mesma intensidade e direção todo o espaço agrário. Integrou com lacunas, excluiu, produziu sistemas inteiramente diferentes de inserção na economia nacional.

Os ritmos da expansão do capital agrário foram desiguais, desconectados no tempo, produto, produtor, mercado, espaço; nem sempre foram mediados por política de governo. São ritmos ao mesmo tempo universalizantes - porque unificam referências como circulação monetária, mercado de bens nacionalizado, etc - e particularizantes, localistas - porque não apagaram as formas específicas de organizar produção, trabalho, apropriação da terra, ou os seus rastros, heranças, história.

## *2. Reflexos*

Os programas de desenvolvimento agrícola passaram mais ou menos ao largo do Nordeste de Minas Gerais. Quando existiram linhas de crédito especial as fazendas desalentavam-se com a saída dos agregados ou viviam firmemente daquele seu mundo fechado de trabalho, travada entre o rigor exigido pelo mercado e aquilo que desfrutava do seu modelo próprio de organização. Extraia os últimos alentos da fartura, assentada nas bases que sempre se organizara: entre a gratuidade da extração e os custos e riscos da política de crédito, escolheu sem dúvidas sempre o primeiro, como, aliás, quase toda a sociedade fazendeira de Minas (9).

A política de crédito rural alcançou principalmente a pecuária e pouca transformação operou em fazendas, agrego e auto abastecimento. Criação de gado e agregação conviviam há quase um século sem maiores problemas que aqueles conflitos esporádicos da entrada de uma vaca numa lavoura ou desentendimentos no acerto da abertura de vaio ou aceiro.

Apesar de terem sido mais ou menos difundidas as carteiras de crédito rural, principalmente no Mucuri e baixo Jequitinhonha, elas nunca representaram proposição de transformação daquelas fazendas, não possuíam sistematicidade e atingiam apenas parcela daquela organização; tocaram ligeiramente o aspecto produtivo numa trama mais extensa que unia homens e terra. De sorte que a disponibilidade de trabalhadores - enquanto houve excesso - foi extremamente benéfica para a fazenda internalizar muitos daqueles custos e ganhos que depois seriam, e para muitos já eram, postos no mercado. Por isso, inclusive, teve vantagens: receitas de entrada mercantil vieram, nunca mais deixariam de vir daí para a frente, mas minguadas, quase sempre. Em sua maior parte, então, continuaram a lidar com a pecuária que sempre haviam praticado, e ruptura produtiva não houve.

O rompimento destrutivo da modernização não aconteceu na técnica, na produção, nem na maior mercantilização, sequer na entrada de novos empresários ou modificação das mentalidades rurais. Ela veio como conjunto - imperativo social, mercantil, econômico - de uma economia que se tornou nacional, de mercados que funcionaram em comum acordo desde então, que subordinaram o específico à norma da mercadoria agrícola. Essa revolucionarização não ocorreu necessariamente no sistema de produção da fazenda, que

permaneceu extraindo em fins do século XX, permanecerá assim, enquanto puder, mas na sociedade econômica. Não quer dizer que essa revolucionarização esteja ausente da fazenda e das suas relações de trabalho, mas não é da fazenda que ela emerge, move-se e transforma. É impossível compreender a fazenda e o rural por si como forças autônomas e alavancadoras; é insuficiente analisar suas mudanças sem associá-las às revoluções que a sociedade urbana passou nesse momento.

Apenas algumas pequenas e localizadas áreas do Mucuri e Jequitinhonha fizeram aprofundamento técnico mais apurado: zonas do baixo Mucuri, na Bahia, onde a mata foi substituída pela fazenda custeada pela SUDENE, e o posseiro rapidamente grilado e expulso. Eucaliptais no alto Jequitinhonha, café, também. Nesses casos, sim, a terra serviu para montar um sistema de produção que foi um inteiro transplante, completa revolução.

Os sítios continuaram as unidades extratoras que sempre foram: nada ou pouco do seu processo produtivo essa revolucionarização atingiu. Seus sistemas de produção eram, e continuaram a ser, inteiramente internalizados, voltados para extração, trabalho familiar, mercantilização de fração minúscula de excedentes. Do ponto de vista dos sítiantes - e, aqui, principalmente de agregados - os anos 1970 significaram outra coisa muito diferente de agricultura: aproximaram São Paulo, construção civil, salário em carteira, poupança, acesso a bens e consumo, compra de terra às vezes. Nessa modernização geral ocuparam espaços nas cidades. Também porque esse processo, definitivamente, não foi incorporador e diretamente capitalizador de sítiantes, pelo contrário, foi estabelecimento de escalas e parâmetros em que não cabiam sítiantes, sua maior transformação produtiva foi derivada de consequências da Revolução Verde: erosão de matrizes vegetais, gradativo cruzamento e desaparecimento de variedades de milhos e feijões - cruzados e contaminados pelos híbridos, não-reprodutíveis, exigentes e não-adaptados aos seus usos e sistemas.

Desse modo os planos, programas e ações pouco atingimento imediato e direto trouxeram aos velhos sistemas de produção e uso da terra. Não ocorreu uma revolução como nos cerrados e alguns gerais onde a nova agricultura implantou-se, nem foi ocorrendo um processo acentuado e ligeiro de mudança da terra, das técnicas e de seus usos como foi o caso do Norte de Minas. Principalmente, ao contrário de outras zonas agrícolas, a terra não mudou subitamente de donos. Permaneceu a mesma velha sociedade fazendeira do Mucuri e baixo Jequitinhonha, os mesmos sítiantes nos seus terrenos de família, embora não exatamente nas mesmas relações com a terra. Não houve, efetivamente, uma revolução no uso produtivo da terra, sim no seu entendimento econômico dela e dos seus produtos. E embora ocorresse uma transformação no país, porque foram revoluções de uma década, misturaram-se tanto os temas do urbano e do rural que ficou impossível dissociar as matrizes dessas mudanças e creditar suas razões de ser só e diretamente às políticas agrícolas, que não estiveram sempre explicando tudo. O grande mercado, sua lógica global, explica mais.

A grande maioria dos sistemas camponeses de produção continuaram como tais, refazendo-se apenas os limites de consumo extensivo de capões, que tornavam-se intoleráveis. Nas fazendas pouco instrumental técnico novo foi introduzido além das raças européias de gado e aperfeiçoamento de alguns cruzamentos industriais, sempre com base no velho zebu, que nunca deixou de ser o princípio de tudo. Do ponto de vista da

produtividade quase todos os indicadores declinaram; embora a taxa de utilização de terra aumentasse - ou seja, as áreas de terras incultas decresceram - isto não ocorreu por apuramento de produção, mas por esgotamento de pousios, redução de fertilidade, extinção das últimas matas e, por fim, pastoreio, fogo, pastoreio: não porque crescesse a produção, mas porque cresceu a extensividade e declinaram seus rendimentos (10).

A verdadeira revolução operada no campo no Nordeste de Minas não foi técnica nem produtiva: foi fundiária. Ocorreu na terra, sua concepção como bem de mercado, e não no modo como se usa a terra. Ela foi incorporada aos circuitos mercantis de todo o país, feita mercadoria de caráter geral, transformada em ativo de rendimento financeiro equivalente às outras aplicações de mercado. Essa revolução - consequência da integração mercantil rural-urbana, financeira, resultado da formação de um mercado geral de bens agrícolas - atingiu frontalmente a fazenda. Criou, junto ao mercado urbano de trabalho do Sudeste e o esgotamento ambiental, uma profunda transformação nas relações dos homens com a terra, de modo que sem qualquer alteração técnica, empresarialização e créditos, foi instituído um novo convívio dos homens com aqueles bens apropriados, irreprodutíveis, capitalizados.

Desde que as fronteiras foram se acabando as terras começaram a ganhar preço. Isso começou por volta dos anos 1950, e daí para a frente acentuou-se mais, porque combinaram-se o furor dos mercados especulativos, excelência das terras de cultura do Mucuri e baixo Jequitinhonha, unificação dos mercados nacionais e instituição do negócio agrícola como segmento econômico de peso, que tornou-se efetivo depois dos anos 1970. Então as terras se tornaram um negócio (11)

Até os anos 1960 o domínio da terra era assegurado por providências toscas, e o movimento de legitimação de terra era mínimo ou nulo em todo Nordeste de Minas. As terras tituladas eram aquelas excepcionais: heranças duvidosas, compras pouco garantidas, glebas de litígio entre vizinhos. Atendia mais à exceção, ao conflito, que à norma. Procedimentos corriqueiros eram vagos formais de partilhas, registros de cessões de posses, documentos precários fornecidos por vendedores ou seus herdeiros e o invariável recibo do imposto pago, garantia maior que todas, embora sempre referida a uma área várias vezes menor que aquela efetivamente dominada.

A partir dos finais dos anos 1960 essa situação mudou, terras passaram a ser correntemente tituladas, registradas, legitimadas. Esse furor legalista teve participação da agência de terras do governo de Minas Gerais, Fundação Rural Mineira, Ruralminas, que foi criada para atuar nesse campo. Foi um movimento muito ativo de medição, revalidação de papéis, grilagens, titulações para efetivar a propriedade de áreas dominadas a título precário.

A formação desse mercado de terras contribuiu para suprimir o antigo costume da fazenda compartilhar terra com agregados, consolidou um regime novo de uso e apropriação da terra, que ao final gerou a fazenda moderna. Ela foi premiada com a transformação do seu domínio em mercadoria; converteu, suavemente, um controle pessoal firmado na tradição num controle econômico baseado na legitimação e no mercado. Ao mesmo tempo silenciou os outros direitos, não-escritos, não-mercantis, não-modernos de agregados. Transformou-os em não-direitos.

Assim, quem conservara posse e domínio de terras até final dos 1960, teve no correr desses próximos anos sucessivas alegrias ao constatar o fôlego que o preço de terra ganhou, enriquecendo seus detentores, transformando-se numa loteria que fez daqueles fazendeiros -de agregados, mantimentos e até gado - enfim fazendeiros de terra valiosa. Ela tornou-se dinheiro: fez a fortuna de quem a conservara; um ganho sem esforço, como gostam de falar fazendeiros, patrimônio multiplicado por mágica, transformou aqueles bens sem preço, trabalhinho da natureza, numa fortuna privada que outra coisa não dá ao dono senão esse sentimento de fortuna lotérica adquirida por vias legais.

Esse, afinal, foi o caminho da formalização da renda da terra e do afortunejamento que ela proporcionou sem sustos, porque desde então os fazendeiros foram obrigados a refazer seus estatutos de domínio e tiveram de rever suas relações de agrego. Então a terra se tornaria o domínio pleno de um, fundidos domínio e posse, excluindo portanto aquelas parcerias de uso que a história e o mercado já tornavam impossíveis. Dessa maneira a revolução modernizadora que atingiu o rural do Brasil, fez um movimento reflexo no baixo Jequitinhonha e Mucuri, porque o movimento sistemático de valorização de terras atingiu pouco ou nada as zonas camponesas do alto Jequitinhonha. Apenas sua chapada; mas aí é caso muito à parte porque seu estatuto de cerrado plano solicitou mais que dinheiro para exploração: exigiu capital - coisa diferente - porque careceu ser fabricada às custas de tratores e química para receber, abençoadamente, a qualificação de terra. Essa terra é um produto direto do capital, não da natureza, e por isso é diferente de tudo que se fala aqui - as outras terras - que são apenas dotação natural subordinada a modos de apropriação.

Esgotamento das fronteiras e do ambiente, instituição da terra mercadoria, criaram afinal uma situação agrária transformada no Nordeste de Minas. Seu principal aspecto - técnico, físico, trabalhista - foi a desaparecimento do agrego.

### *3. Desagrego*

Aí pelo final dos anos 1960 e começo dos 1970, o antigo sistema de lidar com terra, trabalho, agrego e posse começou a desaparecer no Mucuri e baixo Jequitinhonha.

Nessa época já restavam poucas áreas de posse livre: Sul da Bahia, Norte do Espírito Santo; só que aí junto da posse estava a brutalidade das empresas madeireiras, grileiros, aventureiros de todo tipo que tornaram essas as matas mais violentas e, até onde fosse possível, evitadas por aqueles que desejavam terras. Embora fossem áreas de exuberante fartura, eram também de muito risco: doentias e violentas, naquelas últimas matas estavam junto aos últimos posseantes toda a escória de criminosos fugidos da justiça de Minas Gerais, Bahia e Espírito Santo. Tornou-se famosa, naquele tempo, a Prata dos Baianos, no São Mateus, onde morria gente todo dia - matavam um pela manhã, amarravam outro para matar à tarde, dizem - e foram célebres também os conflitos pela terra entre possuidores de muitos títulos, todos igualmente comprados e validados. Essa história, viva ainda nos anos 1990, é uma sucessão de roubos e mortes (12).

O fim do agrego, do uso consentido da terra da fazenda, com produção farturosa e trabalho pouco, não aconteceu de uma vez, nem de forma igual. Foi mais rapidamente

liquidado nuns que noutros lugares; acabado em alguns locais, resistente noutros. Em geral nas áreas de menos negócios de terra sobreviveu mais: partes do alto Jequitinhonha, alto Mucuri. Nas áreas de extinção rápida da floresta e valorização da terra o agregado sumiu também rápido: baixo Mucuri, Pampã. Nas derradeiras áreas de posses ele sumiu ligeiro e nem uma memória mais firme deixou, tão rápido surgiu e acabou: Sul da Bahia, baixo São Mateus. Nas zonas mais antigas de afazendamento resistiu mais: baixo Jequitinhonha, Gravatá. Como agregado foi uma relação entre homens com uma mediação muito forte da natureza, suas normas eram muito específicas e localizadas; boa parte delas eram definidas entre os próprios agentes; tanto é que agregado nunca teve definição jurídica no direito brasileiro. O lavrador era ligado ao fazendeiro por redes pessoais de gratidão, subordinação, reciprocidades e obediência; então esse final não ocorreu no mesmo ritmo dadas também especificidades, dependeu então da personalidade e da sobrevivência física de fazendeiros e agregados.

Essa transformação foi simultânea ao maior êxodo de população rural do Nordeste de Minas Gerais, os dois movimentos confundem-se e ocultam-se. Sairam das fazendas primeiro os filhos de agregados: os insatisfeitos com a fartura decadente, sem terrenos de plantio e alternativas de outras terras, seduzidos pelo mercado urbano de trabalho, empurrados pelas ofertas minguadas do fazendeiro, tocados pela nova norma de uso da terra que ia se impondo. Antes desse passo definitivo muitos jovens tentaram agregação noutras fazendas, porém isso já não era mais possível e pouco restou. José Pedro, de Jequitinhonha, conta que era costume os filhos morarem junto com o pai, na mesma fazenda, emendando quintais como um arruado; mas dos seus filhos nenhum pode casar e ficar, tiveram que sair. Assim filhos foram levando irmãos, alguns até buscando definitivamente os pais, num movimento rápido de despovoamento dos campos nos anos 1970 e até 1980. Um fazendeiro do Jequitinhonha disse que "*Eles foram saindo caladinhos...*" E isto, exatamente porque saída confundia-se com atração urbana, e fora os raros casos límpidos, é difícil determinar uma motivação única (13).

As perdas de população rural no Nordeste de Minas foram muito significativas durante os anos 1970; as maiores de toda Minas Gerais. Esta foi, também, de todas as zonas do estado a menos modernizada em termos técnicos e produtivos. Apesar de tudo que é dito, a estabilização populacional no Sul, Mata e Cerrados de Minas Gerais - relativamente mais tecnificados - e o grande êxodo do Norte, Nordeste e Noroeste, mostram que não é modernização agrícola que expulsa o lavrador do campo e concentra terra; é o conservadorismo, a permanência técnica, a dependência exclusiva dos recursos naturais extraídos.

Desde meados do século XIX a população rural dirigira-se para as fronteiras do leste: Mucuri, baixo Jequitinhonha, Doce. Nos anos 1970 houve a saída da terra e as perdas líquidas de população foram maiores nas zonas novas de fronteira mais recente: Mantena (79,73%) e Pastoril de Nanuque (70,40%): derradeiras fronteiras do São Mateus e baixo Mucuri. As zonas camponesas do alto Jequitinhonha - Mineradora do alto Jequitinhonha, perda líquida de 31,90% - perderam menos população, porque lá não se destruiu um sistema de agregado, mas sim mantinha-se um regime camponês: saía um excedente. A população rural, em termos absolutos, estabilizou-se nas áreas de natureza menos generosa e liquidou-se nas antigas terras mais ricas (14).

Essa saída de trabalhadores golpeou duramente a fazenda. Ela aproveitava-se da concentração vicinal de mão de obra para manter um estoque seguro de trabalhadores, pagando salários simbólicos - eles não eram a base do sustento do lavrador - que tornavam-se mais importantes quanto maior ia ficando sua inserção nos mercados. A dissolução do agrego dissolveu também esse controle, desfez as combinações locais de aliciamento de força de trabalho, liberou o trabalhador para vãos largos. Essas saídas da terra, no entendimento do fazendeiro, corresponderam a um ônus, porque a fazenda perdeu aquele pessoal que garantia sua reprodução estável, oferta tranquila de trabalho e autonomia diante do mercado de bens de produção e insumos. Acabou assim a possibilidade de produzir sem custos.

Com a agregação desapareceram relações de proximidade e obediência entre fazendeiro e morador, sumiram sistemas de uso da terra, matas e recursos. Seu fim está relacionado ao esgotamento da natureza e à formação dos mercados de trabalho e de terras.

A natureza tem grande importância em toda essa história porque agregação existiu baseada no desfrute da terra como um bem ilimitado, podendo o lavrador fazer rotação em terras sempre novas e férteis. Com o tempo, as terras de mata acabaram-se e aquelas que estavam em pousio foram plantadas sem folga ou transformadas em pasto. No correr das décadas do século XX a população concentrou-se nas zonas de mata, extraindo sempre, até perto da exaustão. Esse esgotamento do estoque de terras a serem abertas limitou as possibilidades dos moradores continuarem se abastecendo e a abundância foi sumindo, embora seja preciso esclarecer que ela era localizada: apenas produção de mantimentos, somente uma dieta rica e variada.

De outros pontos de vista era uma sociedade de relativa escassez. Os bens materiais duma habitação, mesmo de fazendeiros, eram muito modestos; equipamentos de trabalho eram construídos em maioria por artesãos locais. Vestimenta, então, sempre foi escassa em toda essa área rural, e antigas fazendas costumavam pagar serviços com mudas de roupas. A abundância, também, não transformava-se em dinheiro, pois como todas as pessoas produziam os mesmos bens, e em grande quantidade, não havia, ou raramente aparecia, comprador para sobras. Fartura significava muita comida: quase nada mais. Em troca dessa abundância os lavradores sujeitavam-se ao mando e às condições da fazenda, às doenças vindas do desmatamento e à quase absoluta ausência de outros bens e direitos.

Mas o Mucuri minguou suas águas, peixes e vazantes; ficou assoreado e sujeito a enchentes enormes. Jequitinhonha foi pior, porque além de tudo que se tirou do rio, as dragas foram assentadas em suas nascentes, de tal modo que toda sua água ficou turva, castanha, imprópria para uso, desde as altas cabeceiras de Diamantina até a barra de Belmonte. Foram-se as matas, a fertilidade a água levou, as caças se esgotaram, e o sol, praticamente de março a novembro torra tudo que pode ficar em cima da terra, havendo às vezes séries de 3 ou 4 anos praticamente sem chuvas, nos dois rios, ou chuvas torrenciais, centenas de milímetros em poucos dias de aguaceiro pesado, que encontram uma terra quase toda de pastagens requeimadas, maltratadas pelo pisoteio de gado, e então se repete assoreamento, e segue a fertilidade escassa ladeiras abaixo, rio a dentro, para o Oceano.

Vieram as doenças do desmate e da escassez, doenças da desruralização. Os males das zonas rurais de Minas Gerais dos anos 1970 em diante são a desnutrição, as doenças

nervosas, cardíacas, neoplasias, distúrbios mentais; não mais as clássicas verminose ou tuberculose, mas as doenças que o esgotamento do mundo e das suas referências trouxeram para os homens que foram perdendo sua cultura, sua vida, seu meio.

A agregação implicava numa proximidade do homem com o meio e intensa movimentação de população. Extrativismo e liberdade de movimentos são essenciais para explicar agrego e fazenda. Na medida que foram diminuindo as áreas de pousio nas fazendas a produção dos agregados ficou mais limitada e maior importância ganhou o trabalho assalariado, na fazenda ou fora dela. As possibilidades reduzidas de rotação obrigaram ao uso mais sistemático da terra, encurtando pousios, diminuindo produção, crescendo a sazonalidade do trabalho, que passou a ser mais consumido nas atividades de preparo do solo e tratos culturais. Dessa maneira ficou também difícil para as fazendas, que careciam de trabalhadores naquelas épocas mesmo que eles ocupavam-se com sua própria lavoura. A crise ambiental manifestou-se combinando com a atração dos trabalhos urbanos sobre os agregados (15).

Nos anos 1990 não pode ser levada em conta a sedução do trabalho na cidade para população rural, já que ele pouco oferece. Nos começos dos anos 1970, porém, o trabalho na construção civil nas capitais do Sudeste, por exemplo, oferecia excelentes oportunidades aos trabalhadores saídos do campo. Além dos ganhos em dinheiro fornecia melhores condições de trabalho, autonomia, independência pessoal. O agregado que migrou encontrou uma liberdade de escolha de serviço e pagamento que não conhecia; para muitos, então, sair do campo foi uma libertação: escapou da canga do fazendeiro, da perpétua escassez de bens de consumo e dinheiro, teve direito a uma cesta de bens mais diversificada que incluiu até alguns duráveis como rádio, tv e geladeira; conquistou uma diversidade de opções de trabalho que o mundo da fazenda não permitia sequer sonhar.

O migrante dos anos 1970 encontrou serviço, boas oportunidades e, frente aos salários pagos no Sudeste, os pagamentos do Nordeste de Minas foram considerados baixos. Os ordenados e o serviço das fazendas eram comparados com salário mínimo e jornada de trabalho de 8 horas. As reclamações dos trabalhadores sobre o pequeno valor do pagamento - considerado uma "*mixaria*", como disse o vaqueiro Zeca Figueiredo, ou que às vezes nem era salário, conforme contou Natalino Martins, de Águas Formosas - têm que ser vistas dentro dessa revolução provocada pelo mercado regular de trabalho urbano. O lavrador precisava comparar aqueles benefícios do mercado urbano com os pagamentos pequenos e os benefícios da natureza oferecidos pela fazenda. Então, o Nordeste de Minas quase sempre perdia.

A cidade do Sudeste, e São Paulo em particular, comparado à terra de fartura minguante do Nordeste de Minas, virou o paraíso: construção civil em violenta expansão, mercado para força de trabalho pouco qualificada, oportunidades de treinamento, liberdade. A cada vez que os trabalhadores iam experimentá-las e voltavam para passar as "fogueiras" de junho, mais sedutoras mostravam-se, porque as condições de produção e vida na terra para agregados, no correr dos anos 1960 a 1980, foram ficando cada vez piores. Isso era tanto pela fartura em queda quanto pela melhor oferta urbana e os acessos que abria, o mundo de mercadorias que revelava, a pressão dos fazendeiros pela saída, que nos fins dos 1970 já acontecia ser pouco discreta em relação a muitos agregados.

Por isso mercado de terras teve também um importante papel. Nos anos 1970 e 1980 firmou-se um mercado geral e unificado de bens agrícolas no Brasil, inclusive um mercado de terras que entrou numa escalada ascendente de preços que nunca mais parou. A comercialização ativa da terra transformou o modo de ver os direitos de uso do solo repartidos, e aos poucos os fazendeiros reivindicaram uso e domínio plenos das terras cedidas a moradores: nos finais dos anos 1960, começo dos anos 1970, quando um fazendeiro comprava terra já a exigia "*limpa*" de agregados.

Quando as terras de lavoura "enfraqueceram", mais preciosas tornaram-se, mais disputadas, portanto. Frequentemente os fazendeiros das zonas menos férteis foram tributando a terra de agrego e desapareceu aos poucos a liberalidade com que ela era concedida. O agrego passou por mudanças graduais, na medida que a fatura minguou dentro das fazendas, de campos e matas; isso foi levando a cessões condicionadas e diferenciadas de gleba para lavouras de agregados num movimento de prazo longo e sutis diferenças zonais. Algumas ofertas do benefício da terra passaram a ser mediadas por exigências de contrapartidas em renda - chamadas em alguns lugares de "homenagem", noutros de "direito" ou "condição", e noutros de "renda", mesmo - em produtos, ou em restrição de uso continuado e entrega da terra empastada, ou em serviço.

No Gravatá, por exemplo, nos fins dos anos 1950 já havia o costume de pagar ao fazendeiro com uma fração do milho produzido, dependendo do tamanho da colheita. Era coisa de um sexto ou um oitavo da produção de milho, e só dele. Depois veio o sistema de cobrar a terra empastada onde que fizesse roça, que apareceu na área do Setúbal. Na Queixada havia o costume do agregado ceder uma carga - dois balaies - de milho por ano à fazenda; na Sul América a fazenda recebia a terça do fumo; na Boa Sorte o fazendeiro cobrava a quarta do milho. No alto Jequitinhonha em algumas zonas foram feitas cobranças em dinheiro; depois ficou comum o sistema de fornecer terra para lavoura condicionada ao empastamento: aí já era mesmo a destruição propositada do pousio e o acesso da fazenda ao valor acrescentado à terra pelo pasto formado; como um lucro diferido, uma acumulação primitiva.

Noutras fazendas cobrava-se em aceiros, em algumas cobrava-se de uns moradores e não de todos, e em algumas zonas nunca se cobrou nada de ninguém. Os casos de pagamentos em serviço, dinheiro ou produtos aconteceram em lugares de maior escassez de terras de cultura: foi quase uma determinação ambiental da renda da terra, um imposto pela fertilidade atropelando as boas regras do costume, que então pareceram aos agregados uma "imposição". A norma nas áreas de maior fertilidade natural - baixo Jequitinhonha e Mucuri - foi um agrego inteiramente gratuito até o final; mas isso não quer dizer que não existiram pressões para saída dos agregados: pelo contrário tornava-as mais fortes, porque lá o mando se mantivera íntegro e concedente (16).

Agrego, nos seus finais, se relacionava às vezes à "*condição*", à extração de rendas que tanto podiam aparecer sob a forma de pequenos serviços - cercas, estradas, limpa de valos -, como prestação de certo número de dias de serviço gratuito no ano, quanto sob a forma de parcerias obrigatórias em certos mantimentos, ou como cessão de um tanto fixo de gêneros. A cobrança era instrumento de pressão pelo fim do agrego, fazia parte dos conflitos do convívio, associa-se à tensão, esboroamento, desagrego.

A renda que surgiu depois da liberalidade não fez parte do cotidiano da agregação: foi recurso final dos fazendeiros para preservarem sua fontes de fertilidade e, em alguns casos, formarem patrimônio gratuito; noutros foi forma mesmo de pressionar agregados para dar fim a uma relação que fazendeiros não queriam mais sustentar. Mas ela sempre surgiu nos capítulos finais. A agregação não possuiu um código definido de cobranças nem no fim; as formas de ocorrer num lugar nunca tiveram correspondência muito exata em outro, de natureza e personalidade distintas.

Em boa parte das fazendas a cobrança, propriamente dita, era muito simbólica: fazendeiros instituíam, agregados não pagavam, ficava por isso mesmo. Era expressão retórica do mando. No entanto, foi esse simbolismo que fortaleceu a fazenda para transformá-la em algo mais efetivo: as "imposições".

Apesar de surgirem de todo lado motivos e pressões para o fim da agregação, mesmo não existindo muito amparo legal para ser mantida a relação, ela ainda resistiu por anos, em muitos lugares. Acontece que a cadeia de obrigações e favores que unia fazendeiro e agregados era muito forte, e o respeito à fazenda e às suas condições mostrou extraordinária sobrevida. Assim, saiu rapidamente do campo uma parcela jovem ou mais desgarrada de agregados, aqueles menos unidos à fazenda. Mas ficaram outros, mais antigos e ligados à ordem, presos por laços sólidos às famílias fazendeiras. Nesses casos só a morte rompeu esse trato; só ela destruía a relação firmada entre dois com base em suas histórias pessoais.

#### 4. Região

Nas análises do final de século XX sobre o desenvolvimento costuma ser corriqueiro classificar Jequitinhonha, Mucuri, todo o Nordeste de Minas como o lugar da pobreza, da migração e do abandono. Essa parece ser uma discussão já velha - novidade seria a sociedade civil organizada interessar-se por ela - mas isso é muito enganoso. Pobreza, miséria e abandono são fatos muito novos; na verdade essa identificação com a pobreza é mais nova que a maioria da população local. No correr de quase toda a sua história esse Nordeste foi identificado, quase sempre muito corretamente, com riqueza, abundância e desperdício.

No século XVIII o Jequitinhonha foi um dos lugares, ou o lugar mais rico do mundo. As minas de diamantes e ouro originaram sua fama. No começo do século XIX viajantes passaram pelo Jequitinhonha para conhecer suas riquezas minerais e índios selvagens; muitos deles ficaram decepcionados porque as pedrarias já não eram tão fantásticas, mas todos anotaram a fartura de mantimentos e o pouco que se trabalhava, pois era desnecessário já que a terra dotava os moradores de quase tudo.

Em fins dos século XIX Affonso Celso foi indicado deputado pelo Jequitinhonha. Depois de eleito resolveu conhecer seu eleitorado, que do Rio de Janeiro acreditava viver nuns esconsos perdidos do Brasil. Foi de vapor a Belmonte, subiu o Jequitinhonha de canoa, passou pelo Salto, São Miguel, Calhau, Minas Novas e Grão Mogol: maravilhou-se com o que viu, como os eleitores viviam bem; escreveu depois que, ao contrário da pobreza

que esperava encontrar, fora surpreendido por um povo que dispunha do necessário e pouco precisava se importar com o restante do país. Mais que isso, ficou surpreso em ver como a riqueza era bem distribuída; havia, dizia ele, "farta mediania".

Alguns anos depois dessa passagem de Celso pelo Jequitinhonha. Leopoldo Pereira escreveu seu famoso livro. Nele o autor descrevia a fabulosa abundância produzida pelas lavouras dos capões de mata, a estabilidade da vida "sertaneja" de Araçuaí - que então abrangia de Virgem da Lapa ao Salto da Divisa - e a independência daquele município; o Calhau prosperava às vezes muito, às vezes pouco, mas nunca dependera de outros recursos que não fossem de sua própria conta para tocar seus pequenos melhoramentos públicos.

Mas, deixando de lado os autores antigos, assusta a descrição que os estudiosos e jornalistas contemporâneos fazem do Nordeste de Minas, principalmente os que escreveram dos anos 1960 em diante. No lugar de abundância há pobreza, seca, mortalidade infantil, doenças endêmicas, migração para São Paulo, salários baixos, falta de água, desnutrição, descaso de ação pública, escassez de planos emergenciais, carência, esquecimento, marginalidade. No correr do século XX o Nordeste de Minas, e mais particularmente o Jequitinhonha, surgiu como o lugar da miséria, região sem solução. Poucos pesquisadores ou autores fugiram à tentação dessa associação. Uma etnóloga disse sobre o Jequitinhonha que *"Em poucos lugares do Brasil chegou-se a um paroxismo de pobreza semelhante"* [Moura, 1988: 23]

Associar o Nordeste de Minas a uma miséria rural e humana é tão comum que existe uma adjetivação sacramentada para estudos e projetos: é "região periférica", de "baixa circulação monetária", "economia arcaica", "de pouca articulação com o Brasil", "propriedades de baixa tecnologia". A idéia de pobreza e seus acompanhamentos são muito potentes.

Qual mágica aconteceu nesses 50 ou 100 anos que levou o lugar das maravilhas a transformar-se no "Vale da Miséria"? Certamente são muitas as respostas. Mas não são apenas econômicas, como poderia apressadamente parecer. Explica-se pelo declínio da abundância - conforme vimos - mas principalmente associam-se à maneira como a história local encontrou-se com o mercado nacional e a interpretação que surgiu desse encontro.

A integração da economia e da sociedade brasileira surgidas depois dos anos 1960 criou à força uma unidade. Até então o Brasil era um conjunto de zonas bem caracterizadas - reunidas federativamente, articuladas pela proximidade, identificadas por língua e costumes - mas autônomas, tanto do ponto de vista político, dado o mando forte dos chefes locais, quanto econômico, face a capacidade de produzir o necessário. A integração econômica e política surgiu da forte centralização criada pelos governos militares, que acabaram com grande parte desses localismos: surgiu um mando forte, um mercado nacional de bens e serviços, sistemas integrados de comunicação. Isto transformou essas ilhas de relativa autonomia e distâncias numa unidade; diversa, mas centralizada (17)

Foi aí então que as comparações e qualificações tornaram-se possíveis. A noção de região, usada para definir um lugar no espaço, passou a servir para comparar o que os homens faziam com aquele espaço local, nivelar esses homens, hierarquizar. Então, posto

mais perto e às vistas do Sudeste, o Nordeste de Minas amanheceu - comparativamente - mais pobre, por ser diferente.

Os autores como frei Samuel Tetteroo, Godofredo Ferreira, Leopoldo Pereira e os outros mais antigos que estudaram o Nordeste de Minas Gerais, possuíam uma noção autônoma de lugar. Para eles a idéia de unidade geográfica importante era o município, concebido como junção de espaço e política, agente ele próprio do seu destino. Para esses autores, expansão, crescimento, prosperidade, eram decisões do lugar, relacionadas a situações e circunstâncias de mercado. Essa idéia localista, centrada em si mesma, foi comum aos autores que refletiram sobre este Nordeste até metades do século XX. É difícil encontrar descrição diferente até os anos 1960: foram lugares que as pessoas podiam viver sem se envergonhar; os historiadores e memorialistas falam com orgulho desse passado.

A noção sólida de lugar tem um suporte histórico firme: ela surgiu e floresceu na descentralização da chamada Primeira República, na autonomia produtiva e política das unidades familiares rurais que puderam criar na independência da fronteira suas normas de existência e convívio. Essa idéia é reveladora de um específico rural e local que desapareceu depois.

As duas formas distintas de compreender e descrever o Nordeste de Minas, apartadas histórica e conceitualmente, não tem diálogo entre si. Por pertencerem a épocas diferentes essas perspectivas ficam paralelas, pois não existem contatos temporais entre o esplendoroso e farto passado e o miserável presente. A variação de perspectiva cria o fosso, e costuma apresentar a história econômica como passagem do fausto à miséria, embora o assunto seja um pouco mais complexo e deva necessariamente ser tratado do ponto de vista histórico e cultural: não apenas mudaram, no tempo, Mucuri e Jequitinhonha; também transformou-se o modo como as pessoas interpretaram o fenômeno. Comum é os pesquisadores contemporâneos tropeçarem nesse fosso, e verem um passado "rico" - baseado nos autores localistas - contrastado com um presente "pobre" - construído pela retórica desenvolvimentista pós-1964 - e se acreditarem diante de fatos econômicos indiscutíveis, quando na verdade tropeçam nesses fatos, sua hierarquia e no modo como os homens os interpretaram.

A interpretação surge da posição do locutor: "região" aproxima-se apenas vagamente da idéia de "lugar", de município. Região é uma definição de fora, construção opositiva, espaço seccionado frente aos demais para realçar excepcionalidades. A idéia de "lugar", cara aos autores antigos, é construída pelo singular, pela não-comparação, destaca o específico, enquanto a noção difundida de "região" valoriza norma e padrão.

Toda essa discussão, porém, é maior que suas implicações locais, porque o conceito de pobreza nasceu fora, em parte do conceito de região, e a comparação foi se absolutizando aí para os finais dos anos 1960: região é uma construção hierárquica, base para propor a intervenção da norma sobre a exceção, para homogeneizar o perfil econômico do estado, do país e do mundo. Regionalizar - definir Mucuri e Jequitinhonha como lugares de carência - é, ao mesmo tempo, ignorar a diferença e propor a sujeição.

A definição de região começou a ser construída junto ao grande Brasil dos anos 1970, quando a homogeneização, integração dos mercados e padronização de produtos acabaram forçosamente por exigir a definição de nichos para diferenças, atraso e conservadorismo esconderem-se sob um desenvolvimento econômico e um planejamento

que pretendia homogeneizá-los. Paralelamente à construção da imagem de atraso do Nordeste mineiro - e portanto dos mecanismos eficazes de saneamento da pobreza - foram construídas as problemáticas das regiões da Amazônia, Nordeste, Cerrado.

A região como categoria analítica surgiu como parte de um todo que se quer unificar; ela destrói o específico, qualifica o lugar, que fica posto frente a outros lugares e subordinado a um centro ordenador do planejamento e da decisão, porque afinal a região é filha da idéia de planejamento, Estado forte, recursos para o desenvolvimento: conceitos centralizadores elaborados durante os governos militares de 1964 a 1984. As noções de planejamento, região, atraso, pobreza e carência - noções de hierarquia e homogeneização - foram criadas a partir da centralização de poder e recursos. A região carente então, não nasce por si mesma, de uma constatação do pesquisador: nasce de repente por surgir do planejamento, porque regionalizar é qualificar políticas, estratificar populações e distribuir recursos. Por isso é tão comum autores verem decadência no Mucuri e Jequitinhonha justo pós-1964, quando a unificação coercitiva estava nascendo. As informações sobre os lugares passaram a ser mediadas por um conceito planejador, os documentos produzidos depois desses anos ficaram marcados pela concepção política de região e desenvolvimento.

Dai veio a compreensão esquizofrênica deste Nordeste, que na fala dos políticos e pesquisadores é carente, e que, curiosamente, na boca dos roceiros é venturosa, especialmente porque, para cada um desses grupos, definir de um ou outro modo é compatível com sua sobrevivência. Fazendeiros e políticos na busca de tetas de governo para eles e os seus; camponeses concebendo pouso estável, casa, família e trabalho nas águas, ao contrário do incerto e ingrato trabalho da seca em São Paulo, mas também transmitindo aquela sutileza da pobreza conveniente, sempre que isso signifique favor sem contrapartida, pois miséria também traz para eles uns ralos benefícios.

Poucos pesquisadores notaram o quanto essa noção de pobreza é enganadora e facetada: dá margem a mau uso político, associa pobre a dependente, portanto carente de uma intervenção saneadora, paternal e externa; sufoca a trajetória local, não porque o capitalismo tenha entrado, mas principalmente porque ele impôs a comparação. Isso dá lugar aos gastos em agências e pessoal técnico e no rastro da constatação da pobreza vêm os diagnósticos, atrás destes os programas de desenvolvimento.

Lógico que isso tem que ser analisado delicadamente: os indicadores econômicos costumam ser contundentes. Mas eles não captam sutilezas, como a concentração absurda da renda rural que submerge na média das áreas rurais ricas; nem percebem o auto-sustento, autonomia, distância dos mercados que se escondem na baixa renda monetária das populações camponesas do alto Jequitinhonha. Certo é que comparando indicadores gerais perde-se de vista estilos e histórias locais, e no confuso dessas descaracterizações acaba-se comparando o que não pode ser comparado. E o projeto, modelo e perfil de desenvolvimento vêm concebidos para transformar este Nordeste num novo São Paulo; então qualquer zelo local perde o sentido e um projeto específico do que aspiraria ser jamais emerge; ele é sempre unificador, padronizado: subordinado.

Por isso mesmo merece um trato mais cuidadoso na história local a unificação do mercado nacional de bens e serviços que aconteceu em começos dos anos 1970. Ela liquidou as possibilidades de competitividade produtiva daqueles sistemas menos tecnificados e intensivos em capital. Os custos dos produtos da terra saídos de uma roça de

coivara feita em terra esgotando-se aumentaram demais, comparando aos custos das lavouras mecanizadas e intensivas.

As impossibilidades técnicas e empresariais de integração, esgotamentos naturais, concepções culturais inviabilizaram aquela estabilidade que marcou o Nordeste mineiro, principalmente o alto Jequitinhonha, em toda a segunda metade do século XIX. Afinal, descrevem sua situação nos mesmos termos desde, aproximadamente, 1850: Hart, em 1860, Leopoldo Pereira, em 1890, falavam de secas; o *Questionário...* de 1893, e o jornal *O Serro*, nos mesmos anos 1890, queixavam-se da migração constante de trabalhadores sazonais, como cem anos depois ainda é feito. Saint-Hilaire, em 1816, e Renault, em 1836, falavam das mesmas terras cansadas que os lavradores reclamam nos seus sindicatos quase 200 anos depois. Em vista disso, podemos tranquilamente inverter os termos do que se fala constantemente e, em vez de dizer que o alto Jequitinhonha empobreceu, seria mais correto dizer que ele mudou sempre para conservar-se como sempre fora - camponês, pouco mercantil, viajante - e, sempre, esgotou-se um pouco mais. Principalmente, foi o resto do Brasil quem mais mudou; com ele nossas referências.

### *Notas ao Capítulo X Ordens do mundo*

(1) Os lavradores entrevistados por Leila Amaral (1988) identificam esse começo dos anos 1970 com o fim da oportunidade de vendas dos seus produtos, quando rapadura deixou de ser importante e os bens "de fora" passaram a dominar o mercado. Da mesma época contam-se casos, como de Antônio das Dores, que pensou em comprar um rádio vendendo feijão, para descobrir ao fim de um ano que gastaria tanto trabalho que melhor seria procurar outra maneira de fazer dinheiro; esta história foi narrada em entrevista por Arnaldo Ferreira, Pampá, julho 1994.

(2) As críticas às atitudes rurais e suas respostas foram comentadas por Martins (1975), Guerra Neto (1990), Lewin (1974) e Monteiro Lobato (1986), entre outros. Foram seus expoentes no caso de Minas Gerais aqueles autores comentados no início deste trabalho, reformistas de fim de século, como Carvalho, Prates, Pereira, etc. Mas é principalmente na literatura que estão os exemplos dessa crítica à fazenda, como no livro de João Alphonsus, *Totonho Pacheco*, que narra o fim da vida de um fazendeiro e a fazenda surge na visita que o filho faz à mãe moribunda. Um médico narrador acompanha a visita e sua mirada do campo constata a decadência: longínqua, isolada, exportadora de seus filhos, autárquica, uma prisão de trabalhadores. O conservadorismo aparece na multidão de serviçais, sujeira, escassa técnica, serviços rústicos e sua quantidade, na solidão. Ele a vê como uma volta ao passado, associada à velhice. Mas não é apenas a decadência daquela fazenda, e sim de todo o sistema fazendeiro. No livro o autor explora o contraste entre o pai e o filho, este morador da cidade e doutor. A casa era

*"casarão vetusto, impregnado de uma terrível resistência ao tempo, ao progresso, à higiene. (...) Mesinhas de pés torneados, com redomas de vidro onde dormiam em teias de aranha velhas imagens de santos. Um sofá e várias cadeiras não tinham palhinha; outros a tinham estragada; em poucos perfeita. (...) Resto de um esplendor antigo e acabado, raramente se abria aquela sala. Na sala de jantar o mobiliário se compunha da mesa descomunal, cadeiras senhoriais de encosto alto de couro, casando-se em contraste com bancos rústicos sem arte e sem elegância. (...) Teias de aranha aderiam desagradavelmente aos rostos, sobretudo nas denominadas alcovas, quartos centrais sem janelas, sombrios e mais baixos. a maior parte*

*não tinha mobília. Encontravam pelos cantos, no chão, esteiras e trapos, nos quais dormiria promiscuamente uma turba informe e anônima, que o médico somente pressentia infestar a fazenda e que se aglomerava no corredor, na cozinha, no terreiro."*

[Alphonsus, 1976: 183, 182]

Já a cozinha,

*"Era imensa, pantagruélica, sujíssima. Prateleiras enegrecidas guardavam uma série desordenada de panelas de pedra, gamelas de todos os tamanhos. (...) Em cima, o picumã se agarrava aos paus do telhado, como estalactites negras, e quase que escondia a telha-vã. Uma bica de pedra atirava um jorro chato de meio palmo de água dentro de uma pia de pedra, sem torneira, escorrendo perenemente: o chão batido criava em torno um tejuco viscoso, marcado por pés descalços e patas de cachorros: havia no momento dois desses animais com o focinho dentro de panelas que pareciam terem sido colocadas ao seu alcance para isso. (...) Uma negra, classicamente gorda, fazendo ressaltar ainda mais os quadris como prateleiras, piscava os olhos boiando em banha e iluminava em rubro o rosto lustroso contra a boca do forno com o bojo em brasa.*

*- É a Caterina, cozinheira superior. De família."*

[Alphonsus, 1976: 184]

Essa foi uma perspectiva quase generalizada de ver o rural. Mas não foi a única, porque alguns, principalmente os autores regionalistas mineiros, apresentaram a fazenda de um ângulo intimista. Em particular Mário Palmério e João Guimarães Rosa mostraram que aquela ordem fazendeira não era uma excrescência num país civilizado, mas uma das suas faces, que influiu no todo. Rosa insistiu no tema em muitas passagens de seus textos, nessa unidade do rural e urbano brasileiros. Em *Grande Sertão: Veredas*, de Rosa, o personagem Zé Bebelo, fazendeiro como todos os outros, toma a si a incumbência de acabar com a jagunçagem para liquidar junto o atraso. Para isso torna-se um chefe jagunço como todos os outros, dirigindo a guerra com os mesmos métodos, para acabar com o carrancismo: aprendeu a ler, fez-se chefe e foi à luta: derrotado e exilado, voltou tempos depois para uma vingança, de novo jagunço como os outros chefes curraleiros. Mas é principalmente em *Buriti* que Guimarães Rosa foi mais explícito sobre a ordem fazendeira: a personagem Lalinha é levada pelo sogro para a fazenda, depois de ter sido abandonada pelo marido. Na novela Rosa inverteu a perspectiva de época, pois no campo, que se supunha vazio e decadente, Lalinha descobriu uma ordem sutil, mantida, imposta e conservada a partir da terra e da casa. Outros autores. Cassiano Ricardo por exemplo, enfatizaram o rural como a reserva da nacionalidade. Ver sobre o assunto Lenharo (1986).

(3) Sobre os órgãos de extensão rural ver Fonseca (1985), Ribeiro (1986), Fernandes, Braga e Santos (1981), Castro (1979) e Schultz (1965), entre outros.

(4) Esse assunto foi motivo de polêmicas entre autores, principalmente economistas, nos anos 1960. Sobre o assunto ver os estudos de Paiva (1976), Castro (1979), Kageyama (1990), Linhares e Teixeira da Silva (1981), Veiga (1991), entre outros. O excedente assistemático e a distribuição incerta já faziam sentir seus efeitos sobre a população urbana desde os começos do século XX; os protestos sindicais urbanos contra a carestia dos alimentos surgiram nos anos 1910, e na época os governos contingenciavam exportação, tabelavam preços de alimentos básicos e promoviam confiscos como maneira de procurar segurar preços e protestos. Eram, porém, medidas tomadas pelo lado do consumo; instrumentos que afetavam apenas a distribuição dos alimentos, passavam longe da produção. Ver sobre o assunto Linhares e Teixeira da Silva (1981) e Linhares e Teixeira da Silva (1979). Em geral, até os anos 1950, eram comuns as políticas circunscritas ao estímulo de uma determinada mercadoria agrícola, envolvendo às vezes especificação de

produção, financiamento, padronização; isso ocorreu principalmente com o café, mas, também com a cana-de-açúcar, cacau, borracha.

(5) As políticas anteriores aos 1960, localizadas por produto ou zona, não atingiam o conjunto da agricultura. Crédito rural público existia desde os anos 1930; sistemas públicos de pesquisa agropecuária começaram a ser montados no Brasil desde a chegada de Dom João VI em 1808; extensão rural começou nos anos 1940; técnicas agrícolas intensivas em capital já eram difundidas nos Estados Unidos desde fins do século XIX; desde os anos 1950 as importações de equipamentos e maquinário agrícola contavam com isenções fiscais; as escolas públicas de ensino agrícola em sua maioria já estavam formadas e equipadas desde as primeiras décadas do século XX. Foi Guilherme Delgado quem instituiu a periodização assentada em 1965 - formulação do Sistema Nacional de Crédito Rural - como recorte definitivo, argumentando pela mudança que possibilitou promover na base técnica da agricultura, daí em diante menos dependente do *"laboratório natural"* e da força de trabalho rural, mais articulada à indústria produtora de insumos e bens de capital e com o processamento de mercadorias agrícolas. Desde aí a agricultura *"passa a depender menos da dotação de recursos naturais utilizados e dos meios de produção produzidos em escala de manufatura e, cada vez mais, dos meios de produção gerados num setor especializado de indústria."* [Delgado, 1985: 19]

Cresceram então a urbanização, o emprego não-agrícola, a demanda de produtos agrícolas, que levou a acentuação da mercantilização do setor rural, criação do mercado nacional de produtos agrícolas e agroindustriais, consolidação de mercado de trabalho e de terras. Sobre modernização agrícola ver Graziano da Silva (1982), Martine e Garcia (1987).

(6) A agricultura em geral - conforme definiu José Graziano da Silva - libertou-se do laboratório natural da produção e vinculou-se à produção industrial de insumos, deixou de ser uma *"esperança ao sabor da natureza, para tornar-se uma certeza sob o comando do capital"* [Graziano de Silva, 1980: 57]

Kageyama (1990) interpretou essas transformações como uma passagem do que chamou "complexo rural" - formado pela velha fazenda, se-bastante, fechada, pouco mercantil - para os "complexos agro-industriais". A unidade de produção fechada que internalizava toda sua produção de equipamentos e insumos, a fazenda que mantinha seus artesãos e especialistas, produzia o que consumia e extraía os bens que utilizava, começou a entrar em crise no século XIX, segundo a autora. A introdução do trabalho livre nos finais do século XIX, a expansão urbana, o surgimento de um setor artesanal de equipamentos e máquinas agrícolas, e, finalmente, a integração dos mercados brasileiros, colocaram em xeque as bases que sustentavam o complexo rural. Diz Kageyama que foi montada a transformação técnica da agricultura primeiro com a introdução de equipamentos e maquinário, no começo importados, depois produzidos nacionalmente, e então o "como" produzir foi deixando de ser uma decisão do agricultor - conhecimento artesanal, variado, local e ecologicamente determinado - para transformar-se num processo pré-definido, imposto de fora. O que ela e outros autores chamaram de "industrialização da agricultura" foi o casamento da produção agrícola com os insumos de origem industrial. Por esse meio aquela estrita dependência que o agricultor mantinha em relação à natureza desapareceu e a produção da mercadoria agrícola passou a ser regida fundamentalmente por normas técnicas rigorosas, fora das quais retorno, lucratividade, permanência sistemática na atividade mercantil rural são praticamente impossíveis. Os efeitos desse conjunto técnico-produtivo chamado "pacote agrícola" sobre os sistemas de produção rurais foram imensos. A adubação química aumentou a fragilidade das plantas e propiciou o aumento de pragas, anexou a agricultura à indústria de adubos e defensivos. A fragilização das plantas criou o círculo vicioso planta fraca/praga/veneno. Outros resultados foram o desaparecimento do cultivo múltiplo, consumo de poucas

variedades, fragilização estrutural do sistema alimentar, êxodo rural, concentração de renda, redução do emprego rural, erosão de matrizes genéticas e tendência à uniformização das variedades, crescimento do uso de venenos, piora da dieta, subida dos custos de produção de alimentos. Delgado, em 1985, analisou os resultados da revolucionarização agrícola sobre o meio rural brasileiro e mostrou a intensa concentração de renda e produção agrícola. Ver sobre os aspectos ecológicos Mooney (1987), Primavesi (1984) e Altieri (1989); sobre aspectos econômicos Delgado (1985), Kageyama (1990) e Graziano da Silva (1980 e 1982).

(7) Exemplos de história de acertos são muitos; um bom e sintético é Gonçalves (1993), autor que apresenta argumentação fechada em torno da fatalidade do sucesso do projeto modernizador, como se houvesse uma conspiração para constituição de um modelo agrícola, num processo sem erros, acasos e coincidências. Tudo foi planejado sob o domínio mítico do capital e do onisciente Estado; vê o passado tomando como referência os sucessos do presente, ignora os desacertos: esquece que Crédito Rural foi muitas vezes equivalente a corrupção e desvio de recursos; que a contrapartida da concentração de terras foi o emprego urbano. Também, uma série de programas - todos eles objetivos casados, programados, afinados - não foram além da iniciativa: SUDENE, SUDAM, capacitação da força de trabalho rural. Outros: Szmeccányi (1987) e Beskow (1986), em geral os economistas quando historicam o processo. Dessa maneira eliminam nos estudos o espaço de movimento do 'oprimido': há somente domínio do capital. Afinal é um domínio da razão técnica: ignora que a tendência pode ser arrefecida por contratendências, e então a emergência do conflito - trabalhista, de gênero ou pela terra - fica inteiramente inexplicável, raio num céu azul.

(8) Foram muitos os autores que generalizaram a intensidade e extensão do capitalismo no campo, principalmente em estudos locais. Para o Jequitinhonha ver principalmente Silva (s.d.), Medeiros Silva (1990), Furtado (1986) e Moura (1988). No estudo de Margarida Moura, por exemplo, ela descreve uma fazenda que modifica-se sem transformar os processos produtivos e participação nos mercados, numa espécie de capitalização por inveja ou moda, parece; sem capital, porém. Felizmente essas desigualdades de atingimento foram assinaladas por alguns autores, como Guedes Pinto e Delgado, por exemplo, que destacou o fato:

*"Todo esse processo de modernização se realiza com intensa diferenciação e mesmo exclusão de grupos sociais e regiões econômicas. Não é, portanto, um processo que homogeneiza o espaço econômico e tampouco o espectro social e tecnológico da agricultura."*

[Delgado, 1985: 42]

A esse respeito Muller (1989) foi ainda mais enfático, diferenciando os efeitos e os produtores que receberam benefícios das políticas agrícolas; elas foram concentracionistas, não difusoras.

(9) Raramente a fazenda mineira, organização patronal fundiária, modificou seus procedimentos produtivos pelo impulso da política de crédito, com notáveis exceções em áreas do cerrado no Polocentro e outras do Sul, no PRCC. As grandes transformações técnico-produtivas foram em empresas rurais, daí o perfil da tecnificação e da produtividade agrícola apresentar-se notavelmente concentrado em produtores, produtos e regiões determinadas. Ver sobre o assunto Ribeiro (1986), BDMG (1989) e Nabuco (1990).

(10) Sobre as comunidades camponesas do alto Jequitinhonha ver Amaral (1988), Ribeiro (1993) e Silva (sd). Os resultados das políticas sobre as fazendas foram debatidos com diversos fazendeiros entrevistados em campo, principalmente Pedro E.A. Peixoto e Nay Soares. Análise global da situação agrícola de Minas Gerais na época recente foi feita em BDMG (1989). Medeiros Silva (1990) acreditava ter ocorrido uma revolucionarização nos processos produtivos do Nordeste de Minas. O conjunto de indicadores reunidos por ele apresentam pouca consistência para mostrar aquela mudança, que do ponto de vista produtivo não foi dos mais expressivos. Sobre declínio de produtividade e capacidade de suporte de pastos ver Nogueira (1989).

(11) Sobre o negócio de terras ver Brandão (1990), Romeiro e Reydon (1994), Delgado (1985) e Egler (1985).

(12) Essas duas últimas áreas de posse livre, ao contrário de todas as outras do Mucuri e Jequitinhonha, não foram liquidadas pela consolidação da fazenda: já foram marcadas pelo conflito da posse com a empresa e o Estado, pois a SUDENE na Bahia e os planos especiais de crédito rural do Espírito Santo financiaram o equipamento de empresas rurais, estimularam a concentração da terra, reflorestamento e agroindustrialização. Não foram apenas as últimas fronteiras agrícolas, também as mais rápidas e modernas. Elas resultaram numa violenta tomada de terras, que produziu vinte anos depois um movimento forte de trabalhadores rurais sem terra que agiu sem as peias da doce lembrança da fazenda que sempre o tolheu no baixo Jequitinhonha e Mucuri. Histórias dessas fronteiras estão em alguns depoimentos reproduzidos em Ribeiro (1996) e em Duarte (1972).

(13) José Pedro da Silva, entrevista de junho 1994, parcialmente reproduzida em Ribeiro (1996); o fazendeiro citado acima é Neco Coelho, de Minas Novas, em entrevista de junho 1992, feita na fazenda Boa Sorte.

(14) O ritmo de saída de população rural do alto Jequitinhonha foi inferior ao da maioria das outras zonas depois dos anos 1970 certamente porque uma população camponesa mais homogênea expulsa com muito maior regularidade seus filhos sobrantes e, ao mesmo tempo, retém mais firmemente sua parcela herdeira. Nas áreas de fazenda pelo contrário, a expulsão foi intensa e definitiva. Os dados abaixo, extraídos de municípios selecionados pela impossibilidade estatística de isolar a continuidade da área de todos, expressam esse fenômeno.

*Tabela X-1*

*Taxa de Crescimento da Densidade Demográfica em alguns municípios do Mucuri e Jequitinhonha  
(Base 1940)*

Zona	Município	1940	1950	1960	1970	1980	1991
Alto Jeq/	Minas Novas	--	32,06	21,39	-1,56	15,03	0,00
Baixo Jeq/	Jequitinhonha	--	60,27	0,24	28,52	14,48	10,18
Mucuri/	Carlos Chagas	--	95,54	41,48	0,17	-14,63	-9,48

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos

(15) Os estudos do Projeto Nordeste constataram essas mudanças no perfil dos males do meio rural. Ver Minas Gerais (1984: 130) e também van Strallen (1979). Isaias Barbosa contava que tirava na rocinha de Lufa nos começos dos anos 1970 só o bastante para não passar fome; nessa altura, dizia ele, o lavrador tinha que procurar um caminho. As falas dos lavradores apontando a minuição da fatura são tão coerentes umas com as outras quanto os indicadores de produtividade agrícola; estes mostram com dados globais, captados pela FIBGE, o fabuloso declínio.

**Tabela X-2**  
**PRODUÇÃO AGRÍCOLA POR HECTARE**

Teófilo Otoni, 1920/1980

Ano	Arroz	Milho	Feijão	Mandioca	Cana	Café
1920	1.500	2.100	1.000	14.406	22.003	363
1940	-----	-----	-----	-----	-----	-----
1950	912	1.040	856	9.499	12.156	629
1960	1.026	835	700	8.918	11.684	585
1970	566	609	372	5.414	11.758	552
1980	588	762	418	7.033	19.776	616

Fonte: FIBGE

(16) As informações sobre os diversos estertores do agrego foram coletadas em pesquisa de campo; várias delas estão reproduzidas em Ribeiro (1996). Alguns pesquisadores encontraram a renda em sua pesquisa e tenderam a identificá-la com a estrutura mesma do agrego: ver esta interpretação em Moura (1988) e Eigenheer (1982). Essas autoras trataram desse assunto isolado, sem a perspectiva histórica que merecia: um problema foi generalizar as cobranças de renda para toda a zona do Jequitinhonha em que elas não existiram; outro problema foi não perceber que a acentuação da cobrança de renda era pressão por desagregação. Analisaram o canto do cisne do agrego como a sua glória.

(17) Sobre centralismo e descentralização podem ser consultados os estudos de Faoro (1979) e Leal (1975).

## Capítulo XI *Sãpaul' e os outros santos*

### 1. *Triste Partida*

Os trabalhadores rurais do Jequitinhonha e Mucuri ficaram conhecidos por sua intensa migração, principalmente sazonal. Ela tem sido associada principalmente à pobreza rural, à capitalização agrícola recente do Nordeste de Minas Gerais.

Há nisso, porém, muita simplificação. Migração é fenômeno bastante antigo neste Nordeste - data pelo menos de fins do século XIX; teve acentuado caráter de migração definitiva, e as migrações sazonais têm motivações muito mais fortes e estruturais que o desvalimento provocado por uma seca (1). Migrar foi obrigação antiga e regular para sucessivas gerações de mineiros que se esparramaram pelo país, atraídas e empurradas por circunstâncias diversas.

O maior realce contemporâneo aos migrantes temporários deriva da tristeza da partida, que confere à viagem sazonal um destaque que nubla a história inteira. Mas desde, pelo menos, a última década do século XIX, foram constantes as viagens de lavradores para ficar na mata ou colher safras. Lavradores do Jequitinhonha foram à Bahia em busca de terra, participaram de quase todas as frentes agrícolas de trabalho do Centro-Sul do Brasil do século XX: Mucuri (1890/1960); São Paulo (1890/1930), Sul de Goiás (1960/1970); Mato Grosso (1950/1970), Paraná (1950/1960); e ainda na construção civil de São Paulo (1970) e corte de cana (1970/1990), depois de esgotadas todas as frentes. Lavradores do Mucuri espalharam-se pelo Brasil: Rondônia, Maranhão, Mato Grosso (2).

Muitos foram e ficaram, outros iam e voltavam: dependeu tanto de sua origem, quanto família, relação com terra, fronteiras. Os que fizeram a viagem temporária regressaram, criaram família, e plantaram conforme aprenderam. De sorte que o tema das migrações - definitivas e temporárias - não pode ser associado apenas a acontecimentos tão específicos, tanto geográfica quanto conjunturalmente na história desses lavradores como capitalização, reflorestamento e corte de cana. As estradas e escolhas sempre fizeram parte da vida das famílias do Nordeste de Minas.

Ana Lanna diz que a substituição dos escravos na Zona da Mata mineira foi possível porque as colheitas passaram a ser feitas por trabalhadores, temporários, saídos do Jequitinhonha. O jornal *O Serro*, entre 1890 e 1895, fez campanha contra as viagens dos lavradores para a colheita na Mata: deixava sem "*camaradas*" de abril a setembro fazendeiros do alto Jequitinhonha. Em 1893 a *Enquete Campista* perguntava ao município de Minas Novas sobre a situação do trabalho; a Câmara informava que haviam saídas regulares de trabalhadores para Teófilo Otoni e o estado de São Paulo (3).

Parece certo que o primeiro destino de migrantes, sazonais e definitivos, foi mesmo a mata, ao leste. Teófilo Otoni foi serviço frequentado durante certo tempo. Godofredo Ferreira diz que os trabalhadores do alto Jequitinhonha tiveram participação ativa - e temporária - na colheita de café e derrubada de matas no Mucuri, nas décadas de 1920 e 1930. Lá, nessa época, eram famosos os temporários apelidados "*chapadeiros*", de

Chapada do Norte, ou "*cacaieiros*", colhedores de café. A tradição oral do Jequitinhonha fala dos "*cacaieiros*" que iam e voltavam para o trabalho fora levando um saco - ou "*cacaio*" - nas costas. Olímpio Soares diz que os rapazes de Chapada achavam que a mata, nos anos 1930 e 1940, era "*um pedaço do céu*"; iam com um "*cacaio*" de pano de algodão em que levavam farofa, coberta - porque a mata era fria - uma muda de roupa e uma rapadura. Iam a pé uma parte do caminho, em fila indiana, porque a estrada não dava para ir pareado; depois embarcavam no trem e passavam duros tempos nas fazendas de café (4).

Viagens ao Sudeste ou à mata aparecem em todas as lembranças; no Jequitinhonha, principalmente, existe uma enorme tradição oral. Primeiro da saída dos "*cativos*" para a *Mata* - esse lugar impreciso que ia de Juiz de Fora a Itabuna - que era parte de negócio regular de compra, como ouro velho, também, que formava as turmas em pontos sempre perto do São Domingos. Depois vêm os casos antigos das saídas, ou das viagens dos maiores, já aí para Jequitinhonha e Mucuri, que buscavam a estrada de São Paulo, e alguns que foram ao café de São Paulo e depois acabaram posseando no Mucuri.

Manuel Esteves diz que desde o começo do século era frequente a migração para São Paulo, às vezes com ida e volta; voltavam os trabalhadores com relógio e guarda-chuva. Houve um migrante que retornou com 500\$000 - uma nota grande na época, final do XIX - quando havia sido proibida a circulação dos "borruquês" e por isto havia enorme falta de dinheiro miúdo. Quando foi comprar em várias lojas e viu que não havia troco, o lavrador se acostumou, e transformou a nota no seu cartão de perpétuo crédito, até o dia que os negociantes se uniram e só aceitaram vender para ele depois que a nota fosse trocada e os débitos saldados.

Em todas as histórias a Migração, o Serviço de Migração do governo de São Paulo, teve um papel importante. A viagem de lavradores brasileiros para São Paulo começou em 1900, segundo Bosco e Jordão. Até 1920 o fluxo de estrangeiros foi sempre maior; depois cresceu o número de nacionais, principalmente nordestinos, mineiros e fluminenses. O governo contratou companhias particulares para cuidar de migração por meio de subvenções e elas agiam nos pontos de origem de migrantes. Nos anos 1930 foi criada a Inspeção de Trabalhadores Migrantes - ITM - que substituiu as firmas no aliciamento de mão de obra e ficava nas estações ferroviárias fazendo a seleção de pessoal, fornecendo passagem e distribuindo-os pelas frentes de trabalho. Isso foi até os anos 1960; mas desde o final dos anos 1930 a entrada de migrantes definitivos e sazonais em São Paulo alcançava 100 mil indivíduos por ano (5).

A literatura e alguns estudos registraram o fenômeno; muitos autores mineiros comentaram as viagens. Em 1916, no seu estudo clássico sobre o algodão, Daniel de Carvalho falava dos "comboios" e "levas" de jornaleiros que saíam do "Norte" para a Zona da Mata e São Paulo: eram chamados de "*sãopaulheiros*". No romance *Cangerão*, dos anos 1930, Emil Farhat conta a história de um lavrador que correu mundo em busca de serviço, até cair escravizado numa fazenda de café na Zona da Mata mineira. Lá os trabalhadores, todos do Norte e Nordeste de Minas, eram vigiados por homens armados, feitorados por um empreiteiro que ganhava com o serviço prestado a grandes fazendeiros. Os migrantes foram motivo dramático do autor, que fez a descrição cuidadosa dos trabalhos e do cafezal; a história é marcada pelas tramas da repressão e da fuga. São muitas as referências a essa

saída tão antiga, quase tanto quanto a entrada dos povoadores no Mucuri e, afinal, fez parte do mesmo movimento demográfico (6).

No entanto, embora tenham existido há muito, as migrações não foram interpretadas do mesmo modo no correr da história: sua valoração mudou com o tempo. Até os anos 1950 e 1960 a migração permanente ou temporária de trabalhadores rurais recebia um conceito altamente positivo, tanto do ponto de vista da origem quanto do destino. Migração, naquelas épocas, era entendida como caminho para melhoria de vida do trabalhador migrante, possibilidade de oferta barata e permanente de força de trabalho para as lavouras ou indústria, ou alternativa de integração de populações rurais marginais no conjunto da vida nacional.

O tema aparece assim nas lembranças de antigos migrantes, em estudos de época e na literatura. Por exemplo o personagem Turíbio Todo, de *Sagarana*, de João Guimarães Rosa, envolveu-se numa briga, fugiu, e encontrou em meio a sua fuga pelo alto São Francisco um bando de viajantes em cantoria:

*"Depois a turma de sujeitos alegres o interpelou. Iam para o sul, para as lavouras de café. Baianos são-pauleiros."*

Quando o convidam para ir a São Paulo, Turíbio aceita, e assim muda sua vida. Soube depois da morte do rival, sentiu saudades, e então

*"(...) comprou mala, comprou presentes, pôs um lenço verde no pescoço, para disfarçar o papo; calçou botas vermelhas, de lustre; e veio. Saltou do trem também com uma piteira, um relógio de pulseira, boas roupas e uma nova concepção do universo".*

São Paulo, para Rosa, teve essa positividade na vida do personagem, pois não deu apenas melhora de padrão de vida, mudou também a visão de mundo, alargou horizontes.

Em estudos feitos antes dos anos 1970 encontramos o mesmo sentido positivo da migração. Para Alberto Passos Guimarães, por exemplo, o êxodo rural não é de modo nenhum problemático. Ele - como muitos outros autores dos anos 1960 e 1970, época de consolidação de mercado de trabalho urbano - acreditava que os trabalhadores mudados para a cidade libertavam-se do jugo primitivo da fazenda. Problema, pensava-se, era ficar no campo, sujeito ao domínio pessoal (7).

Eunice Durham mostrou a busca de melhoria de vida dos migrantes para São Paulo e o modo como eram incorporados a uma nova cultura. Migração, para ela, é a transferência dos melhores quadros de uma região para outra: concentra portanto os benefícios num lugar e, desse ponto de vista, migração é positiva para quem a recebe. Outro estudo, feito para o governo de São Paulo nos anos 1960 por Bosco e Jordão Netto, mostra preocupação em relação aos migrantes temporários, mas apenas com a chegada daqueles trabalhadores que podiam ser prejudiciais ou caros para o estado - doentes, inválidos, loucos. Essa foi, aliás, a razão do estudo: identificar os fluxos de migrantes por origem, categoria e interesse, de modo que conhecendo-o fosse possível selecionar melhor o trabalhador que chegava (8).

Dos anos 1970 em diante a idéia de migração existente no conjunto da sociedade foi mudando: ganhou um sentido negativo, porque esvaziava as lavouras da região de origem e enchia as cidades e o campo da região de destino; criava vazios de trabalho nas lavouras de mantimento e multiplicava os problemas rurais e urbanos do Sudeste, como mendicância e delinquência. A migração passou a ser considerada um problema por toda a sociedade.

Menos por empregadores rurais, aliciadores de trabalhadores sazonais e, sem dúvida, pelos próprios trabalhadores migrantes (9).

## 2. *Histórias das estradas*

A migração para São Paulo e o resto do mundo foi prolongamento e diversificação das saídas para fronteiras agrícolas abertas nas matas do Nordeste de Minas. Foi saída de outro tipo, e outras as questões enfrentadas pelos lavradores, mas as motivações continuaram a ser as mesmas; embora ocorresse ruptura nos objetos e espaços, os sujeitos e razões não mudaram. Entre fronteira e migração há um seguimento que conserva a lógica da reprodução camponesa: vê-las como sequência é mais esclarecedor que analisá-las como descontinuidades.

Minas Gerais, no século XX, foi um forte expulsor de população. O Censo de 1940 mostrava que 12,90% dos mineiros viviam fora do estado: 829.521 pessoas. Nos estudos sobre migração dos anos 1950 e 1960 Minas e Bahia apareciam como as principais origens de migrantes rurais. Contribuíam com 60% dos trabalhadores chegados a São Paulo, naquela época o principal destino. E de Minas Gerais, as maiores levas saíam do Norte-Nordeste (10).

É preciso, porém, distinguir nas migrações para o Sul aquelas que foram sazonais das definitivas, embora os personagens quase sempre sejam indistinguíveis. O trabalhador em geral podia optar por ficar ou voltar à origem, dependendo das ofertas e agrados. Até os anos 1960 migravam mais sítiantes, conforme mostram dados de pesquisa: dos 1.140.065 migrantes que passaram pelo Departamento de Imigração de São Paulo entre 1952/1961, 29% eram de Minas Gerais, dois terços proprietários de terra, 2% agregados (11).

Nesses totais era impossível saber quem ia em definitivo, quem regressava, e daqueles que regressavam não se sabia quais retornariam à migração e se fixariam em São Paulo. Alguns migrantes temporários dos anos 1940 e 1950 lembram que existiam pessoas que iam com muita família - mulher e filhos - principalmente os baianos, mas, lembram-se também, que todos os migrantes do Norte e Nordeste de Minas quando passavam por Belo Horizonte eram "baianos".

Embora seja tentador e muito lógico, não é possível afirmar que migravam definitivamente agregados sem-terras, porque muitos deles foram e voltaram. Mesmo que nenhum bem material deixassem para trás, no começo as saídas de agregados não foram assim tão definitivas, eram idas e periódicas vindas. Os agregados migrantes do Mucuri nos anos 1940 às vezes passavam alguns anos em São Paulo e voltavam para possear no São Mateus, ou de lá iam ao Paraná e Sul de Goiás: eram alternâncias. Mas de certo que os agregados foram ao Sul aos poucos e, em geral, nalguma altura foram de vez. Castaldi conta que nos anos 1940 e 1950 os agregados do Catolé, em Malacacheta, iam e voltavam a São Paulo, e faziam isso de 3 em 3 anos: era o justo tempo entre uma e outra derrubada de mata nova; no intervalo a mãe e irmãos menores davam conta do serviço leve no roçado da família (12).

As migrações definitivas podem ser associadas a agregos mas já ao seu final. Agregados foram sujeitos móveis: deslocaram-se pelas fazendas, estabeleceram relações de subordinação com fazendeiros, mas, sempre e principalmente guiavam-se pelas farturas das matas e extrações. Foram antes subordinados a um sistema que empurrava lavradores para zonas mais novas, de melhores matas e maior abundância.

No entanto o sistema de lavoura de tocos, acabou por provocar esgotamentos relativos na fartura: as extrações minguavam, a fertilidade natural declinava e a pressão populacional reduzia rapidamente as áreas de matas derrubáveis. Assim o agrego não pode manter-se como relação continuada: foi preciso que seus excedentes populacionais buscassem outras saídas que foram, primeiro, as zonas de fronteira agrícola e, depois, os mercados regulares de trabalho, rural e urbano, do Sudeste. Aí funcionava a atração da liberdade da cidade sobre a prisão do trabalho que era o campo. Os registros desde os anos 1940 mostram as diferenças de pagamentos num e outro lugares eram enormes; a liberdade e oportunidade de mudança de trabalho, atraía fortemente quando o mercado de trabalho urbano começou a crescer muito para trabalhador de pouca qualificação. Não foi apenas um esgotamento da terra, embora ele tenha tido um peso decisivo, mas também as possibilidades de transformação de vida que começaram a atrair desde muito antes do fim da fronteira de matas se manifestar (13).

Durante muito tempo foi mais frequente e mais possível, até, os deslocamentos para fronteiras. Mesmo quando elas se mostravam problemáticas, como foi o caso do Contestado nos anos 1940. No entanto isto não excluiu as entradas nos mercados de trabalho rurais do Sudeste, principal, e quase exclusivamente, o trabalho no café em São Paulo. Aconteceu porém que a crise cafeeira dos anos 1930 derrubou os preços do café e do trabalho nele, de modo que fronteira voltou a ser uma opção importante; ou reversivamente, como a pressão demográfica permaneceu constante, as fronteiras tornaram a ser exigidas. Para boa parte dos abridores baianos da feroz mata do Pampã nos anos 1930, São Paulo já havia sido uma má experiência.

Migrantes para a mata do Pampã conheceram primeiro São Paulo antes de enfrentá-la; Moisés Gonçalves, seu Ioiô de Pavão, entre muitos, fez esse trajeto. Trabalhou em Espinosa, fazendo rapaduras ganhando 500 réis o dia de serviço. A duras penas economizou, aos 15 anos foi a pé até Montes Claros e de lá no trem para São Paulo onde trabalhou no café por 6 meses, ganhando 5 mil réis por dia, dez vezes mais que em Espinosa. Depois migrou para o Pampã. Jason de Souza foi outro que fez o mesmo caminho, a pé da Bahia a Montes Claros, daí a São Paulo, e lá ficou 7 anos trabalhando num cafezal. De novo, no começo dos anos 1960, a crise restringiu as mudanças para o Sudeste: no Mucuri, marcou a final e massiva entrada de posseantes nas matas do Itanhém, do Sul da Bahia.

Mas esses mercados e contatos foram abertos aos poucos e, para agregados do Mucuri, até mesmo velhos parentescos baianos - antecedentes de herança, velha e ociosa nobreza de sesmarias partilhadas - tornaram-se amizades frescas porque os caminhos de São Paulo foram sendo inventados devagar e, na medida que os sondavam e conheciam, exigiam novas balizas e conhecimentos: como uma nova fronteira.

Agregados, principalmente, podiam sair em definitivo. Sem qualquer direito sobre a terra, com uma história de mobilidade espacial, no que a fartura minguava as famílias iam

fazendo a estrada de São Paulo, do Sudeste, indo para ficar, e para construir sua história de fartura noutros lugares. Saíam a princípio em ralos grupos, desde os anos 1940, dos lugares que já estavam ficando sujeitos a uma disciplina de uso da natureza mais regrada, a um pouso mais curto, uma terra mais disputada, uma posse quase impossível e um trabalho para outros mais regular. Não saíram como bandos de todos os lugares, mas de alguns pontos muito localizados a princípio, e que daí em diante, quanto mais difícil se tornava a extração e quanto melhores eram as notícias que vinham do Sul, mais sedutoras foram ficando as estradas. Por elas correu o agrego do Nordeste de Minas.

Era uma migração quase sem retaguarda porque entravam numa sociedade muito ou totalmente monetizada, e no mundo que deixavam atrás - a mata que findava, a casa de sede, parentagens e amizade - nada podia confortá-los. Formaram, por isso, grupos de trabalhadores que enfrentaram quase qualquer mercado de trabalho, sem muita possibilidade de escolher entre tarefas de maiores ou menores penosidades. Geralmente permaneceram em ofícios de menor qualificação e renda, em trabalhos rurais ou urbanos, porque também saíram do campo paulista e paranaense quando a cidade passou a oferecer melhores trabalhos e remuneração. Mas eram trabalhadores que não podiam recusar serviço, não possuíam poupanças nem uma família que lhes assegurasse sustento em caso de retorno.

A trajetória dos agregados é muito parecida com aquela dos filhos que sobraram nas heranças de sitiantes. Terra pequena e fartura declinante impuseram a saída de filhos e nesse caso suas opções sempre foram fronteira, agrego ou Sudeste. Essa, aliás, não era parte da vida de apenas um sujeito da família, mas em muitos casos de vários deles, porque o filho sobrando de um sitiante do Jequitinhonha ou Mucuri era, muito certamente, neto ou bisneto de outro - baiano ou riopardense - que saíra nas mesmas condições. Desse modo, a partir de uma certa altura, sem fronteiras, matas, farturas ou agregos, a saída natural passou a ser São Paulo.

Agenor Batista, lavrador assentado em Novo Cruzeiro, conta que nascera e trabalhava no sítio da família, até que, "*Um belo tempo, fiz as contas, e vi que ia sobrar coisinha de nada para mim.*"

Viu que ficaria sem terras, serviço, e outra opção a não ser aquele ralo trabalhinho de diarista de fazenda. Escolheu São Paulo, depois voltou quando fechou-se o mercado de trabalho da construção civil; sua história é semelhante às de tantos outros lavradores que depois vieram estar assentados na terra (14).

Estes filhos excedentes de sitiantes, porém, mais que agregados e seus filhos, possuíam a maior segurança representada pelo sítio, que tornou-se muito importante, principalmente depois que o agrego entrou em rápido declínio, mais ou menos por volta de meados dos anos 1970. A possibilidade de uma saída gradativa, experimentada, com tateios, foi a maior regalia que o sítio permitiu.

É possível então relacionar a migração definitiva para São Paulo com esses dois personagens diferentes que durante muito tempo foram parecidos, o agregado e o filho do sitiante. Mas também é preciso compreender que os dois, mas principalmente o filho de sitiante, não foram de vez para São Paulo, puderam fazer viagens exploratórias, indo e vindo, ficando dois, um ano, uma safra, até firmar lugar no Sudeste ou desafirmar de vez lugar no Nordeste de Minas.

A migração temporária, sazonal, já é outra história, e mais associada aos sitiantes. Os sítios, principalmente no alto Jequitinhonha, criaram sempre um excedente regular de força de trabalho migrante. A produção de mantimentos e algum gado, neles acontece dos baixos das terras de cultura até os altos nos carrascos; só nesses espaços é possível plantio e criação, a terra é fértil e pouca, ocupa pouco aos sitiantes e filhos. Assim a expulsão temporária foi sistemática, e explica muitas dessas andanças de mineiros - coletivas, longas, penosas e tristes, geralmente - por todas as frentes de serviço no Brasil. Não é, porém, fenômeno de uma miséria contrita, como querem fazer crer tantos pesquisadores. Maior parte das vezes estas viagens servem também para formação de patrimônio, estocamento do recurso dinheiro para poder pousar em terra própria, estratégia de reprodução através da inserção nos mercados de trabalho, ficando assalariado temporário para poder permanecer sitiante (15).

A viagem desses trabalhadores foi, logicamente, uma passagem dura nas suas vidas, momento de sofrimento, ansiedade, saudades, situações difíceis e dolorosos sentimentos. Mas, paradoxalmente, foi também um momento pleno de sentimentos positivos: esperança, curiosidade, descoberta e, principalmente, liberdade. Não foi um acontecimento negativo em si mesmo, mostra de decadência e dissolução apenas, como acreditam mediadores e pesquisadores. Passaram uma situação mais completa, uma revelação da trama da sua vida: sitiantes e agregados saindo, conheceram um ponto nodal, ambivalente, rico, total; um feixe de estradas mais que um caminho; uma encruzilhada na estrada da vida.

Ao escolher a migração - ou serem escolhidos por ela - os trabalhadores aparentemente perderam muito. Certamente algo perderam, mas sempre ganharam. Para os filhos excedentes de sitiantes a viagem foi reveladora porque individuou cada sujeito, retirou-o daquele destino de excluído na sua própria comunidade. Os que saíram das fazendas perderam a subordinação e conquistaram uma liberdade: entraram em definitivo no campo vasto de escolhas, na economia mercantil e, quase sempre, no meio caminho da cidadania, do direito, do respeito ao trabalho; o contrário, ou pelo menos uma radical diferença de qualidade, de tudo que fora a fazenda. Perderam farturas, lógico, mas esta já era minguante, e a contrapartida mais dura da servidão foi ficando atrás, quando apuraram o rumo de São Paulo (16).

### *3. As fronteiras urbanas*

Foi dos anos 1970 em diante que as migrações definitivas do Nordeste de Minas ganharam uma dimensão que nunca haviam possuído, e que depois jamais tornariam a ter. Este movimento mais forte de saída começou nos anos 1960, e desde então as vantagens relativas de São Paulo - frente ao agregado e fronteira - só cresceram: era muito mais seguro, remunerava muito melhor e dava acesso a bens de consumo que nem fazendeiros possuíam.

Nesse período do "Milagre Brasileiro" a construção civil de São Paulo cresceu assustadoramente, contratando trabalhadores que não tinham qualquer experiência de trabalho urbano e substituiu o campo paulista como opção de migração. Antes haviam sido

ofertados empregos na cafeicultura de São Paulo, nos anos 1920 e 1930, depois no Paraná, depois novamente São Paulo no campo e, enfim, os trabalhos urbanos, principalmente construção civil. Naqueles anos os sitiantes, a agregação e a construção civil de São Paulo tiveram encontro marcado.

Conta-se que nesse tempo os lavradores endividavam-se, comerciantes emprestavam a juros ou custeavam a viagem de ida na "meia", cobrando metade dos "lucros" que o trabalhador trazia de lá. Em geral ficava cara essa viagem porque os lavradores com família faziam duas despesas nessa demorada saída que movimentou-os aos milhares. São Paulo, que desde os anos 1920, 1930, já era referência de trabalho para camponeses do Nordeste de Minas e da Bahia, tornou-se o caminho da roça nos anos 1960 e a opção generalizada nos anos 1970.

Chegaram então novas mercadorias ao Nordeste de Minas. Os bens suntuários foram deixando de ser cavalos bons de passo, selas de Conquista, botas sanfonadas e capa campista, para se tornarem relógios, rádios portáteis, roupa de fábrica. Foi uma troca de bens artesanais e quase reliquias duradouras, guardáveis por muitos anos, por bens feitos em escala crescente, preço baixo, consumo de massa. Nessa época, José do Vale, vaqueiro antigo, teve destiorado um conjunto de calça e gibão de couro de mateiro que ele possuía há 20 anos, por um filho que viera de São Paulo, campeara um pouco para matar saudades e guardara o traje úmido da chuva que tomara. Ficou todo duro, bolorento, imprestável. O filho, para consolá-lo, deixou-lhe um rádio portátil quando retornou. Foi com ele que José ouviu a narração da chegada do homem à lua. Depois juntou todos os filhos e viajou para São Paulo. Voltaram com o dinheiro para comprar uma fazendinha onde se assentaram em definitivo, camponeses feitos na construção civil.

Naquele final dos anos 1960 e começo dos anos 1970 a expansão da demanda urbana por trabalho fundiu de vez os mercados urbanos e rurais. Os trabalhadores eram recrutados num mercado básico, de baixa qualificação, que dispensava treinamento prévio e registros formais em Carteira. Essa unificação absorveu por algum tempo os fluxos migratórios rurais e essas experiências todas confundiram-se. Com as restrições das possibilidade de reprodução da família na terra, São Paulo tornou-se a nova fronteira (17).

A sinalização do salário urbano de São Paulo era forte, tanto para excedentes camponeses quanto para agregados. Quando Isaias Batista saiu de Itaipé, em 1970, gastava uma semana de trabalho na enxada para receber o equivalente a um dia de serviço em São Paulo. E o pagamento em São Paulo era monetizado, ao contrário das pendências eternas dos acertos feitos na roça.

Os estudos sobre diferenciais de salários nos anos 1970 mostram a força dessa atração. A diferença entre salários do campo e cidade nos finais da década de 1940 era de aproximadamente 100%; diminuiu para 50% no início da década seguinte; aumentou para 150% nos finais da década de 1950 e começos dos anos 1960; depois caiu por toda década de 1960 e 1970, até atingir 28% em 1977. Nessas décadas finais - 1960 e 1970 - principalmente entre 1969 e 1977, houve maior crescimento nos salários da construção civil, embora mais acentuado para trabalhadores mais qualificados. De acordo com um estudo sobre salários, com a remuneração média dos assalariados rurais nos finais dos anos 1960, eles precisavam trabalhar 46 dias para atingir o ganho mensal dos serventes da construção

civil; nesse período houve uma tendência ao crescimento maior nos salários de serventes e pedreiros que de salário mínimo (18).

Acontece que os salários rurais que serviam de base de comparação eram paulistas e, nessa época, os diferenciais estaduais de salários rurais eram enormes, principalmente se comparados ao Nordeste de Minas, onde um vaqueiro antigo, de muita capacitação e serviço mostrado, recebia meio salário mínimo mensal, o maior ordenado das fazendas. Havia, obviamente, todo o arsenal de benefícios indiretos: área de terra para plantio, pesca, caça e extração. Mas, justamente nesse período, essas vantagens escasseavam ou desapareciam, as fazendas impunham normas mais restritivas e começavam a avocar como direito único de proprietário as terras que até então haviam sido de uso comum.

São Paulo foi o climax de uma série de saídas, que para muitos acabaram tornando-se definitivas. Principalmente para aquela população que buscava fartura e que teve fechadas ou esgotadas todas as fronteiras que poderia dispôr. O ajustamento dessa força de trabalho à disciplina produtiva, que não é regulada pelos tempos naturais e exige um regime contínuo e repetitivo de trabalho, é uma história a ser escrita. O que pode constatar-se por depoimentos de migrantes, é que a construção civil nesse período, e mesmo depois, instalou sistemas de organização de trabalho que não foram propriamente fordistas: foram regimes de decomposição do trabalho, subempreitas repetidas, e o trabalhador quase sempre recebia por tarefa, uma vez que era difícil adestrá-los por outro meio. A taylorização do trabalho e a insatisfação com ele certamente explicam sua elevadíssima rotatividade. As Carteiras de Trabalho de lavradores que migraram naquela época apontam uma ou duas empresas por ano; uma saída sempre em maio - festas juninas - e um retorno no segundo semestre do ano, porque as mudanças para São Paulo foram gradativas, com sucessivas experiências até que aquela população de antigos agregados e herdeiros de sítios pudesse firmar-se. Existiam, de acordo com depoimentos dos trabalhadores, absenteísmo, rotatividade, alcoolismo, revoltas e boicotes organizados ao trabalho (19).

As construtoras utilizaram demais o recurso da chefia contratada na própria base de trabalhadores, ao contrário do que fora a norma até os anos 1960, segundo depoimentos de migrantes mais antigos. Os cabos de turma - como os "gatos" responsáveis pelos migrantes sazonais - eram recrutados entre pessoas das comunidades e famílias, ligados por laços de conhecimento e parentesco. A construção civil agiu em relação à força de trabalho exatamente do mesmo modo que as empresas canavieiras, transformando as lideranças de base e família em chefias formais, reproduzindo ascendências rurais no mercado de trabalho urbano.

Um resultado de toda essa história foi a qualificação urbana de boa parte dessa força de trabalho rural, que era absorvida sem outro preparo que a lida rural e, no máximo, a escola de roça. As pesquisas com migrantes dos anos 1960 e 1970 mostravam baixíssimas taxas de alfabetização, mínima escolaridade formal. Os depoimentos de migrantes dessa época confirmam isso: havia muita requisição de escreventes de cartas, e os cursos técnicos qualificadores de operários fizeram grande sucesso. Essa população migrada transformou-se em operadores competentes de equipamentos de certa sofisticação; através de cursos de aperfeiçoamento muito deles passaram por qualificações industriais (20).

Mas não custa repetir que esse foi um fenômeno muito lento a princípio, porque as migrações acontecem sempre por rotas, associando grupos dos locais de origem e destino. Foi raro um trabalhador que se deslocasse solitário para um destino desconhecido: sempre fez a viagem corporativamente, em busca de um contato familiar, parental, comunitário ou conterrâneo no local de destino.

A origem do trabalhador sempre foi associada e costumou influir grandemente sobre o local de destino. Saíram de cada município de origem trabalhadores para vários destinos, e lá encontravam empregos em setores diferentes, de modo a formar um leque grande de opções, impossível de ser acompanhado com exatidão. Mas cada local de origem teve uma certa "correspondência" com um destino, existiram ligações fortes entre os dois. Dentro de municípios a migração temporária variou de destinos, determinada por microrregião, por córrego, por comunidade, e às vezes até mesmo por família e amizades próximas. Em geral cada trabalhador migrante tendeu a sair para um destino determinado pela comunidade, pelo "gato" - quando havia -, pelos amigos, ou por seu próprio conhecimento.

Isso quer dizer, vindo de outro modo, que o trabalhador raramente migrou sem saber para onde ia, com quem ia e o que encontraria. Raramente alguém migrou "no escuro": sempre procurou proteção ou companhia de parentes, amigos ou vizinhos; migração envolveu solidariedade e segurança, apesar de não parecer. Mesmo quando o trabalhador ia solitário a migração não era um procedimento solitário, porque ia confiado em malhas de segurança que sua história, comunidade ou família construíram (21).

Os trabalhadores que foram para São Paulo em bloco nesses anos de milagre e céu paulistano, saíram principalmente de fronteiras impossíveis e fazendas esgotadas. As zonas do Nordeste mineiro foram as que mais perderam população no estado nos anos 1970: Mantena, Nanuque e Almenara. Eram áreas de fronteira, as duas primeiras, e velha área de agrego, a última. De modo que aquele movimento regular de agregados de uma para outra fazenda, o trânsito perene que os vinculava à terra e sua cadeia de relações durante toda a vida, foi sendo trocado pela estrada de São Paulo. E então as velhas relações entre fazendeiros e agregados também velhos foram-se tornando exatamente isto: coisa dos antigos, porque os jovens trabalhadores encontraram outro caminho e os jovens fazendeiros também, e aos poucos no correr dos anos 1970 e 1980 foram construindo outras normas de convívio. Ao final desses anos, em quase toda a zona, agrego era coisa do passado. Extinguiu-se o agrego como relação entre pessoas: os que foram ficando velhos e o mantiveram, os novos não o recriaram. Sumindo, como as gerações que o viveram, como a fertilidade que o sustentou.

A experiência de São Paulo foi decisiva nessa história toda. Mas não foi só porque reteve maior parte da população migrada: também porque marcou o conhecimento do mundo daqueles que retornaram, para quem as experiências de trabalho e vida passaram a ser mediadas por referências muito maiores que a vizinhança. Aquele mundo do sítio e da fazenda abriu-se noutras direções, ampliou-se, mesmo que já fora sempre há muito tempo aberto. E do mesmo modo que fazendas e empresas colocaram suas referências de negócios e preços sinalizados por um mercado nacional, assim também trabalhadores rurais e sítiantes mediarão-se por essa sinalização, e investiram boa parte, ou talvez a maior parte dos seus

esforços coletivos para construir na primeira metade dos anos 1980 suas organizações também nacionais.

#### 4. *Os caminhos de Deus*

Até por volta dos fins dos 1970, para os lavradores do Nordeste de Minas, o céu estava em São Paulo. Depois não pode estar mais. Tiveram então que ousar fazer seu paraíso por ali mesmo. Contaram para isso com a ajuda dos seus padres e sindicatos.

Na segunda metade dos anos 1970 o trabalho na construção civil foi retraindo em São Paulo e nas grandes obras restantes dos tempos mais animados da ditadura. Os salários no setor formal caíram, no Nordeste de Minas subiram um pouco, e a viagem definitiva foi-se tornando uma opção mais difícil para aqueles que deveriam sair de uma vez. Desde esta época as saídas foram orientadas para cidades mais próximas, mercados mais difíceis, como Belo Horizonte, Contagem, Ipatinga; cidades médias e polarizadoras como Teófilo Otoni, Governador Valadares. Ou para impossíveis distâncias nas novas fronteiras: Pará, Rondônia, Maranhão. No limite, para quem tinha dinheiro, os Estados Unidos. Isso, no Mucuri.

Para sitiantes e deserdados do Jequitinhonha, para filhos de agregados do baixo Jequitinhonha, a estrada continuou sendo São Paulo: foi-se a construção civil, veio a nova força das usinas de álcool. Foram se esparramando para as diversas frentes de trabalho rural sazonal que a expansão agrícola abriu na virada dos anos 1970 para 1980 em Mato Grosso, Triângulo Mineiro, Goiás, Sul de Minas.

Foi nessa época de liquidação das opções de trabalho, de agregação terminal e fertilidade minguando em fazendas e sítios, no tempo do nascimento da crise dos anos 1980 e da abertura política, que nasceu a organização sindical dos trabalhadores rurais e renasceu a luta pela terra. Surgiram animadas pela Igreja Católica, que realizou paciente trabalho de formação e educação política de bases desde o começo dos anos 1970, em toda a área das Dioceses de Teófilo Otoni e Araçuaí (22).

Então São Paulo não seduzia mais e os remanescentes agregados na maior parte das fazendas passaram a enfrentar situação difícil, pois não mais saíam de boa vontade em busca de melhoras. Cada saída era certamente ao encontro de um futuro muito turvo.

De outro lado a fazenda queria a terra. Desde fins do anos 1960 e começos dos anos 1970, quando tornava-se mais ativo o mercado de terras, já havia exigências que as terras deveriam ser entregues "limpas" ao comprador, quer dizer, sem agregados. José Curralinho contava que na famosa venda da fazenda Derribadinha, em Carlos Chagas, nos fins dos 1960, o comprador exigira recebê-la de "*portei ras fechadas*", como se diz, sem que nada fosse tirado, mantidas aquelas 19.000 cabeças de galinhas a bois que a povoavam. Mas nem um agregado sequer.

Datou daí o começo dos "acertos" de agregados. Não eram ainda aqueles monetários, mas simbólicos. Agregados que possuíam casa e quintal na fartura da roça, recebiam casa com quintal na cidade, trocavam-se equivalentes. E saídas, no começo,

sempre estavam associadas a vendas de terras; o fazendeiro absolvía-se e era absolvido de responsabilidades, porque o agregado perderia de qualquer maneira aquele mando e convívio. Enquanto o mercado de trabalho paulista ofereceu emprego essa era até uma solução pacífica, porque o agregado trocava um serviço por outro: noutros mundo, condição, trato, disciplina e norma. Mas sempre havia certeza de emprego e sustento da família.

Nos fins da década de 1970 essa situação estava completamente mudada. A maioria dos agregados saíra, já. Ficaram aqueles apegados à fazenda e seu mando, aqueles outros que não sabiam como sair porque não podiam aprender mais nada, que não podiam sair por não saber lidar com nada daquilo que era a cidade. Os que ficaram eram agregados dos extremos: que viviam melhor na fazenda em posição de "força" e melhor renda, ou aqueles de extrema "fraqueza" e desvalimento, ou, finalmente, os poucos que foram absorvidos na fazenda como trabalhadores, aí sim, transformados em novo estatuto.

Foi nesse cenário que o sindicalismo germinou, principalmente no Mucuri. No alto Jequitinhonha foi outra história, e no Jequitinhonha de baixo outra, ainda, mais diferente.

No Mucuri, em Poté, havia sido fundado em 1962 o primeiro sindicato de trabalhadores rurais de Minas Gerais. O sindicato de Poté nasceu com lavradores e Igreja Católica: o padre Teodoro, diziam Serafim e Joaquim de Poté, gostava de "assuntos sociais". Tinha, também, muito medo da influência do Partido Comunista no meio rural. Adiantou-se o padre criando o sindicato, formado para escudar uma modesta cooperativa de consumo e crédito de sitiantes e agregados. Depois veio Ditadura e perseguição, prisão dos diretores: o "*pegapracapá*" como diz Serafim Cardoso, o tempo duro, quando a Carta Sindical teve que ficar escondida embaixo de uma pilha de tijolos, e pouco mais restou aos seus diretores e sindicalizados que um encontro duas vezes por mês na Capela de São Miguel para rezar juntos e comentar a meia-voz o que acontecia no mundo (23).

Não só em Poté, mas em todo o meio rural e urbano do Mucuri e Jequitinhonha, a Igreja Católica teve uma forte presença: desde as viagens de frei Samuel e dos franciscanos pelas selvas. Na década de 1960 os padres começaram a se aproximar meio timidamente do povo da roça já com outra mirada, que foi-se tornando próxima depois de Medellín, e que enfim transformou-se em definitiva conquista quando entrou em cena o padre português Jerônimo Nunes, no começo dos anos 1970.

A semente de Medellín, uma Igreja voltada para os pobres, germinou durante todos os anos 1960 e emergiu enfim, nos 1970. No Mucuri existiam dois estimulantes para que o destino fosse assim orientado. Um era o fabuloso êxodo que acontecia em toda aquela zona, com a saída sem freios de população rural e as mudanças longas para as fronteiras de São Paulo ou já da Rondônia. Outro era o bispo dom Quirino, ecumênico e tolerante no pastoreio daquela Diocese da qual fora o primeiro bispo. Foi nesse cenário que a Igreja - parte grande e animada dela - aliou-se aos pobres da roça e deu origem ao que depois veio a ser história.

O serviço nasceu por tateios. Nada, na verdade, de toda aquela fala do compromisso religioso, opções, métodos e instrumentos estava pronto quando padre Jerônimo fez seus primeiros contatos com os camponeses remanescentes do velho sindicato de Poté. Ao que contam os que viveram a aventura, foi-se inventando tudo, porque entre as antigas lutas

pela terra dos anos 1960, a passada organização do sindicato de trabalhadores rurais do sapateiro Chicão de Governador Valadares, a falecida cooperativa dos lavradores de Poté. pouco restou além de lembrança e exemplo. Principalmente não era possível herdar métodos: o que se fizera às claras nos anos 1960 nem entre quatro paredes era possível ser feito nos começos dos anos 1970. E o que fora tentado por vanguardas solitárias anos antes, perdera completamente o sentido numa época que nenhuma atitude poderia ser individuada. Seriam ações de lavradores, trabalho de Igreja, movimentos de evangelização: medidas coletivas; pouco resultaria do voluntarismo, quase nada, a não ser prisão e constrangimento.

Nesse meio surgiu o padre Jerônimo Nunes, um português da então misteriosa Sociedade Missionária da Boa Nova, que jamais tivera presença no Brasil, mas que decidira, empolgada por Medellín, pelas guerras da descolonização africana e por demandas da Diocese, aventurar pelos esconsos brasileiros. A característica principal desse missionário, segundo contam os que o conheceram naqueles tempos, era uma dosagem muito equilibrada de dúvidas metodológicas, teimosia e fé. Foi a partir dessas matérias - que poderiam ter redundado noutro projeto, fosse mais frágil o caráter do missionário e outras as circunstâncias - que o padre Jerônimo construiu sua trajetória de evangelizador, alcançando produtividade e saliência equivalentes àquelas que só haviam sido conquistadas pelo notório frei Samuel Tetteroo, cinquenta anos atrás.

Padre Jerônimo foi posto no campo quase que por descuido: camponês do Minho, quase noviço, sobrara na repartição das paróquias mais disputadas. Restou-lhe o vazio do rural, onde o bispo queria barrar a expansão pentecostal a qualquer custo, mesmo ao alto preço da montagem das célebres e subversivas Comunidades Eclesiais de Base, CEBs. O padre ocupou o espaço depois de muitas e circunstanciadas voltas com os remanescentes da organização de Poté. Foi nas ruínas do sindicato que o pregador, vendo os fracos progressos da liturgia tradicional, abandonou a ritualidade excessiva da celebração para conduzir sua Igreja a um contato mais frutífero e feliz com o povo da roça. Trocou batina e formalidades por camisetas de propaganda de supermercados, chinelo de dedo e cigarro de palha - usava fumo terra de feijão ou de Comercinho - mudou a rotina do convívio com os fiéis. Vendeu seu automóvel de serviço para custear a edição de um livro com o que cantava e compunha seu rebanho - e que muitos sequer sabiam que aquilo era, afinal, poesia - e daí possuíram um novo breviário. Assim foi celebrar suas dúvidas e angústias com camponeses que choravam a tristeza da saída de seus parentes, com agregados que perdiam, cada dia, um pedaço de sua terra de plantio e seu futuro no dismantêlo que se tornavam as relações com fazendeiros.

Foi desse modo que o trabalho prosperou, muito embora custasse ao padre Jerônimo oposição de parte do clero que queria ação religiosa no campo, não Teologia da Libertação com lavradores. Mas, se isso separou na Igreja, serviu também para unir: parte dos padres da Diocese passou a um dedicado trabalho de campo, principalmente outros portugueses e os muitos italianos; ganhou oposição, mas também adeptos.

Os antigos militantes do sindicato de Poté conservaram o secreto orgulho de haver conquistado esse português para sua causa. Poté, dos primeiros distritos de Teófilo Otoni, fora área povoada por indígenas "amansados" no tacão da bota, ponta do chicote e castigo do tronco por poucas famílias de chefes da mata. O padre Jerônimo foi um português que

os nativos de Poté "amansaram". E amansaram-no bem, porque foi daí, desse encontro, que propriamente nasceu - muito mais que renasceu - o moderno sindicalismo dos trabalhadores rurais mineiros (24).

O campo do trabalho sindical nesses começos confundia-se com o religioso e o imediatamente político, pois as peias da ditadura deixavam tão restritos espaços a essas ações que melhor seria acontecerem juntas. E tudo, afinal, foi respaldado por uns tempos pelo grande pára-choques da Diocese: as tarefas aparentemente simples do começo não eram mais que reunir e rezar; ao afinal da reza os celebrantes provocavam algumas timidas mas sérias questões sobre a situação daquele grupo, que podiam ou não frutificar em conversa mais longa. Data desse tempo a adesão à causa de uma liderança leiga de Igreja que também veio depois a ser muito conhecida: Zilah de Mattos, Zilah de Poté, capaz de romper léguas no solado das suas alpercatinhas para animar Comunidades de Base nas grotas mais escondidas do Arrependido, Caracatã, Norete e Sete Posses. Junto ao religioso e Serafim Cardoso, saiu por todo o Mucuri sondando terreno, espalhando as frutíferas idéias que não definiam-se com exatidão entre fé, sindicalismo e política, mas traziam consigo o peso da dúvida sobre as certezas do mundo, que sempre movera o padre.

O sindicalismo de trabalhadores rurais transformou-se no seu primeiro tema. Mas a dificuldade era enorme, porque existiam poucos exemplos de resultados promissores. Além do mais havia a força do domínio fazendeiro. Por isso as conversas prosperaram mais entre sitiantes, e em quase todos os municípios foram estes os que abraçaram as propostas sindicais e levaram à frente um projeto confuso, mas coeso, de luta por imprecisos direitos. Eles, que não deviam submissão a nenhum dono de terra, pouco, já, tinham a perder com as tantas baixas que o êxodo rural havia promovido entre seus filhos.

Assim começou o sindicalismo naquele Nordeste de Minas. No início dos anos 1980 tomava os direitos de quem morava na terra como assunto de atuação. Naqueles sindicatos - pelegos - que haviam sido fundados por políticos do governo para transformá-los em agências de favores e multiplicar eleitores, como postos de FUNRURAL, médicos e dentistas - as oposições disputaram direções e, à força da insistência, fizeram surgir oposições combativas (25). Procederam assim até todos, ou quase todos, os sindicatos entrarem numa linha política mais decidida. Foi o trabalho de uma década. Já aí nesse meio dos anos 1980 a Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Minas Gerais - FETAEMG - era outra força que surgira, e junto a isso germinara o Partido dos Trabalhadores - PT. Tudo nesse confuso tempo em que as diferenças eram mínimas ou inexistentes entre o que era sindicato, partido, igreja.

Foi contando com essas forças que os Sindicatos de Trabalhadores Rurais - STRs - levantaram algumas causas. O tema do desagregamento, nos seus últimos suspiros, passou pela mesa do sindicato, e, diga-se a bem da verdade, mais para conciliar que para atizar conflitos. Das intervenções sindicais nesse campo resta uma memória dos acertos promovidos pelo Sindicato de Trabalhadores Rurais de Poté. São documentos de agregados, feitos entre os anos 1977 e 1984, quando uma direção mais aguerrida assumira: acertavam em geral por casa na cidade, trocavam direitos de morada por pouco dinheiro, envolveram muitas vezes roças dos lavradores, e os agregados saíram com seus bens móveis, apenas. Existiram saídas sem nenhuma indenização - mostrando que havia interesse

dos dois lados em resolver aquilo - e acertos fora do sindicato, que apenas confirmavam a finalização da moradia. Na sua maioria eram ajustes pacíficos. As somas desses acertos nunca chegavam a ser grandes, no máximo 15 salários mínimos da época (26).

Mas a descoberta principal dos sindicalistas, padres, irmãs e agentes de pastoral não foi o direito trabalhista, como muitos pensam. Foi, principalmente, o direito à terra. Sob muitas daquelas antigas relações de agregação, cuja origem sumia na poeira dos tempos, existira uma tomada de terras, a inclusão de moradores em terras que a fazenda incorporava. E se isso ficara em silêncio durante todo o tempo do agrego - pelo respeito que se cultivava, o afeto que se trocava, a força que construía o domínio e a fraqueza cevada na fatura das matas da fazenda - no seu crepúsculo emergia com força, pois afinal tudo aquilo que fundamentava o agrego era baseado em reciprocidades e dons, e expulsar agregado ou "impor condição" era destruir a mutualidade que sustentava aquele mundo. Foi assim que esses últimos e rompidos desagregos fizeram desabrochar posseiros, e junto dos posseiros a luta. Isso validou boa parte das ações dos novos sindicatos e concedeu ao tema do desagrego um novo e inusitado perfil de luta pela terra, dentro dos estreitos direitos que lavradores possuíam, nas brechas que o permitiam legislação e poder.

Esses direitos surgiam de casos de famílias que nos anos 1910 migravam para a divisa da mata, que na época era fronteira agrícola, de livre ocupação. Ao se instalar as famílias tornavam-se camponesas: dominavam sem ônus a terra explorada com trabalho familiar. Com o tempo aquela área podia ser "*compreendida*" numa fazenda que expandia por ali os seus limites; daí as famílias tornavam-se agregadas, sem qualquer mudança na apropriação da natureza, nas relações de produção, trabalho ou comércio. Estabeleciam apenas um laço - às vezes muito vago - de subordinação com a sede. Sobrevivendo a mesma situação até os anos 1980, a venda ou partilha da fazenda - já legitimada e convertida quase plenamente em propriedade - levava à tentativa de expulsão dos agregados. Se estes resolvessem resistir e levar à frente, com apoio do Sindicato e da Igreja, a luta pela terra, tornavam-se outras pessoas: de agregados viravam posseiros e pelo tempo que durasse a luta esta categoria que os motivava e explicava politicamente. Se ao fim da luta recebessem a terra, como área coletiva ou parcelar, tornam-se, enfim, sitiantes: camponeses. As mesmas famílias, com a mesma relação de exploração da terra, passaram cronológica, histórica, política e sucessivamente pelas categorias de camponês, agregado, posseiro e camponês sem que os sistemas de trabalho familiar e extração se alterassem, embora fosse sempre modificado seu estatuto jurídico, definidor de sua relação formal com a terra.

Às custas de pressões e conflitos os sindicatos e Igreja sustentaram este como seu mais duradouro combate, e foi dele que nasceu depois a luta mais decidida pela terra, que seduziu a todos para erigir enfim o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra. Ele fez sua estréia no Nordeste de Minas Gerais com a ocupação da fazenda Aruega, em Novo Cruzeiro, exatamente com esses parceiros, noviços de tomada de terra, mas veteranos em lutas por direitos de agregados: os sindicatos e a Igreja Católica.

Foi também a partir desse momento de desagrego que surgiram os velhos índios feito agregados. Como desapareceu a milagrosa fatura, os índios disfarçados de agregados ressuscitaram, já sem poder negar sua condição de brasileiros, testemunhando a extensão da derrota total que sofreram nessa guerra (27).

O fim do agrego desenterrou esses desacertos. Jamais se imaginaria que um convívio tão forte e doce pudesse guardar, nas profundas, conflito tão denso.

O chamado trabalho de base no Mucuri teve duas fases, ascenso e queda, nenhuma das duas abrupta. Foram suaves, quase imperceptíveis, como costumam ser as mudanças. Cresceu e depois caiu principalmente porque surgiu oposição forte dentro da Igreja. Desde 1978 havia descontentamento com o trabalho popular de parte do clero. Padre Giovanni, vigário da Matriz de Teófilo Otoni, transformara aquela Igreja na matriz das comunidades. O padre Mamede, da pastoral urbana, posicionou-se em lutas de terras urbanas. O bispo, acreditam os membros das pastorais naquele tempo, tinha saudades da classe média. Depois chegou um bispo auxiliar, e separou para sempre a Igreja dos movimentos populares, que até então andavam juntos.

No sindicalismo também não ficou muito bom o clima. Os militantes se cansavam da falta de resultados concretos. O paraíso não chegava depois de anos de lutas, perseguições e sacrifícios; candidatavam-se, investiam esperanças, e perdiam, eleições e sonhos. Em geral a luta morria quando se criava ou se conquistava o Sindicato: a conquista consumia todas as energias, a burocracia afogava a militância. Em 1980 e 1981 as pastorais da diocese de Teófilo Otoni fizeram avaliação de sua caminhada, notaram que a linguagem de todos os trabalhos era da política, da esquerda, da revolução: nada pastoral. Liberaram militantes e agentes de pastoral, mas ocorreu uma profissionalização da militância, que depois julgaram ser muito negativa, pois a dedicação diminuiu em vez de aumentar, e os resultados foram sendo cada vez piores. A avaliação quase consensual de todos que viveram aqueles anos e idéias foi que a Teologia da Libertação deu poucos resultados imediatos, ou pelo menos gerou resultados excessivamente concentrados: lideranças qualificadas, mas poucas; comunidades que avançaram, mas limitadamente.

Assim, bem feitas as contas do que foram esses anos depois do agrego, do nascimento do sindicalismo de trabalhadores rurais e da sua expressividade, foi muito pequena a parte daquelas esperanças que puderam ser transformadas em desfrute. A hierarquia da Igreja Católica ressentiu-se demais da sua mistura com os movimentos sindicais e políticos, e promoveu uma faxina política para ter de volta seu papel de zeladora dos espíritos.

Sem a menor sombra de dúvida, todos esses acontecimentos geraram dentro da base de Igreja um movimento muito forte de afirmação da identidade, e principalmente polos combativos em defesa de direitos de excluídos. As Comunidades Eclesiais de Base -CEBs - produziram já uma ou duas gerações de firmes lideranças camponesas que encontraram seu próprio caminho num sindicalismo e ação política que foram ficando mais leigos, embora não necessariamente melhores.

Mas o céu não foi alcançado, nem o fim daquela caminhada que se pretendeu solidária. Ela serviu para descobrir o tamanho do purgatório que se vivia, para revelar a extensão do tanto que restava trilhar. Mostrou limites, quase nunca resultados; não conseguiram, afinal, fazer uma terra sem males. Mas descobriram, nessa caminhada, os males da terra e a lonjura dos céus (28).

*Notas ao Capítulo XI. Sãpaul' e outros santos*

(1) Existem muitos estudos sobre migrações sazonais, principalmente do alto Jequitinhonha para o Sudeste do Brasil, desde os anos 1980. De acordo com a maioria dos pesquisadores que tratou do tema, as viagens anuais de lavradores começaram a partir da década de 1970, com a implantação dos reflorestamentos nas terras planas das chapadas. A grilagem promovida pelas reflorestadoras eliminou a possibilidade dos camponeses continuarem retirando da chapada os frutos, a madeira e a lenha - que complementavam de forma importante sua economia - e criou o mercado de terras. Pressionados pela escassez de terras, recursos naturais, queda da produção e renda, só restou aos lavradores das grotas a ida para São Paulo, como alternativa de sobrevivência. Em geral concluem que o terreno da família vira um pouso onde o lavrador fica a parte do ano que não está em São Paulo: como andorinhas, acostumam-se a passar verão e inverno em lugares diferentes. O resultado dessas mudanças, tão constantes, tem sido dissolver ou enfraquecer os laços da cultura, da lavoura, da família, da religião. A pobreza dos lavradores fica cada vez mais acentuada: viajando, descuidam do sítio, e são novamente forçados a viajar. A migração como resposta às dificuldades, torna-se um destino. Os autores tratam desse tema assim, com pouca variação. Consultar sobre migração os artigos de Silva (s.d., s.d., 1988); ver também SPM (s.d.), Medeiros Silva (1990), Rios Neto e Vieira (1990) e Martins (1986). De acordo com José de Souza Martins, as migrações dos anos 1970 em diante tem sido mais documentadas e acompanhadas,

*"Talvez porque diversamente das migrações dos anos 50, esse novo fluxo não seja adaptativo, mas promotor de uma ampla desagregação social nas áreas de origem e completa e planejada indaptação nas áreas de destino, geralmente os grandes canaviais na época da safra."*

[Martins, 1993]

(2) As fontes de informação sobre estas viagens estão em Ferreira (1934), Pereira (1969), Timmers (1969,ms), Tetteroo (1919, 1922), Bosco e Jordão Neto (1967), Silva (sd), Martins (1986 e 1988). Reconstruí vários dos trajetos de migrantes em duas pesquisas no Nordeste de Minas Gerais. Uma, na área atingida pela barragem de Irapé (1992); outra, chamada "Mapeamento dos deslocamentos de trabalhadores rurais", foi feita em 1995 para a CONTAG, a quem agradeço a cessão do material primário para ser usado nesta tese. Ver, também, sobre migrações, vários depoimentos de lavradores em Ribeiro (1996).

(3) Ver, sobre migração, Lanna (1986) e as coleções de *O Serro*. Dizia a Câmara:

*"Tem havido emigração de trabalhadores para o município de Teófilo Otoni e para o estado de São Paulo, em número talvez superior a 1.000.."*

[Questionário, 1893]

(4) Sobre migrações no começo do século XX ver Ferreira (1934). "*Chapadeiros*" e "*cacaieiros*" são descritos por Olímpio Soares e Serafim Cardoso em Ribeiro (1996). Wagner Ribeiro (1966) descreveu assim esses migrantes:

*"Mas uma outra instituição mineira está até agora esquecida aqui em Minas. E ela, na região de Minas Novas, é das mais antigas, coeva e herdeira das bandeiras paulistas e baianas. Os chapadeiros, os cacaieiros, com seus trajes característicos, o seu cacaiio às costas à guisa de mochila, a sua organização um tanto rígida, como que militar, caminhando longe sob o comando de um só chefe com os seus cabos, dirigindo-se ora pelas redondezas até a região de Teófilo Otoni, ora para mais longe. Iam até as lavouras e cafezais de São Paulo e de lá voltavam para outros destinos. Sempre sob o mesmo comando, a mesma arreata, embalados pelas cantigas à noite ao som da viola ou do cavaquinho que nunca se separavam. Traziam sua 'troca' de roupa, não raro tecida e tingida por eles mesmos ou buscadas fora, no Arraial de*

*São Domingos. Os 'chapadeiros' criaram em Santa Cruz da Chapada de Minas Novas, um bloco de costumes que eles mesmos se encarregariam de levar para os recantos de Minas e de São Paulo. Sua finalidade era a de empreitadas para as roças e trabalhos da lavoura. Todos com calças pretas - a camisa amarelada os da Chapada e de tom azulado os de Água Limpa. Com sua troca de roupa e seus panos por eles mesmos tecidos e tingidos, suas 'pracatas' de couro cru somente usados em terrenos ásperos. Em fila indiana para facilidade nas trilhas e no vadear as pinguelas; com um cabo experimentado na frente para decidir nas encruzilhadas."*

[Ribeiro, 1966: 189]

(5) Assim compreende-se parte do processo de substituição da mão de obra de colonos em São Paulo. Nesse processo a migração estimulada, o pau de arara e o "trem baiano", cumpriram papéis muito importantes. Ao lado de um fluxo regular de saída de trabalhadores colonos, houve a política sistemática de atração de força de trabalho. Ver sobre este assunto Bosco e Jordão Netto (1967) e Durhan (1973). Olímpio Soares esteve sazonalmente em São Paulo no final dos anos 1940 e 1950; disse que

*"nunca vi paulista pegando no pesado, fazendo o serviço que a gente fazia"*

[Ribeiro, 1996: 138]

(6) Ver Carvalho (1916) e Farhat (1961).

(7) Ver Guimarães (1977).

(8) *"Fossem as levas melhor orientadas, assistidas e selecionadas, estariam bastante minorados os reflexos negativos das migrações internas para SP ( elevação do índice de criminalidade, declínio das condições eugênicas da população, queda do padrão de vida do proletariado rural, aumento do subemprego, proliferação de favelas) e ressaltariam ainda mais os inegáveis efeitos positivos para a conjuntura sócio-econômica do Estado, tais como suprimento de mão de obra barata à agricultura e liberação de mão de obra melhor qualificada para a indústria."* [Bosco e Jordão Netto, 1967: 28]

(9) É importante levar isto em conta quando se trata do assunto. José de Souza Martins (1988) diz que a migração é um tema transformado em problema pelo meio urbano, mas é um problema para quem, pergunta ele? Para os grandes proprietários dos locais de origem que perdem mão de obra e poder; para a classe média, assustada com o enchimento urbano. O ponto de vista não é dos migrantes. Com o tempo, a preocupação com migrantes transformou-se em uma "busca de novas formas de tutela sobre eles." Isto, "(...) apenas substitui a tutela clientelística do fazendeiro por uma tutela nova, esclarecida, iluminística, mas não emancipadora."

Martins observou que migração é problema para alguns, e não para todos; principalmente, quase nunca é um tema posto como problema pelos trabalhadores que vivem a migração; é um problema para as populações urbanas e modernas. Para os lavradores, sempre foi solução.

(10) Os dados do Censo de 1940 foram comentados por Diniz (1981). As zonas de origem de migrantes foram listadas por Bosco e Jordão Netto (1967). De acordo com eles a liderança era do Alto Médio São Francisco, com 30,55% dos migrantes, seguido do Alto Jequitinhonha com 21,10%, Itacambira com 14,57% e Mucuri com 10,12%. O total de migrantes em 1958 foi 15.931, e em 1959, 30.451. A maior parte dos migrantes era do sexo masculino, entre 18 e 40 anos de idade - o que leva os autores a considerar este um fenômeno muito positivo - 68,27% deles estavam entre 20 a 35 anos, e 14,13% entre 14 e 19 anos. Ver Bosco e Jordão Netto, 1967, particularmente páginas 42/65.

(11) Bosco e Jordão Netto (1967: 69)

(12) Castaldi (1957); ele foi um dos poucos autores brasileiros, senão o único, que associou migração à lógica do sistema produtivo agrícola dos camponeses.

(13) Durham, que pesquisou antes do grande êxodo dos anos 1970, reparou esse aspecto:

*"Nota-se imediatamente que a migração não decorre, em geral, de uma situação anormal de fome ou miséria, desencadeada por calamidades naturais. Ao contrário, a migração aparece como resposta às condições normais de existência. O trabalhador abandona a zona rural quando percebe que 'não pode melhorar a vida', isto é, que a sua miséria é uma condição permanente."*

[Durham, 1973: 198]

(14) Wolf, entre outros pesquisadores, definiu muito bem tal situação:

*"Uma das consequências do sistema de herdeiro único é a divisão da sociedade camponesa em dois grupos: herdeiros e deserdados. Essa divisão implica que o estágio estabelecido para o desenvolvimento de uma aristocracia camponesa, entre aqueles que necessitam manter intactas suas propriedades, é dominante. Desenvolvem-se fortes pressões que inibem os casamentos de filhos e filhas deserdados. Ao mesmo tempo, diferentes reivindicações sobre a terra vão significar que somente os herdeiros possuidores poderão ter famílias, geralmente escolhendo seu conjugue entre outros grupos domésticos do seu nível. Esse tipo de relação forja fortes alianças entre seus componentes, geralmente dirigidas contra seus colaterais e membros despossuídos. Os sem-terra e os deserdados formam uma reserva de trabalho. Se permanecem na comunidade camponesa, têm que trabalhar para parentes aquinhoados. Se vão embora, procurarão emprego em outro lugar."*

[Wolf, 1976: 107]

(15) Sobre migração diz Castaldi:

*"Só consegue fazer economia quem emigra; os habitantes de Catulè conhecem uma pessoa que, tendo emigrado para São Paulo voltou depois de vários anos com o dinheiro necessário para comprar um sítio."*

Apesar dos percalços para realizar a compra de terra, o autor observa que

*"(...) não se pode negar a utilidade da emigração pois, muitas vezes, quem emigra consegue ganhar, ou melhor economizar, pelo menos o suficiente para financiar os trabalhos de parceria, evitando assim ter de pedir dinheiro emprestado."* [Castaldi, 1957: 62]

Bosco e Jordão Netto dizem que

*"a grande atração de São Paulo e do Sul em geral é realmente a possibilidade que oferecem para se ganhar dinheiro a curto prazo, permitindo o regresso à terra com capital suficiente para 'melhorar a vida', segundo os padrões locais. (...) Quando demandam o Sul, não vêm propriamente em busca de um nível de vida mais elevado dentro dos padrões sulinos, mas à procura de recursos financeiros que lhes permita 'melhorar a vida' em sua terra, dentro dos seus próprios padrões."*

[Bosco e Jordão Netto, 1967: 114]

Wolf dizia que a migração temporária trazia um efeito fortalecedor sobre as comunidades camponesas:

*"A riqueza adiconal pode também ser conseguida enviando-se filhos e filhas bem dotados em busca de recursos fora do ambiente camponês. Enquanto alguns membros mantem sua ligação com a terras, conservando sua propriedade sob uma única administração, outros a deixam, sazonal ou periodicamente, com o objetivo de adiconar a seu capital liquido doméstico injeções de fontes exteriores. Tal unidade tem também uma grande capacidade de resistência em periodos de declínio ou dificuldades económicas. Em épocas de depressão ou guerra, os membros de fora podem voltar ao rebanho para ali ficarem durante a atribulação. A família extensa pode assim funcionar como um artifício de segurança social bastante mais flexível do que a família nuclear, que é fraca porque sua vigência depende das habilidades produtivas de um membro de cada sexo."*

[Wolf, 1976: 112]

Sobre migração e formação de patrimônio no Jequitinhonha ver Ribeiro (1993).

(16) Sobre a noção histórica de mudança qualitativa ver E.P.Thompson (1987). Dois autores brasileiros que trataram migração nessa perspectiva foram Martins (1988) e Amaral (1988). Diz Martins que para o migrante a migração tem a lógica do maravilhoso, da mercadoria e do dinheiro: "*(...) o mundo se torna mais amplo e poderoso em relação àqueles que, justamente, vivem no mundo limitado da carência.*" [Martins, 1988: 28]

A migração, diz ele, tem 2 faces: se por um lado acentua a exploração do trabalhador, por outro *"liberta-o da coerção permanente, das relações de dependência pessoal com o fazendeiro. Rompe a dominação pessoal, abre alternativas de pobreza. (...) Qualquer projeto de solução do 'problema' falhará se for um projeto de restauração e se não incorporar os aspectos positivos e libertadores da migração e da desorganização social que ela acarreta."* [Martins, 1988: 30]

Os sitiantes pesquisados por Leila Amaral no alto Jequitinhonha diziam que migração foi uma sábia alternativa diante da dificuldade que era a vida no campo. Encaravam São Paulo como solução de liberdade, contraposta ao cativo que representava a fazenda.

(17) Alguns autores, na época, analisaram a constância da proletarização da população rural, resultado da apropriação privada e da mercantilização de terra. Os camponeses movimentavam-se do trabalho rural para o urbano, alternando emprego e desemprego:

*"O mais visível é o novo grau de unificação do mercado de trabalho urbano e rural, com a aproximação dos custos de subsistência da força de trabalho da cidade e do campo, por efeito da supressão de economias não-monetárias até então generalizadas, embora em níveis diferenciados, entre os trabalhadores agrícolas."*

[Caldeira Brant, 1977: 39]

(18) Este estudo foi feito por Bacha (1979), e trata de salários médios - não-qualificados - de trabalhadores urbanos comparados a salários de diaristas rurais, de 30 dias corridos. Souza e Baltar (1979) criticaram Bacha por vincular salários aos preços agrícolas pagos ao produtor familiar, como limite inferior de ganho: eles não admitem que seja esta a referência, mas sim o mercado de trabalho urbano, o salário base do núcleo capitalista da economia, o verdadeiro sinalizador. É o salário de ingresso da força de trabalho não qualificada no mercado formal de trabalho; exclui o setor informal. Segundo os dois autores, a taxa de salários no Brasil é determinada pelo Salário Mínimo que orienta o mercado de trabalho em geral. Existe relação entre salário do setor informal e taxa de salário: mas é o salário do núcleo capitalista que influencia o informal. E o núcleo capitalista não tem opção além de pagar o Salário Mínimo. No fundo de todas essas controvérsias está o chamado "Modelo de Lewis", que associa excedentes camponeses, taxa de salários e crescimento econômico do setor urbano. De um modo geral no caso do mercado de trabalho brasileiro a atratividade dos salários urbanos ficou obscurecida pela excessiva oferta de trabalhadores não-qualificados de origem rural que formou um vasto "terciário" de subemprego e jamais possibilitou que ocorressem alterações salariais comprometedoras do ritmo global de acumulação de capital. Sobre o assunto ver Souza e Baltar (1979), Bacha (1979), Souza (1980), Alburquerque e Nicol (1986), Aguirre e Bianchi (1989), Lewis (1974).

(19) Ver depoimentos de Olímpio Soares e Antônio Martelo em Ribeiro (1996).

(20) Segundo Bosco e Jordão Neto, e também Durham, era minúscula a escolaridade desses trabalhadores migrantes. Mas a partir do ingresso no mercado de trabalho, eles conseguiram uma certa mobilidade. De acordo com Durham:

*"Assim os serventes de pedreiro podem tornar-se pedreiros, ajudantes de pintores, encanadores, eletricitistas, etc., adquirindo um mínimo de qualificação na própria indústria de construção, ou podem*

*ingressar no operariado, nos mais diversos ramos de indústria. A escolha de uma ou outra possibilidade vai depender, em grande parte, dos contatos pessoais que o migrante logrou estabelecer na zona urbana."*

[Durham, 1973: 156]

Olimpio Soares trabalhou na zona rural em Teófilo Otoni e São Paulo, com gatos (empeiteiros) nos anos 1940 e 1950. Em 1973 voltou a SP para trabalhar na construção civil; voltou em 1975 e 1977. Na construção civil qualificou-se como pedreiro, aprendendo na prática, até alcançar o registro de Carteira. Diz ele que na Praça da Bandeira, em São Paulo, tem um "preto no branco" feito por ele para a SABESP. Quando saiu do emprego para voltar a Minas, já era encarregado de obra. [Olimpio Soares, entrevista, 1994, reproduzida em Ribeiro, 1996]

(21) A proteção ao migrante fica evidente na sua própria fala: ao escolher um roteiro, ele já é vinculado à família ou comunidade. Vários exemplos estão nas entrevistas de Olímpio Soares e Antônio Martelo, reproduzidas em Ribeiro (1996). Para o caso geral da migração, ver Garcia Jr. (1991), que analisa migração associada à reprodução familiar do camponês nordestino.

(22) Sobre a ação pastoral da Igreja Católica ver Frei Betto (1981), Perani e Martins (1992), Poletto (1990), Nóbrega (1988). As fontes orais de informação, específicas sobre ação de Igreja Católica no Mucuri e Jequitinhonha, foram Serafim Silva Cardoso, Crescencio Rinaldi, Jerônimo Nunes e Antônio Martelo; fontes impressas são os depoimentos de Joaquim de Poté (1996) e Serafim Silva Cardoso, em Ribeiro (1996).

(23) A história do Sindicato de Trabalhadores Rurais - STR - de Poté está contada no livro de Joaquim Pereira da Silva Neto, Joaquim de Poté (1996) e por Serafim Silva Cardoso, em Ribeiro (1996).

(24) A mais completa fonte de informação sobre sindicalismo de trabalhadores rurais mineiros usada nesta pesquisa foi Eduardo Arantes do Nascimento, assessor histórico da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Minas Gerais. Sobre CEBs e sindicalismo consultar também jornal *Pelejando*, vários números. O caso de Poté, ponto de partida do sindicalismo dos trabalhadores rurais e do Movimento dos Sem Terra - MST - em Minas Gerais, ver depoimentos citados de Joaquim de Poté e Serafim Silva Cardoso.

(25) No caso de Teófilo Otoni foi um deputado, Secretário de Trabalho, que pediu uma máquina de escrever e umas carteirinhas, juntou 500 trabalhadores na feira e fez o Sindicato de Trabalhadores Rurais, ali, quase na hora. Depois foi fácil para os grupos mais comprometidos tomarem o sindicato, porque o presidente não era lavrador, sim operário do frigorífico, e estava ansioso para livrar-se da responsabilidade. Nem todos os sindicatos, porém, tiveram esta trajetória. Em Minas Novas, foi fundado em 1977, pela Arena; só foi ganho por chapa mais combativa quase 20 anos depois; o STR de Turmalina nasceu em 1978, ligado às lutas dos posseiros de Mato Grande, encabeçadas por Vicente Nica, entre outros. Os STRs de Capelinha, de 1980, e Itamarandiba de 1982, surgiram ligados à questão das posses e lutas por terras, segundo Graziano (1986: 143).

(26) Margarida Moura (1988) analisou os acertos do desagregado e a troca do direito da terra pelo dinheiro, num estudo sobre o alto Jequitinhonha. Vicente Nica, líder sindical e posseiro de Turmalina contou sua história de conflito pela terra em *Vicente fala* (Alves e outros, 1993). Chama a atenção no depoimento de Vicente Nica o obscurecimento dos limites e diferenças entre posse e agrégio, e o produto do conflito que faz emergir o posseiro, sujeito político, criado pelo embate proporcionado pelo desagregado. Acertos entre fazendeiros e agregados, datas e valores, ver Arquivo do STR de Poté.

(27) Padre Jerônimo Nunes e Geralda Soares encontraram nas saídas ou ainda no agrégio das fazendas ou nas periferias de cidades do Mucuri e Jequitinhonha os velhos índios desagregados, querendo voltar a ser índios. Geralda Soares relatou essas histórias num livro antológico, *Os borun do watu*. Em pesquisa de campo, em 1994, encontrei num num bairro de desagregados do baixo Jequitinhonha uma família extensa -

os Britos - que morava aos pares de vizinhanças em ruas, arrendavam terras para plantio em comum, faziam goma, farinha e beiju para vender coletivamente nas feiras. Nos casamentos os pais "trocam" seu casal de filhos com outro parente; coletivamente compram terreno novo, constroem e assentam noutra rura próxima - um ao lado do outro - os dois jovens casais de irmãos "permutados"; jacjamenuc, já não são bravos. Sobre conflitos pela terra envolvendo agregados, ver Joaquim de Poté (1996); sobre índios e questão da terra ver Soares (1992) e CEDEFES (1987); sobre os conflitos jurídicos do desagregação ver Moura (1988).

(28) Informações desse tópico foram coletadas principalmente em entrevistas com pessoal de Igreja Católica e Sindicatos de Trabalhadores Rurais, mais jornal *Pelejando* da Comissão Pastoral da Terra, documentos do STR de Poté.



O Rei Velho, na Festa de Nossa Senhora dos Rosários dos Homens Pretos, de Chapada do Norte, fotografia de outubro 1995

*Parte VI Desfecho: estradas e  
lembranças*

## *Capítulo XII Estradas*

### *1. Patronato*

A fazenda brasileira desafiou os pesquisadores: nem sempre foi possível atinar com seu caráter e singularidade. Os estudos de caso terminam levantando uma complexidade tal que ultrapassa o que a teoria ensina, ela torna-se insuficiente, e aí é preciso voltar aos clássicos, que o são, entre outras razões, pelo esforço em compreender a ambiguidade que envolve essa unidade de produção e poder.

Quando cessaram as abundâncias da natureza, agrego, fazenda, negócio, campesinato interno e trabalho rural foram redefinidos. Não que fossem apenas mercantilizados; mais que isso, foram requalificados, relidos, e embora permanecessem idênticos os conceitos, sua compreensão tornou-se outra, inteiramente nova. Dessa mudança surgiu, entre outros fenômenos, a fazenda mais empresariada, o quase puro domínio da terra, organização que guarda apenas vago parentesco com a velha fazenda de agregados, embora seu nome, local e donos possam ter permanecido os mesmos. Na transformação ela procurou apagar seus rastros do passado, escondendo-o sob gerência, tino e trabalho. Assim desapareceu o lugar onde deveriam estar os agregados e aquelas complexas e dúbias relações. Ficou fácil rever, interpretar, escrever uma história de fazenda enfatizando capitais e negócios.

Por esse caminho enveredaram muitos dos estudos sobre o rural brasileiro - principalmente aqueles voltados para intervenções de extensão, educação e desenvolvimento rural - que consideraram puramente econômica e integrativa a transformação rural que ocorreu na segunda metade do século XX. Foram estudos marcados por um profundo racionalismo: analisaram ou um campo tomado por técnicas modernas para reprodução multiplicada do capital, ou uma roça com desejo do progresso. Aquelas relações menos ortodoxas - agrego, posse, herança, poder - foram varridas para baixo do tapete ou revisadas até encontrar atrás do camponês um proletário, do fazendeiro um capitalista e, dominando tudo, um animado processo de acumulação de capital. Agindo assim perceberam muitos dos aspectos da economia rural, é certo; mas deixaram de entender suas nuances e, principalmente: permanências. As intervenções propostas nessa perspectiva - vendo só a ventura do moderno no procedimento dos fazendeiros - enterraram milhões de dólares nas ações públicas de transformação rural, que bateram-se, sempre, no muro de pedra de certas imobilidades das sociedades rurais. Terra, mando, poder, subalternidade e recursagem não são muito bem descritos nos manuais de economia e sociologia rural. Por isso, pelo menos, é preciso admitir e analisar as ambiguidades das fazendas, seus sistemas de domesticidade e mercado. É o modo possível de entender a também complexa desagregação da sua ordem e a extensão da sua herança.

No Nordeste de Minas a fazenda desfrutou, e ainda desfruta nuns poucos locais, dum enorme poder baseado na terra, manifesto sobre os homens. Ela era unidade de produção - de mantimentos, extrações e gado - mas também fonte de prestígio e mando. Esse poder originou-se dos controles da terra: domínio, concessão de terrenos, proteção a agregados, aceitação de agregos e distribuição de justiça dentro daqueles limitados horizontes. A fazenda, do Nordeste de Minas e de quase todo o Brasil, coube naquela sintética definição encontrada por Maria Sylvia de Carvalho Franco: foi algo de intermediário entre uma família e um reino; muito diferente do poder e dependências puramente econômicos que surgiram depois na sociedade de mercado. Ela deixou de herança uma concepção de uso de terra, natureza e trabalho dos outros com um caráter privativo, monopólico e patronal, radicalmente oposto a qualquer intervenção reguladora. O conservadorismo - tecnológico, político, trabalhista e ambiental - é a marca desse domínio privado dos recursos e homens: rebete quase toda a modernização "prussiana" de um Estado que ele mesmo sustenta. Nos remete mais às origens escravistas da nossa sociedade que à globalização anunciada para o Terceiro Milênio.

A sutileza da mudança histórica que ocorreu está em haver trocado a relação de mando pela relação econômica, abandonado "seu" povo à própria sorte, tornada unidade quase especializada de produção de gado, sem perder o domínio da terra, sem embaraços para legitimar-se nela. Esse liberalismo de política de Estado, característico da conformação da estrutura fundiária e dominial da agricultura brasileira, cria na sua contraface a permanência de assombrosas situações de miséria, como aquela existente no Mucuri e baixo Jequitinhonha: de um lado a fazenda dá frágeis respostas ao mercado; de outro a renda da terra restringe qualquer possibilidade de incorporação de milhares de excluídos à atividade produtiva. E mesmo nesse cenário fazenda nunca deixa de ser modelo e projeto, célula-mãe da sociedade agrária de todo Mucuri, baixo Jequitinhonha, Minas Gerais e Brasil.

Nunca sumiu, porém, sua marca de tensão. Depois da agregação veio a saída, e mesmo sendo gradual, foi constantemente traumática. Houve, certamente, um período em que a opção de saída da fazenda parecia a mais rica. Mas depois, para sair amigo do fazendeiro foi preciso que o agregado saísse "manso", como diz um antigo agregado:

*"Se todo mundo saísse manso que nem eu..."*

Saindo "manso" o agregado tardio levou consigo a consciência do eterno desacerto, que pesa no prato da balança oposto à boa lembrança. O desabamento da antiga fazenda deixou esse rastro de desacerto que nunca consegue ao certo se livrar, porque seu travo iguala, mas não submerge ao peso da boa lembrança.

O poder emanado da fazenda perdeu seu sentido quando se desfez aquela ordem do trabalho e seu controle; esvaziada de moradores e matas, substituindo seu grande movimento de lavouras por uma pecuária mais extensa. Desprovido de seus braços minguou esse poder sobre o trabalho; o que ficou em seu lugar foram relações menos pessoais, mais mercantis, mas se expressando sempre sobre a terra. Depois que a ordem de poder sobre o trabalho mudou, a fazenda continuou regrando o uso da força da terra e, embora tenha vindo daí outro tipo de autoridade - resultada do dinheiro, da renda da terra e da surda coerção das leis econômicas - ela persiste tão conservadora e repressiva quanto foi a outra.

Age agora sobre um indistinto público de excluídos, realça seu domínio pela extensão dos deserdados da terra que perambulam nas cidades, vilas e estradas, nos loucos

que viajam entre eucaliptais na Bahia, na doença e fome expostas às ruas de Teófilo Otoni, Teixeira de Freitas, Governador Valadares. Essa sutileza escapa à análise macroeconômica e desenvolvimentista. A fazenda "modernizada" nas relações de trabalho e mercado permanece tão extratora, extensiva, patronal, senhorial e anti-moderna quanto fora sua matriz, a velha fazenda de agregados.

Esse Nordeste de Minas ficou marcado pela bruta queda na população rural, que foi, aos poucos, e depois rapidamente, sumindo em mudanças para cidades grandes, e, quando isso já não foi mais possível, para o enchimento das médias cidades; uma população recém-saída do agrego, sem qualquer retaguarda econômica. Foram poucas delas as que não incharam de moradores que são, no máximo, uma segunda geração urbana. As cidades médias do Mucuri e baixo Jequitinhonha são centros de comércio cercados por uma enorme periferia não-urbanizada, desempregada ou ocupada num fragilíssimo terciário. Delas o melhor exemplo é Teófilo Otoni: quase 200 mil habitantes, 100 favelas. Cerca as cidades um campo esvaziado e destruído, onde ainda são visíveis nos pomares perdidos em pastos ou em casas abandonadas os sinais da multidão que saiu. Lá, campo e cidade igualam-se na oferta vasqueira de emprego e renda. A especialização local em pecuária não cria muita ocupação e tampouco apresenta demandas firmes aos serviços e produtos urbanos, porque é feita, desde sempre, às custas da extração da natureza. Ausência de empregos e dificuldades para aposentadoria, mais as saídas do campo fizeram explodir os problemas urbanos dessas médias cidades: Zeca Figueiredo dizia que Itaobim ganhou um arraial só de gente saída da roça. Velhos agregados e vaqueiros ficaram reduzidos à vida de esperar cartas dos filhos esparramados e a lutar pelo sustento diário, depois de ter vivido até aquela idade sem levar muito a sério o sustento e a comida. Nas periferias e vilarejos, na miséria e subemprego, como fantasmas, os antigos agregados removem seu passado.

## 2. Lembranças da terra

Muito depois de desfeitos os laços dos agregados com a terra, na Ilha-do-Pão, no Jequitinhonha, em junho de 1994, uma senhora contava a seguinte história:

*"A vida do mundo é repartida em três tempos.*

*Primeiro foi o tempo farturoso, de Mário Martins, que todo mundo podia plantar seu mantimento, que não existia o poder dos ricos. Era o tempo que os chefes mandavam e o povo obedecia sem problema, que a família era unida, havia alimento para todos e não existiam as leis trabalhistas. Mário Martins era meio seguro, mas era muito bom para o povo dele, e era valentoso, tinha bastante jagunços, que eram os capangas dele, no lugar da polícia. Ia transformar Jequitinhonha numa capital, se não tivesse morrido, porque era um grande homem. Ele civilizou os bugres; reuniu todos em Guarani, no Farrancho, e dava facão, dava roupa, e dizia:*

*'-Vai plantar suas rocinhas, meus filhos',*

*e a bugrada foi amansando e aprendendo língua de gente e foram tocando suas lavouras lá no Guarani, e sempre, sempre, foram muito agradecidos a Mário Martins, porque*

*aprenderam muita lei com ele. Depois que ele morreu, Jequitinhonha deu para trás, e até Almenara, que era um arruado besta, quer passar Jequita no tamanho.*

*Depois piorou, foi o tempo da política, que é esse tempo agora que veio depois da morte de Mário Martins. É o tempo do PMDB, que o pobre e o rico vivem desunidos, o pai briga com os filhos, a roça não produz, não existe família nem respeito, o serviço dos homens não vale nada.*

*Mas tem o terceiro tempo, que agora virá, o tempo da salvação, com Lula, que vai acabar com a política e o PMDB, vai fazer uma revolução. Lula vai mandar abrir de novo a Casa Colombo de Jequitinhonha e expulsar de lá os políticos, igual Jesus expulsou os comerciantes do templo. Então, quem vai mandar é o Sindicato de Trabalhadores Rurais, e quem estiver no Sindicato vai estar muito bem, porque vai receber poder de comprar a crédito e mais aposentamento. O Sindicato já está fichando e organizando quem vai querer viver no Bem no tempo da salvação de Lula. Vai haver de novo terra para plantar e fartura. Lula vai acabar com as leis trabalhistas, o PMDB, os crentes e a dança indecente. Todo fazendeiro vai poder ter de novo na sua terra muita gente na agregação."*

[Entrevista de junho 1994, Jequitinhonha]

Esta interpretação da história recente expõe algumas das mais caras lembranças que acompanham as pessoas do campo do Mucuri e baixo Jequitinhonha: desagregação, fartura, fazenda, terra, poder, religião e lavouras. Tudo misturado, como realmente aparece nas vidas. Mas chamam atenção, em particular, dois comentários feitos no depoimento acima.

Um: todas as mudanças que ocorreram, ocorrem ou vão ocorrer nesse mundo vêm de cima. Quer dizer, nunca permitiram que ela - a mulher que fala - pudesse ter agido para alcançar essas mudanças. Ela sofre ou ganha mudanças, é beneficiária ou prejudicada por uma transformação que será feita pelos outros. Qual seu papel nesses processos? Nenhum. Recebe mudanças, não é sujeito de mudanças; aprecia as que estão em acordo com as seu gosto e lembranças, com o modo como acredita o mundo deva ser organizado. Outro, segundo aspecto, da fala: a comparação insistente do passado com o presente, que define um bom futuro como a volta do passado. Seu paraíso é a situação que desabou, uma ordem do mundo que não funciona mais. Vem daí sua angústia e esperança, dela e de tantos outros antigos agregados que nesse novo mundo ficaram profundamente desenraizados.

Escassez, angústia, solidão e abandono foram os sentimentos produzidos com o fim da velha fazenda e do agregado. Mas acontece que escassez, solidão e abandono são sentimentos produzidos também pelas lembranças; resultam das condições objetivas da vida e do corte fino que esta e outras pessoas fizeram nas suas recordações. Assim a história local tem sua carga dramática, e por isso política e cidadania, direitos e participação não têm para os antigos agregados o sentido que a lógica dos conflitos de classe levaria a supor que tivessem. Nas zonas onde era forte a fazenda, maior é sua sombra e herança, e é nisso que a liberdade da lembrança interfere, posicionando acontecimentos, pessoas e situações numa ordem que pode parecer muito esdrúxula. Mas ela mesma se revela: o modo de organizar-se fala do "quem" se lembra, "por quê" se lembra; ela é seletiva, disposta a partir de critérios implícitos nela mesma, e não por acidente as lembranças aparecem organizadas daquela forma (1).

Mas nem por ser selecionada e editada pelo lembrador a lembrança deve ser desprezada. Ela possui características únicas frente às outras fontes de pesquisa: uma é

exatamente essa seletividade; outra, sua recorrência, porque afinal não faz parte das recordações apenas de um sujeito mas de toda a coletividade. Com as lembranças, a questão deixa de ser o *quê* lembrou, mas o *porque* lembrou, e lembraram, tanto solitária quanto conjuntamente (2).

Pergunta-se não a consistência da lembrança em si mesma - Mário Martins realmente "amansou" os índios? - mas porque o passado foi posto assim, valorado desse modo, ou criticado daquela outra maneira: por quê ela associa passado a felicidade? Essa pergunta abre outro campo de exploração sobre a produção da lembrança, sua relação com o lembrador, possível de analisar-se então pela circunstância que foi produzida, o passado como foi reconstruído pelo locutor. O interesse está portanto no que foi lembrado, selecionado pelo entrevistado para ser contado; está na escolha para que esses fatos e sentimentos se tornassem a história da sua vida (3).

Por tudo isso é importante ver como são insistentes e marcantes as lembranças que agregados guardam da fazenda. Ela é das mais constantes e doces referências dos moradores antigos do baixo Jequitinhonha e Mucuri; nela os fazendeiros possuem destaque. São também, é preciso esclarecer, lembranças divergentes dos lavradores do alto Jequitinhonha. Para estes fazendas e políticos do passado são identificados com o "*carrancismo*", atraso, um quase "*cativeiro*": não são boas as lembranças (4).

Mas a recordação é bom depoimento sobre a ruptura que aconteceu nesse meio rural: sua exposição mostra que forças sustentaram a ordem fazendeira, sua consistência e a percepção do seu desaparecimento. Ela é guia, e não apenas idealização; às vezes mostra mais que dados quantitativos, macro-econômicos e globais o que foi essa mudança, o dismantelo que abateu-se sobre aquele mundo. As lembranças, seu peso e sua ordem, esclarecem também sobre o que é esse mundo que restou.

Em parte pelo que veio a ocorrer depois, que tornou proibitivo o livre acesso dos agregados à terra, a própria fazenda releu sua história. Deixou que ela ficasse sepultada no esquecimento, aceitou e divulgou, entusiasticamente, a versão mercantil do rural: versão empresariada que enterra aquela promiscuidade produtiva e social da casa de sede com o agrego. Desse modo a fazenda absolveu-se de encargos com aquele que fora "seu" povo, e a história que veio a ser contada legitima essa absolvição. Tornou-se o mundo de trabalhadores assalariados, ou de exploração direta do trabalhador: nunca mais um conjunto de usos compartilhados, nunca outra possibilidade de uso de terra que não aqueles definidos na lei e no mercado. A história contemporânea não fez, portanto, apenas o epitáfio da antiga fazenda: liquidou também, politicamente, a pluralidade das relações que os homens construíram no usufruto da terra. E quando a história apagou esse rastro, a lembrança de agregado é o meio eficaz de revê-la, e de expô-la a sociedade que ficou.

Do ponto de vista do fazendeiro seu contrato com os agregados era cimentado pelas dádivas concedidas. Elas mediavam suas relações, mesmo aquelas que vieram a ser mais tarde de trabalho. Por isso aquilo que uns agregados ou seus filhos reclamaram depois como direito de terra ou trabalho, para o fazendeiro sempre foi usurpação, descabida naquele convívio em que ele sempre se viu um concedente: o direito do outro para ele era e é uma concessão. Alguns fazendeiros, depois do fim do agrego, mantiveram "seu" povo e deram

terras, gado e casa nas quantidades que decidiam ser justa: concediam o direito e podiam fazê-lo, às vezes até em limites superiores àqueles que a Justiça veio a exigir. Mas foi dado sempre como presente ao "seu" povo, parte das benesses, acerto para manutenção da relação de mutualidades; nunca por ser direito formalizado, mas por querer doar. Conceder o direito e distribuir o prêmio é o coerente com a maneira como essa sociedade fazendeira se viu, porque baseou-se nas dádivas e trocas ritualizadas de presentes, onde um era sempre sujeito e concedente, que por isso pode ignorar o direito escrito, o outro sujeito e o cidadão: estas categorias nunca couberam na ordem fazendeira, na sua concepção da política, gente e mundo.

Mas desabado quase generalizadamente esse poder fazendeiro, sobrou uma lembrança extremamente potente. Os antigos agregados o refizeram exatamente daquele modo que a fazenda se viu. A lembrança da fazenda ornada de gente, da casa de sede regida pelo poder e governo do fazendeiro tornou-se a excelência e o refresco da memória de quem viveu no esplendor desse sistema.

Quando o mundo da fazenda desabou esmagado pelas rodas dos ônibus que levaram tantos agregados, sob o peso das relações mercantis que davam preço às terras, na minguação da fartura que fogo, pastejo, pisoteio e roça destruíram, foi sua lembrança o consolo que ficou e valeu na aflição. Essa foi, também, uma construção feita depois: o benfeitor só surgiria pleno no cenário da ingratidão que a vida fez ao afilhado, nasceria num mundo que desfazia-se por todos os lados e deixava os velhos agregados privados de todo suporte. Assim a lembrança que guardaram não foi de muito serviço, sacrifícios e privações: é uma memória de dádivas, concessões, ordem, respeito.

Essa obediência antiga está no respeito reverente dos velhos agregados à família e à casa de sede, nas visitas cerimoniais que são feitas naquelas festas de época, na lembrança do passado e, está mais legivelmente, na recusa quase geral dos agregados em recorrerem à Justiça em socorro de seus direitos de agregado. A boa lembrança tem suas raízes num passado ainda fresco. Assenta-se na abundância de alimentos que existiu naquelas extremas, na cessão liberada de mantimentos, na vida de longos ócios, festejos, caça, pesca, nos prazeres da vizinhança e recursagem, na segurança que a fazenda ofereceu, na cadeia de estabilidade e sereno domínio das pessoas que regulava os limites, na garantia da casa e da comida, a extração e a proteção, o batizado e o enterro. Tudo numa vida regrada, mas definida, clara, praticável.

A natureza-mãe foi liquidada e a generosidade desapareceu. Alguns ainda cavacaram seus restos, lembrando sempre, porque também aquela foi sua época de auge, de força maior, e que portanto foi também o melhor tempo da vida. Por isso a fartura é uma lembrança até metafórica, e tem que ser das mais fortes, porque é referenciada a tudo que não há mais, porque num presente muito duro, o socorro tem que estar no passado. De modo que a lembrança dos mais velhos é um dos mais belos e ao mesmo tempo mais duros espelhos. É uma lembrança que fala sobre o que se é, tanto quanto sobre o que se foi.

A sólida lembrança da fazenda vem da colocação do "seu" povo num mundo de regras obscuras que obrigou muitos trabalhadores adultos a refazerem suas normas de convívio para se ajustarem àquilo que passou-se a exigir deles: ver a família esparramada por distâncias, perdidos todos, os laços esgarçados, ter uma incerta entrada no mercado de trabalho, ou, pior, vê-lo sempre fechado e que a família não se encaixa, que o mundo não é

regido por uma ordem tão clara quanto aquela da fazenda. Nessa hora, refletindo isso tudo, a fazenda opressiva - tão cristalina à luz crua das análises que a vêm como uma contínua exploração de lavradores - recebe o tempero mais doce da lembrança e se transforma em paraíso para quem viveu seu esplendor. Diante do tamanho desenraizamento, do desastre tão regulado, a vida da fazenda é a melhor e a mais recorrente das lembranças (5).

Desfeita a ordem da fazenda, os agregados saíram, "caladinhos". Mas, saídos, por quê não puderam recompor outro mundo? Por quê esses antigos agregados - na periferia de Jequitinhonha, Almenara, Itaobim, Teófilo Otoni, Carlos Chagas - não se emanciparam e enfrentaram por igual uma sociedade de mercado? Nunca o fizeram e provavelmente nunca o farão. A experiência da fazenda os tolheu para sempre, tão fundamentalmente que nenhum sonho de melhoria supera aquela força do passado.

Por isso Lula - se viesse - chegaria para refazer Mário Martins, restaurar a velha ordem: um coronel proletário, no imaginário dos que viveram a fazenda feliz.

### 3. Sítios

A memória da fazenda, sua imagem, dominam o baixo Jequitinhonha e Mucuri. Mas o alto Jequitinhonha é diferente: nos fins do século XX é conhecido por seu artesanato e costumes, a riqueza da cultura popular e oral, pelo campesinato estável que ocupa as terras de grotas, os antigos capões que mediam as chapadas. São lavradores que não viveram da fazenda como aqueles das zonas de criação, não carregam a experiência de domínio e o peso daquela lembrança. Seu passado, em geral, é mais antigo e a memória de fartura mais recente, porque foram as viagens mais amudadas para os trabalhos do Sudeste que aumentaram suas rendas, de modo que lá abundância virá do futuro.

De um ponto de vista técnico da agricultura existiram pouquíssimas diferenças entre os personagens que povoaram o Mucuri e o Jequitinhonha - agregados, posseantes e sitiantes. Diferenças maiores existem somente na subordinação a fazendeiros e estabilidade do domínio da terra. Isto diferencia sitiantes - camponeses autônomos fixados em algumas zonas - dos lavradores que viveram nas áreas de fazendas, e define também suas atitudes políticas, culturais e perspectivas para as duas áreas. Sítio ou fazenda: são duas culturas.

Essas comunidades sitiantes possuem notável estoque de conhecimentos locais, acordos de usufruto da terra e, sobretudo, história. Sua memória alcança as peripécias mais antigas da ocupação da terra do Jequitinhonha: a antiguidade encosta no "*cativeiro*" - a escravidão - às vezes toca nos "*revoltosos*" - a Coluna Prestes - que passaram ali "pertinho", e inclui as grandes e periódicas fomes que atingiram todo o Norte e Nordeste de Minas Gerais. Principal, e parece que contraditoriamente, têm uma aguda lembrança das frentes de trabalho atraentes de todo Sudeste e Centro brasileiro, desde a "*Mata de Ponte Nova*", a "*Mata de Teófilo Otoni*", até, afinal, todas as modernas fronteiras e frentes de trabalho agrícola deste século XX.

Essa memória tão coletiva e acesa da viagem possui um contraponto: o conhecimento como poucos, particularizado, daquela natureza que vivem e exploram.

Mesmo depois de haverem vivido coletiva e familiarmente a experiência da viagem e do trabalho para outros, conservaram estreitos laços com a natureza, apuro de conhecimento igualado somente pelos camponeses daqueles também adversos regimes de extração dos cerrados e gerais de Minas, que, entretanto, não possuem a fabulosa experiência de viagem encontrada no Jequitinhonha.

Como foi possível combinar experiências e conhecimentos tão diversos, como mantiveram ao mesmo tempo a estabilidade da reprodução familiar, a viagem periódica e sazonal, o controle do uso de ambientes tão difíceis e a produção cultural grandiosa, são perguntas óbvias que surgem.

Em geral os estudos sobre o alto Jequitinhonha abordam as comunidades camponesas privilegiando um dos dois lados. Ou o viés da "tradicionalidade", a incapacidade de modernizar-se, explicaria as características culturais, que não caberiam na lógica do sistema capitalista. Ou acentua-se a subalternidade: camponeses seriam fornecedores no mercado geral de trabalho de uma força cujo custo de reprodução seria pago pela unidade familiar. São visões parciais, e dos dois modos as comunidades existiriam pela concessão da sociedade envolvente, da qual seria uma ação reflexa: uma excrecência do capitalismo, um depósito de força de trabalho.

Mas a questão desse campesinato do alto Jequitinhonha pode ser bem outra: vindo como se constituiu e organizou-se, quais relações interativas permitiram que combinasse experiências tão diferentes, compreendê-lo deixa de ser apenas dependente do tipo de relação estabelecida com o entorno para tornar-se um assunto da sua história em si mesma. É preciso desfocá-lo das suas múltiplas, embora, é certo, importantes, relações externas, e centrá-lo na sua própria dinâmica, em seus 200 anos de viagem e grotas.

Eles são, certamente, excepcionalidade num rural marcado pelo patronato e clientelismo. Mostram que essas relações não foram absolutas para todas as situações; em muitas a autonomia foi possível, embora sempre tenha implicado numa reprodução bastante limitada, numa mesma zona de recursos esgotáveis. Assim os grupos de camponeses não ficaram presos, apenas, a situações de subalternidade. E a concepção generalizada de imobilidade e ação reflexa - sujeito às dinâmicas alheias e redes de poderes articulados, presos numa agricultura de escassez permanente dadas técnicas rústicas e ineficientes - ficaria muito prejudicada. Os camponeses do alto Jequitinhonha estavam realmente à margem das redes de clientelismo, acumulação e poder, não foram sujeitos a relações de dependência e tributação, mesmo que para isso tivessem que contar com sua fartura sempre regulada e as viagens sempre frequentes.

O lugar do camponês autônomo é, realmente, difícil de ser definido. E quando os nichos camponeses ficaram no correr da sua história donos de voz própria e terra, a tentação de situá-los na história dos outros não é apenas coerente com a tradição patronal da sociedade agrária brasileira: encontra, efetivamente bons suportes empíricos. Um campesinato que sempre teve sua existência pressionada entre a escassez de fertilidade - por conta de uma terra usada por anos sucessivos - e o crescimento da família, teve obrigatoriamente que ser móvel, portanto relacionado a outras mediações fora de si mesmo, por consequência articulável - cultural ou economicamente - com a sociedade de mercado. E esse campesinato é desafiador também porque acredita-se que tenda a ser suprimido pelas fazendas, o que é só uma meia verdade, ou quarta parte de verdade, porque ele costuma ser

até mais suprimido por si mesmo, na medida que seus sistemas consomem a natureza local, e então precisam reinventar, sempre, uma nova fronteira.

A imagem associada a camponeses envolve estabilidade, localismo, tradição. Mas esta imagem rígida apreendida no curto prazo é terrivelmente enganadora: a estabilidade é dinâmica, o localismo é virtual, a tradição pode ser inventada. Quando se trata de prazos mais longos é possível ver que essas comunidades ocultaram sua estabilidade em capas de mobilidade física em direção às fronteiras, fazendas e diversos mercados regulares de trabalho, rural e urbano, que se formaram no Brasil, o que criou mobilidade social, diferenciações profissionais, fusão da constância com seus opostos. Vendo em prazos mais dilatados a história das comunidades camponesas manifesta não apenas as leis mais prementes da pulsão do mercado, mas também uma lógica própria que incorpora culturalmente saída e viagem. Ela pulsa, assim, seu tanto de específico.

Nessa altura uma pergunta esclarecedora e pertinente a ser feita sobre a população das comunidades camponesas do Jequitinhonha e Mucuri, não é apenas porque seus excedentes saíram. Sim, perguntar aos que ficaram: por quê ficaram? Por quê renunciaram à fartura das fronteiras e do agrego, em nome de quê decidiram ficar numa natureza mais regulada e difícil, onde tiveram de investir décadas de observação para conseguir o entendimento do seu funcionamento?

As respostas podem ser muitas, mas, certamente, a mais frágil de todas elas é a que relaciona a opção com o desfrute da propriedade da terra. O argumento pode ter a sua validade, mas ela não é absoluta no correr de toda história, porque além de não representar maiores benefícios, a ficada na terra implicava, quase sempre, maiores ônus: muita despesa, regulagem mais fina das ofertas naturais. De modo que os motivos mais fortes para esse ficar, certamente estavam nas razões culturais, impunha-se aos filhos a permanência.

Ficar foi oneroso, e muitas vezes mais - ao contrário do que viria a parecer depois - que o sair. Significava labutar num meio francamente adverso, sustentar mais bocas que braços disponíveis - porque além dos filhos crianças e jovens, havia sempre a responsabilidade dos pais idosos - principalmente ficar significava ir aceitando, negociando e construindo uma série de acordos restritivos em relação ao uso de terra e recursos que foram no correr dos tempos objeto de partilha minuciosa operada por essas comunidades.

Ficar, portanto, foi inventar de novo em cada geração a possibilidade de reprodução da família e da cultura, principalmente, no alto Jequitinhonha. Não foi apenas resistência - como se diz, pastoral e militantemente - foi também criação, e das mais difíceis; era necessário conservar seletivamente o passado e revê-lo de quando em quando, e sempre fazer da agrura um ciclo já vivido, incorporado e explicável, de modo que as tradições flexíveis e a temporalidade mágica justificassem toda a lógica daquelas comunidades. Uma cultura sólida de 200 anos é parte evidente desse campesinato.

A dinâmica do sítio da grota e sua trajetória não aparece muito claramente na história rural porque além de ser um registro não-patronal, é invertida também em relação às idéias correntes de propriedade. Mas a história do sítio está escrita em todos esses seus aspectos: saída, natureza, herança, cultura, mercados. Ela aparece, no entanto, registrada sempre pelo oposto: novas fronteiras, viagens, projetos públicos de saneamento de mazelas rurais, de tal modo que as fontes estabelecem o costume de ler pela negação, pela

imponderável sobrevivência face à concorrência de mercado: lê-la como impossibilidade e carência. Vem daí o assombro dos pesquisadores diante da pulsação criativa da vida dos sítios, que torna os métodos da pesquisa e da intervenção - construídos pela negação - absolutamente impróprios, pois não foram feitos para entender sinais vitais.

É, afinal, uma história tão geral quanto específica; mas sobretudo é uma história não-eloquente, feita principalmente pelos silêncios. De um lado aqueles que o treinamento do pesquisador ou do mediador em campo impõem às comunidades, na medida que estão diante de sobrevivências, resquícios, carências, impossibilidades, atrasos, desconhecimentos. De outro os silêncios que travam a própria comunidade, as ausências dos herdeiros, os saídos, a invisibilidade da população ausente que explica a continuidade da reprodução física e cultural do grupo remanescente. Assim a compreensão das comunidades camponesas do alto Jequitinhonha, alto Mucuri e áreas do Pampã, transcende a elas mesmas, interliga-as ao mundo da mercadoria e do mercado de trabalho. Mas também impõe como fundante a natureza do lugar e seus recursos. Lendo seus acordos - sobre terra, herança, família, recursos - o campesinato do alto Jequitinhonha conta outra, nova, história; diferente, é certo, da história da fazenda e do agrego.

#### *4. Estradas da vida*

Acabou-se a agregação, junto com ela a velha fazenda do Nordeste de Minas. Ficou no seu lugar uma propriedade rural mais integrada ao comércio, meio especializada na produção de gado. Os antigos agregados perderam suas lavouras, a fazenda ficou sem poder sobre "seu" povo, sem o mando da política e, principalmente, sem aquela abundância que fez sua glória, porque anos de desmate, fogo e casco de boi reduziram a fertilidade natural a uma sombra do que era. Os sistemas de extração e convívio, o misticismo intenso, sumiu tudo com a mata que se foi, desencantando vida e natureza. Esta, acabou cumprindo a velha profecia Aimoré, para quem o inferno era uma terra sem frutos, um rio sem peixes e dias de calor sem fim: nada mais que o Mucuri e Jequitinhonha que restaram.

Para o baixo Jequitinhonha e o Mucuri ficou, porém, uma herança pesada. Sobraram do passado muitas pendências sobre o fim da agregação, que animam os debates desta sociedade: de quem foi a responsabilidade por destruir aquela ordem tão exata do mundo?

É uma discussão apaixonada e tortuosa porque o mundo da fazenda mudou, e nenhuma das pessoas que o viveu sabe exatamente quais são o mando e condição deste mundo novo que estão vivendo, integrado do rural e do urbano. Junta a esta a outra herança da velha fazenda - a sua lembrança - e as dificuldades do presente levaram as pessoas que viveram esse desastre a fazer uma reflexão apaixonada. Como a fazenda deixou de herança para o "seu" povo a solidão da sociedade urbana, aqueles que saíram ou que vivem a sua decadência nunca conseguem refazer a comunidade integral da antiga vida rural.

Estas três questões - a culpa, a lembrança e a solidão - são os assuntos mais frequentes nas histórias que as pessoas contam, são temas que atormentam a sociedade do Nordeste de Minas.

O que provocou o fim da moradia na terra é um assunto palpitante em todo Mucuri e baixo Jequitinhonha, ainda nos anos 1990. Os fazendeiros - e não só eles - já encontraram há muito tempo os culpados: a legislação trabalhista, o sindicato de trabalhadores rurais, o Partido dos Trabalhadores e os padres progressistas receberam a responsabilidade pelas saídas de moradores da fazenda.

A Justiça do Trabalho seria responsável por animar agregados a exigir direitos; em resposta, fazendeiros os teriam mandado embora. Mas na verdade os raros agregados que foram à Justiça só o fizeram quando sua maioria já havia saído das fazendas. E as reclamações de "direitos" foram tão poucas, considerando-se o número imenso deles, que fica difícil levar a sério sua relevância histórica. Eles, quase todos, saíram "*mansos*" e "*calados*" deixando para trás casas, chácaras e lavouras. Os poucos que foram aos Tribunais, só o fizeram por terem sido expulsos com - muita - violência, por sentirem-se abusados ao limite como pessoas, ou em casos raros que agregado confundiu-se demais com trabalho assalariado regular. Estes poucos, enfrentam a vingança pelo desemprego: são trabalhadores marcados que ninguém contrata e apoia.

Quase a mesma observação vale para os Sindicatos de Trabalhadores Rurais. O êxodo rural da zona fazendeira do Nordeste de Minas aconteceu nos anos 1970 - no tempo do "Milagre Brasileiro" - e nessa época os Sindicatos ainda não haviam sido organizados. Eles apareceram no final daquela década, na maioria das vezes como agências de atendimento médico e dentário, e só conquistaram alguma força e liberdade no meio dos anos 1980, quando frutificou o trabalho de Igreja Católica e FETAEMG. Muitos dos Sindicatos foram organizados pela antiga ARENA para ganhar votos por meio dos convênios de FUNRURAL; depois de muita luta - e nesta sim, padres, Federação e PT estiveram presentes - por volta de 1985, foi que transformaram-se em Sindicatos atuantes. Mas aí êxodo rural era já um assunto do passado.

O PT - Partido dos Trabalhadores - foi construído também depois da grande saída de população rural dos anos 1970; começou a ser organizado no começo dos anos 1980, só conseguiu formar diretórios municipais e representação significativa quase 5 anos depois. Os padres progressistas, agiram nos pequenos limites que podiam atuar naqueles anos de Ditadura, e sempre em consequência da saída de população do campo. As cartilhas de direito sobre a terra, a discussão da posse só foram públicas e difundidas nos começos dos 1980. E até aí, é importante acrescentar o detalhe fundamental, o público essencial de serviço da Comissão Pastoral da Terra - que formava a mesma base inicial do PT - era composto majoritariamente por grupos camponeses, que em relação a direitos trabalhistas têm o mesmo, ou maior, temor que os fazendeiros.

Mas a responsabilização que os fazendeiros atribuem aos grupos da esquerda não acontece por engano histórico: acontece é por acerto mesmo, pois as fazendas retiram de si também esse ônus; colocam a responsabilidade naqueles que criticaram mais duramente as expulsões de moradores que elas promoveram.

Desabou, quase que generalizadamente, o poder fazendeiro sobre agregados. Sobraram terra e lembrança, que inspiram ainda o respeito dos antigos. Essa obediência antiga que ainda exala da fazenda pode ser percebida no respeito reverente dos velhos

agregados à família e à casa de sede, nas visitas cerimoniais, na lembrança do passado, e está, mais claramente, na recusa quase geral dos agregados em recorrerem à Justiça em socorro de seus direitos de plantio, trabalho e benfeitoria. Anos depois de saídos da roça, morando nas cidades do baixo Jequitinhonha e Mucuri, nas metrópoles do Sudeste, desenraizados, desempregados, geralmente com a família esparramada por todo Brasil, os velhos agregados sonham com a fazenda, remexendo num passado ainda fresco.

Os laços pessoais das velhas fazendas não foram desfeitos com a saída da terra. Nas regiões de grandes fazendas, nos anos 1990, os antigos agregados voltam de São Paulo, Rio de Janeiro ou Belo Horizonte nas festas juninas ou Natal para visitar seus fazendeiros. O respeito à antiga casa de sede, à sua ordem e memória é um dos fenômenos mais impressionantes desse meio rural: em Carlos Chagas existe um terno de reis composto por ex-agregados, que moram quase todos nas modernas cidades do Centro Sul. No tempo de folia de janeiro visita, como visitara, as suas velhas casas de sede, e depois percorre, como percorrera, as casas dos velhos agregados que ficaram empregados, numa ronda de cantigas, cachaça e lágrimas. Eles saíram da fazenda para a cidade, mas a fazenda jamais sairá de dentro deles.

Expulsos pela fazenda ou pela terra, sem lugar nas cidades e no mercado de trabalho, a vida dos agregados contada por eles mesmos é uma história de contrastes e impossibilidades que destaca a solidão dos dias atuais. O sistema da fazenda deixou marcas muito profundas em todo Nordeste de Minas. Quando houve o desagregação, e depois, quando fechou-se o mercado de trabalho nas grandes cidades nos anos 1980, mais e mais lavradores foram saindo do campo para o desemprego, subemprego ou aposentadoria. E saíram sempre mal, sempre saudosos, porque, como diz o lavrador José Pedro: *"O comércio [ a cidade ] não cria bem gente pobre, não."*

Sairam descrentes das ações coletivas, porque o mundo da fazenda era completo e absorvente. Vivendo o desenraizamento que veio depois, parece que nele cabia os homens com todos os seus dilemas e necessidades. Assim as atitudes coletivas, modernas, revolucionárias e urbanas que são propostas para esses velhos agregados não possuem, aos seus olhos, qualquer interesse. Não oferecem casa, estabilidade, fartura, proteção. Por isso, na maior parte das vezes, o substituto mais próximo da fazenda para aqueles que foram seus antigos moradores é a Igreja Pentecostal, que lhes oferece tudo, aqui e agora. E também por isso os movimentos sindicais, populares e políticos debatem-se na angústia de não saber como substituir aquela velha ordem sem colocar mandonismos - mais modernos - em seu lugar.

Mesmo onde os movimentos populares conseguiram crescer no Nordeste de Minas, tiveram que enfrentar a sombra pesada e doadora da fazenda. Quando os conflitos pela terra tornaram-se mais frequentes no correr dos anos 1990, recrutou sua militância naqueles sobrados do sítio, nos filhos excluídos do sítio familiar. Só esses, posseiros e sitiados, desafiam a força da propriedade de terra. É tão grande o seu peso que o sindicalismo e movimentos populares organizam-se em áreas camponesas, prosperam na independência da terra partilhada do alto Jequitinhonha, mas raramente conseguem agir naquelas multidões de excluídos da terra e saídos da agregação que perambulam nas cidades e vilas do Mucuri, baixo Jequitinhonha e parte do Sul da Bahia.

Nos anos 1990 as manifestações de poder político da fazenda estão quase que completamente esgotadas, ou, pelo menos, profundamente transformadas. O prestígio pessoal de fazendeiro dificilmente se apoia em sua capacidade de fazer concessões com a terra; pelo contrário, aumenta com sua capacidade de privatizá-la e individualizar seu uso. A política municipal ganhou universalidade, ficou relacionada à política geral, aos recursos que vem do governo central, do governo estadual. As redes de lealdade política já são outras, têm pouco a ver com terra.

Mas do ponto de vista do ex-agregado, o poder deixou de estar no fazendeiro e foi passando para o Vereador, a Prefeitura, o Padre, o Sindicato, o Pastor, a Justiça. Ele foi jogado por muitas estradas, que vieram em ondas e liquidaram seu mundo, pouco sobrou para ele recorrer. Os poderes na sociedade tornaram-se mais públicos, impessoais, coletivos e ao mesmo tempo mais distantes. Ficou também um poder menor, mais frágil, esparramado por toda a sociedade, diferente daquela centralização do mando da fazenda. Nada restou parecido ao poder total que guiava vidas e rumos, que aparece na faixa dos velhos agregados. Acabaram sendo criadas novas relações de patronato e clientelismo, que na maior parte das vezes imitam fracamente aquelas antigas. As pessoas ficaram mais sós, mas nem por isso mais cidadãs.

### *Notas ao Capítulo XII. Estradas*

(1) Ecléa Bosi estudou as lembranças num livro que tornou-se clássico - *Memória e Sociedade*. Diz que memória não é sonho, é trabalho. O que se lembra e se guarda, o que se narra, não possui ordem alcatória, pelo contrário, ênfases e lacunas, ordem e duração das lembranças são organizadas de tal modo que podem falar bastante sobre o que se lembra, porque lembra, porque montou suas lembranças daquela forma. Para Bosi,

*"Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, 'tal como foi', e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto das representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos da realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista."*

[Bosi, 1979: 17]

(2) Sobre a análise de lembranças e narração ver Thompson (1992), Benjamin (1986), Montenegro (1991), Woortmann (1992) e também Bosi (1979). A narrativa e a lembrança segundo Benjamin são formas artesanais de comunicação. A narração

*"não está interessada em transmitir o "puro-em-si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-lo dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso."*

[ Benjamin, 1986: 205]

(3) A lembrança, unindo história coletiva e experiência pessoal, precisa receber alguns cuidados parecidos, mas não iguais, àqueles que recebem as fontes escritas. Ela deve ser analisada pela produção, por aquilo que a motiva e inspira, porque ela é produzida para o ouvinte, e por isso é preciso entender seu momento de geração. Pode ser também analisada por sua consistência interna e sua relação consigo mesma, articulação que pode ser compreendida de dentro. Pode, por fim, também ser interpretada em relação àquelas condições que a inspirou, relação do locutor com as situações que viveu e as circunstâncias que deram condições ao lembrador para produzir determinada lembrança. Sobre este assunto ver Wachtel (1976) e Bosi (1979).

(4) Ver sobre a lembrança da fazenda no alto Jequitinhonha o estudo de Amaral (1988) e os depoimentos reproduzidos em Ribeiro (1996).

(5) Maria Sylvia de Carvalho Franco (1974: 103) anota isso, pois encontrou nas "sociedades caipiras" que estudou o rastro da abundância. Quando, diz ela, a fazenda de café privou os lavradores das condições de permanecerem no seu antigo sistema extrativo, todas as suas energias *"se sublimaram em representações nostálgicas que valorizam o passado farto e seguro para o qual gostariam de poder voltar."* Antônio das Graças, presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Araçuaí, em entrevista em 1994 contou-me que uma vez foi procurado por um fazendeiro com um problema: havia herdado há muitos anos uma fazenda e seus agregados: queria agora vender a fazenda e indenizar os velhos agregados, mas, para isso o Sindicato deveria calcular seus direitos. Os velhos agregados, porém, não admitiam ir ao Sindicato: acreditavam que ele iria explorar o fazendeiro. A solução, disse Antônio, foi o Sindicato ir à fazenda, levado pelo fazendeiro, para avaliar os direitos que aqueles agregados se recusavam a receber.

## **FONTES E BIBLIOGRAFIA**

1. *Arquivos*
2. *Fontes Primárias*
3. *Memórias Manuscritas*
4. *Relação dos entrevistados na pesquisa*
5. *Jornais e Revistas*
6. *Bibliografia*

### **1. Arquivos**

- #Arquivo da Igreja Matriz de São Pedro do Fanado, Minas Novas, século XIX (batizados, casamentos, óbitos)
- #Arquivo da Igreja Matriz de Virgem da Lapa, século XIX (batizados, casamentos)
- #Arquivo da Igreja Matriz de Capelinha, século XIX (batizados)
- #Arquivo do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Poté, 1974/1984 ( registros de acordos trabalhistas entre fazendeiros e agregados)
- #Arquivo fotográfico da Secretaria de Cultura de Teófilo Otoni (coleção de fotos históricas em exposição no Fórum)
- #Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte (documentação da Repartição dos Índios, Repartição de Terras, Biblioteca, Hemeroteca, Relatórios de Presidentes de Província, Questionário Enviado aos Municípios Mineiros em 1893, com respostas manuscritas.)

### **2. Fontes Primárias Manuscritas**

- #Borradores de Contas Correntes da Fazenda Córrego Seco, 1948/1983, Novo Cruzeiro
- #Borradores de Contas Correntes da Fazenda Sul América, 1943/1964, Itaobim
- #Cartas e Documentos de Amadeu Martell, 1922/1937(?), BH/Jequitinhonha
- #Contas Correntes da Casa de Comércio de Clarindo Trindade, 1916/1932, Itinga
- #Contas Correntes da Fazenda Gameleira, 1917/1939, Araçuaí
- #Contas Correntes das Fazendas Jatobá e Butequim, 1960/1970, Teófilo Otoni
- #Controles de Agregados da Fazenda Araguaia, 1946/1958, Carlos Chagas
- #Correspondência de Germano Cunha Mello, 1960/1970, Teófilo Otoni
- #Correspondência de Wilson Tiná Trindade, 1942/1975, Itaobim
- #Diários de Helvécio Ribeiro, 1922/1927, Teófilo Otoni
- #Livro-Caixa do Armazém Urucu, 1935/1942 (?), Carlos Chagas

### **3. Memórias Manuscritas**

- MESTRA GUINDÔ "História da família Trindade" Manuscrito de Maria Izadora Trindade, Mestra Guindô, Comercinho do Bruno, 1902 ( reproduzido em Ribeiro, 1996).
- GUSMÃO, Mário Versiani. "História da Família Versiani Gusmão" Sem data, sem local.
- MURTA, Cândido Versiani. "Notas e impressões da minha primeira viagem ao Santuário de Bom Jesus da Lapa, feita por Cândido Versiani Murta, em junho de 1936" Manuscrito transcrito por seu neto, Manuel Cândido da Silva. Águas Formosas, 1991 ( reproduzido em Ribeiro, 1996).

PACÓ, Domingos Ramos. "Hámbric Anhapmrán Ti Mattâ Nhinchopón?" Itambacury, manuscrito, 1919 (reproduzido em Ribeiro, 1996).

TIMMERS, Frei Olavo, ofm. "O Mucury e o Nordeste Mineiro no passado e o seu desenvolvimento segundo documentos e notícias recolhidas por frei Olavo Timmers". Belo Horizonte, manuscrito, 1969.

#### **4. Relação dos Entrevistados na Pesquisa**

*(Entrevistas feitas entre maio e setembro de 1992 e janeiro e novembro de 1994)*

Adelino Pereira; Agregado; Carlos Chagas  
 Anuar "Doca" Ganen; Fazendeiro, Frei Gaspar  
 Afrânio Barbosa Lima; Sitiante; Ouro Verde de Minas  
 Agenor Batista; Assentado; Novo Cruzeiro  
 Alberto Antoniazzi; Padre; Belo Horizonte  
 Almerita dos Santos; Aposentada, Ex-agregada; Jequitinhonha  
 Antônio Bispo de Portugal; Ex-agregado; Almenara  
 Antônio Soares Ferreira, Antônio Martelo; Pedreiro e Diretor de ONG; Minas Novas  
 Antônio das Graças; Sindicalista; Araçuaí  
 Arnaldo Ferreira; Agregado; Fronteira dos Vales  
 Bela Mariana; Aposentada, Belo Horizonte  
 Bemvinda Ribeiro; Fazendeira; Carlos Chagas  
 Dionísio Xavier; Sitiante; Campanário  
 Diniz Vieira de Azeredo Coutinho; Fazendeiro; Carlos Chagas  
 Durval Barbosa; Sitiante; Pavão  
 Eduardo Arantes do Nascimento; Assessor Sindical; Belo Horizonte  
 Crescencio Rinaldi, Dom Enzo; Bispo; Araçuaí  
 Geralda Chaves Soares; Pesquisadora; Araçuaí  
 Geraldo R. de Figueiredo; Sitiante; Chumbo  
 Helano van Koppen, frei, ofm; Padre; Belo Horizonte  
 Isa Martins; Educadora; Jequitinhonha  
 Isaias Batista; Assentado; Novo Cruzeiro  
 Jair Rangel; Fazendeiro; Carlos Chagas  
 Jason de Souza; Fazendeiro; Águas Formosas  
 Jerônimo Nunes; Padre; Poté  
 João de Deus; Aposentado; Minas Novas  
 João Neiva Ottoni; Fazendeiro; Araçuaí  
 José Antônio de Andrade; Sitiante e Sindicalista; Turmalina  
 José do Rêgo; Assentado; Novo Cruzeiro  
 José do Socorro Martins; Sitiante e Líder comunitário; Turmalina  
 José Luiz Costa Santos; Agregado; Araçuaí  
 José Pedro dos Santos; Aposentado, Ex-agregado; Jequitinhonha  
 José Raimundo Barroso; Sitiante; Minas Novas  
 José Ribeiro de Figueiredo, Zeca; Ex-Gerente de Fazenda, Fazendeiro; Itaobim  
 José Ribeiro; Sitiante; Berilo  
 José Santana Guedes; Fazendeiro; Novo Cruzeiro  
 José Santos de Oliveira, Zé Curralinho; Ex-Empreiteiro e Fazendeiro; Teófilo Otoni  
 José Zequinha; Sitiante e Sindicalista; Berilo  
 Laurinda André; Sitiante; Jequitinhonha  
 Levi Barbosa Lima; Assentado; Novo Cruzeiro  
 Luiz Borges da Rocha, Baiano; Negociante, Ex-agregado; Lufa, Novo Cruzeiro  
 Manuel Cândido da Silva; Veterinário; Itinga  
 Moisés Gonçalves, Seu Ioiô; Fazendeiro; Pavão  
 Natal Rodrigues; Assentado; Novo Cruzeiro  
 Natalino Pereira Martins, Natal; Gerente de Fazendas; Águas Formosas  
 Neco Coelho; Fazendeiro, Aposentado; Minas Novas  
 Nelson Figueiredo, aposentado, Belo Horizonte

Ney Soares; *Advogado e Fazendeiro; Almenara*  
 Olimpio Rodrigues Soares; *Sitiantes e Sindicalista; Chapada do Norte*  
 Otelino Ferreira Sol; *Advogado, Escritor, Fazendeiro; Salto da Divisa*  
 Oto André; *Sitiantes; Ilha do Pão, Jequitinhonha*  
 Paulo da Anunciação; *Fazendeiro, Aposentado; Botumirim*  
 Paulo Pavie; *Aposentado, Escritor; Itamarandiba*  
 Pedro Emílio de Almeida Peixoto; *Advogado e Fazendeiro; Joaíma*  
 Péricles Ribeiro dos Santos; *Médico, Escritor e Fazendeiro; Águas Formosas*  
 Serafim Silva Cardoso; *Aposentado e Sindicalista; Poté*  
 Violeta Guedes; *Fazendeira; Novo Cruzeiro*  
 Zulmira C. de Souza; *Fazendeira; Águas Formosas*

### 5. Jornais e Revistas

*A FAMÍLIA*. Jornal semanal de Teófilo Otoni. 1913/1929.  
*INFORME AGROPECUÁRIO*. Belo Horizonte, vários números.  
*O MUCURY*. Jornal semanal de Teófilo Otoni. 1905/1931.  
*O SERRO*. Jornal semanal do Serro, 1892/1895  
*REVISTA ACAIACA*. "Teófilo Otoni". Belo Horizonte, 1953.  
*PELEJANDO*. Jornal das CEBs, CPT e PO, Belo Horizonte, vários números.

### 6. Bibliografia

ABRAMOVAY, Ricardo. *"De camponeses a agricultores: paradigmas do capitalismo agrário em questão"* Campinas, Tese de Doutorado apresentada ao IFCH/Unicamp, 1990.  
 AFFONSO, José. *Seleção de prosadores mineiros*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1914.  
 AGUIRRE, Basília MB e BIANCHI, Ana M. *"Reflexões sobre a organização do mercado de trabalho agrícola."* *Revista de Economia Política*, 9(1), janeiro-março de 1989.  
 ALBINO, Washington. *"Perspectivas atuais da economia mineira."* IN Segundo Seminário de Estudos Mineiros. Belo Horizonte, UMG, 1956.  
 ALBURQUERQUE, MCC e NICOL, R. *Economia Agrícola*. São Paulo, McGraw Hill, 1986.  
 ALMEIDA, Alírio de. *Vínculos de uma família*. Salvador, 1977.  
 ALMEIDA, Ceciliano Abel de. *O desbravamento das selvas do Rio Doce*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1958.  
 ALMEIDA, Hermenegildo Antônio Barbosa d'. *"Viagem às vilas de Caravelas, Viçosa, Porto Alegre de Mucury e aos rios Mucury e Peruípe."* Salvador, Revista Trimestral de História e Geografia. Volume VIII. Quarto Trimestre de 1846.  
 ALMEIDA, Hormino de. *Cem anos de existência*. Pedra Azul, 1978.  
 ALPHONSUS, João. *Totônio Pacheco*. Rio de Janeiro, Imago, 1976.  
 ALTIERI, M. *Agroecologia* Rio de Janeiro, PTA/FASE, 1990.  
 ALVES, Márcia Angelina e outros. *Vicente fala: uma mão na terra outra no coração*. Rio de Janeiro, AJUP, 1993.  
 AMARAL, Leila. *"Do Jequitinhonha aos canaviais."* Belo Horizonte, Dissertação apresentada ao Mestrado de Sociologia da Fafich/UFMG, 1988.  
 ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado Absolutista*. São Paulo, Brasiliense, 1985.  
 ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. Terceira Edição. Belo Horizonte/Itatiaia, São Paulo/EDUSP, 1982.  
 ARANTES NETO, A.A. *"A Sagrada Família; uma análise estrutural do compadrio."* UNICAMP, Cadernos IFCH número 5, 1975.  
 AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelas províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe*. Belo Horizonte/Itatiaia, São Paulo/EDUSP, 1980.  
 BACHA, Edmar L. *"Crescimento econômico, salários urbanos e rurais: o caso do Brasil."* Rio de Janeiro, *Pesquisa e Planejamento Econômico*, 9(3), dezembro 1979.



- CEDEFES- Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva. *A luta dos índios pela terra: contribuição à história indígena de Minas Gerais*. Contagem, 1987.
- CELSO, Affonso. *Oito anos de parlamento. Poder pessoal de D. Pedro II*. Brasília, Editora da UNB, 1981.
- CÉSAR Jr., Demósthene. *Minas Novas de ontem e hoje*. Belo Horizonte, 1975
- CÉSAR, Demósthene e CÉSAR, Waldemar. *Frutos de uma bandeira venturosa*. Minas Novas, s.d.
- CHAGAS, Paulo Pinheiro. *Teófilo Ottoni, ministro do povo*. Belo Horizonte: Itatiaia. Brasília:INL, 1978.
- CHAUNU, Pierre. *A história como ciência social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- CHAYANOV, Alexander. *La organizacion de la unidad económica campesina*. Buenos Aires, Nueva Visión, 1974.
- CIDADE DE ARAUJO, P.F. e SCHUH, G.E. *Desenvolvimento da agricultura, estudos de casos*. São Paulo, Pioneira, 1983.
- COMUNE, Irmã Andréa. *Recursos da natureza para a saúde*. 4ª edição. Araçuaí, 1986.
- CONRAD, J. *O coração da treva*. São Paulo, Global, 1984.
- CULTRERA, Frei Samuel, ofm. *Una missione fra i selvaggi del Brasile*. Catania, 1910.
- CUNHA, Euclides da. "Contrastes e Confrontos", IN CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Cia José Aguilar Editora, 1966.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 27ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1967
- DALL'ACQUA, Fernando M. "Relações entre agricultura e indústria no Brasil 1930/60." *Revista de Economia Política*, 5(3), julho/setembro de 1985.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos*. Tradução de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro, Graal, 1986.
- DELFINO, Aldo. "Terras sem dono." IN Diaulas Riedel, *O Ouro e a Montanha. Literatura de Minas Gerais*. 2ª edição. São Paulo, Cultrix, 1961.
- DELGADO, Guilherme da Costa. *Capital financeiro e agricultura brasileira*. São Paulo/Campinas, Ícone/Edunicamp, 1985.
- Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos/DIEESE. *Anuário dos Trabalhadores 1993*. São Paulo, DIEESE, 1993.
- DINIZ, Clélio Campolina. *Estado e capital estrangeiro na industrialização mineira*. Belo Horizonte, UFMG/PROED, 1981.
- DRUMMOND, José Augusto. "A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa." Rio de Janeiro, *ESTUDOS HISTÓRICOS*, 4(8), 1991.
- DUARTE, J. "A tragédia de Sergipe e outras narrativas." s.d., s.l.
- DUARTE, J. "O fogo e o boi." Belo Horizonte, Editora Comunicação, 1976.
- DUARTE, J. "Vultos sem história." Belo Horizonte, 1972.
- DUBY, G. *Guerreiros e camponeses; os primórdios do crescimento econômico europeu*. Lisboa, Estampa, 1980.
- DURHAN, Eunice Ribeiro. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo, Perspectiva, 1973
- DUTRA, Rogéria C.A. "A boa mesa mineira, um estudo de cozinha e identidade." Rio de Janeiro, Dissertação de mestrado apresentada ao PPGAS/UFRio de Janeiro, 1991
- EGLER, CAG. "Preço de terra, taxa de juros e acumulação financeira no Brasil" *Revista de Economia Política* vol 5(1), janeiro/março 1985.
- EIGENHEER, Stela C. Fernandes. "A pequena produção e o trabalho feminino numa área do Alto Jequitinhonha." IN BRUSCHINI, M.C.A. e outros: *Trabalhadoras do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- EISENBERG, Peter. *Modernização sem mudança*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1977.
- EMATER. "Programa estadual de promoção de pequenos produtores rurais (Documento básico)." Anexo número 13.3.1. mimeog, sd, s.l.
- ESTEVES, Manuel. *Grão Mogol*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1961.
- FAORO, Raimundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 5. ed., Porto Alegre, Globo, 1979. 2v.
- FARHAT, Emil. "Cangerão". IN RIEDEL, Diaulas (org), *O ouro e a montanha. Literatura de Minas Gerais*. 2ª edição, São Paulo, Cultrix, 1961.

- FARIA, Nelson de. *Tiziu*. Belo Horizonte, 1960.
- FERNANDES DE ARAÚJO, J.G.; BRAGA, G.M. e SANTOS, Marinho M. dos. *Extensão rural no desenvolvimento da agricultura brasileira*. Viçosa, Imprensa Universitária da UFV, 1981.
- FERREIRA RIBEIRO, Ricardo. *"Campepinato, Resistência e Mudança - o caso dos atingidos por barragens do Vale do Jequitinhonha."* 2 vol. Belo Horizonte. Dissertação apresentada ao Mestrado em Sociologia da UFMG, 1993.
- FERREIRA, Godofredo. *Os Bandeirantes Modernos*. Teófilo Otoni, 1934.
- FERRI, Mário G. *A vegetação dos cerrados brasileiros*. Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, EDUSP, 1973
- FONSECA, Ivan C. Marques. *Nanuque, seu povo, sua história*. Brasília, 1986.
- FONSECA, Maria Tereza Lousa da. *"A extensão rural no Brasil, um projeto educativo para o capital."* São Paulo, Loyola, 1985
- FREITAS, Mário M. de. *"Bacia do Jequitinhonha (estudo histórico, econômico, social e político dos municípios da bacia.)"* Belo Horizonte, "Minas Gerais", Diário do Executivo, maio 1960 a fevereiro 1961.
- FREI BETTO. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Décima quarta edição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.
- FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. Quinta edição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1985
- FRIEIRO, Eduardo. *Feijão, angu e couve*. Belo Horizonte, Centro de Estudos Mineiros, 1966
- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. *"A colonização alemã no Vale do Mucury."* Belo Horizonte, FJP, 1993.
- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. Décima sétima edição. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1980.
- FURTADO, Dimas Barreiro. *"Posseiros e Despossuídos."* Belo Horizonte, Dissertação de mestrado apresentada à FAE/UFMG, 1985.
- GALVÃO, Eduardo. *Encontro de sociedades*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979
- GARCIA JÚNIOR, Afrânio Raul. *Terra de trabalho*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- GARCIA JÚNIOR, Afrânio Raul. *O sul, caminho do roçado*. São Paulo, Marco Zero, 1991.
- GOMES, José Cândido. *Relatório da Comissão Liquidadora da Companhia do Mucury*. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1862.
- GONÇALVES, José S. *"Política agrícola e mobilidade do trabalho no Brasil."* São Paulo, mimeog., Serviço Pastoral de Migrantes, 1993.
- GONZAGA DE CARVALHO. *Caminhos de rapaz*. Teófilo Otoni, 1979
- GONZAGA DE CARVALHO. *Morro da Vida*. Teófilo Otoni, 1992.
- GOULART, José Alípio. *Tropas e tropeiros na formação do Brasil*. Rio de Janeiro, Conquista, 1961.
- GRAZIANO DA SILVA, JF; REYDON, BP e KAGEYAMA, A. *"As transformações na estrutura agrária paulista 1818/1976."* Campinas, IFCH/DEPE, Texto para discussão número 13, maio 1981.
- GRAZIANO DA SILVA, JF. *"Progresso técnico e relações de trabalho na agricultura paulista"* Campinas, Tese de doutorado apresentada ao IFCH, 1980.
- GRAZIANO DA SILVA, JF. *A modernização dolorosa*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- GRAZIANO, Eduardo. *"A arte de viver na terra - As condições de reprodução camponesa no vale do Jequitinhonha."* Dissertação de mestrado apresentada ao CPGDA/ UFRRJ, Itaguaí, 1986.
- GROSSI, Filippo. *Lo Stato de Minas Gerais*. Torino, Editores S. Nesi e F Grossi, 1911.
- GUEDES PINTO, Luís Carlos. *"Notas sobre a política brasileira de crédito rural."* Campinas, Texto para discussão número 4/ IFCH, mimeog, 1981
- GUEDES, Francisco Teixeira. *"Exploração no atual município de Teófilo Otoni (1823-1829)."* Belo Horizonte, *Revista do Arquivo Público Mineiro* (III), 1898.
- GUERRA NETO, Abílio da Silva. *"O homem primitivo - origem e conformação do universo cultural brasileiro ( séculos XIX e XX )"*. Dissertação de mestrado em História apresentada ao IFCH/UNICAMP. Campinas, 1990.

- GUIMARÃES ROSA, João. "O duelo". IN \_\_\_\_\_ *Sagarana*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1967.
- GUIMARÃES, Alberto Passos. *Quatro séculos de latifúndio*. Quarta edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- HARTT, Charles F. *Geologia e geografia física do Brasil*. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1941.
- HOBBSAWM, Eric J. e RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984
- HORTA, Cid Rebelo. "Famílias governamentais de Minas Gerais". IN UMG, *Segundo Seminário de Estudos Mineiros*. Belo Horizonte, 1956.
- IGLÉSIAS, Francisco. "Agricultura de Minas na República Velha." São Paulo, *Estudos Econômicos* 15(2), maio/agosto 1985.
- IGLÉSIAS, Francisco. *Política econômica do governo provincial mineiro 1835/1889*. Rio de Janeiro, 1958.
- KAGEYAMA, Ângela (coord) "O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais." IN DELGADO, G. (org) *Agricultura e políticas públicas*. Brasília, IPEA, 1990
- KOPPEN, Frei Helano van (ofm). *Nossas paróquias: Caravelas, Alcobaça e Prado (Ba), Cascadura e Cavalcante (Rio de Janeiro) - nos últimos 25 anos do Comissariado franciscano de Santa Cruz - 1925 a 1950*. Belo Horizonte, 1991.
- LANNA, Ana Lúcia Duarte. *A transformação do trabalho*. Segunda Edição. Campinas, Edunicamp, 1989
- LEAL, Vitor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. Segunda edição. São Paulo, Alfa Ômega, 1975
- LENHARO, Alcir. *A sacralização da política*. Campinas, Papyrus, 1986.
- LEWIN, Helena. "A temática do 'mundo rural' nos planos brasileiros de desenvolvimento econômico." *Debate & Crítica*, número 4, julho-dezembro de 1974.
- LEWIS, W.A. "O desenvolvimento econômico com oferta ilimitada de mão de obra". IN AGARWALA, P e SINGH, G. *A economia do subdesenvolvimento*. São Paulo/Rio de Janeiro, Forense, 1969
- LIMA BARRETO, A.H. *Numa e a ninfa*. 2ª edição. São Paulo, Brasiliense, 1961.
- LIMA, João Heraldo. *Café e indústria em Minas Gerais 1870-1920*. Petrópolis, Vozes, 1981.
- LIMA, Ruy Cirne. *Pequena história territorial do Brasil*. Segunda Edição. Porto Alegre, Livraria Sulina, 1954.
- LINDLEY, Thomas. *Narrativa de uma viagem ao Brasil*. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1969.
- LINHARES, M Y e TEIXEIRA DA SILVA, F C. *História da agricultura brasileira, combates e controvérsias*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- LINHARES, Maria Y. e TEIXEIRA DA SILVA, Francisco C. *História política do abastecimento (1918/1974)*. Brasília, BINAGRI, 1979.
- LOPES, Juarez R B. "Desenvolvimento e migrações: uma abordagem histórico estrutural." *Estudos CEBRAP*, 6, out-dez 1973.
- LOPES, M.A.B. e REZENDE, E.M. "A introdução do zebu no Triângulo mineiro e sua expansão a partir desta região." Mariana, *Anais do Primeiro Seminário de História de Minas*, 1984.
- LOPES, RM e GOMES, NM. "Formação da estrutura agrária mineira." Belo Horizonte, mimeografado, abril/89.
- LOUREIRO, M.R.G. *Parceria e capitalismo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- LOUREIRO, M.R.G. "O controle do processo de trabalho na agricultura." *Revista de Administração de Empresas*. Rio de Janeiro, 21(3), jul/set 1981.
- LOUREIRO, M.R.G. *Terra, família e capital*. Petrópolis, Vozes, 1987.
- LOVISOLO, Hugo R. *Terra, trabalho e capital*. Campinas, Edunicamp, 1989.
- LUPPI, Plínio. "História da extensão rural e extensão rural no Brasil." sl, mimeog, sd.
- MAIA, Eduardo Santos. *Impressões de viagem de Belmonte a Araçuaí*. 2ª edição, Taubaté, 1936.
- MALINOVSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Segunda Edição. São Paulo, Abril Cultural, 1978

- MARCATTO, Sônia de Almeida; RUBINGER, Marcos M.; AMORIM, Maria Stella de. *Índios Maxacali: Resistência ou Morte*. Belo Horizonte, Interlivros, 1980.
- MARLIÈRE, Guido Thomás. "Ofícios". Belo Horizonte, *Revista do Arquivo Público Mineiro* (X), 1905.
- MARLIÈRE, Guido Thomás. "Ofícios". Belo Horizonte, *Revista do Arquivo Público Mineiro* (XII), 1907.
- MARQUES, D. *Criação de bovinos*. Belo Horizonte, 1969
- MARTINS FILHO, Amílcar V. *A economia política do café com leite (1900-1930)*. Belo Horizonte, UFMG/PROED, 1981.
- MARTINS, José de Souza. "Abismos da memória" *Memória*. Revista de Eletropaulo. São Paulo, 19(5), jul/dez 1993.
- MARTINS, José de Souza. *Capitalismo e tradicionalismo: estudo sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil*. São Paulo, Pioneira, 1975.
- MARTINS, José de Souza. *A chegada do estrangeiro*. São Paulo, HUCITEC, 1993.
- MARTINS, José de Souza. "Migrações temporárias: problema para quem?" São Paulo. *TRAVESSIA, Revista do Migrante*, mai/ago 1988.
- MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. São Paulo, HUCITEC, 1979.
- MARTINS, José de Souza. "O vó das andorinhas: migrações temporárias no Brasil." IN \_\_\_\_\_, *Não há terra para plantar neste verão*. Petrópolis, Vozes, 1986.
- MARTINS, José de Souza. *Os camponeses e a política no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1981.
- MARTINS, José de Souza e PERANI, Cláudio. *Sonhos e desejos dos lavradores*. São Paulo, Loyola, 1992.
- MARX, Karl. *O Capital*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa, Edições 70, 1988
- MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil*. tradução de Selená Benevides Viana. Belo Horizonte/ Itatiaia; São Paulo/ Edusp, 1978
- MEDEIROS SILVA, Napoleão III de. "Vale do Jequitinhonha: incorporação e transformações estruturais". IN NABUCO, Maria Regina (org) *Contradições do desenvolvimento agrícola de Minas Gerais uma perspectiva regional*. Belo Horizonte, CEDEPLAR/UFMG, 1990
- MELLO, Caetano José. "Exploração no Arassuahy." Belo Horizonte, *Revista do Arquivo Público Mineiro* (III), 1898.
- MERCADANTE, Paulo. *Os sertões do Leste*. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.
- MINAS GERAIS. *O Estado de Minas Gerais - Fatos e números coordenados para a Carta Comemorativa do Primeiro Centenário da Independência Nacional*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1923.
- MINAS GERAIS. Secretaria de Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Notícia Estatístico-Corográfica do Município de Araçuaí*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1927.
- MONIOT, H. "A história dos povos sem história." IN LE GOFF e NORA, *História, novos problemas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976
- MONTEIRO LOBATO, JB. *Urupês*. 32ª edição. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- MONTEIRO, Norma de Góes. "Imigração e colonização em Minas Gerais 1889/1930" Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1974.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. "História em campo minado ( a memória popular revisitada)". Tese de Doutorado em História apresentada ao IFCH/UNICAMP. Campinas, 1991.
- MOONEY, Pat R. *O escândalo das sementes*. São Paulo, Nobel, 1987.
- MORAES, Sônia H.N.G. "Notas sobre a legislação fundiária e a legislação de trabalho rural no Brasil." Campinas, IFCH/DEPE, Texto para discussão número 17, dezembro 1982.
- MORETZSON, Luiz. "Pedido de concessão para estabelecimento de colônias no Mucury." Belo Horizonte, *Revista do Arquivo Público Mineiro* (VIII), 1903.
- MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. 11ª edição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971.
- MOURA, José Pereira Freire de. *Exploração no Jequitinhonha*. Ouro Preto, *Revista do Arquivo Público Mineiro*, II, 1897.
- MOURA, José Pereira Freire de. "Notícia e observações sobre os índios botocudos que frequentam as margens do Rio Jequitinhonha e se chamam ambarés ou aymorés." Ouro Preto, *Revista do Arquivo Público Mineiro*, II, 1897.

- MOURA, Maria Margarida. *"Estudo da pequena propriedade em duas áreas de Minas Gerais."* Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, mimeog, 1977.
- MOURA, Maria Margarida. *Os deserdados da terra.* Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, 1988.
- MOURA, Maria Margarida. *Os herdeiros da terra - parentesco e herança numa área rural.* São Paulo, HUCITEC, 1978.
- MOURA, Sérgio Lobo de e ALMEIDA, José Maria Gouvêia de. *"A Igreja na Primeira República."* IN FAUSTO, Bóris (org): *O Brasil Republicano.* São Paulo/Rio de Janeiro, DIFEL, 1978.
- MÜLLER, Geraldo. *Complexo agroindustrial e modernização agrícola* São Paulo, HUCITEC, 1989.
- MULLS, Nair Costa. *"Trabalho, consciência e luta - a formação do proletariado rural em Minas Gerais."* São Paulo, Tese de Doutorado em Sociologia na PUC-SP, 1989.
- NABUCO, Maria Regina (org) *Contradições do desenvolvimento agrícola de Minas Gerais, uma perspectiva regional.* Belo Horizonte, CEDEPLAR/UFMG, 1990
- NAGLE, Jorge. *"A educação na Primeira República."* IN FAUSTO, Bóris (org) *O Brasil Republicano.* São Paulo/Rio de Janeiro, DIFEL, 1978.
- NARDELLI, Áurea. *Uma família sem brasões* Juiz de Fora, sd.
- NIMUENDAJU, Curt. *"Índios Maxacali (1939)"* IN \_\_\_\_\_, *Textos Indigenistas.* São Paulo, Edições Loyola, 1982.
- NÓBREGA, Ligia de Moura P. *CEBs e educação popular.* Petrópolis, Vozes, 1988.
- NOGUEIRA Fo., José. *Carlos Chagas - 50 anos de história.* Carlos Chagas, 1989.
- NOGUEIRA, Dely C. *O vale da redenção.* Carlos Chagas, sd.
- NOVAES, Regina Reyes. *Os escolhidos de Deus. Pentecostais, trabalhadores e cidadania.* Cadernos ISER 19. Rio de Janeiro, ISER/Marco Zero, 1985.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Paulo H.B. *Notas sobre a história da agricultura através do tempo.* Rio de Janeiro, FASE/PTA, 1989.
- OLIVEIRA VIANNA. *Populações meridionais do Brasil.* Quinta edição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.
- ORBIGNY, Alcide d', *Viagem pitoresca através do Brasil.* tradução de David Jardim. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1976.
- OTTONI, Carlos. *Memória de Teófilo Benedito Ottoni.* Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1907.
- OTTONI, Ernesto B. *Relatório que ao ex-diretor da Companhia do Mucury dirigiu o Dr. Ernesto B. Ottoni.* Rio de Janeiro, Tipografia do Correio Mercantil, 1862.
- OTTONI, Teófilo B. *"Condições para a incorporação de uma Companhia de Comércio e Navegação do Rio Mucury"*. Rio de Janeiro, Tipografia Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1847.
- OTTONI, Teófilo B. *"Liquidação da Companhia do Mucury."* Rio de Janeiro, Tipografia do Correio Mercantil, 1862.
- OTTONI, Teófilo B. *"Notícia sobre os selvagens do Mucury"*. Rio de Janeiro, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo XXI, 1858.
- OTTONI, Teófilo B. *"Relatório apresentado aos acionistas da Companhia do Mucury."* Rio de Janeiro, Laemmert, 1854.
- OTTONI, Teófilo B. *"Relatório apresentado aos acionistas da Companhia do Mucury no dia 10 de maio de 1860"*. Rio de Janeiro, Tipografia do Correio Mercantil, 1860.
- PAIVA, Ruy Miller e outros. *Setor agrícola no Brasil.* Rio de Janeiro/Forense; São Paulo/Edusp, 1976
- PALAZZOLO, Frei Jacinto de. *Nas selvas dos vales do Mucury e do Rio Doce.* Terceira Edição, revista. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1973.
- PARAÍSO, Maria Hilda B. *"Os botocudos e sua trajetória histórica"* IN Carneiro da Cunha, M. (org) *História dos índios no Brasil.* São Paulo, Cia das Letras, 1993.
- PATERNOSTRO, Júlio. *"Padrão de vida em Minas Gerais. Inquérito sobre o modo de viver dos camponeses numa área do norte do Estado de Minas Gerais."* São Paulo, *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, volume 39, 1937.
- PAVIE, Paulo. *História de Itamarandiba* Belo Horizonte, Imprensa Universitária da UFMG, 1988.
- PEREIRA, Leopoldo. *O município de Araçuaí.* Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1969.

- PESSOA, Jadir. *"A Igreja da denúncia e o silêncio do fiel."* Campinas, dissertação de mestrado apresentada ao IFCH/Unicamp, 1990
- PIMENTA, Vigário João Antônio. *"Memória histórica e descritiva de Freguesia de Santana de Água Boa."* Belo Horizonte, *Revista do Arquivo Público Mineiro* (IV), 1899.
- PINHEIRO, João. *João Pinheiro e sua doutrina.* Belo Horizonte, 1935.
- PINTO, Alfredo Moreira. *Memória histórica e descritiva da Freguesia de Nossa Senhora da Graça da Capelinha.* Belo Horizonte, *Revista do Arquivo Público Mineiro* (IV), 1899.
- POEL, Frei Chico van der, ofm. *O Rosário dos Homens Pretos.* Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1981.
- POEL, Frei Chico van der, ofm. *Bibliografia do Jequitinhonha e outras coisas de lá.* Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1986.
- POHL, Johann Emanuel. *Viagem no interior do Brasil.* Tradução de Milton Amado e Eugenio Amado. Belo Horizonte/Itatiaia; São Paulo/ EDUSP, 1976.
- POLANIY, Karl. *A grande transformação.* Rio de Janeiro, Campus, 1980.
- POLETTI, Ivo. *Pastoral da Terra e a construção da democracia.* São Paulo, Loyola, 1990
- PORTO, Reinaldo Ottoni. *"A bandeira de João da Silva, o 'Mestre de Campo', o Todos os Santos e os selvagens do Mucury."* Belo Horizonte, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais* (II), 1946.
- PORTO, Reinaldo Ottoni. *"Excursão ao Mucury."* Belo Horizonte, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Minas Gerais* (II), 1946.
- PORTO, Reinaldo Ottoni. *Notas históricas do município de Teófilo Otoni.* 2 vol. Teófilo Otoni, 1931.
- POTE, Joaquim de. *Semear esperanças.* Belo Horizonte, O Escriba, 1996.
- PRADO JUNIOR, Caio. *História econômica do Brasil.* Sétima Edição. São Paulo, Brasiliense, 1962
- PRIMAVESI, Ana. *Manejo ecológico do solo: a agricultura em regiões tropicais.* Sexta Edição. São Paulo, Nobel, 1984
- QUEIRÓZ, Maria Isaura P de. *"Relatos orais: do 'indizível' ao 'dizível'."* IN VOM SIMSOM, Olga de Moraes (org) *Experimentos com histórias de vida.* São Paulo, Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 1988.
- QUEIRÓZ, Maria Isaura P de. *"O mandonismo local na vida política brasileira."* IN QUEIRÓZ, Maria Isaura P de e outros. *Estudos de Sociologia e História.* São Paulo, Anhembi, 1957.
- QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. *O campesinato brasileiro.* Petrópolis, Vozes, 1973
- RASLAN, Jésus Arnaldo. *Malacacheta, história e geografia do município.* Malacacheta, sd.
- REBOURGEON, Charles. *"Relatório sobre a lavoura e a criação de gado apresentado ao Conselheiro Affonso Augusto Moreira Penna."* Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1884.
- RENAULT, Pedro Victor. *"Exploração dos Rios Mucury e Todos os Santos e seus afluentes feita por ordem do governo da provincia pelo engenheiro dr. Pedro Victor Renault, colecionada e organizada por Léon Renault."* Belo Horizonte, *Revista do Arquivo Público Mineiro* (8-4), jul/dez 1903.
- REZENDE, Gervásio Castro. *Crise externa e agricultura.* Rio de Janeiro, FASE, 1988
- RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a civilização.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
- RIBEIRO, A.E. *"Fazenda Pica Pau, Miradouro, Minas Gerais."* Belo Horizonte, mimeog, 1993.
- RIBEIRO, A.E. *"Os fazendeiros da cultura."* Dissertação de mestrado apresentada ao mestrado de História do IFCH/Unicamp. Campinas, 1986.
- RIBEIRO, Eduardo Magalhães. *"As invenções de migrantes."* TRAVESSIA, *Revista do Migrante.* São Paulo, VI(17), set/dez 93
- RIBEIRO, Eduardo Magalhães. *Lembranças da Terra: histórias do Mucuri e Jequitinhonha.* Contagem, CEDEFES, 1996.
- RIBEIRO, Eunice T. *"A difusão do adventismo da promessa no Catulé"*. IN QUEIRÓZ, MIP e outros, *Estudos de Sociologia e História.* São Paulo, Anhembi, 1957.
- RIBEIRO, Wagner. *Noções de Cultura Mineira.* São Paulo, F.T.D., 1966.
- RIBEYROLLES, Charles. *Brasil Pitoresco.* São Paulo, Martins, 1941.

- RIOS-NETO, Eduardo e VIEIRA, Paula MRD. *"Mulheres de migrantes sazonais no vale do Jequitinhonha."* IN NABUCO, Maria Regina (org). *Contradições do desenvolvimento agrícola de Minas Gerais uma perspectiva regional.* Belo Horizonte, CEDEPLAR/UFMG, 1990
- ROCHA, João de Sena. *A vida de um tropeiro.* Belo Horizonte, Mazza Edições, 1992
- ROMEIRO, A. e REYDON, BP. *O mercado de terras no Brasil.* Brasília, IPEA, 1994.
- ROMERO, Sílvio. *"Que é um caipira?"*. IN Romero, Sílvio: *Realidades e ilusões no Brasil.* Petrópolis: Vozes; Aracajú: Governo de Sergipe, 1979.
- ROTHER, Max et. al. *100 anos de imigração alemã em Teófilo Otoni.* Ijuí, Correio Serrano, 1956.
- SÁ JÚNIOR, Francisco. *"O desenvolvimento da agricultura nordestina e a função das atividades de subsistência."* Terceira edição. São Paulo, Brasiliense/Edições CEBRAP, 1977.
- SABÓIA, José Carlos de. *"De senhores a trocadores de cebola. Estudo sobre representações de fazendeiros de região de Cravinhos, São Paulo."* Dissertação de mestrado apresentada ao conjunto de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais. IFCH- Unicamp, 1978.
- SAHLINS, Marshall. *"A primeira sociedade de afluência."* IN CARVALHO, E.A. (org) : *Antropologia Econômica.* São Paulo, Editora Ciências Humanas, 1978.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais.* Belo Horizonte/Itatiaia; São Paulo/Edusp, 1975.
- SALLES, Joaquim de. *Se não me falha a memória.* São Paulo, Instituto Moreira Salles, 1993
- SANTOS FILHO, Lycurgo dos. *Uma comunidade rural no Brasil antigo.* São Paulo, Cia Editora Nacional, 1957.
- SANTOS, Joaquim Felício dos. *Memórias do Distrito Diamantino.* Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo:EDUSP, 1976.
- SANTOS, Péricles Ribeiro dos. *Pioneiros de Águas Formosas - Relato histórico do desbravamento das Selvas do Pampã.* Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1970.
- SAYAD, J. *Economia agrícola, ensaios.* São Paulo, IPE/USP, 1982.
- SCHULTZ, Theodore W. *A transformação da agricultura tradicional.* Rio de Janeiro, Zahar, 1965
- SENA, Adenis. *"Vem, Caravelas te espera".* Teófilo Otoni, Fenord, 1993.
- SERVIÇO PASTORAL DE MIGRANTES- SPM. *"Migrantes temporários: Peregrinos da Resistência."* São Paulo, SPM, sd.
- SIGAUT, F. *L'agriculture et le feu; rôle et place du feu dans les techniques de préparation du champ de l'ancienne agriculture européenne.* Paris, Mouton, 1975.
- SILVA, Maria Aparecida Morais. *"As mulheres de grotas e veredas."* São Paulo, SPM, sd.
- SILVA, Maria Aparecida Morais. *"Como expulsar o camponês do proletário."* mimeog, 1988.
- SILVA, Maria Aparecida Morais. *"Quando as andorinhas são forçadas a voar."* s.l., s.d.
- SILVEIRA, Álvaro A. da. *Agricultura e Pecuária.* Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1919.
- SILVEIRA, Álvaro A da. *Memórias Corográficas.* 2 volumes. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1922.
- SOARES, GERALDA CHAVES. *Os Borun do Watu - os índios do Rio Doce.* Contagem, CEDEFES, 1992.
- SOARES, José Antônio B. e CARVALHO, JDP. *Diagnóstico sócio-econômico e cultural de Turmalina.* Turmalina, Prefeitura Municipal, março 1991.
- SOARES, Luis E. *Campesinato: ideologia e política.* Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- SOL, Otelino Ferreira. *Salto da Divisa e outras considerações.* Belo Horizonte, 1981.
- SOUZA, Paulo R. e BALTAR, Paulo E. *"Salário mínimo e taxa de salários no Brasil."* Rio de Janeiro, *Pesquisa e Planejamento Econômico*, 9(3), dezembro 1979.
- SOUZA, Paulo Renato. *"A determinação dos salários e empregos nas economias atrasadas."* Campinas, Tese de Doutorado apresentada ao IFCH, 1980.
- SOUZA, Paulo Renato. *Emprego, salários e pobreza.* Campinas, Hucitec/FUNCAMP, 1980

- SPIX, J.B. e MARTIUS, CFP von. *Viagem pelo Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938.
- STAPHORST, Frei Sabino, ofm. *Vinte e cinco anos no Brasil*. Belo Horizonte, 1985.
- STOLCKE, Verena. *Cafeicultura*. São Paulo, Brasiliense, 1986
- SUAREZ, Mireya. "Agregados, parceiros e posseiros: a transformação do campesinato no Centro-Oeste." *Anuário Antropológico/80*. Fortaleza/Rio de Janeiro, Edições UFC/Tempo Brasileiro, 1982.
- SZMRECSÁNYI, T. *Pequena história da agricultura brasileira* São Paulo, Contexto, 1990.
- TETTEROO, Frei Samuel, ofm. *Memória histórica e geográfica do município de Jequitinhonha*. Teófilo Otoni, Tipografia São Francisco, 1919.
- TETTEROO, Frei Samuel, ofm. *Notas históricas e corográficas sobre o município de Teófilo Otoni*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1922.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo, Cia das Letras, 1983
- THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992
- TIMMERS, Frei Olavo, ofm. *Theophilo Benedicto Ottoni - Pioneiro do Nordeste Mineiro e Fundador da Cidade de Teófilo Otoni*. Divinópolis, 1969
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo, Martins Fontes, 1983
- TORRES, João Camillo de Oliveira. *História de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 1969.
- TUAN, Yi-fu. *Topofilia*. São Paulo, Difel, 1980
- VALVERDE, Orlando. *Estudos de Geografia Agrária Brasileira*. Petrópolis, Vozes, 1985.
- VAN STRALLEN, Cornelis Johan. "A capitalização do campo e as políticas de saúde." Belo Horizonte, mimeog, 1980.
- VEIGA, José Eli. *O desenvolvimento agrícola: uma visão histórica*. São Paulo, EDUSP/Hucitec, 1991.
- VIANNA, Urbino. *Bandeiras e sertanistas baianos*. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1935.
- VIEIRA, Clibas. "O feijão em cultivos consorciados." Viçosa, Imprensa Universitária da UFV, 1985
- VIOTTI DA COSTA, Emília. "Política de terras no Brasil e nos Estados Unidos." IN \_\_\_\_\_ *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. Segunda Edição. São Paulo, Ciências Humanas, 1979
- WACHTEL, Nathan. "A aculturação." IN LE GOFF e NORA. *História, novos problemas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. "O camponês: um trabalhador para o capital". Campinas, UNICAMP, 1979.
- WIED, Maximilian, Prinz von. *Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1989.
- WIRTH, John D. *O fiel da balança: Minas Gerais na federação brasileira*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- WOLF, Eric. *Sociedades camponesas*. Segunda Edição. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.
- WOORTMANN, Ellen F. "Da complementariedade à dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades 'pesqueiras' do Nordeste." *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Número 18, ano 7, fevereiro 1992.
- WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros, parentes e compadres* Brasília/São Paulo, EDUNB/Hucitec, 1995.
- WOORTMANN, Ellen F. "O sítio camponês." *Anuário Antropológico/81*. Rio de Janeiro/Tempo Brasileiro; Fortaleza/ Edições UFC, 1983.
- WOORTMANN, Klaas. "A comida, a família e a construção do gênero feminino." *Dados Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol 29, número 1, 1986.
- WOORTMANN, Klaas. "Cum parente não se negueia O campesinato como ordem moral." *Anuário Antropológico*. Brasília, Editora UNB/ Tempo Brasileiro, 1987.
- WORSTER, Donald. "Para fazer história ambiental." Rio de Janeiro, *Estudos Históricos*, 4(8), 1991.